

VANESSA KITIZO VENTURELLI

“FAGULHAS”: UMA COLUNA DE CRÔNICAS DE COELHO NETO NA *GAZETA DE NOTÍCIAS* (1897-1899)

ASSIS
2009

VANESSA KITIZO VENTURELLI

“FAGULHAS”: UMA COLUNA DE CRÔNICAS DE COELHO NETO NA *GAZETA DE NOTÍCIAS* (1897-1899)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área Conhecimento: de Literatura e Vida Social)

Orientador: Dr. Alvaro Santos Simões Junior

ASSIS
2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Venturelli, Vanessa Kitizo
V468f “Fagulhas”: uma coluna de crônicas de Coelho Neto na *Gazeta de Notícias* (1897-1899) / Vanessa Kitizo Venturelli. Assis, 2010
467 f.: il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Alvaro Santos Simões Junior

1. Coelho, Netto, 1864-1934. 2. Periódico brasileiro. 3. Crônicas. I. Título.

CDD 079.81
869.93

VANESSA KITIZO VENTURELLI

“FAGULHAS”: UMA COLUNA DE CRÔNICAS DE COELHO NETO NA *GAZETA DE NOTÍCIAS* (1897-1899)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área Conhecimento: de Literatura e Vida Social)
Orientador: Dr. Alvaro Santos Simões Junior

Data da defesa: 29/01/2009

Membros componentes da Banca Examinadora:

Dra. Luciana Brito – UENP/Jacarezinho

Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa – UNESP/Assis

Orientador:

Dr. Álvaro Santos Simões Junior – UNESP/Assis

Local: Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”
UNESP – *campus* de Assis

Dedico:

À vida, por todas as contradições e ambigüidades.
Aos meus pais: Antonio e Valéria; às minhas avós: Áurea e Cida pelo
carinho e apoio em todos os momentos que mais precisei.
Aos meu amigos, pela força e torcida na execução deste trabalho.
Ao Homar, por abrilhantar minha vida, dou-lhe meu amor sem
limites...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar vida, esperança e também pelos desafios e superação de todos os problemas, inclusive dos surtos e dos momentos de tristeza.

Agradeço a Dra. Luciana Brito pela leitura, sugestões e correções do meu trabalho, professora-amiga, da qual apoiou, aconselhou e esteve presente com sua amizade, carinho e muitos puxões de orelha.

À Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa, pela leitura e sugestões de melhoria do trabalho.

Ao meu orientador, Dr. Alvaro Santos Simões Junior pela paciência e compreensão, também pela leitura exaustiva de um trabalho que caminhou com muitos percalços.

À CAPES, por me proporcionar respaldo financeiro para a conclusão do Mestrado.

Aos funcionários do CEDAP e da Biblioteca da Instituição.

“FAGULHAS”: UMA COLUNA DE CRÔNICAS DE COELHO NETO NA GAZETA DE NOTÍCIAS (1897 – 1899)

Resumo

Este trabalho constitui-se da apresentação de 261 crônicas de Henrique Maximiliano Coelho Neto (1864-1934) publicadas na *Gazeta de Notícias* no período de 1897 a 1899. Estas crônicas trazem um rico repertório sobre a opinião do escritor em relação às turbulências sociais daquele período como a consolidação da república. Nas crônicas aqui estudadas, podemos acompanhar as frustrações do escritor antes dessa mudança tão significativa para os cariocas. As crônicas de Coelho Neto revelam um escritor atento a tudo o que acontecia no Rio de Janeiro, tanto em relação aos descuidos do governo com o saneamento básico e a criminalidade, como também em relação a problemas que afetavam a população e a vida cultural e literária: propaganda e dicas sobre concertos musicais, publicação de obras literárias, elogios, homenagens a homens das letras e apresentação de peças teatrais. Tudo isto foi encontrado neste conjunto de crônicas que, provavelmente, foi a contribuição de uma “fagulha” para os poucos cariocas alfabetizados daquele momento, mas que, com certeza, causou grande efervescência na opinião pública e governamental. Coelho Neto fazia seus leitores pensarem nas causas que precisavam de atenção e os provocava com sua palavra avassaladora, ora dissertativa, ora narrativa, mas sempre muito irônica. Muitos estudam as crônicas, como Brito Broca e Flora Süssekind, do período da *Belle Époque* brasileira, que foi a transformação definitiva do Rio de Janeiro segundo o modelo europeu; esta transformação teve como foco a estrutura da cidade, e os hábitos de conduta do povo carioca. O escritor, nomeado como “Príncipe dos Prosadores Brasileiros”, admirado por muitos até que a Semana de 22 o condenasse pelo passadismo, foi esquecido pelo meio literário. Ultimamente, temos vários estudiosos que buscam o acervo do escritor, que produziu inúmeras obras de diversos gêneros como romances, contos, novelas, breviários, peças teatrais dentre muitos, cujos conteúdos estão quase inexplorados, como é o caso da coluna “Fagulhas”.

Palavras-Chave: Coelho Neto. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Coluna “Fagulhas”. Periódico Brasileiro, Imprensa Literária.

**"FAGULHAS": A COLUMN OF CHRONICLES OF COELHO NETO IN THE
GAZETA DE NOTÍCIAS (1897 - 1899)**

ABSTRACT

This work is constituted of the presentation of 261 chronicles of Henrique Maximiniano Coelho Neto (1864-1934) published in the *Gazeta de Notícias* in the period from 1897 to 1899. These chronicles bring a rich repertoire on the writer's opinion in relation to the social turbulences of that period as the consolidation of the republic. In the chronicles here studied, we can accompany the writer's frustrations before such significant change for the cariocas. Coelho Neto's chronicles reveal an attentive writer to everything that happened in Rio de Janeiro, so much in relation to the government's negligences with the basic sanitation and the criminality, as well as in relation to problems that affected the population and the cultural and literary life: propaganda and clues on musical concerts, publication of literary works, praises, homages to men of the letters and presentation of plays. Everything this was found in this group of chronicles that, probably, it was the contribution of a "spark" for the few literate cariocas of that moment, but that, with certainty, it caused great effervescence in the public and government opinion. Coelho Neto made their readers to think in the causes that needed attention and he provoked them with his overpowering word, some times dissertative, other times narrative, but always very ironic. Many study the chronicles, as I Break Drill and it Adorns Süssekind, of Belle's period Brazilian Époque, that it was the definitive transformation of Rio de Janeiro according to the European model; this transformation had as focus the structure of the city, and the habits of conduct of the carioca people. The writer, nominated as "Prince of the Brazilian Prose writers", admired for many until that the Week of 22 condemned him for the past, it was forgotten by the literary way. Lately, we have several studios that look for the writer's collection, that produced countless works of several goods as romances, stories, soap operas, breviaries, plays among many, whose contents are almost unexplored, as it is the case of the column "Fagulhas."

Keywords: Coelho Neto. Chronic. *Gazeta de Notícias*. Column "Fagulhas". Brazilian Newspaper, Presses Literary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Goulard de Andrade, Coelho Neto e Euclides da Cunha. [1909]	13
Ilustração 2: Coluna “Fagulhas”	17
Ilustração 3: Ilustração 3: Jornal <i>Gazeta de Notícias</i>	23
Ilustração 4: Coelho Neto	36

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Pequena história do jornal <i>Gazeta de Notícias</i> e da crônica	21
1.1. <i>Gazeta de Notícias</i>	22
1.2. O gênero crônica	30
2. Fortuna crítica das obras de Coelho Neto	35
2.1. Um escritor prolífico	36
2.2. A crítica sobre Coelho Neto	43
3. A cidade do Rio de Janeiro contada por Coelho Neto na coluna de crônicas “Fagulhas”...57	
3.1. Tempo de mudança	58
3.2. Mazelas e benfeitorias na cidade do Rio de Janeiro	59
3.3. Modernização do Rio de Janeiro	74
3.4. Crônica política	75
3.5. Patriotismo, vida de escritor e homenagens nas crônicas de Coelho Neto	81
Considerações finais	86
Referências Bibliográficas	91
Anexos	98

Eu prefiro ver nêle um puro idealista que deveria ter vivido numa época em que o Estado alimentasse os gênios, como Deus alimenta os pássaros para que cantem sem a miséria das contas a pagar.

João Neves da Fontoura¹

Se é de pasmar o brilho, a cintilação de estilo no escritor, a faculdade da imagem, o poder evocador, o comentário agudo e a torrencial fantasia do seu claro espírito como que se acentuam na conversa. Neto conversa irresistivelmente, caleidoscopicamente. A palavra vive no seu lábio com um poder formidável e consciente. Há momentos em que se tem, pela harmonia dos períodos, a rápida impressão dos malabaristas jogando bolas de metal de pesos diferentes, e cada fase sua em torno do assunto traz, numa palpitação de encantos, a constante visão dos cultos mortos e dos deuses. Coelho Neto é, de resto, de uma rude franqueza meridional.”

João do Rio²

¹ FONTOURA, J.N. da. *Elogio a Coelho Neto*. Lisboa, Ultramar, 1944, 124.

² João do Rio (pseudo). *O Momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Depto. Nacional do Livro, 1994, p. 53.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo sobre Henrique Maximiliano Coelho Neto (1864-1934), um grande romancista brasileiro, Príncipe dos Prosadores Brasileiros, com enfoque em suas crônicas do período de 1897 a 1899 no jornal da *Gazeta de Notícias*. Cronista com olhos de águia, capturou toda a efervescência de um novo país republicano que demonstrava crescer aos poucos. Suas crônicas trazem diversos temas sobre a sociedade brasileira na passagem do século, o que as torna um grande documento histórico, revelando dados sobre a sociedade do período.

A maioria dos textos lidos sobre o escritor, trata da condenação ou revogação do que foi dito a respeito dele. Condenado pela geração modernista e reavaliado pelas gerações posteriores, Coelho Neto é um escritor que muito produziu e foi usado para fins didáticos devido a seu patriotismo e textos moralistas. O grande debate em torno de sua produção partem de críticos que mal conhecem todo o repertório do escritor mas mesmo assim, julgamo-no, generalizando toda sua obra por igual, desmerecendo seu trabalho.

O intuito deste trabalho é fazer uso deste acervo inexplorado em livro de crônicas, as quais mostram um pouco do que se passava na então capital Federal, bem como o pensamento do escritor. Este material tem grande valia pois ainda não foi tornado público fora de seu veículo que é a *Gazeta de Notícias*.

Houve várias tentativas de resgate deste escritor, que não foi muito bem avaliado por críticos literários que mal conheciam suas obras e já se achavam aptos para julgá-lo no conjunto de suas obras como um todo. É comum um escritor que tanto produziu livros, artigos, escreveu em jornais, dentre outros, ter obras de excelente qualidade e outras nem tanto.

Amenizar com a visão preconceituosa devido ao epíteto único de *retórico* que lhe foi atribuído é uma tarefa árdua e de grande importância. Seria, portanto, fundamental seguir a sugestão de Octavio Faria:

E, para remediar um pouco esse erro, essa culpa, essa fuga, que solução melhor do que volver um pouco os olhos para o que Coelho Neto escreveu e lê-lo, realmente lê-lo, sem o preconceito dos que preferiram renegá-lo ou a má fé dos que, não podendo compreendê-lo, resolveram ignorá-lo?³

A leitura deste escritor tão fecundo na área da literatura seria muito importante, mas tem seus ares de “quixotismo” como diz Alfredo Bosi⁴, já que Coelho Neto tem uma produção enorme de obras.

Os críticos do final do século XIX e início do século XX que o endeusaram como melhor e maior escritor brasileiro, bem como os modernistas que pretendiam ignorá-lo, posicionavam-se conforme a preferência pessoal. Encontramos assim elogios e censuras das mais diversas sobre o escritor. Uma boa crítica não deve se subordinar aos gostos pessoais de um crítico, deve antes compreender, interpretar e julgar uma obra de modo independente das preferências individuais. Um crítico justo deve ser um bom conhecedor de todo o repertório do autor que analisa.

Coelho Neto é escritor de vários gêneros literários. Escreveu brevíários cívicos, peças teatrais infantis e adultas, romances, crônicas, contos, dentre muitas outras produções as quais devem ser analisadas e estudadas por aqueles que querem conhecer melhor o período vivido bem como a mentalidade das pessoas que presenciaram todas as violências e injustiças de um período em que o país passava por transformações.

Em suas crônicas encontramos comentários sobre os mais diversos temas, tais como: moda, peças teatrais, concertos, política, desmazelos da cidade, higiene pública, emprego, segurança pública, golpes e a conduta em geral, do mais humilde ao mais soberbo dos cariocas; tudo era capturado, comentado, criticado ou mesmo narrado pelo escritor por meio de suas crônicas.

No final do século XIX e início do XX, o Brasil conviveu com vários acontecimentos que marcaram sua história, como a revolta de Canudos, a modernização das cidades como aconteceu em São Paulo e Rio de Janeiro, a importação do *art nouveau* e a chegada do automóvel, dentre outros. Tais fatos, além de favorecerem uma rápida

³ FARIA, Octavio de. *Coelho Neto: romance*. Nossos Classics, vol. 15, Rio de Janeiro: Agir, 1958, p. 14.

⁴ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994, p.205.

transformação no país nos níveis social, político e econômico, também proporcionaram amplas mudanças culturais, por influências estrangeiras, vindas de revistas e jornais, copiadas pelos brasileiros como molde de requinte e modernidade.

Com isso, este trabalho pretende fazer o levantamento e a classificação das crônicas publicadas na seção “Fagulhas”, do jornal *Gazeta de Notícias*. São mais de 260 crônicas inéditas em livro, que tratam da cidade do Rio de Janeiro. Homenzinho de 1,60m, lutador de capoeira e grande defensor das causas cívicas, Coelho Neto mostrou sua imponência como cidadão e como divulgador das idéias em que acreditava.



Ilustração 1: Goulard de Andrade, Coelho Neto e Euclides da Cunha. [1909]

Este escritor sempre foi muito audacioso, percebe-se isso lendo toda a história dele e em como lutava em prol de tudo que era justo e, principalmente, para ajudar seus amigos. Coelho Neto partiu para a vida literária num período em que ser escritor não era uma profissão reconhecida legalmente, nem tinha salário fixo e que para aceitar esta função, tem mesmo que ser louco pelas letras. Os dados que seguem abaixo foram, boa parte, retirados do

⁵ Disponível em: <<http://fcft.blogspot.com/2007/04/coelho-neto.html>> Acesso em: 05 out. 2009.

livro *Elogios* de Coelho Neto – com uma antologia de seus contos de João Neves da Fontoura⁶.

Coelho Neto tinha muitos amigos, e sua lealdade era assídua com eles. Como prova disso temos a atitude dele com Osório Duque Estrada, autor do hino nacional, que pediu abrigo ao escritor por ter sido denunciado como participante de um movimento subversivo. Coelho Neto escondeu-o e foi atrás de chefes da lei para a defendê-lo e garantir sua liberdade.

Seus amigos também foram retratados em duas de suas obras e tornaram personagens de seus livros como: Olavo Bilac, Aluísio, Pardal Mallet, Arthur Azevedo, Luís Murat, Guimarães Passos e Paula Ney, José do Patrocínio assumem outros nomes no livro e em *Fogo Fátuo* que faz uma bibliografia de seu amigo Francisco de Paula Ney, boêmio, excelente orador, jornalista e anedotário.

Outro amigo que o ajudou bastante e foi sempre militante das grandes causas políticas como a abolição foi José do Patrocínio, Coelho Neto trabalhou por muito tempo sem pagamento nos jornais de Patrocínio, sendo um companheiro dedicado.

Olavo Bilac era companheiro muito próximo de Coelho Neto desde jovem; pobres, dividiam o mesmo par de sapatos; quando um saía, o outro ficava em casa. Coelho Neto sempre foi mais desprezado que Olavo Bilac e certo dia, como estavam precisando de dinheiro, decide sair para vender os poemas do amigo. Um proprietário de uma revista decide ficar com os versos, mas não imaginava que teria de pagar por eles. Depois de muita discussão, acabou pagando um valor de 30\$000. Consta que foi a primeira vez que um escritor recebe dinheiro em prol da literatura pela imprensa. Amostra desta amizade tão importante ocorreu quando Bilac vendeu uma parte da sua coleção de versos ao escritor Francisco Alves para serem publicados fragmentados; Coelho Neto, não aceitando isso, comprou de volta os versos e devolveu-os.

Euclides da Cunha também compartilhou da amizade deste escritor tão devotado, pois foi graças a Coelho Neto, que guardou os exemplares e entrevistou pela publicação, que

⁶ FONTOURA, João Neves da. *Elogio de Coelho Neto – com uma antologia dos seus contos*. Lisboa: Edições Ultramar, Ltda, 1944.

temos grandes obras como *Perus Versus Bolívia*, e *À Margem da História* já que Euclides não queria publicar, por raiva dos diplomatas dos dois países.

Sua casa era sempre cheia de amigos e convidados, escritores e artistas passavam tardes na companhia deste escritor. Gustavo Barroso foi um escritor que teve total apoio do escritor para angariar, no meio literário, seus textos, por fim, Gustavo se tornou membro da Academia Brasileira graças à ajuda de Neto.

Em 1926, eleito na Academia de Letras, levanta uma estátua em prol de Machado de Assis, que morreu em 1908 e quando não haviam lhe prestado uma homenagem com a contrução de um busto. Coelho resgata a importância do amigo e agradece homenageando.

Com isso, percebemos o meio intelectual em que vivia este escritor e as mentes brilhantes que fizeram da literatura brasileira um orgulho com obras para serem lidas e apreciadas por todos nós. Este jeito característico de Coelho será facilmente identificado nestas crônicas, tanto com o sarcasmo, ironia, as homenagens e elogios a aqueles que sempre lhe quiseram bem, tudo isto registrado no Jornal *Gazeta de Notícias*.

O jornal *Gazeta de Notícias*, fundado em 1875, democratizou a informação, pois era vendido a um preço bem popular. Além disso, acompanhava a modernidade, na medida em que adquiria instrumentos que aumentavam a sua tiragem. Era um jornal liberal e a irreverência era uma característica essencial em todas as suas sessões. Muitos escritores que marcaram a literatura no final do século XIX e início do século XX passaram pela *Gazeta de Notícias*: Eça de Queiroz, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Raúl Pompéia, Alberto de Oliveira, Artur Azevedo, Olavo Bilac, João do Rio e Coelho Neto.

O ingresso de Coelho Neto na coluna “Fagulhas” é curiosa, pois ele escolheu o nome para a coluna e explicou o significado de “fagulhas”. No fragmento, usa uma linguagem bem simples para expressar como esta “fagulha” poderia ser perigosa dependendo do lugar em que caísse.

N’esta agitação da imprensa, grande fogueira onde a todo instante lenhadores andam a lançar troncos: são as grandes e venerandas árvores da Pátria: a sua

política, e sua economia, a sua história, a sua arte, que todas ardem com mais ou menos vigor; as carradas de lenha que nos vêm do mundo pelo telegrapho e que também ardem aquecendo a curiosidade publica, os grossos troncos dos artigos de fundo, os ramalhos das chronicas, os gravetos dos commentarios, as versas das locaes, sem contar a folhagem dos annuncios e as maravilhas dos communicados e dos a pedidos que chegaram á fogueira e lhe dão maior intensidade, esta secção não é mais que uma fagulha.⁷

Nesta crônica, Coelho Neto compara a fagulha com a crônica, com o passar do tempo, apaga-se sem deixar sinal. É esta, afinal, a idéia central da crônica: registrar o circunstancial que se esvai. O crítico Davi Arrigucci Jr., complementa esta idéia dizendo que a crônica “é um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada [...] sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo.”⁸

Iremos (re)ler o Rio de Janeiro Poe meio do olhar de Coelho Neto, conhecendo o jornalista crítico e, muitas vezes, irônico ao tratar da sociedade.

A escolha da coluna “Fagulhas” de Coelho Neto partiu do livro chamado *Bibliografia de Coelho Neto*, de Paulo Coelho Neto. O autor afirma que as publicações nesta coluna do jornal *Gazeta de Notícias* teriam a duração de quatro meses, mas, checando na fonte, nos jornais microfilmados dos arquivos do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP)⁹, verificamos que a colaboração na coluna foi bem maior, totalizando mais de duzentas e sessenta crônicas no período de 1897 a 1899.

⁷ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1897. p.1, 8. col.

⁸ Davi Arrigucci Jr., 1985, p. 43.

⁹ Unidade auxiliar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Campus de Assis.

FAGULHAS

O TITULO, por ser scintillante, não é presumptuoso, mais simples não podia ser nem mais claro e modesto. Quem já viu uma fogueira, cousa facil de ser vista, não terá necessidade de esvumar o entendimento para comprehender o — por que? — subtil do titulo que adoptei.

Arde a lenha, a chamma revolta rugue, colleia, arrasta-se, espadana — a claridade enche a noite, faz d'ouro a folha verde, põe pepitas n'agua tremula, ensanguenta as faces e o calor anima; desenovella-se o fumo e sobe, os toros crepitam com um crebro castanholar e lá se vão pelos ares, a um enxame, como abelhinhas d'ouro, as fagulhas ephemerias.

Pobres insectos de fogo! com que alegria sabem que até parece que vão rindo; são centenas, lá vão! mas tanto que chegam ao al logo se apagam e nem deixam signal... quem pôde ver a cinza da fagulha? era somente aquella luminosa alegria, nada mais, fez o seu officio e morreu.

Nesta agitação da imprensa, grande fogueira onde a todo instante lenhadores andam a lançar troncos — são as grandes e venerandas arvores da Patria: a sua politica, e sua economia, a sua historia, a sua arte, que todas ardem com mais ou menos vigor; as carradas de lenha que nos vêm do mundo pelo telegrapho e que tambem ardem aquecendo a curiosidade publica, os grossos troncos dos artigos de fundo, os ramalhos das chronicas, os gravetos dos commentarios, as versas das locaes, sem contar a folhagem dos annuncios e as maravilhas dos communicados e dos *a pedidos* que chegam á fogueira e lhe dão maior intensidade, esta secção não é mais que uma fagulha.

O artigo de fundo substancial e ponderoso traz a consistente licção quando não provoca o somno; a discussão politica mostra o largo caminho do progresso quando não envereda pela sargeta da descompostura; a dissertação economica aclara a situação financeira e prepara a fortuna quando não leva atropelladamente á banca-rotta; a historia do passado incita á gloria futura; a Arte eleva o nivel intellectual quando não desanda em nephelibatismo; os exemplos do mundo fazem com que ponhamos de molho as barbas ariscadas; a chronica delicia, o commentario adormece; a local mostra-nos a vida com a sua agitação de amor e de odio, de virtude e de crimes; os annuncios anflam o commercio com os seus prégões e os *a pedidos* deprimem a moral com as suas virulencias...

As minhas fagulhas, sahindo d'esse formidavel conjuncto de combustiveis, serão inoffensivas... Com ellas não pretendo illuminar horisontes escuros... pobres lampyros! com ellas não farei bolhas em epidermes... que pôde queimar uma fagulha, uma pequenina fagulha?...

Oh! não vá ella cahir em algum palheiro um dia... Sim, cahindo n'um palheiro então... mas as minhas *Fagulhas* hão de procurar a altura sempre, os ares-livres, o livre espaço e depois d'um brilho de segundo nem cinza a gente encontrará depois... Fagulhas, fagulhas, fagulhas...

Eiá! lenha ao fogo! lenha ao fogo! e que a chamma suba e replandeca. Lenha ao fogo e lá vai a primeira *Fagulha* cantando hosannas á *Gazeta de Notícias*. Lá vai... cantou... E que resta da Fagulha? Nada mais. E assim será sempre.

N. 10

Ilustração 2: Coluna “Fagulhas”

¹⁰ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1897. p.1, 8. col.

O CEDAP¹¹ é um Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa existente na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Assis-SP. Esta unidade auxiliar da faculdade fornece serviço de memória social e da preservação do patrimônio histórico, literário e de bens culturais; apoiando na iniciação científica, nos cursos de pós- graduação a estudiosos desta instituição ou de outras.

O acervo do CEDAP é enorme e de grande valia para estudiosos da área de humanas. As linhas de pesquisa desenvolvidas são: história – Política: Ações e Representações, Religiões e Visões de mundo, Identidades Culturais, etnicidades e migrações; literatura - Arquivos da memória: fontes e periódicos literários e culturais, Literatura e Ensino, Teorias Narrativas, Teorias da Linguagem Poética Crítica e História Literária, Tradução Literária e Latinidade Brasileira dentre muitos outros estudos internos a faculdade e externos com outros pesquisadores.

Este trabalho atua na linha de pesquisa de Arquivos da memória: fontes e periódicos literários e culturais. Tem como objetivo a reflexões sobre questões referentes à recepção literária em variados contextos, ao discurso da crítica e da historiografia literárias e à organização das fontes primárias, com o objetivo de se compreenderem as categorias e os problemas específicos dos gêneros e discursos literários e suas relações ao longo do tempo como segue explicado no site desta unidade auxiliar.

Para a execução deste trabalho, fomos até o CEDAP e verificamos o material disponível. Em seguida, catalogamos as crônicas que variavam entre a primeira e a segunda folha do jornal para poder realizar a digitalização deste material. Esta digitalização transforma o jornal microfilmado em arquivo de imagem para que possa ser manuseado em computadores comuns. O arquivo em formato de foto fica bem pequeno e não se consegue imprimir de modo a possibilitar a leitura. Tivemos, então, que digitar todo o material para facilitar o estudo.

O jornal, por ser muito velho e, muitas vezes, mal cuidado até se transformar em microfilme, possui uma qualidade não muito boa para a visualização; com isso, encontramos certa dificuldade para entender o que estava escrito e realizar uma boa digitação. Nos lugares

¹¹ CEDAP - Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa. Disponível em: http://www.assis.unesp.br/cedap/menu/o_cedap.html Acesso em 01 dez. 2009.

da crônica que estavam ilegíveis, colocamos parênteses e não nos arriscamos a tentar acertar uma palavra que condizesse com o assunto.

Podemos observar também que, além da deteriorização do jornal, outros problemas foram os erros de composição fato que o escritor chega a comentar em uma de suas crônicas que escreve seus textos de maneira correta, mas o tipógrafo do jornal estabelece os textos de forma errada.

Deus meu! Que fiz eu à revisão? Pois escrevo Ozanam e eio Oramam, escrevo Pindao e vejo Pandora, ponho, com maior cuidado uns pontos e umas virgulas e encontro as minhas Fagulhas como se houvessem sido violentamente sacudidas, com virgulas deslocadas e pontos perdidos, aqui letras a mais como aquelle “h” com que enfeitaram o sobrenome do Théo, elli falta de letras... um horror! Mas pandora... palavra! Emfim... eu... eu... que hei de fazer?

Em relação ao estabelecimento de texto, resolvemos não adequar as crônicas à ortografia vigente na época de sua publicação para termos uma edição diplomática e não alterar a originalidade da escrita daquele tempo.

Os capítulos estão divididos da seguinte maneira: no primeiro, abordaremos o jornal *Gazeta de Notícias*, veículo de grande importância para a época e que acompanhou de modo informativo e literário fatos marcantes do Brasil imperial e depois republicano e principalmente do Rio de Janeiro; em seguida, dissertaremos brevemente sobre a crônica.

No segundo capítulo, trataremos da fortuna crítica sobre os romances de Coelho Neto e como ele foi retratado por diversos críticos, consagrando ou repudiando a sua escrita. Os tópicos apontados neste capítulo pelos críticos serão usados para verificar se estas mesmas análises se encaixam nas crônicas como linguagem eloqüente, copiosa, arcaica; um escritor declamador, verborrágico e muito fantasioso, dentre outros adjetivos.

No terceiro capítulo, iremos separar as crônicas de Coelho Neto pelos temas: tempo de mudança, mazelas e benfeitorias, modernização e política da cidade do Rio de Janeiro; também sobre as homenagens que o escritor fazia nestes seus textos e sobre a vida de escritor num período que as letras não eram valorizadas. Aqui neste tópico, encontramos as indignações do escritor com o abandono da cidade, o governo omissivo e as transformações da

cidade que almejava o progresso. Em patriotismo, homenagens e função de escritor, abordaremos as crônicas cujo assunto é o patriotismo necessário num novo país republicano, sobre a vida literária em geral com o peso de escritor onde há grande número de analfabetos, e homenagens a mortos ou amigos do momento.

As crônicas apresentadas estão anexadas no segundo volume deste trabalho, para facilitar o leitor o contato com o referido material.

CAPÍTULO PRIMEIRO
PEQUENA HISTÓRIA DO JORNAL *GAZETA DE NOTÍCIAS* E DA CRÔNICA

1. PEQUENA HISTÓRIA DO JORNAL *GAZETA DE NOTÍCIAS* E DA CRÔNICA

1.1. *GAZETA DE NOTÍCIAS*

No Rio de Janeiro, em 2 de agosto de 1875, foi fundado um jornal de grande prestígio chamado *Gazeta de Notícias* por Manuel Carneiro, Elísio Mendes e Ferreira Araujo. Foi um jornal inovador, já que foi o primeiro a ser vendido nas ruas fluminenses, tendo contato direto com o consumidor, diferentemente de outros jornais que só vendiam por assinatura ou nos balcões da tipografia.

O jornal apresentava a seguinte formatação: no cabeçalho temos o nome cidade de publicação e data; em seguida, o título do jornal centralizado, com grandes letras, em negrito, sendo que do lado esquerdo e direito do nome do jornal, encontramos o valor da assinatura e, com letras maiúsculas, a expressão “Pagamento Adiantado”; o endereço do escritório e da tipografia do jornal. Abaixo do título temos a especificação de que o jornal foi impresso e estereotipado pelas “máquinas rotativas Marinoni na tipografia da sociedade anônima *Gazeta de Notícias*”; temos o valor do número avulso e de um lado escrito “os artigos enviados a redação não serão restituídos ainda que não sejam publicados” e do outro “as assinaturas começam a qualquer dia e terminam em junho ou dezembro”.

raramente encontravam tipos maiores para separar um conteúdo do outro e, quando possuía título, notamos que eram sempre referentes ao assunto mais genérico como “Suicídio”, “Tentativa de Assassinato”, “Questões do dia”. Seus textos eram tipografados com letras bem pequenas e entrelinhas simples. Contendo apenas quatro páginas, mais da metade do espaço do jornal eram empregado em anúncios publicitário; afinal, como era um jornal popular e barato, a publicidade era uma excelente fonte de renda alternativa.

A *Gazeta* tinha muitas seções; uma delas é a “Telegramas” que, através do telégrafo, recebia notícias do estrangeiro, dando ao jornal um caráter moderno, visto que antigamente as notícias demoravam pra chegar, pois eram trazidas por paquetes. Outra seção típica e fixa do jornal era “Assuntos do dia”, que trazia as notícias mais importantes do dia como falecimento, editais, ocorrências policiais e avisos. A seção “Publicações a Pedido”, coluna fixa e muito interessante do jornal, era aberta aos leitores que escreviam poesias, faziam pedidos, agradecimentos, solicitações de auxílio, qualquer tipo de comentário, mas principalmente reclamações e cobranças ao governo municipal. Esta coluna era, muitas vezes, irreverente e vinha a serviço da população que insultava, desafiava ou criticava qualquer coisa que lhe desagradava ou indignava.

Outra característica marcante do jornal era a quantidade de anúncios que ele possuía; os anúncios assumiam um caráter de utilidade pública, pois podemos encontrar na *Gazeta* anúncios de produtos de todo tipo, desde pílulas, óleos, estabelecimentos, prestação de serviços, através de classificados, obituário até agenda de eventos, dentre outros informes.

Os anúncios eram muito importantes para os jornais, eles ocupavam mais da metade de todo seu conteúdo e ajudavam a mantê-los financeiramente.

No jornal também se podia encontrar o romance-folhetim, gênero importado da França, que vinha no rodapé do jornal. Em seu enredo encontramos os mais variados assuntos, tramas complexas com violência, infidelidades, amor, loucura, desejo, traições, misérias e muitas outras infinitudes de assuntos que atraíam seus leitores.

O romance-folhetim formou muito a ideologia de seus leitores através das personalidades e atitudes dos heróis, vilões ou mesmo por influência de costumes e da moda parisiense que vinham retratados em suas páginas diárias. O sucesso comercial deste gênero

deve-se ao modo de publicação; suas histórias eram fracionadas e despertavam o gosto dos leitores por saberem a continuação da narrativa suspensa de cada número de modo a incitar o público. Sendo assim, quanto maior a curiosidade do leitor, maior a vendagem do jornal. No final, alguns destes fascículos eram reunidos e se transformavam em livros. O romance-folhetim também servia para preencher espaços quando algum escritor faltasse. No rodapé dos jornais, podíamos encontrar traduções francesas bem como obras originais de autores nacionais. Nomes importantes de nossa literatura cultivaram o gênero. Um exemplo é Raul Pompéia, que publicou *O Ateneu* (1888) na *Gazeta de Notícias*.

A crônica também foi um gênero importante para o jornal de Ferreira de Araújo, já que todos os dias cronistas publicavam nessa folha. Escritores ilustres fizeram parte desta produção: Coelho Neto, José do Patrocínio, Machado de Assis, Olavo Bilac, Eça de Queirós, etc; estes escritores nem sempre tinham dias fixos na semana para a publicação de suas crônicas, mas estavam sempre presentes para ajudar a compor o jornal.

Deve ser destacado que as crônicas vinham assinadas com o nome do autor ou com pseudônimos, artifício usado para esconder a identidade do escritor, dentre os nomes/pseudônimos mais populares temos: Ferreira de Araújo (Lulu Sênior), Joaquim Serra (Tralgadabas) e José do Patrocínio (Proudhomme), dentre outros. Também temos algumas crônicas sem assinatura que dificultam a descoberta da autoria e, por vezes, impossibilitam o estudo dos textos.

Machado de Assis foi um grande colaborador de crônicas na *Gazeta de Notícias*, primeiramente com a coluna “Balas de Estalo”, publicada diariamente (1883-1886), e depois “Bons Dias” (1886-1888).

A coluna “Fagulhas” também estava sempre presente no jornal, totalizando em 1897 – 64 crônicas, 1898 – 156 crônicas e 1899 – 37 crônicas (foi interrompida em abril deste ano).

No texto “Política e humor nos últimos anos da monarquia”, de Ana Flavia, publicado no livro *História em cousas miúdas*, organizado por Sidney Chalhoub, Margarida de Souza Neves e Leonardo A. de M. Pereira, podemos encontrar de modo claro e analítico o perfil do jornal desde sua criação:

Este mundo é um vale de lágrimas para quem não quer rir”. Foi assim que Lulu Sênior (pseudônimo de Ferreira Araújo) inaugurou o primeiro folhetim de sua *Gazeta de Notícia* em 2 de agosto de 1875. Para ele, seu novo jornal teria espírito livre de “vinte e tantos anos” e deveria “rir com os rapazes”, além de ter “juízo com os velhos”. Era com esse espírito que se iniciava um dos principais jornais do século XIX, famoso na cidade do Rio de Janeiro por revolucionar a imprensa, ao se constituir em um jornal barato, acessível ao grande público e, principalmente, por ser leve e descontraído. Conhecido por seu constante incentivo à literatura, pela preferência por textos cada vez mais simples e ligeiros, assim como pelo discurso de imparcialidade e de neutralidade política, a *Gazeta*, já em seu Prospecto, afirmava que seu único compromisso era com a “jovialidade” e com o público. Criada em 1875, a *Gazeta de Notícias* dá início a uma história de mudanças, pois é com ela que se inaugura o sistema de vendas avulsas pela cidade e sua distribuição passa a ser feita a um preço bastante popular (40 réis). Era a consagração da imprensa “barata, popular e fácil de fazer.”¹³

Como explica Ana Flavia, este jornal democratizou a leitura, pois era barato, acessível, com matérias descontraídas e que incentivava a literatura, tendo como destaque as muitas crônicas que estampavam, pois eram curtas e, em boa parte, escrita de maneira simples, entretanto, não era tão imparcial como ela trata neste fragmento, a exemplo disso temos a coluna “Fagulhas” que tem a visão política de Coelho Neto a respeito da sociedade daquele período.

O jornal era inovador também pela composição de diversos gêneros em seu repertório como poesia, crônica, romance/novela e notícias. Através desta miscelânea de textos, tornou-se atraente, despertando o interesse dos leitores, atendendo a todas as classes sociais e os gostos do público leitor.

Outro escritor que trata da *Gazeta* é Max Leclerc¹⁴; para ele, Ferreira Araújo, editor chefe da *Gazeta*, era um homem admirável, pois sabia bem da função de um jornal, que era a de informar, independentemente do julgamento; nisso, a *Gazeta* se diferenciava dos outros jornais do momento, que tinham um descompromisso com as questões populares, pecavam por falta de profissionalismo e traziam muita propaganda. Diz ele:

¹³ Ramos, Ana Flávia Cernic. Política e humor nos últimos anos da monarquia. In: *História em coisas miúdas*. Sidney Chalhub et al (org.). Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2005, p. 117-118.

¹⁴ Leclerc, Max. *Lettres du Brésil*. Paris: Pon, 1890.

A Gazeta de Notícias é muito diferente; sua impossibilidade não consiste em registrar passivamente os acontecimentos; tem como redator-chefe o Dr. Ferreira Araújo e nisso está a sua força. O Dr. Araújo é um excelente jornalista; julga homens e coisas com condescendente ironia; escreve com precisão, elegância e sobriedades raras a seus concidadãos. Tem ele temperamento, caráter, espírito elevado, inteligência aberta. Julgou de pé o Império, declarou-se então republicano por motivos de ordem nacional; proclamada a República, estabelecida a ditadura, conservou sua independência de julgamento. Nas questões de debate, sua opinião é em geral decisiva. Talvez seja o único, em seu jornal e no seu país, a ter uma idéia justa da verdadeira missão do jornalista, mas, sozinho, não conseguirá levar a cabo a tarefa.¹⁵

O jornal acompanhou um período de grandes mudanças no Brasil, como a Guerra do Paraguai (1865), a república (1889), o abolicionismo (1888), a Guerra de Canudos (1897), a reforma estrutural da cidade do Rio de Janeiro e a febre amarela, dentre muitos outros assuntos que foram reproduzidos pelos jornalistas e principalmente pelos cronistas do momento. Uma matéria de grande destaque no jornal foi a divulgação do molde afrancesado como um único meio de adquirir “civilidade” no momento. Como já foi dito, a cidade do Rio de Janeiro passava por grandes transformações e a população elitizada julgava que deveria ser seguido o modelo europeu de bons modos, costumes e vestes para se ter uma boa educação e mesmo estirpe.

Então, o jornal foi um grande propulsor dos ideais do século XIX, um instrumento que podia controlar e orientar a população leitora, para a qual, aos poucos, foi desempenhando uma função político-ideológica, pois formava a opinião pública.

No jornal podemos encontrar grandes causas de disputa política ou mesmo de prestígio literário entre jornais diferentes, pois era através desse prestígio que vinha a popularidade e a influência sobre a sociedade, tanto que o jornal passou a concorrer com o livro porque era mais fácil e mais barato de ser adquirido. Embora fosse mínima a população leitora, sabemos que o jornal era um material requisitado, muito emprestado entre os amigos, os quais, muitas vezes, se reuniam nas casas para ouvir alguém lendo em voz alta a toda a família sobre os fatos do dia.

¹⁵ Apud SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 253.

Olavo Bilac, na inauguração de um monumento em memória a Ferreira Araújo, disse sobre o papel deste homem engajado, que tanto ajudou na proliferação das letras neste período:

Se já temos, - nós os que escrevemos -, um público, pequeno, mas inteligente, devemo-lo, em grande parte, a esse mestre exemplar, que, num tempo em que a imprensa diária ainda era um luxo caro, decidiu colocá-la ao alcance de todos, barateando-a, e popularizando-a. Foi ele quem chamou o jornal a gente moça, que se ensaiava nas letras. Na *Gazeta de Notícias*, que possuía a colaboração preciosa de Machado de Assis, de Eça de Queirós e de Ramalho Ortigão, - começaram a aparecer os rapazes cheios de talento, mas ainda sem nome, que daquelas colunas se impuseram ao público. [...] Foi também na *Gazeta* que os pintores, os escultores, os músicos encontraram sempre defesa, amparo, propaganda.¹⁶

Ferreira Araújo dirigiu o jornal até 1900, ano de sua morte; seu jornal possuía uma característica bem peculiar até essa data, quando foi sucedido por Henrique Chaves.

Foi Ferreira de Araújo quem iniciou no Brasil, com sua folha, a fase do jornal barato, de ampla informação. A *Gazeta de Notícias*, no seu tempo, era um jornal moderno, de espírito adiantado, o primeiro órgão da nossa imprensa que divulgou a caricatura diária, a entrevista e a reportagem Fotográfica.¹⁷

Este jornal foi um grande impulsionador de nomes importantes das letras, sendo divulgador e financiador da literatura que vinha sob a forma de entretenimento através de romance-folhetim, poemas e crônicas. Ferreira Araújo, administrador e “marqueteiro”, percebia a importância de um jornal moderno e, para isso, dava colunas diárias ou esporádicas a bons escritores de textos para divulgar seus respectivos nomes e, como recompensa, tinha um jornal atraente que prezava a literatura.

Os melhores nomes das letras, do jornalismo nacional e também do estrangeiro, colaboravam com o jornal: José do Patrocínio, Coelho Neto, Ramalho Ortigão, Artur de

¹⁶ BILAC, Olavo. Crônica. *Kosmos*. Rio, 1905, p.3.

¹⁷ JORGE, Fernando. *Vida e obra de Olavo Bilac*. Introdução de Menotti Del Picchia. São Paulo: Editora Mc Graw-Hell do Brasil, 1977. p.16.

Oliveira, D. João da Câmara, Olavo Bilac, Machado de Assis, Eça de Queirós, Joaquim Nabuco, dentre outros.

O jornal era muito importante para os escritores porque como o país tinha poucos leitores (cerca de 82,6% da população do Brasil era analfabeta¹⁸ naquele período) os livros publicados não tinham grande saída; com isso, não se obtinha tanto lucro com eles; como o jornal era barato e mais requisitado pelos cariocas, se tornava a principal fonte de renda dos homens de letras. Embora já houvesse a Academia de Letras fundada por Machado de Assis em 1897 e também a lei dos direitos autorais, em 1898, instituições que representavam os interesses dos escritores, viver da literatura seria uma quimera num país de analfabetos, por isso a grande importância do jornalismo para o custeio financeiro do escritor bem como um meio mais fácil de divulgar sua produção.

Todavia, o escritor deveria sujeitar-se à proposta do jornal e adequar seus textos ao formato pedido pelo chefe de redação. Sérgio Miceli apresenta o modo por que os homens de letras conseguiram alcançar sucesso no meio:

Não havendo, na República Velha, posições intelectuais relativamente autônomas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades, vão depender quase que inteiramente das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação. Em termos concretos, toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais. Os escritores profissionais viam-se forçados a ajustar-se aos gêneros que vinham de ser importados da imprensa francesa: a reportagem, a entrevista, o inquérito literário e, em especial, a crônica.¹⁹

Enfim, o jornal foi um veículo importante, pois fortaleceu a produção intelectual brasileira; os literatos podiam divulgar seu trabalho, expor suas opiniões, fazer-se conhecidos pela população, garantindo seu prestígio e sua posição perante as causas vigentes.

¹⁸ PAIVA, V. Um século de educação republicana. *Pró-Posições*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 9-10, jul. 1990.

¹⁹ MICELI, Sérgio. *Poder, Sexo e Letras na República Velha* (estudo clínico dos anatólinos). São Paulo: Editora Perspectiva: 1977. p.15.

1.2. O GÊNERO CRÔNICA

Este trabalho refere-se às crônicas retiradas de um jornal, todavia, nota-se certa diferença entre a leitura de uma crônica ainda atual e a leitura de uma crônica antiga, cujo conteúdo é mais claro em relação à repercussão da história, pois já se passaram vários anos e podemos observar a história de maneira mais ampla. Há também um limite entre o jornalismo periódico e a literatura, os quais devemos tomar cuidado para não desrespeitar.

O jornalismo e a literatura têm relações de semelhança e diferença ao longo da história, que suscita sempre discussões entre jornalistas e escritores. Sabemos que a imprensa surgiu no século 15, a impressão tipográfica aumentou sua produção e facilitou a circulação das obras literárias, tendo em vista que o livro sempre foi um objeto caro e para poucos, o jornal conseguiu atrair a atenção dos leitores.

Tanto imprensa quanto literatura constituem diferentes formações discursivas, provenientes de lugares sociais distintos; mas integram ambas o mesmo sistema de escrita. Não se confundem, posto sejam intercomunicantes. E o fato de a imprensa, durante um certo tempo e em certos casos, financiar a literatura talvez constitua a manifestação mais visível desta intercomunicabilidade. E talvez constitua, igualmente, razão eventual para os desdobramentos que entre elas se registra.²⁰

Em 1808, a imprensa chegou ao Brasil, no mesmo período da chegada da corte de D. João. O jornal neste período era um difusor da literatura, pois nele tinha o folhetim, com capítulos de romances, poesias, crônicas; na medida em que a imprensa entra na fase Industrial, pós Segunda Guerra Mundial, é o que o livro torna-se de melhor acesso tornando-se mais artístico e o jornal, preocupado com a credibilidade na informação e afastando-se da ficcionalidade da linguagem literária.

As mudanças no jornal aconteceram com o desaparecimento do folhetim, que foi trocado pelas colunas, incluindo as crônicas, e com o passar dos tempos a reportagem teve

²⁰LAJOLO, Marisa. *Jornalistas e escritores: a cordialidade da diferença*. Disponível em: www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios. Acesso em: 06 ago 2003.

maior peso. Posteriormente, a entrevista substitui o artigo político e o jornal passa a ser fonte de informação.²¹

O jornal assume um lado informativo-referencial (notícia e reportagem) e opinativo (crônica, artigo e editorial), quando um texto é muito longo (ensaio, artigo), é separado em suplementos literários. Tendo o jornal se desvencilhado do campo literário, há a crônica, que trata da realidade com outros olhos. Embora cause certo desprezo por críticos, já que este texto tange entre o jornalismo e a literatura, tem como base uma ligação externa que é narrada de diversas formas que consistem no acontecimento real (notícia) que se ficcionaliza.

O cronista ajuda o leitor a ver mais longe o fato, de forma subjetiva, ele desmonta o fato e recria narrando com maior sensibilidade o assunto. Para Roncari, a crônica faz-se:

Comentando o novo, confrontando-o com o velho e projetando o futuro, o cronista cria a perspectiva para construir a imagem do presente, metonímica, revelada nos pequenos fatos banais da rua e da vida. Através do narrador, fixa uma posição ou um ponto a partir do qual observá-los, deslocando com isso o leitor da sua posição cômoda e neutra em que o coloca a notícia, e obriga-o também a parar e refletir diante do fluxo.²²

Outra característica da crônica é sua extensão menor que um literário, pedindo uma agilidade maior do escritor em relação à produção do livro. Sabemos que a crônica, devido ao seu caráter mais dinâmico, tinha uma maior repercussão nos jornais do que os outros gêneros como contos, romances e poemas.

A importância do veículo com o qual a crônica foi difundida também deve ser pensada. Para Candido, a crônica “não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou ferrar o chão da cozinha”²³. Este fragmento mostra bem a transitoriedade da

²¹ GRITTI, Jules et alii. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 164.

²² RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. *Boletim Bibliográfico*. São Paulo: Biblioteca Mário de Andrade, v. 46, p. 9-16, jan-dez. 1985.

²³ CANDIDO, Antonio; et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

crônica, com conteúdos sem pretensões de deduração, pois a cada vinte e quatro horas há um novo acontecimento a comentar.

O teórico Davi Arrigucci adverte sobre determinadas divergências da crônica: “À primeira vista como parte de um veículo como o jornal, ela parece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um arriscado duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa”²⁴. Marcelo Coelho também aponta para avaliações semelhantes: “O que se pode dizer [...] é que a crônica se apresenta como um texto literário dentro do jornal, e que sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia”²⁵.

Em meados de 1880, a crônica foi o reflexo da impulsão comercial jornalística. Os países europeus, nesta época, eram vistos como modelos para serem seguidos no Brasil e a crônica foi mais um item que se moldou ao gosto brasileiro.

Os equipamentos que permitiam a impressão dos jornais chegaram ao Brasil somente nos navios de Dom João VI (1808) e, mesmo assim, houve uma modesta produção devido à vigilância política e econômica de Portugal para com a colônia, causando um enorme atraso cultural; porém, nos finais do século XIX, tínhamos uma imprensa no Brasil mais consolidada devido à organização industrial, como Juarez assina:

Uma imprensa mais sólida nos anos da Abolição e da República está geralmente associada a uma tipografia mais bem reaparelhada, renovada em relação aos anos pioneiros, fracas à importação de tipos e prelos. As empresas têm menos de comum a improvisação, buscam fixar posições de mercado duradouras, mediante a organização.²⁶

Tendo uma maior solidez, a imprensa possuía homens que faziam deste trabalho sua única fonte de renda. Para entender melhor o significado da crônica, antes chamada de folhetim (seção literária de um periódico que ocupa, de ordinário, a parte inferior de uma página; fragmento de romance publicado em um jornal dia a dia, suscitando o interesse do

²⁴ ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmento sobre a crônica. In: Idem. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 53.

²⁵ COELHO, Marcelo. Notícias da crônica. In: *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. Castro, Gustavo & Galeno, Alex (org.). São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 156.

²⁶ BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Ática, 1990. p.107.

leitor) publicada nos rodapés dos jornais, temos uma crônica de Machado de Assis que esmiúça bem sua influência, seu conteúdo e sua importância para o jornal:

[...] O folhetinista é a fusão agradável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como polos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal. [...]

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal: salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política.

Assim aquinhado pode dizer-se que não há entidade mais feliz neste mundo, exceções feitas. Tem a sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo, e a bas bleus para aplaudi-lo.

Todos o amam, todos o admiram, porque todos têm interesse de estar de bem com esse arauto amável que levanta nas lojas do jornal, a sua aclamação de hebdomadário.²⁷

Este fragmento de Machado, embora extenso, é muito explicativo. Originária da França, a crônica é a junção do “útil e do fútil”, do fato circunstancial do momento; é como um “colibri”, tendo-se adaptado rapidamente ao gosto brasileiro, que brinca e se envolve com todo assunto.

Este gênero era indispensável ao jornal, pois era o mais aclamado pelos leitores. Sobre seu conteúdo e forma, vale lembrar que chegou a ter vários tipos, como resenha teatral ou literária, comentários de pequenas notícias, assuntos mundanos, espaço para piada, ou seja, apresentou grande variedade. Na verdade, o cronista não delimitava o assunto e não mantinha uma periodicidade regular de publicações. Como afirma Arrigucci Jr, as crônicas ainda não possuíam uma temática coesa que caracterizasse seus autores:

Na maioria desses autores dos primeiros tempos, a crônica tem um ar de aprendizado de uma matéria literária nova e complicada, pelo grau de heterogeneidade e discrepância de seus componentes, exigindo também novos meios lingüísticos de penetração e organização artística: é que nela afloram em meio ao material do passado, herança persistente da sociedade

²⁷ Apud. MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a crônica. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 94-95.

tradicional, as novidades burguesas trazidas pelo processo de modernização do país, de que o jornal era um dos instrumentos.²⁸

A efemeridade, a linguagem coloquial, o narrador comentador subjetivo, são características peculiares a esse gênero literário do final do século XX. Dentre seus autores, têm-se grandes nomes das letras; entre eles, destacam-se: Arthur Azevedo (1855-1908), João do Rio (1881-1921), Coelho Neto (1864-1934), Lima Barreto (1881-1922), Machado de Assis (1839-1908), Francisco Otaviano (1825-1889), José de Alencar (1829-1877), Eça de Queiroz (1845-1900), Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) e Olavo Bilac (1865-1918), dentre muitos outros escritores.

No final do século XIX, os periódicos ganhavam uma nova característica, eram híbridos e seguiam toda a evolução ao redor. Sendo assim, acompanharam as transformações políticas e sociais que eclodiram na capital e estados da recente República. E nada melhor do que um gênero como a crônica para representar esse jornalismo multiforme e transitório, na medida em que, sendo perecível, perde a atualidade no dia seguinte, depois da chegada do novo jornal.

Em suma, o cronista é livre para escrever o que quiser, mas é necessário sempre estar atualizado, ser um observador do meio e ter o hábito de escrever constantemente, devido à temporalidade de duração de sua crônica. Faz uso do humor, da ficção, do real, do lirismo e mistura tudo o que deseja para compor seu texto. É o escritor do circunstancial, do fugaz, da cidade, das ruas, das pessoas. Tudo é observado pelo cronista e, se ele achar necessário, os fatos são comentados, criticados, elogiados ou mesmo expostos em função de uma moral para seus leitores.

²⁸ ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmento sobre a crônica. In: Idem. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 57.

CAPÍTULO II
FORTUNA CRÍTICA DAS OBRAS DE COELHO NETO

2. FORTUNA CRÍTICA DAS OBRAS DE COELHO NETO

2.1. UM ESCRITOR PROLÍFICO

Autor de obra numerosa e variada cultivou diversos gêneros: conto, teatro, crônica, oratória e poesia, dentre outros. Sobre o juízo literário, Coelho Neto foi dos que passaram de um extremo a outro perante a crítica literária.



Ilustração 4: Coelho Neto

Glorificado em vida e reconhecido como *Príncipe dos Prosadores Brasileiros*, em 1928 (em votação aberta ao público promovida pela revista *O Malho*), alcançou o auge do que se poderia tornar um homem das letras. Porém, em seus últimos dias de vida e depois de sua morte, em 1934, foi alvo de descrédito na maior campanha demolidora do Modernismo, a partir da Semana de Arte Moderna, em 1922, e da sessão famosa da Academia Brasileira de Letras, em 1924, em que se situou como o campeão do passadismo, ao grito de “eu sou o último Heleno”, contra o discurso revolucionário de Graça Aranha.

²⁹ Disponível em:

<http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/coelhoneto/coelhoneto.htm>

Acesso em: 15 mar. 2009.

Desde então caiu no desfavor da opinião literária e da crítica. Todavia, no final da década de 40, teve uma grande quantidade de revisionistas, baseados num esforço de compreensão e valoração mais justa do seu grande acervo literário.

Em toda sua vida, dedicou-se ao trabalho a muitos trabalhos em diversas revistas, jornais e publicação de obras e até direção de filme, foi um grande escritor da literatura brasileira, os dados informados desta farta produção foram retirados do livro de seu filho Paulo Coelho Netto³⁰ como prova que além de grande político, abolicionista, republicado e preocupado com as atualidades da cidade carioca, escreveu uma grande multiplicidade de gêneros literários. Segue abaixo a tabela com a produção coelhotiana:

Contos	<i>Rapsódias</i> (1891), <i>Baladilhas</i> (1894), <i>Praga</i> (1894), <i>Fruto Proibido</i> (1895), <i>Sertão</i> (1896), <i>Álbum de Caliban</i> , 2 volume, (1897), <i>Seara de Ruth</i> (1898), <i>Romanceiro</i> (1898), <i>Bico de Pena</i> (1904), <i>Águas de Juventa</i> (1905), <i>Fabulário</i> (1907), <i>A Gramática Esperantista Alemã</i> (1908), <i>As três gotas</i> (1908), <i>Jardim das Oliveiras</i> (1908), <i>Vida Mundana</i> (1909), <i>Cenas e Perfis</i> (1910), <i>Os Pombos</i> (1911), <i>Banzo</i> (1913), <i>Contos Escolhidos</i> (1914), <i>Conversas</i> (1922), <i>Vesperal</i> (1922), <i>Amor</i> (1924), <i>O Sapato de Natal</i> (1927), <i>Contos da Vida e da Morte</i> (1927), <i>Velhos e Novos</i> (1928), <i>A Cidade Maravilhosa</i> (1928), <i>Vencidos</i> (1928), <i>A Árvore da Vida</i> (1929), <i>Fructo</i> , (s.d) e <i>Contos de Natal</i> , (s.d.).
Lendas	<i>Saldunes</i> (1900) e <i>Imortalidade</i> (1926)
Crônicas	<i>O meio</i> (1889), <i>Bilhetes Postais</i> (1894), <i>Lanterna Mágica</i> (1898), <i>Por Montes e Vales</i> (1899), <i>Versas</i> (1917), <i>A Policia</i> (1919), <i>Atlética</i> (1920), <i>Frutos do Tempo</i> (1920), <i>O Meu dia</i> (1922), <i>O desastre</i> (1923), <i>Frechas</i> (1923), <i>Às quintas</i> (1924), <i>Feira Livre</i> (1926) e <i>Bazar</i> (1928)
Novelas	<i>No Rancho</i> (1912)
Romances	<i>A Capital Federal</i> (1893), <i>Miragem</i> (1895), <i>O Rei Fantasma</i> (1895), <i>Inverno em Flor</i> (1897), <i>O Morto</i> (1898), <i>O Paraíso</i> (1898), <i>O Rajá de Pendjab</i> (1898), <i>A Conquista</i> (1899), <i>Tormenta</i> (1901), <i>O arara</i> (1905), <i>Turbilhão</i> (1906), <i>Esfinge</i> (1908), <i>Rei Negro</i> (1914), <i>O Mistério</i> (1920), <i>Frutos do Tempo</i> (1920), <i>O Polvo</i> (1924), <i>A Vida Além da Morte</i> , (1920), e <i>Fogo Fátuo</i> (1929).
Narrativa Histórica	<i>A Descoberta da Índia</i> (1898)
Narrativa Bíblica	<i>As Sete Dores de Nossa Senhora</i> (1907) e <i>Os Mistérios de Natal</i> (1911)
Reminiscências	<i>Mano</i> (1924) e <i>Canteiro de Saudades</i> (1927)
Poema Dramático	<i>Pelo Amor</i> (1897)
Episódio Lírico	<i>Artemis</i> (1898)
Evangelho	<i>Hóstia</i> (1898), <i>Pastoral</i> (1904)

³⁰ COELHO NETO, Paulo. *Bibliografia de Coelho Neto*. In: COELHO NETO, Paulo; KUHN, Neuza Nascimento (col.). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1972.

Colaboração de Olavo Bilac	<i>O Desastre</i> (1923), <i>Fogo da Vida</i> (1924), <i>Teatrinho</i> , inédito e <i>Teatro infantil</i>
Civismo, discurso, conferências e mensagens	<i>A colônia Portuguesa no Brasil</i> (1896), <i>América</i> (1897), <i>A Terra Fluminense</i> (colaboração com Olavo Bilac), (1898), <i>Belas Artes</i> (1901), <i>Caridade</i> (1902), <i>Contos Pátrios</i> (colaboração com Olavo Bilac) (1904), <i>Apólogos</i> (1904), <i>Compêndio de Literatura Brasileira</i> (1905), <i>A Palavra</i> (conferência) (1905), <i>Inocência – Inocente</i> (1905), <i>Á água</i> (conferência) (1905), <i>O fogo</i> (1906), <i>O Instituto de Proteção e Assistência à Infância</i> (conferência) (1917), <i>Discours sur La Bataille de I Y ser</i> (1917), <i>Falando</i> (1919), <i>Enciclias</i> (conferência) (1921), <i>A Portugal</i> (1921), <i>Breviário Cívico</i> (1921), <i>Orações</i> (1923), <i>Pelos Cegos</i> (conferência) (1924), <i>Livro de Prata</i> (1928), <i>Discurso no Liceu Literário Português</i> (1931), <i>Dicionário Lello Universal</i> (em col. com João Grave) (1933), <i>Literatura</i> (inédito) e <i>Contos Pátrios</i> (com Olavo Bilac – para crianças).
Obras não terminadas	<i>Contos</i> , <i>Nova Série</i> , <i>Fogão gaúcho</i> , <i>Poranduba</i> e <i>Atidas</i>
Obras entregues a diversos escritores, consideradas perdidas	<i>Painéis</i> , 1º volume, <i>Geórgicas</i> , 1º volume, <i>Maravilhas</i> , <i>Vida Nômade</i> , <i>Fim de Século</i> , <i>Água de Caxambú</i> e <i>Viagem de uma família ao Norte do Brasil</i> .
Trabalhou nas revistas e jornais	Rio de Janeiro: <i>O meio</i> (direção: Paula Ney, Coelho Netto e Pardal Millet – 1889); <i>Gazeta da tarde</i> , <i>Novidades</i> , <i>O Dia</i> , <i>Correio do Povo</i> , <i>A folha</i> , <i>A Republica</i> , <i>Diário Ilustrado</i> , <i>Revista Ilustrada</i> , <i>A Semana</i> , <i>Revista Americana</i> , <i>Os Anais</i> , <i>Kosmos</i> , <i>Revista Brasileira</i> , <i>Renascença</i> , <i>Cidade do Rio</i> , <i>Diário de Notícias</i> , <i>Vida Moderna</i> , <i>Ilustração Brasileira</i> , <i>A política</i> (revista combativa Ilustrada – Anos I-II nº 1/37 – 24/3/1918 – 10/01/01919/ Rio de Janeiro/Off Graph do <i>Jornal do Brasil</i> – 1918 – 1917 Direção de Coelho Netto – nº7 até 37), <i>Atlética</i> (revista literária, artística, esportiva – RJ Ano 1 nº1- 41 – 6/2/1920 – 20/11/1920 Direção: Coelho Netto – nº 1 até 32), <i>Rio Jornal</i> , <i>Revista Sul América</i> , <i>Baia Ilustrada</i> , <i>Revista Souza Cruz</i> , <i>Revista da Escola Militar</i> , <i>O Carro de Combate</i> , <i>Revista da Semana</i> , <i>Vida Domestica</i> , <i>O Paiz</i> , <i>A Noticia</i> , <i>O Imparcial</i> , <i>Gazeta de Notícias</i> , <i>Jornal do Comercio</i> , <i>Correio da Manhã</i> , <i>Jornal do Brasil</i> e <i>a A Noite</i> ; São Paulo: <i>A Bruxa</i> , <i>A Onda</i> , <i>O Meridiano</i> , <i>Diário popular</i> , <i>A Província de São Paulo</i> , <i>Jornal do Comercio</i> , <i>Cigarra</i> , <i>A Gazeta</i> , <i>O Estado de São Paulo</i> , <i>Correio Paulistano</i> , <i>Revista de Ciência</i> , <i>Letras e Artes de Campinas</i> ; Maranhão: <i>A Pacotilha de São Luiz</i> ; Pernambuco: <i>A Folha da Noite</i> ; Rio Grande do Sul: <i>A federação de Porto Alegre</i> ; Argentina: <i>LA Prensa</i> , <i>El Hogar</i> , <i>Mundo Argentino</i> , <i>La Novela Sem.</i> ; Portugal: <i>Jornal do Comércio</i> – de Lisboa – <i>Comercio do Povo</i> .
Gênero Dramático	50 peças, entre elas comédias, teatro infantil, teatrinho, teatro religioso e teatro – drama lírico.
Peças Teatrais	<i>Os raios X</i> , <i>O relicário</i> (comédia em três atos), <i>O Diabo no Corpo</i> (comédia em três atos), <i>As Estações</i> (prelúdio romântico), <i>Ao Luar</i> , <i>Ironia</i> (peça em um ato), <i>A mulher</i> (comédia em um ato), <i>Fim de Raça</i> (comédia em um ato), <i>Neve ao Sol</i> (peça de quatro atos), <i>A Muralha</i> (teatro drama em três atos), <i>Quebranto</i> (comédia em três atos), <i>Nuvem</i> , <i>sainete</i> , <i>Dinheiro</i> (teatro drama em três atos), <i>Bonança</i> (peça em um ato), <i>Intruso</i> , (drama em um

	ato), <i>Desastre</i> (drama, peça em três atos), <i>Patinho Torto – Mistérios do Sexo</i> (comédia em três atos), <i>A Cigarra e a Formiga</i> (provérbio em um ato), <i>Pedido</i> (comédia em um ato), <i>A Guerra, O Corvo e a Raposa</i> (comédia do teatro infantil), <i>A Borboleta Negra</i> (peça do teatro infantil-comédia).
Teatro infantil – monólogos	<i>A carta, O avô, A Boneca e a Carapuça.</i>
Teatrinho	<i>Caridade Suprema e uma Lição, A Melindrosa, O Medo, O Torcedor, Carolice Ventoinha, Um par de botas e O trevo de quatro folhas.</i>

As produções literárias de Coelho Neto foram vertidas para onze idiomas: francês, inglês, alemão, italiano, espanhol, sueco, russo, sírio, esperanto, japonês e dinamarquês. O primeiro trabalho de Coelho Neto publicado em língua estrangeira foi o conto *As três gotas*.

Além de suas inúmeras produções literárias, cívicas, educacionais e sociais, Coelho Neto, foi produtor e tradutor de filmes. Como tradutor, fez versão e adaptação das legendas e diálogos de uma fita francesa de grande metragem, *O jogador de Xadrez*, exibida no cinema Odeon da Praça Floriano. Outra obra de sua autoria no gênero policial e de primeira película brasileira foi *Mistérios do Rio de Janeiro*, da qual também dirigiu. Devido os altos gastos, o filme foi quase todo gravado no próprio gabinete do escritor e em sua casa.

Seus trabalhos eram assinados com seu próprio nome ou, por diversas vezes, escrevia sob inúmeros pseudônimos: Anselmo Ribas, Caliban, Ariel, Amador Santelmo, Blanco Canabarro, Charles Rouget, Democ, N. Puck, Tartarin, Fur-Fur, Manés.

Coelho Neto foi abolicionista e republicano, sempre voltado para os problemas nacionais. Fez diversos livros educacionais ou breviários cívicos, os quais demonstram a sua preocupação com o destino do país.

Em 1890, Coelho Neto encerrou seus dias de boêmio ao se casar com a rica Maria Gabriela Brandão. Nesse mesmo ano, torna-se secretário do governador do Rio de Janeiro Francisco Portela por apadrinhamento, arrumando emprego para seus antigos amigos boêmios.

Iniciado em 1891, o ciclo dos livros e dos filhos, cento e seis livros e treze filhos, - começava também Coelho Neto, em sua casa, uma série de reuniões literárias e artísticas

muito mencionadas por críticos como “momentos de saudade”, como comenta Gustavo Barroso:

A casa de Coelho Neto tinha portas abertas para quantos sonhadores viessem das províncias realizar seus sonhos no Rio de Janeiro. E lá dentro havia corações, como o dele e como o de D. Gaby Coelho Neto, que logo os rodeavam de carinho, de estímulo, de esperança. A saudade daquele tempo sempre morou comigo [...]³¹

Aquelas reuniões extraordinárias ficaram registradas também por Martins Fontes, que ressalta todo o esplendor literário e festivo, inclusive sobre a pluralidade de assuntos ditos nestes encontros. Observe:

Discutia-se, concordava-se, ria-se loucamente. Improvisavam-se conferências de quinze minutos, sobre motivos da atualidade. Recordava-se o *Decameron* da Renascença, revivia-se a *Enciclopédia*, cantava-se a França no século de Hugo. E tão original, tão brasileiro, tão vermelho e verde, que nunca houve Casa como esta!³²

Na casa de Coelho Neto predominava a literatura e a cordialidade. Ele sempre estava pronto para elogiar e ouvir os amigos, e seu salão era muito bem freqüentado por figuras da nova e da velha geração intelectual carioca: Oscar Lopes, Fernando Guerra Duval, Gustavo Barroso, Olegário Mariano, Jorge Jobim, Gregório da Fonseca, João Luso, Alberto de Oliveira, Álvaro Moreyra, Humberto de Campos, Olavo Bilac e tantos outros convidados que vinham para sua casa desfrutar de saraus, palestras e boas conversas. Rangel, um freqüentador da casa de Coelho Neto lembra que:

As reuniões se davam geralmente aos sábados. Pelos corredores, nas salas e no jardim cruzavam-se figuras da nova e da velha geração [...] Não eram só escritores: pianistas, violinistas, cantores moços e velhos, pintores, escultores, mestres e alunos da Escola de Belas-Artes, iam também [...] Mas o melhor espetáculo das reuniões era o próprio Coelho Neto com a sua

³¹ Paulo Coelho Neto. *Imagem de Uma Vida*. Rio de Janeiro, Borsoi, 1957, p. 28.

³² Paulo Dantas. *Coelho Netto*. São Paulo, Edições Melhoramentos, s. d., p. 39.

palestra imaginosa e fértil, resumindo os romances e as novelas que pretendia escrever, lembrando episódios de juventude, transmitindo impressões de leitura, a voz nítida e empostada, a gesticulação perfeita, representando, não raro, como verdadeiro ator.³³

Neste período do final do século XIX e início do XX, ocorre uma crescente valorização das letras na cidade do Rio de Janeiro e sua aliança com o mundanismo, contribuinte para que surgissem diversos salões de caráter acentuadamente literário como ponto de encontro dos escritores como os realizados na casa de Coelho Neto. Em destaque temos o salão da Sra. Santos Lobo, que era muito bem freqüentado por grandes cavalheiros, homens elegantes que se dedicavam às letras e à política, muitas vezes espreitando a glória acadêmica. Eles conversavam nestes salões sobre as novidades parisienses, o corte de famosas casacas, a elegância de gestos ou até sobre a dicção macia que adquiriam.

Da rua do Ouvidor não podem ser esquecidos os cafés, como o Café Globo e a Confeitaria Colombo que, frequentados por celebridades do meio literário, bem como diversos outros artistas e jornalistas da época, favoreciam um espaço de fermentação intelectual importantíssimo para a época.

Havia também as casas de chope e as livrarias, sendo estas, ponto de encontro de reuniões dos escritores, como nos casos das livrarias Laemmert, Briguiet, Azevedo e a famosa Garnier. Como a Academia não podia ceder lugar aos mais variados escritores, a Garnier, com seu espaço ilimitado e independente de eleições, acolhia a todos. Sendo assim, vai além de uma simples livraria, tornando-se uma confraria, uma associação literária.

Dentre os brasileiros da maior fama e freqüentadores destes salões literários do período, ressaltamos: Olavo Bilac, Coelho Neto, Paulo Barreto, Figueiredo Pimentel, Elvío de Carvalho, Afrânio Peixoto, Júlia Lopes de Almeida e, principalmente, a figura respeitada de Machado de Assis, responsável pela criação da Academia Brasileira de Letras.

Desse modo, os espaços literários eram disputados apenas por escritores que seguiam os modelos franceses, cuja participação ocorria no jornalismo e nas revistas elegantes

³³ NEEDELL, Jeffrey D. A Belle Époque literária no Rio: o fim do século XIX brasileiro. In: Idem. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. de Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 238.

da época. Olavo Bilac, por exemplo, um dos principais representantes do período, contrário ao atraso carioca e defensor do europocentrismo, é um dos disseminadores do mundanismo. Se por um lado o estilo parnasiano emprestava-lhe um aspecto conservador, sua temática mundana o coloca em total contato com a moda dominante. Na mesma linha de Bilac, encontra-se Coelho Neto, escritor do período que, até conseguir um bom cargo público, trabalhou em jornais da época segundo o estilo da *Belle Époque*.

Diferentemente desses escritores citados, que se aburguesaram segundo a moda parisiense, o grupo dos antigos boêmios inadaptados foi dizimado: alguns receberam cargos elevados do governo (Aluísio Azevedo, Coelho Neto) e outros acabaram marginalizados, desvalorizados pela elite que seguia os moldes europeus que dominavam o país (José do Patrocínio, Guimarães Passos, Paula Ney e, posteriormente, Euclides da Cunha e Lima Barreto).

Na obra *A Conquista* (1899), Coelho Neto relatou sua fase de boemia, momento em que conviveu com Patrocínio, Paula Ney (Neiva), Pardal Mallet (Pardal), Guimarães Passos (Fortúnio), Aluísio Azevedo (Ruy Vaz), Olavo Bilac (Otávio Bivar), Muniz Barreto (Montezuma), todos participantes da vida boêmia, de jornais e cafés, de veleidades políticas e literárias. Este período de boemia foi muito importante em sua vida, pois o fez conhecer pessoas que se tornariam consagrados literatos, burocratas e chefes políticos da *Belle Époque*.

Em 1911, surge a Academia dos Novos, uma sociedade que propunha defender os direitos autorais dos escritores, cujo trabalho deveria ser profissionalizante e remunerado. Este movimento era patrocinado pelo jornal *A Imprensa*, de Alcindo Guanabara, mas não chegou a constituir-se.

2.2. A CRÍTICA SOBRE COELHO NETO

Das leituras feitas para este trabalho em relação às críticas que Coelho Neto recebeu, podemos observar que eram referentes, em sua maioria, aos diversos romances do escritor. Então, situaremos no que foi dito de Coelho Neto nos romances para reconhecer estes traços também na crônica.

Todavia, para melhor compreensão, apresentaremos o que alguns críticos disseram sobre o Príncipe dos Prosadores e sua obra; interessam-nos elogios, críticas ou mesmo a análise do conteúdo das obras.

Detalhe que deve ser ressaltado de alguns críticos literários é sobre a forma que eles estereotipam o autor a partir da análise de suas obras com a qual mobiliza o leitor para rever o escritor com um outro olhar.

Ao lado desta crítica, existe outra de menor volume que constitui um documento histórico importante para a compreensão da recepção da obra literária de Coelho Neto. Pode-se, a partir desta última, investigar que os critérios e problemas literários presidiam a avaliação deste romancista, e mesmo aquela primeira também revelaria que a leitura da obra do escritor foi em grande parte orientada pelas convicções ideológicas dos leitores, pela ocupação do espaço institucional, ou pelo combate a este espaço; algo que, por exemplo, explicitar-se-ia na disputa entre passadistas (Coelho Neto e a Academia Brasileira de Letras) e os modernistas saídos da Semana de 22.

Nota-se que a recepção da obra literária de Coelho Neto não se desvincula dos aspectos ideológicos de cada um dos grupos interessados ou em reabilitar este escritor, ou em sepultá-lo de vez. Então, no horizonte das discussões, veremos que são dois ritos: consagração ou excomunhão. Ambos, apesar dos despautérios, mantêm viva a memória da obra de Coelho Neto, o que prova, ao contrário do que os próprios críticos afirmavam, que a obra do romancista não foi esquecida.

Coelho Neto recebeu diversos títulos, entre eles temos os que elogiam o escritor e outros que satirizam o romancista. Entre estes nomes temos desde o oficial “príncipe dos

prosadores brasileiros”, até a chacota “refeição dos antropófagos modernistas” e, anos antes, o de “ditador da literatura brasileira” na verve de um Lima Barreto.

A Capital Federal foi o primeiro romance publicado em volume pelo maranhense Coelho Neto, em 1893. O romance, apesar de certas restrições, é louvado com entusiasmo por Adolfo Caminha, numa de suas melhores *Cartas Literárias*:

O que mais me encanta, o que fascina desde o princípio, é a forma, o estilo sóbrio e conciso, representando as coisas com uma fidelidade admirável, sem a terminologia pedantesca dos que confundem a verdadeira Arte com a arte convencional e falsa. Observa-se mesmo que o autor não se parece em coisíssima alguma com o Coelho Neto das *Rapsódias* nem com o Anselmo Ribas do *Rei Fantasma*.³⁴

Nesta obra, encontramos um narrador descrente ante os benefícios sociais trazidos pelo progresso técnico e material. São recorrentes durante todo o longo romance as oposições entre o campo e a cidade, rusticidade e requinte, apresentando uma irônica desilusão com o progresso.

Machado de Assis saudou o jovem Coelho Neto por sua capacidade de fixar alguns costumes e perfis da época; desta mesma opinião partilhavam Adolfo Caminha³⁵, acrescentando que o escritor era dotado de uma observação microscópica dos bastidores do teatro, da Rua do Ouvidor, dos bares e cafés então da moda, dos hábitos e costumes da vida carioca na *Belle Époque*, e Nestor Vitor³⁶, que destacou o lado fotógrafo do escritor em certos momento da narrativa.

Deste modo, no início, Coelho Neto teve uma recepção favorável por parte da crítica, embora Adolfo Caminha em *Cartas Literárias* (1843) já apontasse para alguns vícios como a verborragia na prosa coelhotiana, que posteriormente seriam recorrentes na maior parte das análises literárias.

³⁴ Adolfo Caminha. *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro: Aldina, 1895, p. 59-60.

³⁵ Idem.

³⁶ Nestor Vitor. Treva. – Por Coelho Netto. In: *Obra Crítica*. Vol I. Rio de Janeiro: Mec.; Casa Rui Barbosa, 1969.

No entanto, ao nos voltarmos para os ensaios críticos de Veríssimo, podemos perceber que seu critério de avaliação de uma obra tem como base o caráter *nacionalista*. Podendo estender este critério a Coelho Neto, as críticas de Veríssimo referem-se à sintaxe e ao repertório lingüístico do romancista.

Em vários estudos que Veríssimo dedicou aos romances de Coelho Neto, constata-se certo desafeto quando ele ironiza e abomina os vocábulos exumados dos clássicos portugueses, dizendo que a obra seria melhor entendida pelo um público português do que pelo brasileiro.

Veríssimo afirma que Coelho Neto produzia obras inautênticas e subservientes à moda européia, “incapazes de darem conta do elemento nacional”³⁷, como mostra na análise da obra *Rei Negro*³⁸.

A opinião de Veríssimo sobre Coelho Neto oscila de um romance para o outro, assim como os próprios desníveis das obras do escritor em relação a qualidade delas. As produções de Coelho Neto são marcadas por irregularidade ou instabilidade formal; com isso, os juízos de Veríssimo variam de positivo a negativo segundo o caráter bem individual destas obras. Veríssimo, na análise da obra *Miragem*, conclui:

Creio, pois, não aventurar muito dizendo que o Sr. Coelho Neto será talvez dos novos escritores um dos poucos com quem as nossas letras, no gênero que ele cultivava, poderão contar.³⁹

Veríssimo, bem antes de Mario de Andrade colocá-lo de lado na fama de ilustres escritores, expôs certas restrições que já produziram as coordenadas críticas para o exame daquele romancista. E, em outro estudo sobre o escritor, encontramos o seguinte juízo:

³⁷ José Veríssimo. Romance Bárbaro. In: *Letras e Literatos*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1936, p. 161 e 162.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ José Veríssimo. *Estudos de Literatura Brasileira*. 1ª Série. Rio de Janeiro: Garnier, 1901, p. 244.

Por isso, a obra do Sr. Coelho Neto, sem embargo de ser um testemunho incontestável de peregrina capacidade literária, de rara força expressiva, não é, sinto ter de reconhecê-lo, a obra que os seus inegáveis dons prometiam.⁴⁰

Veríssimo critica o ritmo frenético das produções de Coelho Neto; a fertilidade ou a fecundidade das produções do maranhense acabaram por prejudicá-lo. Apesar disso, temos uma característica peculiar do escritor na composição das paisagens, sendo matizadas por certo idealismo, configurando-se mais um estado de alma do que uma simples observação, sendo esta característica apontada positivamente por este crítico.

Um outro texto de Veríssimo, essencial para compreendermos a recepção da obra do romancista por parte da crítica, é intitulado “O Sr. Coelho Neto”⁴¹. Neste artigo, encontraremos diversos apontamentos sobre os vícios da escrita coelhotiana, bem como sobre suas virtudes.

Primeiramente, ele aponta a notoriedade e as circunstâncias materiais e econômicas do maranhense, fazendo deste sucesso e da necessidade de sobreviver da própria escrita um perigo para a formação literária do escritor.

Na seqüência, um outro problema seria seu “ecletismo estético”, o qual Veríssimo atribuiu a “insinceridade artística”, pois o romancista faz uma miscelânea do romantismo, naturalismo, idealismo e simbolismo, tornando sua obra uma mistura incoerente.

Outros fatos seriam o helenismo obsessivo (uso de termos e personagens gregos) e o uso exagerado da fantasia; seus livros não mantêm correspondência com a realidade do interior do Brasil, sendo que na composição dos romances falta soluções de continuidade e falhas ou superfetações.

Veríssimo, neste ensaio, também diz que Coelho Neto apresenta, além da incongruência temática, um abuso da descrição e diálogos como exibicionismo de sua cultura

⁴⁰ José Veríssimo. *Últimos Estudos de Literatura Brasileira*. 7ª série. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. p.20.

⁴¹ José Veríssimo. O Sr. Coelho Netto. In: *Estudos de Literatura Brasileira*: 4ª série. Introdução de Letícia Malard. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977, p. 9-20.

livresca. No plano estilístico, notam-se vocabulário copioso com termos raros, rebuscados e obsoletos, tirados de um dicionário; no plano sintático, predomina o seu arcaísmo.

Em suma, encontramos nas análises de José Veríssimo uma série de reprovações em relação à produção de Coelho Neto; no entanto, ele também reconhecia alguns valores da obra deste escritor:

O estilo geral é o da crônica, ou do nosso antigo folhetim, luso-brasileiro, remodelado pela influência daquela espécie literária francesa. E nesse gênero, pelos seus dons de imaginação, de língua, de espírito, e de alta fantasia o Sr. Coelho Neto é um dos melhores escritores de nossa língua.⁴²

Continuando com esta questão de valorização ou desvalorização da obra coelhotiana, temos também os críticos Araripe Jr. e Nestor Vitor que, embora possuíssem um grande respeito e admiração pela pessoa de Coelho Neto, acabaram por não deixar despercebidos os principais defeitos da prosa do escritor.

Araripe Jr., em seu conhecido texto sobre o ano de 1893⁴³, censuraria a aproximação de Coelho Neto do decadismo francês, porque, segundo o crítico, isso não faria parte de uma cultura nossa, tendo em vista que não temos, como os europeus, raízes na Idade Média, nas antiguidades célticas e nos mistérios do Oriente; por isso, um escritor brasileiro não deveria abordar estes assuntos:

Para que o mal-assombramento pudesse nos impressionar seria necessário que antes de tudo envelhecêssemos. A demonologia, como o decadismo, não encontra na alegria americana elementos que possam favorecer a criação de uma fase estética sombria e tenebrosa.⁴⁴

Portanto, o problema ou equívoco de Coelho Neto, seria transplantar para os trópicos um tempo e uma cultura européia que não existiram aqui; isso desqualificaria novelas como *O Rei Fantasma* (1895) e os contos de *Praga* (1894).

⁴² José Veríssimo. Estudos de Literatura Brasileira. 6ª Série. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia; 1977, 123.

⁴³ T. A. Araripe Jr. O Movimento Literário do ano de 1893. In: *Obra Crítica*. Rio de Janeiro: MEC; Casa Rui Barbosa, 1963, p. 166 e 167, v. III.

⁴⁴ *Ibidem*.

Na seqüência, encontramos Araripe dizendo positivamente das tais obras e afirmando: “A imaginação de analista original não se acha mal colocada quando se põe a fabular na região do sobrenaturalismo patológico”⁴⁵. Com isso, percebe-se como Araripe oscila em valorizar a prosa ornamental de Coelho Neto ou apontar os equívocos cometidos.

Este traço ornamental seria destacado em estudo sobre a obra *Miragem*. O crítico, neste ensaio, apontaria a sensibilidade, a imaginação e o espírito observador do escritor maranhense. Em sua opinião, *Rapsódia*, livro de estréia de Coelho Neto, continha *todos os germens do futuro romancista* como disse Araripe. Vejamos o fragmento citado por ele:

Nas espessas noites sem luz, noites opacas, feitas para feriado das estrelas, restos de caos, lembranças da primitiva sombra, a Forma deixa o buril com que rendilha Athair, a igual ao sol, toma proporções titânicas e, como o tempo da gigantomaquia, põe-se a amontoar cirros sobre cirros, cúmulos sobre cúmulos. Vê-se, de quando em quando, o flamante cinzel do fúlmen desbastar uma nuvem, os ventos levam de roldão em roldão as ampolas escuras; ruge, estrepita, estronda a clarinada dos trovões longínquos, a uma concentração primeiro, súbito tudo explode num formidando embate ríspido – é a tormenta, a Forma épica da noite. Era por essas ocasiões que os guerreiros germânicos viam passar malhando com o camartelo, Thor, o aéreo, Thor, o deus das trovoadas, galgando nuvens, coma cabeleira, solta, rangendo os dentes e arrancando ao espaço, a cada martelada, fagulhas vermelhas de coriscos.⁴⁶

Fazendo uma leitura minuciosa neste fragmento, constataremos a presença de todos os vícios e defeitos contatados pela crítica como a grandiloqüência da descrição, escorada, como de costume, no adjetivo; as referências à mitologia germânica sem que o uso seja justificado ao longo da narração a recorrência da palavra Forma, grafada com maiúscula, como personificação e obsessão por um tipo de escrita que se satisfaz com a autonomização do significante.

Em *Miragem*, o autor será mais realista, usando o meio e fatos marcantes da sociedade para compor sua obra, diferentemente de *Rapsódias*, a qual o romancista aventura-se no desconhecido e dá asas a sua imaginação. Araripe diz sobre *Miragem*:

⁴⁵ Ibidem, p. 168.

⁴⁶ H. M. Coelho Netto. *Rapsódias*, apud Araripe Jr, T. de A. *Miragem*. In: Araripe Jr, T. de A. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Mec; Casa Rui Barbosa, 1970, p. 260. v. V.

O romance de Coelho Neto é tristonho e causa hipocondria. A vida do seu principal personagem mergulha numa atmosfera de profunda melancolia e de recônditas saudades. Todavia, se o que se refere ao homem ou à alma em luta com a própria fragilidade ressentir-se da tristeza, não sucede o mesmo com a paisagem e com a vida externa à família do vassourense. [...] O estilo de Coelho Neto progride dia a dia. A *Miragem* é uma prova disto; e se defeitos existem nesse romance, são eles ainda produto do calor excessivo que o escritor põe na composição, e da opulência mal regrada da sua imaginação e da sua sensibilidade.⁴⁷

Como visto, neste ensaio de Araripe temos indiretamente um elogio à obra *Rapsódia*, mas, conforme o texto se desenvolve, encontramos opiniões que corroboram as de outros críticos quanto a Coelho Neto não possuir definição em seu estilo de escrita.

Adolfo Caminha, com seu estudo já citado sobre *A Capital Federal*, valorizava o estilo sóbrio e simples deste romance, contrariando, por exemplo, a opinião de Araripe Jr sobre *Rapsódias* em relação às potencialidades artísticas do escritor.

Outro crítico que escreveu sobre Coelho Neto em tom elogioso e tentou, em algumas passagens sugestivas, refletir sobre o lugar de Coelho Neto naquele momento da literatura brasileira foi Nestor Vitor. Em um artigo intitulado “Trevã”⁴⁸ (1906). Nestor Vitor atribuiu a Coelho Neto a qualidade de fotógrafo da vida carioca do final do século, como mostra este trecho:

Seu cérebro é como um excelente *Kodack*: por onde passa os olhos, vai automaticamente tomando clichês que lhe ficam para sempre, nítidos e fixos, como platinotípias, na memória. [...] vê-se de seus livros que a vida nacional não tem segredos para ele. Conhece o sertão e a alma do sertanejo como conhecerá Botafogo, mais a fauna literata e política da Rua do Ouvidor.⁴⁹

O que garantiu um destaque na história e na crítica literária daquele momento para Coelho Neto no final do século XIX foi seu traço documental. Um destaque não imune de falhas como Nestor Vitor apontaria logo na seqüência daquele mesmo ensaio, dizendo que havia irregularidade na obra literária deste escritor devido ao tom de galhofa de muitos

⁴⁷ Ibidem, p. 267.

⁴⁸ Nestor Vitor. Trevã. – Por Coelho Netto. In: *Obra Crítica*. Rio de Janeiro: Mec; Casa Rui Barbosa, 1969, p. 374 - 378. v. I.

⁴⁹ Ibidem, p. 374.

romances que comprometia a ação das personagens no teatro, os personagens carecem de humanidade, sofrem de uma idealização excessiva, tornando-se artificiais.

Um dos artigos mais polêmicos que encontramos sobre Coelho Neto pertence a Lima Barreto e chama-se “Histrião ou Literato”⁵⁰, nesta produção temos a explícita aversão dele pelo maranhense através da seguinte afirmação: “O Senhor Coelho Neto é o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual”⁵¹. E em seguida continuaria: “Sem visão da nossa vida, sem simpatia por ela, sem vigor de estudos, sem um critério filosófico ou social seguro, o Senhor Neto transformou toda a arte de escrever em pura “chinoiserie” de estilo e fraseado”.

Estas afirmações de Lima Barreto pouco acrescentariam à polêmica discutida antes por outros críticos, mas este pouco de Lima seria suficiente, pois combateu Coelho Neto diretamente na literatura brasileira.

Para contrapor todas estas polêmicas citadas, temos um ensaísta da geração atual, Carlos David que, sessenta anos depois, manifesta surpresa ante o “terrível engano” que cerca o escritor maranhense:

Há um Coelho Neto bem mais simples, menos preocupado em armar efeito, mais próximo do que em arte se entende por natural, e este vale a pena trazermos para as nossas culturas e cogitações. *Miragem, Turbilhão, O Morto, Inverno em Flor*, eis a obra de Coelho Neto, depurado, segundo o gosto de Brito Broca. Para Lúcia Miguel Pereira: *A Conquista, O Morto, Miragem*, alguns contos de *Banzo, Treva e Sertão*. Um leitor cheio de preconceitos ficará surpreso desde primeiras linhas de *O morto*, quase sussurradas, de tão discreta a narrativa. O Coelho Neto verboso, o amante das descrições fogosas, o fantasista de imagens pouco espontâneas e rebuscadas em excesso [...] cede aqui lugar ao escritor disciplinado, sereno, ao ironista sutil.⁵²

Carlos David transcreve um dos trechos iniciais de *O Morto* que é, aliás, como todo o livro, um modelo de narrativa simples, fluente e objetiva, revelando uma sobriedade do

⁵⁰ Lima Barreto. Histrião e Literato. In: *Impressões de Leitura*. 2ª edição, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1961, p. 188-191.

⁵¹ *Ibidem*, p. 189.

⁵² COELHO NETO, Carlos David.; sim. (in *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 7 fevereiro, 1954.

escritor neste modo. *O Morto* vale, na verdade, como convite por demais atraente a uma aproximação de Coelho Neto, aquele que conseguiu sobrepassar a todos os excessos da mais errônea concepção estética da arte literária e afirmar-se como um escritor autêntico, lúcido e plástico, com grande registros de emoções e acontecimentos paralelos à vida de suas personagens. Em *Prosa e Ficção*, Lúcia Miguel Pereira trata Coelho Neto com indisfarçável severidade:

O Morto, por exemplo, é, em seu gênero, uma novela interessante, uma crônica romanceada, sugestiva e alerta, escrita de modo simples. Talvez por isso ressaltem melhor as imagens, em regra felizes. De seu professor, um francês desesperado com a guerra de 1870, diz o narrador que as lágrimas lhe escorriam “pela face velha como gotas de chuva por uma muralha em ruínas”. Na cena da morte do pai, evoca o padrinho penetrando no quarto, “devagarinho, como quem vai surpreender um crime”. Tudo isso é bom, e de escritor seguro, do escritor que teria sido sempre Coelho Neto, se houvesse resistido às tentações a que o induzia o seu amor pelas palavras. E as personagens, não só deste livro, como de *Miragem*, agem e falam com naturalidade, a provarem que o verdadeiro caminho do seu autor seria o habitual cotidianismo da ficção brasileira.⁵³

Contudo, devemos lembrar que não é só nestes livros que Coelho Neto aparece depurado e correntio; também podemos encontrar simplicidade em *Turbilhão*, *A Conquista*, *Sertão* e *Treva*, com exceção de uma ou outra página ainda sobrecarregada de ornatos; já não podemos dizer o mesmo de *Rei Negro* e *Fogo Fátuo*. Sintetizando as atividades intelectuais produzidas por Coelho Neto, podemos citar seu filho Paulo:

Ele bordou o romance, o conto, a novela, o drama, a comédia, o sainete, a crítica, a história, a poesia, o episódio lírico, o poema dramático, a pastoral, a alegoria, a conferência, a fábula, o apólogo, a crônica, a paráfrase, a narrativa de viagem, a reportagem, a nota humorística, o artigo doutrinário de jornal, o artigo de polêmica e o discurso parlamentar.⁵⁴

Sendo um escritor desta grandeza, como pensarmos a classificação de suas obras na literatura brasileira? Péricles Morais diz, com seguro juízo crítico, que Coelho Neto é:

⁵³ Lúcia Miguel Pereira. *Prosa e Ficção (De 1870 a 1920)*. Rio de Janeiro, José Olímpio Editora, 1950, p. 264 - 265.

⁵⁴ Paulo Coelho Netto. *Coelho Netto*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1942, p. 131.

Naturalista impregnado de romantismo, romântico de transição, ou melhor, realista com ilustrações românticas atraído pelo naturalismo, tendo passado por Gautier, Flaubert, Saint-Victor, entrecruzando-se com Zola, Maupassant, os Goncourt, Eça e, da mesma sorte, alcançando Chateaubriand, Hugo e Michelet, a sua individualidade literária resulta da combinação de influências inteiramente divergentes que se exerceram no escritor pela mesma forma e com a mesma intensidade. A sua literatura confunde todos os gêneros e, paradoxalmente, conserva a unidade em tão vasta multiplicidade.⁵⁵

Tratando do mesmo aspecto da sua personalidade, Gilberto Amado acrescentaria as seguintes considerações que bem completam o conceito anterior:

Completamente brasileiro no seu feitio, na sua formação no seu espírito e no seu sentimento, o Sr Coelho Neto deixou-se no entanto impressionar nas diversas fases da sua existência de escritor pelas várias escolas literárias que aqui têm influído, o romantismo, o simbolismo, o naturalismo. Por mais que tentasse imitar, porém, sempre lhe saíam os seus livros caracteristicamente pessoais, pois os seus processos e a sua imaginação são demasiado características para sofrerem completa deturpação das influências.⁵⁶

Para José Maria Belo “é um romântico retardado, que exigiria classificação especial,”⁵⁷ acrescentando, noutra de seus ensaios, que ele foi essencialmente:

Um escritor de imaginação e palavra. Verbalista e auditivo sobre todas as coisas. Fantasia e eloquência, eis as características da sua personalidade artística. Neste aspecto, ninguém lhe contesta a primazia no Brasil. Salva-se-lhe e eleva-se-lhe a prosa pela sonoridade musical e, não raro, por certo sopro trágico, que lhe empresta à obra tons singulares de epopéia. Ele pertence, à parte naturalmente grandes divergências específicas, ao gênero literário de Rui Barbosa, que é em suma, o mesmo de Cícero, de Boussuet, de Chateaubriand, de Alexandre Herculano, de Latino Coelho e de Euclides da Cunha. Não podemos exigir dessa gente virtudes de psicólogos, de síntese, de ironia sutil e de paisagistas reais. Vivem no seu mundo de sons.⁵⁸

⁵⁵ Péricles Moraes. *Coelho Netto e sua obra*. Pôrto: Livraria Chardron, 1928, p. 259-260.

⁵⁶ Gilberto Amado. A literatura Brasileira. In: *A dança sobre o abismo*. Rio de Janeiro: Ariel Editora, 1936, p. 667.

⁵⁷ José Maria Belo. *Inteligência do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935, p. 242.

⁵⁸ José Maria Belo. *Imagens de ontem e de Hoje*. Rio de Janeiro: Ariel Editora, 1936, p. 73 - 74.

Citando novamente José Veríssimo, temos um comentário bem importante dele; o crítico se refere a Coelho Neto com uma severidade que parece revelar má vontade extrema. É assim, por exemplo, que, em um longo estudo sobre *Tormenta*, no qual o escritor maranhense é tratado com um rigor inflexível, ele se pronuncia sobre determinado aspecto da sua personalidade:

Romântico e profundamente romântico – que o romantismo é a dominante do seu temperamento literário – naturalista, realista e idealista há um tempo, e por último simbolista (veja *Romanceiro, Pelo Amor, Saldunes e Passim*), sente-se que esta mistura incoerente de tendências não é nele o resultado do ecletismo contemporâneo, mas antes o efeito de um engenho que se compraz em experimentar-se em modos e gêneros diversos. Esta versatilidade estética pode ser, e eu receio muito que seja, um sintoma de insinceridade artística [...] Um crítico nosso, o Sr. Araripe Júnior, chamou o Sr. Coelho Neto de “um assombrado”; eu chamar-lhe-ia “um complicado”, se pudesse dar em uma palavra a impressão que tenho do seu talento. Mas um complicado que não fosse complexo, porque afinal me parece que a complicação do gênio do Sr. Coelho Neto é toda exterior, de superfície, e para dizer todo o meu pensamento, de vontade. Uma complicação toda literária, sem nenhuma, ou quase nenhuma complexidade interior.⁵⁹

No ecletismo universalista, capítulo de *Evolução da Literatura Brasileira*, Silvio Romero considera que Coelho Neto “tem produzido abundantemente todos os gêneros”.⁶⁰ Desta fecundidade extrema, em 1894, comentou Adolfo Caminha:

Seus processos variam constantemente, em consequência, talvez, de sua índole versátil e impaciente, que não sabe manter-se numa mesma convicção, num mesmo princípio. Sôfrego, irrequieto, dedicando-se com amor às letras, Coelho Neto não encontrou ainda a forma definitiva em que deve cristalizar suas impressões de artista imaginoso e fecundo.⁶¹

No começo do século, um crítico polemista, o contundente Frota Pessoa, dizia por sua vez:

Imaginação prodigiosa, se bem que excessiva e desordenada, estilo rutilante, pletórico, ele aparecia predestinado a fixar no romance brasileiro uma língua harmoniosa e rica, quando se desvencilhasse da preocupação do precioso, do raro orientalesco, da superabundância de imagens coloridas em excesso, quando se tornasse enfim um sóbrio, um simples.⁶²

⁵⁹ José Veríssimo. *Estudos de Literatura Brasileira*. Vol 4. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1910, p.12.

⁶⁰ Silvio Romero. *Evolução da Literatura Brasileira (Vista Sintética)*. Campanha, 1905, p. 71.

⁶¹ Adolfo Caminha. Coelho Neto. In: *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro: Aldina, 1895, p.60.

⁶² Frota Pessoa. *Crítica e Polêmica*. Rio de Janeiro, Editora Artur Gurgulin, 1901, p. 72 - 73.

A campanha de negação sistemática da obra literária de Coelho Neto por parte dos modernistas, sem qualquer preocupação de sua revisão, foi muito bem analisada por Brito Broca, ao fixar, justamente, com inteira isenção e objetividade, as características dos seus principais romances:

A hostilidade que Coelho Neto vem encontrando nas gerações novas, de 1922 para cá, resulta, em grande parte, do fato de elas lhe desconhecem a obra ou conhecerem-na de maneira bastante falha. [...] Muita opinião sobre Coelho Neto poderia resumir-se na já famosa *boutade* de Oswald de Andrade: “Não li e não gostei”. Sei, porém, de algumas pessoas cultas e escrupulosas, incapazes de julgamento apressado e pretensioso, que, em conversa comigo, têm confessado não conhecer o que há de melhor em Coelho Neto.⁶³

Brito Broca continua seu texto mostrando como certas pessoas, sem conhecer totalmente o escritor, se punham a criticar o maranhense e colocavam-no num patamar inferior da literatura brasileira, como fez a Sra. Lúcia Miguel Pereira e o Sr. Fernando de Azevedo:

Num livro tão sério como a *História da Literatura Brasileira – Prosa de Ficção*, da Sra. Lúcia Miguel Pereira, o veredicto sobre o romancista não comportou, por exemplo, a menor referência ao *Turbilhão*, indiscutivelmente uma das obras mais felizes, se não a mais feliz do fecundo escritor. E se quiserem outro exemplo, este tão frisante quanto pitoresco, aqui temos o de um alto espírito, o Sr. Fernando de Azevedo. Num estudo do livro *Ensaíos*, dedicado a Coelho Neto, estudo longo, *fouillé*, em que pretendeu acentuar-lhe as linhas mais características da obra, encontramos à página 184, este trecho: “O gosto pelas lendas e pelo fantástico (como em *O Morto*, *memórias de um fuzilado*) tinha de levar esse sonâmbulo do passado às inquietações metafísicas, em que hoje se lhe debate a inteligência”. Ora, quem conhece *O Morto* – aliás um dos romances mais vulgarizados de Coelho Neto – bem sabe que aí nada traduz o gosto pelas lendas e pelo fantástico; o Sr. Fernando de Azevedo evidentemente não havia lido o livro na época em que escreveu o artigo e foi numa pista falsa, guiando-se pelo título, que figura, no caso, com intenção satírica.⁶⁴

⁶³ Brito Broca. Coelho Netto, Romancista. In: *O Romance Brasileiro*. De 1752 a 1930. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952, p. 224.

⁶⁴ Brito Broca. Coelho Netto, Romancista. In: *O Romance Brasileiro*. De 1752 a 1930. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1952, p. 223.

A primeira voz ponderável a seu favor, partido de um escritor da responsabilidade como Otávio de Faria, determinou uma considerável mudança da crítica a seu respeito, embora não levando ainda em conta um conjunto maior das suas obras mais significativas.

A Lúcia Miguel Pereira, por exemplo, já se deve um dos julgamentos mais argutos sobre certos aspectos de alguns dos seus romances, não obstante a causticidade da maior parte do seu julgamento.

O citado ensaio de Brito Broca é dos mais compreensivos e informados. Quanto a Otávio Faria é verdade que em muitas ocasiões se deixa levar mais por uma certa tendência apologética, de que não necessitaria para firmar pontos de vista de tanta agudeza como quando assinala que:

Coelho Neto tem mais “raízes” na nossa literatura do que Machado de Assis. Do mesmo modo que Camilo tem “raízes” maiores na literatura portuguesa do que Eça de Queirós. Não que Camilo seja mais “português” do que Eça, ou Machado menos “brasileiro” do que Coelho Neto. Como Camilo, Coelho Neto está mais perto das fontes da literatura portuguesa, melhor ligado ao que há de mais puro na tradição portuguesa. Muito mais voltados para a França e para a Inglaterra, Eça e Machado têm menos pureza filológica e, ideologicamente, estão impregnados de “seduções estrangeiras”. Diante do ceticismo afrancesado de um ou do humorismo britânico do outro, os humanismos de um Camilo ou de um Coelho Neto surgem como produtos genuinamente portugueses ou brasileiros. Por entre as frestas de suas visões do mundo divisamos vultos que falam à língua que eles falam e representam a mesma tradição nacional. E é isso que me parece lhes conferir mais autoridade, mais autenticidade – “melhores raízes” – como fontes de nossa literatura, sem com isso querer diminuir, nem de longe, o valor intrínseco que um Machado ou um Eça têm.⁶⁵

De certo modo, vemos assim que estão sendo atendidas aquelas nobres palavras de Humberto de Campos, quando sobre Coelho Neto dizia num estudo que lhe consagrou:

O Sr. Coelho Neto não é, em verdade, apenas um escritor: é uma literatura. O estilista maneiroso, alinhador de períodos elegantes, é, não raro, fruto da paciência, do estudo, da tenacidade; o espírito criador, que tira do caos um mundo, esse, não se inventa, nem se imita. Decalca-se um estilo: uma

⁶⁵ Jornal de Letras. Rio de Janeiro, n. 3, setembro, 1949.

imaginação, jamais. A matéria-prima para esta, fornece-a Deus. Este João Batista espalha no Deserto, onde a não compreendem nem ouvem, uma centelha do fogo divino. Respeitem-no, pois, os que não quiserem admirá-lo.⁶⁶

Não tem outro sentido o que se procurou fazer nestas páginas, onde, no entanto, a admiração pelo grande escritor não é menor do que o respeito que lhe é devido. É de confiar, assim, que a seleção dos críticos variou entre elogios e críticas de suas dezenas de obras.

Outro fato a levar em conta é que para o crítico do século XX interessava mais conhecer a biografia, a rotina diária do escritor, suas excentricidades, seus gostos estéticos, os lugares que habitualmente freqüentava do que a qualidade formal de sua obra.

Sendo a crítica um reclamo; o público, um consumidor; o escritor, um produtor de mercadorias, contata-se a intermediação entre o público e a obra na sua duplicação de valor, pois a crítica também recebia a tarefa de medir o valor da mercadoria em função do sucesso tido junto ao público. Lima Barreto dirá em uma de suas crônicas que a qualidade da obra de Coelho Neto deve-se à boa propaganda em torno do seu nome.

Coelho Neto foi um dos maiores nomes da literatura brasileira de todos os tempos; alguns dizem que ele se perdeu por ter produzido muitas obras, outros pela sua falta de nacionalismo, já que o modernismo o condenou como representante típico do passadismo, acusando de afetação, palavreado rebuscado e enfático, abuso de termos incomuns, prolixidade e helenismo. Mais tarde sua obra sofreu uma revisão e foi novamente julgada. Mas, infelizmente, ficou a insígnia ruim sobre Coelho Neto, que chega até nossos tempos. Ele deveria ser mais bem estudado em sua grandeza e em todos os gêneros para romper com este distintivo injusto que ele carrega.

⁶⁶ Humberto Campos. *Crítica*. 1ª série, Rio de Janeiro, José Olímpio, Editora, 1940, p. 69.

CAPÍTULO III
A CIDADE DO RIO DE JANEIRO CONTADA POR COELHO NETO NA COLUNA
DE CRÔNICAS “FAGULHAS”

3. A CIDADE DO RIO DE JANEIRO CONTADA POR COELHO NETO NA COLUNA DE CRÔNICAS “FAGULHAS”

3.1. TEMPO DE MUDANÇA

As crônicas aqui apresentadas têm como assunto o Rio de Janeiro e, como tema, os mais variados. Sendo assim, as crônicas se tornam muito interessantes para entender melhor o período vivido pelo escritor e a forma por que ele tratava as questões de seu tempo.

No período de 1897 a 1899, podemos notar grande efervescência em relação à história do Brasil, pois a economia se tornou global. Para entender um pouco melhor do que se passava neste período, vale lembrar que, a partir de 1870, tivemos a chamada Segunda Revolução Industrial ou também intitulada Revolução Científico-Tecnológica, por meio da qual ocorreu uma grande mudança em relação a descobertas científicas, que possibilitaram o desenvolvimento da eletricidade e a possibilidade de novos campos como a metalurgia.

O ritmo frenético de descobertas chegava a ser perturbador na vida nas pessoas, já que em pouco tempo tivemos, também, o desenvolvimento da microbiologia, da bacteriologia, da bioquímica, da farmacologia, da medicina, da higiene e da profilaxia, melhorando a vida da população.

Tais fatos, além de favorecerem uma rápida transformação no país nos níveis social, político e econômico, também proporcionaram amplas mudanças culturais, alterando o cotidiano das pessoas e, modificando os hábitos e os costumes tradicionais.

Tudo fazia aumentar o desejo de remodelar o Rio de Janeiro, torná-lo “civilizado” segundo os modelos europeus, principalmente o francês.

Com isso, a cidade se torna alvo da nova ordem e tema das manifestações culturais e artísticas, tendo em vista que é nela onde se desenvolveu a construção da modernidade ou a realização da vida moderna.

Para isso, foram feitos alguns investimentos na cidade na tentativa de modernização ou mesmo europeização como forma de superar o atraso colonial, já que a cidade estava, do ponto de vista da elite cosmopolita, uma vergonha, sendo feia, imunda, perigosa e caótica. Toda esta desorganização afastava os estrangeiros e atrasava também o comércio.

Assim, no final do século XIX, iniciava-se a tentativa de mudar a qualquer custo o passado colonial e monárquico para o contentamento da elite, já que seria ela a maior beneficiadora destes acontecimentos

Por isso, Coelho Neto escreveu com tanto vigor sobre o Rio de Janeiro, numa tentativa de reorganizar, pedir melhorias, alertando tanto o governo como os leitores para as mazelas ou mesmo benfeitorias ocorridas naquele período

Assim fez Coelho Neto em suas crônicas, com as quais pretendia retratar vários pontos da cidade carioca que estava abandonada pelo governo; o cronista chamava a atenção dos cariocas para os problemas da cidade.

3.2. MAZELAS E BENFEITORIAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

As crônicas analisadas neste tópico tomam como assunto o Rio de Janeiro, do qual Coelho Neto irá denunciar o abandono das ruas, das casas, dos monumentos históricos, dentre outros logradouros.

Sabemos que crônica e romance são gêneros bem diferentes e que, provavelmente, os principais traços do autor se preservam em toda sua escrita. Tentaremos, aqui, apontar as características mais marcantes de Coelho Neto como cronista que se difere do que foi dito a

respeito do romancista, que seria retórico, verboso, descritivo e muito helênico, dentre muitas outras características.

Nestas crônicas, poderemos observar como Coelho prezava o bom uso da palavra e fez de seu texto um discurso político, declamador e muito eloquente sobre fatos corriqueiros da cidade carioca.

O assunto são os jardins da cidade, também conhecidos como “logradouros públicos”. Como uma das características primordiais da crônica é o humor, Coelho Neto brinca com a palavra logradouro, que a princípio imaginamos possuir o sentido de “espaço livre, destinado à circulação pública de veículos e de pedestres, e reconhecido pela municipalidade”⁶⁷. Na verdade, entretanto, ele está brincando com o duplo sentido da palavra logradouro, que vincula ao verbo *lograr*, que significa enganar.

A cidade carioca foi, aos poucos, sendo reformada e os jardins foram um dos primeiros patrimônios públicos a serem restaurados para a população; Coelho Neto, a fim de chamar a atenção do povo para o novo ambiente, escreve uma crônica com o intuito de criar o hábito da circulação nestes logradouros.

Para isso, fixa a função do jardim, e para que e quem ele serve, sempre elucidando um bom motivo para convencer os cariocas sobre o bom uso do lugar, então, chama a atenção do operário, que acorda cedo, logo, o jardim seria um bom lugar para se descansar, também seria um bom lugar para as crianças jogarem bola, correr, andar de bicicleta, ou mesmo para os velhos lerem seus jornais sossegados. Em tom declamador, Coelho aponta que:

Os jardins foram feitos para os que não têm jardins – esta foi a intenção do governo quando mandou abrir vallas e encher fontes d’água, quando mandou relvar taboleiros, levantar cascatas, plantar arvores e arbustos, espalhar aos casaes aves aquáticas – foi esta a intenção do governo... mas de intenções está o inferno cheio, ellas são os paralelepipedos do Orco.⁶⁸

⁶⁷ *Novo Dicionário Aurélio* (Versão 3.0). Editora Nova Fronteira, s/d.

⁶⁸ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1897. p.1, 7. col.

Com a frase “paralelepípedos do Orco” (região dos mortos, inferno) o cronista refere-se ao calor tropical da cidade do Rio de Janeiro, da que seria comparável ao calor do inferno; para remediar isso, sugere a construção de toldos em alguns lugares do jardim.

E tudo isso porque os jardins foram feitos para o sol. [...] ninguém, por mais amor que tenha as plantas, por mais amor que tenha as águas, ousará affrontar uma soalheira abrasadora para regalar os pulmões com o bafo de forno e deliciar as pupilas com espectáculo mífico da refração. Não; para as soalheiras era melhor que, em vez dos jardins chamados logradouros, o governo mandasse simplesmente fazer ... toldos.⁶⁹

Outra razão para o empregado termo “Orco” usado nesta crônica, seria por causa dos portões dos jardins estarem sempre fechados, permitindo associação com o portão de passagem para o inferno como diz a lenda, sendo esta referência à mitologia outra característica relevante de Coelho.

É importante ressaltar que a crônica nem sempre é tão despretensiosa como no caso desta, pois, embora use uma temática circunstancial, o escritor tenta, por meio dela, “ensinar” aos seus leitores novos costumes, como o de freqüentar o jardim. Já que o Rio de Janeiro estava passando por algumas mudanças de reforma estrutural, o jardim era um objeto de decoração e orgulho da cidade. Mesmo depois de toda a transformação, considerada uma vitória, era um absurdo não ter transeuntes neste lugar, já que estava tão bem arrumado. A descrição que Coelho Neto faz do jardim lembra os moldes dos jardins europeus tão copiados pelos paisagistas fluminenses para a cidade tropical.

Dando continuidade ao tema jardim, mas com foco no que há nele, na crônica datada de 29 de agosto de 1897, Coelho Neto enaltece com grande louvor a estátua do José de Alencar, que nos deixou a obra *Iracema* e que representou a pátria com tanto brilho. A estátua veio como presente e, no dia da inauguração, fizeram uma grande cerimônia com presença do prefeito, que se comprometeu a zelar pelo monumento.

Passado algum tempo, a estátua estava esquecida, e o cronista, observador do que nos parece corriqueiro e estabelecido, protesta contra os intendentess da cidade, que deveriam

⁶⁹ Ibidem.

tomar conta da estátua e pôr uma grade e luzes em torno dela. Afrontando os governantes, Coelho diz que se, ao invés de um intelectual das letras, Alencar fosse um intendente (vereador), certamente estaria muito bem cuidado.

Coelho Neto é ardiloso em seu pronunciamento, pois, ao chamar a atenção dos governantes de forma dura para o abandono do monumento público, devolve toda essa culpa da irresponsabilidade ao povo, que também deveria cuidar das suas estátuas se as venera, porque os intendentes estão ocupados demais pensando em outras coisas como eleições, descalçamentos, lixo, prédios que desabam; eles não têm tempo para cuidar de simples monumentos, pois já fizeram muito cedendo o terreno.

Podemos considerar esta crônica uma fagulha, que em seu tempo deve ter incendiado tanto a opinião do povo carioca quanto a dos governantes do momento, já que Coelho Neto provoca os dois lados, fazendo o povo pensar na situação da cidade, que estava um caos, totalmente abandonada, ao mesmo tempo que dirige-se também aos governantes, dos quais exige pensar com mais cuidado na cidade e não apenas nas eleições.

Com olhar de fotógrafo, Coelho Neto se envolvia nas causas sociais e na melhoria de sua cidade, seja nos costumes do povo ou mesmo na estrutura cidadina; entretanto, um toque marcante em sua obra é devido às influências externas que, por muitas vezes, o desqualificaram, já que seu gosto estava sempre voltado ao requinte da cultura européia, que naquele período representava o molde civilizado a ser seguido.

Patriotismo à parte, que não será o mote trecho do texto, e sim as mazelas ou benfeitorias, temos aqui um escritor que retrata a cidade do Rio de Janeiro pelas pessoas desonestas que ali habitavam.

Com muitos adjetivos, na crônica datada de 5 de dezembro de 1897, nosso escritor trata da rua do Ouvidor como um lugar de prestígio, centro da cidade, onde se reuniam os boêmios e a elite carioca. Para isso, conta sobre a rua, como se a descrevesse para um livro, mencionando os mendigos, “cegos de olho vivo”, e as crianças que pediam esmolas alegando que os pais estavam “no fundo de uma cama, entrevados”, quando, na verdade, estavam esperando que os filhos voltassem para casa com dinheiro.

Compara a descurada cidade carioca com a cidade de Londres e afirma que os fluminenses são caridosos; entretanto, em sua opinião, o que estava acontecendo era um estelionato, pois aqueles criminosos exploravam crianças, muitas vezes enfermas, e a piedade do povo, tudo isto causava muita indignação.

Coelho Neto retrata o painel da sociedade daquele tempo, que ainda se parece muito com o nosso, o que prova que, embora a crônica seja um relato breve de um momento circunscrito num tempo, ela pode perdurar e ainda continuar congruente com o que acontece hoje em dia.

Coelho Neto foi apontado por críticos como escritor com certas incoerências temáticas, mas na crônica isso é inevitável. Era comum tratar de vários assuntos na mesma coluna, os quais, às vezes, eram separados por um espaço entre as linhas. Muitas vezes um assunto vinha unido ao assunto anterior, como acontece nesta crônica que parte do tema mendicância para adultério.

Sem espaço e aparentemente sem coesão, Coelho Neto, na mesma crônica, muda de assunto, trata de uma mulher que arranjou um amante por achar que o marido teria morrido. Considerando-se viúva, entregou-se aos braços de um sargento, quando, de surpresa, apareceu o marido. Ela, “preferindo a morte à vergonha, – cravou uma faca no ventre”. Coelho Neto, narra essa história para dizer que foi mais uma morte resultante da guerra de Canudos e que este caso de amor só poderia ser relatado por Brantôme.

Pierre Brantôme, militar, participou de várias guerras importantes e foi um escritor francês conhecido por suas aventuras amorosas e por seu gosto pelo risco. Sempre envolvido em intrigas amorosas, teve relacionamentos com importantes damas da corte; sua obra tem como característica a atração por mulheres, das quais fala de modo muito apaixonante. Coelho Neto gosta de citar nomes ilustres da literatura para compor suas crônicas e textos em geral, mostrando grande conhecimento literário, como foi o caso desta crônica.

Neste fragmento, também podemos observar a linha tênue que separa a crônica do conto, já que a história de adultério teve enredo, personagens, clímax e conclusão.

A cidade do Rio de Janeiro era vista com olhos de águia, já que tudo era visualizado e captado com grande efervescência nas palavras do escritor arguto em prol da melhoria de todos.

Um artefato importantíssimo e que estava passando por despautérios, era o gás, que estava caríssimo, pois era escasso. Coelho Neto inicia sua crônica de 24 de dezembro de 1897, discursando sobre a falta de gás, pois as luzes andavam muito fracas; em seguida, narra uma história elucidando o que acontecia por causa disso.

De forma irônica, conta que um homem, ao andar numa das ruas mais servidas de luminárias da cidade, bate com a cabeça num poste e, achando que fosse algum malfeitor, tenta se defender batendo com uma bengala neste poste; no entanto, acendendo um fósforo, viu que era um lampião que estava no caminho e foi embora pasmo.

Imaginativo e realista, Coelho Neto, muitas vezes agressivo, trata tanto das ruas como das casas sem iluminação ou com iluminação fraca e, já que a Societé Anonyme⁷⁰ não dá conta da iluminação, que é caríssima, deveria colocar outros meios para clarear a cidade como lamparinas, candeias, sendo a iluminação um direito do povo, que paga caro por ela.

Podemos reunir estas crônicas em um acervo histórico no qual se revelam os sofrimentos impostos ao povo por governantes relapsos. Embora boa parte de suas crônicas sejam constituídas de narrativas, bem parecidas com conto, encontramos um ironista sutil e analista do momento.

Conservando a associação entre o documental e o ficcional, a crônica de 21 de setembro de 1897, narra, de forma muito interessante, uma tentativa de assalto na casa do professor Alfredo Bevilaqua, amigo de Coelho Neto. A história se resume na tentativa de gatunos de invadir a casa do professor dando golpes de machado na porta; o barulho acordou a criada que logo chamou a todos; percebendo a movimentação, os ladrões fugiram. Ao mencionar sobre a movimentação na rua por causa do fato, observa que não havia um policial à disposição para averiguar o ocorrido.

⁷⁰ Empresa belga fornecedora de gás que tinha contrato de exclusividade com o governo brasileiro para a iluminação a gás por eletricidade do Rio de Janeiro.

Entre os manifestantes, devo aqui registrar, não havia um soldado de polícia; também não podem ser ubíquos, sejamos cordatos: como há de a polícia varejar as casas e guardar a cidade? ou bem varejeira ou bem vigilante.⁷¹

Expondo que os policiais não dão conta de cuidar da cidade, o cronista continua a narrar à história que se desenvolve no outro dia. Batendo na porta, não um policial, mas uma criança pede para que a criada devolva o machado esquecido no dia anterior, pois faz falta na casa dela. Ela não concorda, e a criança vai embora triste.

O texto é interessante, seus personagens são poucos densos, pois se trata de uma crônica. Mas nela denuncia-se como os gatunos andavam atrevidos e sem medo da polícia local, subentendendo-se que o serviço de segurança pública estava inoperante; mesmo assim, Coelho Neto pede calma à população.

Coelho Neto ouve a população ou mesmo repara no que andam passando os cariocas como mostra nesta crônica do dia 2 de outubro de 1897. Sua indignação é sobre o trabalho sem folga dos balconistas.

A descrição que Coelho Neto faz destes trabalhadores é incrível; podemos visualizar o sacrifício deles, ficando noites sem dormir, saindo de casa de sol a sol deixando pra trás suas crianças e a lembrança de um tempo que era melhor.

Esta crônica é tão intensa que nos sensibilizamos demais com o modo por que Coelho trata o assunto; ele percebia que os balconistas trabalhavam como se fossem presidiários, sem dia de folga; com isso o serviço era ruim, pois eles estavam sempre tristes. Aconteceria diferente se ganhassem um dia de folga, no domingo, por exemplo, quando quase não havia compradores.

A melancolia primava em boa parte dos romances de Coelho Neto e podemos constatar isso também nesta crônica, onde os funcionários são melancólicos, vivem tristes, mas, se tivessem um dia de liberdade, esta tristeza aos poucos passaria; com ela as doenças iriam embora e eles desejariam ir com mais gosto ao trabalho

⁷¹ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1897. p.1, 7. col.

Para situar melhor sua linha de pensamento ele toma como exemplo outras funções como a dos operários, dos mineiros e até mesmo dos galés (condenados); todos descansam; até o Senhor deu aos homens o sétimo dia de descanso.

Agora, que a vida é mais intensa, nem mesmo esse dia sagrado é concedido aos que labutam e queixemo-nos da tristeza do povo... mas como póde ser alegre um povo de encarcerados? Deixai que saiam os emparedados – só elles, os infatigáveis labutadores, não tem um dia com que possam contar.⁷²

Pede encarecidamente à Associação dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro, criada em 1880, que solicite a ‘liberdade’ de seus funcionários nos domingos e feriados. E clama à intendência para que resolva logo este assunto; pede aos intendentes que sejam humanos e finaliza dizendo: “Estou certo de que a Intendência há de resolver de accordo com a justiça”⁷³.

Esta foi mais uma crônica com a qual Coelho Neto se mostra preocupado com as causas sociais e pede mudança, recorrendo tanto à Associação dos Empregados como à Intendência para que percebam este fato. Também é uma forma de orientar a população sobre as injustiças por que estão passando os balconistas.

Nosso “Príncipe dos Prosadores Brasileiros”, como grande e numeroso romancista sabe bem como usar as letras para impressionar e comover seus leitores. Dissertando sobre um animal que foi abandonado na cidade, movimenta o sentimentalismo público para compor sua crônica e atingir sua meta neste tema.

Em crônica datada de 8 de outubro de 1897, o escritor, com uma linguagem poética, bem sensível, trata sobre a vida de um rocim. Um cavalo que, já velho e enfermo, só dava despesas ao dono com alimentação e nada de prestação de serviços, pois mal podia puxar uma carroça. A solução não seria matá-lo, “porque [os donos do cavalo] seriam

⁷² COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1897. p.1, 7. col.

⁷³ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1897. p.1, 7. col.

forçados a pagar o transporte do cadáver; melhor seria expulsá-lo, que se fosse pelas ruas até que os fiscaes o vissem”.

E isso foi feito; o cavalo foi levado até as ruas, com as feridas abertas, esquelético; ao ver uma grama no chão e tentar abaixar, caiu e bateu a cabeça; acordando, depois de algum tempo puxou com a língua toda a grama ao seu redor:

De repente, porém, parou e erguendo os olhos que pareciam verter lagrimas, talvez fossem gotas de chuva que caíam, fitou o céu e um relincho fraco saiu-lhe do peito... Seria talvez um protesto, um apelo á misericórdia de Deus ou um gemido de saudade?... saudade d’essa mesma casa d’onde o haviam tocado, onde elle envelhecera e enfermara, mas onde havia sido um instante ao menos feliz?⁷⁴

Observamos que Coelho Neto personifica o animal, coloca sentimentos ternos com o qual comove qualquer leitor. Mais uma vez, o escritor diz sobre a crueldade das pessoas, não se importam com o sofrimento alheio, como na crônica anteriormente mencionada, que trata do trabalho sem pausa dos balconistas.

Fica implícito também, nesta crônica, que o dono do cavalo não se importou com o moribundo caído, morto na cidade, já que, como dito, os fiscaes o achariam e dariam conta de levar o cadáver.

Tantas mazelas, tantas coisas erradas acontecem na cidade do Rio e não passam despercebidos ao escritor, como foi o caso deste animal abandonado para ser morto na cidade. Afinal, ela não era limpa e, muitos não se importavam com o que isso representava, já que, de forma egoísta, muitos continuavam a se portar de forma desumana, deixando o problema para outros resolverem.

Estas narrativas atraíam os leitores, afinal, de forma mais simples, poderiam entreter e informar acerca das peripécias ocorridas no Rio de Janeiro. Também encontramos nas crônicas um caráter mais poético, como no texto de que o Coelho Neto narra de forma bem singela a beleza das estrelas cadentes que ficam lindas lá no céu, mas que decidem vir

⁷⁴ COELHO NETO, H. M. Fagundes. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1897. p.1, 8. col.

para a Terra. Ele comenta sobre a ingenuidade das estrelas que deixam o céu: “virão a terra por estróinas ou por doidas? Estrelas de bom senso não deixarão por certo espaço amável pela terra immunda”.

A linguagem de Coelho Neto em muitas crônicas se mostra difícil, burilada, com termos obsoletos e, por muitas vezes, tivemos que recorrer ao dicionário para entender o significado das palavras, provando realmente o que os críticos diziam, pois era um autor que primava por uma linguagem vasta, se tornando muitas vezes rebuscado.

Coelho Neto acha um absurdo as estrelas quererem trocar a limpidez e a imensidão do céu pela imundície da terra. Afinal, o que fariam elas na terra: “uma estrelinha a pedir esmola [...] Esmola pelo amor de Deus a uma estrelinha do ceo. Deixai-vos estar na altura, estrellas imprudentes”⁷⁵.

O escritor ainda brinca ao criar uma estrelinha pedinte, e torce para que não haja chuva de estrelas. Nesta crônica Coelho Neto denuncia a sujeira da cidade, que era um lugar ruim para se morar. Nela não havia emprego, e os que vinham de fora se tornam pedintes devido à situação vigente.

Sobre as influências européias, temos o texto publicado em 6 de outubro de 1897, que trata ironicamente da falta de originalidade do nosso país e do gosto por tudo que vem de fora, principalmente se for de Paris.

Sendo um povo de imitadores, os brasileiros copiam tudo o que vem de fora; os legisladores copiam as leis do estrangeiro. Na literatura, são escolhidas como modelos as obras de outros países. Essa sujeição nota-se principalmente na moda.

Coelho Neto trata de maneira irônica do gosto das mulheres pela moda estrangeira, pois sempre consultam os jornais parisienses para se informarem. Diz que, se um dia fosse pregada a moda de usar um cesto de flores ou de frutas na cabeça em pleno outono, com certeza estas damas iram usar “simplesmente porque é moda em Pariz”.

⁷⁵ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1897. p.1, 6. col.

Assim também acontece nos teatros, que buscam traduções para se arranjam. Desse propósito, narra uma história bem interessante sobre um homem que decorou sua casa de acordo com os moldes da França, informar-se através de um jornal que estava em voga.

O senhor da história gastou uma fortuna remodelando a casa com cortinas e estofados pesados para a decoração, conforme propunha o jornal. E se irritou quando não achou um “fogão” para por na sala de visitas. Em resumo, a casa virou um grande inferno; era janeiro, o homem lamentava o calor insuportável e sua esposa foi-se refrescar na casa dos pais.

As crônicas de Coelho Neto são gostosas de ler, embora muitas vezes apresente palavras difíceis e, por vezes, redundantes; sua ironia, entretanto, as torna mais leves e engraçadas, fazendo com que a leitura seja agradável e prazerosa.

Na continuação do texto, trata das crianças que desde pequenas já são influenciadas pelo que vem de fora, como mostra este trecho: “O pequeno que começa a fazer suas primeiras letras também é vítima das traduções. E querem patriotismo d’um povo que nem sequer conhece a sua pátria.”

É claro que em sua crônica não poderia faltar o tema patriotismo, já que nosso escritor foi um exímio defensor da pátria, escreveu em nome dela e lutando diversas vezes por sua causa.

Assim, pede para que não dêem leituras estrangeiras para as crianças, porque os heróis não são os mesmos, nem as paisagens, e quando quiserem despertar o patriotismo nestas crianças será tarde demais, porque os gostos já serão outros.

Preparar a criação é um dever que compete aos que se interessam pelo futuro da República Arrancai-lhes das mãos esses livros que nada exprimem e daí-lhes nova leitura, habituando-os com as cousas do país em que nasceram e onde hão de viver.⁷⁶

⁷⁶ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1897. p.1, 7. col.

E para finalizar, Coelho Neto cita um livro que seria interessante para a leitura das crianças, chamado *América*, de Raul Pompéia; faz uma propaganda para a editora exaltando a linguagem, as ilustrações e principalmente a moral da obra, que tem sempre como mote a pátria brasileira.

Novamente se referindo à falta de prefeito, Coelho Neto, na crônica do dia 20 de novembro de 1897, pede a atenção do governo para a busca de um zeloso funcionário para guardar a chave da cidade. A proposta é a de que se coloque um anúncio no jornal para encontrar um prefeito e até sugere como deve ser escrito este anúncio.

E, como uma fagulha, Coelho revolta-se ao dizer que caso não se encontre um eleitor para exercer tais funções, que se entregue de vez este trabalho à Providência Divina, já que com tanto apuro ela sempre fez isso varrendo a cidade com seus ventos, lavando a imundície com sua chuva e iluminando a cidade com a lua; sendo assim, economizará o cofre público estes gastos.

Acrescenta que buscaria a *lanterna de Diógenes*⁷⁷ para oferecer ao governo. Sendo o cargo uma função de confiança, seria bom que o governo agisse logo. E narra a parábola da ovelha desgarrada, que prefere o lugar pedregoso ao campo, cabendo ao pastor entender o porquê desta escolha, pois assim a ovelha não mais se desviará.

E, por fim, Coelho Neto anuncia o aparecimento de um fantasma para o dia 22, dando o local do aparecimento, e antecipando que seria do sexo feminino e, se estivesse chovendo apareceria de guarda-chuva. Evidentemente, isso ocorreria desde que a polícia não aparecesse.

Na crônica de 21 de novembro de 1897, Coelho Neto abordará vários assuntos, sendo que, numa primeira leitura, o texto parece um pouco estranho, por não haver coesão entre os textos fragmentos; a mudança de assunto é repentina e sem espaços para indicar, os fragmentos são introduzidos por travessões, o que cria semelhança com diálogo. Como a crônica ainda não era um texto bem definido nesta época, encontramos muitas delas escritas dessa maneira.

⁷⁷ Diógenes foi um filósofo grego que andava de dia com a lanterna acesa à procura de homens honestos.

A crônica trata dos muitos navios italianos que estão ancorados nas águas do Espírito Santo. Estes trazem pessoas que estão serão levadas aos tribunais, como é o caso de Salvatore Conte, que praticou a medicina ilegal no Brasil, já que curava seus pacientes com enxúndias (gordura de aves) de galinha preta e tisanas de ervas maravilhosas.

Nosso escritor condena este ato dizendo que é do tempo da Idade Média, quando os executores se escondiam atrás de favores de reis. Em seguida, outros exemplos de feiticeiros que usavam estes métodos e alerta para o perigo de mandar um homem como este ao tribunal, podendo provocar a revolta dos italianos, pois muitos deles estavam atracados nos nossos portos.

Na seqüência desta mesma crônica, ainda temos outros cinco assuntos que também tem importância no tema mazelas da cidade. Em uma única linha, Coelho Neto pede para que os leitores mandem palavras novas para ele fazer um “commentario do ciúme”⁷⁸, dizendo até que haverá gratificação a quem colaborar e protesto a quem as tiverem escondido. Interessante o pedido, já que é assunto sempre discutido mas que ainda necessita de comentários.

Na subseqüência, temos uma narração bem engraçada a respeito de dois soldados que brigaram com um homem por causa de uma mulher. O homem saiu ferido e os soldados alegaram que também estavam feridos; porém era no amor próprio, já que eram dois contra um. Coelho Neto brinca, ironiza os mais diversos temas, provocando o riso do leitor e, ao mesmo tempo, a crítica a sociedade.

Outro assunto, nesta mesma crônica, é sobre os incêndios, mas o que difere dos outros incêndios é que, daquela vez, houve água para apagá-lo. O cronista conclui este parágrafo dizendo assim: “Decididamente não há como a gente viver sem prefeito. Houve água... Parece incrível”. Em várias crônicas, Coelho Neto falará sobre a escassez de água e que a Providência Divina toma mais conta da cidade do que o próprio prefeito.

⁷⁸ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1897. p.1, 7. col.

Por fim, os últimos itens em questão, nesta crônica, são a desordem entre Portugal e Brasil, que gerou briga em navio. O cronista finaliza seu texto com o anúncio de um fantasma que apareceria no dia 22 na ladeira do João Homem.

Esta crônica prova a miscelânea de assuntos que eram incorporados neste gênero tão rico que abrange diversos modos de ser escrito. A crônica pode ser poética, como dissertativa, descritiva e informa o público de maneira mais rápida e lúdica sobre diversos assuntos, um pouco, como foi o caso deste texto acima.

Em 24 de novembro de 1897, sai mais uma crônica de Coelho Neto. Sensibilíssimo, ele dedica parte deste texto a seu querido amigo Paula Nei, falecido no dia 13 de novembro de 1897. Nota-se que, talvez, por demora do jornal, temos esta distância de 10 dias até a publicação.

Com grande esmero, Coelho descreve o escritor com uma linguagem excepcionalmente poética, exaltando-o por tudo o que produziu e também pela morte em prol da moléstia que é o amor.

Quem privasse contigo como nós privamos e visse, na intimidade o teu olhar brando, a tua pshysionomia angélica, quem te ouvisse as tuas idéias de homem e de poeta, quem te surpreendesse entre crianças; quem, como eu, n'uma terrível noite de ventos e raios visse um pallido moço enfermo, descer lentamente da rede, abrir a porta e receber no seu quarto um misero ciosinho que, tocado pela tormenta, gania urlando, não faria de ti o juízo que os burguezes pavidos faziam.

Anjo, que andaste na terra disfarçado em demônio, pede a Deus por nós e, nas calmas do céu, quando cessarem as melodias dos seraphins, recolhe-te a um canto, busca esse espírito que d'aqui também subtil e pergunta-lhe se já nos esquecemos de ti e o Ney, ainda offuscado pelo esplendor elyseo, ha de dizer-te a verdade:

— Não! Lembram-se a todo o instante.

Pede a Deus por nós...!⁷⁹

Esta crônica tratará de muitos assuntos que serão separados por travessões. Coelho Neto, rapidamente, faz várias críticas e comentários sobre a cidade, retomando temas já abordados em crônicas anteriores. Um deles é sobre o fantasma que tinha marcado para

⁷⁹ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1897. p.1, 7. col.

aparecer no dia 22, mas não apareceu; outro caso que lhe causou constrangimento sobre o adiamento da chuva de estrelas, já que o bom tempo não permitiu.

Quem acompanha a leitura das crônicas de Coelho Neto entende que o referido fantasma é, na verdade, gatunos que atraem a atenção do povo para um determinado lugar e vão para as casas vazias para roubar. Com a chuva de estrelas, em outra crônica, Coelho Neto pretendia aludir à limpeza do céu e a imundície da terra. No item fiscais, Coelho Neto narrou que os comerciantes andavam vendendo artigos estragados e os fiscais não agiam, já que se ocupavam com brigas.

Parece que quase tudo anda nos conformes na cidade, já que ela tem sido varrida (pela providência divina), os bombeiros têm encontrado água, os fiscais trabalham, não ficam só discutindo sobre a política e, na seqüência, outro assunto dito pelo Coelho era que deveriam pôr abaixo o barracão da Lapa como já disse Fantasio (pseudônimo de Olavo Bilac).

Com isso, percebemos que Coelho resumiu suas frustrações nesta crônica, expondo um pouquinho de cada um dos problemas para retomá-los e fixá-los entre seus leitores.

Como se mostrou neste capítulo, as crônicas têm como alvo de ataque tanto o governo como o povo. Coelho Neto usa metáforas, personifica seres, usa suas palavras eruditas para expor os mais diversos assuntos e sempre atinge seu objetivo através de suas crônicas duras com a sociedade vigente.

As leituras destas crônicas mostram como o escritor tinha preocupações e compromissos com as questões sociais, políticas, destacando a beleza e a limpeza do Rio de Janeiro, diferentemente do que afirmavam alguns críticos literários a respeito dele. Coelho Neto intervinha de diversos modos na sociedade vigente, usando muitas vezes uma voz camuflada para atentar os seus leitores. Sua artimanha na produção destes textos era iniciá-los com assuntos corriqueiros e de menos importância, para em seguida, e para poucos que continuavam a leitura, derramar árduas críticas em relação a cidade carioca e seus habitantes.

3.3. MODERNIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

As crônicas que serão apresentadas neste tópico refletem as mudanças da cidade causadas pelo súbito aumento populacional determinado pela abolição, pela migração e pela chegada de estrangeiros.

O governo de Campos Sales (1898 – 1902) sentiu a necessidade de saneamento e reformas, pois a cidade do Rio estava suja e pestilenta, mas não havia verba suficiente para o plano de modernização e mudança do país; fizeram-se, então, empréstimos em Londres. Vagarosamente foram mudando os rumos do país até que ocorresse o grande salto da *Belle Époque* com o presidente Rodrigues Alves (1848 – 1919) no período de 1902 a 1906.

Esta necessidade de mudança é vista nestas crônicas e encarada com muita indignação ou, por vezes, elogios quando é realizada - mas sempre com o tom sarcástico ou irônico de Coelho Neto.

Ele mostra-se abismado com o avanço da tecnologia e repudia o bonde. Também faz uma alusão ao gênesis da bíblia e enumera fatos para contar os problemas que a modernidade trazia naquele momento. É interessante também notar como, às vezes, ele usa o humor negro para expressar suas idéias:

“1- No primeiro dia o homem creou o bond e, pondo-lhe um burro à frente disse-lhe: Vai, conduze os homens e corta-lhes as pernas e os braços.
2- E disse depois: corta-lhes também os troncos. Atraza-te. E o homem poz no bond um condutor para que cobrasse as passagens e descompuzesse os passageiros. E apareceram as primeiras reclamações.
3- Disse depois o homem: Agora terás dous burros; e deu dous burros ao bond. Muitos homens ficaram sem pernas e a lavoura sem braço; os cirurgiões ficaram sem mão a medir.
4- Desgostoso com o burro, o homem applicou ao bond as forças universaes e uma alavanca. Foi maior o numero de desastres e, de quando em quando, enfraquecendo as forças universaes, o bond ficava idiotamente parado sobre os trilhos, emaranhado em fios e ás escuras [...]”⁸⁰

⁸⁰COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1897. p.1, 7. col.

Nesta mesma crônica, ele repete que a tecnologia estraga a vista natural da cidade derrubando árvores e desfazendo jardins. Afirma que estes bondes deveriam ser postos em grandes cidades comerciais, pois seriam mais úteis e diz que não há nada mais banal que o progresso.

3.4. CRÔNICA POLÍTICA

As crônicas escolhidas para apresentação neste tópico têm como assunto os fiscais, governantes e presidente do período, muitas vezes cobrados de maneira implícita ou mesmo explícita, sempre ironizando e chamando a atenção do povo carioca para os fatos importantes da cidade.

Nesta crônica, 15 de agosto de 1897, encontramos como assunto a iluminação elétrica, que causa um grande transtorno a população e também sobre as discussões sem resolução com as quais acabam em feridos ou mortos, sobre a higiene da cidade, o não trabalho dos fiscais da prefeitura, a venda de produtos estragados e a higiene dos estabelecimentos comerciais.

Coelho Neto tratava as discussões políticas com grande valia embora brincasse bastante na forma de relatar as atitudes dos dirigentes do Rio de Janeiro. O cronista inicia seu texto contrariando o seguinte ditado popular: “da discussão se nasce a luz”; discussão que nem sempre funciona, já que pode continuar as escuras sem resolver o problema; para isso, faz um eixo sobre a iluminação da cidade que está muito precária, na seqüência, conta sobre a discussão de um fiscal da prefeitura.

Diz o autor que as discussões nas câmaras municipais vindas dos políticos não passam meras palavras, mas que, quando estão nas ruas, estas discussões tornam-se fervorosas a fogo e faca.

O escritor conduz o pensamento usando metáforas para expor seu tema, tornando-se ainda mais interessante e muito crítica, fazendo ligação ao fiscal com a prefeitura, a cidade com uma infecção, e o povo como peixe podre ou carne estragada. O resultado desta discussão seria chamado de “cultura para os micróbios pelo Coelho Neto.

O texto questiona a função dos servidores públicos, pois parecem mais cabos eleitorais que fiscais encarregados da limpeza da cidade. E, enquanto esta disfunção de serviço continuar, a cidade entra em caos, os vendedores folgam as vassouras e a higiene e o saneamento básico continuam às mínguas.

No ócio da paz todos esses servidores da Republica discutem eleições e proclamam a excellencia do partido municipal, enquanto o fartum das carnes podres vai infestando a cidade e o caos do Russel é transformado em piedoso cemitério de cães.⁸¹

Outro assunto de grande efervescência discutido em diversas crônicas é sobre os impostos por pessoa. Coelho Neto ajudou nas manifestações, junto de Patrocínio, para o Rio de Janeiro tornar-se Republicano, sendo este fato um grande feito para melhoria, independência e liberdade dos cariocas, imagina-se que os impostos abaixariam de valor, entretanto, ocorre o contrário.

No período de colônia o valor que cada pessoa deveria pagar era de 5\$600, acabou subindo para 10\$000 e agora, para a República conseguir pagar suas dívidas decide-se cobrar do pobre povo o valor necessário para cobrir os gastos atrás vez da capitação – imposto, tributo ou contribuição que se paga por cabeça.

Onde vai o governo com tantas cabeçadas? Quem há de pôr um freio a tudo isso? Por que havemos de pagar as nossas cabeças? Por que esse imposto-gilhotina? Por que a Republica está em condições precárias, deve os cabellos da cabeça e não tem meios de saldar os seus compromissos, o governo então, inspirado, dá um golpe capital lançando um imposto, ou antes – uma sentença sobre todas as cabeças “ tantas cabeças, tantas sentenças”, valendo cada sentença vinte mil réis.⁸²

⁸¹ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1897. p.1, 8. col.

⁸² COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1897. p.1, 5. col.

Para isso, em sua crônica, Coelho Neto faz diversas indagações como:

O imposto é para todos ou varia conforme o tamanho da cabeça? Não sei, mas entendo que deve ser proporcional: um homem de cabeça pequena deve pagar menos do que um homem de cabeça grande; um homem de duas cabeças deve pagar o dobro – há por ahí cabeças que não valem um vintém poupado, mas a lei é igual para todas as cabeças que fallam, porque o imposto não alcança as cabeças de prego nem as de comarca.⁸³

O fato se tornou agravante, pois o preço era alto demais para o povo, e nem todos tinham condições por igual para pagar tal tributo que era exigido pelo governo, então, o autor brinca com os comentários de tamanho de cabeça ou mesmo criticando ao narrar a conversa de dois homens ao se referir que “Elle”, o prefeito, não pagaria pelo imposto porque não tem cabeça.

A cidade do Rio de Janeiro sempre é alvo de indignação de Coelho Neto, visto que a infraestrutura da cidade está abandonada e os governantes fazem de tudo para tirar dinheiro do povo com impostos e quando isso não se torna suficiente, decidem leiloar partes da cidade.

A cidade, ao que parece, vai ser vendida a retalho – a intendecia faz parte do Centro dos Varejistas. A travessa Ayres Pinto, em S. Cristovão, que era julgada propriedade municipal, foi arrematada em leilão e é hoje uma horta planturosa, trancada ao município visto que n’ella apenas podem transitar livremente o hortelão e as lesmas. Era um bem publico a misera travessa, tanto que a intendência, no anno passado, decretou o seu calçamento e já havia combustores designados para a sua iluminação e vassouras preparadas para a sua limpeza, subitamente ressoaram as pancadas sinistras de um martello e a travessa foi arrematada; e as couves e os cuentros pullulam viçosamente onde era outrora uma passagem franqueada ao publico.⁸⁴

E, para melhor elucidar o fato, o cronista narra a venda da cidade e ainda sugere a venda a atacado que varejo para poder obter maior lucro e pagar suas dividas. Também cita o nome de um leiloeiro inteligente, Dias, que poderia vender todos os bairros da cidade valorizando cada um deles, encobrindo os buracos, as ervas, a sujeira das ruas através de sua sagacidade, e finaliza sua crônica ao referir-se na melhoria da cidade com a venda já que sairia das mãos do governo:

⁸³ Idem.

⁸⁴ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1897. p.1, 7. col.

Vamos, senhores... espalhem cartazes pelo mundo... Dias, vai fazendo o lote... Depois de vendida a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro é bem possível que se torne habitável... ao menos ficaremos livres da... intendência.

Os assuntos eram os mais diversos tratados por Coelho Neto, em uma mesma crônica podemos encontrar muitos assuntos ou mesmo retornar assuntos já comentados como na crônica do dia 24 de novembro de 1897.

Nesta crônica, o escritor fala dos fiscais não cuidam do saneamento da cidade, mas discutem sobre política, dos bombeiros que vão até os incêndios, mas nunca levam água e diz também sobre os perigos que pode causar quando uma cidade está abandonada vista por outros países.

A cidade tem sido varrida, os bombeiros têm achado água, os fiscaes não discutem pollitica... para que fosse completa a nossa ventura bastava que a Providencia fizesse a vontade a Fantasio, dando em terra com o barracão da Lapa. Os barracões são funestos... por causa do Barracão de Petropolis, no Espirito Santo, a Italia mandou sahir uma esquadra potente para as nossas águas... Esse barracão affrontoso da Lapa pode ainda trazer-nos dissabores e navios. Enquanto não temos prefeito vamos tratando de sanear e de dembellezar a cidade...⁸⁵

Coelho chama a atenção do povo para que tomem conta da própria cidade visto que estariam sem prefeito e por isso, o encargo seria deles. E, para finalizar sua crônica, faz um anúncio publicitário para chamar a atenção dos cariocas para que se candidatassem a prefeito, oferecendo bom salário e um carro; o alvo gira em torno do pouco conhecimento necessário para subsidiar o emprego.

Precisa-se de um homem, de conducta affiançada, eleitor neste município, que entenda de arranjos de cidades e pouco de política e nada de geometria, para o cargo de prefeito municipal. Paga-se bem e dá-se carro. Trata-se...⁸⁶

⁸⁵ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1897. p.1, 7. col.

⁸⁶ Idem.

Este mesmo anúncio foi repetido no final de muitas outras crônicas, tratando da necessidade de alguém no governo já que só a Providência Divina, com sua chuva e vento, tem cuidado da cidade fluminense embora não seja o suficiente.

Coelho Neto, em suas crônicas, criticava o povo por colocar no poder homens nada capacitados a exercer cargos como senadores e vereadores. Neste outro texto, narrativo, que data o final do ano, tem como assunto o fim da legislatura, com a qual revela ser preocupante. Um político recebe em média um salário de 75\$000 por dia com café, criam muitas leis e saem sem discursar ou mesmo com poucas palavras de seu cargo.

Para Coelho Neto isso é uma afronta, pois o povo nem conhecem direito estes políticos, não sabem o que fizeram para a cidade, e mesmo assim comemoram com eles a entrada no poder público e exultam com rojões e discurso curto e simples sobre o cumprimento das benfeitorias que eles fizeram. E para ilustrar melhor, em diálogo, aparece na crônica dois personagens com linguagem bem humilde e conversam sobre a comemoração da saída de um político que nunca ouviu-se proferir uma única palavra dentro do congresso.

- Mas mecê não fallo...
- Como não fallei...?!
- Antonce cumu é que sahio nos jorná o que mecê dixeu...?
- Ah! Porque eu só fallei nas sessões secretas...
- Ahn? Quando mecê falla nas sessão secreta os jorná não escuta?
- Não...⁸⁷

Mesmo assim, a comemoração foi grande e o povo exaltava feliz a eleição, com maioria absoluta de votantes nesta pessoa.

Outra crônica que chama bastante atenção devido à forma que Coelho Neto trata o povo traz em si a sinceridade vista por um escritor que luta pela igualdade através de palavras que tentam modificar a sociedade.

Abençoado sejas, honrado o magnânimo Poder Legislativo. Que seria da Republica, injustamente perseguida por tantas calamidades se, todos os anos, com uma retórica profusa e largos cálculos financeiros não viessem, como a

⁸⁷ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1897. p.1, 8. col.

própria Providencia, equilibrar o saldo e o déficit a custa do povo misero, que é a besta de carga.⁸⁸

Ironicamente refere-se ao Poder Legislativo como honrado e o compara com a Providência por chegar de surpresa na casa do pobre povo carioca.

O thezouro ficará acumulado com as porcentagens dos funcionarios, com excedentes do sello e quejandas extorções e, nos mezes derradeiros, quando as carteiras dos illustres preopinantes estiverem abarrotadas, porque todos esses impostos decretados serão poucos para pagamento das prorogações, um financeiro inspirado subindo sobre grossos volumes de economia política e citando e clamando e suando e invectivando pedirá mais impostos e das tremendas fauces de V. Ex. como d'uma caverna, sairá um outro decreto feroz arrancando ao povo a camisa para vestir e tornar a Republica infeliz.⁸⁹

Para um leitor pouco atento, no princípio, o texto elogia o governo e só se percebe que está sendo irônico no decorrer da leitura, como percebe-se no fragmento acima que trata dos novos decretos criados para tirar dinheiro da população, das propinas e das extorsões que acontecem no momento. Então, está crônica passa a ser uma denúncia dos fatos vividos naquele período.

Ainda nesta mesma crônica Coelho reclama do alto preço para pesar-se uma carta, chamando o imposto do selo de “medida patriótica das mais profficua.” Notamos que ele começa elogiando a atitude do governo e depois contradiz o que foi dito opinando qual seria a melhor resolução para aquele caso ou mesmo brincando com o assunto.

[...] quis o governo carregar a mão duplicando as taxas postaes para auferir mais lucros das cartas... de alforria, porque, com taes medidas, o governo confessa que está escravizado aos credores. Uma carta, pesando 150 grammas, pagará 200 réis... é muito! Que havemos de fazer? Furtemos no peso... façamos com que a carta pese apenas 75 grammas... como? Escrevendo em meia folha de papel e, como a tinta faz carga, façamos períodos curtos, de poucas palavras e sem grammatica... olhem, só em grammatica há uma gramma... Namorando, em vez de escrever a tua bem amada com alambicados termos, mettendo passarinhos e luares nos períodos, fallando dos seus cabellos, da sua voz e da humidade dos seus olhos, dize apenas, com sobriedade e um sello: “Luiza, bom, paixão, sonhei, cabellos, camaxirra, alma, pleniluntos. Vou chá Beijoca. Zé” Que diabo! Isto, em

⁸⁸ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1898. p.1, 8. col.

⁸⁹ Idem.

carta fechada não pode pesar 150 grammas. O commercio pode também crear um código numérico ou alphabetico, por exemplo [...]⁹⁰

Coelho Neto, sempre muito criativo em suas crônicas, inventa uma nova forma de comunicar-se por cartas de modo mais barato e prossegue sua crônica com um modelo de código alfabético para escrever longas cartas sem ter que pagar um imposto muito algo ao governo.

3.5. PATRIOTISMO, VIDA DE ESCRITOR E HOMENAGENS NAS CRÔNICAS DE COELHO NETO

Suas crônicas não eram somente de denúncias, mas também de elogios à cidade, a homens importantes que fizeram história. Nelas Coelho Neto fazia propagandas de concertos e obras publicadas repletas de elogios e louvor aos homens de artes, tanto literatos como compositores e maestros.

Coelho Neto sempre se mostrou interessado com tudo que se referia à arte. Isso se tornou até certo pedantismo quando quis mostrar sua erudição, para isso, citava grandes escritores ou fragmentos da literatura clássica, citava deuses do Olimpo, ou mesmo frases em língua estrangeira para compor as crônicas.

Escritor de peças teatrais, Coelho Neto publicou diversas peças e na crônica datada 07 de agosto de 1897, mostra sua decepção em relação aos atores que necessitam tanto da ajuda de custo provida de empresários e em como o teatro era valorizado antigamente, pois tudo dependia dos atores, boa encenação, visto que a cenografia e os adrecistas não eram tão importantes como agora. Neto fala sobre diversas obras encenadas e mostra grande erudição ao citar peças ou personagens de peso da literatura clássica:

Antigamente, quando o povo bárbaro acudia em tropel aos imensos theatros, que ia elle admirar? As coephoras ou o Prometheu, de Eschylo; a

⁹⁰ Idem.

Electra ou o Edipo-rei, de Sophocles; a Lyssistrata ou o Plutus, de Aristophanes. Em Roma eram as peças de Plauto ou as tragédias de Seneca. Mais tarde, à beira do Tamisa, os mysterios, as moralidades, as farsas que surgem com Chaucer e ganham esplendor com John Heywood, depois Bale, Lyndsay, Brandon, por fim Johnson e Shakespeare.

No tempo do “grande gênio” ainda os actores trabalhavam em pateos de albergues. Romeu e Julieta, Pericles, Hamlet, Os dous Ricardos, foram representados com muita miséria de scenographia e de vestes – o symbolismo substituí a grandeza: um homem passando ao fundo da scena com uma lanterna annunciava a noite, um soldado valia por um exercito, a tenda de Lear era feita com uma velha cortina. N’esse tempo era natural que fossem applaudidos os poetas porque, em verdade, eram elles que appareciam [...]”⁹¹

Os atores necessitam de infraestrutura para poder encenar e acreditam que só desta forma poderiam chamar a atenção do público para serem bem aplaudidos, Coelho Neto contraria isso dizendo que o importante é a boa representação e um bom texto; afirma que o teatro está decadente porque as peças são imorais, corpos muito a mostra, sensualidade e erotismo e os grandes artistas do momento têm sido as adrecistas e as costureiras de lantejolas que dão brilho as peças.

Coelho Neto, em diversas crônicas, homenageou nomes da literatura, com muito esmero, tratou dos companheiros de pena como heróis, batalhadores e representantes de boas causas. Alguns nomes que Coelho Neto deixou registrado nestas crônicas foram: Garcia Redondo, com a obra *A choupana das rosas*, homenageou o poeta Arthur Lobo, o pianista Vianna Motta, José de Alencar, Simão Machado, com a obra *Triumpho eucharistico*, Rodolfo Theophilo, com a obra *Maria Rita*, os professores de música D. Elvira Bello e Carlos de Carvalho, maestro Henrique Oswald, pintores Henrique Bernardelli e de Diana Cid dentre muitos outros.

Estas homenagens variavam entre elogios e propagandas de concertos, exposições de trabalho ou mesmo divulgação de livros como também aniversário de morte ou honra por uma estátua ter sido levantada como representação do escritor.

⁹¹ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 07 de agosto de 1897. p.1, 4. col.

Entretanto, não só de elogios desenvolviam suas crônicas, por diversas vezes, criticou a vida árdua de ser escritor, como também criticava os artistas que tendem a ter um menor brilho perante Coelho Neto.

Uma vida voltada à literatura também sempre foi tema de suas crônicas com as quais explorava suas indagações com muito determinismo já que incomodava tanto o escritor de inúmeras obras. A população não tinha o hábito da leitura, os teatros nem sempre estavam cheios para boas músicas ou peças teatrais, e Coelho Neto decide então criar uma campanha com o lema “tudo pela arte”⁹² para chamar a atenção das pessoas para os grandes eventos da cidade do Rio de Janeiro.

Á arte é um callo — o ideal é Deus. Assim nas religiões como através de todos os ídolos, o olhar do homem busca a Essência Suprema na Arte, através de todas as escolas, o poeta procura o Bello. Os caminhos são diferentes, mas o ponto de chegada é o mesmo. Homero foi por uma trilha, foi por outra Horácio, Dante por outra e Shakespeare por outra, e lá no cimo encontraram-se com a mesma glória.⁹³

Coelho Neto compara a arte como um calo, parte dura, algumas vezes insensível e outras, sensível demais. Mas, o calo aparece devido atitudes repetitivas, seja um sapato apertado, seja nos dedos das pessoas que escrevem muito e friccionam demais as canetas. O calo seria a consequência repetitiva de um ato para encontrar algo grandioso, buscando a melhor essência daquilo que faz parte de seus hábitos, neste caso, a escrita.

Em outra crônica, temos a explicação do significado das palavras sábio e artista e da maneira que Neto expõe a atitude de cada um para compor sua função:

A diferença que se pode estabelecer entre a observação do sábio e do artista é que uma é analisada e outra é sentida: o biólogo tem o laboratório e o escritor tem apenas o cérebro, se um tem a *certeza* material, por assim dizer, tem o outro a convicção íntima. Muitas vezes, nas páginas de um romance, aparecem notas que o sábio despreza por absurdas, mas que, se não caracterizam o

⁹² COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1897. p.1, 8. col.

⁹³ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 01 de setembro de 1897. p.1, 5. col.

personagem caracterizam o auctor sendo, *ipso facto*, humanos — nada existe fora da natureza.⁹⁴

Embora o sábio e o artista tenham formas diferentes de agir diante de certos momentos, os dois tornam singular a vida pela caracterização que fazem dela. Um é mais frio, estável e analítico; já o outro, é sentimental e instável, com isso, tem maior originalidade por desfrutar tudo de bom a cada página lida de um livro.

O patriotismo, uma das características primordiais deste escritor, também estava documentado nestas crônicas. Na crônica datada 13 de dezembro de 1897, Neto comenta que a população, em geral, está parada em relação à Pátria e que ela precisa de pessoas com atitude para ser dominantes:

Quando ao altares... elle que se lembre das suas idéas de reforma social que lá estão na câmara, á espera da sua palavra inflammada. Não é justo que depois de haver pleitiado com tanta energia, agora que estão quase victoriosos os seus princípios, queira deixa-los, transferindo-se da arena para o repouso domestico. A Republica tem necessidade de energia e os que, no sofá da representação, despertam os verdadeiros problemas da política democrática são os benfeitores do regime e não os inertes, os que apenas deixam os seus logares para, em lento e preguiçoso andar, chegar a mesa com uma cédula ou [...] molledente um apoiado muitas vezes arrancado a beliscões. Se vamos por um período difficil, não descoroçemos, a novos, inexperientes, ainda não chegamos aos excessos dos povos mais adiantados. A política é, as vezes, ingrata e caminha sobre a roda da fortuna; e o raio que [...] hoje para baixo com o andar virá a ser superior, para cahir no dia seguinte — assim gyram as rodas. O patriotismo está justamente em não deixar o centro de onde convergem todos os raios, que do ideal, para o circulo, que é a Pátria.

Escritor militante, participou de grandes causas políticas e escreveu diversos textos patrióticos, com colaboração de Olavo Bilac, sendo usados nas escolas como material didático de apoio cívico.

Seu patriotismo estava sempre à flor da pele, pedindo a manifestação do povo para reagir a tudo o que estava acontecendo na cidade fluminense. Observamos que a maioria de suas crônicas tem uma missão educativa para o povo carioca, seja isso de modo explícito

⁹⁴ COELHO NETO, H. M. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1898. p.1, 6. col.

ou mesmo implícito, traz muito reflexão com as quais podemos compreender melhor a sociedade carioca do final do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Coelho Neto, porta voz do povo carioca, observou a sociedade com olhos de águia e nos deixou um acervo interessantíssimo, com o qual podemos observar os assuntos que mais o interessavam como a cultura, a estrutura da cidade e a política, dentre muitos outros temas que compunham seu repertório.

Assim, pela busca de um estilo próprio, principalmente atento ao conteúdo e com a forma, como podemos observar por meio de suas crônicas, Coelho Neto também era especialmente interessado pelas questões sociais, as quais se acentuaram com ao passar do tempo. Para tanto, podemos observar em sua coluna “Fagulhas”, sua reflexão a respeito da sociedade, fazendo desse meio seu objeto de luta quanto ao que lhe inquietava.

O contexto de transformação da sociedade fazia do jornal um grande instrumento em prol das grandes causas que julgava merecerem ser levadas a sério. Notando o quanto o país ainda trilhava por caminhos em busca de constituir uma sociedade mais civilizada e com muito entretenimento, compunha suas crônicas nessa direção. Podemos observar também que Coelho Neto tratou da questão da nacionalidade, da pobreza cultural e do desenvolvimento de uma língua própria.

A pobreza cultural também foi registrada por Coelho Neto, sempre tentando registrar a complexidade social e cultural do Brasil, posicionando seus pensamentos em relação à sociedade que retrata. Trazemos algumas idéias do que essas crônicas apresentavam, como se pode notar, sempre tratando de questões muito pertinentes para a sociedade da época.

O escritor trata do ladrão que rouba com razão, já que o dono da casa deu brechas para isso. Fala da Providência divina que toma conta da cidade varrendo as ruas com os ventos, lavando toda a imundície de uma cidade não cuidada por seus políticos. Brinca e cria o tempo todo com os cariocas, seja tratando de fantasmas que aparecerão em certa data, seja por histórias cômicas com narrações que tiram o riso de qualquer um.

Trata da polícia que não cuida da cidade, sempre chegando atrasada quando solicitada ou mesmo conversando com os ladrões, antecipando-lhes nas providências; dos

bombeiros que não têm água mas comparecem assiduamente em todos os incêndios, dos fiscais que discutem política e deixam os vendedores felizes, pois não perdem mercadorias estragadas. Das casas decadentes, dos jardins malcuidados e do povo que não sabe desfrutar dele. Trata do negro que está sem trabalho, do povo que não interfere na política, que fica quieto com as atitudes governamentais: o cronista culpa o povo, – não os políticos, – pelo abandono da cidade, afirma que os governantes estão certos de gastar dinheiro com o que querem, já que ninguém iria reclamar. Assim, esclarecemos que seu acervo de crônicas é iluminado de risos, críticas, angústia, devaneios, entre outros aspectos de suscitação de reflexões em vários âmbitos. Por outro lado, aborda também o lado cultural com grande carinho, seja dos novos autores, dos concertos, das óperas, dos teatros e das peças de renome. Faz homenagens, elogios a quem gosta e também um pouco de propaganda de amigos e de si mesmo sobre obras lançadas.

Diante disso, podemos notar que suas crônicas eram mesmo como uma “fagulha” que despertava a atenção dos leitores para as causas que deveriam ser pensadas e avaliadas. Tendo sempre um grau de comprometimento com um projeto de literatura autônoma provocando sempre uma ruptura tanto com o período romântico quanto com o período parnasiano por meio da elaboração da nova estratégia de literatura.

Suas crônicas têm grande valia e merecem um estudo de maior porte. Sabemos que toda análise ou interpretação de obras tem múltiplas formas de serem realizadas, entretanto, em uma leitura simples dos críticos observamos que se referem sempre às mesmas obras e repetem sempre os comentários, atribuindo a Coelho Neto verborrêia, excesso de adjetivos e outros aspectos negativos. Por isso, a presente pesquisa pode examinar a vida pessoal e literária do escritor, a fim de mostrar outro aspecto de Coelho Neto, que julgamos muito coerente e bastante pertinente no contexto literário brasileiro.

Justificamos, dessa forma, que as obras de Coelho Neto têm um grande significado histórico e crítico para a literatura brasileira. Seu lado documental revela grande atenção aos fatos marcantes da sociedade, trabalhados de forma histórica ou mesmo ornamental, tratando do assunto com fantasia, mas mesmo assim, atingindo o alvo da denúncia. Outro aspecto relevante é o fato de suas obras terem tido grande função nas escolas, sua função institucional e estética fica evidenciada nas antologias para o aprendizado da língua ou compreensão dos assuntos do final do século XIX.

Observarmos também, após a leitura das suas crônicas e do acervo crítico dirigido a ele, bem como de seus romances, percebemos que Coelho foi um formador de uma identidade nacional, apesar de mal visto pelos modernistas, mesmo assim, seus textos ainda eram aplicados nas práticas pedagógicas nas escolas do seu período e do período modernista. Neste trabalho, tivemos o privilégio de conhecer algumas crônicas do “Príncipe dos Prosadores Brasileiro”, que tanto contribuiu para entreter seus leitores, como também se envolveu com grandes causas mediante sua forma esmerada de um bom homem das letras, sendo um exímio representante e divulgador dos bons costumes, da moral e da civilidade.

Quanto ao seu estilo, dizemos que Coelho Neto possuía um ecletismo estético, uma prosa poética, anotações inespaciais e atemporais, com grande obsessão pela forma literária. Facilmente percebemos que recebeu influência de autores como Flaubert, Maupassant, Goncourt, Gautier, Huysmans, Saint-Victor, poetas portugueses, franceses, ingleses, americanos, dos clássicos e dos gregos que cultuavam os ricos vocábulos e que também gostava de exibir todo este lado erudito. Seus romances foram traduzidos para diversos idiomas, e nos faz pensar no peso que este escritor tinha em seu tempo. Assim, insistir na crítica de um lado apenas de suas obras é muito injusto. E, como qualquer outro escritor de grande acervo literário, é comum ter certas obras de maior peso e outras de menor; todavia o crítico faz uma escolha para valorizar ou rejeitar o escritor.

Acerca de sua vida pessoal, dizemos que Coelho Neto foi escritor de vida agitada, participou assiduamente da política e da literatura. Foi orador da Academia Brasileira de Letras, sua casa estava sempre repleta de amigos como Paula Ney, Olavo Bilac, José do Patrocínio, Euclides da Cunha e também aberta a jovens que o admiravam e pediam seus conselhos e sugestões para suas próprias criações ou mesmo leitura de obras. Quando participou da campanha abolicionista, junto de seus amigos escritores, auxiliou na fuga de negros ou mesmo os refugiava em sua casa; discutia questões sociais e políticas com Patrocínio e lutava para que seus ideais se concretizassem.

Algumas considerações que fazemos merecer atenção é sem dúvida a necessidade de uma melhor exploração das obras de Coelho Neto para a contribuição benéfica à formação acadêmica de muitos que se interessam pela história e pela literatura deste período. Na leitura destas crônicas e também de alguns de seus livros, podemos concluir sua preocupação com a

retórica, vinda destas influências literárias. Por outro lado, lemos trabalhos com uma linguagem bastante simples e objetiva com a qual nos faz pensar que o escritor variava entre o simples e o rebuscado. Temos de entender que o escritor tinha sim uma grande formação erudita e que seu vocabulário pernóstico, natural a ele, torna-se ruim a leitores de menor léxico.

Esperamos que este trabalho desperte a atenção de leitores para a leitura das crônicas como dos romances do escritor, devido aos diversos temas que agradam os leitores, ou mesmo, causam espanto ou revolta perante os fatos marcantes do final do século XIX, sendo um acervo muito rico da literatura brasileira.

Este trabalho, portanto, objetivou traçar a vida e obra de Coelho Neto, Príncipe dos Prosadores Brasileiros; apresentar as características do jornal *Gazeta de Notícias* e seus enfoques; e recolher as crônicas do período de 1897 a 1899. Evidentemente, não tivemos a pretensão de apresentar todas as crônicas do escritor nesta monografia, sua leitura seria inviável dentro de uma dissertação. Entretanto, selecionamos algumas conforme o tema e conforme as que consideramos mais esclarecedoras do que pretendemos mostrar.

Contudo, as crônicas seguem em anexo para os interessados em explorar um pouco mais deste escritor preocupado com o meio em que vivia e audacioso por tentar, através das palavras, modificar tudo que achasse necessário.

Temos a necessidade de compreendê-lo como um todo para aprender o sentido de todas suas obras. Coelho Neto descrevia e interpretava nossa realidade, cumprindo uma missão da literatura nacional, praticava, e ao mesmo tempo, a fusão do lado documental e do ornamental, que teve muita oposição. Era valorizado ora por seu lado imaginativo romântico, ora por seu lado realista, pelo que foi alvo de simpatias e antipatias dos críticos que se limitavam à tradição crítica e literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. Perfil e históricos de seus acadêmicos. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>> Acesso em: 01/02/2009.

AMADO, Gilberto. A literatura Brasileira. In: Gilberto Amado. *A dança sobre o abismo*. Rio de Janeiro: Ariel Editora, 1936.

AMORA, Antonio Soares. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1960.

ARARIPE JR., T. A. O movimento literário do ano de 1893. In: Araripe Jr. *Obra Crítica*. v. III. Rio de Janeiro: MEC; Casa Rui Barbosa, 1963.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. *Boletim Bibliográfico*. São Paulo: Biblioteca Mário de Andrade, v. 46, p. 46-53, jan-dez. 1985.

ASSIS, Machado de. *A semana*. Org de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1992.

AZEVEDO. A. O teatro. Carta a Coelho Neto. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 2, rodapé, 17 fev. 1898.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, J. A. Exercícios de definição. In: _____. *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 9-46.

BARRETO, Lima. Histrião e literato. In: _____. *Impressões de Leitura*. 2ª Ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1961.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés São Paulo-SP: Perspectiva, 1970.

_____. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Editora, 1987.

BELO, José Maria. *Inteligência do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

_____. *Imagens de ontem e de hoje*. Rio de Janeiro, Ariel Editora, 1936.

BROCA, Brito. Coelho Netto, Romancista. In: _____. *O Romance Brasileiro*. De 1752 a 1930. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952.

_____. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

\

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. Rio de Janeiro: Aldina 1895.

CÂNDIDO, Antônio. *Radicais de ocasião*. In: _____. *Teresina etc*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

_____. *Formação da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.2v.

_____. Literatura e cultura de 1900 a 1945. (Panorama para estrangeiros). In: Idem. *Literatura e sociedade*. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

_____; et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____; et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CAETANO, João. *Os fluminenses no teatro brasileiro*. Nictheroy, RJ: Cia. Ed. Fluminense, 1928.

CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____; et al. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2005, p. 117-118.

COELHO, Marcelo. Notícias da crônica. In: _____. *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. Castro, Gustavo & Galeno, Alex (org.). São Paulo: Escrituras Editora, 2002.(p. 155 – 162).

COELHO NETO, Carlos David.; sim. (in *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 7 fevereiro, 1954.

COELHO NETO, H. M. *A Capital Federal*. 4ª Ed., Porto: Livraria Chardron, 1915. (1ª Ed., em 1893)

_____. *Miragem*. Rio de Janeiro: D. de Magalhães, 1895.

_____. *Tormenta*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1901.

_____. *Treva*. Paris: H. Garnier, 1905.

_____. *A conquista*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1985. (1ª ed., 1899)

_____. *Turbilhão*. 2ª ed., Porto: Livraria Chardron, 1918. (1ª ed., 1906)

_____. *O Morto*. Rio de Janeiro: Depto. Nacional do Livro; Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

_____. *Páginas escolhidas*. 2.ed. Rio de Janeiro: São José, 1957.

_____. *Fogo Fátuo*. Porto: Chardron, 1929.

COELHO NETO, Paulo. *Obra Seleta*. Rio de Janeiro: Ed. José de Aguiar Ltda., 1958.

COELHO NETO, Paulo. *Bibliografia de Coelho Neto*. In: COELHO NETO, Paulo; KUHN, Neuza Nascimento (col.). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1972.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura brasileira*. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio (dir.); COUTINHO, Eduardo de Faria (co-dir). *A literatura no Brasil*. 4. ed. rev e at. São Paulo: Global, 1997. v. 6.

CUNHA, Fausto. *A Luta Literária*. São Paulo e Lisboa: Editora Lidador, 1964.

_____. *Situações da Ficção Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

DANTAS, Paulo. *Coelho Netto*. São Paulo: Edições Melhoramentos, s. d.

DAVID Carlos. Coelho Neto; sim. Rio de Janeiro: Diário Carioca, 7 fevereiro, 1954.

DIMAS, Antônio. A encruzilhada do fim do século. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial, Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. v. 2, p. 535-574.

EDMUNDO, Luis. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. XV.

FARIA, Octavio. *Coelho Neto – romance*. In: _____. *Coelho Neto – romance*. Rio de Janeiro : Editora Agir, 1958.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: Difel, 1983.

FERREZ, Gilberto. *O Paço da Cidade do Rio de Janeiro*. Fundação Nacional Pró-Memória (Brasil). Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

FLEIUSS, Max. *A batalha do Passo do Rosário*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923.

FONTOURA, João Neves da. *Elogio de Coelho Neto – com uma antologia dos seus contos*. Lisboa: Edições Ultramar, ltda, 1944.

JORGE, Fernando. *Vida e obra de Olavo Bilac*. Introdução de Menotti Del Picchia. São Paulo: Editora Mc Graw-Hell do Brasil, 1977.

LAJOLO, Marisa. *Jornalistas e escritores: a cordialidade da diferença*. Disponível em: www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios. Acesso em: 06 ago 2003.

LECLERC, Max. *Lettres du Brésil*. Paris: Pon, 1890.

LIMA, L. C. Documento e ficção. In: *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p.187-242.

LOPES, Marcos Aparecido. *No purgatório da crítica*. Coelho Neto e o seu lugar na história da literatura brasileira – Campinas: Unicamp, 1997.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria Guarnier, 1991.

MACHADO NETO, Antônio Luís. A boêmia literária. In: Idem. *Estrutura social da República das Letras* (Sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930). São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, Editorial Grijalbo, 1973. p. 91-8.

MARTINS, Wilson. *A Crítica Literária no Brasil*. 3ª ed. atualizada. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Imprensa Oficial do Paraná, 2002. v. 1 e 2.

MAUL, Carlos. *O Rio da bela época*. 2.ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1968.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93-133.

_____. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MICELI, Sérgio. Poder, sexo e letras na República Velha (Estudo clínico dos anatolianos). In: Idem. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001. p. 13-68.

NEEDELL, Jeffrey D. A Belle Époque literária no Rio: o fim do século XIX brasileiro. In: Idem. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século* (A tropical belle époque: elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro). Trad. de Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 209-69.

PAES, José Paulo. *O art nouveau na literatura brasileira*. In: _____. *Gregos e baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.p. 64-80.

PAIVA, V. Um século de educação republicana. *Pró-Posições*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 7-21, jul. 1990.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa e Ficção* (de 1870 a 1920). Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1950.

MORAIS, Péricles. *Coelho Netto e sua obra*. Pôrto: Livraria Chardron, 1928.

PESSOA, Frota. *Crítica e Polêmica*. Rio de Janeiro: Editora Artur Gurgulin, 1901.

REIS, C. *Técnicas de análise textual*. Coimbra: Almedina, 1976.

RENAULT, Delso. *O Rio antigo nos anúncios de jornais – 1808 – 1850*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

_____. *Rio de Janeiro: a vida da cidade refletida nos jornais 1850-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1978.

_____. *A sociedade fluminense no meado do século XIX*. Brasília: CULTURA (MEC), 1977.

_____. *A vida brasileira no final do século XIX*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

REZENDE, Beatriz. Grandezas e misérias de um gênero menor. In: Idem. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. Campinas: Ed. da UNICAMPI, 1993.

RIO, João do. *História da gente alegre: contos, crônicas e reportagens da "Belle-Époque" carioca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

ROMERO, Silvio. *Evolução da Literatura Brasileira (Vista Sintética)*. Campanha, 1905.

RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. *Boletim Bibliográfico*. São Paulo: Biblioteca Mário de Andrade, v. 46, p. 9-16, jan-dez. 1985.

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SIMÕES JR, Álvaro. *Uma geração que sonhou viver da literatura*. *Pós-História*, Assis, v. 6, p. 87-100, 1998.

_____. A sátira de Olavo Bilac ao teatro carioca. *Brasil/ Brazil, Revista de Literatura Brasileira/A Journal of Brazilian Literature*, Porto Alegre, v. 25 p. 5-37. 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

SÜSSEKIND, Flora. A técnica literária. In: *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. RJ: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Literatura e vida literária – Polêmicas, Diários e Retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. Crítica a vapor: a crônica teatral brasileira na virada do século. In: _____. *Papéis colados*. RJ: UFRJ, 1993.

VERÍSSIMO, Érico. *Breve história da literatura brasileira*. São Paulo: Globo, 1995.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Letras & Letras, 1998.

_____. Romance Bárbaro. In: *Letras e Literatos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1936.

_____. *Estudos de Literatura Brasileira*. 1ª Série. Rio de Janeiro: Garnier, 1901.

_____. *Últimos Estudos de Literatura Brasileira*. 7ª série. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

VITOR, Nestor. Treva. – Por Coelho Netto. In: *Obra Crítica*. Vol I. Rio de Janeiro: Mec;; Casa Rui Barbosa, 1969.

WELLEK, René. *História da crítica moderna* (trad.). São Paulo: Herder EDUSP, 1972. 4 v.

_____. *Conceitos de crítica*. Trad. Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, s.d.

Anexos

Nota Explicativa

O jornal *Gazeta de Notícias*, coluna de crônicas “Fagulhas”, estudado neste trabalho, no período de 1897 a 1899, por ser um jornal de mais de um século, muitas vezes, mal cuidado até se transformar em microfilme, sofreu algumas deteriorizações por causa do tempo ou mesmo pelo mau manuseio.

O jornal foi digitalizado e depois digitado. Encontramos algumas dificuldades para transcrever este acervo de crônicas devido o grande número de erros de tipografia. Provavelmente, um escritor como Coelho Neto, homem preocupado com as letras, não cometeria desvios banais de ortografia, pontuação, dentre outros.

As crônicas foram digitadas da mesma forma que aparecem no jornal, mantendo sua redação original. Assim, optamos por uma transcrição diplomática, ou seja, os conteúdos dos textos estão da mesma forma que os encontramos no jornal. As crônicas possuem muitas lacunas, palavras, frases ou trechos de difícil compreensão, então, seguiremos os critérios de legendas do livro *O teatro – crônicas de Arthur Azevedo*, organizados por Larissa de Oliveira Neves e Orna Messer Levin (2009) . Os critérios são:

- [p. i.] – palavra ilegível
- [ps. is.] – palavras ilegíveis (duas a quatro, aproximadamente)
- [t. i.] – trecho ilegível
- [f. i.] – frase ilegível
- [n. i.] – número ilegível

SUMÁRIO

FAGULHAS 02/08/1897	107
FAGULHAS 04/08/1897	108
FAGULHAS 06/08/1897	110
FAGULHAS 07/08/1897	112
FAGULHAS 08/08/1897	114
FAGULHAS 09/08/1897	115
FAGULHAS 12/08/1897	117
FAGULHAS 13/08/1897	119
FAGULHAS 14/08/1897	121
FAGULHAS 15/08/1897	122
FAGULHAS 16/08/1897	124
FAGULHAS 17/08/1897	126
FAGULHAS 18/08/1897	127
FAGULHAS 20/08/1897	129
FAGULHAS 24/08/1897	130
FAGULHAS 26/08/1897	132
FAGULHAS 29/08/1897	133
FAGULHAS 30/08/1897	134
FAGULHAS 02/09/1897	136
FAGULHAS 04/09/1897	137
FAGULHAS 07/09/1897	138
FAGULHAS 08/09/1897	140
FAGULHAS 09/09/1897	141
FAGULHAS 10/09/1897	143
FAGULHAS 15/09/1897	145
FAGULHAS 16/09/1897	146
FAGULHAS 18/09/1897	148
FAGULHAS 19/09/1897	150
FAGULHAS 21/09/1897	152
FAGULHAS 23/09/1897	154
FAGULHAS 29/09/1897	155
FAGULHAS 30/09/1897	157
FAGULHAS 02/10/1897	159
FAGULHAS 03/10/1897	160
FAGULHAS 06/10/1897	162
FAGULHAS 08/10/1897	165
FAGULHAS 03/11/1897	166
FAGULHAS 04/11/1897	167
FAGULHAS 09/11/1897	168
FAGULHAS 12/11/1897	170
FAGULHAS 15/11/1897	171
FAGULHAS 17/11/1897	172
FAGULHAS 20/11/1897	174
FAGULHAS 21/11/1897	175
FAGULHAS 22/11/1897	176

FAGULHAS 24/11/1897	178
FAGULHAS 25/11/1897	180
FAGULHAS 27/11/1897	181
FAGULHAS 28/11/1897	183
FAGULHAS 29/11/1897	184
FAGULHAS 30/11/1897	186
FAGULHAS 01/12/1897	188
FAGULHAS 03/12/1897	189
FAGULHAS 05/12/1897	191
FAGULHAS 07/12/1897	193
FAGULHAS 08/12/1897	194
FAGULHAS 09/12/1897	195
FAGULHAS 16/12/1897	196
FAGULHA 20/12/1897	198
FAGULHAS 21/12/1897	200
FAGULHAS 22/12/1897	201
FAGULHAS 23/12/1897	202
FAGULHAS 24/12/1897	203
FAGULHAS 25/12/1897	204
FAGULHA 29/12/1897	206
FAGULHAS 30/12/1897	207
FAGULHAS 03/01/1898	209
FAGULHAS 04/01/1898	210
FAGULHAS 05/01/1898	212
FAGULHAS 06/01/1898	213
FAGULHAS 09/01/1898	215
FAGULHAS 10/01/1898	216
FAGULHAS 11/01/1898	217
FAGULHAS 12/01/1898	218
FAGULHAS 15/01/1898	219
FAGULHAS 16/01/1898	220
FAGULHAS 20/01/1898	222
FAGULHAS 21/01/1898	223
FAGULHAS 22/01/1898	224
FAGULHAS 23/01/1898	225
FAGULHAS 24/01/1898	227
FAGULHAS 25/01/1898	227
FAGULHAS 27/01/1898	229
FAGULHAS 29/01/1898	231
FAGULHAS 30/01/1898	232
FAGULHAS 01/02/1898	234
FAGULHAS 04/02/1898	236
FAGULHAS 07/02/1898	237
FAGULHAS 08/02/1898	239
FAGULHAS 10/02/1898	240
FAGULHAS 11/02/1898	243
FAGULHAS 12/02/1898	244
FAGULHAS 13/02/1898	246
FAGULHAS 14/02/1898	248
FAGULHAS 16/02/1898	249

FAGULHAS 18/02/1898	251
FAGULHAS 20/02/1898	253
FAGULHAS 21/02/1898	255
FAGULHAS 25/02/1898	256
FAGULHAS 26/02/1898	258
FAGULHAS 27/02/1898	260
FAGULHAS 01/03/1898	261
FAGULHAS 06/03/1898	262
FAGULHAS 08/03/1898	264
FAGULHAS 09/03/1898	266
FAGULHAS 18/03/1898	267
FAGULHAS 20/03/1898	269
FAGULHAS 23/03/1898	270
FAGULHAS 24/03/1898	271
FAGULHAS 25/03/1898	272
FAGULHAS 26/03/1898	273
FAGULHAS 28/03/1898	274
FAGULHAS 29/03/1898	276
FAGULHAS 30/03/1898	277
FAGULHAS 31/03/1898	279
FAGULHAS 01/04/1898	280
FAGULHAS 02/04/1898	281
FAGULHAS 03/04/1898	282
FAGULHAS 04/04/1898	283
FAGULHAS 07/04/1898	285
FAGULHAS 08/04/1898	286
FAGULHAS 10/04/1898	287
FAGULHAS 13/04/1898	288
FAGULHAS 14/04/1898	289
FAGULHAS 14/04/1898	292
FAGULHAS 19/04/1898	294
FAGULHAS 23/04/1898	295
FAGULHAS 25/04/1898	295
FAGULHAS 26/04/1898	295
FAGULHAS 27/04/1898	297
FAGULHAS 29/04/1898	298
FAGULHAS 01/05/1898	300
FAGULHAS 04/05/1898	301
FAGULHAS 06/05/1898	303
FAGULHAS 07/05/1898	304
FAGULHAS 09/05/1898	306
FAGULHAS 10/05/1898	309
FAGULHAS 11/05/1898	310
FAGULHAS 12/05/1898	312
FAGULHAS 14/05/1898	313
FAGULHAS 25/05/1898	315
FAGULHAS 06/06/1898	316
FAGULHAS 08/06/1898	317
FAGULHAS 10/06/1898	319
FAGULHAS 13/06/1898	320

FAGULHAS 15/06/1898	321
FAGULHAS 24/06/1898	323
FAGULHAS 25/06/1898	324
FAGULHAS 26/06/1898	325
FAGULHAS 27/06/1898	327
FAGULHAS 28/06/1898	328
FAGULHAS 01/07/1898	329
FAGULHAS 03/07/1898	331
FAGULHAS 04/07/1898	332
FAGULHAS 07/07/1898	333
FAGULHAS 09/07/1898	335
FAGULHAS 10/07/1898	336
FAGULHAS 13/07/1898	337
FAGULHAS 14/07/1898	339
FAGULHAS 17/07/1898	341
FAGULHAS 19/07/1898	342
FAGULHAS 20/07/1898	344
FAGULHAS 26/07/1898	345
FAGULHAS 30/07/1898	347
FAGULHAS 31/07/1898	348
FAGULHAS 03/08/1898	349
FAGULHAS 04/08/01898	350
FAGULHAS 07/08/1898	351
FAGULHAS 11/08/1898	353
FAGULHAS 12/08/1898	354
FAGULHAS 13/08/1898	356
FAGULHAS 14/08/1898	357
FAGULHAS 17/08/1898	358
FAGULHAS 19/08/1898	359
FAGULHAS 22/08/1898	360
FAGULHAS 23/08/1898	362
FAGULHAS 25/08/1898	363
FAGULHAS 27/08/1898	364
FAGULHAS 28/08/1898	366
FAGULHAS 30/08/1898	367
FAGULHAS 31/08/1898	369
FAGULHAS 01/09/1898	370
FAGULHAS 07/09/1898	371
FAGULHAS 08/09/1898	372
FAGULHAS 09/09/1898	374
FAGULHAS 10/09/1898	375
FAGULHAS 13/09/1898	376
FAGULHAS 14/09/1898	377
FAGULHAS 04/10/1898	379
FAGULHAS 05/10/1898	380
FAGULHAS 06/10/1898	382
FAGULHAS 08/10/1898	383
FAGULHAS 09/10/1898	385
FAGULHAS 10/10/1898	386
FAGULHAS 11/10/1898	387

FAGULHAS 13/10/1898	389
FAGULHAS 14/10/1898	390
FAGULHAS 21/10/1898	392
FAGULHAS 23/11/1898	394
FAGULHAS 26/10/1898	395
FAGULHAS 27/10/1898	397
FAGULHAS 29/10/1898	398
FAGULHAS 01/11/1898	400
FAGULHAS 04/11/1898	402
FAGULHAS 29/11/1898	404
FAGULHAS 30/11/1898	405
FAGULHAS 09/12/1898	406
FAGULHAS 11/12/1898	408
FAGULHAS 13/12/1898	410
FAGULHAS 14/12/1898	411
FAGULHAS 15/12/1898	412
FAGULHAS 16/12/1898	413
FAGULHAS 17/12/1898	415
FAGULHAS 19/12/1898	416
FAGULHAS 21/12/1898	418
FAGULHAS 23/12/1898	419
FAGULHAS 25/12/1898	420
FAGULHAS 29/12/1898	422
FAGULHAS 30/12/1898	423
FAGULHAS 02/01/1899	424
FAGULHAS 04/01/1899	425
FAGULHAS 05/01/1899	426
FAGULHAS 07/01/1899	427
FAGULHAS 08/01/1899	428
FAGULHAS 09/01/1899	429
FAGULHAS 11/01/1899	431
FAGULHAS 13/01/1899	432
FAGULHAS 15/01/1899	434
FAGULHAS 16/01/1899	435
FAGULHAS 18/01/1899	436
FAGULHAS 20/01/1899	437
FAGULHAS 22/01/1899	439
FAGULHAS 25/01/1899	440
FAGULHAS 28/01/1899	441
FAGULHAS 01/02/1899	443
FAGULHAS 03/02/1899	444
FAGULHAS 05/02/1899	446
FAGULHAS 06/02/1899	447
FAGULHAS 07/02/1899	448
FAGULHAS 08/02/1899	449
FAGULHAS 09/02/1899	450
FAGULHAS 11/02/1899	451
FAGULHAS 16/02/1899	452
FAGULHAS 19/02/1899	453
FAGULHAS 20/02/1899	454

FAGULHAS 22/02/1899	456
FAGULHAS 25/02/1899	457
FAGULHAS 27/02/1899	458
FAGULHAS 28/02/1899	459
FAGULHAS 01/03/1899	460
FAGULHAS 03/03/1899	461
FAGULHAS 21/03/1899	463
FAGULHAS 03/04/1899	464
FAGULHAS 06/04/1899	465
FAGULHAS 01/04/1899	466
FAGULHAS 16/04/1899	467
FAGULHAS 22/04/1899	468

FAGULHAS 02/08/1897

O TITULO, por ser scintillante, não é presumpçoso, mais simples não podia ser mais claro e modesto. Quem já viu uma fogueira, cousa facil de ser vista, não terá necessidade de esvurmar o entendimento para comprehender o — por que? — subtil do titulo que adoptei.

Arde a lenha, a chamma revolta ruge, colleia, arrasta-se, espadana — a claridade enche a noite, faz d'ouro a folha verde, põe pepitas n'agua tremula, ensaguenta as faces e o calor anima: desenovella-se o fumo e sobe, os tóros crepitam com um crebro castanholar e lá se vão pelos ares, a um enxame, como abelhinhas d'ouro, as fagulhas ephemerias.

Pobres insectos de fogo! com que alegria sahem que até parece que vão rindo; são centenas, lá vão ! mas tanto que chegam ao ar logo se apagam e nem deixam signal... quem póde ver a cinza da fagulha? era somente aquella luminosa alegria, nada mais, fez o seu officio e morreu.

Nesta agitação da imprensa, grande fogueira onde a todo instante lenhadores andam a lançar troncos: são as grandes e vernerandas arvores da Patria: a sua politica, a sua economia, a sua historia, a sua arte, que todas ardem com mais ou menos vigor; as carradas de lenha que nos vêm do mundo pelo telegrapho e que tambem ardem aquecendo a curiosidade publica, os grossos troncos dos artigos de fundo, os ramalhos das chronicas, os gravetos dos commentarios, as versas das locaes, sem contar a folhagem dos annuncios e as maravilhas dos communicados e dos *pedidos* que chegam á fogueira e lhe dão maior intensidade, esta secção não é mais que fagulha.

O artigo de fundo substancial e ponderoso traz a consistente licção quando não provoca o somno; a discussão política mostra o largo caminho do progresso quando não enverada pela sargeta da descompostura; a dissertação econômica aclara a situação financeira e prepara a fortuna quando não leva atropelladamente á banca-rotta; a historia do passado incita á gloria futura; a Arte eleva o nível intellectual quando não desanda em, nephelibatismo; os exemplos do mundo fazem cm que ponhamos de molho as barbas arriscadas; a chronica delicia, o commentario adormece; a local mostra-nos a vida com sua agitação de amor e ódio, de virtude e de crimes; os annuncios animam o commercio com os prégoes e os *a pedidos* deprimem a moral com suas virulencias...

As minhas fagulhas, sahindo d'esse formidável conjuncto de combustíveis, serão inoffensivas... com ellas não pretendo illuminar horisontes escuros... pobres lampyros! com

ellas não farei bolhas em epidermes... que póde queimar uma fagulha, uma pequenina fagulha!...

Oh! não vá ella cahir em algum palheiro um dia... Sim, cahindo n'um palheiro então... mas as minhas *Fagulhas* hão de procurar a altura sempre, os ares livres, o livre espaço e depois d'um brilho de segundo nem cinza a gente encontrará depois...

Fagulhas, fagulhas, fagulhas...

Eia! lenha ao fogo! lenha ao fogo! e que a chamma suba e replandeça. Lenha ao fogo e lá vai a primeira *Fagulha* cantando hosannas a *Gazeta de Noticias*... La vai... cantou... E que resta da Fagulha? Nada mais! E assim será sempre.

N.

FAGULHAS 04/08/1897

A casa de Chico Bumba (será mesmo Bumba?) n'um quarteirão honesto e pacato, fronteira ao convento austereo onde velhas monjas balbuciam psalmos passando repassando os dedos magros e transparentes pelas contas gastas dos rosários, discretamente fechada e calada, era poeticamente conhecida pelo suggestivo e gracioso nome da *Ilha dos amores*.

Quem passava podia deter os passos e collar o ouvido curioso á porta, que nada ouvia; o silencio era completo, porque a divisa de Chico é quieta e pratica: silencio é ouro — Chico é um poço profundo.

Passando o limiar, subindo as escadas forradas de encerado inglez, logo ao entrar na sala de jantar, que aroma de resinas arábicas! Que leve e perfumado ambiente! que delicia de ar! e Chico, muito preto, com a sua alcunha muito gorda, sentado gravemente como um pachá n'uma alta e ampla poltrona, a contar a feria.

A feria de Chico... De que vive Chico? que profissão exerce? Chico é uma creatura ideal: vive do amor, do amor do próximo, estenda-se, porque o retinto Bumba (Bumba?) está nas condições do sultão Mahonoud e póde, como elle, dizer:

Daus mon haren se groupe
Comme un bouquet
Debordant d'une coupe
Sur un banquet,
Tout ce que cherche ou revê,
D'opium usé

En son ennui sans trêve
Un coeur blasé;
Mais tous ces corps sans âmes
Plaisent un jour...
Hélas! J'ai six cents femmes
Et pas d'amour!

Chico é um homem desinteressado: Amai-vos uns aos outros, dizia aos casaes que buscavam a sua protecção, e os casaes, agradecidos, deixavam um óbulo na mão papuda e rapace de Chico.

Eis, em linhas curtas, como vivia esse Ganymedes de azeviche. Certos olhos negros vertiam n'alma de *alguem* o phitro terrível da paixão. *Alguem* corria immediatamente á *Ilha dos amores* e contava a Chico a desgraça, promettendo mundos e fundos, fundos principalmente, caso Chico conseguisse arranjar os olhos negros. Chico jurava o sahia...

Pobres olhos negros! com um negralhão d'aquelles a perseguil-os, que haviam de fazer? lá iam seguindo os passos do eunucho e... Pobres olhos negros! ... Nem sempre, porém, Chico procedia com lisuara. Contam d'elle o seguinte:

Certo cavalheiro da mais fina sociedade (creio que era dos *Democráticos*) apaixonou-se por uma dama da *haule gomme*. Apaixonado e ancioso, correu com uma cédula de 200\$ aos pés largos e espalhados de Chico e fallou. Chico ouviu em silencio coço a responsabilidade, tomou nota e prometteu, marcando o dia, a noite, devo dizer. Como é natural que o publico tenha impaciencia de ver o desenlance, como o amoroso cavalheiro tinha, vou logo ao facto. Chegou a noite, Chico incendiou uma caixa de pastilhas do serralho e esperou. No convento rezavam *Vesperas* quando o cavalheiro enamorado surgiu.

— Então, Chico?

— Está lá, mas disse que só se... for no escuro... Tem vergonha...

— No escuro, Chico...?

— Ella disse...

Que havia de fazer o cavalheiro? resignou-se e... Chico passou á sala de jantar. Alguma cousa, porém, perdeu o cavalheiro, cousa preciosa ao certo, porque, esquecendo a recomendação de Chico, riscou um phosphoro e... deu com sua engommadeira, (*haute gomme*) anafada senhora de cincoenta e seis annos, avó extremosa, que Chico havia industriado para representar no escuro de timida e pudica.

Houve uma scena vergonhosa, foi uma agua-suja e Chico viu-se abarbado com o cavalheiro. Ao que consta, foi por causa de uma scena identica que desgraçado foi denunciado: Chico costumava impingir gato por lebre e como era no escuro, mas a policia fez luz sobre o caso e... lá se quebrou o encanto da casa. Chico está preso e com um processo em cima... que ha de ser do amor? Cupido que requeira *habeas-corporis*... Ainda há juizes em Cythera... e quem se empenhe por... amor.

N.

FAGULHAS 06/08/1897

A caçada continua e com a mesma infelicidade. Se aqui, com a atilada matilha de agentes, a policia sagaz perdeu a pista de Affonso — o equestre, como quer apanhar o centauro nos dilatados campos de Uberaba? Aqui elle pirou-se n'um cavallo branco e a policia prendeu varios individuos suspeitos, e alguns paletots, e camisas e o cavallo e cartas, sendo tudo interrogado em segredo de justiça... Affonso andava longe.

Já o julgavamos em Canudos, em alguma catinga, fazendo fogo, quando um despacho nos veio dizer que o homem terrivel fora agarrado no fim do mundo, que fica lá para as bandas de Goyaz.

Eu duvidei... O meu orgulho de fluminense adoptivo sentiu-se melindrado. Pois a nossa policia, a nossa extraordinaria policia, rival do corpo de bombeiros, deixou escapar o falsificador e a policia trangalhadas de Goyaz levou a melhor na diligencia. Pois nós, os da esclarecida Capital, nós, que damos as cartas, havemos de ser humilhados pelos de Goyaz! Não... e effectivamente não fomos!

Ora graças a Deus! Por nossa ventura, para orgulho nosso, Affonso Coelho evadiu-se, deixando os agentes goyanos tão embasucados como o Dr. Noemio da Silveira. Já os sertões exultavam. Uberabinha estava em festa; nos ranchos das estradas celebrava-se o grande feito, quando Affonso, offendido no seu amor próprio de fluminense, disse lá de si comsigo:

— Não! preso por estes caboclos, nunca! Antes a morte! Se eu atirei terra aos olhos perspicazes do Dr. Noemio, se confundi todo o corpo de segurança da Capital, se puz em polvorosa a rua do Lavradio, fazendo com que ficasse de promptidão a brigada policial, hei de me deixar agarrar por quatro sertanejos que nem ao menos são jagunços isso não! Antes de tudo, eu sou fluminense e não quero ver humilhada a terra em que nasci. Se tenho de ser preso, meu Deus... não seja aqui n'este cafundós e por tal gente, mas na rua do Ouvidor pelo *Chata*... o' *Chata* sempre é outra cousa. E com taes ideas, que lhe ficam muito bem —

valha a verdade!— porque mostram que Affonso ama a terra natal, foi logo tratando de arranjar um cavallo branco, escarranchou-se e, emquato os agentes, em volta do fogo, no rancho, zangarrejavam, elle corria, novo Maceppa, protegido pela noite que fez Risoleta. Esta salva a honra da policia da Capital Federal.

Mas — e aqui é que a questão ganha certa gravidade, tão grande que não creio que passe sem averiguações e inquerito — quem deu fuga ao estellionatario? quem arreiou o cavallo? Quem propoz a serenata? quem começou o desafio á viola? Dizem que foi um homem myterioso; e querem saber quem era esse homem? um agente de policia da Capital Federal.

Sim, um agente de policia, que, tendo conhecimento da prisão de Affonso, ofendido na sua dignidade, partiu immediatamente ao encontro da diligencia e, procurando, fallar ao criminoso em particular metteu-o em brios:

— Como é isso, seu Affonso? pois você, um rapaz do Rio, não tem vergonha d’isso?

— D’isso que?

— De haver sido preso por uns matutos com esses!

— Homem... não sei foi por mal palavra d’honra... eu bem não queria, mas...

— Isso é uma vergonha para você e para nós...

— Eu tambem acho... E agora?

— Agora é você fugir outra vez... Eu arranjo as cousas. Você foge e vai esperar-me...

— Onde?

— Na Barra do Pirahy...

— Não, na rua do Ouvidor... No café Cascata...

— O café Cascata cahiu, homem de Deus...

— Cahiu...? Então na casa do *Chico Bumba*... rua da Ajuda...

— Varejo... O Chico só vende por atacado e isso mesmo pelos fundos...

— Foi, a policia, homem...

— Que diabo! Tambem vocês mettem o nariz em tudo, até no Chico...

— Que se ha de fazer?... Mas espera... pode ser na casa do Chico... elle deu fiança, está na rua quero dizer está em casa outra vez...

— Então esta feito vou esperar-te em casa do Chico. Mas vê lá... eu deixo-me prender para salvar a honra da policia da Capital, mas quero um *habeas-copus* logo...

— Ora!

- Então, adeus! Que é do cavallo?
— Está alli atrás d' aquella cêrca... Escuta: tens ahi miudos?
— Pouco...
— Disfarça alguns... Boa viagem! Em casa do Chico...
— Sim, em casa do Chico...
-

No rancho, á luz do fogo, ao som gemente das violas:

Mulata, minha mulata,
Estica o braço tringueiro,
Já tenho parte da esteira,
So me falta o travesseiro

..... E Afonso corria não para a casa de Chico mas para o matto, que é maior, salvando a honra da policia da Capital Federal. Nobres sentimentos de rapaz!

N.

FAGULHAS 07/08/1897

Sempre que vejo annunciada, com chocalhantes dizeres, em typo muito negro e gordo ou de gracioso enramilhetado bysantino, uma nova peça das que, segundo a voz unanime, fazem a delícia do publico, punge-me tanto a injustiça dos emprezarios, que mais de uma vez me tem vindo a grana de sahir pleiteando o direito dos que o têm que não são, como allegam, os auctores dos libretos, mas os scenographos, os aderecistas e as costureiras.

Antigamente, quando o povo barbaro acudia em tropel aos immensos theatros, que ia elle admirar? As coephas ou Prometheu, de Eschylo; a Electra ou o Edipo-rei, de Sophocles; a Lysistrata ou o Plutus, de Aristophanes.

Em Roma eram as peças de Plauto ou as tragedias de Seneca. Mais tarde, á beira do Tamisa, os mysterios, as moralidades, as farças que surgem com Chaucer e ganham esplendor com John Heywood, depois Bale, Lyndsay, Brandon, por fim Johnson e Shakespeare.

No tempo do “grade genio” ainda os actores trabalhavam em palcos de albergues. Romeu e Julieta, l'ericles, Hamlet, Os dous Ricardos, foram representados com uma muita

miseria de scenographia e de vestes – o symbolismo substituia a grandeza: um homem passando ao fundo da scena com uma lanterna annunciava a noite, um soldado valia por um exercito, a tenda de Lear era feita com uma velha cortina.

N'esse tempo era natural que fossem applaudidos os poetas porque, em verdade, eram elles que appareciam; - em Athenas o povo tremia ouvindo as erymias; chorava com Electra, ria com as Rãs; Em Roma, Plauto fazia pensar e rir; Shakespeare, em Londres, arrebatava, infundia terror e, pela subtilidade da sua analyse, pela imparcialidade da sua critica, impunha-se aos espiritos; mas, entre nós, os verdadeiros auctores são os scenographos, os aderecistas e as costureiras, os educadores são os comicos.

Antigamente era a perfeição da phrase pura, escoimada, artistica e conceituosa que deliciava – a musica, se havia, era grave quasi religiosa; hoje a phrase é apenas indicada, com ou sem syntaxe, e o actor lança mão da ponta do fio e por sua conta desenrola o aranzel claudicando e com ignobeis facecias de um gosto soez e impudico.

O gesto comedido e expressivo foi substituido pelos movimentos indecorosos, pela mímica desfaçada e incontinente; - para regular os bailados devassos teve fóros elevados a musica das aringas; para regalar a fibra erotica o bailado tornou-se convulsionario e a graça subtil dos passos foi substituida pelos requebros serpentinos.

Que lucro tira o publico d'essas representações? aprende a desconjuntar-se, aprende a fallar com solecismos, n'um calão de feira enxortado de trocadilhos; vê os scenarios e vê os adereços, que têm, pelo menos, a virtude de ser castos e, quando, de volta á casa, entra a recapitular a noite, que acha na recordação? pernas núas, seios espoucados, sons d'uma chirinola livre, mais alguns barbarismos e muita immoralidade... Recordase então das vistas e do fauto dos personagens: castellos em montes, campos verdes, palacios maravilhosos, o céu resplandescente, o inferno em chammas, o fundo esmeraldino do mar, os trajes das damas e dos cavalleiros, os palanquins, os carros feericos e... nada mais. O nosso teatro – panorama deixará, como lembrança ao futuro, alguns sarrafos pintados e muita farpella crivada de lantejoulas. São, pois, os scenographos, os aderecistas e as costureiras os verdadeiros auctores das peças; a elles a gloria! Os auctores festejados, esses deixarão, como memoria, no espirito do povo, uma irreductivel indisposição para o Bello e muito solecismo.

N.

FAGULHAS 08/08/1897

Fui a um dos ensaios do Pelo amor! de Coelho Netto...

Como consegui illudir a vigilancia do Luiz de Castro, o energico ensaiador? perguntarão. Com muita paciencia, perdendo preciosas gottas de sangue.

As 5 horas da tarde entrava eu no jardim do Gymnasio de Botafogo pedindo ás arvores que me viam passar o mais absoluto silencio... fui caminhando e alcancei a escadinha arriscada que conduz á caixa do theatrinho... uma verdadeira caixa de Pandora; porque tem de tudo e... pulgas. N'um canto havia um monte de bastidores... excellente refugio! Metti-me n'elle e foi como se houvesse entrado em Canudos... Uma jagunçada terrivel atirou-se-me ás pernas... Fui assaltado e sangrado cruelmente durante tres horas morosas e frias...

Já começava a sentir-me exangue quando ouvi vozes alegres: eram os amadores que chegavam com o energico ensaiador e o ponto, um distincto clinico, futuro representante de um prospero Estado da Republica... E o ensaio começou.

Eu... eu não devo fazer referencias ao poema de Coelho Netto, mas posso fallar francamente da musica de Leopoldo Miguez. O inspirado auctor da Parisina bordou admiravelmente sobre a tela do poema uma pequenina mas deliciosa partitura. Os numeros que tive a felicidade de ouvir... (Ah! se o Luiz de Castro me surprehendesse!...) são de uma inspiração felicissima – a elegia cantada pelo bóbo, a canção rustica, a marcha funebre, a prece, a ballada, a ária de Samla, todo melodrama enfim... que encanto! E os amadores?! É extraordinario. E dizem que o nosso publico só vai as pachuchadas...

Eu sempre quero ouvir a opinião dos auctorizados quando, em noite de 18, virem em scena o poema dramatico. Com que enthusiasmo acódem todos aos ensaios, com que boa vontade attendem ás marcações do ensaiador (que é impertinente a valer!) e como dão realce aos papeis que lhes foram confiados. Os nossos artistas ficam nas revistas enas bambochatas e os amadores arrojam-se intrepidamente a um genero mais elevado procurando, com um esforço digno de todos os applausos, levantar, já não digo o nível litterario, mas o nivel moral do nosso theatro.

A representação do Pelo Amor! é uma tentativa artística que póde trazer magnificos resultados. Não nos faltam escriptores de merecimento que, certamente, vendo o

exito d'esse ensaio, não se recusarão a trabalhar, concorrendo com o subsidio glorioso para as festas artísticas dos invernos fluminenses, Temos Olavo Bilac, Machado de Assis, Arthur Azevedo, Guimarães Passos, Silva Ramos, Luiz Murat e tantos outros artistas do verso e da prosa, que nos falta? interpretes? ahi está a elite da nossa sociedade que, em boa hora, fez alliança com os intellectuaes; publico? dos mil bilhetes que foram postos na casa de Arthur Napoleão para a recita do dia 18... ha menos de cem.

Para o anno pretendem Coelho Netto e Miguez fazer uma memoravel surpresa... Já os dous entenderam-se e eu... Mas não, sejamos discretos.

O publico que se reserve para a noite de 18, e depois de ouvir a tentativa que seja sincero e franco, declarando-se para que os dous artistas, que se vão abalançar a execução de um trabalho exigente, travem logo da penna ou recuem em tempo. Tenho certeza, porém, de que o publico dirá em unisono: Away! se o regulamento dos theatros permitir.

N.

FAGULHAS 09/08/1897

Pessoa que, em Canudos, peleja á sombra sagrada do pavilhão da Republica escreveu-me com data de 20 do mez passado uma carta longa e minuciosa, na qual vêm descriptos varios episodios da lucta tremenda em que se acham valorosamente empenhadas as nossas forças.

A narração dos combates póde, sem prejuizo, ser supprimida, porque o zeloso corespondente do Jornal do Commercio

... braço ás armas feito.

... mente ás musas dada

põe tudo nas cartas, não perde um tiro. Quero apenas transcrever certos casos que deixam em ultimo plano o do “papagaio”, o papagaio que disse, no meio do tiroteio: “Me salve, que eu não sou jagunço.”

Ahi vão os trechos:

“Quando as tropas do general Arthur Oscar, desalentadas, soffrendo os horrores da fome e da sêde, alongavam afflictamente os olhos pela cidadella do Bom Jesus... desbragado, o cão de um dos soldados, n’uma resolução heroica, apanhou um balde da cantina e foi-se com elle pela rampa, sem temor das balas dos jagunços nem das pragas do Conselheiro.

Chegou a uma cacimba, encheu-o e voltou com elle para o acampamento, praticando uma obra de misericórdia. Todos os soldados, ávidos, beberam á saude do cachorro, que foi promovido a aguadeiro-mor.

Em Cocorobó (eu, sempre que pronuncio tal nome, lembro-me de um doudo que cantava como gallo) as forças de Savaget faziam prodigios de valor mas soffriam grandes damnos, porque d'um umbuzeiro partiam tiros tão certos que, a cada detonação, cahiam cinco e seis soldados. Houve uma bala que, depois de haver atravessado oito soldados, dous alferes, quatro cadetes, um cajueiro, ainda voltou atrás para ferir um capitão; era uma bala explosiva, das que os jagunços chamam – de estalo. Avançando contro o umbuzeiro, os soldados fizeram tão vivo fogo que o terrível inimigo rolou da arvore e, com pasmo, viram todos que era um macaco. Mas não ficou n'isso: continuando o fogo, ouviu-se uma voz lamentosa dizer:

_ Cathirina, toma esta criança, que me sinto ferida.

Era a macaca, que passava aos braços da filha mais velhos o filho mais novo, porque fôra atingida por uma bala. No cadaver do simio foram encontrados varios pentes de Mannlicher (e ha quem ria quando se diz – “vá pentear macacos”), uma escova de dentes, um coupon do Pantheon da loteria de 500 contos... Era um macaco velho!

Na Favella poz o Conselheiro uma terrível atalais; a gente não podia mover um panno, porque a vedeta logo dava signal, aos gritos. Era um bem-te-vi. Quem matou o bem-te-vi foi um artilheiro, atirando com o grande canhão, pois a ave era tão damnada que, já morta, ainda gritava furiosamente; o seu cadaver acha-se guardado, com sentinella á vista.

Mas o grande assombro foi no memoravel assalto de Canudos. Já devem por ahi saber que o capitão Benicio, para não cahir de cavallo magro, - estão todos que é uma miseria! veio como banqueiro: montado n'uma burra. Esse animalejo fez toda a viagem sem uma queixa e – cousa notavel! – com uma inflammação do baço.

Quando avistamos alguma catinga tapavamos o nariz e olhavam para as orelhas da burra: se iam molles, não havia perigo; mas se ficavam tesas como dous ferros de lança, já sabiamos: tinhamos jagunços! – e nunca falhou. Bemditas orelhas de animal!

Por occasião do assalto, a burra, que se queixava dos callos..., tambem cento e tantos leguas a pé!..., deu a entender que precisava de algum repouso e o capitão amarrou-a uma arvore de sombra. Alli ficou o animal sacudindo as balas e as moscas com a cauda todo o santo dia: á tarde, porém, estando distrahida, um dente de pente Mannlicher entrou-lhe pela cabeça e sahiu-lhe não sei por onde. Ferido, o pobre animal, volveu os olhos, procurando o seu dono e não o vendo nem podendo esperar mais tempo, porque tinha de morrer e a Morte é como os paquetes da Mala Real, que não esperam, imitou a burra de Ballão, fallando. Passava

um soldado carregado de ferimentos, tinha ferimentos em toda a parte, fóra os que deixara por não poder com a carga, quando a burra o chamou:

_ Olá, soldado amigo...

O valente voltou-se e, dando com a burra agonizante, ficou assombrado:

_ Huê! como é que mula chama a gente?!

_ Vai e dize ao capitão Benicio que eu morri aqui como um cão! mas elle não possuirá meus ossos nem meu lombo. Se quizer, que volte a pé... e entesou as orelhas:

O soldado, como estava só trato de safar-se porque, como já disse acima: quando a mula atesava as orelhas queria dizer que andavam jagunços perto. Mas não eram jagunços, era um gallo preto que saracoteava estonteado. O soldado, que tinha fome, deitou a correr atrás do gallo; pois senhores, a ave voltou-se e, com uma voz plangente, cantou como o Sr. Mendonça:

“Seu sordado não me prenda,

Não me leve p’r’o quarté;

Eu não vim fazê baruío,

Vim buscé minha muié.”

Cousas extraordinárias tenho eu visto em Canudos... e pretendo ver mais. Esta é região imaginada por Esopo, Phedro e Lafontaine – aqui os animaes fallam.

Extraordinario é o poder de Antonio Conselheiro... que o diabo leve!”

Como vêem são curiosos os topicos transcriptos. Como o meu informante pretende ver mais eu... mas não nos comprometamos...

N.

FAGULHAS 12/08/1897

Não é só nos esplendidos palacios de esmeralda architectura, entre pannos raros e finas obras d’arte, que vivem mollemente reclinadas, em inercia preguiçosa, as legendarias formosuras; a belleza póde esconder-se por trás de uma penca de bananas ou de um cesto de tomates: - as filhas de Hesperis viviam n’um pomar, Cendrillon sahiu do borralho.

Em Villa Isabel ha uma quitandeira que é a Helena do bairro, porque traz aquelle socegado suburbio em alvoroço – abrazando os corações masculinos com as scentelhas das suas pupillas.

Ha muito pai de familia que vai á quitanda comprar carvão, não para ateiar o lume domestico, mas para inflammar-se com a carvoeira. Uma banana dada pela gentil dama que vive, como Pomona entre tangerinas e repolhos, vale como um presente divino, e á porta da quitanda são tantas as pencas de bananas como as de adoradores...

O marido, porque Pomona é casada, é ciumento, traz a mulher vigiada, posto que ella seja uma Penelope, uma Penelope que não fia porque só vende a dinheiro.

O negocio corria magnificamente e o quitandeiro via o fructo (ou as fructas) do seu trabalho quando o amor surgiu inopinado e atrevido.

Um Páris de Villa Isabel, não podendo mais conter os estúos do coração, foi á quitanda e pediu á quitandeira um fructo... prohibido. A mulher foi logo dizendo que não vendia nem dava tal fructo e Páris que tirasse o cavallo da chuva. Páris não desanimou e, como o quitandeiro estava ausente, fez propostas altas... e a mulher: - “que aquillo era sagrado, que não tinha aquella fructa para negocio” e outras razões.

O homem, porém, ardia em desejos e jurou aos deuses que havia de comer a fructa, custasse o que custasse, e um dia sabendo que não estava em casa o marido, lá se foi com outro á quitanda. Entrou e atirou-se á quitandeira, quero dizer – á arvore, derrubou-a equiz á força apoderar-se do fructo... a arvore resistiu; vendo, porém, que o raizador usava de meios violentos como um faquinio, abriu a bocca e ateou os ares com um clamor honesto. Visinhos acudiram e o ambicioso fugiu sem ter ao menos mettido o dente no desejado pomo.

Tantalizado, não pode ter um momento de paz, poz-se a rondar a quitanda. O quitandeiro avisado pela mulher, tratou de garantir os tomates, as aboboras, as laranjas e a fructa desejada, mas o ladrão, que não se consolava, arranjou meios de, uma noite, subir ao telhado da dimora casta e pura e poz-se a arredar as telhas para descer pelo tecto como as aranhas ou como um raio e cahir, com gana, em cima da fructa; mas o quitandeiro ouviu barulho e sacudiu a mulher: _ Não te parece que anda alguém em cima da casa?

_ Talvez sejam gatos...

Gatos? Não, não eram gatos, era o fructivoro recalcitrante, que, não tendo podido entrar por baixo, queria entrar por cima... Subitamente riscando um phosphoro, o quitandeiro levantou os olhos para o tecto e viu...

_ Oh! mulher! pois tu foste pendurar bringellas no tecto?!

_ Bringellas?!

_ Sim, bringellas... olha lá... Ai! não eram bringellas... Misericordia!

_ É a tal cousa de que te fallei marido... grita antes que venha em cima de mim!

_ E de mim, com seiscientos diabos! E quitandeiro e quitandeira puzeram-se a berrar com toda a força dos pulmões: _Aqui... do presidente da Republica! Misericordia!...

Com o alarido o homemzinho ousado poz-se ao fresco sem ter provado, ainda uma vez, a fructa. O quitandeiro corre á policia com a sua queixa: _ Que era um homem honesto, que vivia do seu negocio e era victima d'um senhor que queria, a todo transe, estragar-lhe uma fructa que tinha em casa... para sua sobremesa só d'elle.

_Mas, ponderou o delegado, se o senhor não quer essa fructa para negocio, porque a tem á mostra na quitanda?

_ A mostra?!... isso seria até uma pouca vergonha, senhor doutor; a fructa não está á mostra, não, senhor...

_ Não está á mostra? e então como tal perseguidor soube que ella existia em sua casa?

_ Eu digo ao senhor doutor o mesmo que me disse minha mulher... só se foi pelo cheiro.

Diz a pessoa que communicou tal facto ao *Paiz* que Páris vendo as cousas mal paradas mettu-se n'um paquete e seguiu para a Europa. O quitandeiro póde agora dormir em paz... e a quitandeira tambem.

Pelo telhado!... já é ter vontade!

N.

FAGULHAS 13/08/1897

Mestre Vieira, na *Arte de furtar*, não faz referencias ao conto do vigario, certamente porque era padre. Esse conto, que tem tido centenas de edições porque, como disse Flaubert, - "la bétise humaine este infinie!" – é um genero de letras... falsas, apenas cultivado pelos que, como Lavater, conhecem o espírito dos homens pela physionomia. Aquella que applica o conto, longe de ser levado á barra dos tribunaes devia ser aproveitado como... o raio X.

Conhecer pela cara que estamos tratando com um idiota parece, á primeira vista, cousa facil ha por ahi muito idiota com ares Sèbwartz posto que não tenha inventado a

polvora... e goza de grande conceito na sociedade; os homens illudem-se com elle. Um gatuno, um contador, lançando os olhos argutos ao indivíduo, diria logo:

_ Isso é uma cavalgada.

Prendem os gatunos e deixam andar impunemente os imbecis... um gatuno póde levar, com subtileza e logica, dez contos a troco de um maço de papel d'embrulho – ha apenas um embrulhado em tudo isso, é o cretino, mas deixai solto na sociedade um imbecil, deixai-o livremente e o damno será maior.

Que faz o gatuno? furta, com esperteza, um pacote de cedulas e o imbecil? acaçapa o cambio, reduz o deposito do thesouro, faz subir o preço dos generosos, estraga uma cidade, sacrifica um Estado, leva um paiz a bancarota.

Não é o gatuno, por exemplo, o culpado dos males de um povo – o gatuno sacrifica o indivíduo, quem acabrunha a sociedade é o imbecil – uma quadrilha de ladrões operando desassombradamente nas estradas á mãe armada, traz menos mal a um reino do que um idiota, de boas intenções, que pense desazadamente em restabelecer o equilibrio financeiro.

A justiça persegue os que furtam e deixa em paz o que desorganisa, põe regimentos atrás de Affonso Coelho, um modesto estellionatario, distribue agentes sagazes para que sigam o rastro do artista do conto e deixa andar impunemente o que defrauda, o que caba o deficit, o que desmantela a nossa vida economica.

É uma grave injustiça, o direito está errado. É muito mais pernicioso o imbecil do que o gatuno. Sinceramente, existiria o conto do vigario se não existissem parvos? não, certamente; estaríamos nós reduzidos á penuria se todos os homens fossem atilados? creio que não.

Acho muito mais proveitosa a guerra aos imbecis do que aos gatunos – o gatuno é, pelo menos um homem de engenho e o furtado? é um pedaço d'asno. Para acabarmos com os furtos – estando á saciedade provado que a nossa policia não póde com os que praticam, applicemos a lei aos que se deixam furtar e a sociedade lucrará com isso libertando-se do grande numero de idiotas que a infestam. Sempre é melhor que entre em uma horta de couves um ladrão do que um burro. Que faz o ladrão? leva alguns pés do legume para fazer o seu caldo ou para os vender na feira e o burro? espesinha os canteiros, estraga os renovos deixando a horta em deploravel estado.

Não, a medida é prudente: deixa a policia em paz o gatuno e prenda o imbecil; castigue-o com um processo, segregue-o da sociedade e nunca mais os jornaes farão

referencias deprimidas para a nossa policia, aos furtos na estrada de ferro e é possível que o cambio suba restabelecendo o equilibrio financeiro.

N.

FAGULHAS 14/08/1897

Ha, n'esta cidade, varios jardins conhecidos pelo convidativo nome de logradouros publicos, talvez porque não foram feitos senão para lograr o mesmo publico. Os jardins foram plantados para que o humilde, o que dispõe apenas de uns seis palmos de terra ao fundo da casa, esses mesmos entulhados com a tina de lavagem, verdes das continuas barrellas, cheios de estendões, com o gallinheiro e mais cousas, possa espairecer uma hora ouvindo a surdina das folhas, ouvindo um passaro, sentado n'um banco, enquanto a agua corre e os cysnes deslisam de manso mostrando as palmouras rosadas através da serena limpidez dos lagos.

Os jardins foram feitos para o operario – para o que se levanta ás 4 e recolhe-se ás 6 esbaforido, lasso, sem energia, sem outra vontade senão a de estirar-se na cama e roncar até que a madrugada o chame.

Os jardins foram feitos para a criança – para que o petiz desenvolva-se na corrida, para que cole o arco, jogue a bola, guie a bicyclette e mesmo excitado pelo instincto animal espoje-se no gramado e vá bater as palmas junto d'agua chamando os patos enquanto aspira a longos haustos o ar que vem tonificado pelos vegetaes, saturado do aroma suave e hygienico.

Os jardins foram feitos para os velhos, para os cansados e frageis que se arrastam durante o dia nas salas humidas vendo a filha que moireja, carregando o neto nos joelhos tremulos, cochilando ao sol nas séstas abafadiças do verão, enquanto as gallinhas cacarejam e o gato domestico arrepiado de volupia, ronrona esfregando-se nos moveis.

Os jardins foram feitos para os que não têm jardins – esta foi a intenção do governo quando mandou abrir vallas e encher fontes d'agua, quando mandou relvar taboleiros, levantar cascatas, plantar arvores e arbustos, espalhar aos casaes aves aquaticas foi esta a intenção do governo... mas de intenções está o inferno cheio, ellas são os parallelepipedos do Orcos.

O operario no que se levanta antes do sol passa. muitas vezes, pelos jardins e nasce-lhe o desejo de ficar um pouco junto de uma arvore, a um canto sombrio e cheiroso, pensando. Passa e vai-se: os jardins estão fechados.

Os pequenos e os velhos acordam, enfiam as roupas leves e ficam á janella, olhando a faina dos leiteiros, vendo os pombos que partem, seguindo gyro das andorinhas. recebem os jornaes e podendo ir ler os casos da vespera n'um logar arejado, de boa tranquillidade, arrastam-se para os quintaes e ahi, entre o amontoado de pannos ensaboados, entre frangos e sarrafos, emquanto o café borbulha e a criançada berra, aos saltos, por cima dos tijolos, o velhote esmiúça a politica, sabe dos roubos, arrepiam-se com os assassinatos, revolta-se com os estupros, indigna-se com os raptos e sorve o café lentamente cabeceando na monotonia insipida das bulhas caseiras.

E tudo isso porque os jardins foram feitos para o sol. Quando a luz é crua, quando estalam os ramos, os porteiros abrem preguiçosamente os pesados portões e vão para a guarita continuar o somno, certos de que é escusada a vigilancia porque ninguem, por mais amor que tenha ás plantas, por mais amor que tenha ás aguas, ousará affrontar uma soalheira abrazadora para regalar os pulmões com o bafo de forno e deliciar as pupillas com espectáculo mífico da refração.

Não, para as soalheiras era melhor que, em vez dos jardins chamados logradouros, o governo mandasse simplesmente fazer... toldos.

N.

FAGULHAS 15/08/1897

Da discussão nasce a luz, diz a sabedoria popular; nem sempre infallivel. Uma noite dous bohemios, porque não tinham lampada, travaram uma formidavel discussão sobre a immortalidade da alma e... continuaram ás escuras. Contam que dous irreconciliaveis philosophos discutindo n'uma camara chegaram a taes extremos que avançaram com gana um contra outro, para decidir a murros a questão transcendete; pois, como não viam um palmo adiante do nariz, sendo noite fechada, entraram a dar bordoadas de cego... nos proprios corpos, julgando cada qual que desancava o contendor. Há discussões que se aquecem tanto que dão fogo.

Houve ante-hontem uma d'essas na rua da Misericordia, entre politicos. Não foi na camara, foi na rua: na camara as discussões ficam em *words, words, words*; na via publica chegam a vias de facto.

O noticiario, com louvavel discrição, occulta os motivos da contenda, diz apenas, vagamente, que se tratava de certa reunião de eleitores e acrescenta que houve fogo, fogo não é luz; e houve tambem faca.

A victima foi um fiscal da prefeitura, d'onde se póde concluir que os fiscaes, encarregados da vigilancia sanitaria, porque são elles que cuidam da limpeza e impedem o taverneiro de vender generos deteriorados, cuidam mais de eleições que de outra cousa.

Se o fiscal houvesse sido ferido por um peixeiro ou por um varredor, seria digno de todos os nossos applausos: um homem deve cair no seu posto; mas ferido por motivos eleitoraes... é significativo. *Ex digito gigans...* o fiscal caracteriza a prefeitura. A cidade é uma infecção – o povo vive sobre uma immundicie e entre paredes oscillantes; as tavernas vendem escandalosamente generos que só pódem fornecer caldos para... cultura de microbios; a lama alastra e os fiscaes discutem reuniões de eleitores e são esfaqueados e baleados com muita convicção politica... e o numero dos fiscaes é tal que, durante a revolta, cheios de zelo patriotico, reuniram-se formando um batalhão que nunca entrou em fogo mas passeiou com muito garbo pelas ruas da cidade.

No ocio da paz todos esses servidores da Republica discutem eleições e proclamam a excelencia do partido municipal, emquanto o fartum das carnes podres vai infestando a cidade e o cães do Russell é transformado em piedoso cemiterio de cães.

Não quero intervir na administração municipal; o nosso prefeito é homem que sabe o que faz, mas... porque não dá o verdadeiro nome aos homens? são fiscaes ou cabos eleitoraes? Se são fiscaes, porque hão de elles discutir com tanto calor, offerecendo generosa e abnegadamente o peito ás balas e a fronte aos instrumentos cortantes por uma simples reunião de eleitores. Afinal, eleitor não é genero tão estragado assim que exija a intervenção dos fiscaes da prefeitura como a carne secca ou o peixe podre; se são cabos eleitoraes, por que os trazem com um uniforme que é um disfarce? Viver ás claras é dos livros; a prefeitura não póde ir de encontro ao preceito philosophico adoptado pela Republica; - nada de mysterios, nada de accumulções: se é fiscal, cumpra o seu dever de zelador; se é cabo de eleições, vá para o triangulo, deixe em paz a rua da Misericordia, onde avulta o santuario, do direito patrio e o maior emporio de descomposturas d'este formoso Brasil. A esta hora está o pobre fiscal gemendo, entre a vida e a morte, n'um leito do hospital e o povo que soffra as consequencias da discussão porque, emquanto geme o ferido os táverneiros folgam e as vassouras repousam.

N.

A cidade ao que parece vai ser vendida a retalho – a intendencia faz parte do Centro dos Varegistas.

A travessa Ayres Pinto, em S. Cristovão, que era julgada propriedade municipal, foi arrematada em leilão e é hoje uma horta planturosa, trancada ao municipes visto que n'ella apenas podem transitar livremente o hortelão e as lesmas. Era um bem publico a misera travessa, tanto que a intendencia no anno passado, decretou o seu calçamento e já havia combustores designados para a sua illuminação e vassouras preparadas para a sua limpeza, subitamente ressoaram as pancadas sinistras de um martello e a travessa foi arrematada; e as couves e os cuentros pullulam viçosamente onde era outrora uma passagem franqueada ao publico.

Começou a liquidação – lá se vai S. Sebastião aos pedaços. A intendencia está muito pobre ou... muito communista: acha que é demasia possuir tantas viellas quando ha por ahi miseraveis que não tem um palmo de terreno onde possam cahir mortos... mas porque vende a varejo? Acho eu que vendida por atacado daria muito mais. Já não digo toda a cidade mas, abairrada, constituindo cada bairro um lote, creio que não havia de ser difficil a venda. Hoje a cidade velha, amanhã a Cidade Nova, depois o Cattete, Botafogo, Jardim, Gavea, S. Christovão, Tijuca, Sacco do Alferes, Catumby... Acudiriam inglezes e, á medida que fossem arrematando iriam marcando as suas propriedades com o pavilhão de Sua Graciosa Magestade e, em pouco tempo, a cidade seria ingleza, mas os cofres municipaes ficariam abarrotados, podendo então a intendencia saldar os seus compromissos e regularisar os seus pagamentos.

Quanto deu a travessa Ayres Pinto? uns miseraveis contos de réis que, certamente não chegaram para acudir ás despézas patrioticas do triangulo. Nada de escrupulisar – a necessidade tem cara de herege – se a intendencia precisa porque não lança mão de um bem precioso? a rua Moreira Cesar, por exemplo, que é, a mais fina do seu peculio, essa lhe ha de dar mais alguma cousa do que a estreita travessa Ayres Pinto, hoje horta.

Quando um homem se vê assoberbado não hesita: chama um leiloeiro, entrega-lhe a casa, dá-lhe uma porcentagem e salva-se com o producto do leilão. A intendencia já tem o catalogo feito – e a planta cadastral – porque não entrega a cidade ao Dias que é um leiloeiro intelligente e consciencioso? Elle, com a sua sagacidade, será capaz de valorisar a praia do Peixe, apesar da imundicie e a rua do Senhor dos Passos apesar do fartum.

Elle encobrirá aos compradores os buracos e a herva das ruas, mandará arborisar as praças como os decoradores enfeitam o Cassino em dias de festa, mandará varrer as calçadas e a cidade apparecerá um dia, ao menos, limpa e decente... mas que espiga para o comprador quando elle vir os ralos entupidos, o calçamento estragado, a herva a brotar entre os parallelipipedos; quando souber que o terreno é uma mistura de detricitos desde a carcassa do podengo até a lata de goiabada, desde o aspecto velho até á [ps.is.] podridões e exemplares do famoso discurso municipal que derreou os chilenos. Só Dias póde vender esta cidade porque tem atilamento: - é um leiloeiro que entende do riscado.

A intendencia que lhe entregue a planta e ha de ver como o homem apura milhões... milhões...? não digo milhões porque, enfim, immunda como está a miseranda não creio que dê muito, em todo caso sempre ha de dar para a victoria de outra eleição.

Que diabo! para que havemos nós de querer uma cidade? desde que tenhamos um representante eleito pelos mórto de Santa Cruz e adjacencias demos graças ao prefeito.

Nada de escrupulos, nós precisamos dar ao mundo uma prova forte de que somos um povo politico; para que ruas? vendamo-las, há o precedente da travessa Ayres Pinto... vamos ao resto. Comecemos pela rua Moreira Cesar. eia! Srs. inglezes, atenção... E a voz do glorioso Dias resôa enquanto o martellino estrepita no pulpito da almoeda:

_ Tenho 312 réis pela rua Moreira Cesar.

_ Vozes: Mas está tão estragada... tão suja... É tão estreita... Isso é um becco.

O catalogo está errado – em vez de rua deviam ter escripto: becco.

_ Uma voz: Ah! mas o catalogo foi feito por um leiloeiro que sabe valorisar a fasenda...

_ O leiloeiro: 320... 320 réis... 340... Movimento d'um inglez; o leiloeiro esguelando-se: 400 réis... Adjudicada á S. M. e Rainha Victoria...

.....

É possível que Monelick fique com a rua do Senhor dos Passos... e os empregados da intendencia receberão os seus vencimentos.

Vamos senhores... espalhem cartazes pelo mundo... Dias vai fazendo o lote... Depois de vendida a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro é bem possível que se torne habitavel... ao menos ficaremos livres da... intendencia.

N.

A *choupana das rosas*, este é o título do novo livro de Garcia Redondo, *Choupana...* Quem me dêra poder morar em tal vivenda! Fossem todas as choupanas como essa que o delicado auctor das Carícias construiu com arbustos floridos, estendendo no solo um fino e macio tapete de relva, cobrindo-a com a ramaria verde e cheirosa e enchendo-a de beijos que são as avesitas mysteriosas que n'ella cantam.

A *choupana das rosas* é um livro que se lê de folego e com delícia. Elegantemente impresso, illustrado com esmero, é talvez o livro mais artistico que tem sahido das officinas brasileiras e faz honra ao atelier dos Srs. Carlos Gerke & C., de S. Paulo.

Como peça literária, é de um inestimavel merecimento. Garcia Redondo, sendo um observador meticoloso, é tambem um requintado compositor de períodos, cuidando com escrupuloso capricho a fórma, sobria sem parcimonia, sonora sem excessivo ruído e correcta e expressiva. A sua musa é mimosa sem ser piegas, é cortez sem ser alambicada, é lânguida sem ser sensual. N'essa adorável *Choupana das rosas* além do conto que lhe dá o título, cabem outros muitos, todos encantadores pelo engenho e pela fórma, entre os quaes vem *o caso do abbáde*, primeiro premio de prosa no concurso litterario porque, sendo uma perfeitissima analyse, tratando-se n'elle da vida nos ateliers parizienses com exacto conhecimento, a critica indígena sobressaltou-se desconfiando da procedência e, emquanto esquadrihava volumes a cata do imaginário original que havia sido perfidamente «traduzido», o honesto auctor ouvia o rosnar da calumnia e o boquejo da inveja estéril. Em uma nota Garcia Redondo explica:

“Quando escrevi o *Modelo*, esforcei-me por fazel-o no gênero francez approximando-me tanto quanto possível dos *modus faciendi* dos modernos escriptores francezes. A suspeita, aliás justificada, dado desconhecimento do auctor que o conto implantou no animo do jury do primeiro concurso litterario da Gazeta veiu provar-me que eu conseguira o meu intento. Isto me consola do ephemero dissabor que tal suspeita me produziu no primeiro momento.”

O conto é uma maravilha.

Os que perfazem o volume não têm menor merecimento, sendo tratados com o mesmo carinho com que o poeta da Botânica amorosa costuma compor os trabalhos que dá á publicidade.

Garcia Redondo, dotado, como é, de tantas qualidades, bem podia aproveitar esses dotes em uma obra mais densa, dando-nos um romance no qual estudasse a vida tão original de S. Paulo e almas.

Certo estou de que n'aquelle microcosmo, onde se encontram nos mercados á hora fresca da manhã homens de todos os paizes, não será difficil a um observador como Redondo encontrar a base para um estudo e trechos admiraveis que lhe forneçam ensejo para que os seus pincéis de paizagista corram folgada e brilhantemente. Conheço bem o artista e sou capaz de comprometter-me com os leitores que vêm deliciados da *Choupana das rosas* annunciando-lhes para muito breve m romance do mesmo auctor.

Por emquanto limito-me a dar parabéns a Garcia Redondo e à litteratura do meu paiz, que adquiriu mais uma preciosidade para o seu thesouro.

N.

FAGULHAS 18/08/1897

A policia, cansada de fazer o negocio a varejo isto é: varejando as casa dos bookmakers verdadeiras arcas de Noé, revolveu fazer a cousa em grosso, por atacado e antehontem, com grande aparato, precedida pelo Dr. Pennaforte... fortíssimo! o mesmo que entrou nos quartos de Chico Bum... ba, sellando-os em nome da moral, lá se foi á rua da Ajuda (malsinada rua!) com o mesmo garbo com que Tristão desceu á cafurna para combater o monstro.

Começava a extracção da loteria nacional e a casa da fortuna regorgitava de palpitantes, quando o D. Pennaformidavel irrompeu iracundo á frente de uma legião e, sem dizer: agua vai! estendeu a força em linha e deu voz de prisão a todos.

Houve um pânico indiscriptível – o homem que cantava os números, excellente voz de barytono! – desatinou, as rodas ficaram perras e a sorte grande ficou com medo de sahir... todos os bilhetes appareceram brancos de pavor... e Pennalevado dos seiscentos, de pé, muito grave, bengala em punho, apoiado na lei inexorável declarou:

- Todos presos!

Presos porque? Que fizemos nós? Clamaram.

- Jogaram nos bichos... e eu não quero bichos... não admitto bicho...

- Mas... e a zoologia...

- Prendo-a! Se tens bichos vai para a cadeia...

- E Deus, creador de todos os animaes...

- Onde está elle? Mostrem-m'o... prendo-o tambem...

- Mas, senhor, aqui não há bichos nem as pessoas que vedes querem saber de seres taes. Lançai os vossos olhos flamejantes ás vítimas da vossa cólera: há aqui homens de posição...

- Bichentos...

- Senhoras...

- Bichadas...

- Creanças...

- Cheia de bichas...

- Quereis ser então o mastruço do vício? O vermífugo moral?

- Eu sou quem sou. Roda!...

- A roda tambem?

- Roda tudo... Jurei aos meus deuses que havia de acabar com o bicho e hei de acabar... Pudesse uma só não contei-os todos...

- Mas... para onde vamos nós?

- Para a Detenção... Ordinario, marche! E tomando-a abriu a marcha seguido de toda multidão.

Na policia, com ares trágicos, declarou que ia revistar os delinquentes.

A sua cólera, alvejando um bom homem gordo, o desgraçado foi logo posto fóra da fôrma e Penna matamouros, fitando certo volume, gritou:

- Alli! que volume é esse?... são bichos! O homem, muito grave:

- Bichos? Peço perdão para dizer a V. S. que isto é outra cousa...

- Está no bolso... revistem-n'o... O homem, sempre grave...

- Não está no bolso, senhor doutor; parece mas não está...

- Tirem... O homem afflicto.

- Tirar! Isso nunca... Hão de passar primeiro por cima do meu cadáver...

- Vamos... Um secreta avançou; o homem defendeu-se:

- Senhor doutor, bolindo é peor... Eu digo que não é bicho, está entrando pelos olhos. Se é bicho então V. S. tambem joga nos bichos...

- Prestigio á lei! O homem gordo foi agarrado e revistado á força... não era bicho.

E o Dr. Penna rosnou:

- Que diabo! E eu que só encontro d'essas cousas no meu caminho... Já na casa do Chico... E desanimado mandou em paz a população.

Olhem que sempre se vê cada cousa... Sempre se vê é um modo de dizer, quem viu foi à auctoridade. Felizmente a revista foi sustada a tempo porque houve um grande protesto das partes. Esperemos o relatorio.

N.

FAGULHAS 20/08/1897

Os editores Laemmert & C. publicaram o 1º volume do *Álbum de Caliban*. A edição, caprichosamente cuidada, é um primor e faz honra ás officinas da Companhia Typographica do Brasil.

A capa, illustrada a cores, representa a seducção de Eva. O auctor tomou como divisa, dous versos de Rabelais:

[t.i.]

A divisa faz n'esse volumete, as vezes de prologo: Lendo-as, já sabe o leitor que não vai encontrar paginas tristes senão alegre escriptos que lhes espanem a alma, caso n'ella haja teias de aranhas melancolicas.

Os contos sendo facetos como os de mestre Boccacio não ferem susceptibilidades. O album não é, a dizer a verdade, o mais edificante dos compendios de moral, ha outros mais substanciosos, sem duvida, a bíblia, por exemplo, onde o sonecto David faz das tripas coração quando encontra no seu caminho a mulher de Urias e, mais tarde, Abisay, onde Salomão faz cousas que não foram imaginadas pelo moralista indiano que compoz o *Codigo do Amor*, nem por Ovídio, nem por Brantome.

O *Album de Caliban* é feito de indiscrições graciosas e quem não tem curiosidade de applicar o raio X a certas paredes para ver o que se passa do outro lado?

Bayle, n'um commentario, diz affirmando que o sizudo Catão, sob um disfarce, atravessava a noite, as ruas de Roma e ia espiar as saturnaes. Eu não garanto porque não tive o prazer de conhecer o censor; quando entrei no mundo já elle havia sahido enfarado da comedia da vida.

Mas, voltemos ao album... Quando elle era publicado no *Filhote*, que n'esse tempo ainda andava ao collo da mamai, muito [p.i.] protestou, mas os números da *Gazeta* desapareciam... com certeza queimados, para que não passassem aos tempos vindouros taes

escriptos; mas, a tradição conserva-os, muitos d'elles andam por ahi em edições arranjadas à *la diable*, guardando com grande sacrificio a idéa apenas porque a fórma, de tanto andar de mão em mão, perdeu a elegancia e o brilho e tem o aspecto de uma nota velha.

Os editores Lemmert & C. resolveram fazer nova emissão (e que linda!) e ahi têm os leitores os contos. Se elles têm valor litterario, que o digam os mestres; agora, que têm qualidades therapeuticas, posso eu affirmar.

Certo medico da minha amizade, sendo chamado para ver um enfermo, achou-se diante de um caso franco de lipemanía: o paciente embezerado, com uma cara górgona, passava os dias sentado, cabisbaixo, resmungando: estava no limiar do Hospício, o infeliz. O medico pensou, escarfunchou, deu voltas ao miolo e não descobriu uma formula capaz de combater aquella psychose. Repentinamente lembrou-se do *Álbum de Caliban* e receitou-o. Um enfermeiro encarregou-se de propinar a dose e leu *O verbo...* o triste levantou a cabeça; leu *as Illusões perdidas... Chicana, A bolsa, Alimentação hygienica, Ella ou Elle? Somnambula...* quando chegou aos *Presentes*, o enfermo ria tanto que o ledor, receioso de que o homem enlouquecesse de riso suspendeu a leitura. Pois, senhores: está curado e, grato á medicina, quer publicar nos jornaes um novo *Eu era assim...* com a sua physuonomia carregada de lipemániaco; depois... *Cheguei a ficar assim* – uma cara de reu tão feia que até parece um emenagogo; lendo, porém, o *Album de Caliban*, consegui ficar assim... uma carinha n'agua. Bem vêm os leitores que o livrinho, além de ser um estimulante, é ainda um poderoso remedio contra a melancolia. Acha-se á venda na drogaria, quero dizer: na livraria Laemmert.

N.

FAGULHAS 24/08/1897

As minhas relações com Arthur Lobo datam do anno passado. Fui apresentado ao poeta pelo meu amigo Jorge Pinto; haviam apparecido por aquelles dias as *Kermesses*.

Arthur Lobo deixou-me a impressão de um contemplativo, um triste. Fallando-lhe dos seus versos, disse-me o artista que os fizera como ensaio de trabalho de maior vulto. Nas *Kermesses* ha effectivamente germens apenas nascidos: vê-se que é uma imaginação que reponta exuberante; a flor, porém, periga porque o carcere é uma estufa mortal, e Athur Lobo está no limiar de uma prisão. Matou um homem, é tudo quanto sei.

Que motivos levaram o nosso poeta ao crime? Por que se apartaram das cordas brandas da lyra os dedos do artista, atendo-se nervosamente ao gatilho de uma arma? Não sei. Não creio, porém, que aquelle espírito se tenha deixado levar por um impulso de cólera desarrazoada. Arthur Lobo defendeu-se ou foi victima do delírio de Orestes. Não é um assassino commum – é um impulsivo. Fosse elle um exaltado e eu procuraria defendel-o trazendo em seu favor esse rápido momento inconsciente da furia, mas o poeta é sereno, a sua palavra calma deixa ver claramente os movimentos do seu espírito; para que elle procedesse com tanto desconcerto força é que os motivos tenham sido imperativos; não os conheço, mas, conhecendo o porta, tanto me basta para que o lastime como victima.

Os nobres espíritos vão ao fim seguramente e não ha voz intima que desvie um homem forte do seu roteiro. Arthur Lobo não foi um assassino, matou como um soldado mataria em combate: defendendo a sua vida ou, mais ainda: defendendo a sua honra.

Agora que na imprensa faz-se uma campanha sympathica em favor do desventurado moço, venho pedir alistamento na fileira dos que pugnam pelo doce poeta. Essa solidariedade com o artista depõe eloquentemente em favor do homem. É preciso que elle seja acompanhado aos tribunaes pela guarda augusta dos seus pares. Minerva acompanhou Orestes.

Façamos em torno do desventurado moço uma atmospheria de carinho – que elle no momento angustioso, lançando os olhos em torno, não veja o grande vasio da indiferença.

Infelizmente é um intellectual... Que pode fazer a lei? Encarceral-o... esse castigo só póde causar impressão ao homem bronco que mata para ver sangue, mas , para o homem que pensa (para o homem que tem no cerebro habitantes a pena vem de dentro: é a voz do proprio espírito que analisa e discute os actos mínimo da vida.

A Lei vai apenas attingir um corpo encarcerando-o; o espírito esse já começou a sua expiação desde o momento fatal do crime.

Pobre poeta! Tu é que és digno de lastima! Antigamente vivias tão feliz com a sua musa, ouvindo-a e traduzindo em estrophes abemoladas o que ella te dizia, e hoje? Vives torturado pela tua própria Alma; caminhas como César, ouvindo de instante a instante uma voz rememoradora, que lembra o funesto caso... e soffres. Os juizes hão de ter misericordia de ti, elles serão mais complacentes do que a crinnya intima não permittindo que se perca para o sempre; entre os muros humidos de uma prisão, um homem honesto e um artista requintado. Como teu irmão venho acompanhar-te para que te não pese tanto o cruzeiro que vais arrastando penosamente. Pobre alma! Pobre alma!

Não sei como caberá n'esta estreita columna o nome glorioso de Vianna da Motta... que me perdoe o artista se o constranjo em tão acanhado espaço, lembro-lhe, porém, que Deus cabe n'uma particula da hóstia sem perder a sua grandeza.

No anno passado, quando aqui estive o extraordinario pinanista, andava eu tão cheio de angustias que não me senti com animo de abandonar a solidão, lá mesmo, porém, chegaram os altisonos clamores com que a gente da cidade glorificava seu nome. Quando reentrei na vida, deixando o meu retiro melancólico, já ia longe, mar em fóra, o grande *virtuose*.

Eil-o de novo comnosco e, d'esta vez, não me foi esquivia a fortuna — já minha alma não inveja as que gozaram a deliciosa harmonia porque tambem gozou.

Que devo eu dizer? ha certas emoções que se não descrevem: Quando sahi do Lyrico, n'essa noite inovidavel do primeiro concerto da nova *tournê* artista de Vianna da Motta e Moreira de Sá, vinha retemperado e com uma nova energia... e reconciliado com o piano.

Ah! o piano! O móvel mortificante, esse instrumento *chic* de supplicio... como eu o detesto! Quando vejo um piano tenho vontade de vociferar para que me acudam, O' o piano!...

Que instrumento é esse que Vianna da Motta domina? que monstro é esse que tem os nervos de aço e dentes de marfim em negras gengivas de ébano? é o piano, o mesmo piano que, na minha visinhança, da manhã a noite cascavella com desabrido desespero exercícios hediondos e valsas macabras, mas Santa Martha, não conduziu a tarasca do Rhodano por um fio sem que a fera fizesse o minimo movimento? O mesmo consegue fazer Vianna da Motta.

O piano, sob os seus dedos [ps.is.] o monstro geme, soluça, canta, ri tem accentsos endeixosos e assomos triumphâes, ameiga-se e exalta-se e quem vê o artista sereno, com uma augusta tranquillidade, passando e repassando os dedos pelo teclado, não dirá que elle executa, mas que affaga o assombro que, de agradecido, canta. E' um *jongleur*.

Como artista tive ensejo de applaudil-o quando executou a adoravel sonata de Anderson e a maravilhosa *Rhapsodie espagnole* de Listz... Como humorista tive occasião de apreciar-o em uma *soirée* muito intima e não quero commetter aqui indiscrições para que não fiquem tristes os que não tiveram a ventura de ouvir um curioso dialogo entre um pianista e um piano que, por magia, ora desafinava, ora, perdia de todo o som para subitamente irromper em vigorosissimos accórdes...

Como compositor conheço-o apenas nas *Canções portuguesas*, de uma adorável melodia em que vagamente, docemente, passa de longe em longe um pouco d'essa melancolia peninsular que tanto encanto empresta as lyricas portuguesas. Creio que, dentro em pouco teremos a felicidade de ouvir o poema symphonico *A' Pátria* que será executado no proximo concerto extraordinario da *Sociedade dos Concertos Populares*. D'esse trabalho diz Antonio Arroyo no perfil artístico de Vianna da Motta: «a symphonia em lá maior — *A Patria* — é uma pagina de um elevado symbolismo, uma synthese luminosa e profundamente suggestiva d'um momento historico determinado; o auctor, representando o momento da crise em que a patria parece sossobrar, fal-a resurgir de novo para uma vida gloriosa, n'um como rejuvenescimento da alma nacional. Ella divide-se em quatro tempos os da forma clássica do modelo beethoviano, tendo cada um sua significação propria» Queira o bom Deus! (e queira tambem o artista) que a ouçamos... faço votos por isso mas, emquanto ensaiam a symphonia vamos indo constrictamente, como quem vai a um templo, levar os nosso adeuses ao grande interprete dos mestres e ao seu extraordinario companheiro Moreira de Sá... mas... ainda haverá logar para um crente! O' harmoniosa Euterpe..! faze com que ainda encontre um bilhete para o concerto de hoje.

N.

FAGULHAS 29/08/1897

A cidade recebeu, como um presente, a estatua de José de Alencar, um dos mais illustres brasileiros porque, sendo um fino artista, foi um grande patriota.

Não é sómente patriota o que, de arma em punho, affronta á morte em defesa da honra do pavilhão patricio; não é sómente o parlamentar que da bancada investe com o poder accusando-o com risco de ver a sua carreira cortada em meio; não é sómente o tribuno que, temerariamente, desafia os odios defendendo os direitos do povo, é tambem patriota o escriptor que, sem dar ouvidos a commentarios vai por diante, sereno, confiado, trabalhando para legar á sua patria, com o seu nome, alguma cousa que a torne digna de apparecer na communhão intellectual – o espirito isso é velho, é o élo universal. Dos escriptores brasileiros foi Alencar um dos que mais fizeram – o seu legado é grande e precioso.

Quizeram os fluminenses saldar uma dívida de gratidão e erigiram em uma praça a estatua do meigo poeta de *Iracema* offerecendo-a á cidade.

No dia da cerimonia, á luz de um sol fulgurante, o prefeito, agradecendo á commissão a dadiva preciosa, comprometteu-se, como lhe cabia; a zelar por ella... Logo,

porém, que se dissolveu a reunião festiva, o representante da cidade, mettendo-se no seu carro, mandou tocar e tanto que se afastou da praça, preocupado com a política, esqueceu o grande vulto, entregando-se a cogitações geometricas porque o triangulo é tudo para o grande republico e lá ficou o ancestral em deploravel abandono, cercado por uns ignobeis sarrafos ás escura. Não poderá a intendencia que tanto gasta com eleitores vivos e mortos mandar pôr um gradil e alguns combustores em torno do vulto memoravel do artista?

Se elle alli está, erecto, como um incentivo aos que, com tamanha pena fazem n'este doce paiz vida intellectual, confesso que não incita, não desperta a vontade tão triste e apagada comemoração. Aquillo, longe de ser uma apotheose, parece mais uma affronta.

Certo estou de que, se em vez de ser de um romancista fosse de um intendente a estatua já, a esta hora, estaria cercada de eternas luminarias.

Quando a noite baixa envolve a grande figura, mesmo quando ha lua, escassamente ella apparece... mas a intendencia não póde cuidar de tudo; já não é pequena azáfama em que ella anda com eleições e descalçamentos , predios que desabam e lixo, não lhe sobra tempo para cuidar dos monumentos. O povo, que venera os seus poetas, que mande illuminar as suas estatuas, que corra em torno d'ellas um gradil protector; muito fez o prefeito permittindo que ella fosse erigida na praça, tomando espaço precioso que podia ser occupado por um cosmorama quando viesse chegando a época das eleições... muito fez o prefeito dando o terreno, o povo que dê as luzes se não quer ver o seu poeta em tão triste abandono.

N.

FAGULHAS 30/08/1897

De uns tempos a esta parte, quem se interessa pela vida intellectual, tão descurada entre nós, deve ter notado que se vai operando um movimento de reacção muito favoravel ás letras patrias... Das pequenas cidades do interior chegam-me constantemente periodicos litterarios nos quaes começam a fazer as suas primeiras armas poetas e prosadores.

No norte é notoria a actividade; no sul, principalmente em S. Paulo, além de outras publicações, distribue-se *A Revista do Brasil* e aqui, no centro de combate, não só os moços das escolas superiores como os preparatorianos trabalham com febril empenho procurando enaltecer o espírito brasileiro.

Genesis é o título do jornal que lançaram os que ainda fazem as suas humanidades; *União Academica* é a revista da confederação escolar.

O primeiro, posto que tenha apparecido modestamente, vem apresentando futuros discutidores e artistas, havendo no pequeno jornal artigos que, pelo valor dos conceitos e pela pureza da fórma não deslustrariam a reputação de escriptores experimentados.

Na *União Academica*, revista de 96 paginas, a manifestação é mais franca. Reunidos n'um só corpo todos os elementos das escolas superiores, ligados por uma forte divisa de ideal e de solidariedade, "In fraternitatem spes..." eiol-os em campo e terçando com garbo.

Nas paginas da elegante publicação, coordenadas com escrupuloso criterio, todos os espiritos manifestam-se sem collisões, n'uma intima camaradagem. Ao lado da chronica escripta com leveza indispensavel, vestida sobriamente, sem exaggeradas louçainhas, vêm a critica do momento que vamos atravessando e o retrospecto da nossa vida politica. A sciencia, nos seus differentes ramos, alli apparece sem opprimir a atenção com o peso do estylo didactico. O estudo litterario, a narrativa e, no fundo, como n'um ádyto santo, varias lyras soando abemoladamente.

Collaboram com a intrepida mocidade das escolas varios homens de letras e de sciencias — n'essa assembléa intellectual, promiscua, ha o mesmo ponto de vista que liga os heterogeneos — a idéia de reacção.

Os moços alliam-se para a campanha, fazem-se parciaes da mesma causa e, embora venha um com o bisturi das dissecções, outro com instrumentos de Benedick estudando o typo do criminoso pelas anomalias craneanas, outro com o plectro dos accordes, são todos soldados da mesma legião.

Um estuda as prisões e as penitenciarias, outro recorda um morto amado; este propõe um diagnostico, esse discute a liberdade profissional; aquelle traça um episodio, aquell'outro rima a chroniqueta. O mestre anda ao lado do discípulo, alumnos e paredros seguem o mesmo rumo ajuntados pelo mesmo intuito.

Essa reacção, partindo da mocidade, há de produzir efeitos d'esse grupo é que não de sahir os homens de amanhã educados, como vão em tão excelente escola, apurando-se a mais e mais pelo estimulo e pela ambição de lustre, concorrerão poderosamente para que, em breve, tenhamos realizados o sonho de tanto tempo, que é, para quantos amam com sinceridade esta patria, digna dos nossos sacrificios, a sua reabilitação intellectual.

Accusando, com enthusiasmo, o recebimento da *Genesis e da União Academica*, faço votos sinceros pela prosperidade de ambas as publicações, que não de pezar, tenho certeza, na balança do destino literário da nossa patria.

FAGULHAS 02/09/1897

“Mens sana in corpore sano este é o distico do Gymnasio Lauret, o notavel estabelecimento de educação physica onde o mais flacido maricas pode, em pouco tempo, ganhar a robustez e a agilidade de um athleta.

A convite do professor Lauret fui com a minha tibieza de sedentario, á festa com que os alumnos commemoraram brilhantemente o segundo anniversario da utilissima instituição e confesso que, durante alguns momentos, tive uma doce ilusão: Parecia que, retrocedendo, eu me havia transportado ao tempo forte das olympicas e das pythicas quando, repousando a poeira que as quadrigas levantavam o povo irrompia em aclamações saudando o vencedor; quando os athletas, rubros, voltavam do esforçado pugilato ou descansavam da carreira ouvindo os hymnos do poeta Thebano e o vozeirão delirante dos athenienses que juncavam a arena de folhagem.

Pobres homens dessorados do século luminoso! Os nossos musculos são feitos de gelatina. Alli, ao menos, no salão do gymnasio, tive diante dos olhos magnificos exemplares de especie.

Na lucha appareceram valentes que deixaram a victoria indecisa; ao trapesio, com uma agilidade de esquilos, varios moços fizeram prodigios e uma menina loura, oito a nove annos, depois de haver derrotado um rapazola em lucha renhida, apresentou-se como uma sylphide fazendo prodigios no ar; pouco depois, como Atalanta, correndo e saltando, deu provas de que o sexo fraco pode tambem ser forte sendo preparado com sabedoria... mas, nos exercicios athleticos... palavra de honra.

Um alumno brincou com uma barra de ferro que pesava não sei quantos kilos como se brincasse com um palito... outro suspendeu dous halteres que o possante Atlas talvez não levantasse do chão... esse rapaz devia ser chamado para a pasta da fazenda porque a meu ver, é o único homem capaz de levantar o cambio e outros e outros... nunca vi tanta força, tanta agilidade nem tanta alegria.

O assalto d'armas foi magnifico e todos portaram-se como esgrimistas experimentados, e dos saltos, que direi? houve um que, firmando-se no trampolim foi aos ares pois... foram servidos sorvetes, champagne, houve um discurso e justamente irrompiam os applausos quando o saltador chegou ao sólo... Onde fôra? perguntarão: e eu respondo: não sei.

Fiz uma referencia á alegria de todos aquelles rapazes e n'ella insisto — a alegria é uma manifestação não só do bem estar moral como da saude physica... e, com aquelle constante exercicio como póde o corpo amollecer, como póde o espirito enfezar-se em melancolia? A jucundidade dos gregos vinha em grande parte da arena: um povo forte é alegre, o riso é um hymno. Por que não havemos nós, depauperados como somos, de dar uma hora áquelles exercicíos saluntares?

Em vez de andarmos tristemente, mollemente pela rua do Ouvidor, por que não vamos fazer um pouco de gymnastica no salão Lauret, donde voltaremos com mais seiva e alegres para a vida? Eu... francamente... mais dia menos dia, hão de ver o athleta que sai d'aqui, o athleta e o espadachim. Estou aqui, estou aqui, estou suspendendo a barra... do Rio de Janeiro.

N.

FAGULHAS 04/09/1987

Isto é para que se não diga que os ladrões vão ao alheio e não acham tropeços no caminho. Um já ficou mordendo a terra com a cabeça estourada. E a vozeira é toda em favor do que matou, porque ninguem vai arguir o rustico por que atirou um golpe á vibora, nem a justiça pode proceder contra o homem que, em defesa da sua casa brocada pelo bandido, lança mão de uma arma e faz fogo. Eu faço côro com os louvaminheiros: Abençoado tiro!

E vêde: não foi um valente o matador. Homem de nervos tibios, ouvindo *roque-roque* que fazia o instrumento do gatuno esboroando a fragil parede, em vez de vociferar e ameaçar, subiu para um sofá e poz-se a tremer como varas verdes, aterrado, vendo cair a caliça, ouvindo o incessante *roque-roque* tremendo.

Foi uma senhora de animo viril quem emprestou coragem ao unico homem da casa, que só fazia gritar chamando a policia e os visinhos em cima do sofá.

A heroína, sem perder a calma, lembrando-se de que havia a um canto da casa, esquecida e enferrujada, uma velha carabina, foi procural-a, carregou-a e, mostrando ao sobrinho a senda do dever, disse-lhe imperativamente: —Vai!

O rapaz, mais morto do que vivo saltou do sofá e, no escuro, aos [ps.is.] de onde vinha o *roque-roque* sinistro e, fechando os olhos, a tremer, puxou o gatilho. Foi um estrondo pavoroso. — Ah! titia! Que tiro! Até parece que a casa está cahindo. Risca um phosphoro, titia... O pobre rapaz estava todo molhado... de lagrimas commovidas.

O *roque-roque* cessou, acudiram visinhos (tambem... com um tirazío d'aquelles!) e acharam o ladrão com o craneo descoberto, os miolos espalhados. O rapaz, longe de exultar, rompeu em exclamações:

— Ai! titia... matei um homem! Matei um homem! Por mais-que a intrepida senhora dissesse:— Não, meu filho; não mataste um homem, mataste um ladrão, o rapaz soluçava inconsolavel. Boa alma!

Agora uma observação: se fosse um valente teria procedido com tanta energia? talvez não — os valentes atroam os ares com ameaças, fazem como symbolico Tartarin e no momento...

Deixem lá, um homem medroso é um perigo:

Esse pobre Muniz nem sabia carregar a carabina e vejam que pontaria... de fazer inveja a todos os prefeitos. O medo é a melhor escola de tiro. Quanto ao remorso... ó homemzinho! querias então que o gatuno passasse pelo buraco com o punhal e a vela? pensas talvez que, se elle entrasse e desse comtigo em cima do sofá, a tremer, iria procurar um calmante, offerecendo-te a mão para que descesse? Pobre ingenuo! Se não lhe houvesses aberto a craneo com tamanha felicidade, em vez d'elle terias tu sido a victima, tu e os teus, indo todos para as mesas do Necroterio e... roubados.

Deixa-te de luxos se ouvires outra vez *roque-roque* no muro de tua casa, não discutas; mesmo a tremer pega na carabina velha e bumba!... Não te fies em policia. Deixa-te de luxos, lavraste um tento. E's medroso a valer, mas és homem como todos os diabos... Turenne tambem tremia, deixa lá!

N.

FAGULHAS 07/09/1987

Realisa-se hoje, no salão do Instituto Nacional de Musica, o concerto dos professores D.Elvira Bello e Carlos de Carvalho.

A primeira pianista, discipula de Alfredo Bevilacqua, é uma gloria d'aquele estabelicimento de educação artistica. Alumna caprichosa, de grande intuição, diplomada pelo Instituto, foi, pouco depois, nomeada para uma das cadeiras de piano e as suas discipulas, não só as que frequentam o edificio, que é a grande preocupação de Leopoldo Miguez, como as que lecciona particularmente, atestam o seu alto merecimento.

D. Elvira Bello não é simplesmente uma “executante” é uma interprete fiel — não lhe faltam bravura e precisão, o sentimento que imprime as peças que toca é comedido, não deriva, como não raro succede aos alambicados que enlanguecem diante do teclado, para a affectação; o timbre das suas notas tem vibração, o seu ataque, sendo bravo, não é acompanhado dos desdobrados movimentos que afirmam a effeito apparentando difficuldades que podem apenas ser vencidas a custo do esforço de todo o corpo — é uma pianista elegante e correcta e o público, que teve a felicidade de ouvir no Lyrico esse estupendo concerto de Saint Saens que provocou uma estrondosa ovação de toda a sala, não tem o direito de pedir mais palavras ao chronista sobre D. Elvira Bello.

Carlos de Carvalho, o *Carvalhinho*, quem não conhece? eu sou suspeito para dizer d’elle, com justiça todo quanto merece.

O jovem professor do Instituto já se impoz ao publico, que o festeja sempre que o ve apparecer, correcto, para capta um romance. Carlos de Carvalho diz com harmonia, consegue, sem prejuizo da letra, dar-nos a beleza harmonica: estabelece com um raro e esmero a alhança das duas artes gemêas— a poesia e a musica – nem a imagem é abafada nem o accorde é esquecido; ouvindo-o tem-se os dons prazeres estheticos – da palavras e o homem como que vemos passar, na sua voz, o poeta de braço [p.i.] musicista e acompanhamol-os em doce extase até que o som perdendo-se, perdendo-se os conduza para muito longe...

E com que expressão diz elle! Ide ouvil-o n’essa ode apaixonada e orgulhosa *Amour viril* e depois ouvi-o no romance *Elle est á foi* de Schumann e terei ocasião de encontrar o artista fogoso e o artista abemolado, enternecido, impondo o seu amor triumphante e forte no primeiro caso, meigo, suave em seguida, vocalisando como uma lyra depois de haver entoando com a violencia guerreira de uma fanfarra.

Agora que, com a graça de Deus! Vamos fazendo alguma cousa digna de nós no terreno da arte, agora que o publico generoso e intelligente começa a patrocinar as tentativas dos artistas nacionaes, é justo que esses dous trabalhadores infatigaveis, que já nos orgulham, sejam dignamente protegidos pelos que se fazem parciaes da santa cruzada.

Além de D. Elvira Bello e Carlos de Carvalho far-se hão ouvir no concerto de hoje a Exma Sra. D. Camila de Conceição que tão docemente rouxinoleia e o insigne professor Alfredo Bevilacqua. O publico enchendo o salão do Instituto, dará uma prova de bom gosto, protegendo ao mesmo tempo dous artistas que fazem jus ao bem querer de todos quantos se interessam pela arte sincera.

N.

O criado...*voila l'ennemi*. A prefeitura fez, em tempo, uma lei que, sendo uma fiança para o famulo, era uma garantia para o patrão; essa lei, porém, foi esquecida nos arquivos e enquanto as traças fazem d'ella o seu repasto os gatunos, inculcando-se, como criados, mettem-se no seio das familias e vão despojando cofres e saqueando malas tranquilamente e, um dia, com sacco cheio, encostam a vassoura atrás da porta e abalam com a colheita.

Quem aqui escreve teve, em menos de um mez dous copeiros: um, refinadissimo gatuno, levou-lhe as jóias; outro, um bebedo relapso, deixou-lhe a louça em cacos, e depois de verter copiosas lagrimas foi-se as guinadas declarando, aos berros?: “Que era um infeliz! Que ia acabar com a vida desgraçada!” e encaminhou-se resolutamente para a praia.

«Vai afogar-se!» disse eu, mas não: entrou na venda da esquina preferindo á agua salgada a agua ardente.

Quem mette um criado em casa deve, no mesmo momento, ir a policia pedir um agente para que acompanhe os movimentos do empregado afim que elle não leve o capricho da limpeza até os cofres.

Há excepções e, justamente a prefeitura devia procurar garantir a honra de muitos homens laboriosos que soffrem a injuria de suspeitas crueis. O perigo não está simplesmente em receber-se um gajo que, ao fim de uma semana, abale com o que de mais precioso encontrar, mas a astucia vai mais longe, vai mais longe a perversidade.

Entra-nos para casa um sujeito de muito boa cara, com muito boas maneiras e, uma noite, escancara-se o portão subtilmente e uma quadrilha atravessa o jardim, vareja salas e quartos, leva tudo que encontra e, se a gente tem a infelicidade de acordar, dá de frente com o copeiro que, demudado, e com o trinchante em punho vai dizendo aos do bando: — Alli está o dinheiro, acolá estão as joias, n'aquella arca tem a senhora o linho. E um homem que se revolte:

— Que é isso, seu fulano?

— Não é da sua conta, patrão. E fique vossoria deitado, não se mova nem grite porque nós temos que fazer e não gostamos de barulho. O patrão já sabe que eu talho, como ninguem, uma posta de carne, pois deixe-se estar no quieto se não quer experimentar o trinchante.

Um homem, que não tem febra de *roast-beef*, cala-se e lá vai com o honesto copeiro o suor do rosto... Já houve quem lembrasse um meio e aqui o deixo para que alguém o ponha á prova.

— «Toma-se um criado e, antes de entregar-lhe o serviço, a gente, com muita delicadeza, convida-o a ir á galeria photographica da policia» mas, a meu ver, tambem não serve. Um amigo meu tentou a experiencia e descobriu no «salão» um bello retrato do empregado que ajustara.

— Então que é isto, meu amigo? o senhor tem retrato na policia?

— Retrato? Peço perdão a vossoria para dizer que aquilo é uma mancha, é a única mancha que tenho na vida.

— Mancha eu não é o senhor e eu não quero em minha casa homens que posaram no *alelier* da rua do Lavradio...

— Mas saiba vossoria que eu não posei... foi bem contra a minha vontade. Garanto que sou um homem honrado. Tenho aqui uma carta de recommendação; vossoria póde ver. Effectivamente era uma carta de recommendação em termos, apenas quem a subscrevia era uma defunto.

— Perdão, mas o signatario d'esta carta já morreu...

— Sim senhor, morreu...e Deus o tenha no reino da gloria!

— E como vem o senhor com este documento...posthumo?

— Devo declarar a vossoria que a recebi... por intermedio de um homem que se entende com os espíritos.

Era ao menos espirituoso esse copeiro... Antes espirituoso do que assassino. Mas a idéa não presta.

N.

FAGULHAS 09/09/1987

E' curioso e complicado o caso de um casamento desfeito.

A noiva, diz a reportagem indiscreta, é formosa; sobre o noivo avança apenas que faz questão de dez mil francos. A sogra, ao que parece, não é das mais francas, e acha a quantia puxada, tanto que preferiu guardar a filha. O noivo anda agora pelos cartorios reclamando os presentes que offereceu á noiva... o caso é mais sério do que a principio parece. Há certas cousas que uma vez dadas, não podem ser restituídas sem escandalo. Demos

que a noiva, em represalia, exija também certas cousas que deu enquanto a mamã para ser gentil com o futuro genro arranjava a mesa do chá; que há de fazer o noivo? a lei que decida. Não é justo que volte ao noivo o que elle ofertou á sua bem amada... da algibeira, ficando a donzella lesada, porque ella também (salvo grande vigilancia) lhe havia de ter dado alguma cousa. Imaginemos a scena. O pretor, muito grave, depois de haver passado as mãos de noivo avaro os presentes.

— Agora, vejamos... e a senhora não deu alguma cousa aqui ao senhor?

— Aqui, não, senhor: dei lá em casa...

— Ah! deu?

— Sim, senhor, dei...

A sogra intervindo:

— Ponha já aqui o que lhe deu a menina.

O pretor severo:

— Vamos, restitua á senhora o que ella lhe deu...

— Perdão, senhor doutor...

A sogra, fura:

— Não há perdão. Vamos...aqui em cima da mesa...

— Eu... o que ella me deu, senhor doutor...

— Restitua, senhor...

— Não posso...

— Como não póde? Por que?

— Porque foi comida...eu já comi...

A sogra, apopletica:

— O esganado.

A menina rubicunda;

— E elle babou-se todo...

— Senhor doutor...

— Restitua...

— Eu...eu só digo a vossoria que...que não posso...

A sogra, roxa:

— Está ouvindo, senhor doutor?

— Estou, minha senhora...

— E então?

— E então. Quando foi que deu, minha senhora...

— Quando foi?!

— Falla, menina...

— Não me lembro bem...

— Mas tem certeza?

— Ora, senhor doutor...pois então não hei de ter certeza? com esta mão que está aqui. Ella que seque n'este momento se não digo a verdade.

— Então, senhor? que diz a isto?...

— Eu digo que... não posso. Resolva vossoria.

O pretor escamado?

— Eu, não...

O continuo? (*á parte*) Não vê, o doutor é macaco velho, não mette a mão em combuca.

A sogra, arquejando de furia:

— Então, senhor doutor?

O pretor atarantado:

— Minha senhora, a lei é omissa n'este ponto. Eu lavo as minhas mãos e faça a menina o mesmo...

E afinal, perguntará o leitor, que cousa mysteriosa foi essa que a noiva offereceu ao noivo e que elle não podia restituir... *baba de moça*, senhores nada mais, nada menos do que *baba de moça*.

N.

FAGULHAS 10/09/1987

No proximo domingo, concerto de Henrique Oswald no salão do Instituto Nacional de Musica.

O artista brasileiro que tão bellas provas nos tem dado do seu talento musical é um nome respeitado na Italia, onde reside, conservando, todavia, intacto no coração o amor da pátria.

No anno passado, quando aqui estive, não foi justamente apreciado e, no concerto intimo que organisou no salão Bevilacqua, teve uma escassa concurrencia, mas escolhida e

desde então o seu nome, a bem dizer desconhecido, começou a ser citado nas rodas de armadores.

S. Paulo recompensou-o largamente da injustiça com que nós, os fluminenses, tão mal usamos com elle, recebendo-o com festas e fazendo-lhe uma verdadeira apothese depois do seu concerto de apresentação. Graças a Alberto Napomuceno, tivemos este anno a ventura de ouvir duas composições magistraes do notavel e modesto symphonista: suite e o admiravel concertos pará piano com acompanhamento de orchestra.

Da suite, que foi duas vezes executada com calorosos applausos, lembram-se todos d'aquelle suavissimo *preludio*, de uma inspiração tão original quanto delicada, finamente tratado, bem como o cortejo magestoso sem excessivo arroubo e de uma graça medieval encantadora.

O concerto arrebatou a platéa do Lyrico. Bem poucas vezes tenho visto um tão expontanea e viva manifestação de apreço. Oswald chamado duas vezes ao proscenio, foi applaudido não só pelo escolhido auditório, como pelos professores da orchestra, que de pé e enthusasticamnete, prestaram um justo preito ao talento do compositor.

Agora que se nos proporciona ensejo de applaudil-o é natural que todo o publico fluminense acuda ao salão d'aquella cassa de arte e [p.i.] de que não ha de ficar um lugar vago porque sentimento artistico vai aladrando.

Apezar de tudo, o publico, [p.i.] desmentir o que d'elle se diz, começa a dar preferencia ao bello, repudiando o rídiculo. Essa demonstração tem alguma cousa de uma represalia aos que affirmam que a nossa decadencia intellectual é devida exclusivamente ao publico; está elle provando justamente que nem tão avesso é assim á arte e durante os mezes de julho e agosto, aos domingos, ou no Instituto ou no Lyrico, dava esse mesmo publico um desmentido formal aos seus accusadores.

Evidentemente vamos entrando n'um periodo novo; ha uma grande e franca disposição não só dos trabalhadores dedicados como do publico; que haja a reciprocidade justa: o artista que se esforce e estou certo de que o publico não o ha de deixar desamparado e, dentro em pouco, poderemos dizer, com orgulho, aos que nos lançam, não sem razão, tão fortes apodos, que já vamos fazendo alguma cousa em prol do espirito.

Oswald é um artista nacional que nos honra; honremol-o igualmente indo festejal-o no dia da sua festa artista.

N.

Sem a *tabulatura* dos [p.i.] cantores de Nuremberg que os domingos, reuniam-se como em assembléia religiosa, com o fim único de fazer arte, um grupo de intransigentes acaba de reconstituir o *Centro artistico* que vem trabalhar empenhadamente em favor do espirito. Já é tempo de cuidarmos com interesse da intelligencia.

Não nos faltam elementos e dentro em breve, terá o publico occasião de ver o *Centro* vem com ousadia e tenacidade, defendeu o seu programma que se póde resumir no lemma: «Tudo pela arte »

A campanha vai ser difficil, principalmente porque são varios os tropeços que se accumulam na entrada que vão trilhar os proceres da nova cruzada mas, afortunadamente já se fizeram parciaes da causa os mais inspirados artistas, não sómente os que subjulgam as palavras, mas tambem os que coordenam os sons e os que lidam com os pinceis e os que talham o marmore e todos quantos, por feição, buscam o ideal, aproximando-se dos que vão d'olhos altos, seguindo á conquista do bello.

Para as conferencias de propaganda que o *Centro* vai inaugurar, já há varios nomes inscriptos; dentro em pouco terá o publico a primeira exposição artistica e as audições dos trabalhos dos nossos mais celebrados musicistas e para o anno há promessa da encenação de tres operas em portuguez, sendo a primeira em um preludio e tres actos, de Leopoldo Miguez e duas outras, em um acto, uma de Alberto Nepomuceno, outra de Delgado de Carvalho, Luiz Murat, Olavo Bilac e Coelho Netto comprometteram-se a compor para a scena dramática.

Não podendo o *Centro* contar com o favor official em momento tão difficil, espera do publico todo o auxilio e docemente, agradavelmente os nossos patricios, que soffrem tao injustiças e constantes accusações porque, a todo momento, vejo que lhes attribuem o nosso vergonhoso abatimento intellectual, darão um desmentido formal ao aleivoso boquejo, — Muitos há que prometem, os votos são magnificos, mas, quando, de volta do retiro espirital, lança a gente os olhos avidos para o que trazem, vê a illusão porque havendo os apóstolos annunciado obra pia, ainda trazem mais dissolução... e vamos caminhando de regeneração até... quem sabe lá!

Não temos publico para a arte!... ó confissão triste e deprimente... e sobretudo injusta! Por que não tem mãos a medir o bilheteiro do Sant' Anna? quem enche aquella casa todas as noites a ponto de não haver logar para que os calumniadores do publico possam ver a magnificencia da sala onde não reboam os atabaques nem os solecismos e as algarvias se

debatem?... não creio que sejam manequins. Quem alli vai é o publico, o mesmo publico que encheu o Lyrico para ouvir Emmanuel, Noveli, Maggi, Sarah e as symphonias dos grandes mestres, o mesmo publico que vai ás exposições de arte.

Demais o dever do artista e educar-se, o publico está abastardado; por que não se lhe há de ir aos poucos esclarecendo o espirito e preparando-o para a verdadeira arte?

Dizer-se *ex cathedra* que o publico não tem educação artistica o insistir no vicio que tanto lhe estragou o gosto, chega a ser um crime. Os *compra-chicos* eram perseguidos porque deformavam phisicamente as creanças; que pena se há de applicar aos que depravam a alma?

A arte é beneficente — o antigo skaldo, como David, curava os tormentos do espirito com a sua harpa hoje? Passemos adiante e entremos n'um dilemma ou o nosso publico não é tão destituído de gosto, como o pintam calumniosamente, e n'esse caso é injustamente accusado, porque, se deixá o teatro as moscas é por que entende que só as moscas n'elle podem voejar, ou não tem o sentimento actistico e mais se obscurece porque, em vez de o educarem, exploram a sua cegueira. Em qualquer dos casos o culpado não é o publico... é o *Centro* terá, dentro em pouco, occasião de provar o que ousadamente affirmo.

N.

FAGULHAS 16/09/1987

A exposição annual da Escola de Bellas-Artes vai passando em silencio: os criticos, em discreta ou preguiçosa reserva; deixam escoar o prado do certamen artistico, debalde o publico vai com os olhos avidos aos jornaes procurar as «opiniões» abalisadas — nada apparece e esse silencio prejudicial faz com que a galeria deserta tenha, as vezes, ou único visitante: o sol.

Vivemos em uma cidade extraordinaria, força é confessar. Sobre as ruinas da arte os pallidos Jeremias assontados choram copiosas lagrimas e tem os olhos annuviados, esses angustiosos prophetas que não vêem apparecer, de quando em quando, como flores entre escombros, algumas cousas que bem mereciam d'elles um momento, curto embora, de attenção.

Ai! de nós! não há arte! estamos imbecilizados... e, com estribilho assim dolente vão passando sem ouvir os reclamos dos artistas que, apesar de tudo, com uma coragem digna de animação, trabalham ainda.

Não quero entoar louvores nem peço que os entoem; confesso que a exposição é fraca, mas sempre alguma cousa: ha, pelo menos, os trabalhos de Henrique Bernardelli e de Diana Cid.

O primeiro, um perseverante, não descoroça — amando a patria, nem por isso succumbe porque a vê soffrendo. Entende que, para levantal-a do desanimo, devem todos concorrer em conjuncto, qual com o esforço do seu braço ou da sua intelligencia.

Emquanto os combatentes vão tomando de assalto os reductos do fanatismo, emquanto o lavrador prepara o seio da terra para a sementeira, o artista deve ir descortinando ao vulgo as belezas da patria sagrada; que se não cale a harpa do poeta, que resoe o teclado ferido pelo symphonista, que os pinceis não sequem, que o escopro debaste — quanto as tropas tornarem victoriosas, quando na leira apontar o renovo, a patria triumphante e farta, repousando na paz gloriosa, terá alguma cousa para demonstrar ao mundo que não somente o seu corpo affrontava a lucta, o seu espirito tambem volvia-se para o ideal. Emquanto Pariz contorcía-se, como Laocoonte, nos anneis formidaveis do sitio, apezar da fome e do panico os artistas levavam telas a exposiçãõ e havia publico para admiral-as.

Temos aqui tambem algumas fortes que encaram sobranceiros ó momento terrivel; d'elles o mais ousado é, sem duvida Henrique Bernardelli; que expõem 17 trabalhos, d'entre os quaes destaco *Vestal*, uma *transiçãõ* deliciosa ou apenas fantasia do artista que, n'um momento, quiz envolver-se em as nevoas brandas do sonho preraphaelita, dando-nos, no estylo brumoso de Eugene Carrière ou de Amanjeau, aquella doce figura de uma expressãõ etherea.

Heloisa é um original magnifico, de um delicado contorno;

— n'elle transparece, sob o tom vago do mysticismo, a amorosa e a pensadora, *Martyr*, a triste figura christã, com os olhos parados em extase, é de uma suggestiva expressãõ, de um grave encanto que prende a attenção mais doudivanas. *Monologo*, o gracioso quadrinho de genero que é o *clou*, por assim dizer, da exposiçãõ agrada em conjuncto: as aquarellas como o *Leiro do rio Soberbo* e a *Choça abandonada* são perfeitamente executadas — o artista é sempre o mesmo: energico na execuçãõ fiel na observaçãõ da natureza, que é a sua grande escola.

Diana Cid expõe tres trabalhos, mas há um retrato que é de uma belleza ideal. A tela parece recoberta suavemente por uma bruma, sob a qual, em linhas leves, destaca-se uma figura de mulher, de um contorno delicado, aspirando uma flor. E como uma evocaçãõ: dir-se-ha, que a figura vem do vago, ao appello de uma saudade, e caminha lenta e subtil como uma visãõ sobre as nuvens finas que a envolvem.

Já ouvi uma accusação impiedosa á maneira alambicada da artista, mas, em que pese aos criticos, ella, não raro, consegue um dos mais difficeis effeitos estheticos: emociona... e, para mim, isso é tudo. Amoedo assigna um retrato e varios trabalhos. Almeida junior apresenta tres quadros, dando-nos, no que tem o titulo *Caçando*, uma excellente impressão do céu branco do sul em tempos brumaes. Oscar Percira da Silva Brocos, B. Parlagreço, Malevolti e outros artistas concorrem á exposição e bem assim Mlle, Mary Manso Sayão que apresenta um retrato e D. Maria Clara da Cunha Santos, com tres pequeninos quadros que revelam estudo Bem vêem os criticos que nem tão mesquinha é assim a exposição.

Vamos, meus caros mestres, um bom movimento: desentorpeçam as pernas e mesmo com intuitos perniciosos façam um esforço e subam as escadas da escola, porque alli pelo menos há assumpto para um folhetim e já não é pouco... E' até possível — quem sabe lá! — que voltem convencidos de que é uma necessidade a mudança da escola... tão acanhada é o edificio da travessa.

Para o remetente do meu escripto deixei justamente a secção de esculptura há apenas a *cabecinha* em gesso de Mme. A... trabalho de Rodolpho Bornardolli — uma obra prima. Devo tambem referir-me ao eximio Girardet? não, que venham os criticos; eu quiz apenas dizer ao publico que fui a exposicao e que lá encontrei alguma cousa digna de ser vista. Póde ser que esteja em erro; pois... que me desmintam

N.

FAGULHAS 18/09/1897

Nos apprimidos tempos do conde das Galvêas a capitação chegou á 25\$600, não valia a pena ter cabeça então: uma cabeça custava os olhos da cara, pois, apezar dos protestos do contribuinte o, imposto foi ainda elevado a 10\$000...

Alguns infelizes com a exorbitacia do preço perderam a cabeça e praticaram os maiores desatinos, chegando mesmo as ameaças tanto se tornou necessaria a intervenção da gente armada que poz em resguardo os *cabeças* de motim.

N'esse tempo, porém o Brasil era uma refes colonia, vivia passivamente, humildemente e a Metropole não lhe passava a mão pela cabeça, felizmente as cousas foram resolvidas á beira d'agua e um grito poz em debandada os oppressores. A lei de «tanto por

cabeça» cahiu e a população poude caminhar de cabeça erguida atravessando assim um longo periodo historico.

Veiu a Republica — o ideal de todos os brasileiros — e quando menos se esperava eis que resurge o *bando* ominoso anunciado, não mais a rufo de tambores, mas indicando ao congresso para que o prepare afim de que possa ser applicado á cabeça de todos os cidadãos. E' caso de perguntarmos: é bico ou cabeça?

Pois justamente quando o povo mais se resente, assoberbado por tantas e tão, diversas difficuldades, luctando extenuantemente para poder atravessar a phase terrivel, o governo pensa em fazer d'elle *cabeça de turco*?... oh a sonhada liberdade, a promettida paz, o meigo regimen da fraternidade.

Onde vai o governo com tantas cabeçadas? Quem ha de por um freio a tudo isso? Por que havemos de pagar as nossas cabeças? por que esse imposto-guilhotina? porque a Republica está em condições precarias, deve os cabellos da cabeça e não tem meios de saldar os seus compromissos, o governo então, inspirado, dá um golpe capital lançando um imposto, ou antes — uma sentença sobre todas as cabeças «tantas cabeças, tantas sentenças», valendo cada sentença vinte mil réis.

O processo é oneroso, hão de convir. Mas que culpa tem o povo dos desmandos do governo para que assim pague como o hollandez?

O imposto é um para todos ou varia conforme o tamanho da cabeça? não sei, mas entendo que deve ser proporcional: um homem de cabeça pequena deve pagar menos do que um homem de cabeça grande, um homem de duas cabeças deve pagar o dobro — ha por ahí cabeças que não valem um vintem poupado,mas a lei é igual para todas as cabeças que fallam, porque o imposto não alcança as cabeças de prego nem as de comarca.

Já andamos com o juizo a juro e agora ainda nos taxam a cabeça — a carga é superior as nossas forças.

Pobre Republica! estou vendo que ainda sacrificam a tua graciosa effigie, tirando-lhe da cabeça o barrete phrygio e substituindo-o por uma cedula de 20\$.

A proposito do imposto ouvi o trecho seguinte, conversa que transcrevo porque me parece curiosa?

—Dize cá, se nós vamos pagar 20\$ quanto pagará Elle?

—Nada...

—Porque... porque não tem cabeça... posto que seja cabeçudo a valer...

.....

Pobre povo! Até já está com a cabeça a premio.

FAGULHAS 19/09/1897

Que um homem perca cabeça, concebe-se; mas que perca os dentes e venha por uma folha offerecendo generosa gratificação á pessoa que os tiver achado e queira levar-lh'os, hão de confessar que é extravagante.

Em que ia pensando esse homem para que não sentisse a queda desastrosa da dentadura? caminhava com a bocca aberta e entretido, fazendo castellos, e não deu pelo deslocamento da chapa, sentindo apenas a ausencia do aparelho, quando, ao chegar á casa, foi famintamente ao bife e viu que estava desprevenido.

Para que um homem perca uma dentadura; 1º, é necessario que a tenha, e um homem que tem dentadura não tem dentes; 2º, se a perdeu na rua foi porque abriu a bocca, se a não levava na mão; 3º, se a reclama com tanta ancia é porque faz questão de a possuir para não ficar com a bocca como o *Club do Rocío* varejado pelo energico delegado.

Não quero analysar os tres paragraphos; vamos as considerações que o caso inspira. O homem seguia com a cabeça no ar, pensando talvez na capitação, quando os dentes se foram deslocado perfidamente e zás! na calçada; o homem não deu pela queda e lá se foi protestando intimamente contra o imposto vexatorio ou — quem sabe lá! — pensando nos quinhentos contos.

« Ah! se me vem o bolo, então sim, pago a minha cabeça, pago mesmo a cabeça da sogra; mas se me sai branco o bilhete, como me hei de arranjar para resgatar tantas cabeças? isso é uma extorsão... »

E' preocupado, amofinado entrou em casa, ruminando (sem dentes) a sua colera, até que o chamaram para o jantar.

A' mesa... ó desillusão! Livido, com o bife apertado entre as gengivas, o homem poz-se a tremer. E' a mulher:

—Que tens? estás pallido... Ah! meu Deus, parece que vais perdendo os sentidos.

—Não, minha amiga... Não minha amiga...

—Mas que tens?

— Não tenho... perdi-os... Não posso comer... estou sem dentes...

—Perdeste os dentes?

—Como vês.

—E agora?...

—Manda fazer um mingao enquanto eu vou redigir um annuncio.

—Mas como perdeste os dentes, homem de Deus?

—Sei lá! cahiram-me da bocca. Este paiz está perdido! O povo vive tão sobrecarregado de cuidados que não tem tempo para pensar nas cousas, mais sérias da vida. Tu mesma has de ter reparado: eu que era um homem ponderado, distrahi-me tanto no sabbado passado que passei a noite fóra...

—E perdeste as ceroulas...

—E' verdade, perdi as ceroulas na rua...agora os dentes. Este paiz está perdido. Eu vou redigir o annuncio e um artigo violento contra a situação. Manda fazer um mingáo.

—Mas não te lembras onde foi que perdeste os dentes?

—Sim foi no Engenho Novo, por alli assim...

—Pois tu foste ao Engenho Novo...

—Eu? não!

—E como perdeste os dentes no Engenho Novo?

—Os dentes, sim; moravamos no Engenho Novo quando me cahiu o ultimo, não te lembras?...

—Eu fallo da dentadura...

—Ah! a dentadura!...

—Tu ficaste de queixo cahido por alguém...

—Eu! de queixo cahido? O queixo está aqui, os dentes é que se foram...Mas, que queres? Este paiz está perdido. Pois não vês? vinte mil réis por cabeça...

—Que cabeça...

— A minha, a tua, a de minha sogra, a do Procopio... Ora, francamente, dar vinte mil réis pela cabeça do Procopio chega a ser desaforo.

— Olha, filho, queres saber uma cousa? está me parecendo que não perdeste somente a dentadura...

— Hein?

— E' a verdade; parece-me que tambem perdeste o juizo...

— Ah! perdi o juizo... dizes isso por causa do negocio das cabeças? pois has de ver. Mas como me doem esses dentes! Dentes novos!...Decididamente este paiz está perdido.

N.

Em a noite de ante-hontem os ladrões visitaram a casa do professor Alfredo Bevilacqua. A visita, por ter sido feita a horas altas da noite, quando a familia já se achava recolhida, foi incommoda, tanto mais porque os hospedes, além de se apresentarem pelos fundos, bateram á porta da cozinha com um machado. As pancadas ou, antes, os golpes foram vibrados com tamanha violencia que a porta começou a cahir em estilhas, quando uma criada, que se achava enferma, desconfiando da pressa com que os nocturnos visitantes forçavam a passagem, com certesa querendo fazer uma surpresa agradável á familia, desceu do leito e, de rastos, e foi acordar a senhora, dizendo-lhe que estavam arrombando a porta.

Puzeram-se todos de pé e começaram a dispor as cousas para que fossem dignamente recebidos os hospedes retardatarios, mas os gaturnos, ouvindo rumor e vendo luzes, suspenderam a tarefa e, com muita discrição, arrependidos, com certeza, de haverem incommodado a familia retiram-se justamente quando a vizinhança alarmada sahia para lhe fazer uma manifestação digna.

Entre os manifestantes, devo aqui registrar, não havia um soldado de policia; tambem elles não podem ser ubiquos, sejamos cordatos: como ha de a policia varejar as casas e guardar a cidade? ou bem varejeira ou bem vigilante.

Trilaram apitos, estrondaram tiros; — mas qual! — a policia metia-se em por baixo das camas, enfuava-se em armarios, destruía moveis e quadros, cumprindo as ordens attilicas do delegado e os ladrões recolhiam-se tranquillamente, adiando para melhor occasião o assalto.

Até aqui nada de notavel; o fluminense já não liga grande importancia ao gatuno, — está resignado, é uma endemia que se há de fazer? mas, vejamos o curioso do caso.

Na manhã do crime estava a familia ainda sobresaltada quando bateram palmas. « Deve ser a policia », pensou o professor; não, não era a policia, era um petiz de oito ou dez annos, esperto como um esquilo.

— Bom dia, minha senhora! Saudou cortezmente, dirigindo-se á criada.

— Que queres?

— Eu vim aqui buscar um machado que ficou na porta da cozinha...

— O machado dos gatunos?

— Sim, senhora... Elles não tiveram tempo de levar e aquilo faz falta lá em casa.

— Não, não póde ir, disse a criada, a policia tem de vir aqui e é preciso que ella encontre o machado. Depois!...

O pequeno ficou triste e com razão por que; certo de que a policia nunca se abalaria para examinar a obra limpa dos assaltantes, considerou o machado perdido.

A scena é original concordem. Já os gatunos mandam emissarios ás casas das victimas reclamar as ferramentas do officio. Ah! fim de seculo!!!

Amanhã ninguem terá motivo de surpresa vendo nos jornaes noticias d'este theor:

«O chefe da quadrilha que hontem assaltou a casa da rua tal, numero... dirigiu ao comendador Fulano, victima do audacioso roubo, o seguinte bilhete:

« Meu caro amigo. Mande-me pelo portador uma cruz de brilhantes e a sua carteira que hontem, com a precipitação com que sahi de sua casa, porque o imbecil do feitor armado de revólver, fez aquelle escandalo vergonhoso, acordando todos os vizinhos, deixei no corredor ou em cima da mesa da sala de jantar. Póde ficar com os papeis que estão na carteira, mande-me apenas o dinheiro; o portador é de confiança. Não vou pessoalmente logo mais á noite buscar os referidos objectos porque tenho hoje um serviço lá para os lados do Jardim. Recommendo-me com muito respeito á sua Exma senhora. Beijos nos pequenos. Seu, affectuosamente. — *O engole-espadas.*»

.....Assim ao menos haverá decencia e cavalheirismo e a gente ficará livre do susto. Olhem que é o diabo acordar com um gatuno perto da cama. Só um calmo como conheço eu certo sujeito que, abrindo os olhos e vendo um gatuno que forçava as gavetas, perguntou:

— Que queres ahi?

— As joias.

— Estão na outra gaveta.

— E a chave?

— Está no bolso do collete... Mas, vê lá, quando sahires fecha á porta por causa do ar. Boa noite!

— Boa noite...

Mas nem todos têm a mesma calma...

N.

E a policia dirá «Mas...os ladrões nada roubaram...

Pobre casal! Nem todo o ouro rutilo das minas valia, para os infelizes, aquelles cabelinhos louros que agora estão no fundo da terra como um pouco de sol prisioneiro; nem todo o céu valia aquelles olhos azues que, para o sempre, se fecharam; nem todas as alvoradas valiam um só dos sorrisos, nem todas as melodias universaes valiam um só dos balbucios da creança que emmudeceu. « Os ladrões nada roubaram...» Pobre casal infeliz!

Tu, operario, vivias labutando ao aspero sol, sem queixa, certo de que, á tarde, quando volvestes á casa, terias uma larga compensação na caricia do teu filho e a creança, com os seus mimos, fazia com que esquecesses a saudade da patria...

Era n'esta terra, sob este céu, entre esta gente que teu filho crescia e grato, contente, feliz amava a terra amiga, o céu venusto e a gente e tu, mulher, guarda fiel do berço que, no momento do assalto, quando ouvias o rangido do ferro com que os bandidos abriam caminho procurando penetrar a tua casa, foste tomar ao collo a joia preciosa que tinhas, vem humildemente agradecer a policia não teres sido roubada.

Não está ainda no mesmo esconderijo o mealheiro das tuas economias? não estão no estendal as tuas roupas? As ferramentas do teu marido não estão ainda no logar em que elle costuma guardal-as? que mais queres? Perdeste um filho... ah! mas que é isso para os tempos que correm? Tu poderás soluçar como a velha avó:

«Il joucil de malin, lá devant la funêire!

Dire qu'ils m'ont-tué ce pauvre petit etrei»

Que importa á policia a agonia de uma mãe?

Vous ne compreniaz polni mère, lá politique...

No momento actual os homens que nos dirigem não pódem dar atenção ao sofrimento do povo. Ao gabinete do chefe não chegam os lamentos angustiados de uma mulher infeliz.

Vê bem, operario; attende, boa mulher, enquanto o teu filhinho repousa sobre o marmore frio da mesa do necroterio, como uma victima propiciatoria sobre a ara de um templo barbaro, os delegados confabulam com muito patriotismo, resolvendo sobre o assalto nocturno... bem vêes que não se deixam ficar inertes os nossos delegados.

Logo mais, quando a noite vier, quando subir inultimente a teus labios a estrophe com que costumavas adormecer o que dorme no collo frio da terra, a soldadesca andará batendo ás portas das tavolagens e diante do palacio Friburgo como na poesia de Seidlitz, haverá uma revista nocturna: garantida a vida do chefe do Estado e combatido o vicio, o paiz viverá com segurança e paz, embora os gatunos esboroem muralhas e mates as creancinhas no collo das mãis.

O povo já não é intimado simplesmente a dar todo o seu suor ao governo, tem tambem de lhe offerecer o sangue porque se o fisco bate a porta a luz da manhã cobrando o imposto, a noite vem o gatuno exigindo a vida.

Estamos em peiores condições do que o viajante dos Abruzzos, porque nem nos é dado optar entre a bolsa ou a vida — temos que ceder ambas. Bemdito seja o nosso governo!

Mais, guardai com mais cuidado os vossos pequenitos para que vos não aconteça o mesmo que aconteceu á miseranda que, apertando nos braços o filhinho, conseguiu apenas fazer d'elle um escudo e, salvando o coração perdeu o amor que era d'elle a alegria.

A policia anda preocupada... defendamos nós mesmos as nossas vidas e os nossos bens.

N.

FAGULHAS 29/09/1897

«O anno de 1897 parece ser de grande alcance para o desenvolvimento das artes em o nosso Brasil; pois, segundo o que tenho lido, há projectos e mais projectos e todos de grande dimensões. Que tudo se realise com magnificencia e que o resultado seja rico em beneficios para o engrandecimento artistico da nossa patria. Quanto a mim, vou emprehendendo esforços para contribuir com elle e com elles associar-me as idéas dos que amam, com adoração, esse coloso sul-americano, esse opulento e poetico Brasil que, mais do que nunca, precisa que o amem cegamente, apaixonadamente...»

Este delicado trecho é extrahido de uma carta de Francisco Braga, escripta em Dresde, em março d'este anno que, proximamente, para gloria da arte, será passado em revista com muito maxixe e pouca syntaxe.

Julga o jovem symphonista que as artes tem aqui vida prospera e põe o seu talento a serviço da causa santa que com tao poucos sectarios conta. Bom é que, em tempo, lhe tiremos do espirito enganos taes que lhe pódem ser funestos: o Brasil é ainda o mesmo terreiro de Caxambú, meu caro Braga.

Se por acaso um artista sindero traz a publico uma pagina delicada, logo irrompe a horda e com guinchos estrupidos de atabaques, faz, tamanha azoada que os accordes morrem abafados e fica reboando o estridor dos tangeres e do barbarismo como n'uma zangurriana de aringa.

Wagner, o grande ancestral, tambem pensou em vir ao Brasil... teriamos hoje, em vez de *Tetralogia*, um maxixe monstro e Siegfried seria, talvez, um Chico Bum... ba que não forjaria espadas, mas puxaria freira quebrar cadeiras e versos.

Não se alludes vidas, meu caro artista. Na Allemanha acatam o teu talento. As tuas peças symphonicas *Paysage e Cauchemar* foram executadas no Gewerbehaus, sob a intelligente direcção do mestre da capella Trenkler, teu nome figurou entre os de Beethoven e de Mozart, e Brandes escreveu a teu respeito; que mais queres? Pensas que, se para cá trouxeres as tuas symphonias classicas, farás despertar a alma patria? oh! illudido artista... se queres ser recebido no cáes com uma ovação escreve alguma cousa no genero do *Quem comeu do boi...*

Não venhas ao Brasil, vive com a tua saudade e com as tuas illusões, fica tiritando nas brumas da Allemanha, não queiras o sol do trópicos ou se o preferes á nevoa, deixa então em Dresde o que tems feito, entrega ao Kappelmeister os teus poemas e vem fazer tangos para que não morras á mingua sobre os louros colhidos na patria de Eischenbach. Não te iludas... isto é ainda um paiz de chulas.

Dizes... « chorei de entusiasmo, extasiado de admiração, diante do *Rodapé* que Olavo Bilac dedica á mulher brasileira, na *Gazeta de Noticias*, pedindo um obulo para levar avante a generosa e bella idéa do nosso glorioso Bernardelli: fundir duas coroas que serão collocadas no sopé da estatua de Alencar e abaixo do medalhão de G. Dias. Que linguagem deliciosa a de Bilac! Que poeta doce e mavioso... » Pois, meu amigo, a estatua de Alencar está ainda ás escuras e cercada de ripas. O poeta, apesar de possuir uma lyra como a de Amphião que abrandava as feras e commovia as pedras, nada conseguiu e nada conseguirá, estou certo,

porque as lyras não soam tangos e só o tango póde arrebatat a alma dos que se dizem «artistas» entre nós.

Ahi ha a lenda do nokko...e tu de certo a conheces. A harpa do genio tem uma corda mysteriosa que elle jamais fere porque, no dia em que a ferir, tudo dansará delirantemente, tudo, meu Braga: dansarão as montanhas, o arvoredo, as aguas, os animaes, as estrellas, o diabo...e o mundo ficará transformado em uma casa de orates... pois, meu bravo; esta corda tremenda que nunca vibrou na Allemanha é que vibra no Brasil — é a corda da ficira.

Se não queres ser a victima da sua influencia malevola, se não queres cahir no maxixe, deixa-te estar na Alemanha, ama o Brasil de longe e faze alguma por amor d'elle... Não te iludas! Fica em Dresde... Fica em Dresde...

N.

FAGULHAS 30/09/1897

Não, não basta o amor. As almas intensamente ambiciosas d'este fim de seculo amargo e desilludido, gasto e descrente, querem mais alguma cousa além do beijo e do superfino prazer venusto.

Já os poetas não pensam como outr'ora. Os meigos poetas, d'antes quase ethereos, porque, como rezam eglogas serenas, viviam modestamente, sobriamente, tendo por morada a sombra cheirosa d'um carvalho e por alimento o mel dourado d'um favo que as abelhas, como sollicitas despenseirasm tratavam de encher sempre que um chuchurreio os desprovia e em tão desabrigado hostáo e com tão parco alimento sentiam-se tao felizes que, a todo instante, quem junto d'elle passava dotinha os passos morosos para ouvir os sonoros hymnos com que agradeciam aos numes a grande fortuna da vida, agora reciamam exagerados confortos — querem casas apalaçadas, com marmores e bronzes.

As sombras, antes vertidas pelas virentes arvores, não lhes bastam; querem-n'as agora mais densas, porque exigem abobadas lindamente pintadas, e o sol, para que possa descer ato, as cabeças sonhadoras, tem de passar por vidros polychromaticos, para que, penetrando o recesso, chegue ao artista manso evariegado, e sem a crueza flammejante, sem a monotonia da sua cor única, flava e encandiante.

Os poetas querem fausto e já não se satisfazem com os olhos castos d'uma dama... ah! os olhos castos, as rosas das faces o marmore das espadas... que valem bellezas tantas comparadas aos gozos que trazem umas centenas de apolices (ouro) ou alguns predios?

O poeta póde tomar para serviço da Musa uma doce Amarylida que lhe traga nas vestes pobres o aroma dos prados floridos, mas... para casar escolherá a filha d'um rico senhor, mesmo que ella não tenha os olhos côm de pervinca nem outras qualidades da que costumam exigir nas estrophes, os herdeiros de Apollo.

A vida de hoje é outra, a alma moderna é mais exigente.

Por que fui eu buscar os poetas? não... desçamos do Paruaso resoante, vejamos o drama triste no próprio palco em que foi representado.

Os *reporters*, que mediram o aposento dão dous metros de largo sobre dous de [p.i.] — um metro, pois, [ps.is.] tanto exigiam Daphuis e Chloc...

Elle, um taludo mancebo; ella, uma delicada moça... em tão estreito espaço podiam viver amando-se... um milhão de beijos póde caber na mais pequenina bocca, dous namorados fazem uma só sombra ao sol... o espaço era bastante; emtanto, a moça, porque sentia falta de alguma cousa, entrou a amofinar-se. Já não lhe bastavam os beijos, os abraços entediavam-na, as mesmas palavras ternas do companheiro davam-lhe tedio; mesmo quando elle a convidou para a casa de pasto, porque a infeliz, saciada de ternura, tinha fome de bife, tão amargurada estava que rejeitou e calma, como se preparasse um *grog*, arranjou o veneno mortal que lhe devia dar o desejado allivio e bebeu...

Quando o amante voltou da comezaina empanturrado, palitando os dentes, encontrou a companheira morta... Que razões fortes teriam levado a desgraçada a tamanho desespero? tinha amor, o amante convidou-a para a casa de pasto... então? Não interroguemos a morte. Quem sabe se não foi um certo vestidinho de cassa que...

Ah! lojistas, lojistas! porque haveis de concorrer para a infelicidade de tanta rapariga pobre, expondo á porta de vossas casas essas fazendas lindas? quem sabe se não foi um vestidinho de casa... Ella era feliz nos dous metros de habitação: tinha amor... que lhe faltava ainda? o vestidinho, talvez... o vestidinho de cassa que vira, de passagem, á porta de uma loja.

Ah! as almas já se não contentam com o amor-puro... os poetas querem apolices, e Julieta, se vivesse... é verdade que Romeu tinha alguma cousa.

Amor... Amor é uma lesão cardiaca. O coração moderno é uma bolsa e o coração do pobre rapaz não ia alem de... um jantar no frege... Pobre rapariga!

FAGULHAS 02/10/1897

A Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, pugnando nobremente pela liberdade dos seus associados, reclama da Intendencia, allegando razões cabaes, o fechamento das portas aos domingos e nos dias feriados.

Não sei a que attribuir a celeuma que se levanta sempre que vem a discussão esse pedido dos activos rapazes que, durante a semana, levantando-se antes do sol e deitando-se tarde, derreados de fadiga, trabalham de boamente, sem um protesto, affrontando os sóes mais intensos ou os mais copiosos aguaceiros, em retardos, ou firmes, junto ao balcão, servindo, sem que lhes seja permittido um rapido repouso porque os freguezes que se succedem não querem saber a que horas deixaram o leito, se estão cansados e se sofrem.

Quantos pequenitos apartados do affago materno: lançados a aventura da vida, vemos nós com os cotovellos fincados no balcão, os olhos alongados, pensativos, nostalgicos, lembrando-se da pequena aldeia que deixaram entre montes... ai! campos de trigo, de trigo louro e encostar de vinhas verdes!

Quem lhes leva consolo, não tem mais, não tem pai, probrezinhos! e á noite, n'um canto do sotão, que ardentes lagrimas que arrancados suspiros ai! saudade, saudade...

Outros, ardendo em febre, alli estão mourejando, subindo e descendo... Dóe-lhes tanto a cabeça, tremem-lhe tanto as pernas! ai! vida... quem poderá cural-os? Estivessem elles, pobrezinhos! lá no seu campo natal, junto de sua gente, e não soffreriam tanto; mas...caicara em dizer aos patrões que soffrem... É tão difficil arranjar um emprego... a vida é tão cara...

Mas, por caridade! por que não havemos de ser justos! se todos descansam, por que não hão de elle descansar tambem? Que ao menos lhes seja dado um dia de repouso.

Que ficam elles fazendo nas casas se, em dias taes, raream os compradores? que ficam elles fazendo sentados á porta, como prisioneiros a quem permittissem encostar o rosto ás grades da prisão para olhar o céo e aspirar a fresca bafagem? Por que não os deixam sahir? Daí-lhes um dia ao menos e elles tornarão ao trabalho retemperados de força e de alegria, porque o ar tonifica e a paizagem desannuvia o espirito.

O pequenito brincará um instante e a nevoa melancolica irá aos poucos dissipando-se e a alma doentia voltará curada, o enfermo ganhará alento, e todos, dando

expansão a jocosidade própria dos verdes annos, quando tornarem á noite aos seus leitos, trarão maior desejo de trabalho.

A alegria é o esplendor do trabalho; e como hão de ser alegres esses fortes trabalhadores opprimidos? Os legisladores primeivòs, para imporem a hygiene derem-lhe o character religioso — o setimo hia foi consagrado ao Senhor e assim a crença determinou o repouso.

Agora, que a vida é mais intensa, nem mesmo esse dia sagrado é concedido aos que labutam. E queixamo-nos da tristeza do povo... mas como póde ser alegre um povo de encarcerados? Deixai que saiam os emparedados — as mesmas abelhas distraham-se nos prados, ellas que são apontados como exemplos de actividade — só elles, os infatigaveis labutadores, não tem um dia com que possam contar.

Os campos estão cheios de sol, estão os jardins abertos e os que por elles deviam andar bocejam insipidamente no fundo sombrio das lojas desertas... não ha freguezes, mas a dignidade das firmas não póde permittir que se feche a loja antes da queda do crepusculo... A' noite então, tristemente, entediados sahem todos como uma revoada de aves noctivagas pela cidade. Não é justo, não é humano.

O trabalhador deve ter uma compensação: o mineiro, ao domingo, não desce ao ventre da terra; o operario conserva-se em casa repousadamente; os mesmos galés tem o suéto dominical e por que não o há de ter o empregado do commercio, que honestamente vai enriquecendo o patrão, dando-lhe, não somente o esforço, mas tambem não raro, a propria vida, porque enfermo, não se arreda do seu posto?

Estou certo de que a Intendencia ha de resolver de accordo com a justiça, satisfazendo a reclamação que lhe foi dirigida. O Rio de Janeiro é, creio eu, a única cidade onde ainda, aos domingos e dias feriados, o caixeiro é captivo... mas sejam os senhores intendentés humanos já é tempo.

N.

FAGULHAS 03/10/1897

Nem tudo está perdido, felizmente.

Não teria cahido sobre Sodoma a chuva tremenda de bitume se o Senhor houvesse encontrado na cidade dez justos... Não venha sobre nós o anathema, porque, afortunadamente,

ahi está a mocidade generosa saldando a dívida sagrada trabalhando para que fique perpetuado no bronze o vulto do genio sonóro.

Como eu senti hontem a minha enfermidade, que me não permitiu sahir no cortejo dos que pretendem ilustrar a nossa cidade com a figura altiva de Carlos Gomes! Bem merece o morto que o amem, elle que tanto soffreu, elle que, apesar da injustiça e do apódo, foi sempre um brasileiro e dos que mais tem amado esta patria.

Para defendel-o de todas as accusações, ahi está immorredouro, esse forte poema *O Guarany*. Dizei-me, vós que tanto vociferastes contra o artista, simplismente porque elle, para esclarecer o espirito, em vez de ficar n'um desvão de provincia, transportou-se á Italia, se são da natureza italiana aquelles accordes imponentes que fazem d'aquella partitura um epinicio selvagem? Não é o rumor bellicoso da poracé que passa tonitruosamente em rajadas possantes, de quando em quando interrompendo o idyllio do indio ou a meditação da virgem? Esse sem rouco, que freme já o ouvistes alguma de vez de instrumento algum? não, so a tuba índia o desfere; o canto da tribu nunca o escutarieis vindo do fundo da selva se o artista, que tinha profundamente no coração a saudade da patria, não a tivesse aproveitado, fazendo da abstracção uma realidade imperecivel.

E no *Schiavo* essa melodia, que passa de leve, intercalando-se nos grandes accordes, não vos dá a idéa exacta do nosso rouxinol? Quem mais quereis?

Ah! sim, o crime do artista foi grande porque elle nunca foi visto pleiteando eleições e, no Brasil, grande districto eleitoral dividido em 21 secções, só tem meritos os que sabem triumphantes das urnas; ainda que atraveses dezenas de legislaturas cochilando no fundo das cadeiras, resmungando de vez em vez, entre bocejos, um somnolento apoiado!

Felizmente, a mocidade ahi está zelando pelas glorias nacionaes, arrancando do esquecimento os que tendo concorrido, em vida, para a gloria d'este querido Brasil passaram á morte.

Carlos Gomes fez mais pela sua terra do que muitos presidentes; muitos não digo, porque temos tido poucos, mas sempre há um que, no dia em que descer as escadas do magnifico palacio cor de rosa, que parece um gigantesco taboleiro de xadrez com aquellas hediondas figuras negras perfiladas no eirado não deixará na historia cousa que se possa comparar a uma só das notas escriptas pelo impetuoso auctor do *Salvador Rosa*... é, entretanto, uma eminencia.

Se Carlos Gomes, em vez de ter perdido o seu tempo, consumindo o seu genio em composição de operas, se tivesse deixado ficar á sombra do campanario, cabalando, é bem possivel que tivesse vindo á camara eleito por um districto qualquer; mas... quem se lembraria

hoje dos patrióticos protestos e dos energicos apoiados do representante? nem mesmo os *Annaes*, porque muita cousa não consegue entrada n'esses substanciosos repositórios da eloquencia indigena.

Elle foi um artista, e a mocidade, sahindo em tão luzido prestito presta um grande serviço ao Brasil porque, ensinando o povo a amar os seus heróes, faz com que elle concorra para que os do futuro vejam que no passado já havia homens que com a intelligencia procuravam honrar a terra natal.

Esse movimento dos moços, sobre ser sympathico, promette-nos largos beneficios. Eu não me hei de esquecer d'essa gloriosa campanha abolicionista e tambem não se me varreu da memoria a phrase de Patrocinio no dia em que no Polytheama, sitiado pela farandula dos capociras assalariados pela policia, viu-se cercado de estudantes:

«E escusado, não vos temo hei de vencer! tenho por mim os moços»

Os que agora se empenham na campanha difficilima da reabilitação artistica pódem repetir com o tribuno a phrase energica. E' tempo de sahirnos do anonymato: no Brasil há talentos superiores que definham, que se vão lentamente estiolando á falta de meio. Creemos uma amosphaera, façamos um ambiente favoravel e dentro em pouco o nosso amado paiz, intellecualmente abastardado, surgirá forte, occupando, sem duvida, o primeiro logar na America.

Para essa campanha em favor do espirito é necessario sem duvida mais energia do que a que foi dispensada na campanha humanitaria da redempção do escravo... e uma forte e indestrutivel solidariedade.

Essas procissões civicas, com a de hontem, muito hão de contribuir para a victoria porque o povo irá, aos poucos, creando amor aos seus heróes e, amando-os, acabará por amar o que elles tanto amaram a arte.

N.

FAGULHAS 06/10/1897

A' mania prejudicial das traducções devemos nós a falta de originalidade que nos tira a caracteristica ethnica, tornando-nos um povo de imitadores, sem inspiração e sem iniciativa só nos parece digno da nossa admiração e do nosso applauso o que é exotico.

Os nossos legisladores vivem respigando nas constituições e nos codigos estrangeiros artigos contrarios á nossa indole, que dão apenas resultados negativos quando são

postos em pratica — em fase dos effeitos funestos bradam, em assomos de erudição, que taes artigos salvaram a Inglaterra ou os Estados Unidos ou o Cambodge em determinada época.

Na litteratura nota-se o mesmo phenomeno. Já li n'um critico, certa referencia lisongeira a um volume nacional que, sinceramente, não sei como o auctor a recebeu. Dizia o critico « que a linguagem era tão d'escolha, a analyse tão subtil, o dialogo tão leve, a paisagem tão finamente colorida que a gente tinha a impressão de estar lendo uma *traducção*. »

A moda... não passa de uma traducção. As senhoras brasileiras que, aqui registro, nada ficam a dever em belleza e em elegancia ás suas irmãs de alem mar, nada fazem sem uma consulta aos jornaes parisienses. Se em Pariz o director de um atelier, n'um momento de allucinação entender que as senhoras devem apresentar-se com uma cesta de flores na cabeça, de flores ou de fructos, sendo outono, com a chegada do figurino sahirão á rua, como thermophorias, todas as damas elegantes... simplesmente porque é moda em Pariz.

Nos theatros... que vemos? traducções. Certo mancebo, tendo do arranjar o seu ninho nupcial, andava azafamado, das casas de móveis para os estofadores, com o numero de um jornal francez.

Gastou uma fortuna porque sendo o dito numero do inverno e apresentando o modelo d'um interior de noivos, o mancebo, escravizado ao que via, mandou forrar a casa de espessos tapetes, carregou as paredes de tapeçarias, interrompeu a circulação do ar com pesados reposteiros e cortinas densas e espalhou moveis estofados, transformando a casa em uma estufa. Era em janeiro, vivia-se sobre brazas, pois o homem lastimava-se, arrepellava-se, arrancava os cabellos.

— Que tens? Estás furioso...

— Puderá! Esta cidade está abaixo de Tananarive... Calcula! tenho corrido todas as casas de moveis e ainda não achei um fogão.

— O filho! pois tu queres encontrar fogões nas casas de moveis? vai a uma fundição ou a uma loja de ferragens...

— Não é d'esses fogões que eu quero...

— Um fogão para cozinha?...

— Qual fogão para cozinha! Quero um fogão para a minha sala de visitas.

— Então? estás espantado? Pois olha, meu amigo, está aqui... e abriu diante dos meus olhos o numero do jornal... francez. Fiquei... como ficaria o leitor. Resultado: seis mezes depois a mulher poz-se ao fresco recolhendo-se á casa dos pais. Tambem, n'um forno d'aquelles, a vida devia ser um inferno. O pequeno que começa a fazer as suas primeiras

letras também é vítima das traduções. E querem patriotismo d'um povo que nem sequer conhece a sua pátria.

Quaes são os livros que aqui dão aos petizes para leitura? O mais completo é o *Coração*, de Edmundo de Amicis. E', realmente, uma obra prima, mas é um livro italiano. Os heróis que allí apparecem são italianos. a paisagem é italiana, os episodios citados são da historia italiana.

Dirão que a essencia moral é uma para todos os povos, mas a creança quanto mais aproveitar a leitura tanto mais apartará a alma da pátria, impressionada pela belleza do céu e da terra estrangeiros descriptos pelo poeta e, quando se lhes quizer infundir no coração o grande amor da terra patricios, os pequenos sorrisos estabelecendo parallelo e será tarde para fazer a substituição, ficando n'elles perpetuamente gravado o que leram na infancia.

Preparar a creança é um dever que complete aos que se interessam pelo futuro da Republica Arrançai-lhes das mãos esses livros que nada exprimem e dai-lhes nova leitura, habituando-os com as cousas do paiz em que nasceram e onde hão de viver.

Agora começam os editores a fazer, alguma cousa n'esse sentido. Um livro já ahi está na rua; *America*. O auctor tomou para modelo o *Athenlo*, essa joia de litteratura brasileira, que nos foi legada, pelo mallogrado Raul Pompeia. Deu outra divisão aos capitulos, intercallando dous contos de fantasia, sobre um fundo moral, a maneira das parabolas, mas tendo sempre em vista a pátria brasileira.

O livro, sobre ser escripto em linguagem facil, é lindamente illustrado por Arthur Lucas.

N'esse volume a creança encontra a diversão e o ensino, os editores, que são os Srs. E. Bevilacqua & C, no intuito ao fazerem uma larga propaganda, vendem por tal preço o elegante volume que só mesmo quem for muito... (chapa Jacintho Lopes) deixará de o possuir.

N.

FAGULHAS 08/10/1897

Tentemos compor algumas linhas piedosas sobre o misero animal. Oh! a piedade humana... a piedade humana!

A historia d'esse desafortunado rocim daria a um poeta assumpto para um poema dolente: mas que poeta ousaria affrontar uns tantos preconceitos de esthetica, dedicando estrophes sonoras á vida de um quadrupede?

Desventurado... não retrocedamos muito, deixemos os dias venturosos que elle, potro ardego, passou no prado natal, dormindo á luz doce dos astros bemitos, fartando-se de hervas tenras, bebendo nas fontes claras; vejamos apenas o motivo que fez com que tão ingratamente fosse expulso e desamparado, e vejamos o seu acabamento.

Velho, enfermo, com uma grande ulcera a corroer-lhe a anca, que podia fazer a alimaria infeliz? Era apenas um consumidor... posto que não enchessem a sua mangedoura, sempre os moços lhe davam um pouco de feno e um punhado de milho a tão inutil carcassa... que esbanjamento!

Nem para arrastar uma carrocinha tinha forças, e a ulcera sangrava tanto que os mesmos rapazes da estribaria tinham nojo... matal-o? não porque seriam forçados a pagar o transporte do cadaver; melhor era expulsal-o, que se fosse pelas ruas até que os fiscoes o vissem.

Que poderiam fazer os fiscoes? o pobrezinho, por certo, não ao causaria o homem ingrato que o havia abandonado...

Ah! velho Esopo, se os animaes fallassem... Foi bom que Deus os fizesse mudos para que não se viesse a saber que o homem é o mais cruel dos seres da natureza.

Foi hontem; cahia do céo nimbado um frio borrifo de inverno; a rua enlameada e cheia de poças, estava deserta, quando o misero animal appareceu vagoroso, tristonho, arrastando uma perna.

Como o cavallo de Gonela, de que falla Cervantes, que *tanfun pelis el ossa fuil*, o vagamundo quadrupede já não era um rocim, era um arcabouço especie de cavalo macabro que passeava, á espera da morte, a sua sinistra cavalleira.

De quando em quando, como se lhe doasse a chaga esborcinada, parava, voltava a cabeça, toda a ossada torcia-se, porque o desgraçado queria abrandar o soffrimento com o balsamo que tinha — estirava a lingua buscando lambar a ulcera, e alguma cousa como um gemido sahia-lhe do peito cadaverico; mas já se foi lentamente, soffredoramente, sob a chuva fria.

Na sargeta nascia uma herva fina e verde e o desgraçado tinha fome; já de longe esticava o pescoço, e com tanta ancia quiz arrancar d'entre as pedras a grama que, perdendo o equilibrio rolou, batendo com a cabeça na calçada; ficou um instante immovel, arquejando, com a lingua pendente, só a cauda movia-se como um lambaz varrendo a lama.

A fome...o misero tinha ainda fome...fez um esforço suprema para levantar-se, não poude, mas, mesmo deitado, poz-se a arrancar a herva e mastigar...Limpo o terreno que lhe ficava perto, n'um arranco conseguiu arrastar-se e de cabeça alta, comia... De repente, porém, parou e erguendo os olhos que pareciam verter lagrimas, talvez fossem gotas de chuva que cahia, fitou o céu e um relincho fraco sahiu-lhe do peito...

Seria um protesto, um apello á misericordia de Deus ou um gemido de saudades?... saudade d'essa mesma casa d'onde o haviam tocado, onde elle envelhecera e enfermara, mas onde havia sido um instante ao menos feliz?...

Um homem que passava com um cão deteve-se um minuto e riu, vendo o esforço que o moribundo fazia para levantar-se e o cão rosnuo, querendo investir...

A chuva cahiu mais forte; o vento em rijas lufadas zimbrava e foi sob a rude inclemencia do céu, ingratamente abandonado, que o misero animal repousou a cabeça sobre a calçada e morreu... Oh! a piedade humana... Se os animaes fallassem, Esopo... se os animaes fallassem, *Piedade* seria um terno sem significação nas linguas.

N.

FAGULHAS 03/11/1897

A proposito do fantasma do Ascurra.

Certo chefe de quadrilha homem de grande tino, querendo operar livremente n'um bairro, reunir os seus sequazes e de cima d'um barril como Clopin Troillefou, expoz o seu plano estrategico.

Meus amigos, para que trabalhemos descansadamente em Mata-burros é necessario que um de vós, o mais corajoso, vá assombrar as Bananeiras, apparecendo á hora

sinistra da meia noite, de branco, com ou sem cabeça, gemendo, sem dar importancia á policia, como costumamos fazer. Se o encarregado do papel de AL, a do outro mundo sahir-se bem, responsabiliso-me pela colheita e garanto a casa um não só uma boa parte como *habeas-coupus*, caso seja preciso.

— Mas, objectou um dos bandidos mais novos, se o nosso trabalho em Mata-burros, que lucrámos nós espantando a gente das Bananeiras?

— Ingenuo rapaz. Bem se vê que não conheces o povo... e a policia. Logo que seja visto o fantasma nas Bananeiras, basta que o veja uma mulher, o caso será espalhado e, chegando ao conhecimento dos jornaes, vira a publico com os exaggeros do estylo, e o povo, sempre curioso (por que uma alma penada não é cousa que ande por ahí aos pontapés) abalará para as Bananeiras... e como o povo irá a policia. Indo povo e policia para tão afastado bairro, ficarão vazias as casas e desertas as ruas de Mata-burros e nós... Ainda não comprehendeste, ingenuo rapaz?

— Sim, comprehendí... e acho o plano excellente.

— Excelente! clamaram todos os bandidos. E a chefe continuou.

Depois vem o fantasmas para Mata-burros...

— E vamos nós para as Bananeiras! concluiu o ingenuo rapaz.

— Perfeitamente, disse o chefe: e assim em pouco tempo, poderemos limpar a cidade, tornando-nos ainda dignos dos agradecimentos do prefeito.

O chefe foi cumprimentado pelos seus numerosos amigos e, na noite seguinte, uma velha viu o fantasma n'um becco das Bananeiras; tres noites depois não havia uma gallinha nos quintaes de Mata-burros.

Isso foi em 1501, n'um país famoso que os cartographos esqueceram de mencionar nos mappas.

N.

FAGULHAS 04/11/1897

O bom, o amavel Lafontaine, cuja *ménogerte* fez as dellicias da minha infancia, referindo-se a seu volume de *Contos*, diz no curto prefacio: « S'il y a queeque chose dens nos écrils qui puisse falre impression sur les ámes co n'esl nullement la galelé de cos contes: elle passe légerement: jo cralndrois plutot une dance melencolle, ou les romans les plus cluistes et

les plus modestes sont très capables de nous plonger, el qui est une grande preparation pour l'amour.»

Mestre Lafontaine, grande moralista, conhecia todos os retalhos da alma humana e taes palavras lhe não teriam sahido da penna de osa se elle não tivesse certeza da verdade que ellas exprimem. Ah! meus amigos, o sorriso é um tonico, a gargalhada desopila o figado e desannuvia a alma.

E' mais pernicioso do que Boccacio ou Brantome um poeta lyrico d'esses que nos apparecem lacrimjantes, molhados de orvalho, com cantos d'aves e murmúrios d'aguas brancas.

Burguez, so vires na cesta de costura do tua filha um d'esses dellimquentes, atira-o á rua antes que sua melancolia opere... Não ha nada mais desonesto do que a tristeza...

Hontem, dia nublado e funebre, emquanto outros homens, vergondo ao peso dos capotes, com os pés em galochas, e guarda-chuva debaixo do braço, chapinhavam a lama das ruas, eu, no canto tepido do meu gabinete, estirado no meu divan, com um volumeto dos *Contos para velhos*, ria, ria escandalosamente.

Que me importava a mim a misera do cambrio, a sordizez ignobil das nossas viellas, a côr baça do céu e a chuva fina que orvalhava, se eu tinha alli o emplasto de Braz Cubas naquellas paginas escriptas com tanto gosto, paginas de artista... (oh! de artista) mallicioso.

Não sei quem é Bob, póde ser muito bem dos meus credores; pois se é, francamente, perdóo-lhe a divida porque é um artista e um refinado pandego. Mas porque esse exclusivismo: *Contos para velhos*? então os moço não podem ler aquellas paginas? Dirá o autor que há nelles medicina propria para a velhice, pois, meus desconhecido amigo; olho que por ahi ha muito velho mais duro de que o diabo e se esses apanham o tal livro... nem é bom pensar...

Enfim, recommendo aos tristes o livro de *Bob*, aos tristes e aos depauperados... aquillo faz cocegas e dá uma resistencia de... sei lá de que: de seiscentos diabos!

N.

FAGULHAS 09/11/1897

No ultimo numero da *Revista Brasileira*, sob o titulo *A loucura epidemica de Canudos*, o illustrado professor Dr. Nina Rodrigues estuda sob o ponto de vista psychologico

o estupendo manicómio sertanejo que tantas e tão preciosas vidas custou á Republica. Esse tragico exemplo de allucinação collectiva bem merecia a analyse de um sabio, e agora que já nos desfilladeiros de Canudos não retinem os clarins conclando os guerreiros, agora que uma imperturbavel paz funerea substituiu o troar dos canhões a apenas á noite, nos campos desertos, piam lugubrementuas aves agoureiras devem os psychologists começar o lento estudo d'esse delirio que, gerado n'alma d'um homem foi contaminando milhares d'almas a ponto de consituir-se deserto, sob o patrocínio de Deus, uma povoação de fanaticos, mais crentes e mais crueis do que os *fatricelli*?

A pregação de Antonio Maciel tol e germen d'essa estupenda phychose que desvairou a alma barbara.

Encontrando no espirito rude do jagunço um melo propicio, as palavras do insano missionario germinaram a cada um d'aquelles indomaveis filhos da natureza, homens que viviam ainda como os primitivos nomadis e venturosos, guerreando por instincto, amando como as feras ao ar livre, no lombo liso d'uma rocha ou na herva dos campos, tornou-se um perigoso instrumento do fanatismo.

Bandidos ingenuos que pretendiam tomar de assalto o céu viviam cantando psalmos carregando pedras para reconstruir templos — o estandarte que haviam arvorado ao grande reducto: a igreja era um cruzeiro e o hymno de guerra com que sahiam peleja era a ladainha. Eram criminosos? Acreditamos que não é firmando-nos nas palavras de Gustavo Le Bon:

«Les critues des fontes onl generalmente pour mohile une suggestion puissante, et les individuos que y um ont pris parl sonl porsaudes ensuile qu'illsohél a un devolrre qui n'est pas du toul je cas du criminel ordinatre.»

Efectivamente, por que se reбуçavam nas catingas os temiveis atiradores jagunços? para parecer as graças de Deus, indo o combate, elles não iam cantar vitoria, mas reunidos na igreja, com as armas promptas, de joelhos, contritos, entoavam rezas offerecendo aquelle Sabhaoth sertanejo as victimas humanas: não eram bandidos, eram sacrificadores: não vinham da carnificina com remorso; recolhiam-se satisfeitos como o sarcedote que deixava a pedra do altar molhado de sangue onde cahira, sob o seu punho, a victima propiciatoria. As mesmas mulheres, as mesmas crianças não escapavam ao contagio — umas precipitam-se nas chammas como as viuvias abnegadas dos nayres, e os pequenitos, balbuciando orações, atravessavam os campos a correr, indo levar munições aos que se batiam protegidos pelaservas fortes ou, se já podiam com o peso das armas, faziam fogo rindo, como innocentes acolytos do grande vidente.

Os que cahiam alancedos, agonizando, arrancavam os bentinhos do pescoço e, com os olhos no céu, beijando os seus amuletos, louvam o Bom Jesus, e a Loucura, como uma sinistra, ia de bando em bando, de homem a homem, animando, excitando, e o propheta, quando sentia que o animo dos seus homens ja abatendo mandava alguem a torre e os sinos, dobrando, reanimavam os combatentes.

O Dr. Nina Rodrigues fez um bello estudo d'essa epidemia vezanica, mas penso eu que esse tragico episodio da nossa historia exige mais dilatada analyse que o eminente professor da Faculdade de Medicina da Bahia sem duvida procurará fazer, concorrendo com valioso subsidio para a psychologia das multidões.

N.

FAGULHAS 12/11/1897

Annucio, Flanimarion uma chuva de estrellas... pobres noites que não venham a terra todos os vossos astros!

Como ficaria triste a pallida lua se, sahindo ao céu, lenta e meiga, o encontrasse vazio, sem um esplendor escuro e taciturno como a camara funeraria d'onde sahiu para o tumulo um morto bem amado.

Chuva de estrellas... Serão estrellas jovens ou estrellas caducas? virão a terra por estroinas ou por doidas? estrellas de bom senso não deixarão por certo o espaço amavel pela terra immunda — a vida lá nas estancias superiores deve ser melhor, oh! bem melhor, sem duvida que a que levamos n'este planeta presumido e sordido.

Pobres estrellas! que vindes aqui buscar? pois não vos basta a desafronta da Via Lactea, caminho, vasto resplandecente onde podeis folgar livremente? não vos basta a immensidade do espaço que Deus vos deu para que assim queiras preferir a terra vil á região incomparavel na qual tatalam as seis azas espalmadas dos kerubs o resoam docemente os kinnors dos seraphins? Pobres estrelas illudidas!

Porque vêdes de longe a terra julgais que ellas é formosa o que rescende; vinde! pobres astros ingenuos, vinde e queira Deus, vosso o nosso creador, que não vos tenhamos de enterrar, pallidas virgens sidereas, dous dias depois da vossa chegada a terra.

Ah! estrelinhas imprudentes, a nostalgia mata; além da nostalgia temos, aqui a immundicie, cousa que não conheceis porque são limpos os espaços. E como haveis de viver, estrelinhas? como haveis de viver com a carestia?...

Ah! nem eu quero mais no meu espirito pensamento tão negro— uma estrella a pedir esmola... « Esmola pelo amor Deus a uma estrellinha do céu... » que horror!.. Deixai-vos estar na altura, estrellas imprudentes... deixa-vos estar na altura, a terra não é digna de vós; deixa-vos ficar na altura mesmo que todos os astrónomos venham indignados bradar contra o logrados; não perecerão as estrellinhaas do céu... Deixa-vos ficar na altura...

E, agora, tu, minha amada, diz com sinceridade: foi por ocasião de alguma chuva de estrellas que recolheste os lindos olhos azues que tens? foi, não queiras negar... foi por ocasião de uma chuva de estrellas que apanhaste, formosa, os olhos que me illuminam. Ah! sempre me pareceram astros!... sempre me pareceram...

N.

FAGULHAS 15/11/1897

Vem do *Paiz de* ante-hontem o seguinte telegramma, transmittido de Buenos Ayres.

«O intendente municipal, em circular a; repartições que lhe são subordinadas; declarou que demittiria todo o empregado que cabalasse a favor de qualquer dos candidatos na proxima eleição. »

Sinceramente: esse telegramma causou-me maior espanto do que o annuncio, alias extraordinario, da proxima chuva de estrellas.

Que teria dito o Sr. Werneck lendo a summa da circular severa? Diria, sem duvida, que o intendente municipal está doido varrido... varridissimo, acrescento eu.

Pois então um homem que dispõe de toda a cidade, os cemiterios inclusive, em vez de impor aos seus subordinarios a sua absoluta vontade nem lhe permite a cabala?

Palavra de honra, esse intendente...eu sei lá! como estou habituando com a gente da minha terra — esse homem é um caso extraordinario ou... sei cá, não percebo, palavra de honra, acho isso um assombro!

Aqui, em vespuras de eleições, os empregados municipaes recebem não circulares mas senhas, e vão votar, e quebram cabeças, e ameaçam e, se o numero de votos que dão não basta para a victoria do candidato, vão aos cemiterios e os defuntos suffragam com muita convicção, mandando gente á camera ou ao senado como tem acontecido.

Houve aqui uma eleição que foi uma verdadeira sessão spirita; o districto transformou-se em uma especie de valio do Josaphat e a voz do secretario, como no dia do

juízo supremo, ao resoar das tubas angelicas, foram chegando defuntos e o candidato teve uma votação famosa d'almas d'outro mundo.

Houve quem visse no fantasma de Ascurra um eleitor; eu não affirmo, porque não vi o avejão — graças a Deus! — mas não duvido que a larva que andou assombrando as Laranjeiras tenha surgido do Nada para votar. No Brasil o voto é livre, tão livre que até os fallecidos votam. Lembro aqui uma scena macabra que se deu em uma das secções do... de um districto qualquer. Fazia-se a chamada!

— José Cunegundes Abracadabra!

— Morreu! disse alguém. Mas um homem estava de pé, pallido, hirto e caminhava para a mesa com uma cedula e o diploma.

— E o senhor?

— Eu mesmo. Houve protestos, não pode! é phosphoro! Abracadabra morreu.

O homem voltou-se e, erguendo o cacete, que era formindavel, bramiu:

— Morri, hein! morri; hein! pois quem for homem salle cá p'ra fora para ver se morri... E o secretario, querendo provar aos eleitores que aquelle era o legitimo Abracadabra, abriu o diploma e... era uma certidão de obito.

Quando os homens voltaram do assombro, Abracadabra tinha desaparecido mas o voto lá estava... É extraordinario!... Mas deixemos votantes vivos e defuntos.

N.

FAGULHAS 17/11/1897

Oh! a horrivel molestia! Porque havemos de mentir á nossa consciencia? Quem diz que é a febre amarella o mal do paiz não conhece a pathologia fluminense. Homens que andais compulsando volumes com os olhos fincados nas lentes dos microscopios, sabios que passais todas as noites ao fundo dos laboratorios injectando toxicos em cobaios, procurando infinitamente pequenos, muí longe estais da verdade. A febre amarella dos males que nos afflige é o menor.

Quereis que eu vos diga o nome da terrivel molestia que grassa n'esta cidade? melancolia. Não há povo mais melancolico do que o fluminense e a melancolia é um mal terrivel, ou antes, digamos como os sabios, é um terrivel microbio. Vejamos em poucas linhas os seus effeitos.

A melancolia leva no silencio, o silencio é o demonio que suggere o crime. E' do silencio do melancolico que sai o perfido boato. Enquanto esteve isolado, conjucturando, a ruminar e tristeza, foi o desgraçado creando sonhos, e habituando com elles, com elles indentificando, sai para a rua e começa a espalhar por aqui, por alli, de ouvido em ouvido, o que sonhou... e nasce o boato, o boato é o germen dos telegrammas e é a suggestão — como telegramma faz cahir o cambio, como suggestão acorda criminosos. O criminoso alvoroça a cidade, alvoroçada a cidade a lei levanta a grimpa e quando a lei levanta a grimpa... não lhes digo nada: os navios de guerra ficam alastrados e é um salve-se quem puder que... ainda lhes digo nada.

A melancolia é a mel do suicidio... o pai é o silencio.

Nos dramas conjugaes a melancolia tem sempre o primeiro papel... nos dramas politicos... politicos? homem, continúo a não lhes dizer nada. Se o Dr. Sanarelli, em vez de estudar microbio da amarella, estudasse o microbio da melancolia, fazia maior beneficio a cidade.

Se alguém ri perto do fluminense começa elle a fazer momos, enjoado. O fluminense não falla, como já observou um viajante, não canta, não anda, não brinca, trabalha como se cumprisse uma pena, almoça e janta como quem toma remedio, veste-se apenas... porque não pode andar nú. E' triste como a rola afflicta.

Na festa campestre, que foi uma delicia (honra á commissão de senhoras que a promoveu!) tive occasião de observar varios casos. Justamente quando ia mais renhida a batalha de confetti diante da barraca *Esmeralda*, á luz magnifica de um sol de encommenda, um casal pungido lastimava-se. Elle, 25 a 30 annos, ella 18 a 20; diziam:

ELLA: —Ah! meu Deus... que tedio! Como é triste a vida...

ELLE: —Palavra d'honra... eu estouro.

ELLA:—E se morressemos, anacleto?

ELLE: —É uma idéa... mesmo a vida está tão cara... Enfim vamos acabar com este cartucho de *confetti*... E elle, tristemente, tomou entre os dedos uma pitada de confetti, ella tomou outra e cumpriram a obrigação; depois... depois? não os vi mais porque um bando de moças chegava e era necessario que eu não permittisse que elles pizassem o sólo duro e, com outros, tal fazendo uma altombra macia e polychromica de *confetti*.

E os dous desapareceram. Terão cumprido o trato? não sei. Enfim aqui ficam estes esclarecimentos a policia: caso apareçam mortos um moço e uma moça, com um cartucho vasto de *confetti* são os dous que se foram divertir no Passeio Politico e, como

aquelles, quantos! Através do riso e do rumor sempre eu ouvia, d'aqui, d'alli, magoados:
—Ai! meu Deus!

Oh! a terrível molestia! a terrível malestia.

Quer o governo paz? em vez de desimocorios e de laboratorios pyrotechnicos espalhe no ar um fluído hilariante, porque um povo que ri é feliz e quando o povo é feliz... qual! Mas ponhamos aqui um ponto final e os ultimos *confetti*.

N.

FAGULHAS 20/11/1897

— Pois não haverá um homem, eleitor neste municipio, capaz de exercer as funções de prefeito? Não ha e o governo está lucinado com as maiores dificuldades para conseguir o zeloso funcionario que se encarregue de guardar as chaves da cidade, incumbindo-se igualmente da limpeza da mesma. Não quero ser intruso, mas... porque não tenta o governo os annuncios? as vezes dão resultado.

« Precisa-se de um homem, de conducta afiançada, eleitor neste municipo, que entenda de arranjos de cidades e pouco de politica e nada de geometria, para o cargo de prefeito municipal. Paga-se bem e dá-se carro. Trata-se se etc.»

Se, depois disso, não apparecer candidato, o governo que entregue a cidade á Providencia, porque afinal de contas, ella é que, até hoje, tem exercido o cargo' posto que sempre interinamente; são os seus ventos que varrem as ruas, são os seus aguaceiros que as irrigam e, a noite, ainda é a sua lua pallida que a illumina.

Entregue o governo a cidade á Providencia, que tem dado para a cousa, e ao menos poupará um gordo cobre, livrando-nos, ao mesmo tempo, da pollicagem que tanto nos sacrifica.

Eu, se sonhasse em que canto do mundo ficou a lanterna de Diogenes, correria a buscal-a para offerecel-a ao governo; mas vão lá agora descobril-a... acho que a idéa do annuncio não é má... d'abl... como a prefeitura é um cargo de confiança, sempre é bom que a veneranda Politica diga alguma cousa. Oh! essa senhora... palavra de honra! até parece a sogra da Republica.

—Eil-os de novo nos seus postos. Christo, suavissimo legislador, bem verdadeira é a tua parabola da ovelha desgarrada. Para o pastor é maior alegria conduzir sobre os hombros

uma ovelha transviada nos anduriae do que levar docemente, calmamente, á luz das estrellas crepusculares, ao som da flauta, todo o rebanho ao aprisco. Vai o pastor saber da ovelha por que abandonou as companheiras, preferindo os pedrouços estereis ao prado viçoso, sujeitando-se á fauce e do lobo faminto, em vez de ficar resguardada ao redil? não, o pastor não indagala; — vai elle pelas rampas com a ovelha aos hombros, cantando, e, logo que a deixa entre as companheiras, corre a dizer, de casal em casal, que achou no monte a ovelha perdida. E a ovelha, assim tratada humanamente, não pensa mais em abberrar-se e fica com o seu rebanho como d’antes. Assim faz o pastor: o lobo faria o inverso. Aos irmãos que tornam ao selo material, abençoados e festejados, o meu abraço commovido.

— Annuncia-se para o dia 22 o apparecimento de um fantasma na ladeira do João Homem... será uma mulher, se chover, apparecerá de guarda-chuva, caso a pollicia não se metta no meio. Por amor ao decoro ninguem poderá ver o fantasma a olhos nós... Trata-se de um duende mas... do sexo feminino.

N.

FAGULHAS 21/11/1897

—Ainda uma victima do conto do vigario — um padre; que se queixe ao bispo e ficará todo em casas. Esse crime, porém, póde trazer-nos consequencias visto que as duas partes n’elle envolvidas são italianas e a Italia está resolvida a manter o seu prestigio na America do Sul como o manteve no veneravel paiz de Sabá. O *Umbría* teve ordem para fundear nas aguas do Espirito Santo, a 5 milhas da terra e, dentro em pouco vamos ficar e ver navios italianos porque varias ancoras vêm morder as areias do Guanabara. Ah! a Italia está resolvida a manter o seu prestigio... e pode porque tem muita proa. Isso tem!

“ — Salvatore Conte, tambem italiano, vai ser processado pelos tribuanaes do paiz (se a Italia não mandar o contrario) por exercicio illegal da... medicina. Salvatore curava todos os males com enxundias de gallinhas pretas e tisanas de hervas maravilhosas. Na idade media essa therapeutica era não só permittida como apregoada.

—Auger Ferrler e mestre Lucas Gauric curavam com taes drogas e, longe de serem perseguidos pela justiça, gozavam dos altos favores dos reis que não os dispensavam nas côrtes.

Os italianos foram sempre dados ao maravilhoso, haja vista o grande Luggieri, o mais habil distillador de philtros e amavios que andou em França nos tempos Catharina.

Salvatore segue exemplo dos seus maiores. Antigamente tinham os feiticeiros, pelo que faziam, gordas abbadias como a de S. Mahé, hoje saem dos laboratorios cabalísticos para os tribunaes... Para os tribunaes...! e se a Italia mandar os seus navios? se mandar os navios...

— Onde vou eu buscar palavras novas para fazer um commentario do ciúme? se há, por ahí alguém que as possua queira ter a abandonado de envial-as, em carta fechada, ao escriptorio d'esta folha que será generosamente gratificado. Protesta-se com todo o rigor da lei contra quem as houver acoutado.

Do us soldados com punhaes atiraram-se a um pobre homem por causa de uma mulher. Foi o caso na rua de Sorocaba, em Botafogo. O homem sahiu ferido e foi levado para a Santa Casa e os dous soldados [p.i.] declararam que tambem estavam feridos... Examinados, porem, pelo medico da policia, como não apresentassem ferimento algum, declararam, com as mãos espalmadas nos pellos:

— Que estavam feridos... no amor proprio. No amor proprio? nos amores propios porque eram dous. O escrivão tomou por termo. E agora ainda a policia, como sempre, a *cherher la femme* para deslindar o caso.

— Mais um incendio, espantoso como todos os incendios. Isso é commum...mas houve agua... é o caso extraordinario! Decididamente não há como a gente viver sem prefeito. Houve agua... Parece incrível.

— Entrou o *Melange*. Ainda bem... Estão de novo ligados, por uma linha de paquetes, Portugal e Brasil. Houve carga de páo a bordo — o navio entrou com a pá (porque não com o pé?) direito. Boa viagem! Vai começar nas ruas a reclame ao navio.

— Ó *Melange*!

— No dia 22 o fantasma na ladeira do João Homem...

N.

FAGULHAS 22/11/1897

— Un Jardin aimes youx est un vaste tableau.

Soyer peintrr.....

E mais adiante, no mesmo poema, *Les Jardins*, diz Dellitle:

El dès champs apprenez l'art de parer, les

[champs.

E em todo o poema, que se compõe de quatro longos cantos, nem uma só vez aparece o bond. Dirão: Ah! mas no tempo do poeta ainda não se conhecia essa machina pernífrega, sendo um vehiculo, é, ao mesmo tempo, o club ambulante dos povos contemporaneos.

Effetivamente — o bond nasceu depois. E façamos aqui, á maneira bíblica, a sua genese:

1 – No primeiro dia o homem creou o bond e, pondo-lhe um burro á frente, disse-lhe: Vai, conduza os homens e corta-lhes as pernas e os braços.

2 – E disse depois: corta-lhes tambem os troncos. Atraza-te. E o homem poz no bond um conductor para que cobrasse as passagens e descompuzesse os passageiros. E appareceram as primeiras reclamações.

3 – Disse depois o homem: Agora terás dous burros; e deu dous burros ao bond. Muitos homens ficaram sem pernas e a lavoura ficou sem braços; os cirurgiões ficaram sem mãos a medir.

4 – Desgostosos com o burro, o homem applicou ao bond as forças universaes e uma alavanca. Foi maior o numero de desastres e, de quando em quando, enfraquecendo as forças universaes, o bond ficava idiotamente parado sobre os trilhos, emmaranhado em fios e as escuras, com ás escuras, com

5 - E o homem permittiu que os cocheiros e os conductores respondessem com improperios aos protestos dos passageiros e recorreu aos poderes publicos pedindo licença para augmentar o preço das passagens.

6 – E os poderes publicos, com muito patriotismo e muito nephelibatismo, começaram a discutir a reclamação do homem, dando-lhe carradas de razão e pedindo mais mesas para o Necroterio.

.....

Este é o bond, o vehiculo banal que cória as ruas d'esta cidade e as pernas dos seus habitantes e que ameaça Petropolis. Bond em Petropolis, é homens!

Um jardin á mês yeux est um vasto tabléau

Soyez peintre.

Soyez peintre! Sede pintores!... pintores, homens! pintores! O poeta não quer que sejais conductores. Como queireis estragar um eido atirando trilhos sobre os canteiros tão fortes em cravos e em papoulas? Tendes coragem para mandar lenhadores, com machados, derrubar as lindas arvores das avenidas para que as possais substituir pelos postes electricos?

Quereis transformar um parque verde do que ha de mais banal, uma cidade ? Petropolis é um jardim de inverno e se o quereis embellzar daí-lhe mais flores, mas nunca lhe deis um bond. A companhia do bond toca a finados pelo... pittoresco. O bond presta grande serviço em uma cidade commercial como esta; em que vivemos ganhando o pão com o suor do rosto; mas Petropolis, um sittio de repouso, um canto socegado e balsamico, não o comporta; o bond é febril, é rápido, da bem a idéa da agitação e, n'aquelle remanso ao longo das avenidas verdes, orladas de jardins em flor, marginando o rio de margens finamente relvadas, vão bem o carro figalgo, aberto á luz, tirado por uma parolha elegante, ou a carreta modesta do tudesco que desce ao mercado á fresca, com o leite e o queijo, ou sobe na hora da tarde, quando as brumas se desenrolam, com dous chopps no buxo, o cachimbo nos beiços, cantando em concerto com cigarras, Bonds em Petropolis... Ora, meu caro senhor da idea... soyez peintre!

E desde já declaro — se apparecer algum fantasma em Petropolis vociferando, podem estar certos de que é Dellile que sai da noite Eterna para manter as suas idéas protestando contra o bond... n'um jardim. O bond... tambem, que diabo! Já em Petropolis ha o jogo dos bichos. Decididamente não ha nada mais banal do que o progresso.

— Precisa-se de um homem, de conducta affiançada, eleitor deste município, que entenda de arranjos de cidades e pouco de politica e nada de geometria, para o cargo de prefeito municipal. Paga-se bem e dá-se carro. Trata-se...

N.

FAGULHAS 24/11/1897

— Se fosse verdadeiro o augurio do poeta... pobre alma! doce espírito! Não viriamos hoje, religiosamente, em grupo; pedir ao sacerdote que, no vehiculo da prece, levasse até Deus, que é o teu senhorio agora, as nossas saudades inextinguíveis. Diz o poeta que os que morrem de amor:

Ils sont morts jusqu'a l'âme, Ils sont oncanntis... e tu, meu sempre lembrado amigo, tiveste o coração tantas vezes ferido que não me casou surpresa a noticia de que havias morrido d'essa terrível molestia. Ah! mas não foi o amor ali, o amor material que tanto definhou as tuas fibras passionaes, não foram todos os amores, os mais delicados amores. Bem sei que tambem pagastes o teu tribulo aos olhos negros e, como as aves marinhas, acoçados pela procella, cahiste maguando-te no esplendor que era a tua esperença, mas os

outros amores, meu suave Mallet: o amor desinteressado da Patria, o amor do Bello, amor da Virtude o amor dos amores — a misericórdia.

Foram esses que minaram o teu pobre coração. Quizeste realizar a missão de um mystico, reviveste o D. Quixote e penna enriste, com o teu ar de *frondeur* andaste terçando por todos que julgavas opprimidos e fracos. Quando passavas aponte vante como um demolidor — tinhas a *effrontérie* de um saxonio barbaro — a tua cor predilecta era a vermelha, côr de sangue, o teu olhar, meigo como o das pombas, tinha, ás vezes, relampagos como as pupilas dos falcões — parecias um matamouros...! Oh a mascara!

Quem privasse contigo como nós privamos e visse, na intimidade o teu olhar brando, a tua physionomia angelica, quem te ouvisse as tuas idéas de homem e de poeta, quem te surpreendesse entre crianças; quem, como eu, n'uma terrível noite de ventos e raios visse um pallido moço cafermo, descer lentamente da rede, abrir a porta e receber no seu quarto um misero ciosinho que, tocado pela tormenta, gania Urllando, não faria de ti o juízo que os burguezes pavidos faziam.

Anjo, que andaste na terra disfarçado em demônio, pede a Deus por nós e, nas calmas do céu, quando cessarem as melodias dos seraphins, recolhe-te a um canto, busca esse espírito que d'aqui também subtil e pergunta-lhe se já nos esquecemos de ti e o Ney, ainda offuscado pelo esplendor elyseu, ha de dizer-te a verdade:

— Não! Lembram-se a todo o instante.

Pede a Deus por nós...!

— O fantasma da ladeira do João Homem não apprecem deixando-me, diante do publico, com a mesma cara com que ficou mestre Flammarion, o barometro syderal. A chuva de estrellas foi adiada por causas do... bom tempo. O fantasma não appareceu: porque... com o sillo as cousas andam muito apertadas.

— A cidade tem sido varrida, os bombeiros têm achado agua, os fiscaes não discutem política... para que fosse completa a nossa ventura bastava que a Providencia fizesse a vontade a Fantasio, dando em terra com o barracão da Lapa. Os barracões são funestos... por causa do Barracão de Petropolis, no Espírito Santo, a Italia mandou sahir uma esquadra potente para as nossas aguas... Esse baracão affrontoso da Lapa póde ainda trazer-nos dissabores e navios. enquanto não temos prefeito vamos tratando do sanear e de embellezar a cidade...

A proposito:

— Precisa-se de um homem, de conducto affiançada, eleitor n'este município, que entenda de arranjos de cidades e pouco de política e nada... de geometria, para o cargo de prefeito municipal. Paga-se bem e dá-se carro. Trata-se...

N.

FAGULHAS 25/11/1897

— Por este tempo lá no meu sertão, onde ainda existe ingenuidade, posto que os bufarinheiros que sobem as aguas do rio, em canoas, apariando as ilhas floridas de mururú e espantando as garças e as yassauans, levam com as suas arrecadas de missangas, os seus lenços de ramagens as suas mantilhas de rendas, os seus tamaquinhos do córes, livros que infiltram nas almas simples germes perniciosos, andam em faixa, contentos, rapazes e raparigas, ensaiando cantigas e ballados para o proximo Natal.

Já esta marcado o sitio para o presepe e lá vêm das arcas para o sol da eira as casas brancas e os animaes, que hão de apparecer nos alcandores de Belém, toda verde, avelluladada pela herva fina do arroz novo.

Nas malhadas, emquanto os bois fortes repousam, d'olhos semi-cerrados, á luz vivissima, os campeiros acorados á sombra cantam afinadamente n'um córo meigo, e ao longe, no rio largo, os remeiros das canoas, nós de cinta para cima, com os peitos fortes reluzindo ao sol, cantam tambem as mesmas quadras do mysterio campezino que é celebrado em todos os sitios, em todos os ranchos, nas mais pobres cabanas, mesmo nos fundos grotões onde vivem com ermitas, n'um casebre do adobe coberto de palha, os pobres caboclos, sentinellas perdidas da humanidade christã em face da matta virgem, que é a trincheira do bárbaro. E' o tempo das flores — há arvores que se despem da folhagem para ceder todos os ramos á flor; aqui francas parecem d'ouro, são roxas alli, brancas além, roscas mais longe.

Chalam os papagaios voando em nuvens e, estalando com o calor as favas da baunilha, negras e reluzentes, as moutas rescendem, e rescendem as florestas; as mesmas águas rolam mimosas flores e o carreiro que volta, no cahir da tarde, com o carro cheio, e caminho de casa, traz os bois mansos enfeitados, traz corymbos em volta dos fueiros e, no terro da aguilhada, como um trophéo, um galho cheio de botões d'ouro.

Em casa é a festa — cada qual occupado n'um mister, este carrega a terra, esse arranja o monte, aquelle vai aramando, aquell'outro arranjando o lago com uma lamina de

espelho sobre o qual devem nadar patos e cysnes, o mais longe a velha que tire as rezas, sentada em seu tamboreto, com o grande cachimbo estirado no chão, a ensaiar as crianças.

Já na céva grunhe separado o porco destinado ao banquete, e as doceiras combinam, lembram compotas e sequilhos, e as moças cosem as finas camisinhas de cambraia que o Menino Deus deve vestir durante a festa.

E lá fóra, á luz das estrellas calmas, os campos geram, o gado muge e os bacurãos, no sahir da lua, saltam cantando como se também ensaiem para a festa que abala as almas ingenuas dos que vivem na simplicidade da natureza, para o seu lar e para o seu Deus.

Ah! meu tempo! Enfim: — Já que a minha estrela entendeu que eu me devia passar para a capital deixando o sitio em que nasci... vivamos na capital. Verdade é que aqui tambem ha sitio, mas... eu prefiro o outro.

N.

FAGULHAS 27/11/1897

— Podiam os fidalgos da córte ingleza, nos magníficos reinados de Elisabeth e de Jacques I, prever que com as deslumbrantes scenas mysthologicas e as *mascaras allegoricas* representadas ao ar livre, como em Kenilworth, preparavam um meio propicio á floração estupenda do genio dramático? Creio que não. Foi com esse exemplo de nobreza que o povo, esquecendo as suas festas semi-barbaras, luctas de animaes, pugilatos, zagwerianas em tascas, [p.i.] pagão, começou a procurar os palcos dos albergues onde as companhias de actores ambulantes representavam mysterios e interludios, tragedias e dramas que ainda constituem o melhor do thesouro da litteratura anglo-saxonia.

A mesma rainha, a sumptuosa Elisabeth, não desdenhava as representações e, vestida com inxcedível riqueza, surgia entre damas recitando e gesticulando graciosamente, applaudida por uma nobreza forte, que, já havendo descansado nas panoplias os pesados montantes dos torneios, desafohada do aceiro, em sedas da Ásia e em rendas, com o ramo de cravos margaridas nas mãos destras, jogava phrases subtis de espírito ou improvisava madrigaes galantes com o mesmo brio com que, nas liças, ao troar da fanfarra do arauto, annos antes, atirava golpes tremendos, pondo em estilhas escudos e couraças.

A transição fez-se naturalmente e as damas, com a sua graça, completaram a obra civilisadora dos soldados em Hastings concluindo a educação do rude saxônio. O germen da

Arie, cultivado por tão carinhosas mãos, devia produzir essa vegetação, que resume toda uma flora intellectual — Shakspeare.

O que se está passando entre nós, com relação ao theatro, merece um estudo atento, e os que analysam as épocas litterárias deviam meditar sobre essa reacção dramática que se vai operando.

As companhias que por ahi funcionam pouco resistem, as peças succedem-se nos cartezes e duram em scena quasi tanto como a rosa celebre; as que dispõem de recursos esforçam-se a compita, para dar esplendor ás peças que montam, procurando attrahir o publico pela maganificencia, já que não dispõem de outros elementos de attracção, mas pouco fazem os europeis e as belbutinas, os fios e a luz electrica, os saracotelos e as alltitudes languidas; o povo começa a sentir o bocejar de tedio e sente necessidade de alguma cousa que lhe falle directamente ao espirito e, certo de que não encontra o que procura nos theatros, deserta-os, e as compnhas, esquecidas, empacotam as vistas e la vão extasiar as gentes simples das pequenas cidades.

A reacção esta-se dando e, como na alegre Inglaterra, são tambem as damas do escol que n'ella mais se empenham. Não é falta de dinheiro que arreda o povo dos theatros, é... outra falta.

O povo inglez, que corria para ver os ursos sabios, acabou e [p.i.] e débalde os saltimbancos; sobre os estrados, rufavam os seus tambores roucos ou vozeiravam apregoando as habilidades das suas feras; o povo passava indifferente, deixando á nove, ter, os miseros domadores. Já não lhe bastava o rugido nem o [p.i.] do animal captivo. Burbadge, contorciasse com remorso do Ricardo, monologava com a duvida de Hamlet, blasphemava com a loucura de Lear, debalta-se com volupia de Antonio ou, exthusiado, apaixonado, com o ouvido atento procurava distinguir na grande noite idilyca Se a voz suviassima que cortava o silencio era o roxinol ou da cotovia... o povo ia ouvil-o e os domadores, abandonados, la iam com as suas barracas, caminho dos montes, mostrar aos simples. Alta- trol ou outro urso qualquer dansarino e truão..

Que o *Centro artístico* continuo a obra de retempção intellectual em tão boa hora inserida pelas senhoras...

N.

— O povo está saciado de fanfasmagorias-os nossos theatros, que são como grandes lanternas mágicas, porque os empzezarios, cuidando apenas da vista — (e não poupam despezas para deslumbral-a) — esquecem deploravelmente a intelligencia — atravessam uma crise tremenda! Mas, vejamos: é o publico que abandona o theatro ou são os empzezarios que repellem o publico? são os empzezarios que repellem o publico.

O que se deu em Babel dá-se em os nossos theatros-a confusão das linguas. Exprime-se galan em portuguez, responde-lhe a ingênua em uma algaravia impossivel, o comico arremette com um vasconso arrevezado, irrompe o centro com tartarelo e o coro polyglolta encarrega-se de confundir tudo, e o publico, que para foi ver uma comedia, fica a ver navios.

Não são peças representadas, são peças pregadas e, como todas repousam sobre pannos pintados e veludos e galões e belbutinas, sem mais nada, uma vez vistas, saciam.

Todo prazer é uma emoção. Queixam-se os empzezarios dos cliclystas porque o publico prefere as pistas as platéas; que ha nos velódromos para assim attrahir o publico? ha o jogo — que provoca a emoção.

Grant Allen affirma que «jogo» é um prazer esthetico e Guyan adianta: « O jogo, em verdade é a arte dramatica no seu primeiro grão. Mesmo quando é puramente physico, é o exercício da força e da destreza, duas qualidades essencialmente estheticas: a fraqueza e o desairo tem alguma cousa de feio e de grotesco. No fundo não sem razão que a superioridade nos jogos de força e de agilidade tem sido em todos os tempos, considerada como uma qualidade esthetica, um meio para um sexo captivar o outro. O júzo feminino e talvez n'esse ponto mais seguro que o dos sabios.»

Nos velódromos, além da emoção propriamente esthetica da corrida, tem ainda o publico a emoção ambiciosa da aposta e, enquanto se disputa um porco, o espectador comove-se, exercitando-se em mutiplas sensações, gozando consequentemente porque toma parte activa em todas as peripecias da lucta na qual se comprometteu.

E nos theatros? onde a emoção? Que vemos nós, a luz forte da rampa? pannos pintados e a immollação da língua portugueza. O publico vai sahindo do período insonte; já não é o mesmo que se babava do gozo ouvindo as facecias de um rei de burla fulgurante de lentejoulas; — o publico quer alguma cousa intellectual, já se não contenta com 'a visualidade: quer ouvir quer sentir. A gargalhada é bocal, o homem superior sorri, e, nos theatros, ha a preocupação do desmandibulamento; — se as platéas estrondam, o empzezario esfrega as

mãos. Além d'isso, temos, para augmentar a calamidade, os emperezarios contractadores que vão ao estrangeiro arrolar artistas em disponibilidade para que venham a America embasbacar o botocudo com o jargon e com a plastica algodoada.

O publico esta cansado de mystificações e já é tempo de tomarem a serio porque, afinal, um povo que conta perto de 400 annos não é para ahi um imbecil que se deixa enganar a todo inslaute. Já é tempo dos nossos emperezarios tomarem o conselho que Diderot, em cartas seguidas, deu á *demoisselle* Jodin: «Attachez-vous aux scenes tranquilles» O theatro não é somente ver o *rigelo* — o palco é um espelho do mundo e na vida nem tudo e riso, nem tudo é regido pela batuta de Bamboche; o publico quer tambem comover-se e ha lagrimas que desopprimem.

Tentem os emperezarios a rehabilitação do theatro, dêem n'elle todos os aspectos da vida, não escravizam ao buffo, não fiquem agarrados a Imagem ridícula da facecia e talvez consigam attrahir o publico que os abandonou enfasiado.

Não nos faltam elementos — ha poetas que pôdem, sem esforço, estudando a alma do povo, resolvendo o seu passado, dar-nos magníficos trabalhos; os mesmos actores, que andam abastardados pela opereta, lucrarão deixando a farça pela arte, e o publico, que busca emoções intellectuaes, ha de afluir ao theatro... porque... elle não pode outra cousa. Mas, se os emperezarios insistem na carreira, se continuam a anunciar farandulas e tangos a victoria será dos velódromos, porque alli, ao menos, a gente diverte-se.

N.

FAGULHAS 29/11/1897

«— Declaro, a bem da verdade o do pharmasceutico Clarimundo Agonia que, soffrendo de uma bronchile o que me trasia de canto chorado, consegui livrar-me dos callos que me perseguiam desde o fierço com um vidro do seu maravilhoso xarope concentrado do baldroegas. Voltando-me a enxaqueca ao cabo de alguns mezes tomei o segundo vidro ficando radicalmente curado de um rheumatismo, eu e toda a família. Devo ajuntar que ia em meio o segundo vidro quando, uma manhã, ao engolir a colherada das seis, minha sogra estourou. Grato a tantos benefícios faço a presente declaração que vai por mim assignada.
—*Josephino Manganês.*»

Parecerá extranho que um homem publique taes linhas, pois ao andar em que vai o reclame, não será para admirar que appareça, mais hoje, mais amanhã, na terceira pagina de qualquer jornal, uma publicação d'esse theor.

— Cavoqueiros que trabalhavam em uma pedreira da veneranda rua das Lages, em Ouro Preto, onde o poeta excellente da Via Láctea, n'um frio e brumoso anoitecer, quando, perseguido pela política, fugia de valle em valle, deteve os passos, melancolico descobriram um precioso veeiro e, ambiciosos, alamedos, raspando com as unhas. á luz fumarenta das candeias, arrancaram pepitas, revolvendo com ancia, a jacutinga preciosa.

Sempre que os jornaes annunciam descobertas de velos auriferos ou de jazidas diamantinas eu, que sou profundamente religioso, abro de par em par o meu oratorio e rezo pelos que vão morrer. Ah! o velocinio! o velocinio!

N'aquelle sillencioso canto de Ouro Preto onde, até bem pouco, só os grillos solitários levantavam a voz, quão grande vai ser o rumor! As casas velustas, miserandas reliquias da era do fastigio que o tempo cruel destruiu e ennegreceu, asylos dos caborés, pinhos amplos dos curiangus e das cobras, vão ser de novo reerguidas pelo homem. Se a noticia do descoberto correu estou já a ouvir o recanto dos corvos que vem do fundo dos sertões transportando familias, e as cavalgadas que chegam esbaforidas e os bandos de miseraveis que palmilhan léguas difficeis por montes e andurriaes atrahidos pelo seductor tão que fulgurou na pedra rebentada pelo cabouqueiro.

Se um chronista como Simão Machado, o estupendo auctor do *Triumpho eucharistica*, daria uma descripção approximada do movimento que a ganância vai operar em Minas. Ah! ouro maldito! ao que parece a praga de Albertch não attingiu simplesmente o ouro do Rheno, mas persegue todo o metal que os nibelugen fundem nos antros profundos da terra.

Vai o homem ensangentar as mãos depois de haver abandonado o remanso da sua vida, a sua roça fértil, a sua gente, vai implantar-se a discordia naquelle conto outr'ora silencioso e deserto — os pais amaldiçoarão os filhos, os filhos desconhecerão os pais... Ainda se o cambio ganhasse alguma cousa com o descoberto mas... é muito capaz de descer a 5 prevendo os conflictos que se vão travar junto á pedreira da rua das Lages. Ah! o ouro... o ouro maldito, o ignobil metal... quem m'o dera!

— A revisão tratou-me hontem como se fosse jagunço, que o diabo seja surdo. Foi um trabalho para que eu reconhecesse a minha secção.

— Ó filha, por onde andaste que vens assim tão mudada e com uns modos tão feios? E a misera e mesquinha disse apenas, com uma voz embargada pelo pranto — eu venho da revisão. Pois sim.

— Coelho Netto pede-me para que eu anuncie, para os primeiros dias de dezembro, o aparecimento do seu romance *Inverno em flor*, editado pelos conhecidos livretos daemmert & C. Meu illustre amigo, para anuncios, dirija-se ao homem da 1ª pagina — a minha secção não é cartaz, tenha paciência. Amigos, amigos, negócios a parte.

N.

FAGULHAS 30/11/1897

«— Onze horas da manhã... não há remedio, vamos tratar do almoço. E já havia resolvido acender o fogão quando a campainha retiniu. — Deve ser a cozinheira, disse eu, e alvoroçado fui espiar. Estava a porta uma rapariga trajando com um certo apuro, protegida por uma *sombrinha* côr de rosa, abanando-se com um leque de papel de arroz. — Não póde ser a cozinheira... disse eu nos meus botões... Emfim...

— Que deseja?...

— Não é aqui que precisam de uma cozinheira?

—Sim, entre.

Entrou apanhando a saia muito garbosa, fazendo mornos. Diante de uma roseira deteve-se, tomou uma rosa e cravou-a no pe

— Tem rosas magnificas no seu jardim. Com licença. Que calor! Não é aqui que precisam de uma cozinheira?

— Sim, é aqui. A senhora vem indicar alguma?

— Eu mesma. Tencionava alugar-me para Petropolis, ah! não posso com o verão n'esta cidade! é um horror. Com licença... (sentou-se); mas fico este ano por causa dos meninos: quem tem filhos não se governa, não é verdade?

—Pois não. A senhora cozinha?

— O trivial mas não pico os temperos... Não posso partir uma cebola, sou muito nervosa; não mato uma gallinha nem lavo panellas tão pouco.

— Quantos pratos nos dá ao almoço?

— Dous... pois querem mais? bife e arroz...

— E o jantar?

— Três, com a sopa...

— Dorme em casa?

— Durmo com o meu marido, sou casada... e uma senhora casada não dorme fora.

— E' razoável... a honra antes de tudo... e... por quanto?

— Cento e vinte mil réis. Ah! é verdade não cozinho as quartas...

— Por causa dos nervos?

— Não, a quarta é o meu dia de recepção. Agora um cousa: os senhores dão lunch?

— Conforme...

— Eu não dispenso o lunch... Qual é auctor do piano da senhora?

— [p.i.]

— Berchstel... só tem os graves... os agudos são maos... Enfim... há quem goste. (E alisando a bolsinha, tirou um papelucho.) Está aqui o recibo de tres mezes...

— Adiantados!

— Então. Tenho um vestido na costureira... e as costureiras andam agora tão fidalgas. Duzentos mil réis por um vestido de [p.i.], tendo eu fornecidos os aviamentos. O senhor tem filhos?

— Não, excellentissima.

— Ainda bem... ah! eu não posso com o choro das crianças: fico nervosa. Bom, onde é o toilette da senhora? quero arranjar-me... E mande varrer a cozinha... Como já disse, eu não posso picar uma cebola...

— Por causa dos nervos...

— É uma idiosyncrasia. Mas como faz calor n'esta casa! Decididamente não ha como Petrópolis... Olhe o recibo...

— Que recibo?...

— Dos teus mezes...

— Não, minha senhora... não chegamos a acordo; por esse preço e com taes condições ah! eu vou cozinhar em casa de família...

— O senhor?

— Por que não?

— Entende de cozinha?

— Arranjo o trivial... em casos de apuro.

— Ah! eu não sou exigente. E' capaz de grelhar-me um bife? com as pressas sahi de casa apenas com uma chicara de café... com licença vou até a sala ouvir a senhora... É ella que está tocando?

— Sim, senhora...

— Tem expressão; tem muita expressão... com licença...

Foi-se e eu... tive de bater mais um bife para a minha cozinheira. Ah! os nossos criados... os nossos criados!...

N.

FAGULHAS 01/12/1897

Vão em turma, seguindo o mesmo rumo, harpas ao flanco, varios poetas; repentinamente, á volta d'um caminho, á doce sombra dos freisco, apparece-lhes uma fonte clara e, junto á fonte, com uma bilha entre os joelhos, uma rapariga aldeã.

Que vê o primeiro poeta? um quadro biblico e, recorrendo á maneira primitiva dos poetas mosaicos, canta um idyllio celebrando a graça d'aquella irmã de Rachel, e passa.

Harpa em punho, o segundo poeta, lembrando-se da idade do ouro, calôa um hymno saudando a fontigena, porque vê na moça rustica uma formosa divindade aquática, nympha esquiva das ribeiras, nayade mimosa.

Vem o terceiro, medievo, e saúda a mixe, filha das águas perfidas, corpo lívido, alma fria. O quarto vê na Amaryllida uma apaixonada infeliz que foi sonhar, como Arladne, a beira d'agua, desferindo, entre os flexíveis juncos, os seus suspiros; o ultimo, finalmente, vê apenas uma mulher do herdado, forte, despreocupada, que sahiu com a cantarinha e repousa aspirando o bom ar cheiroso, olhando as lavandíscas que vôam emquanto ao longe as noras cantam e os moinhos vellejam.

A moça é a mesma, mas cada um dos poetas viu, através da sua belleza, o seu ideal e será bello e perfeito o idyllo ao rapsodo bíblico se transmitir a impressão da sua alma ao espírito, tão bello como o hymno do hellenico, como a ballada do menestrel, com a canção do romântico ou como o *Laus* enérgico do realista, e outros ainda poderão cantal-a emprestando-lhe qualidades imaginarias e farão obra perfeita conseguindo a Impressão.

A arte é um culto — o ideal é Deus. Assim nas religiões como através de todos os ídolos, o olhar do homem busca a Essência Suprema na Arte, através de todas as escolas, o poeta procura o Bello. Os caminhos são differente, mas o ponto de chegada é o mesmo. Homero foi por uma trilha, foi por outra Horacio, Dante por outra e Shakpeare por outra, e lá no cimo encontraram-se com a mesma gloria.

Na obra de arte pouco me preocupa a filiação do auctor, a impressão é tudo. Que tenho eu com o processo artístico? commove-me... tanto melhor. Vênus é sempre bella, nua ou recamada de louçainha.

O *Piolhento* de Murillo é uma maravilha. O horror do *Juízo final* vale a delicadeza mystica da *Conceição*—, D. Quixote e Lear são pares. Em arte todas as impressões, são verdadeiras desde que consigam emoção. Bem sei que há quem me aponte como adversário intransigente dos nephelibatas... será porque não me sirvo dos processos por elles adoptados? deve ser, visto que nunca os combati e entre os sectarios da nova escola já moços que já, por varias vezes, tem sido por mim elogiados.

Mesmo agora venho anunciar o aborrecimento de uma revista fluminense *Vera Cruz*, apresentada por um dos vexillarios da nova escola — Honório Netto Machado. *Vera Cruz*, além dos escriptos da pleiade dos novos, terá illustrações de Celso Hermínio, dono de um lápis macabro.

Fico no limier, com uma braçada de flores, á espera do surgimento da revista... e que venham os novos! Apollo que os trava pelos caminhos redolentes e luminosos da fantasia.

— Deve sahir hoje do dique, com a tromba concertada, o couraçado *Riachuelo*. O poderoso navio, que levou uma pedrada formidavel, foi operado com exito e volta ao mar garboso o forte e escamado. Depois de tão longo soffrimento o navio não cahirá n'outra, porque mesmo que um timoneiro inexperiente queira atiral sobre rochas sebastianistas, elle, refugando, dirá:

— Allí não, há pedras e eu não sou besta! E fugira com o corpo á pancada. Que Deus lhe ponha virtude, fazendo com que não ande a dar por páos e por pedras um navio tão respeitável e de tanta consideração. Que dirá hoje a bahia de Guanabara quando lhe cahir em cima o monstro, mais pesado do que uma divida... fluctuante?

— Irra! dirá ao certo, vá ser pesado assim para o diabo que o carregue! Que o carregue não, que o diabo não é tolo.

N.

FAGULHAS 03/12/1897

— Em conversa disse-me o meu amigo Erico Coelho, o notável gynocologista e intemerato patriota que com tanto zelo se tem batido pelos verdadeiros princípios democraticos: « Em política, considerando Quintino Bocayuva reformado compulsoriamente em general, considero-me reformado em alferes.

Será de um ironico ou de um descrente a phrase?... Quintino Bocayuva não tem o direito de pensar, como S. Jeronymo, que o asceterio é o melhor sitio — elle que é, a bem

dizer, a personificação da propaganda republicana, elle que foi o mais esforçado apóstolo da doutrina, que tanto soffreu na era perigosa, quando era um crime de losa-patria apregoar-se, em nome do direito, a superioridade da Republica; elle que foi o creador da geração pujante que hoje constitue a Pátria Brasileira, não pode abandonal-a no período de formação quando as suas lições mais necessárias se tornam.

Na imprensa e na tribuna é olhado com a mesma sympathia e, se lhe não chegam applausos retumbantes, não lhe falta a recompensa melhor que é a gratidão respeitosa dos seus concidadãos.

É nas horas calmas, quando a cidade repousa e o sol amadurece a serra nos campos, que os homens, releitos, no descanso, das fadigas das guerras, colhem um ramo florido para coroar a imagem dos seus lares patronos. Enquanto as armas estrondam e a grila reboia, os divos, esquecidos á sombra do arvoredo, cobrem-se de hera; mas os primeiros que chegam victoriosos vão logo nos altares campestres e com hymnos e flores saudam o protector da casa e da Pátria que as luctas fizeram cahir em esquecimento.

Hão de vir os dias prosperos, os dias de paz hão de vir.

Quanto ao alfares... elle que se lembre das suas idéas de reforma social que lá estão na câmara, á espera da sua palavra inflammada. Não é justo que depois de haver pleitiado com tanta energia, agora que estão quase victoriosos os seus princípios, queira deixal-os, transferindo-se da arena para o repouso domestico. A Republica tem necessidade de energia e os que, no seio da representação, despertam os verdadeiros problemas da política democrática são os benfeitores do regime e não os inertes, os que apenas deixam os seus logares para, em lento e preguiçoso andar, chegar a mesa com uma cédula ou bocejar molemente um apoiado muitas vezes arrancado a beliscões.

Se vamos por um periodo difficil, não descoroçoemos, a novos, inexperientes, ainda não chegamos aos excessos dos povos mais adiantados. A política é, as vezes, ingrata e caminha sobre a roda da fortuna; e o raio que está hoje para baixo com o andar virá a ser superior, para cahir no dia seguinte — assim gyram as rodas.

O patriotismo está justamente em não deixar o centro de onde convergem todos os raios, que do ideal, para o circulo, que é a Pátria. Que se mantenham nos seus postos e na [p.i.] o general e o alferes.

“ — Choveu, choveu copiosamente. Ah! a Providencia, apesar da carestia da vida, continua pródiga com d’antes: verdade é que ella não paga pena d’agua. Choveu, e a cidade para honrar o nome que lhe deram, ficou transformada em rio, não de Janeiro, de Novembro e com muita lama.

Vários bairros ficaram como o S. Pedro por ocasião da pantomima celebre. Foi um dilúvio — até parecia noite de baile official. Para que as águas escoassem foi necessário que descessem escaphandros para limpar os rabos — as dragas trabalharam durante toda noite, salvando varias cousas e vários homens.

A's 6 da manhã passou pela minha rua um fiscal; parecia á pomba da alliança, mas não era. A Providencia devia mandar água assim quando houvesse fogo; mas não, em havendo incêndios, é sabido, não há uma gota; mas, deixem lá, a chuva de ante-hontem foi providencial — o *Riachuelo* tinha de fluctuar e mestre *Riachuelo da Rocha* não é navio que se contente com pouco. Os empregados da Limpeza Publica ficaram com água pela barba, mas a cidade teve uma irrigação, uma verdadeira irrigação. Viva o nosso prefeito, que, em vez do corpo de bombeiros, tomou a seu serviço a Divina Providencia. Isto é que é homem.

— Dezembro. As pessoas que tem casa em Petropolis podem subir, sem cerimonia. Eu aqui fico, transformando-me em torresmo, para bem de todos e beneficio geral dos fabricantes de gelo. Cantam cigarras, sobre o thermometro... Vamos ganhar o pão com o suor do rosto...

N.

FAGULHAS 05/12/1897

— Dizem que em Londres a miséria é grande, não pode ser maior do que a da rua do Ouvidor.

Os pobres andam por alli aos empurrões: — cegos de olho vivo, capengas que formam, mais com um rancho de filhos dos outros, rheumaticos que deitam a correr ao primeiro movimento popular em dias de exaltação, homens que expõem chagas, a vintem por pessoa... pelo amor de Deus... —creanças que pedem para o pai «que esta no fundo de uma cama, entrevado», quando, em verdade, está na esquina, a espera do cobre; sujeitos que sahiram da Santa Casa, posto que o hálito e as oscilações demonstrem que sahiram da venda... um nunca acabar de miseraveis que pedem, com ou sem attestado, tomando o caminho aos que passam.

O fluminense é caridoso e não liga importancia a uns miseraveis vintens; vai dando, vai emprestando a Deus e os vadios vão amealhando o cobre que extorquiram criminosamente em nome da caridade.

Esse estelionato, praticado francamente na rua do Ouvidor, causa, por vezes indignação, principalmente quando os espertalhões trazem, como iscas á piedade, tenras criancinhas que ficam o dia inteiro expostas ao sol e as moscas, nuas, as vezes enfermas, ardendo em febre, deitadas pobre as pernas das falsas mãis.

Há um famoso pedinte que das 8 ás 10, sentado no limiar da uma porta, lamenta-se estendendo aos que passam os dedos torcidos, e branda e urra contorcendo-se com as mais horríveis caretas que tenho visto deformando rosto humano; ás 10 ½ levanta-se, faz rumo para um frege, empanturra-se e sai para a via-sacra... ao meio-dia está prompto.

Então é que é vel-o cai: aqui, cai alli, com os olhos vermelhos, a baba a escorrer-lhe da bocca e... com os dedos perfeitos. Não pede — faz discursos; aqui é sebasttanista e declara aos berros que vai mandar buscar D. Pedro porque não é molle nem nada... mais adiante é jacobino e quer cabeças de estrangeiros com molho picante; na primeira venda que encontra não é nada, — embaralusta e emborca.

Não tem casa, recolhe-se ao xadrez; não tem famillia, á sua esposa é a justiça em cujos braços protectores dorme todas as noites com um justo. De manhã lá vem elle, com os dedos torcidos, a bramar e a urrar.

Como esse, há muitos , de sorte que a esmola, longe de ser agradável ao senhor, deve contrarial-o e ao que na outra vida fôr pedir o que emprestou no mundo dirá o Bom Deus e com razão:

— Está engando, não pago. Se houvesses praticado caridade muito bem; mas tu concorreste para o vicio. Não pago; eu até devia mandar-te para o inferno, mas emfim... não quero que digam que sou máo.

E terá muito bem o regulador dos mundos.

— O marido partira para Canudos.

A desventurada, sem a roca de Penélope, achando-se isolada, começou a enfastiar-se... demais a mais morria, tanta gente no arraial jagunço, o marido não lhe escrevia... Teria morrido?

Em vez de tomar luto tomou um amante, preferiu ao crepe as propostas de um seductor e, nos braços do sargento que andara a fazer o seu pé de alferes, deixou-se cahir languida, esquecida do morto, como a viuva famosa de que falla Petroneo. Ella, como a romana, disse por certo:

—« *Maio mortuum impendere quam vivam accidere.*» E quem sabe se o sargento, como soldado da anecdotia, não teve algum auxiliar da astúcia da criada esperta da viúva que soprasse à desolada esposa:

Id cinerem aut manes credis curare sepultos?

Cedeu e vivia nos braços do sargento quando o marido appareceu. O remorso começou a pungil-a e a infiel Penelope procedeu como Lucrecia, preferindo a morte á vergonha — cravou uma faca no ventre.

Brantôme explicaria bem esse caso.

Ah! a guerra! Eis ahí mais uma victima de Canudos... e da carne, que está hoje por um preço!... Nem vale a pena, palavra de honra.

N.

FAGULHAS 07/12/1897

— Que os cocheiros, conductores e mais empregados subalternos da companhia de S. Christovão são pessoas muito delicadas dizem quasi diariamente o jornaes.

Elles não promovem conflictos nas ruas nem insultam, por exemplo, os moradores de Botafogo que tambem viajam em bonds; elles só lujuriam e aggridem os passageiros que transitam nos carros que elles despoticamente (e fazem muito bem, estão no que é d’elles) dirigem.

Nessa questão de conflictos da rua do Visconde de Sapucahy, do qual até senhoras sahiram feridas porque, na escuridão da noite, os agressores não podiam distinguir os sexos e davam pancada de cegos, as opiniões divergem.

Dizem os cocheiros, de que foram elles os aggedidos e os passageiros negam que não houve tal, que os aggedidos foram elles, passageiros. Eu conheço bem os cocheiros, da companhia de São Christovão, sei que são pessoas muito delicadas quando não estão em serviço, até tiram o chapeo a gente quando passam e perguntam pela família, como quaesquer mortaes; mas n’um bond com as redeas nas mãos ou com um livro de *coupons*... ah são capazes ate de atirar o vehiculo por cima da lei [p.i.] elles que, se houve desordem, foi entre os passageiros: creio bem, porque, [p.i.], pistolas e por ahi além a desordem devia estabelecer-se... entre os passageiros que tratavam de garantir os ossos, mas [p.i.] da companhia de S. Christovão são pessoas muito delicadas quando não estão em serviço; mas em serviço[p.i.]!

Tão cedo não passo na rua do Visconde de Sapucahy

[t.i]

FAGULHAS 08/12/1897

— Como ae lhe não bastasse os laços indissolúveis do matrimonio, quiz ainda o homem uma corrente... e de ouro. Sem meios para adquiril-a, recorreu a um amigo, dizendo-lhe, com a mesma candura com que a cigarra fallou a formiga:

— Empresta-me a tua corrente, depois de casado devolvo-la, e só para a cerimonia.

O amigo, menos avaro que a formiga, despojou-se do precioso objeto e lá se foi o noivo muito ancho, sacudindo os berloques, para apertar o nó e apertou-o acorrentado a primor.

De volta a casa, bem que amigo lhe fez sentir que estava com o relógio solto no bolso do collete, mas qual! O homem até parecia que prestava mais attenção á corrente do que á noiva e, sempre gamenho, entrou a gosar as delicias da lua de mel... e o amigo, arrependido, a esperar pela corrente.

Correram mezes e nada de corrente... o amigo poz-se no encalço do homem o soube que o infiel dera a corrente a um sapateiro em pagamento de velha divida. Foi ao sapateiro e o sapateiro declarou que recebera a corrente e que a não dava nem a mão de Deus Padre; foi a policia, andou, esfaltou-se, desesperou, e a corrente... nada.

Vendo que com as auctoridades nada conseguiu dirigiu-se á imprensa, formulando uma queixa, minuciosa. Que póde fazer a imprensa no caso corrente! exigir do sapateiro a dita? não, o sapateiro pode dizer que não tem nada com esse par de botas: recebeu-a em pagamento... Ha de a imprensa interromper o idyllio dos jovens casados por causa de uma corrente? também não; a imprensa não é desmancha prazeres... que ha de fazer a imprensa? Não sei... acho o caso melindroso...

Mas por que não inventam a justiça? Devia intervir, mesmo porque o que está em questão é uma corrente de ouro de lei... de lei!?

Ah! meu amigo, ahí está porque a policia não tem correspondido aos seus reclamos... se a corrente? é de ouro da lei, não pode ter effeito retroactivo, isto é, em linguagem mais corrente, não pode voltar atrás, ou ao seu collete — do sapateiro ella pode passar adiante, isso sim, atrás é que nunca mais tornará, perca a esperanza. E se algum noivo lhe pedir correntes de ouro não caia em ceder, elle que se arranje com a prata de casa... e de

graças a Deus por não haver também emprestado o relógio... então, sim, seria grande o prejuízo, porque, além do mais, teria perdido o tempo.

— Francamente, Padre Eterno; Isso não é temperatura. Afinal de contas nós não somos salamandras, uff!

N.

FAGULHAS 09/12/1897

— Diante de minha, casa, no parque Friburgo, ao grande sol, uma scena de amor. Pela relva fina dos taboteiros passeiam vagorosamente os patos, ha uma senhora pata que, n'agua ou em terra, anda sempre acompanhada de um rancho de 11 patinhos amarellos, cobertos de uma lanugem, patos da gema, porque, tão louros são que parece que n'elles não entrou a menor parcella de clara; outros nadam garbosos, mergulham gozando a frescura d'agua acima da qual o repuxo eleva um liquido pennacho sussurante; mas vejamos a scena de amor.

Justamente na arvore, fronteira ao meu gabinete há um ninho de tico-ticos; a vida do casal podia servir de exemplo. O macho, um tico-tico lampeiro, nos dias que correm abraçados, ás quatro e meia da manhã esta de pé, e n'um vôo rápido, vai direito ao lago, arrula-se todo e começa o seu banho frio, sempre desconfiado, olhando á direita, á esquerda por causa dos patos e dos soldados.

Refrescado e contente, faz um passeio hygienico pela relva humida, como um kneippista, e bicando, revolvendo a terra, engole a sua primeira refeição frugal e, levantando vôo, torna ao ninho, como para dizer á companheira: — Então, filha? São horas. Vamos tratar da vida. »

Creio que é isso mais ou menos que elle diz á companheira; porque, pouco depois, ella saiu do ninho, trefega, sacode as pennas e por sua vez vai ao banho no lago, faz o seu passeio na relva e, juntos, na mesma abalada, partem desaparecendo.

Ao meio dia ouço pios na arvore — são os dous que lá estão recolhidos, á sombra dos ramos verdes, emquanto o sol abraza; ao cahir da aragem já vão de novo, pelo parque, de arvore em arvore. Hontem, porém, houve alguma cousa que pertubou a vida serena do casal. Na arvore domestica, a femea, afflicta, desferia reclamos, trepada no galho mais alto; de longe respondia o macho e o dialogo durou mais de uma hora, incessante, apaixonado e ciumento. Que teria havido? Eu desconfio muito de um certo tico-tico que mora em uma velha mangueira, que é uma aspecto da casa de commodos para moços solteiros. Esse tico-tico é de

uma audácia inconcebível. Já o surpreendi perto do ninho do casal justamente quando o dono da casa, confiando na virtude da esposa, refrescava-se tranquilamente no lago, não sei se houve alguma cousa mas... desconfio muito do tal tico-tico.

E esse arrufo? passarinho não briga sem razão. Para que a ave abandonasse o ninho e fosse procurar outra arvore... hum, alli andou o tal tico-tico bilontra: Escrevendo estou a ouvir os reclamos da arrependida esposa «Meu querido venha cá... » E elle, de longe, muito digno: » «Chame o seu tico-tico... » E ahi está como um tico-tico vadio leva a discórdia a um ninho. E eu que pensei que esses dramas não chegavam ás arvores...

— Meu marido vem cá...

— Chame o seu tico-tico... E estão n'isso.

— Encontrei hontem um homem de sobretudo. Vel-o e saltar para o meio da rua foi obra de um momento. Um amigo que me acompanhava, observando o meu movimento, perguntou?

—Que é isso?

—Que é isso!? Pois não vês esse homem de sobretudo, com um dia d'estes. Está louco...

—Não, mora na fabrica de gelo.

—Ah! E fiquei a invejar o venturoso. Mora na fabrica de gelo, que sorte!

N.

FAGULHAS 16/12/1897

— Ao que parece ninguém deu ainda pelo caso. — Estão os olhos enxutos, não há um lamento, não ha um soluço — a Republica esta calma e feliz emtanto, ó dor! encerrou-se a longa e custosa legislatura d'este anno. Verdade é que alguns deputados o senadores que sahiram com um pouco de corda dos salões do Congresso resmungam ainda pelas ruas, pelos bondes, na confeitarias commovidos e tremulos apoiados e, n'um salão, ante-hontem, certo representante, interessado nas dansas pediu dispensa do interstício para que, morrendo os últimos compassos d'uma quadrilha, logo o pianista arremessasse os punhos ao instrumento, arrancado uma valsa rodopiando, Habilo.

Dias antes do encerramento da legislatura confesso que receei pela tranqüilidade da Patria, não porque, com o bater da porta alta por onde todos os annos sahem enxames e

enxames de leis saltares que beneficiando o povo reduzem o cambio á expressão mais simples, irrompesse uma conflagração mas pelo diluvio de lagrimas dos verdadeiros patriotas que vêm nos pais e nos avós da Republica dos defensores das instituições a [p.i.] por dia, com café.

Pois nada — a cousa fez-se com silencio, mesmo com certo mysterio e já os representantes tornam aos lares onde se vão refazer para as subsidiadas pugnas futuras. Não sei se á Patria aproveitarão todos os discursos pronunciados no edificio da Praça da Republica e na Cadeia Velha; sei que foram muitos volumes que hão de nutrir as traças.

Ah! pudesse eu transportar-me em espirito á certa villa para vêr chegar o famigerado doutor eleito defensor dos interesses das gentes.

Quanto eu daria para estar no grupo dos manifestantes podendo ouvir o discurso do homem, o primeiro discurso, curto e secco como compete a um político influente:

« Meus amigos, recolhendo-me a vida privada durante as férias legislativas tenha a consciência tranquilla porque cumpri o meu dever pugnando pelos interesses do districto que represento...»

— Mas mecê não fallo...

— Como não fallei...?!

— Antonce cumu é que não sahio nos jorná o que mecê dixeu...?

— Ah! porque eu só fallei nas sessões secretas...

— Ahn? quando mecês falla nas sessão secreta os jorná não escuta?

— Não...

— Ahn! antonce la direto. A gente estava escabriado praquê não via nada [p.i.] vancê nas toia mas cumu vancê diz que fallo...

— Fallei como todos os diabos...

— Antoce já não ta qui quem fallô. Atocha fogo, genti. Viva seu douto!

E, ao espoucar dos foguetes, aos vivas da população agradecida, la vai o representante que, na camara, mais parecia um delegado do Instituto dos Mudos, pelo braço do chefe político, pensando nos theatrinhos, que com a sua [p.i.] pobres theatrinhos! pobres theatrinhos...

— Mecê sabe, seu douto? Nos temo agora um circo do cavallinho...

— Ah! sim... e que tal?

— Huê! Muié em perca seu doutô.

— Ah! e o representante, com os olhos em alvo: Obrigado, meu Deus! Até aqui a Arte me acompanha...

— Mecê ta fallando só...?

— Estou... pensando na prosperidade desta villa... que ainda ha de ser a primeira da Republica...

— Tudo tá em mecê falla, seu doutor

— Fallarei...

E, acclamado, esfoguetado, abraçado, philarmonicado entrará na villa o grande sillencioso... eleito por maioria absoluta em casa do *seu coronê Congonha*. O' a política...

Mas... francamente — sabiam os senhores que o Congresso foi solemnement encerrado no dia 10 do corrente? Não sabiam, pois foi.

— Deus meu! Que fiz eu á revisão? Pois escrevo Ozanam o leio Oramam, escrevo Pindaro e vejo Pandora, ponho, com maior cuidado, uns pontos e umas virgulas e encontro as minhas *Fagulhas* como se houvessem sido violentamente sacudidas, com virgulas deslocadas e pontos perdidos, aqui letras a mais como aquelle «h» com que enfeitaram o sobrenome do Théo, alli falta de letras... um horror! Mas pandora... palavra! Enfim... eu... eu... que hei de fazer? *Jesus autem taçebai...*

N.

FAGULHA 20/12/1897

Caliaban... conheceram os senhores mestre Caliban? pois esse amigo tem no prelo um: livro que... com este calor... não sei O titulo é *Laiiz Veneria*, consla de 18 fantasias que, reunidas, formam uma linda mulher nome Leonora. Dou aqui, para prova, a primeira fantasia consagrada aos rabilhão...

O thermometro vai subir...

I

Lá vem baixando dos montes, altos a noite silenciosa: escurece e, envolvidos pela sombra somem-se os casaes, some-se o campo e a escuridão vencedora domina a natureza. Raras estrellas brilham e, d'aqui, d'alli mysteriosos sons partindo alternativamente: vozes humanas, trillos a graula ou balidos ou chelros d'aves arrordadas povoam o silencio obscuro.

E assim quando Leonora desprende os cabelos negros. Neía, embora fica inteira d'entro a noite negra. Razão tem os poetas quando dizem que é a noite que as flores trescalam activamente.

Que aroma quando os cabellos soltos de Leonora rolam sobre os seus hombros marmoreos despenhando-se lhe dos hombros [p.i.]! Que doce aroma é, dentro da [p.i.], como as estrellas no céu, brilham seus olhos, radiante de amor, gorgéia o seu sorriso e a aragem do seu hálito, mais olorante do que a brisa crepuscular, sopra acariciadora.

Vamos! Disse-lhe em certa ocasião ancioso: vamos agora é noite, hora de amor. Que importa que lá fora, além das verdes [p.i.], haja o esplendor de um sol de verão? para meus olhos é noite, é noite em todo o teu corpo. De dentro da noite, e [p.i.] um canto de rouxinol, veio a voz suavissima de Leonora... que disse! Que [p.i.] o rouxinol...

Depois, como dous caminhos estelares iguaes em esplendor á Via Lacta, seus braços estenderam-se e a treva sacudida deixou-me ver livremente as estrellas dos olhos. Leonora! Disse eu e ella... Quando os nossos lábios encontraram-se houve um gorgéio divino dentro da escuridão. Ó ventura do amor!

Cabellos negros que me envolvestes onde andastes roçando para que assim tivesses tanto perfume? que baunilha rescenderia como rescendeis! que mouta de cravos frescos expanderia melhor cheiro?! Cabellos que me enlaçastes e que eu andei apartando como quem vai pela treva e segue guiando pelo facto para encontrar caminho e por-se a rumo livre... Cabellos sedosos de Leonora, ó macios cabellos... Mas nas faces de Leonora o rosicler desabrochava — era a alvorada: amanhecia.

Repentinamente, violentamente affastei os cabellos negros e minha ama núa, alva de neve, arquejando sobre as finas sedas que forravam o leito antigo ficou sorrindo e linda e branca, d'uma belleza diurna, deitada sobre a noite dos seus cabellos como uma allegória da Vênus matinal. Cabellos finos! negros e aromatissimos cabellos!

E alli? que treva desgarrada é essa que fica toldando a alvura do teu corpo? Porque não vai com a noite a mancha escura? E Leonora, levantando os braços, curvando-os acima da cabeça, disse sorrindo maliciosamente:

— Pois não há sombras também em pleno dia, sombras que as ovelhas e os pastores buscam para repouso e fresco? E eu disse:

— Tens razão, Leonora; há sombras em pleno dia como ha claridades á noite. Ha sombras em pleno repouso e fresco e já que tão perto as vejo deixa que eu para a mais cheirosa guie um pastor e dois anhos abraçados.

.....
.....

O finos cabelos negros! o' filigrana sombria e perfumada...!

— A differença que se pode estabelecer entre a observação do sabio e do artista é que uma é analysada e outra é sentida: o biologista tem o laboratório, o escriptor tem apenas o cerebro, se um tem a *certeza* material, por assim dizer, tem o outro a convicção intima.

Muitas vezes, nas paginas de um romance, apparecem notas que o sábio despreza por absurdas mas que, se não caracterisam o personagem caracterisam o auctor sendo, *ipso facto*, humanos — nada existe fora da natureza.

Um dos romancistas mais lidos dos nossos dias foi Alphonse Daudet a quem a critica jamais negou applausos considerando-o conjuntamente um observador e um fantasista. Os seus romances, profundamente verdadeiros, inteiramente humanos, commovem sem pungir, tornam os olhos humidos mas não chegam a arrancar lagrimas porque o artista sabia entrar a tempo com um incidente sedativo que abrandasse a agonia — ora um passaro que elle fazia cantar n'um ramo, ao sol; ora um rebanho que elle trazia pela paisagem ou simplesmente uma ironia fina a que elle fazia saltar distrahindo a attenção do leitor.

A sua obra é a verdade através da imaginação e consistia nisso o seu segredo mágico de seduzir porque, como diz Lemaitre, nenhum outro escriptor conseguiu como o autor de *Numa Roumesian* agradar aos parciaes do naturalismo e aos românticos, aos espiritos exigentes e aos simples. Daudet foi sempre um escriptor pessoal — o seu eu acompanha carinhosamente toda a sua obra desde as [p.i.] — é o Daniel, o doce *Petit-chose*, está em *Sapho*, está *Hobert-Helmónt*, em Jack, no Nababo, em *Numa Roumesian* onde o seu espírito expande-se francamente na alegria da vida meridional, nas *Lettres de mon moulin*.

Não tinha o escrupulo da personalidade— vinha á scena com as suas figuras, não ficava nos bastidores imprimindo-lhes movimento, por isso, talvez todos os seus livros guardam uma certa harmonia, são como actos de um grande drama cuja these foi o proprio autor. Sente-se o artista em todas as paginas e isso, a meu ver, pela habilidade que elle poz em jogo, constitue a sua maior orginalidade.

Ultimamente, prostrado pela enfermidade, já se não abalançava a grandes commettimentos— os livros da ultima epoca pouco hão de influir no julgamento litterario do grande morto mas, para defendel-o contra o Esquecimento que é o verme que destróe os nomes, ahi estão as fortes figuras, todo esse bando de almas que elle deixou em paginas caprichosamente buriladas não só as que apresentam a vida amarga como as que riem

sarcasticamente como as do *Immortal* e de *Tartarin*. Se elle não tinhas a pujança de Zola, se não soprava a fanfarra retumbante arrastando legiões, como um pastor de Camargo, sentado no limiar do *mar*, a doce lua, com o seu *binian* encantava os que o cercavam para ouvir as suas arias; foi sempre um poeta e, se apenas deixou um volume de versos ficaram os seus contos, verdadeiros poemets, alguns de inestimavel valor como, por exemplo: *O homem da cabeça de ouro* e outros delicadissimo lyrismo com as duas balladas: *La mort da Danphin* e *Le sonsprèfet aux champe* e essa pastoral, ao gosto antigo. *As estrellas* que é uma das jóias da literatura franceza.

Agora uma phrase cruel que ouvi de alguém... (ah! os homens de letras são como os rouxinoes: quando deixam de cantar... adeus!) «Daudet não morreu no dia 17... enterrou-se; já estava mortos»... mas o seu nome glorioso há de viver ao lado dos de Flaubert, Maupassant etc, satellites do grande astro que fulgurou no horisonte da França illuminando todo o seculo-Hugo.

N.

FAGULHAS 22/12/1897

— Alem do tremendo dilúvio que teve, como epilogo, a *chuva* torrencial do nosso pai Noé, o primeiro que apregoou, com escandalo, os principios do monismo. Berose faz menção de dous aguaceiros devastadores e, em todas as mythologias as aguas apparecem lavando a face immunda da terra.

Foi Tamandaré, o nosso patriarcha indígenas, que, a falta de arca (tinha apenas arco) salvou-se na copa de uma palmeira d'onde, com o abaixamento das aguas infestas, desceu com a sua esposa arranando meios de repovoar o mundo.

Os pamarys têm o seu Araral, é a serra da Ererê que ficou sobranceira ao cataclysmo, resalvando uma flora antiga e por isso dizem elles que as águas não alcançaram a cumfada: «Já se matte cochilma ila ceca [p.i.] paraná [p.i.] aramira u caahema ramé.»

Parecia que, enquanto não fosse retira-a a fiança, que é o íris, Deus honraria a sua palavra... pois tivemos a cidade inundada. Espíritos medrosos voltaram-se immediatamente para a religião, espíritos mais praticos pensaram em canoas; cães beberam em pé, andaram homens com água pela barba mas o thermometro baixou e as ruas ficaram mais ou menos enlameadas porque a cidade heroica é assim — ao sol, poeira, com um chuvisco, atascal.

Mas o povo... incontentavel povo, ó difficilima gente... hontem, suando em bicas reclamava chuva hoje pede bom tempo atirando ao céo alinhado olhares terríveis. Mas a chuva é a beneficencia — a chuva é a agua que fertilisa is campos lavrados, a chuva é inimiga da peste, a chuva é que delerge os intestinos da terra, a chuva é que refresca a athmosfera porque havemos de ser ingratos com ella? recebamol-a, não digo de braços abertos, mas com o guarda-chuva e sete máos modos.

Vem abaixo pardieiros, mas isso é ainda uma limpeza que faz a chuva porque a immundicie da cidade não está simplesmente na lama das ruas, há certas casas que são verdadeiros entulhos. Que ruam desentupindo as ruas.

Porque não há de uma carga d'agua alliviar a cidade de todos os pombaes que a enfeiam começando por aquella almanjarra que Estácio de Sá encontrou em face do mar com um panorama da entrada da esquadra de Villegaignon e que hoje, graças a bondade da prefeitura, expõe, junto ao mercado, a entrada de outra esquadra? As chuvas não podem com aquella monstruosidade — só uma catapulta. Que chova! ao menos dorme-se e não se fica banhando em suor... e ha esperança de que as aguas levem de roldão aquelle kiosque acaçapado que é o Louvre da terra.

— Um amator pede-me que lhe indique uma boa Licycleta... Ah! meu amigo, não é facil... ha tantas! Cleveeaud, Clement, Monark, Peugeot que sei! vou experimentar todas essas machinas e logo que encontre uma que satisfaça, reunindo todas as condições indispensaveis a um vehiculo d'essa ordem: segurança, commodidade, elegancia, docilidade farei aqui um estirado artigo mencionando toda as virtudes do aparelho... se não apparecer o artigo procure-me em vai de lenções porque então... parti alguma costella ou as ventas. Até breve... serei franco.

N.

FAGULHAS 23/12/1897

As línguas carecem de tempos em tempos do trato que os lavradores costumam dar a terra periodicamente e a lavragem do solo, por mais ardua que pareça é um suave trabalho comparada ao preparo das línguas sobre as quaes o artista semeia a idéa que ha de germinar em estrophes e em períodos.

Expressões [p.i.] sobre as quaes pesavam seculos [p.i.] pelo arado forte; surgem á tona [p.i.] Como em um renascimento outras [p.i.] terreno [p.i.] d'uma flora [p.i.] dando a impressão d'uma terra virgem e viçosa.

Esses [p.i.] de genio ou esforço [t.i.]

N.

FAGULHAS 24/12/1897

O gaz! Temos um contracto onerosiassimo com a *Societé Anonyme* para que nos de luz e andamos as escuras — os combustores parecem vagalumes.

Um episodio que me tel narrado por pessoa digna de todo credito da bem a idéa da fulguração dos nossos lampiões urbanos.

«la tem pobre homem por uma das ruas mais *iluminadas* da cidade quando, descuidando-se um pouco, foi de encontro a um poste de ferro que lhe poz um gallo na fronte. O homem, indignado, julgando-se victima de algum malfeitor, brandiu a bongala atirando um violenta bordoadada ao agressor que respondeu com um gemido... vibrante. Esta voz! disse o do gallo, espantado e... riscou um phosporo vendo então, com grande pasmo, que estava diante de um combustor... acceso. O homem rosou: Não sei tambem para que põem cases lampiões no caminho. E foi-se.»

Este factio é dos mais caracteristicos, hão de convir.

Se nas ruas reina assim a escuridão imaginem nas casas. Esta a gente á mesa do jantar e, quando vai levando a bocca a garfada, zás! la se vai o garfo para o nariz da sogra porque o gaz deu de si. Ninguém se entende — estamos como antes de primeiro dia, as trevas envolvem-nos. Se reclamamos a *Societé* manda empregados que transformam o registro em caixas d'agua de sorte que a gente, quando muito, póde ter em casa repuchos e fontes intermitentes, umas luz... Isso nunca!

A *Société* tem o privilegio da illuminação e, á sombra da lei deixa a cidade ás escuras. Á medida que a luz mingua sobe o preço da sorte que na noite em que não houver uma chamma o metro cúbico de escuridão custará... os olhos da cara... se não for além.

O coke está caro, diz a *Sociaté*, pedindo fortunas por uma tonelada mas, que diabo! Já não fazemos questão de gás, fazemos questão de luz: venham lamparinas, candelas, archotes ou mesmo velas, contanto que possamos andar sem risco de cair em um dos muitos abysmos da cidade [p.i.] .

A Republica para estar de acordo com seu [p.i.]. Viver as claras, precisa da luz: á noite ella vive as escuras, vive em trevas, o que não é constitucional nem tranquilizador

[t.i.]

FAGULHAS 25/12/1897

— Foi em casa de Nanda, no monte frússimo chamado Merou, entre rudes pastores que apascentavam rebanhos de cabras e de ovelhas pelas achadas que os cedros enfeitava, que a virgem Devaki, seguindo o conselho dos anachoretas, para fugir á coleta do máo rei de Madura buscou refugio dando a Índia Kristma, o primeiro Messias, que os pegueiros chamavam o «Radiante». A donzella Israellita, como a linda apsara do Lilmavat, inscou tambem um sitio arredado que os anjos apontaram e foi na gruta de um pastor que Jesus nasceu, sobre palhas, emquanto as ovelhas, ao luar dormiam e os bois, ruminavam d'olhos fechados.

Esse mysterio christão, que teve a sua origem nos cremitorios dos ascetas indianos, ganhou na Syria maior esplendor porque o Messias Judeu trouxe ao mundo, além da misericórdia, mais uma consolação — a esperança.

Os homens, torturados por multiplos soffrimentos, careciam de um Deus que lhes reanimasse a coragem para a vida — já lhes não bastavam os deuses que desciam á terra vivendo promiscuamente com os homens, a alma sentia necessidade de mais alguma cousa, estava saciada e desesperada e, quando, os gallos de Bethlem cantaram, foi como um toque de alvorada para o mundo.

Os humildes levantaram a frente, os enfermos sentiram-se alliviados, os reprovados arreponderam-se; em torno d'aquelle palheiro, todos os soffrimentos foram encontrar consolo e a humanidade, alliviada pelo Perdão, sentia-se preparada para continuar a sua viagem pensosa através do tempo, por entre as dores.

A celebração do mysterio do Natal, além da poesia que encerra, traz a alma uma doce certeza da existência de Deus. Todos os annos, em dezembro, apparece esse suave viatico de bondade: Jesus A igreja quiz que elle nascesse no ultimo mez para que entrasse infante pelo novo anno com o qual vai soffrendo e evelhecendo e morre para renascer de novo, sempre glorioso e amado.

Essas ressurreições de Deus alentam a alma —com elle parece que renasce a mocidade para a terra e para o homem: ficam os campos mais verdes e á gente, diante de um presepe, como que se transporta ao tempo innocente, á idade feliz da infância quando, sem haver ainda encontrado a duvida, via na pequenina imagem do Menino, deitado entre açucenas e rosas, o próprio Deus beneficiador que accendia no céu o sol, a lua e as estrellas, que abria os flores nos prados, que enchia d’agua os rios, que amadurecia os fructos.

Natal é a festa das crianças e é a festa dos velhos — para uns é o ideal, para outros é a saudade... em verdade, porém, é a festa da Esperança porque é o renascimento do tempo.

Vai o anno baixando, faltam apenas seis dias para que desapareça que será o futuro? para garantil-o ahi está o vagido de Deus. Já a Suprema Bondade nasceu, tem a Humanidade a estrella que ha de leval-a ao novo estádio. A religião tem a sua noite a quaresma e tem a sua alvorada: Natal.

Eil-o, o nosso Jesus, a nossa Esperança e, affagando-o, acariciando-o, o grande symbolo: Maria a graça, a resignação, a medianeira piedosa, que é a garantia d’alma penitente.

Ave Maria! Natal! Natal! Já não devemos receiar, celebremos a nova era porque Deus ahi está para guiar-nos. Sede bemvinda. Misericordia Mystica!

— A dacta de hoje recorda-nos a morte d’esse grande o nervoso artista: Raul Pompeia. Elle cahiu do encontro ao berço do Jesus; cantavam hosannas! Quando elle expirou... Foi um desvio que levou a morte.

Pompeia era um dos nossos mais eminentes escriptores. O seu espírito, puramente litterario, não passou despercebido posto que não deixasse tudo quanto podia ter deixado se elle, num dia nefasto, desviando-se da estrada larga que brilhava, não se mettesse por uma azinhaga escusa onde achou o desespero.

O *Atheneu* é um livro Imperecível — elle só basta para marcar uma phase da nossa historia litteraria e Pompeia deixou ainda em mãos de um edictor, as *Canções sem metro*, livro torturado e, ao que dizem, ha quem possua grande parte do romance *Agonia* na qual vem exposta toda a esthetica do grande artista.

Bom seria que, para o anno, pudessemos celebrar o anniversario da grande perda intellectual que sofreu a pátria com a publicação das *Canções*. Estou certo de que o edictor, que foi um dos grandes amigos do desventurado Raul, não se negará a prestar essa ultima homenagem ao artista fazendo, ao mesmo tempo, uma preciosa dadiva a nossa litteratura.

Lembrai-vos d’elle, vós que o amastes.

— Cupertino, como Tarascon, teve em tempos, a sua fera... não sei se andou por esse suburbio a doce Santa Martha que aprisionou a tarasca do Rhodario levando-a por um rastro do qual havia escripto psalmo 31, sei apenas que a fera deixou Cupertino em paz... Agora é um outiano que apparece no aprazivel logarejo, hoje chrismado em *Dr. Frontin*.

Os *ouliques*, que tiveram como grande ancestral, o possante *Robin-Hood*, amigo e protector dos perseguidos, erravam nas florestas da fria Inglaterra no século XIV, e, como dizia o heroe da celebre ballada da *Moça dos cabellos castanhos*, «visto o oullaw era agarrado, amarrado e sem remissão enforcado ficando o seu corpo a balançar-se com o vento.»

Esse, entretanto, o oullaw do Cupertino, surgindo repentinamente no século XIX, como um fantasma, tem feito cousas incriveis fiado na sua divisa: «Dous é grande mas o matto é maior.»

Oliveira é o nome tranquillizador do heróe, suburbano e matto-virgense, longe, porém, de anunciar a paz Oliveira traz Copertino, ex! (leia-se: *Dr. Frontin*), em alvoroço porque, descendo dos bosques, com um revolver e uma faca, como um lobo faminto e [p.i.] aggride, espanca, assusta. Metteu-se em um baile e pôz tudo em dansa, é um desmancha prazeres porque, depois de comer como um Gargantuo e de beber com um Gambrinus para fazer o chylo foi separando os pares e transformando em trumbamba uma quadrilha pacata, ainda por cima, simplesmente porque o dono da casa protestou contra a marcação um pouco despropositada. Oliveira fazendo um *balancé* de circumstancia, atirou-lhe ao pescoço uma facada que homem osteve, vai, não vai a perder a cabeça. Depois d'esse feito bravio Oliveira sahiu do matto, que é o seu homisio, e assaltou vários homens e varias casas atirando-se por fim, com a fúria de um João Drandão, sobre uma inoffensiva criança. O petiz, vendo-se perdido, metteu-se pelo portão de um chalet. Oliveira seguiu nas pegadas ligeiras do fugitivo mas esbarrou com o dono do chalet que, com desusada coragem fez frente ao tremendo selvagem.

Agarraram-se e Oliveira, não podendo aproveitar a ponta da sua faca de matreiro porque o dono do chalet fugiu com o corpo que havia de fazer? lembrando-se talvez do que disse Lucrecio: «que foram os dentes e as unhas as primeiras armas humanas metteu os dentes no Sr. Santiago, deixando-lhe uma dentadura impressa na face. Depois de morder

metteu-se no matto onde está, com ou sem cachorro, afiando a faca e os incisivos para uma nova investida.

O Sr. Santiago ficou com uma formidavel dor... de dentes na face, trincado, levou a sua queixa á policia A policia... mas que há de fazer a policia se não dispõe de caçadores? Como há de uma dilligencia entrar no matto para desenraizar Oliveira? Nos não temos guardas florestaes e a policia da cidade póde dizer que não foi engajada para bater as brenhas, o seu é nas ruas e não nas trilhas, ella percebe o apito, e acorde mas não entende de alalis... Oliveira, se é homem, que saia do matto... mas Oliveira, se é homem, que saia do matto... mas Oliveira é bicho esperto. Cá fora só para desanchar diferenças em casas particulares mas, com policia, nada. E la está dominando a selva bravia de Capertíno o terrível *Robin-Hood* que tem uma dentadura tão valente que até parece que lhe foi posta na bocca pelo Dr. Chapol Prevost Filho...

A policia que se atreva mas que vá armada... de boticão, e de arnica por causa das duvidas e dos dentes.

N.

FAGULHAS 30/12/1897

— Vamos ter onde cair mortos... já é uma consolação. Se a penna não dá para a vida que, ao menos, de para a morte. Saber a gente que pode adoecer porque terá medicamentos e dieta sem que seja necessário trazer a cama para a porta da rua com uma papeleta annunciando ao publico os serviços que prestou para que assim a gratidão se transforme em misericordia... deixem lá, sempre é alguma cousa.

Essa Instituição de beneficência, ainda em projecto (e, queira Deus que não lhe ponham em cima a mesma pedra fundamental) é necessaria para amparar e para harmonisar os plumitivos: n'uma sala de hospital, sob a presidência de Christo, não pode haver dissensões: o jacobino terá piedade do federalista, o perreio procurá consolar o nacional, o sebastianista amparará a cabeça do histórico fazendo de bom samaritano e os que tiverem alta voltarão ás columnas amigos ainda que se descomponham duas vezes por dia, com muita convicção e bílis.

Todas as classes operarias têm as suas sociedades beneficentes que lhes garantem o medico, a dieta, os sete palmos, com a conducção necessaria e ainda a missa de sétimo dia, e uma pensão modica á viúva... os jornalistas, que vivem ou *jour le jour*, quando enfermam

ficam a ver navios, se moram perto do mar, ou não vêm bola se residem no centro e, sejamos francos, o que mais afflige não é o soffrimento — é a physionomia abalida da esposa, é o olhar tristonho do pequenino filho, é a deserção do criado, é o desaforo do taverneiro, é a ameaça do padeiro, é o improperio da lavadeira, o insulto do homem do lixo, é o resmungo do leiteiro, é a inclemencia da *Societe Anonyme*, é, por fim, a rudeza do senhorio...

Eis ahi grandes dores, são essas «afflicções» que cercam o leito onde vai, aos poucos, definhando, o homem que exgoltou o cérebro na defesa da sociedade esquecendo, criminosamente, a família.

O homem da Imprensa é, em geral, um despreoccupado ou um desesperado, digamos melhor. O jornal não enriquece, dá o necessário para a vida, quando dá. Examinai o cadáver de um jornalista... podereis encontrar um artigo de fundo e cigarros, cigarros e um rosário de contas mas de nickeis... nem um belisario.

Não há classe mais desprotegida, digamos a verdade e, uma das causas da miséria é a apparencia. O operário pode atravessar a rua do Ouvidor com a sua blusa, pode agasalhar a família n'um cubículo, ninguém fará reparo... mas um jornalista!!! ainda que ganhe a metade do que ganha o marceneiro, não tem o direito de apresentar-se em mangas de camisa e se levar a família para uma avenida... adeus! prestígio! Pode, no dia seguinte, lançar um artigo ponderoso sobre as causas da depreciação do café ou sobre a cisão política ninguém o tomará a sério... mora na avenida Congosta... está perdido.

Vivamos submettidos ás contingencias mas, que diabo! usamo-nos, não por espírito de solidariedade porque, emfim... mas por beneficencia recíproca. Pensemos um pouco no futuro, sejamos previdentes para que o carroceiro, que tem a sua Ordem, não diga quando nos vir na miséria: —São esses os taes homens intelligentes?! Antes eu com o meu burro.

Vamos, meus amigos, um bom movimento e, sem jantares, fundemos a nossa A.S.M.H.I... Ah! foi sempre o meu ideal: ser sócio de um Grêmio que, de quando em quando, annunciasse pelos jornaes uma assembléa geral...

A.S.M.H.I... que delicia! Tambem, inaugurada a Associação, eu vou logo mandando á directoria um attestado medico para poder descansar um pouco... uff!

Vamos meus irreconciliáveis collegas, mesmo descompondo-vos, unide-vos, congraçai-vos para essa obra necessária e digna. Depois de fundada a Associação... estrangulai-vos em paz... e a vontade.

N.

— Abençoando sejas, honrado o magnânimo Poder Legislativo. Que seria da Republica, infostamente perseguida por tantas calamidades se, todos os annos, com uma rhetorica profusa e largos cálculos financeiras não viesse, como a propria Providencia, equilibrar o saldo e o déficit á custa do povo misero, que é a besta de carga.

A Republica está como um ouriço de dividas e, como isso depõe contra o seu credito, a honesta e desinteressada commissão do orçamento, sem tocar no subsidio, alias miserável, com que Patria encalacrada paga os seus proveitosos discursos que, de prorogação em prorogação, chegam, as vezes, aos ouvidos de S. Sylvestre, atirou-se no povo com a fúria sanguinária de um magarefe, cortando tasselho que hão de reconstituir, nutrindo, a definhada Republica que mal se pode ter nas pernas, de fraca.

O thezouro ficará acumulado com as porcentagens dos funcionarios, com os excedentes do sello e quejandas extorsões e, nos mezes derradeiros, quando as carteiras do illustres preopinantes estiverem abarrotadas, porque todos esses impostos decretados serão poucos para pagamento das prorogações, um financeiro inspirado subindo sobre grossos volumes de economia politica e citando e clamando e suando e invectivando pedirá mais impostos e das tremendas fauces de V. Ex. como d'uma caverna, sairá um outro decreto feroz arrancando no povo a camisa e a pelle para vestir e tornar a Republica infeliz.

O imposto do sello, por exemplo, é uma medida patriotica das mais proficuas. Restringir os meios de communicação é um beneficio, parecerá aos evolucionistas um mal porque, para esses homens subversivos que prega uma falsa e perigosa [t.i.] viver pacatamente, no quieto, sem ligação de ordem alguma com este ou com aquelle povo.

Mas em casa mesmo, no próprio território da Republica, onde é necessário que haja intimidade, quiz o governo carregar a mão duplicando as taxas postaes para auferir mais lucros das cartas... de alforria, porque, com taes medidas, o governo confessa que está escravizado aos credores.

Uma carta, pesando 150 grammas, pagará 200 réis... é muito! Que havemos de fazer? furtemos no peso... façamos com que a carta pese apenas 75 grammas... como? Escrevendo em meia folha de papel e, como a tinta faz carga, façamos períodos curtos, de poucas palavras e sem grammatica... olhem, só em grammatica há uma gramma...

Namorando, em vez de escrever a tua bem amada com alambicados termos, mettendo passarinhos e luares nos períodos, fallando dos seus cabellos, da sua vez e da humidade dos seus olhos, dize apenas, com sobriedade e um sello:

« Luiza, bom, paixão, sonhei, cabellos, camaxirra, alma, pleniluntos. Vou chá Beijoca. Zé. » Que diabo! isto, em carta fechada, não pode pesar 150 grammas.

O commercio pode tambem crear um código numérico ou alphabetico, alphabetico, por exemplo. Escrevendo a um freguez do interior dirá o commissario n'uma ponta de papel. X.G.F.M.I.L.P.H.K. « e o freguez, consultando o código, interpretará: « Seguiu hontem a carne secca que encommendou, não é de cavallo, posso garantir. O seu menino foi reprovado porque andou mettido em pandigas durante o anno. Não há lebres, mas os impostos, meu amigo, os impostos!!! O seu compadre Feliciano foi victima de um novo conto do vigário: levaram-lhe a mulher e deixaram-lhe em casa uma creoula beijuda. Já comprei os jagunços. O que há de melhor actualmente no Rio de Janeiro é o cinematographo Lumière. Quer linguas do Rio Grande? em salmoura ou salgadas? responda. Recommende-me aos seus. Sempre o mesmo. Cunegundes Fabrício da Silva Mamiqueira e Souza & C. Irmãos. »

Ahi tem, tudo isso em 9 letras X.G.M.I.L.P.H.K. Eu creio que o governo é que vai ser sellado... a menos que, dando pela cousa, não saia com outro decreto prohibindo que as cartas sejam escriptas em caracteres alphabeticos e impondo uma nova letra para salvação da Republica e do cambio. Assim terão mais valor as cartas e a commissão de orçamento poderá prorogar as sessões indefinidamente. Palavra de honra, com o novo imposto vale mais a pena confiar a gente a sua correspondencia ao *Rápido auxiliar de remessas* que, pelo menos, não a extravia.

N.

FAGULHAS 04/01/1898

“ — Foi reintegrado o burro que a eletricidade havia posto a margem. Os cavalos (vapor) dispararam deixando parte da população sem meios de transporte e, certamente, os habitantes das *Águas Ferreas* teriam de fazer a pé o longo trajecto se os muares não so apresentassem para o serviço supprindo, com a morosidade quadrupedante, a rapidez das forças universaes.

Quando os vi de novo, á frente dos bonds, como antigamente, nas eras priscas em que ainda não se conhecia o *tandem* confesso que senti uma sincera piedade. Misero animal que tão deprimido foste porque os homens envaidecidos, tanto que teceram a rede de fios o

viram partir o primeiro bond eléctrico, logo mandaram-o para o pasto, com um abaritom desprezível como se fosses o mais imundo dos animaes, quando há o porco.

Foste sem um zurro, sem um ornejo e, francamente, voltaste mais magro o que faz crer que o pasto, que foi o teu limbo, era poco e resequido. Agora, reintegrado, segues a mesma trilha, ou antes, pelos mesmos trilhos cuidadosamente tratados para que a electricidade pudesse operar á vontade, empurrando os vehiculos.

Com que garbo vais trotando, nem pareces burro, pareces um ginete alfario, de orelhas tesas. Com que graças fazes as curvas, com que fúria amonca engoles as rectas, com que energia vences as subidas. Ah! o amor proprio é um grande e forte sentimento. Olha, burro... não, dirijo-me agora as bestas, se désseis luz... ou á luz... não sei que seria da electricidade. Força dais, forças e coucos, mas luz... a natureza foi ingrata comvosco fazendo-vos apagadas, honestíssimas bestas.

O trafego não foi interrompido mas a estação ficou as escuras e o kerozene voltou a iluminar os passageiros.

Mas, volvamos os olhos ao passado e procuremos nos fastos da Companhia, antes da innovação, um desastre como o do dia 31... não há: burro não precisa de caldeira para trabalhar, tem as pernas que Deus lhe deu e tem o lombo para chicote.

Que póde fazer um burro? ferrar um couce na plataforma?... sim, mas não estoura, a menos que não seja uma mula sem cabeça com as que assombram os caminhos galopando desenfreadamente, aos galões.

O burro foi menosprezado, riram do honesto quadrupede e agora? se não fosse o burro? quem havia de puxar o bond? Sejamos gratos, o burro é um amigo das occasiões. Ahi está o exemplo — as officinas voaram mas as estrebarias mandava o seu pessoal e *cost vai il bond...* Mas... trez mezes?! pois temos ainda de esperar três mezes!?

Emfim... resignemo-nos porque os burros, que soffrem mais do que nós, tambem estão resignados.

“—Dous incêndios!!! O anno de 98 entrou com o pé esquerdo. Bom será que elle, enquanto é tempo, considere. Se começa assim que fará em novembro? ás vezes é fogo de palha... De palha!? isso não, porque levou um dos mais bellos estabelecimento d'esta cidade e obrigou a *Gazeta* a por as barbas de molho porque as labaredas andaram a lambar-lhe os muros da officina. Graças aos intrepidos bombeiros, que são o nosso orgulho, o incendio não conseguiu destruir o capital accumulado pacientemente, a custa de tanto esforço, ha vinte anos e pico e as nossas officinas salvaram-se com alguns esguichos. Louvemos o Senhor e o corpo de Bombeiros.

“—Volta o meu «constante leitor» a perguntar qual é a melhor bicycleta. Ainda não sei. Quis experimentar uma *Cleveland* mas o, senhor Miltchell pediu-me tanto dinheiro que... vou ajuntar a fortuna e, se conseguir reunir a quantia necessária começarei por essa machina e sobre ela direi o que penso, com sinceridade e franqueza. Depois fallarei das outras.

N.

FAGULHAS 05/01/1898

— Aluizio Azevedo foi exonerado do logar que exercia no Japão: era o nosso vice consul. Que teria feito o extraordinário moço para que assim o governo, no dellirio de economia provocado pela esbanjadora commissão do orçamento, o exonerasse? nada consta.

Aluízio, desde os dezoito annos, com uma coragem e uma resignação dignas de melhor patria, tem honrado as letras nacionaes dando-lhes toda a seiva do seu governo, todos os seus dias, todas as suas noites sem conforto e sem fé porque o talento, no Brasil, a menos que se não volte para as alicantinas da politicagem, é um estygma, quase uma vergonha.

Aluízio nunca foi candidato, nunca pretendeu um logar na Intendência, não era um concorrente a juizados foi sempre, simplesmente, um honesto e brilhante romancista, o mais intenso da sua epocha e a sua bagagem literária há de avullar no inventario histórico da nossa Pátria muito mais do que todos os volumes do annaes que os bibliothecarios accumulam pacientemente, inutilmente desde 1698 até a prorogação carissima e desproveitosa do anno passado.

Aluízio confiou na palavra do governo republicano que, prometendo reparar as injustiças do império, annunciou uma larga proteção aos intellectuaes e, continuou a estudar nos seus livros fortes os homens e a natureza da sua Patria dando, la fora um testemunho eluquente de que não somos os bolarudos dos quaes, com tão disfarçado sarcasmo, até certo ponto justo, fez [p.i.] allusões, no *Figaro*, de Pariz, Jacques Sl. [p.i.].

Torturado, desiludido, com um fio de neve na gloriosa cabeça que a Pátria hoje circunda com uma corda de espinhos, procurou repouso prestando-se ao exame de uma prova para poder merecer dos seus um pouco de pão e o grabato do descanso. Deram-lhe Vigo e lá se partiu saudoso para a costa da Hespanha o fundador do romance nacional, o homem que, com mais vigor e com maiores sacrificios, fez o estudo do povo na sua vida tumultuosa de prazeres e de soffrimentos, o [p.i.] do naturalismo entre nós. Em Vigo amorrinhou esquecido

até que o mandaram ao Oriente donde agora o retiram, sem duvida porque os interesses polliticos assim o exigem. Vem com elle, na mesma leva Raymundo Corrêa.

Faz muito bem o governo —as nossas finanças andam más e, como são necessários cortes cereos, melhor é que caiam os grandes robles porque a queda dos jumcos não é fragorosa. Sabendo-se que foi exonerado Aluízio Azevedo, dir-se-há, do norte ao sul, em justo pasmo: A Republica está mesmo á harba com a bancarrota... vejamos isto! Mas não, o caso é outro — a Republica quer proteger as Lettras e as Artes, é do seu programma constitucional e, como protecção quer dizer defesa, entende ella que todos quantos tocam em Lettras e em Artes merecem castigo. Que vivam em paz as Lettras, cuidadosamente conservadas nos volumes das bibliothecas, que vivam as Artes socegadas, isso é que é protecção e todos quantos estudando um indivíduo ou uma collectividade, pretenderam external-os no livro ou no mármore incorrerão nas iras constitucionaes por haverem tocado nas protegidas officiaes.

O ideal da Republica é que isto seja um paiz econômico, muito politico e analphabelo. No dia em que não houver uma escola e enxamearem dous milhões de collegios eleitoraes, a Republica mandará circulares a todo o mundo propagando a gravissima noticia e pedindo um Cadmo para que lhe traga um analphabeto.

Aluízio e Raymundo... realmente, que injustiça! dous homens de talento representando o Brasil... que diriam os estrangeiros? E Exonerado! é bem pouco... deviam es demittidos á bem de serviço publico porque não se comprehende que uma aringa possa ser representada por dous homens que escrevem com orthographia.

Irra! escândalos nunca! Um romancista e um poeta... rua!... há por ahi muita... gente.

N.

FAGULHAS 06/01/1898

— Não sei, se a Constituição de Republica permite que festejamos a Epiphania. Certo deputado, homem de princípios fortes, lembrou-se de propor que no callendario republicano, o revisor constitucional substituísse a palavra *Reis* pela denominação mais democrática *Presidentes*, sendo o dia 6 de Janeiro consagrado, em folha verde, aos *Trez presidentes magos*.

A emenda, ao que parece, cahiu porque Gaspar, Melchior, e Balthazar, ainda apparecem coroados, com escandalo, apesar da ira jacobina, e o povo, que é fiel a tradição, passeia ostensivamente, em bandos alegres, os rei entoando hymnos, que não foram reconhecidos officialmente, ás barbas da policia.

Verdade é que a igreja está divorciada do Estado e póde, fazendo vida á parte, ter não só os Reis da Epiphania como o *imperador* do Divino, á Republica é, que não pode acceitar esses monarchas para evitar conflagrações.

Assim festejam os achastianistas os *Reis*, que os republicanos festejarão os presidentes e, caso nas ruas haja um encontro de bandos de políticas antagonicas... a policia que os debande, para que não tenhamos de registrar, com magua um conflicto de poderes.

— Mais um incêndio. O prédio ficou reduzido a cinzas, não por culpados bombeiros que fazem, sempre, com a maior correccão, o seu officio, mas porque não havia água.

Quando as magníficas gorgolejaram, já as babaredas haviam bebido todo o vinho italiano, sem água, e, embriagadas, davam por páos, e por pedras querendo, á viva força, levar todo o quarteirão. A água oppoz embargos á ligeireza, mas não conseguiu salvar o negocio.

Emfim, não podemos ter tudo — temos o corpo de bombeiros, se tivéssemos água nunca o fogo conseguiria levar a cabo a sua tarefa, e ficaria um elemento sem tem que fazer. É justo que a chamma tenha o seu dia, a água que não seja tão egoísta.

“— Ladrões... há ainda ladrões. Parece incrível, que, em uma cidade como está, tão argutamente vigiada pela policia, haja ainda gatunos... pois há. Contaram-me que, em certo bairro, um espertalhão, possuindo uma chave falsa e querendo fazer a limpeza á vontade, usou de um stratagema... originalíssimo. Estava um soldado á esquina, á chuva, tirilando, quando o heroé, com muita delicadeza, chamou-o a falla:

— Camarada... Eu sou proprietário d’aquelle armazém e agora vindo da cidade, ao metter a chave na porta, pareceu-me ouvir barulho... lá dentro. Creio que tenho gatunos em casa. Peço ao camarada que me acompanhe porque estou desarmado e esses patifes... o camarada sabe.

O soldado promptificou-se a acompanhar o gajo... Aberta a porta entraram os dous e logo ouviram rumor na casa, uma voz estremunhada, passos.

— Então, camarada? Que lhe dizia eu?

— É mesmo, disse o soldado, empunhando o revolver. Quando iam para o fundo viram surgir um homem no alto da escada, com uma vela na mão. O soldado avançou intrepidamente.

—Esteje preso... seu gatuno. O homem deixou cair a vela e soltou um urro!

—Gatuno! eu!?

—Esteje preso! E, galgando os degrãos da escada, o soldado, com o revolver nas ventas do desgraçado, intimou-o e, apesar dos protestos, das explicações, lá o foi arrastando, em ceroulas e em camisa de meia.

O espertalhão, com grande calma, disse que ficava um instante para examinar as gavetas e fechar a casa, iria depois á estação...

Já adivinhastes o resultado o preso era o dono do armazém que, depois de reconhecida, tornou-a casa com um defluxo, tremendo encontrando as gavetas arrombadas e menos tres contos em notas magníficas. O gatuno... nem sequer deixou recibo.

E o soldado? perguntareis... ora! o soldado!...

N.

FAGULHAS 09/01/1898

— Não será por falta d'agua que hão de morrer as couves, tem chovido copiosamente com trovoadas e faíscas, mas o fogo do céu nada tem feito que mereça censura porque, conhecendo os para raios logo que se desprende das nuvens toma pacatamente, a direcção das pontas e desaparece. O mesmo não faz o fogo vil da terra — esse destroe com inclemencia, ameaçando alhanar a cidade como o o bifume celeste acabou com Sodoma, Serão tão negros os crimes fluminenses, para que o fogo venha assim expurgal-os? Não sei porque não sou confessor. Em um dos prédios incendiados havia muita gente em afluência e toda desapareceu, salvando-se, apenas, umas cinco pessoas que, no saguão, em esplendidas molduras attestavam a perícia dos artistas. Eu tambem lá estava, não no saguão, no primeiro andar, junto de uma rotunda família (oito pessoas) e fiquei reduzido a cinza.

Confesso que me doeu a queimadura porque, emfim, o retrato era dos melhores e recordava um bom período da minha vida: não estava no seguro, levou-o o logo. Mas, como a rotunda família tambem desapareceu nas chammas resigno-me. Outras casas foram arrasadas: uma que era adega, outra uma colchoaria. O fogo não quer inercia e vai destruindo as cousas que concorrem para o senhor bebe os vinhos, e incinera os travesseiros. Água é que não tem havido, apesar das chuvas abundantes. Os bombeiros, chegam, estendem as mangueiras e sentam-se, contemplando as chammás, como nos escassos tempos de tamina, á espera d'agua que sempre chega como os carabineiros. Há desconfianças de que alguns dos

sinistros tem origens mysteriosas, eu não aventuro opinião mas não creio que todos os descuidados esperem o fim do anno para deixar phorphoros no chão e inflammaveis perto do fogareiro.

No fim do anno começam os reajustes de contas, os que estão em dia tem todas as cantelas com a casa, nem mesmo permitem que a gente fume nos armazém mas, os falcançados. Lembro-me de ter visto em um armazem (foi isso em começo de junho) uma grande placa com este aviso prudente: « É proibido fumar». Em novembro foi o aviso retirado e, dias depois n'uma noite negra, os bombeiros sentaram-se defrente do armazem esperando que a agua chegasse... quando a agua chegou do armazem só havia paredes flamadas. Bem sei que o fogo é um elemento perfido; mas muito mais perfido que o fogo é o homem. Mas que diabo lucro eu com isso? as casas estão queimadas, que venham os pedreiros pagos pelas companhias de seguros reconstruir o que o fogo destruiu e... não é bom brincar com o fogo.

N.

FAGULHAS 10/01/1898

Carhaix, o erudito sineiro da igreja de S. Sulpicio, em Pariz, que Huymans fez apparecer no romance *La baz*, lamenta que não haja mais, nas torres do templos, artistas que saibam, com o necessário sentimento, dobrar os grandes sinos graves e tanger as alegres campanilhas, são mercenários ignorantes que vão, escadas acima sem o menor escrúpulo, por em alvoroço o instrumental vocativo em entendendo que, quanto maior fôr o tintinabulo maior será a bellesa do resôo.

Ah! mas não só de força depende a sonoridade mystica das torres é necessário conhecer bem todos os valores dos metaes para que a voz alta não destoe da antiphona sacerdotal — o sino é um annunciador, é um evangelista quando o manobra um homem de animo, é um instrumento de supplicio nas mãos d'um ignorante.

Carhaix, julgando, e bem, que a musica sacra devia começar pelos campanários que diria se, entrando em um dos nossos templos, no momento glorioso do *Sanctus*, ouvisse estrondar uma fanfarra marcial enchendo a abobada com os compassos languidos de um pas de quatre ou archi-graciosa chula de uma revista de anno? Certamente enloqueceria, o erudito sineiro.

A musica sacra que, como bem entenderam os primeiros mestres, é um elemento de suggestão mystica não pode ser a mesma que leva o homem á batalha ou ao requebro — para o *Offertorio* tudo menos o dobrado e muito menos o landaguassú.

Santo Agostinho, nas suas *confissões*, declara «que chorou, e compreendeu mais claramente as verdades dos Livros ouvindo os hymnos relligiosos ».

Não choraria nem tão pouco ficaria mais iluminado o santo se, vivendo entre nós, entrasse um dia as portas d'uma igreja e ouvisse esforçadamente zabumbada, loucamente *reco-recado* um destorcido tango dos que, d'antes, no tempo indecoroso da arte nacional, emula mui digna, da industria das panellas de barro e das colheres de páo, faria a delicia d'uma geração de simples que passou.

A propaganda que, em tão boa hora, iniciou o nosso collega d'*OJornal do Commercio* é das exigem o concurso de todos quantos só interessam pela verdadeira Arte. Bem sei que não estamos no tempo do *Gradual* e o *Antiphonario* que S. Gregorio nos legou mas também não podemos ficar como estamos porque, em verdade, nem a casa do Senhor é campo de manobras nem club de dansa. A Deus o que é de Deus!

N.

FAGULHAS 11/01/1898

... Li, de um folego, o novo romance de Rodolfo Theophilo, o infatigavel padeiro da *Padaria Espiritual*, do Ceará,

Maria Rita, é o título A acção do romance remota-se aos velhos tempos do Ceará colonial.

Rodolpho Theophilo é um escrupuloso observador e d'isso já dou provas sobejas na *Roma e n'Os Brilhantes*. Conhecendo profundamente o sertão e seus livros tem um encanto novo, dão, por vezes, uma impressão de maravilhoso principalmente aos que, nunca tendo passado a fronteira da cidade, nada conhecem d'essa vida forte que levam os homens simples, em plena natureza, com o seu gado e com Deus, felizes na singeleza dos campos verdes ou na grandiosa magestade das florestas virgens.

Pena é que Rodolpho Theophilo de tão pouco cuidado a forma — o livro resente-se, em todo o corpo, da precipitação com que foi feita e é pena, repito, porque ha n'elle paginas de grande intensidade que seriam eternas se não viessem tão maltratadas.

Aquella descida das pombas no areal é uma admirável «Impressão» e seria uma obra prima se o escriptor, sem a ancia da publicidade, houvesse, com vagar e paciência, tratado minunciosamente a forma escoimando a linguagem, dando vigor e vida á descripção, colorindo, amenizando.

Os typos são verdadeiros. Vicencia, indubitavelmente melhor figura do livro, tem excellentes caracteristicos. Purificação. Queiroz, Belmonte, Maria Ritta são também levados com carinho.

O romance precipita-se nos ultimos capitulos prevendo a pressa que tinha o auctor em acabal-o prejudicando grandes effeitos. Mas ha alli dentro, n'aquellas paginas, a natureza tropical, o sol é forte, a brenha é altiva; sente-se a vida recumando e, docemente, de quando em quando desprende-se uma tão intensa melancolia da grandeza que a gente sente a alma entristecida e repousa o livro e sonha.

Ao laborioso padeiro vão d'aqui as minhas sinceras felicitações pelo seu novo livro cuja formas, com sinceridade, podia ser melhor mesmo por amor do assumpto.

N.

FAGULHAS 12/01/1898

— Confesso que causou estranheza o período seguinte do discurso que Emillio Zola pronunciou á beira do tumulo de Alphonse Daudet, e que o correspondente em Paris, o *Jornal do Commercio*, traduzia com absoluta fidelidade:

« E acontece o seguinte: abre-se este tumulo, embora fosse grande a admiração pelo escrivão vivo, percebe-se que não foi bastante admirado, sente-se a necessidade de exultar o escrivão morto.»

Ele ahi um período que, sem exagero, póde a gente chamar «cheio» de escrivães, pelo menos; não é um período, é um cartorio.

Mas então Daudet foi escrivão em vida e, ainda depois de morto, preferindo as glorias do romance, optou pela publica – forma ou pelos interrogatórios? Certamente o mando que admirava o talento criador, do meigo *Petit-Chose*, só agora, graças ao solicito correspondente, poderá fazer justiça ao honesto artista que nas horas vagas, quando repousava a indignação, enverga o seu apalca e desunhava com gana em algum tabellionato ou em alguma *máirie*, com muita convicção e muitos provarás.

Poeta, romancista, auctor Dramático e escrivão: francamente... nem o homem dos sete instrumentos. Mas o que devéras entristece é que , havendo Daudet, legado á litteratura franceza tantas obras primas não descobrisse Zola no escriptor mais gloria do que descobriu no escrivão tanto que, no mesmo período, com revoltante resistencia, refere-se duas vezes ao escrivão sem fallar, uma só vez, do romancista: é o escrivão vivo, é o escrivão morto...

Só mesmo depois da morte é que vem a publico a vida dos grandes homens. Quem diria que o autor do *Nababo* e da *Sopho* era um escrivão modesto? E a litteratura que andava a reclamar com avareza, o nome de Alphonse Daudet que, de direito e de facto pertence ao notariado? Não chegou a ser tabellião e dizia-se por euphemismo, que não alcançara a curul da Immortalidade... quanta hypocrista.

Mas... quem sabe se não houve engano no despacho? quem sabe se Emilio Zola e todos quantos acompanharam o funebre cortejo não foram mystificados levando ao cemiterio um escrivão, de nome Alphonse Daudet, julgando que acompanhavam o romancista do mesmo nome?

Quem sabe se a razão não está com o correspondente do *Jornal do Commercio*? Se o enterro foi de um escrivão o defuncto não era o Alphonse Daudet, do *Fromont Jenne* e, se o defuncto era Alphonse Daudet o enterro não foi de um escrivão. Deslindemos

N.

FAGULHAS 15/01/1898

— Grande devia ter sido a impressão do fakir que dormiu cem annos no fundo da terra ao descerrar os olhos, chamado novamente a vida. Se eu, em tres dias de modéstia, reapparecendo ao sol vi, com espanto, tantas cousas novas que não teria visto o penitente sobre cujo corpo um lento século passou e muita herva, cresceu quando, os que encontraram n'um tijolo o segredo do seu enterramento foram com pás, ao lugar indicado e o arrancaram e sombria e abafada penitenciaria?

Certo o fakir, vendo-se n'uma cidade ingleza, cheia de inglezes, tresandando agia reclamou com indignação que o seu tumulo havia sido profanado lembrando-se de que havia sido enterrado n'uma aldeia tranqüila, a sombra das palmeiras sagradas que cercavam uma dagaba santa e sahia entre o casario branco d'uma cidade populosa vendo, em vez de os rubros representantes da força expansiva de sua graciosa Magestade.

Por mais que dissessem ao penitente:

— Não, teu tumulo não foi profanado, foste aqui mesmo enterrado mas a civilização veio com a sua misericórdia e as suas bavonetas, povoou e trucidou edificou e decretou impostos; levantou uma deslumbrante cidade e trouxe a fome e a opressão. Era effectivamente uma aldeia o sitio em que foste enterrado e hoje uma cidade.

De graças a Buddha e aos inglezes. O fakir, não se convencendo, e triste (não sei se é verdadeiro a tradição), pediu para ser enterrado de novo e os inglezes, com muita piedade, fizeram-lhe a vontade.

Eu não vi tanto como o fakir mas, quando a febre me prostrou, n'uma velha mangueira que faz sombra a minha janella, havia um ninho cheio de implumes... Logo que me levantei corri avel-os disseram-me. Já não estão ahi, voaram... Effectivamente o ninho estava vasto. E mais vi ainda, muito mais... se eu quizesse dizer tudo quando encontrei de novo no mundo, depois de três dias que, a bem dizer vivi Pello apariado creio que não seriam bastantes todas as largas paginas da *Gazeta* por isso digo apenas, como o conselheiro Pinto Porto: Quem não admirará os progressos deste século?

—*Violetas poéticas...* tem este suggestivo e perfumado titulo um mimoso volume editado pelos arrojados senhores Baemmert & C. que bem merecem o titulo de benemeritos das letras nacionaes. O livrinho, lindamente encadernado em percaline, com os cantos enflorados, a ouro, é um originalíssimo analecto no qual figuram todos os nossos poetas presidindo a casa um dos dias do anno com uma estrophe escolhida com rara felicidade pelo intelligente colleccionador d'esse interessante memorandum lyrico. É um livro elegante, indispensável ao *boudoir* de todas as senhoras que, n'elle registrando as datas queridas terão, para cercal-as preciosamente, as estrophes delicadas do poeta que, com o seu estro, illumina o dia. Sendo um volume delicado impõe-se ao bom gosto principalmente porque os editores, por uma verdadeira generosidade, quase que o dão aos leitores, tão insignificante é a quantia que pedem pelo livre que, sendo um escrito litterario, é uma caprichosa manufactura.

N.

FAGULHAS 16/01/1898

— Um pobre moço que exercia, com raro zelo e uma calligraphia admirável, as funções de guarda-livros de uma importante casa commercial d'esta praça de uns tempos a esta parte, entrou a accusar, visíveis symptomas de desequilibrio mental. O guarda-livros,

senhor ponderoso e de muita circumspecção notava, por vezes, largas distrações, verdadeiros êxtases que arrebatavam o rapaz que, não raro, se punha a balbuciar cousas extravagantes arrepeliando as molenas com fúria.

Não quis compromettel-o denunciando-o aos patrões porque attribuia aquellas cousas a superexcitação nervosa, algum aborrecimento ou amor. Mas as taes cousas continuaram e o circumspecto guarda-livros, para fugir a responsabilidades, resolveu traduzir as suas suspeitas n'uma prudente confidencia ao sócio principal da firma; e vigilância começou. O rapaz, debruçado a mesa, diante do *razão*, sob o olhar aguçado do guarda-livros esgaturun, suspirava, contava pelos dedos, folheava dictionarios, consummia maços de cigarros e o sócio a espreita com cautela, até que hontem, o que o guarda-livros ponderoso tanto receiava, explodiu e o rapaz foi apanhado á rimar um soneto, quatorze versos. Agarrado pelos empregados da casa, que acudiram ao clamor do sócio, o misero foi encerrado em um quarto enquanto um caixeiro corria a policia para pedir providencias.

Submettido a um interrogatorio minucioso os médicos confirmaram as supeitas do guarda-livros. Do auto de perguntas feitas, ao infeliz consta o seguinte: — Que elle tem o doutorado nome de Chrysostomo, que é de Angra dos Reis, maior de 23 annos, etc, etc. Que sentindo verdadeira vocação poética pretendia viver exclusivamente do seu estro, que fazia sonetos camoneanos e que estava terminando um livro ao qual augurava um grande successo. O guarda-livros, ouvindo palavras taes pronunciadas pelo seu ajudante, cujo olhar ardia, enxugou uma lagrima commovida suspirando, com sincero enternecimento: Pobre rapaz! E os médicos, interrogados pelo sócio principal que estimava o rapaz, sobre possibilidades de cura declararam (caso raro!) accordes: que era um caso perdido. Bastava, para mostrar a gravidade da loucura, aquella phrase «que sentindo verdadeira vocação poética pretendia viver exclusivamente do seu estro. E um dos clínicos, especialistas de moléstias mentaes, declarou com solemnidade: « Isto agora, meu amigo, vai assim até ao poema épico e a morte.

— E que se há de fazer, senhor doutor... ?

— Que se há de fazer... Aqui não há nada a fazer é mettei-o n'um carro e mandar tocar para o hospício...

E foi o que fizeram.

N.

Alberto Nepomuceno já esta de posse do libretto da opera *Ariente*, uma das que devem ser cantadas durante o inverno do corrente ano. Delgado de Carvalho leva em bom caminho a Ballada *Hortia* e Leopoldo Miguez, dentro em poucos dias, receberá a *Acção legendaria*, em 2 episodios, que deve ser animada pelo seu genio.

Olavo Bilac, entre as rosas carmineas de Petrópolis, todas as manhãs, depois de uma volta lenta em bicycletta, na sua cobata de seda cor de amarantho, com alamares de ouro abrindo no sol e as borboletas as janellas do seu aposento de verão vai, com o esmeril, polindo os versos da peça com que pretende fazer a sua estréa no theatro. Arthur Azevedo anda, sem duvida, rimando os ultimos versos da sua comedia e outro trabalhador esboça o drama nacional que deve fechar o cyclo.

Com taes elementos não exagero dizendo que o *Centro Artístico* vai impor definitivamente, e com successo, a Arte no Brasil. E, para que se não diga, com desdem: — Mas é só isso? ainda teremos os concertos populares nos quaes, sem duvida, hão de figurar Oswaldo, Vianna da Motta e Francisco Braga.

A proposito d'este ultimo artista, um brasileiro que tem sahido honrar a sua patria, no exterior, encontramos na *Razon* de Montevideo, numero de 31 de dezembro do anno passado, referindo-se a um concerto da *Sociedad Beethoven*, as seguintes linhas muito lisonjeiras para o nosso patricio:

« *La Priere* para instrumentos do arco con [p.i.] de violoncello, del jovem maestro brasileiro Francisco Braga, el discípulo y amigo de Massenet, bajo cuya direccion bizo sus estudios en Pariz, fué uno de los aplausos que dispensamos e distinguido director artístico de la Sociedad Beethoven. Cualquier autor puede, en efecto, confiario cualquier obra. El la estudia, se orienta y en difinitiva establece la formula de la interrelation.

En estas casos los aplausos á la *Freire*, de Braga si fueren para el autor tambien pertenecieron a Badia y a los cuarenta instrumentos de arco que la ejecutaron.»

No excellente programma da sessão musical organizado pelo maestro Perez Badia, director artístico da *Sociedade Beethoven*, figuravam Saint- Snens, Gluck, Buccherint, Rubinstein, Listz, Bizet, Neswadba o Schumann.

Na mesma congregação musical serão brevemente executados, o *Minucito*, a *Gaveta* e o prelúdio: *Paisage*, de Francisco Braga.

Além d'esse esforçado programma de trabalhos do *Centro Artístico*, fala-se ainda em uma exposição de pintura e esculptura. Deus meu! pois é possível que o publico fique indifferente a taes empreendimentos? não creio. O publico deixou de uma vez os atalhos e quer agora caminhar pela estrada larga e luminosa da verdadeira Arte — e não se há de arrepender.

N.

FAGULHAS 21/01/1898

O conto é uma flor de qual o [p.i.] é fructo: Maupassant que com justiça, é considerado um clássico, deu nova feição a esse genero litterado preferindo a verdade a ficção, arredando as fadas, [p.i.] os genios para que o caminho,[p.i.] e [p.i.]; pudesse ver percorrido pelos homens.

As clareiras perderam o seu encanto legendário, perderam as florestas e seu mysterio e, onde os novellistas d'[p.i.] fariam apparecer Urganda ou Melusina [p.i.] poz o homem com o bom genio sorriso ou com a furia do remorso.

Quem canta ao luar frio, águas [p.i.] não é a fluida imagem do «espírito» penitente, é o barqueiro que vai triste, remando, a pensar na miséria da sua cabana onde há frio; passam vultos no campo [p.i.], são [p.i.] retardatários, ladra o cão enturecido... não procureis o avejão, ide ao vallo, ide ao montal, e encontrareis o motivo da fúria da honesta sentinella da berdade.

Em toda a obra forte de Maupassant a fantasia passa como um leve perfume no campo que a seara aloura viceja a madrestiva, desabrocha a papoula, cresce formosa a bonita e canta calhande a alegre, deve ficar o poeta embevecido com o perfume e com o chifreiro sem ver o homem que moureja recolhendo o pão que a terra da, sem ver a mulher que, á sombra d'uma arvore, desnudando castamente o collo, amamenta o filho creado ao pleno ar, entre o medante trigal como para que, de cedo, vá ganhando amor aquella gleba fecunda onde, como os seus maiores, um dia terá de cahir esgotando? não, porque há uma poesia mais bella na alma d'aquella gente; em cada coração há um drama, que se vai desenrolando em scenas ora tristes, ora alegres, tendo como interpretes, o sorrido ou a lagrima, o suspiro ou o canto, a gargalhada ou o grito.

Maupassant, deixou inúmeros esboços que valem por estudos completos porque elle tinha, como nenhum outro, raro segredo da synthese: os seus contos são monographias

humanas. Esse mestre fez uma verdadeira revolução litteraria e hoje raro é o artista que se preocupa com as revoadas diaphanas de sylphides ou com as quadrupedantes correrias dos animaes sem cabeça — quem geme la fora é o vento, que chora é ortão, quem soluça é a miserável faminta — todo esse rumor estranho, mysterioso, é a expansão da Agonia universal.

Entre nós o conto moderno tem cultores de incontestável merecimento e, constantemente, apparecem volumes que, se não impõem de prompto os seus autores a admiração fazem com que sejam recebidos com affecto no grêmio dos que, «investigam».

No Lar do senhor Álvaro Guerra, é um volume de contos intimos, paginas observadas no estreito espaço de uma casa honesta e tranquillã constituindo um livro domestico onde apparecem soffrimentos e alegria.

— O autor não se desvia da verdade pondo algumas flores nos quadros como a Natureza as põe nos campos sem exagero, sobriamente e com arte e a impressão que fica da leitura d'esse livro simples é suave — commova sem arrancar lagrimas, alegre sem provocar a gargalhada: é um livro de melas tintas mas o seu valor principal está na verdade que é a sua substancia e que é a suprema formula da Arte.

N.

FAGULHAS 22/01/1898

— Ainda um furto. Os jornaes commentam o crime com pilheria quando em verdade, para evitarem a reprodução do attentado, deviam usar de uma linguagem severa pedindo toda a energia da lei. A victima foi uma senhora, jovem e formosa e o caso passou-se, mais ou menos, como vou tentar descrever.

La a dama descuidada sem perceber que dois olhos cupidos [p.i.]-n'a quando, inopinadamente, sentio que alguma cousa aspera lhe roçava pela face, como uma cordosa vassoura; eram os híspidos [p.i.] do dono dos olhos cupidos, que lhe havia furtado um beijo.

A dama, sobresaltada o rubre, voltou-se para o marido mas o marido, zelos e o digno, já andava a fazer sarilho com a bengala macerando as costellas do gatuno que ainda foi levado a delegacia por dois mantenedores da ordem.

Em presença da auctoridade o homem, plagiando o poeta, declarou que estava prompto a resiguir o que furtava mas o marido oppoz-se. Revistaram-n'o mas, inutilmente, porque não foi possível encontrar o beijo que, certamente, lhe desceu no coração.

Que há de fazer a justiça para restituir a dama o que lhe foi luctado? O delegado pensava, procurando resolver tão difficil) problema, quando o marido, que detesta complicações, declarou com calma: — Quanto ao beijo, Sr. doutor, não há duvida: eu dou outro a minha mulher para substituir o que lhe foi furtado por esse patife que, nem siquer, faz a barba, espetando assim a face de uma senhora. E restituiu.

Resolvendo o caso retirou-se o casal e o homemzinho, entre as grades do xadrez, ficou gemendo e, saboreando o dulcissimo beijo a dizer baixinho, com volupia:

« — Mais vale um gosto de que dous vinténs.»

— Ao que parece vai fazer-se luz em torno da estatua de José de Alencar, tão insolitamente ultrajada por mysteriosos mancebos que arrancavam os baixos relevos provisórios ou camartellaram os que não puderam arrancar.

A propósito da attitude serena d’essa figura de pensador, tão violentamente atacada por alguns, vem a pelo as palavras que Guizot consagra a estatua de Menandro, conservada em companhia da de Posidippo, no Vaticano.

O poeta apparece sentado e depois de dizer que as estatuas, figuradas de pé parecem sempre representar o seu modelo «n’um momento de esforço, tendo vindo da acção ou preparando-se para n’ella entrar, diz o [p.i.] critico: Mais simples, mais familiares, e, a bem dizer, mais recolhidas, as estatuas representadas sentadas, pelo contrario, não nos suggerem as scenas da vida no pleno ar, os homens do campo de batalha, do gymnasio ou da praça publica — fallam-nos da solidão estudiosa ou de graves [p.i.], de observação paciente ou de trabalhos nos quaes o espirito apenas exerce ».

A bella figura de Alencar não podia ser apresentada em melhor attitude mas Bernadelli devia ter posto o romancista de pé e com um cajado a mão direita e uma lanterna a mão esquerda — a lanterna para alumiar-se, o cajado para defender-se dos galopins... Ah! mas Osório está armado e montado e, nem por isso, os garotos fazem grande caso porque vivem a apedrejal-o a ver, qual d’elles, consegue atirar uma pedra a frente gloriosa do guerreiro. Ou isto ou o respeito dos florentinos.

N.

FAGULHAS 23/01/1898

— O postulado de Hartmanu: «Nunca houve era tão irreligiosa como a nossa, e todavia não será fácil encontrar outra que as questões relegiosas tenham tão profundamente

agitado «impõe-se agora francamente. Os inimigos que estão em campo trazem guidões em vez de estandartes, e brigam, como na idade Média, mais pela crença do que nem Patria.

Vimos no extremo Oriente o turco invadindo as aldeias armenicas com a sua lua golpante, e os que resistiam bradavam por Deus invocando a protecção do mundo catholico; em Voto e em Domokos os patriotas gregos não [p.i.] pronunciavam o doce nome da Grécia como ainda, arremettendo, injuriavam o bárbaro que vinha com a sua crença rude assolar a terra que em tempos fôra como um grande altar de todos os deuses e onde hoje a cruz avulta abrindo os largos braços; [p.i.] pedia como uma victima christã dos tempos, sanguinários de Domiciano, e agora a pretexto de um crime de alta traição saem os christãos contra os judeus.

A religião está conflagrando a sociedade — o mundo tende a dividir-se não mais geographicamente mas theocraticamente — as raças terão como symbolos os deuses que adorarem,

Posto que se diga, por exemplo, que o catholicismo está em francez decadencia vemo-o ainda forte, e o Vaticano como um núcleo luminoso, manda os seus ralos aos mais remotos gelos e as areias mais quentes: o ??? branco já ouviu o nome de Jesus e, sentado a porta da sua cabana do novo, com os olhos no céu branco, esperava ver surgir o Misericordioso. Ser de que lhe fallou, [p.i.], pensa nesse Homem divino que morreu para remittir com o seu sangue as grandes culpas da Humanidade.

Mas não é só o Vaticano que despacha os emissários para os extremos do mundo — a synagoga, o pagode, o templo lutherano, a igreja moscovita o eremitério [p.i.] mandam tambem os seus caixeiros viajantes do paiz a paiz, conquistar almas e, talvez que, n'uma hospedaria, sentados á mesma mesa, já se tenham encontrado os missionários dos diversos enitos, seguindo o mesmo rumo para a catechese.

Quem conquistará a palma? Sendo a religião um commercio, uma relação entre o divino e o humano, com a permuta de boas acções e de graças e ainda dependendo a força das religiões da solidariedade, creio que não arriscara loucamente os seus capitães quem o puzer na synagoga — o judeu sendo o mais arguto commerciante é o mais solidario com o seu irmão e essa guerra que agora lhe movem é significativa.

Tambem quando elles faziam a travessia do deserto varios povos sahiram armados para embargar-lhes o passo, todavia entraram em Chanaan... falta-lhes apenas um Moysés e no dia em que surgiu esse novo redemptor da raça não haverá forças que contenham os opprimidos e a festa da Paschoa será celebrada em todos os cantos do mundo; mas, até la, [p.i.] tenha ainda a historia de registrar mais um crime grande como o que ensangüentou a época de Augusto, quando andou pela Syria o vistonario Barrochabas.

N.

FAGULHAS 24/01/1898

Zalambam na minha vizinhança.

Eram 5 horas da manhã quando acordei em sobresalto, o ouvido attento. O estrondo fazia estremecer a casa, os crystaes tinham, os gatos, sarapantados, mettiam-se por baixo dos moveis, um cão uivava n'um quintal proximo com desespero.

— Que é isto? perguntei ao Vicente que escovava, com fúria, as minhas botinas: é trovoadas ou canhoneio? Vicente não respondeu: fitava-me com grandes olhos assombrados, escovando sempre. Repeti a pergunta... coitado! o infeliz estava surdo.

De repente uma fanfarra estrugio. Quem sabe se não é o dia do júizo?! deve ser a trombeia do anjo annunciador... Empallideci e, já resignado a partir d'esta vida tormentosa mas que não deixa de ter os seus encantos, prestei attenção ao tremendo fragor percebi que era um Zé Pereira... um Zé Pereira zabumbado com muita convicção e força.

Antes isso... disse eu n'aquelle momento pois já me arrependo do que disse: São seis horas da tarde e o zepereira que atroou durante todo o dia o bairro continua e ameaça entrar pela noite.

Vicente está surdo, a cozinheira está surda, eu começo a ensurdecer e o zepereira a estrondar e a taniarra a estrugir e um sino a bimbalar...

O Deus do céu... pois é possível que [p.i.] já homens de tanta resistencia que possam assim passar um dia, longo e quente, com baquetas e maçanetas e trombetas e cordas de sino batendo? divertem-se... Francamente, não lhes invejo o gosto e Vicente, coitado! surdo como uma porta ou como a directoria de obras publicas rota os olhos gritando, a todo instante, Senhor!? Senhor!? porque, como não ouve, pensa sempre que o estão chamando. O Zepereira... oh! como é divertido esse barulho.

N.

FAGULHAS 25/01/1898

— Tenho nas, mãos o primeiro numero de *Vera Cruz*, revista d'Arte, dirigida pelo Sr. Oliveira Gomes. Materialmente recommenda-se pela caprichosa feitura mas, vejamos o

essencial. No frontispício um excellent retrato do Raul Pompéia, o artista nervoso do *Atheneu*. Folgo de ver os moços prestarem o culto de que é digno o incontestável estheta que, durante toda a vida, com [p.i.] incessante, procurou uma nova expressão e uma nova harmonia tentando aplicar á arte da palavra processos complicados que a tornassem, a bem dizer uma synthese de todas as outras Artes, tendo colorido, plasticidade, harmonia e substancia, como a Natureza que, por ser formosa não deixa de ser essencial.

Pompeia queria a Arte magnífica e útil — o raio do sol, que é expressão da Luz, fecunda a gleba. Só os moços acceitaram, como paredro, o poeta das *Canções sem metra* não devem esquecer o que elle sempre e com o entusiasmo ardente de um evangelista, pregava. «A Arte, é expressão da Natureza.» A Natureza é simples no seu esplendor e, sendo a mesma desde os dias iniciaes, é sempre variegada e nova.

E' [p.i.] que a minha comprehensão [p.i.] seja imperfeita, confesso, porém, que prefiro as verdades simples [p.i.] com simplicidade, como queria Quintiliano, n'esse artifício complicado feito com intenção de maravilhar. A perfeição procurada pelos que começam não é a perfeição artística. Os grandes mestres levam tantas vezes ao tórculo seus períodos que acabam deixando o estrietaamente necessário á belleza. O segredo da Arte não está na abundancia, está na precisão: um dicionario é uma nebulosa, quatro palavras reunidas por um Shakspearo brilham como as arestas de uma estrella cujo núcleo é o conceito. Sendo o poeta o intermediário entre o ideal e o Real, deve ser claro e sombrio para que possa ser comprehendido do Povo que é o seu interlocutor; os poetas modernos, no que parece, querem fazer da Arte o que os sacerdotes egypcios faziam da Sciencia — o asoterismo exclusivo d'um grupo de iniciados. E' possível que tenham razão... eu é que os não comprehendo.

Não os culpo, levo isso a conta, da minha intelligencia que não está preparada para transcendências taos é: meu espírito não tem aculdade para chegar ao fundo mysterioso d'esses enigmas. Mas, folheemos a *Revista*.

Abre com um *adágio* de Raul Pompeia e, seguidamente: se *Ásia dogoso*, estrophes sonoras de E' Lopes, poeta de feição muito original, que tem em subida conta a rima preciosa. Sensual como um arabo toda a sua obra poética, já avultada, rescende capitosamente; a sua Lyra e tonguida, sem maneirismo, é erótica sem ser laseiva e, nos seus amores há sempre um recato pudico que os tornam requintados. E' cavalheiresco... Na *Ásia do gozo* há nem o poeta do *Validas lypios* com a sua ardência de maridional na inspiração e na rima viva, imprevista e alegre.

Que hei de dizer do ??? *Vesparal*, de Figueiredo Pimentel; o auctor do *II Carmens*?... achei-as extravagante... *Resignações secretas* de Carlos Fernandes, um poeta

moço, senhor do verso, mas desalentado e sombrio. *Sem palavras* de Alves de Ferim outro poeta de valor que se fez de rumo para o Sergipe onde vive a rimar nas bocas que lhe sobram do trabalho de advogado e das pesquisas de notas para o seu grande estudo sobre *Galobar; Papeiz velhos*, de Julio Cesar da Silva, irmão da gloriosa poética D. Julia da Silva, são trabalhos de verdadeiro merecimento Assignam escriptos em proza os Srs. Antonio Austregóstio (*Cinzas*).; Netto Machado (*Deidas*) e Oliveira Gomes; (*Paisagem* [p.i.!]).

Nepomuceno e Celso Hermiudo, collaboram valiosamente: o primeiro com um trecho, musical: *La chanson des* [p.i.], sobre versos de [p.i.] e o segundo com uma illustração symbolica. *Mulheres.*,

Apezar das ideas que omitti nas primeiras, linhas não regateio elogio aos redactores, de *Vera Cruz*, porque vejo n'elles, além de grande confiança e uma intensa coragem para a lucta na qual todos sem distincção de escolas, mas sob o mesmo signo ideal: *Arte*, nos devemos empenhar para o levantamentos do nível intellectual da nossa Pátria.

N.

FAGULHAS 27/01/1898

— Não quero entrar nos pródromos d'essa loucura que, d'uma hora para outra, fez de um honesto e bravo soldado um assassino. A justiça já tomou a sua conta o processo encarregando-se de demonstrar que esse desgraçado foi victma de uma suggestão lenta que lhe era incutida no animo com a regularidade insistente com que se vai propinando um veneno.

Marcellino Bispo era um predestinado — posto que reagisse, como o morphiomano que chega a lançar pela janella, lá rua, a seringa de Pravaz para, minutos depois, correr, soffrego, a buscal-a, a idéa torebran te que lhe verrumava o cérebro penetrando-o fundamente, a mais e mais, conseguiu destruir-lhe a vontade impondo-se fatal.

Ainda assim, como um resto de lume, que, por vezes, flammeja n'uma fogueira quase extincta, de quando em quando, o seu espírito tinha uma fulguração instantânea que era fogo, com pressa, apagada por outra suggestão ou pelo alcool.

Pudesse um psychologo fazer a narraçã exacta do estado d'alma do infeliz quando, impellido pelo seu deminador, foi postar-se, entre as arvores da Praça da Republica, com uma carabina para ferir o chefe da nação e daria uma pagina de tormento mais pungento de que esses 81 cantos do *Inferno*, atestados de angustia.

Explorando n'um sentimento nobilíssimo — o patriotismo, foi ainda esse mesmo sentimento que lhe serviu de desculpa quando, de volta da tocaia, foi interpellado pelo suggestionador: — Não, a Patria estava em festa, commemorava-se uma data nacional... não quizera interromper a alegria do povo manchando o calendário republicano. Demais, junto do presidente, estavam senhoras e crianças e um general a quem elle devia gratidão.

O homem que, a bem dizer, se havia imposto como «consciência» determinado a acção que aquella *força* devia exercer, teve um sorriso irônico deixando escapar uma insinuação de covardia. O brio flamejou e houve como um despertar da alma barbara — a piedade fez-se amor proprio e como um louco, estendendo a mão, pediu uma arma qualquer sahindo com ella, não para desaffrontar-se como brasileiro, não para sacudir o jogo de uma tyrannia mas simplesmente para demousirar que não era um covarde e partiu avançado, com a segurança de um fanatico, até o crime.

N'aquelle momento tragico no cérebro do soldado dava-se uma hypostase era o espírito de outrem que agia e a sua alma miseranda, quanto tornou ao seu antigo [p.i.], ficou transida como aquella que havendo deixando-a casa em paz ao voltar encontra-a manchada pelo assassínio ou incinerada pelo incendio.

Teria ella arrependimento? não, visto que se não sentia culpada: soffria apenas. O crime fôra perpetrado pela outra, pela intrusa que a expulsara do lar e, infeliz, no silencio da sollitaria, começou a lenta e dolorosa *via sacra* ao passado, que é uma espécie de altar onde os que soffrem vão buscar allivio — alli há as figuras veneráveis da família e os quadros sagrados da infância... De lá tornou detendo-se no presente sem coragem de ir alem porque o futuro era um caminho de misérias e de vergonhas, encharcado de sangue. O suicídio era uma solução.

Pobre alma! A que lá está no seio de Deus dirá, sem duvida, vendo-a passar pelos caminhos estrellados:

— Não, não é esta a alma criminosa, essa merece o perdão porque tambem soffreu. Não é esta. Senhor... E os espíritos vem claro...

N.

FAGULHAS 29/01/1898

— *Contos e Phantastas*, volume de José Vicente Sobrinho.

Venho um pouco tarde fallar da estréa d'esse moço que surge aparelhado magnificamente posto que não fraga no escudo, como affirmou Arthur Azevedo, o rultlo brazão do selar famoso de Eça de Queiroz.

O senhor Vicente Sobrinho, em Arte, é um cavalleiro andante — bate-se era por este, ora por aquelle sonho e o seu estylo, não de todo accentuado, tem qualidades que revelam um futuro artista caprichoso.

Ou muito me engano ou o cicurono do Sr. Vicente Sobrinho é o melancólico Loti. Sente-se no seu livro a influencia forte do espirito saudoso do poeta do *Pescador da Islândia*, Nos *Soldados* e principalmente em *Pescadores* á mesma paizagem lembra a que serve do scenario aquelle drama pungente no qual entra, como principal protagonista, o mar. A mesma cruz não falta. Com um pouco de neve o leitor julhar-se-lá em Palinpol.

Mesmo nos episodios intimos e delicados como os que Loti descreve com a silplicidade suggestiva que o caracteriza como n'esse volume de recordações « *Le livro de la pitlé ET da la morte* o Sr. Vicente Sobrinho adopta-lhe os processos dando apenas aos escriptos a sua personalidade. Veja se a *Morte de Alfredinho*, *Nostaluta...* Nas *Cartas á minha irmã* apparece a palxão do exotismo. Não é elle que, como Loti, percorre as terras douradas do Oriente, é a sua alma, em sonho, acompanhando a peregrinação da irmã. Insisto em dizer que o jovem escriptor, que estréa tão brilhantemente, não vem forçar por conta do illustre autor dos *Malas*, parece que foi armado cavalleiro n'uma capellinha bretã pelo artista nostálgico de *Monfrére Ives*, tendo feito a vigília das armas emquanto o mar roteiro da costa cuspi a sua espuma fervida nos cruzeiros remomadores dos naufrágios.

O Sr. Vicente Sobrinho, repito, surge aparelhado magnificamente e, será duvida, com os volumes que annuncia, conmulstará um lugar seguro entre os prosadores da actual geração.

Felicitando-o fico a espera dos *Velhos contos* nos quaes, certamente, hão de vir mais accentuadas as suas qualidades de observador e de estylista.

“ — Ao que parece a policia desconfia de Momo, tanto que lhe mandou um recado energético prohibindo-lhe a sahida nos dias próximos do carnaval. Momo, se quizer fazer loucuras, que as faças em casa com a mulher e os filhos.

A policia entende que o povo não tem necessidade de alegria, o riso é perfeitamente dispensável, haja compostura, sobrecasaca e cobres para o pagamento dos impostos e a Republica irá por diante, macambúzia a sombria.

O povo não tem um theatro, não tem um jardim porque esse parques, chamados lougradouros, são tão triste que até parecem cemitérios; preparava-se para uma expansão nos três dias de carnaval e a policia declarou peromptoriamente que não quer mascaras na rua. Muito bem... Estou vendo que ainda substituem o hymno nacional por uma marcha fúnebre e adopal o mesmo pavilhão original que um monarcha pessimista escolheu, segundo o testemunho historico: um lençol com a inscripção: *Sic tranit gloria mundi...*

O commercio é que não esta palos autos, porque havendo encommendado grandes novidades carnavalescas não está disposto a perder o sortimento e os pezados direitos que pagou na alfândega. A vida é tão amarga n'este val de lagrimas e de lama.

Momo é inoffensivo e, se é porque faz loucuras que não o deixam sair á rua... acho o procedimento da policia odiosamente injusto porque a lei deve ser igual para todos. Consintam, pelo menos, que Momo venha a rua... em camisola de força... e, se elle fizer alguma cousa contraria a lei e aos bons costumes a policia que o desmascare mas... respeitando a tradiçãõ e os capitaes do commercio.

N.

FAGULHAS 30/01/1898

— Do Porto enviou-me Moreira de Sá o 1º volume dos *Annaes do Orpheon Porluense*, sociedade choral de amadores installada a 12 de janeiro de 1881. A sociedade apresentou-se ao publico a 4 de março do mesmo anno com as duas composições choraes: *Jesus ouvrier*, de Beethoven e *Chanson des vendangeure*, de Mendelssohu.

De então até hoje, graças aos esforços do director Moreira de Sá, a boa vontade dos amadores e a protecção do publico tem o *Gepheon* executado innumeras composições dos mestres concorrendo poderosamente para o desenvolvimento da musica em Portugal e aperfeiçoamento do gosto artístico.

Sobre esse volume cabem algumas considerações que dizem com o estudo do canto entre nós.

O brasileiro, apesar do azul do céu, do esplendor maravilhoso do sol e da grandeza imponente da sua patria e incontestavelmente — e n'esse ponto não admito que outrem lhe dispute a palma do cypreste — o povo mais triste do universo. Todos os outros cantam — reúnem-se francezes, allemães, russos, inglezes, italianos e, em torno d'uma mesa, no campo, a sombra de arvores, no mar, sobre a [p.i.] das barças em noites de luar, mesmo quando trabalham reunidos, cantam, ou canções patrióticas ou melodias ingênuas de origem popular que, entoadas longe da patria, como que minoram a saudade que d'ella, sentem os emigrados que assim recapitulam as glórias da nação relembram os [ps.is.] ou mesmo os momentos trágicos desferindo, em comunhão quase religiosa.

O brasileiro não canta — tem vergonha, e, se por acaso lhe chegam ao fundo merencoreo da alcova onde se encerra, melancólico e casmurro, as vozes dos que passam ao doce luar entoando em coro, um conto delicado, escuta e gosa mas, como para desculpar-se de não fazer o mesmo, diz, baixinho, a esposa commovida: — Como vão aquellas rimas!

O canto, sendo uma consolação, é um incentivo. Os francezes vencem cantandi. Vede, na batalha de Hastings, esse jocundo normando Tallicier [p.i.] *mouti bien cantont* » que avança na frente cantando e fazendo piruetas no seu rossim, alegre « como bom voluntario francez ». Rescutime-nos ainda do passado — a tristeza é contagiosa e nós tivemos, durante séculos, tão perto de nós uma raça oprimida que a sua dor fez-se nossa, a sua melancolia penetrou-nos com o leite que d'ella tomamos e ainda hoje temo n'alma o *banzo* que nos faz apparecer no mundo como uns penitentes vivendo n'uma eterna e tristonha quaresma.

O hymno, que é a oração cívica, nem esse mesmo os brasileiros conhecem entendendo que só as charangas devem executal-o. Em Pariz, o primeiro galopim faminto, entoava, com enthusiasmo, a *Mairelheta*. Um pequeno dos nossos que se lembrasse de berraro: « Já podeis da Patria, filhos » havia de ver em que estado lhe saham as orelhas das mãos da avó.

Emfim, há idea da criação de uma sociedade orphconica... queira Deus que o publico não diga com um momo, quando vir o primeiro grupo entoando em coro: Em que estado estão aquellas almas sim porque para o fluminense que canta não está em seu juízo. Para que um homem não cala no conceito dos virtuosos deve sempre trazer a cara enfarruscada e muita melancolia na alma e na sobrecasaca.

Os do *Orpheon Portuense*, até uma serenata fizeram nas aguas do rio Leça com um programma no qual figuravam Schuber, Mendeissobo, Beethoven e Gretvy; o brasileiro... nem faltemos nisso! se elle nem canta em terra como há de cantar sobre as águas.

Cante la quem quizer, o brasileiro é um povo de muito respeito e não está para apanhar, ao relento, uma bronchile esguelando-se. Para distrahir-se tem elle o fundo do quintal onde sem escândalo, á meia voz, pode cantar com sentimento emquanto a lua faz a sua viagem no céo.

Uma noite, a meia noite, eram dez horas.

N.

FAGULHAS 01/02/1898

— Um dos vultos mais notáveis do Panthcoa maranhense é, sem duvida alguma, o grande Odorico Mendes, o erudito que transportou dos originaes grego e latino para o nosso vernáculo, com o cuidado escrupuloso com que se muda de um sitio para outro uma delicada maravilha d'Arte, a [p.i.] de Homero e a *Eneida* de Virgilio. Não me constava que o poeta houvesse levado a cabo a versão da *Odyrséa* concluindo assim a obra que encetara com exilo, doando tão ricumente a nossa litteratura que, no presente, por um injusto preconceito, parece desestimar os clássicos, uma carta, porém, assignada pelo Sr. Jansen Tavares e dirigida a Arthur Azevedo, que o publicou no *Palestra*, de domingo, avisou-me do que eu não sabia e, como havia eu de saber se o manuscrito da *Odyeséa*, teve a sorte do protagonista do poema? Felizmente chegou a Itaca, de volta de peregrinação. Lembra o maranhense, zeloso das glorias do seu Estado, que, depois do tão [ps.is.] parece haver cahido em mollo inercia, a necessidade da publicação de tão precioso, subsidio litterario o appella para os maranhense afim de que, reunidos, façam mover-se o congresso osladout para que concorra com os necessários meios afim de que não fique arriscadamente em manuscrito obra de tanta valia.

Acho eu, é vou mais longe com o meu desejo, que o Congresso não se devia limitar a vulgarisar o inedito mas, prolongando a sua munificencia, caso fosse possível, devia dar novas edições dos outros poemas dos quaes, raramente e por preço exorbitante, apparece um volume nas livrarias: « Entre doux peuples comme entre doux hommes, [p.i.] no peut y nvoir amitlé etroffe et solidarite qu'alors que leurs intelligences ont pris to confact ». Estas palavras de Vogue podem alude dialar-se. « A comunicação, no tempo, entre homens, é

feita pelos elementos litterarios, os poemas são os elos da grande cadeia que prende a humanidade á sua origem. A conservação das obras d'Arte é mais que um dever, é uma necessidade humana e esse poeta que viveu debruçado sobre o antigo, reconstruído epopéas foi, não sómente, um artista como um mestre da língua e o seu legado, quando não agrade aos que repellem, por extravagância de paladar, o gênero forte dos creadores de epopéas, aproveitará aos que, ainda não de todo vencidos pelo estrangeirismo, queiram edificar no espírito um sólido thesouro de vernaculidade. A publicação da *Odysseá* repito, não é só um dever, é uma necessidade e para que se leve a termo esse empreendimento devem concorrer com o seu recismo constante, não só os escriptores maranhenses mas todos quantos se interessam, como brasileiros, pelo engrandecimento das nossas letras tão menoscabadas e retrahidas.

“ — A propósito das minhas *Fagulhas* de sabbado, veio hontem publicada n'esta folha, sob o titulo? *O Orphean*, uma carta assignada pela Exma Sra. D. Adelina Lopes Vieira, escriptora justamente reputada. Concordando com o que enunciei, sem exagero, sobre o gosto artístico do fluminense que só agora, ainda assim, mollemente, como a desprazer, se vai levantando d'essa inércia em que faz há tanto tempo, diz a siguataria da carta que sobremodo me desvaneceu respondendo á minha allegação « de que deixamos em condemnarvel esquecimento o canto choral » que já possuimos um *Orpheon* patrocinado pelo nome de Carlos Gomes. E accrescenta, alludindo a indiferença com que, pela imprensa, tem sido recebidas as provas desusadas do esforço das illustres dumas que, com tão louvavel interesse, se propuzeram combater pela Arte:

« Não sei que mais admiração me cause, se a, digamos, nenhuma vontade dos nossos patrícios em trabalhar, um sacrificar-se para dotar a pátria com uma sociedade que a ennobreça, se a criminosa indiferença dos artistas e dos que [p.i.] e têm, negando completamente o auxilio da cooperação da publicidade, do acoroçoamento e do applauso.

O Orpheon Carlos Gomes, que foi fundado e *existe* há apenas um anno, aqui, no Rio de Janeiro, no conhecido e aprazivel bairro de Santa Thereza, não conseguiu ainda, apesar de haver convidado toda a imprensa para o seu concerto, inaugural, realisado a 7 de outubro proximo passado? e de ter varias vezes merecido honrosas e gentis referencias das pennas de Arthur Azevedo, Cardoso de Menozes e outros que, o julgassem uma sociedade constituída e apenas consentem que haja uma *idéa* da criação de uma sociedade orpheonica. »

Para que me não fique a pécha devo dizer que jamais recebi convite algum para as reuniões musicaes do *Orpheon* e, se, não com o propósito de menospreço mas porque, com a sinceridade affirmo, ignorava que já fuccionasse e com tão fortes elementos, deixai do

mencional-o dando-o como um exemplo digno de imitação agora e com desvanecimento o faço pedidos as illustres damas e, principalmente é signataria da carta, que me foi dirigido, que não desanimem porque o momento é de lucta e, para que possamos victoriosamente conseguir os nossos elevantados intuitos é necessário que nos liguemos sofidamente, caminhando, apezar dos tropeços e dos apodas, para o nosso ideal. E agora que sei onde funciona o *Orphean* peço a Deus que me de saúde e as dignas directoras que me não esqueçam para que eu possa ser do numero dos felizes que hão de ouvir a próxima execução do programma anunciado Rua do Curvellou 6... é muito longo mas, emfim... eu lá irei se Deus não mandar o contrario.

N.

FAGULHAS 04/02/1898

— Contra a expectativa geral, encheu-se, no sabbado, o theatro Apollo: cantava-se a *Gioconda*. A noite foi abafadiça, funcionaram os vetodromos e os cinematographos, entanto houve gente para tomar todos os bilhetes e os cambista que ha muito não appareciam, lá estiveram a postos e não ficaram descontentes.

Esse «acontecimento» vem demonstrar, á evidencia, que o publico não desertou o theatro mas, justamente enferado das sediças borracheiras com que os emperezarios andavam a explorai-o, preferiu ficar em casa commodamente a abalar-se para ouvir as chirinotas e as algoravins dos chamados «extraordinarios sucessos.»

Um emperezario intelligente encetaria a obra de rehabilitação artistica e auferiria lucros se despejasse na barcaça do entulho o archivo imbecil de vellharias e começasse a apresentar peças dignas não sómente do nosso publico como dos proprios actores. Mas, teimosos como o mestre Corulile, de Daudet, preferem soffrer a ceder.

Como não se podem manter porque positivamente o fluminense não se move aos reclamos palavrosos nem se deixa seduzir mais pelos annuncios [p.i.] das «boas plasticas», vão infestar os Estados com o sargaço repellido aqui mas, dentro em pouco, os mesmos Estados lhes fecharão as portas e, nesse dia, quem ouvirá as copias desenxabidas das estrellas? quem terá paciencia para acompanhar os desengonçamentos dos incomphraveis artistas?

A enchente do Apollo responde eloquentemente á representação em tempo levada ao honrado presidente da Republica — a causa verdadeira da decadencia do theatro, que ali foi apenas insinuada, está agora evidente não é o jogo é a pinoia.

Queiram os empregarios trabalhar dignificando o actor e dando ao publico o que elle pede e, certamente, os theatros não ficarão tristemente desertos, nem as companhias serão obrigadas a andar em peregrinação com os bastidores as costas os *marllote* embulhados como os saltimbancos.

Com os elementos que possuímos, poucos, em verdade, não será difficil a um empregario de boa vontade organizar uma companhia decente que comece com modestia, sem aventurar-se a grandes e arrojados [p.i.], para ir crescendo pouco a pouco até conseguir o seu completo desenvolvimento e o publico ha de affluir, não affirmo em vão.

Os povos evoluem lentamente mas, por vezes, há verdadeiros impulsos que os fazem galgar estadios, contavam, certamente, os empregarios com a lenta evolução e, de um momento para outro, viram-se diante de uma masa que na véspera desafivelava as calças para rir das chataças rebarbativas do comico e, no dia seguinte viram essa mesma massa bocejar entediada e partir deixando o pobre comico no tablado com a cara sarapintada e um rictus deformando-lhe a phystonomia,

Chegara o tédio. Uma vez estabelecido o encontro entre a Arte grandiosa que lá por fóra educa o sentimento e a que aqui lhe impingiam com rotulo falso o publico, vendo-se ludibriado, afastou-se e, por amor proprio, não tornará ao theatro enquanto elle não deixar de ser uma barraca de feira. Para consolar-se esperará que surja, de quando em quando, alguma companhia estrangeira que, de passagem, lhe de alguma cousa... pelo menos com vislumbres de Arte. E o publico que assim procedo faz jus aos títulos de intelligente e de patrioticos porque não suffragando a pachucada concorre para o levantamento intellectual da sua patria.

N.

FAGULHAS 07/02/1898

Da *Terra Flaminense*, volume de educação cívica, composto por Olavo Bilac e Coelho Netto, unanimemente approvedo pelo conselho de instrucção publica do Estado de Rio d Janeiro, com a devida venta dos auctores transcreve n'esta socção o capitulo intitulado:

A FAZENDA

Fez frio. *O céu branco*, listado de nuvens escuras, parece uma grande isvide de marmore. Madrugada silente e baça. A matta [p.i.]-se a um algodost imenso sob a neblina que rola, abandonando as arvores. Galhos apparecem como mastros de navios naufragados surgem; surgem copas, [p.i.] adelgaça-se fluindo e loge, céu em fora, em ramas. Os montes [p.i.] tem as [p.i.] debruadas d'alvo, outros guardam ainda a touca de bruma; os mesmos bois que mugem como se, durante a noite, houvessem aspirado a nevoa a, sopram uma garoa subtil. As folhas [p.i.] e a terra orvalhada cheira como se sahisse de um banho perfumado.

Chiam carros e os potros, que dormiram fechados, ganhado a liberdade zaltam e relinham.

Faz frio. As nuvens rolam no céu levadas pelos ventos altos, piam rolas tristonhas e andorinhas fogem do beiral das telhas, trincando alegremente. Audam a ordenar as vaccas. No terreiro, uma negra, com uma abada de rollho, cacareja as gallinhas — e as aves surgem dos mattos, do porão da casa, da cocheira; vem a correr, vem a voar e ninhadas apparecem; pintainhos louros. Unidos, olhando com espanto as outras aves que comem com um ruido igual aos das chuvas nas telhas.

Passam [p.i.] e carreiros levando cangas; vai começar o trabalho. Longo vai a garoa, já a matta estremece descobertas, pintalgada de roxo e de amarello. Lavadeiras descem para os correjos e pequenos pastores vão, encosta acima, tocando o gado para o pasto. Faz frio.

Bom dia! Bom dia! E as moças apparecem coradas, os braços cruzados, escondendo as mãos. Olham das janelas mas logo recuam. Que frio! O lavrador sobe á varanda, passeia a olhar pelo terreiro onde o café, em montes, vai sendo curtido pelo tempo. Alli estão os colonos, brancos e negros, cada homem com a sua enxada e uma velha negra lá vai, vagarosa, dando com o fazendeiro detem-se. «Benção, sinhô! Antiga escrava é ainda humilde. Os colonos levam a mão so chapéo e saúdam respeitosamente.

As juntas já estão no carro; os bois rominam. Chega o carreiro, vara em punho, o brada: [p.i.] e lá vão os animaes pelos caminhos frescos. O feitor anda d'um lado para outro tomando nota. Mas, por que não seguem? Que esperam? Uma anda de azul apparece, atoura-se o monte, e a luz vem descendo, descendo, [p.i.] -a no campo. Brilha corvalho as herva [p.i.], lá se vai a neblina e o sol [ps.is.]! lá sobe o carro vagoroso e os colonos seguem a caminho da roça justamente quando a agua do ribeiro, despenhando-se d'alto faz gyrar a roda do moinho. E' o moinho primitivo a [p.i.], movido pela corrente rápida dos correjos ou pelas aguas repousadas dos açudes reservatorios das chuvas beneficentes, azegulas dos ribeirinhos.

Na casa das machinas silva o motor annunciando o trabalho e começa o preparo do café [p.i.] a moagem da [p.i.] enquanto ao longe, ao vivo sol, os cotonos lavram ou adubam a terra ou recolham os productos da sua eterna fecundidade.

A calma é grande meio dia! A casa parece dormir ao sol, fechada e quieta. Ao longe por entre os milhos, sabe um fio de fumo da senzala do negro ou de casa do colono branco: é a familia do trabalhador que lhe prepara o alimento [p.i.] enquanto os filhos brincam no terreiro [p.i.] á sombra da plantação domestica. Piam os bemtevis e os anuns e os gaviões passam nos ares gritando. Muito longe, nos valles, ativa a locomotiva e a terra forte vai fecundando a semente, e sei vai amadurecendo os fructos e as aguas [p.i.] vão regando as raizes até que a brisa fresca começa a soprar. Descamba o sol, cantam as cigarras, recolhem-se os passarinhos. Ahi vem chegando os carros pesados, chiando e a gente, cada mas [p.i.]; recolhem-se os rebanhos vagarosos. O feitor conta a tarefa, o, cada homem segue o caminho de sua casa, uns para o valle, astros para o monte, com o [p.i.] ganho. Anoitece. O luar, alvo e brando estende-se pela paizagem tranqüila; o [p.i.] é apenas cortado pelo canto dos grillos ou pelo [p.i.] junchre de [p.i.]. Ladram cães, muge o gado e o fazendeiro? debruçado á grado da varanda, escuta e [p.i.] das arvores creadoras — um [p.i.] suave [p.i.] todas cantem [p.i.] ao collo os fructos rocem parecidos. E os [t.i.].

N.

FAGULHAS 08/02/1898

N. — Sob o titulo *La question Dreylus* escreve o redactor de *L'eloite do Sul*, em o numero de 5 do corrente, um longo artigo no qual rebate a opinião de varios jornaes d'esta cidade que viram no «escandaloso» processo que é bojo o centro para onde converge a attenção de todo o mundo civilisado «um symploma da decadência moral da França».

Protestando contra essa conclusão diz o articulista. « Em tout temps, daus tous tem pays, [p.i.] y a eu des proces rotentissanta, des questions affertant doutoureusement la [p.i.] national: des *acandules*, al i on employer ce mot.

Partindo d'essa affirmativa insinua o jornalista com subtileza que, em França, pelo menos, há justiça, porque se la estourou a [p.i.] tremenda do Panamá os paizas não hesitaram em arrancar da sua [p.i.] o glorioso de Lesaepa e audaram rebolcando na lama do processo varios nomes illustres e, aqui no Brasil, quando houve a derrocada da *Geral* a justiça cruzou os braços... el le silence [p.i.] sur os vol gigantesque.

Mais adiante diz que a mesma, França não da tréguas aos anarchistas e, no fim do artigo faz uma leve referencia no attentado do dia 5 como a dizer — que aquillo sem, aquillo é que foi crime!!! Essas considerações, porém, passam despercebidas diante das injustas palavras com que o jornalista francez refere-se a Emilio Zola que depois de haver sido aclamado uma das glorias da Humanidade como homem do genio é agora por todo o mundo apontado como um [p.i.] exemplo de abnegação e da misericordia.

[p.i.] jornalista que o artigo de Zola [p.i.] preface d'um [t.i.] Queira o bom Deus que o auctor dos novos epopéns o homem que, como [p.i.] humanos, [t.i.] sahindo do tribunal, onde hontem entrou seguiddo pela symathia universal, resolver-se a escrever as paginas dolorosas d'esse martyrio não sei a sua renda tão honestamente adquirida [p.i.], em mais alguns mil francos possa affirmar, porém que o seu [p.i.] de Homem conquistará todos os corações com sua Penna de artista já conquistou todos os espíritos dos que têm.

Continua [p.i.] adiante o mesmo escriptor [p.i.] extraordinario romancista. [t.i.] n'est pa français.

Não [p.i.] carnaras italianas e os [p.i.] de Roma que estão na Italia estão junta d'essa victima infeliz que por um processo clandestino, para o qual não se reclama piedade mas esclarecimentos foi ultrajada banida e jaz abandonado na ilha do degredo, com um calyna que lhe puzeram, como, no cepro Israelita que carregava os pescadores da familia e da tribo, era atirada a responsabilidade de toda a raça. Não é francez, sim, e houve um alomanto em que elle se esqueceu de que pertencia a França para lembrar-se de que era da Humanidade. Mas, terá a França anima bastante para repudial-o não creio... nem a França nem mesmo *Eloile da Sud*, deixem lá.

FAGULHAS 10/02/1898

Meu caro A.A. —Na carta de X, hontem transcripta na tua *Palestra*, há uma alusão ao meu character de homem de lettras que não deve ficar sem resposta porque até hoje tenho sabido [ps.s.] attiva independência sem descer, [p.i.] a minha penna, a explorações de qualquer espécie. As, cartas que me são dirigidas ficam no meu archivo, não as trago o publico como *reclama* e de muitas que possuo, só uma foi publicada pelo meu amigo Luiz Murat quando appareceu o *Sertão*. Não há um só articulista a quem eu, em qualquer tempo,

houvesse pedido de palavra de socorro, limito-me como homem delicado, a agradecer as que me dirijam, quer sejam bonevolas, quer sejam cruéis.

Provoquei o inquerio sobre o *Inverno em flor*, para que o meu livro, na parte técnica, fosse julgado pelos competentes e seria demasiado egoismo, senão grosseiro orgulho, conservar em meu poder as respostas que gentilmente me foram enviadas pelo clinicos. Nem todas são elogiosas mas posso affirmar que são sinceras todas. A idea que te foi suggerida pelo missivista X, póde dar algum resultado, acho que a debes por em pratica começando, porém, pelo voto da sua consciência que já foi externado n'um protesto solemne pouco depois da representação da *Fantasia*. Agora cheguemos no ponto principal. Na [p.i.] a minha secção traz sempre a inicial N., e os meus pseudonymoas, *Anselmo* [p.i.] ou *Caliban* são conhecidos por elles tomo inteira responsabilidadade mas não sou eu o unico n'esta folha aescrive chronicas. *Manduos é Sianduca*, eu sou eu. Em certa occasião, injustamente accusado de haver escripto algumas linhas que attingiam um cavalheiro, respondi dizendo que tinha, como norma de procedimento, as lindas palavras de Beaumarchais que ainda uma vez transcreve.

«Et mot, semblable au Teriare, a [p.i.] Seylhe un peu tarouche altaquant [p.i.] la plulne, une arme légere a la mata je combats an, açul, á decouvert; es [p.i.] que mou coup [p.i.] at part, échappé d'un bras [p.i.], a'll porco l'sdversaire, onsalt toujours qui l'a lancé, car l'écris sur mon javelos:

Caron de [p.i.] »

Quanto á minha opinião sobre a tua revista, ja estava escripta, ell-a s.

— Vol a scena *O jagunço*, revista dos acontecimentos do anno de 1897, original de Arthur Azevedo.

E', como todas as revistas, um pretexto para chirion e scenographias.

Lastimo sinceramente que o illustre comediographo, que devia axiar a frente dos que fazem a campanha da reabilliação do theatro, insistindo n'um genero de [p.i.] que não tem absolutamente merito litterario concorra para abastadar ainda mais o gosto do publico.

Não há convivencias que obriguem um homem de letras a desviar-se da sua pauta e Arthur Azevedo declarou que, apesar do protesto feito depois da representação da *Fantasia*, não pode negar-se aos insistentes pedidos de um empregario que reclamava a cumplicidade do seu talento para a mais um attentado contra o gosto do publico. Cedeu e ahi está a [p.i.] incitando a concorrência de outros escriptores.

[p.i.] voltar, mania que, felizmente vai arrelecendo a quem, senão a Arthur Azevedo se deve impular a culpa? Entretanto ahi estão n'uma flagrante incoherencia, os seus

escriptos sobre o theatro nos quaes, com acendrado zelo, tanto verbera os que contribuem para a sua decadencia.

Bem sei que não se faz uma reforma artística de um momento para outro [p.i.] de [p.i.] la torce d'inertie du public, on ne le met pás em appetit em tui donnant do premier coup una indigestion. « Os que escrevem para o grande publico são obrigados a conceder, mas conceder não quer dizer decidir.

A opera comica, por exemplo, é um genero agradável no qual o artista pôde trabalhar sem menos preço da sua penna — a musica dá relevo gracioso as scenas sem transformal-as em [p.i.] chulas. Ainda hoje eu ouviria com prazer. *O Barbo Azul. Os sinos de Corneville, A marcette, Os noivos, A donsella Theodora* ou *A princeza dos Cujueiros* a qualquer dellas, porém, prefiro essa gemma da nossa litteratura dramatica. *Uma véspera de Reis*, ao auctor d'O Jagunço.

Pesa-me ver esse escriptor n'um caminho errado porque o considero o primeiro dos nossos comediographos e eu que hoje o accuso, já com fogoso ent [p.i.], o applaudi quando o chamaram á scena na noite memorável da *primeira* da Escola dos Maridos, no mesmo Recreio.

Arthur que tem, como [p.i.] outro a *eis ramiga* é que sabe observar a vida com a finura [p.i.] de um Planto bem poderia dar-nos, de quando em quando, uma comedia não só para que o seu espirito, ferindo o ridículo, aproveitasse A sociedade como tambem para que os seus versos, de uma tão correntia expontaneidade, não parecessem no chavari das senhas alvorçadas e descompostas da revistas.

Sendo elle o favorito dos empregarios e do publico seria, caso tentasse, o [p.i.] do theatro porque não há empreza que rejeite um original patrocinado pelo seu nome: mas Arthur não quer e vai, de concessão em concessão, esquecido do que é o representante acclamado de um genero literário no qual esfleou tão [p.i.] com *A joia*, contribuindo para [p.i.] do theatro.

Se de outra fosse *O jagunço* não viria fazer taes considerações mas trata-se de um mestre trata-se de um [p.i.] que não cessa de clamar contra o abandono em que os poderes públicos deixam o theatro e como que o mestre que os novos façam obra digna se elle os anima com as banalidades que apenas dão para a certeza e como quer que os poderes prestem auxilio ao theatro se elle não existe. Mas justo seria o governo se levasse a proteção á companhia que trabalha na Variedades, [p.i.] drama ou a uma outra que funciona no Sant'Anna, porque essas [p.i.] , mostram boa vontade reagindo, com [p.i.] , contra o genero [p.i.] das revistas e [p.i.] peças [p.i.] .

Queira Arthur Azevedo por a serviço da arte a sua penna e o seu prestígio e o theatro. Em pouco, será uma realidade entre nós mas, se [p.i.] com as [p.i.] boa [p.i.] Arthur e mais [t.i.]

N.

FAGULHAS 11/02/1898

— Da obra colossal de Emilio Zola esta ultima, que elle empreheendeu com tão alevantada coragem é, sem duvida, a mais intensa e o mais comoovedora. Se, como Cristão, elle aparece em todos os *frescos* da extraordinaria caloría dos Rougon Maquart ao lado um monstro agora avulta, patrando sobre essa [p.i.] maniahs do degredo, triste Patahmós onde se realisa-o Apocalyse nefando da Crueldade e do interesse, cercado de um mosntro polycephato arcoroso.

Já não é a mina hiante, a [p.i.] negra de baillo tethal que devora o homem, não é a terra secca nos estilosa, bumida o gelado nos invernos, devolvendo em flor a [p.i.] a suor e a lagrima; não é a calor legada volupia, não é a caviloso política, não e a Bolsa avara, não é a Guerra incendiaria o [p.i.] não é a Religião opressora, não é o ventre egoista nem o cérebro [p.i.] é tudo isso formando as multiplas cabeças de um [p.i.] que tem por escamas libras [p.i.] e que enrolada na [ps.is.] sobre a [p.i.] face da justiça humanas.

Zola glorioso no seu retiro de pensador [p.i.] apenas sahia para ouvir a Humanidade sempre sofredora Zola o [p.i.]. Zola o genio das divindades o cond [p.i.] da vida colletiva, acompanhou em silencio todos os transes [p.i.] de martyrio d'esse homem escolado pela França para [p.i.] embaixador do [p.i.] .

Ele bem viu que o desgraçado não era um homem mas um symbolo não era [ps.is.] que a França expulsara [ps.is.]

[ps.is.]

O romancista levantou-se impetuoso deixando o seu mundo para sahir em defesa d'um martyr do púlpito a da chauceltaria. Nesse momento começou a transfiguração — o poeta fez-se apostolo defendendo o Homem, typo da raça dos reprobos.

Christo, expirando no Calvario, legou a sua cruz ao Judeu e elle anda com ella pelo mundo, sem esperanza de um dia encontrar um homem de Cyrene que lhe de um misericordioso auxilio — o porque tanto o persegue o mundo? será porque leva o sagrado madeiro nos hombros? não, é porque leva a cinta [p.i.] , a bolsa dos trintas dinheiros.

Zola quiz seu o oycinou — o [p.i.] dos Rougon-Moquart [p.i.] a ser um pastor de multidões o agora não é o imaginario, não é a população de Montrou, é a miseria repudinda do Ghello, é a grande familia [p.i.] que, como os deuses da epopéia germanica, soffre por haver tocado no ouro maldicto. A [p.i.] contra Denytus a que campanha socialista — o [p.i.] representa a fortuna e o grito contra a synagoga é um euphemista e Abaixo Israel é uma versão do grito da anarchismo « Abaixo o capital » O é antisemitismo » é um pretexto para expoliações a baixa ou vida em nome de Christo.

O procedimento do Emilio Zola que, deixando a sua cadeira, [p.i.] de artista occupa o banco dos réos e responde no grande. Ao nefando crime da ter a coragem da sua consciencia, tem despertado a sympathia de todo o mundo civilisado. A mocidade, principalmente, levantou-se em toda a parte em favor do gênio de Médan, só aqui n'este canto da América [p.i.] , porque é no seu territorio que Pean Dreytus, os moços guardam silencio.

Não é necessário que o joven Brasil, o Brasil *bárbaro*, o Brasil [p.i.] tome o seu logar ao lado da justiça o da misericordia. Zola não póde ser esquecido pela ala nova da minha patria — é preciso que todo o mundo pertilhe o [ps.is.] que o romancista defende. A França [p.i.] o seu glorioso filho, o povo [p.i.] os jornalistas [ps.is.], moços da minha patria , e que a vossa alma generosa [p.i.] dos estudantes da [p.i.] escriptor, o extraordinario Homem que sendo um dos [p.i.] da literatura contemporânea, é hoje um dos mais dignos representantes da consciencia humana.

Por vós, pelo Brasil, pela América, mocidade [p.i.] acompanhar o grande réo só no tribunal, cujas sentenças nunca foram contratadas como provam os documentos que se referem a Calás, a Lesurque, a Borrás e a tantos outros.

A Zola, meus jovens patrícios.

N.

FAGULHAS 12/02/1898

“ — O pangentissimo quadro devia, mais cedo ou mais tarde, despertar a [p.i.] . Chega essa pobre gente acossada pela misérias vem da fome e do frio, vem da peregrinação [p.i.] do fisco, deixa o lar, deixa a letra exhausta, deixa a passagem natal fazendo-se de rumo para um paiz que lhe disseram ser de misericordia e fartura e, n'ella chegando, encontra e [p.i.] guração magnífica de um sol incomparavel (38°) uma verdura mais bella do que do

bosque da Vitima, mas, em compensação, as almas mais indiferentes que tem sahido do batito de Deus. Pobre gente expatriada: mulheres, velhos e crianças. Sórdidos de andarem rebolcando na lama vincida da prôa, enfermos, famintos, mal poem a pá em terra encostam-se ao primeiro muro, com as bagagens enfileiradas e alli ficam esperando a misericordia ou a morte. As crianças sugam os peitos [p.i.] e, [p.i.] pelo calor, adormecem: os velhos extastados, contemplan o céu de um azul forte e pensam na pátria; as mulheres, de olhos semi-cerrados, com a resignação dos simples, arquejam e os [p.i.] passam deixando aquelle sargaço humano que um fluxo de desespero arrojou ás pratas americanas. Uma de uma vez tenho tido [p.i.] de ver esse espetáculo da [p.i.] nas ruas. Há dias foi junto ás grande família repousada —o sol queimava e, no grupo, havia uma mulher moça que parecia soffrer — tinha á cabeça no collo de um homem e, de olhos fechados, as mãos no peito, arquejava. Não digo por misericordia mas por [p.i.] deviam os poderes competentes pensar no agazalho [ps.is.] que nos vem trazer o coutigente precioso do seu esforço para a propriedade da [ps.is.] doloroso para elles, e vergnhoso para nos.

— Dois estabelecimentos novos na rua do Ouvidor: o *Atelier Guierrez* a Casa Perlla de Vasconcellos [p.i.] Morand. No primeiro trabalham os companheiros do saudoso Gut que lá se ficou nos roductos do Conselheiro e, segundo a tradição artistica por elle deixada os seus sucessores fazem obra digna. Um retrato d’aquella casa é quasi uma immortalisação porque elles não cuidam somente da perfeição dos traços preocupam-se e muito com a inatterabillidade.

[p.i.] e com os preços Na caza *Fertin & Murand*, um estabelecimento elegante, modelo no gênero onde agora se dão [p.i.] todos os artistas encontra o publico além dos magnificos planos todas as obras primas dos mestres e mesmo algumas que, não sendo primas, fazem as delicias dos primos, com sejam as valsas, os [p.i.] *de quatre*, as polhas millitares, que sei! vão lá ver...

— O ágape mensal do *Centro Artístico...* foi um sucesso. Era commissario em 21 de abril, da gomma e deu, como surpresa, uma dentadura completa que foi servida com todas as regras da arte. O commissario, armando de boticão, um boticão!... extrahia os dentes que eram servidos aos couviras com muita distincção e limpeza posto que houvesse alguns obturados. A dentadura foi devorada porque incisivos camnos e molares eram todos [p.i.] ficaram apenas as gengivas e o boticão... mas que boticão!

N.

Parte, II — A hora habitual, contiamos hoje o julgamento de Emile Zois. O tribunal regorgliava.

Deram-se incidentes ainda mais deploraveis que nos dias anteriores. O illustre processando compareceu acompanhado de numerosa guarda; entretanto, o povo não se limitou e valai-o e dar-lhe mornas, pois de vários pontos a furia raivosa atirou-lhe immundicies de toda especie,

Emile Zois não perdeu por isso a calma e n'um momento de relativo silencio, em voz alta, apostrophou a multidão, dizendo que era covarde e indigno este tripudiar da força bruta de milhares de homens pretendendo aggreir a um só.

Nova e mais estrondosa vaia seguiu-se, repetindo-se talvez com maior violencia por occasião da entrada do coronel Plequari cujo aspecto de abatimento faz dó, e que para poder penetrar no tribunal foi preciso que a policia lhe abrisse caminho distribuindo pranchadas pelos popatares mais proximos e teimosos em quererem aggreir esse official.

(Telegramma d'*O Paiz*.)

— A campanha continua e vai assumindo proporções trágicas de um delírio colectivo. [p.i.] debate-se mas a [p.i.] popular, com os seus tentaculos tremendos que são as innumeras corporações do grande Pariz quer, a força arrastal-o para o [ps.is.] — o luctador, porém, não deixa o rochedo insbalavel da sua consciencia e forte, fazendo com o seu ideal um corpo só, resiste a todos os ataques com a coragem soberba de um convicto que, [p.i.] ao soffrimento, tem apenas a noção clara e dominadora da sua Pé.

Já não basta a injuria. Ao que parece os patriotas enrouqueceram porque lá se não ouve o brado vilde *Canspues Zola* [p.i.], agora a affronta é maior. Não foi bastante a manifestação popular. Pariz quer comprometter a propria lama das ruas sem ver que aquella que chegasse ao corpo do athleta ficaria, por isso mesmo, purificada.

O ignomínia! As mãos que se ensangueniaram halendo-se pela Liberdade, as mãos que levantaram as barricadas que foram as trincheiras oppostas ao obscurantismo, as mãos que demoliram, pedra á pedra, as [p.i.] muralhas da Bastilha, cárcere nefando dos Birellos do Homem, as mãos que empunharam os pavilhões gloriosos [p.i.] cuja haste a aguia triumphel, d'azas espalmadas, ia fazendo o mundo a sua presa, as mãos que trouxeram a Humamidade da [p.i.] para a Luz mancha [p.i.] revolvendo a lama das sargetas para apanhar [p.i.] com que predenderam [p.i.] o Homem forte que, defendendo a causa do judeu, defender

os princípios criados pelos revolucionários que criaram para a França o título de Pátria da Liberdade.

O Povo de Paris não está afrontando um [p.i.] está afrontando a sua própria tradução [p.i.]. Essa lama não fica [p.i.] do [ps.is.] isto, vai borrar as da [p.i.], vai negrejar nas lapides dos tumulos as reformadores, chegará aos [p.i.] d'Alembert e de [p.i.], pollu de toda a obra colossal dos que fizeram. Franca o [p.i.] da civilização.

Zola e por assim dizer, a encarnação da Alma generosa da velha França, a «douce França de [p.i.]. A França quer lynchal-o. [p.i.] d'ella! não arrastará, com prelanção, o seu próprio Passado, a sua tradição de Honra e de cavalherismo, a sua Lei e o seu Evangelho. Que importa Dreyfus? não se trata de um judeu, trata-se de um direito humano. O legislador não fez excepções quando dictou os princípios claros que deviam servir de norma á Vida Social; não pensou em crenças teve apenas em mente a igualdade da justiça, que é uma e única. Paris nega ao degradado o direito de [p.i.]. Paris [p.i.] votos atersando, Paris tripudia sobre o Direito, Paris assobia o Luiz integre e applaude [p.i.], Paris quer uma victima para o seu ódio no judeu, tem-n'a, sabe que Ella sofre do degrado... tanto lhe basta. Que importa a sua innocencia? também eram innocentes os martyres de Domiciano. Demais, acima do soffrimento desse homem, acima do Espírito da Lei, acima da propria França, está o exercito, acima do exercito só o [p.i.] .

Zola vai a caminho do martyrio; quis acompanhar o grande [p.i.] com um protesto que foi uma veronica as qual ficou estampada a innocencia do martyre — e não se pode aceitar outra suspeita depois da contamacia dos que negam a revisão — e o mundo, maravilhado e commovido, acompanha o valento defensor da França.

A' [p.i.] que [p.i.] a mais e mais o balariso [p.i.] e inflamante a figura do romancista, serena e magnifica, a volta e impôresa. Vai [p.i.] na treva estupenda d'aquelle delírio o esplendor [p.i.] de uma tão límpida consciencia. Zola coubece bem o Povo e não se afflige com a sua [p.i.] é a ira inconsciente dos oceanos. Mas donde vem os ventos que levantam tamanhos escarcéos? que cavernas encaradas flagellam o [p.i.] coro os seus sopros: achancellaria, o lampio e a [p.i.]. Grande parte do exercito Frances é um producto da disciplina [p.i.] . O official vem da relia para a barraca, deixa o [p.i.] para [p.i.] a espada e, para essas, o Vation [p.i.] É o quartel-general. De um artigo da *Frankfurter* [p.i.], transcripto em *La Tribuna*; de Roma, azirato um pequeno trecho tucisivo.

«L'[p.i.] puro. Si na [p.i.] sono [p.i.] motto terreno [p.i.] esoretto. Si [p.i.] chetutto [p.i.] della guerra, lo sinto maggior generale, [p.i.] terzi degil official di cavallerte, lá metá [p.i.] de fanteria sono [p.i.] del [p.i.]. É si capisce, [p.i.] dinnusl del desulti contano gih

80.000 studenti (dunque altre [p.i.] Quanto i ginnasi dello Sinto) [p.i.] questi [p.i.] ginnasi, del gesulti crescono.

[p.i.] um [t.i.] será n'elle [p.i.] del [p.i.] e perciò si capisco la [ps.is.], cho combattono ali elementi literall [p.i.] peflamento a nella stampa. Com tutto do cresco [p.i.] potere del [ps.is.] tempo della [p.i.] sollitare non é [p.i.]

A diplomacia... há os amigos que exigem [p.i.] e ha os inimigos... Esses são os ventos adversos que [p.i.] o oceano popular, pobre inconsciente que, flue reflue sugestionado pela thaumaturgia da [p.i.] e pode delirio do funalismo. Zola é eo protesto e defendendo o judeu, defende a propria França combalendo um precedente ignóbil.

Nós não podemos olhar com indiferença a sinistra comedia: os exemplos da França são perigosos. Já hontem Valentim Magalhães sahi concitando a mocidade, juntando o seu generoso racismo ao meu appello. A causa é de todos porque é da justiça, defendendo o injuriado defendemos o nosso direito de homens, acciasmando o formidável solitário protestamos confira o [p.i.] nefando que se tramou, a portas fechadas, n'um tribunal de *Pariz*, a capital da civilisação. [p.i.] pode ser um criminoso mas o que o mundo vê na ilha do Diabo é uma victima das predicas jesuitas e das oticantinas dos protocollos.

N.

FAGULHAS 14/02/1898

— *Versos prohibidos*. O titulo desperta a curiosidade, nem foi com outro instituto que o poeta Marcos de Castro (?) o empregou porque em todo o volume 175 paginas) não há um hemisticho, já não digo um verso, que leva carmiro á face mais pudica.

[p.i.] dos Santos, na *Crônica litteraria da Noticia*, fez umas justíssimas considerações sobre o aysthema métrico ([p.i.]) do poeta. O livro tem bellezas e mente-se que é de um poeta, por isso mais impressionem certas extravagancias e alguns versos errados que n'elle apparecem como lesmas um rosoes.

Será o poeta um dos que procuram esse «novo rythmos»? Não sei, mas quero acceitar a hyothese para poder relevar a um artista tão graves peccados.

Quem sabe se o mesmo titulo *Versos prohibidos* não é um salvo conducio para tantas licenças? Ah! «prohibidos» são muitos daquelles versos desde o tempo em que Aristóteles escreveu a sua *Poetica* e, até hoje, não me consta que tenham conseguido dos parnasaídes a necessária licença para a livre circulaçã.

Marcos de Castro, apesar de tudo, é um poeta e dos que sentem e transmittem.

“— *Nimbos*. O poeta Luiz Edmundo é um discípulo de Olavo Bilac e sente-se bem na obra do alumno a poderosa influencia do mestre, um dos seus melhores sonetos: *Claustroi* tem a dolencia melancolica que tanto impressiona na *Ronda* [p.i.] ao artista da *Via Lactea* e nas estrophes delicadas dos *Soffer...* sem grande dificuldade senter-se suggestão.

Nimbar sendo um pequeno volume se estréa honram o seu auctor que é um poeta e dos que se satisfazem com a vulgaridade. Se ainda a Lyra soa, por vewzes, debilmente já anunciaa o cantor prejudios delicados dos *Nimbos* permittem-me saudar do Sr. Luiz Edmundo um poeta que não perecera no [p.i.] dos que langem *á la diable* pelo simples prazer bárbaro de ouvir soar um instrumento e então forem as cordas com força por que não as podem ferir com sentimento.

Com o pseudonymo da *Vida-Yori* escreveu-me um distincto engenheiro de minas pedindo a minha opinião sobre um serie de contos que pretende publicar com o titulo de [p.i.]

Vida-Yori é um sonhador, é dos que ainda vêem o mundo atravéz do coração e os seus contos são todos meigos, não já n’elles um aspecto repugnante, dão todos para o Idéal.

Se não vem trazer observações subtis o moço escriptor apresenta-se como um troveiro e vem cantando e glorificando o amor e as cousas puras. A forma dos seus escriptos revela cuidado e, em alguma d’elles, o assumpto impõem-se suavemente pela delicadeza como em [p.i.] , em *Saudades*, em *Chuva de estrellas* em *Meditações*. O seu volume, a julgar pelos contos que me remetteu, será recobido lisongeiramente pela critica.

N.

FAGULHAS 16/02/1898

— Não é como jornalista que me venho collocar ao lado d’O *Paiz* n’essa campanha iniciada contra a actual administração da Cadeia de Ouro Preto, é como brasileiro: é, em nome dos meus sentimentos de homem que me apresento em campo pondo em defesa dos infelizes a minha Penna, desnecessária porque o primeiro golpe lá foi vibrando pela clava formidável do órgão republicano.

Das impressões que eu trouxe do passeio que fiz a velha cidade de Ouro Preto só uma, ainda hoje, me atristura e commove e é a que me ficou da visita á chamada *Casa das quatro figuras*, que é a Cadeia sinistra, cujos muros de pedra ennegrecida fazem frente ao parapeito de alcaçova que foi a residência dos antigos governadores.

Entre essas duas casas de opressão, como Christo entre os braços da cruz, foi levantada a estatura de Tiradentes. Em torno do monumento do maruyr desfilam os galés com um sinistro tinir de correntes, arquejando ao peso dos fardos que transportam e, quando o sol rebrilha fazendo d'ouro e bronze commemorativo, os prisioneiros, agarrados aos formidáveis verões, lançam os olhos aquella serena imagem do que morreu pela Liberdade e que alli está como uma [p.i.] do presídio.

Quando eu lá estive o povo, o excellento povo mineiro, fallava dos bons sentimentos do administrador d'aquelle estabelecimento pois, apesar disso, chegando a uma das dependencias d'essa torre sinistra encheram-se-me os olhos d'agua. As pedras que formam os muros estão alli há tanto tempo que, ao que parece, já se metteram pela terra readquirindo a vida que tinham quando eram rochedos porque as paredes instilam, estão zabrados pelas [p.i.] da humanidade e o ar ambiente é irio como o hálito de uma caverna.

O sol faz a sua visita misericordiosa mas as muralhas não lhe consentem que penso do palco central. Olhando em torno vi-me como n'uma grande jaula humana e o [p.i.] , o lobrego fundo d'essa jaula, era sordido e trezandava. Os desgraçados espiavam agarrando-se as grades e um havia que [p.i.] de irio, recolhido, indo e vindo, sem parar, descalço e rolo.

Se prisão das mulheres vi um doloroso [p.i.] De coraras, no meio da sala, immunda de olhos baixos, as vestes em trangelhos, estava uma negra idiota. Era a [ps.is.] as companheiras tinham como em divertimento, riam-se dos seus esgares, empurravam-na para que a desgraçada levantasse a cabeça e quando ella arrastando-se e resmungando, [p.i.] a um canto da sala cercavam, n'a rindo, todas crimosas.

Estavam alli porque havia outro logar para olhar, disseram-me Nesse tempo, porém trabalhava-se.

O martello batia a sola e, em todas as solas diante de tripeças, galés tem fazendo sapatos que eram vendidos para todo o Estado. Um dos coodemnados, homem forte e sympathico, extremamente sympathico, disse-me sorrindo «Ah! meu senhor que seria da gente se não fosse o trabalho!» Mas quantas queixas através das grades, quantos pedidos. Eu sahi aterrado .. e nesse tempo havia o trabalho um administrador bondoso.

Vejo, porém, que depois de inaugurada a estatua do marty, a Cadeia passou a outro administração e a pena que alli era grande ainda tornou-se maior com esse suspiro a mais: a suspensão do trabalho.

Além se ser uma caridade vinha uma renda menos [p.i.] das officinas do presidio. Alli mesmo laibaram-me de um homem que tendo obtido o perdão, sahiu da cadeia exagerando a com um peculho procurando a familia a recomendação tranquiha honestamente a vida que interrompera n'um momento de desatino.

Não estamos mais nos tempos nefandos do conde de Assumar não queira o administrador reviver aquellas vergonhas e pungitivas scenas que aterravam o povo quando ainda o território do ouro era a sede de um governo despotico o cruel. Hoje, diante da *Casa das quatro figuras*, não esta simplesmente a guarita de onde o dragão espreitava os movimentos da gente de Antonio mas, está a imagem do precursor da nossa autonomia e não é digno que em presença do que morreu para libertar nos sejam cometidas as atrocidades que foram denunciadas no *O Paiz*.

N

FAGULHAS 18/02/1898

— Meu caro A. A. Desvaneceu-me a tua carta e não sei, francamente, se mais orgulhoso fique como escritor ao como maranhense. Que [p.i.] travem em [p.i.] de litteraria dois homens não é facto que espante por ser commum mas, que assim disputem com tanta cortezia e garbo como no tempo cavalheiresco do rei Authur e o fogo dois maranhotos que, por não serem do rolaír fluminense merecem o titulo escarninho de jagunços, é phennomeno devéras singular. Até são capazes de dizer por ahi que nos ajustamos para dar uma lição exemplar aos ajustamos para dar uma lição exemplar aos que entendem que a razão e a cordura não bastante e vão as farruscas com furia e vão aos impropérios com a espuma e escorrer dos lábios remordidos.

A gloria d'esta discussão serena e lisa cabo tanto no Norte como a nos ambos e, em nome do nosso torrão natal, tão maltratado pelos que tiveram a dita, que eu não invejo, de nascer em outros territorios mais polidos da Republica confesso-me extremamente grato a tua gentileza e ao bom fallar da tua carta.

Agora, em curtas linhas, — á hora do teu folhetim ha um intensismo rescaldo — vamos, ainda uma vez, docemente, calmamente, como em nossa torra, na larga e fresca

varanda domestica, no tempo aromal de florcaconela do manacá, os nossos avós discorriam sobre política ou plantio enquanto as crianças brincavam e as moças de sitio respodiam com cantos a gemedora juris das bolsas, fallar ainda um pouco solto o motivo que nos traz em ajuste.

Os trechos que citastes, do Antonio Salles e do Urbano Duarte, confirmam a minha affirmativa. Diz o primeiro:

— A nossa cidade é bastante civilisada, para que não conte na sua população uma certa quantidade de pessoas que possam freqüentar um theatro onde ao representar peças de valor litterario; por outro lado elle é bastante populosa para que não possua , e um grande maioria, um publico retractario [p.i.] da arte e que pelas suas condições intellectuaes e moraes não pode gostar de outras cousas que não sejam revistas, magicas e cousas semelhantes.

Se ha uma certa quantidade de pessoas que podem frequentar um theatro onde se apresentam peças do valor litterario, porque razão procedes tão ingratamente preferindo baixar o teu talento para que fique ao nível da intelligencia e do gosto da maioria? Porque não has de fazer tambem alguma cousa para essa minoria citada. Diz Urbano Duarte, no trecho que transcreveu confessando que essa peças não passam banalidades.

Os pobres directores theatraes encontram-se em [p.i.]do seguinte dilemma, ao exhibirem excelentes dramas e comedias perante cadeiras vazias, somente inspirados na nobre intuito de regenerar a arte dramatica, ou [p.i.] os expectadores pela isca ao maxixe, pelo cevo da pimenta, pelo chamariz das scenographias e demais condimentos. Preferem a segunda alternativa: fazem muito bem, e eu faria o mesmo . Aquillo é antes de tudo uma industria, sujeito a mil onus e despezas impossivel lhes seria adaptar outra orientação que não a seguinte: peças que não lhe fazem dinheiro.

Que os empregarios optem pelas peças que fazem dinheiro é natural: são industriaes, o escriptor, porém, o escriptor da tua envergadura, não deve baratear o seu talento fazendo delle uma simples mercadoria « para ser servida a vontade do freguez»: talento não é café que se serve simples ou com leite. Para o artista ha sempre alguma cousa superior ao agir — é o cullo

Com as duas transcrições vieste apenas confirmar o que se disse — não chegaste a demonstrar o valor litterario d’*O Jagunço*

Não quis (Deus me livre?) collocar-te no rei dos revisteiros... não! nunca! disse apenas e repito que *O Jagunça* pertence a hedonia família que produzia essa teratologia *O Holophote* e que tem produzido outros monstros.

Não deves o teu nome á chirinola; se não houvesse escripto *O Jagunço* serias o mesmo Arthur Azevedo talvez mata — serias o nosso poeta lyrico mais expontaneo e delicado — já em tempos fiz esta declaração que hoje relicro. A tua reputação foi feita pelos teus sonetos e por outras peças litterarias, nas quaes o teu talento brilha solitario, sem carecer de pinceis de scenographos e de *reco-reco* de orchestras.

Vamos ao final. Não sei se os artistas dramaticos que ahi andam [p.i.] Tanto peças internaes e trucidando Idyllos como o de Bernandi de Saini Pierre e ferem os ouvidos dos espectadores com syllabadas [p.i.] sei que ellas tem boa vontade e são um protesto forte contra o genero que, felizmente, vai ????????

Terminando, meu caro Arthur, affirmo que, se a tortura me favorecesse não hosilaria em fazer me empregario , certo de que, auxillado por um talento de tanto apreço como o teu daria a minha terra um teatro digno e nunca! jamais! faria a um escriptor uma proposta avera que abatesse o genio mesmo que d'esse crime viesse um [p.i.] para meus cofres e fosse todo um [p.i.] para a carteira do meu auxiliar.

Sou um utopista, um puritano, dirão. Será, sou, em arte tão extremado como em religião aquelle Carr [p.i.] que atravessa todo *Crammuell* de Hugo, com a indignação de um Isaias. Sou assim. Oh! Adeus! E' tarde... Queres jantar commigo? sem cerimonia...

N

FAGULHAS 20/02/1898

Vai entrar para o [ps.is.] do educação cívica *A terra fluminense* de Chay Hilar e Coelho Netto que foi [p.i.] approved pelo conselho de instrução do Estado do Rio de Janeiro. Que [p.i.] permitam os auctores transcrever o [p.i.] capitulo IV do volume, [p.i.] .

[ps.is.]

Traz do berço, que fica nos [p.i.] abundantes da Mocais, a 1500 metros acima do *nível do mar*, o nome de [p.i.] hytinga esse formoso rio que musas tem cantado sob o nome de Paratr?? que é o que lhe fica desde que [p.i.] até que depois de um [p.i.] de [p.i.] kylometros, se despeja no mar por duas *bocas* chapadas as barras do *Parabube e do Gargáu*, em S. João da Barra.

Os seus principaes afluentes são, pela *margem* esquerda, o Guararema , o Jaguary, o Parahyhuna, vindo de Minas Geraes e *engrossado* pelas águas do rio Prata, e Penha de desagua acima de 8 Filetes o Muriabé que faz barra pousa acima da cidade de Campos,

pela margem direita, e Pirahy, o Pishanha, e o Dous Rios, formado pelos Rio Grande e Rio Negro.

Tem este rio, que é a *principal* atração de Estado, duas secções praticaveis em barco a vapor a que fica entre Cachoeira e Quiririm e a que fica entre 8 Fidelia e o oceano.

Atravessando longituticamente o extenso territorio [p.i.], o Parahyba espalha os benefícios de sua rega fecundante e abebera as povoações que lhe ficam á margem.

Vindo por elle abaixo, n'uma canoa da pescador, que são muitas as que se aventuram n'esse rio tão salinado de pedras em torno das quaes a água escura livre em cochóes quando não se arreja em [p.i.] e um estilos, tem a gente inenarraveis surpresas, quer de paisagens vastas ao longo das margens, recobertas da verdura, quer nas barrancas das quaes varias pintas se dobrçam adoro a correnteza que não só lhes refrescas as raízes [p.i.] ainda lhes molha no galhos derrendos. Em meio d'água avaltem ilhotas que mais parecem [p.i.] encalhadora á espera do que um [p.i.] mais forte os teve ao sabor das águas do mar infinito.

Nas ilhas apparecem os [p.i.] dos pescadores e, á beira d'água, além da piroga que vai vencendo os redemoinhos e os [p.i.], outra repousa, [p.i.] da [p.i.] Quantos ribeirões e córregos precipitam-se com tribularios no grande rio: Elle desce, [p.i.] toda a agua que mana na visinhança do seu curso é para elle que as [p.i.], é para elle que os rochedos deveriam e os lenções despencam da serra. [p.i.] em cardumes, o [p.i.] pescados e a sua agua, [p.i.] que de aspecto desagradavel porque tem a cor larrente, é delliciosa e [p.i.] de uma conserva em [p.i.] nas quaes [p.i.] annos [p.i.] deteriora-se os que vivem na sua visinhança. Quantos beneficios tira o homem d'esses veias da terra.

Deixamos o riu caudal vejamos o ribeirão é [p.i.] entanto devindas pelo trabalhador la vão as [p.i.] aguas [p.i.] o gado, mais adiante a [p.i.] fez trabalhar a [p.i.]. já alli nem remanso, á [p.i.], nadam crianças La vai elle, sussurrando sempre, a espalhar o seu trabalho, mas sempre regando o campo para revigorado [p.i.] ao açude represado [p.i.] do rio e vai com elle ao mar fazer-se vaga e [p.i.] .

Sobre as águas atira o [p.i.] regando as margens e [ps.is.].

A tarde bandos innumraveis d'aves buscam as aguas as bebem [p.i.] para os ninhos logo que se [p.i.] e a noite quando o [p.i.] faz do prata as [p.i.] do rio as [p.i.] as margens onde ficam [ps.is.].

[f.i.]

N

Foi justamente n'um domingo de carnaval, disse o Dr. Theodoro, e das pílulas [p.i.] os cabellos louros da sua primeira neta que corraera a refugiar-se entre as suas pernas magras com medo dos [p.i.] que alvoroçaram a [p.i.] tranquilla. Foi justamente n'um domingo de carnaval... estávamos a mesa quando bateram a porta. Não sei se conheceu a Lucrecia, uma velha negra que foi [p.i.] da Gabriella? excellente creatura, meu amigo; e o medico abriu parenthesis para fazer o [p.i.] da negra concluindo com uma exclamação, mas que medrosa! Foi Ella ver quem [p.i.] a, de repente, ouvimos um grito tão agudo que nos levantamos todos violentamente mas a negra já estava na sala tremula, descalça sem a [p.i.], com os olhos cheios d'um grande pavor.

— Cruzes:

— Que rapariga! O copeiro, que fora a porta, chegou justamente quando a negra engolia um copo d'agua que lhe havia dado a Gabriella.

— É uma mascara, senhor doutor. Quer fallar com Vossa Senhoria.

— Não tenho negócios com mascarados.

— Ah! meu senhor, vosmicê não pode imaginar a cara... Parece mesmo um diabo do inferno, disse a negra arquejando. O copeiro, que havia ido despachar a mascara, tornou meio vexado:

— Elle disse que precisa muito fallar com Vossa Senhoria. Levantei-me enfadado e disposto a fazer subir o importuno. Era um bebe, nada tinha de horrível, a mascara representava uma cara risonha de criança:

— Que quer, meu amigo?

O desgraçado levantou a mascara e eu vi, com espanto, uma cara de homem, espessamente coberta de barba negra e suada mas, o sorriso que aquella transição de phuslunomia provocara desapareceu do meu rosto porque chorava.

— Sr. doutor, pelo amor de Deus! venha commigo... minhas filhinha está a morte.

— Pois o senhor vem assim chamar-me para ver sua filha?

— Ah! Sr. doutor, eu sahi de manhã, deixai-a boa, brincando, e agora, chegando a casa para comer alguma cousa, encontrei minha mulher em prantos a criança... nem pensei em tirar a mascara, fiquei como louco! Venha. Sr. doutor. Eu sei que V.S. tem filhos... Eu só tenho aquella...

— É muito longe?

— Não, senhor... é aqui pertinho.

— Bem, vou tomar o meu chapéo. E sahi com o bebé, com grande espanto dos visinhos e não imagina, meu amigo, a impressão que me produziram os soluços do desgraçado eu baixara a mascara ridícula para que não lhe vissem as lagrimas. Quando cheguei a entrada da estalagem ouvi gritos fancinantes e o desgraçado precipitou-se, sem mesmo levantar a mascara, desaparecendo em um dos cubiculos.

— A criança tinha morrido?...

— É verdade. E, quando entrei no quarto, o infeliz, de joelhos diante de uma caminha de ferro soluçava enquanto uma mulher caridosa desatava os cordões da mascara que ria. A criança era realmente bonita... N'isso a pequenina neta do doutor Theodorio soltou um grito e escondeu a cabeçinha no collo do avô; um diabinho, agarrado ao portão, saltava e rugia.

— E' um mascarado, minha filha, não tenhas medo... E voltando-se de novo para mim, concluiu: Pois é verdade... Isso foi em 1880 ou 81...

N.

FAGULHAS 25/02/1898

— Os novelistas italianos, descrevendo o paiz madraço de Cocagne, onde a vida era facil e regalada, dizem que n'elle havia terriveis [p.i.] com o distico. «*Para os que trabalham*» Ai! eram encerrados os que, por fastio da indolencia, preferiam cultivar a terra a tomar das arvores [p.i.], não só os fructos saborosos como tambem os [p.i.] e os lagostins já prompios.

A França, á imitação da terra *lucta a indolente*, pode reerguer a Bastilha poudo-lhe na fachada sombria, em grandes letras negras, o lemma: «*Prisão para os que tem consciência.*»

Zola vai [p.i.] o carcere. [p.i.] da justiça humana a penitenciaria de Pariz vai nivelar-se com o *Petrório* de Jerusalém. O povo da antiga Lutecéia póde rejubilar e os juizes, que não se contentaram com a bolsa do romancista porque além dos 3.000 francos de multa a nós [p.i.] lhe furtaram em rumo de vida, fizeram do escriptor um symbolo transformando um processo n'um mariyrologio.

A [p.i.] de Zola vai ser fundida com o mesmo ferro das algemas de Prometheu o seu grabalo será aplainado no tronco de cruzeiro do [p.i.] porque elle tambem como o filho do Japeto e como o filho de Maria soffre por ter querido [p.i.] os direitos do homem.

Zola está como Lotta: garantindo [p.i.] contra o sarcasmo do mundo. Deus, antes de arrazar com o fogo as cidades malditas respondeu ao [p.i.] misericordiosa que, se n'elles [p.i.] um justo, [p.i.] a condenação e elle que as [p.i.] foi porque não encontrou, nem mesmo n'um berço, quem merecesse a [p.i.] piedade. A França é mais feliz: tem vinda a figura colossal do artista para [p.i.] do apodo e do [p.i.] do Universo.

Não, a gloria da França não esta extincta, a sua nobreza ainda [p.i.], vive [p.i.] a sua Honra lá estão no fundo de um carcere como uma reliquia saniz: o calabouço é um Pantbeon.

Os galés, vendo entrar esse Homem, ficarão maravilhados como os de Ca [p.i.] naum ficaram quando viram apparecer Jesus. Um levava, como murcota, adivina irradiação, o outro [p.i.] o seu genio e a sua consciencia um [p.i.] em [p.i.] de Deus, o outro tallura em nome da justiça. Em Jerusalém foi o Povo que exigia de Pilatus a condenação do justos., em Pariz foi tambem o Povo amollado que pediu a peça para o escriptor.

Na scena [p.i.] São os curados: é o torto de hontem que, tendo feito da [p.i.] ou cajado brande-o com luria no peiristytto do Pretoria, é o [p.i.] da vespera já não, que brama, é o cégo dotado da vista que urra pedindo a morte de seu benfeitor, é o ressuscitado que vocifera, é o mudo que faz uso da palavra que [p.i.] dado pelo nazareno para [p.i.] a cruz, é toda a escoria tratada pelo Messias que pede a sua condenação, preferindo Barrabás.

Em Pariz é o povo é a gente ao [p.i.] do *Ventre de Portz, da Nana*, do Germinot, *da Terra, da Bela Humaine*, de L'argent, da Debatiz, toda essa grande massa [t.i.] com a piedade de um irmão e a crença da um retornador, paginado pelos seus diretos a mesmo, como os *Debatiz...* procurando rehabilital-o reforçando-o com applicação de um cantico forte shira a sua [p.i.].

O Povo de Pariz não tem a generosidade de Pheynéa que perdoou a Hypêrdes a [p.i.] Zola, para conseguir do mundo o perdão para nos tantos crimes da França, desnuda-a quem a vê tão formosa d'alma e tão cheia de cicatrizes desde a que o operário tem no [p.i.] feita pela terra da officina até a do volerano ganha aos com bales; quem a vê na terra soffrendo e luctando com a exbaustação do solo, quem a vê nas [p.i.] resignada, quem a vê em Sedan heróica no infortúnio, quem a vê na Arte luctando pelo ideal, perdoa-lhe todos os pequenos crimes e [p.i.] ... A França, porém, assim não estando e os Rougon e os Maequarte e os Caupeau e os Lautier e os Founa, todos os representanies d'essa família que deu homem a flor e ao sete da terra, a [p.i.], ao altar, ao regimento, á borda, do atelier, ao laboratório, ao prostibulo, á Bolsa, ao carcere e ao Paraíso são os que pedem, com mais fúria a condenação

do [p.i.] que fez, com as suas misérias com as suas furtunas, com os seus crimes e com as suas lagrimas um monumento [p.i.].

A França não podia permittir que o [p.i.] tocasse no Zampa da justiça para que o mundo viesse, com as lenda da [p.i.], que o faço da deusa era uma [p.i.] mascara do [p.i.] , Zola foi condenados pelos seus heróes— foram os baixo relavos do seu [p.i.] que se [p.i.] .

São importa— a sua retirada da arena foi tremenda como a de um partho porque a me ultima phrase no tribunal penetrou fundo o coração da França e, no estreito carcere onde vai se enterrado o [p.i.] cantara, como Ragnar, as torre das vibogas, não com o estribilio [p.i.] «temos ferido com a espada» mas com a doce e piedosa phrase: « [p.i.] -me pela Justiça. » E ao deixar a prisão, [p.i.] e com a alma pesada de amargores, esse filtro repetido [p.i.] , por certo, para o seio materno [p.i.] uma perola [p.i.] no oceano sombrio e [p.i.] da vida, a epopéa da agonia que falta á sua obra — *O [p.i.]* . E nesse dia, talvez a França peça sua cabeça [p.i.] para repasto da guilhotina.

No seu carcere, quando elle o deixar, irão bem os versos de Royron escriptos sobre a [p.i.] :

Chillon! thy prison is a holy [p.i.]

And thy sad floor an altar — for was trod. Unill his very alena have [p.i.] a trace .

Unill histis very alepa have [p.i.] a trace

Wern, as it thy cola pavement were a sof [p.i.] Varimay none those marks [p.i.]
for thy apcal from tyramy to God.

E... viva a França!

N.

FAGULHAS 26/02/1898

— No meu sertão onde ainda todos os preceitos relligiosos são extrictamente observados porque, em verdade, fica elle muito longe para que o seepitcismo possa chegar até la, quando entra a semana santa ninguem ousa fazer correr sangue de um animal, sem estrihilhar uma canção, nem pronunciar uma palavra má — o tempo e pouco para rezas e penitencias e os sertanejos apenas trazem o expirito mystocismo a realidade e hora da consoasa que o sempre de saboroso pescado com um pratarraz de arroz o outro pratarraz de legumes.

Caminha-se passos subtis; os mesmos passarinhos guardam respeitoso silencio nos ramos e o gado, segundo é crença, não muge nas malhadas. N'esse tempo de angustia , enquanto o Cordeiro padece, tolgam as crianças.

Certos da impunidade porque não ha mãe, por mais rsipida que sejam que se atreva a cortar uma vara da goiabeira para chamar a ordem um petiz traquinas, fazem toda a sorte da travessuras, vão aos açudes com risco de lá ficar, sobem as arvores montam os potros, rebuscam na herva os ninhos das galinholas e as máis — com o sangue a ferver — dizem apenas ameaçando com o dedo — Deixa-te estar, no sabbado da alleluia tu me has de pagar tudo por conta.

Ah! mas o sabbado d'alleluia ainda vem longe e lá vai a criança da campo á fora cabriolando, aos berros enquanto em casa a familia, devolamente reunida, canta as orações da Paixão diante do oratorio [p.i.] minado onde Christo [p.i.], os braços abertos n'um cruzeiro negro, e cabeça pendida, expira. Ah bom tempo.

Mas que supplicante manhã a do sabbado para os que haviam feito travessuras! Mal o galo cantava ainda o dia estava em casa de Nosso Senhor, como por la dizem, já o [ps.is.] da rede, la pé ante pé fugindo para o campo e atrás s'elle outro, e outro [ps.is.] vazias e a pequeninas [p.i.] entre a herva, o ouvido á senta, o coração aos pulos, paperava, pallida, que rompesse a alleluia.

Bimbalhavam os sinos, estouravam as roqueiras e os bacamortes «logo um porco coinchava com uma [p.i.] nos gorgonilhos. Rompera a alleluia. E estavam as [p.i.] beiras, lá tem varas [p.i.] al! que ai as Jesus! o as mais que não haviam esquecido as [ps.is.], bradavam fazendo [p.i.] a vara ameaçadora. Passa para a casa, Joaquim [p.i.] Antonio, [p.i.] » Vem se não eu vou te buscar, corto-te pedaço do não sei que diga. Ha as [p.i.] vem já p'ra aqui assanhado. Onde estará mettido esse escummungado. [p.i.] E cães fungiam cantando [t.i.] puxando a herva para as cabeça [p.i.] tendo a respiração.

Mas a fome tocava [p.i.] e lá estava a vara de goiabeira para [p.i.] a alleluia e as mais, que se [p.i.] semana [p.i.] porque era cada varada que [p.i.] pensar [p.i.] semana santa de [p.i.] levam [p.i.]

[ps.is.]

N.

— Annita Campoamos que perca a esperança de reaver as suas jóias. Esse homemsinho louro, solícito, que aboou com ellas fez o mesmo serviço em minha casa e, posso garantir que ninguém limpa as gavetas de um contador como ele... ah! não fica uma gramma de ouro! Quando Alfredo, sem cerimônia e sem chave, abriu o móvel onde eu guardava as minhas jóias, pondo-se a andar com ellas corri á policia e, pedindo todas as providencias, ouvi de um acclivissimo delegado que iam ser postos no encaço do gatuno os agentes mais sagazes e, effectivamente, ordens peremporias foram expedidas n'esse sentido, mesmo commigo sahiram dous dos taes agentes e percorremos varias ruas visitando belesgas sombrias nas quaes, disseram-me em segredo ou agentes, costumavam reunir-se os mais lumosos gatunos do Rio de Janeiro. Excusado é dizer que eu tornei para a casa estalado e sem jóias. Os agentes, creio eu, ficaram no encaço do Alfredo. Dias depois, n'um domingo, sahia ou da minha ducha quando no [p.i.] dizer que um homem estava á porta pedindo para fallar me ,e, com urgencia. Com urgencia fui mesmo embrulhado no jupon receber a visita matinal e, a pessoa que me procurava, logo que deu commigo, desdobrou diante dos meus olhos uma carta assignada por um Sr. Castro, de Petrópolis, garantindo o criado Alfredo de tal que havia exercido com fidelidade e zelo as funções de copeiro em sua casa.

Reconhecendo a letra dei um salto: foi com esta carta que aqui viu ter um lamoso potilo que, ao [p.i.] de [p.i.] dias de! [p.i.] a casa sumindo-se com alguns contos de réis um joais. O homem com um suspiro arrancado disse pungentemente.

Ah meu senhor eu tambem fui victima desse [p.i.]. Levou-me de casa perto de oito contos de joias. Eu vim para propor lhe um plano.

— Mas pollicia poz todos os seus agentes sagazes no enlaço do patife meu caro senhor.

— Ora, a pollicia... Pois, meu amigo, o senhor dos [p.i.] contra o [p.i.] , deu todos os signaes do homem...

— Fiz um verdadeiro retrato... [p.i.] tava falar...

Pois bem o que fez pollicia?

Poz no encaço do patife no seus agentes mais sagazes...!

Ah! os seus agentes mais sagazes... elles não conseguiram ver o gatuno que estava a dous passos da pollicia!

Como a dous passos da pollicia?

Sim senhor, em minha casa porque eu sou o proprietario da [p.i.] *Lavradra*

Muito praze [ps.is.] defronte da pollicia. Defronte com a pollicia
Defron [ps.is.] meu amigo, de [ps.is.]
É possível que a pollicia não tenha querido prendel-o em sua casa [p.i.] [p.i.]
vizinhança. O senhor sabe [p.i.]
[ps.is.]
[ps.is.]

N.

FAGULHAS 01/03/1898

Por um telegrama transmittido ao Paiz vi que as auctoridades do Estado de Minas, tomando em justa consideração, os commentarios produzidos pelo brilhante órgão sobre a cadeia de Ouro Preto, deram-se pressa em syndicar da verdade e já iniciaram uma verificação cuidadosa no tremendo edificio de onde foi banido a misericordia. Não é conhecido, por emquanto, o resultado d'esse inquérito mas, confiando na justiça dos que representam n'aquelle território a lei podemos contar com as providencias reclamadas. Sobre o mesmo assumpto recebi a carta que passo a transcrever integralmente para que não continuem na promiscuidade terrível duas creanças que se vão educando na escola do crime.

«Ouro Preto, 17 de novembro de 1898, — »Um Sr. N. — Li hoje na *Gazeta* o vosso magistral artigo sobre a *Caza das quatro figuras* desta cidade. Conhecendo o infortunado dos desgraçados que alli se accumulam, vi quão verdadeira é a narração que fazeis do que alli se passa, mas é preciso ser justo, dando a cada um a responsabilidade que lhe cabe: acima do administrador da cadeia, já uma auctoridade a quem compete velar por estes infelizes.

Além dos compugentos miserias alli encarceradas que a vossa Penna ardente tão bem descreveu, uma existe ainda que puage o coração e revolta os sentimentos de humanidade nos mais empedernidos pellos.

Em uma prisão infecta estão atiradas duas crianças que necessitariam antes de uma curador do que um carcereiro; uma é um negrinho esperto, de 10 annos no maximo, cujas roupas andrajosas contrastam com a vivacidade do rosto e que alli está n'aquella auto-camara do crime a lazer aprendizagem que o tornará talvez um grande lacinora; a outra um rapazinho branco, de 14 para 15 annos, filho de um celebre criminoso há pouco assassinado, o que alli

está provavelmente, sem crime a secretar odio contra a humanidade, e que certamente n'um meio diverso se tornaria um cidadão útil.

Não se pode com justiça increpar somente ao administrador esta attentado brutal contra os sentimentos de humanidade; a combra da defesa de vossa penna, pondo a causa d'estes dous desgraçadinhos, e tereis creado mais um titulo é admiração de vossa constante leitora. — *Elza.*»

Sendo verdade, como presumo, o que vem denunciado nas linhas da carta, é caso para os juizes, que são os patronos das crianças desvalidas, cuidarem, como lhes compete, de salvar em tempo esses dous abandonados.

N.

FAGULHAS 06/03/1898

Nem as languidas mulheres da Syria, nem os [p.i.] conseguiam, com os seus [p.i.] e com os seus esgamas, abrandar a cólera do rei Saul, [p.i.] de Jerusalém. Quando elle entrava e, furia todos os divertimentos, em vez de exercerem como calmantes do espirito mais o excitavam e o rei, em revolta, repetia quantos [p.i.] assmento [p.i.] no acercavain só permittindo a presença de um pastor: David que, com o seu rimor, conseguia desvanecer a colera mal.

Os [p.i.], nas enfermidades, repetiam os medicos preferindo ficar com os acaldes e [p.i.] que lhes tem cantando as doces legendas da patria, acompanhando-se á harpa. Eu bem sei quanto pode um poeta quando se quer servir da sua lyra. Aqui estou eu que, durante a minha enfermidade, corta mas dolorosa, só encontrei allivio nos poetas e posso garantir que as estrophes operaram com mais efficacia do que os [p.i.].

Já um conego procurou por em voga a therapeutica musical empregando os instrumentos da musica na cura de varias moléstias, não sei se conseguiu alguma cousa. Ainda não vi um medico receitar, para hepatites, por exemplo, assomphone simples, pode ser que aproveite, não affirmo... mas que a musica dos versos é curativa posso em atestarr que venho de uma enfermidade da qual me livreii com dois poemas de Nusset, alguns tercetos do Dante e Um canto dos Lusíadas.

Já me sentia melhor quando me chegou as mãos um magnífico presente, vindo das serras mineiras. Porque não sou egoísta, não quero guardar e divido-o com os meus leitores.

Apezar do pseudonymo —Gay d’Alvim, —estou certo de que todos descobrirão o mystico poeta auctor d’esses terceiros graves. Ahi vão elles dando uma vida intensa ao pallido escripto [p.i.] convalescido.

A LA [p.i.]

O meu mal pude-o auctor,
Este porque todo á vosso,
Que vos não doa não posso
Sá de Mirando.

Falanceles

Senhora, não pode quem
Soffro assim como [p.i.],
Querer mal e querer bem.

Bem querida vos sereis
Por toda a corte do céu
E pelas cortes dos reis:

Mas querer-vos tal como tu.
Ninguém no mundo vos quis.
Nem monstros de amor vos deu.

Ora o vosso olhar me diz.
Que nem por sombras me quis
Com os seus olhares subtias

Ora que não, que mulher,
Sendo, amar toda podeis
Se o nosso peito quizer.

Afortunada sereis
Se vos [p.i.] de nós,
Pois o que soffro, soffreis.

Attendeis á minha voz,
Que sendo minha como [p.i.],
Não deixa de ser de vós.

Amemo-nos, a lá fé.

GUY n'ALVNS.

[p.i.] , Fort. 1827

FAGULHAS 08/03/1898

O trágico incidente que terminou com a morte de Felix Cavalloti vai, certamente, provocar os defensores e os antagonistas do duello a discussões que, talvez, levem ao terreno outros contendores. São em avultado numero os parciaes do combate singular e ou estaria com ellas se não fosse absoluta a minha ignorância em maleria de esgrima. Eu, com um floreto na mão... não sei que hei de fazer d'elle.

...Mas, platonicamente, sou pelo duello... platonicamente? não que já recebi, em pleno peito, uma valente estocada. Foi isso em fins de 1888, no fundo de um jardim, em Paquetá. Bati-me com um leão: o diabo é que eu não achava o peito do meu adversário posto que elle estivesse diante dos meus olhos mas um terrinho fuminoso e cantante [p.i.] se tão tenazmente nos meus golpes que, perdi a calma, parti a fundo e... espotei-me com muita convicção. Depois juntamos.

O duello vai rareando mas houve um tempo em que não só era tolerado como ainda a Egreja e a Justiça o aconselhavam. Havia o duello judiciario dos quaes o mais notavel foi o que se travou entre os Srs. [p.i.] e De La Chatnignerate em presença de Henrique II «de toda a sua corte, ficando mortalmente ferido, com o famoso golpe de Jarnar, o segundo adversario. Os nobres brigões e mesmo os pacificos e devotos preludos tinham campeões [p.i.] que sahiam a terça por elles quando as circumetancias exigiam [p.i.], na [p.i.] , diz: «Um dos mais curiosos empregados do bispo Ricardo de Swin [p.i.] bispo de [p.i.] era

Thomas de Bruges, seu campeão que recebia um salário annual para [p.i.] se um nome do prelado em casos de processos terminados pelo duello judiciário.»

No tempo rigoso de Henrique III, os *mignona* secundando-se, atacavam, armados de adaga e de espada cavalleiros e peões. Nem estopre levavam a melhor, porque, como succedeu quando investiram com Autreguetm favorito de duque de Guise, deixaram no terreno, entre outros. Queluz que farei animall singullaremente. Em todo caso esses *mignou* eram terriveis attiradores, e, n'esse tempo, o jogo das armas fazia parte da educação.

Hoje há um [p.i.] e um Conte, na Itália, há um Merignac e um Rue em França ha mestres d'armas na Alemanha, e aqui? ha [p.i.] espadachins na Hespanha, e aqui? ha o professor Lauret, e, no outro há, d'elle não sei... de sorte que, um duello é epée ou [p.i.] entre nós, longe de ser tragico é comico. Imaginem dous pobres diabos que nunca viram um florete, frente á frente, com as armas cruzadas, tocando tympano...

—Anda, [p.i.] !

—Eu, não, fura você.... Fura, mas vê lá... se me machucares quebro-te a cara. E começam aos saltos, a 20 passos um do outro, até que resolvam atirar longe as armas ferrando-se a murros.

Na brilhante defesa do duello produzida pelo jornalista de S. Paulo, Dr. Leopoldo de Freitas a proposito do processo instaurado contra o Sr. Vitaliano Botellini, redactor da [p.i.] , transcreve o provectora a opinião de Cavier, no conselho de estado no 1º imperio napoleonico.

«Há ofensas que a justiça legal não pode punir e, n'este numero, figuram aquellas que se ligam a motivos tão melindrosos e aspectaes que o offendido se envergonha de vir expol-as á publicidade invocando a acção do poder regulador: em [p.i.] circunstancias é impossivel deixar de appellar para o duello.»

Concordo... se os contendores [p.i.] do riscado mas se não souberem lidar com armas brancas? Que appellem para a pistola... dirão, isso não [p.i.] é [p.i.] de mais. Ainda se houvesse uma arma malantinha... há o pão muido, isso o pão muido que é obra... e deixem lá cada um enterra seu pai como póde.

N.

— A conservação das estradas e das pontes da Inglaterra era, no século XIV um dos encargos geraes que pensavam, como o serviço militar, sobre o conjuncto da nação. Todos os proprietários ruraes eram obrigados, em theoria, a selar pelo bom estado dos caminhos, seus foreiros deviam executar por elles todas as reparações.

Assim escreve um dos escriptores que mais profundamente tem procurado estudar e reconstruir, sobre documento antheticos, á vida ingleza dos séculos passados.

Trabalhos taes os bons saxonios consideravam «obras pias» como a assistencia aos enfermos e aos necessitados porque d'elles dependia a segurança dos que viajavam nesse seculo andejo em que a propria justiça, sem tribunaes estabelecidos, abalava-se com o seu sequilo de domandistas e do explicadores e, instalando-se nos albergues com os seus scherilis, chamava os que tinham queixas a allegar e emborcando cantaros de cerveja la condemnando, multando ou absolvendo. Eram tão altamente consideradas essas obras que, no século XII instituiu-se uma ordem religiosa dos *irmãos pontifes*, ou fazedores de pontes, que não só construiam como ainda zelozamente conservam esse meios de transito garantindo aos nômadés um caminho seguro.

Assim os inglezes bem cedo começaram a preparar o terreno para o Progresso porque não se comprehende que o Progresso anda com pressa em ruas, como as nossas, por exemplo, que, se não são piedosamente conservadas por monges, menos e são polas turmas da Intendência.

Quem quizer conhecer abysmos faça como eu que, aproveitando essas deliciosas noites de luar, tenho percorrido varias ruas elegantes de Botafogo e de Laranjeiras na minha idellíssima Wolff.

Na rua das Laranjeiras precipitei-me em tão profundo abysmo que... que me perdi. Fiquei algum tempo duvidando da minha idoneidade. Serei eu mesmo? Não, não sou eu... eu não *pince-nez* e quem está aqui coberto de poeira não tem *pincenez* e, como um gaulez, traz um galio na frente e uma rotula manchada de roxo. Desci ao abysmo e já achei, como no fundo de uma mina, a minha formidavel machina e foi a luz intensa da sua [p.i.] que descobri o meu *pince-nez*... Reconheci-me então e vim, aos solavancos, cuidar das [p.i.].

Outro cyclista meu amigo, cyclista capaz de disputar com o Nelson, foi mais infeliz — rolou com a sua machina em tão funda crovasse (rua do [p.i.]) que perdeu os sentidos... eu acho preferível perder o *pince-nez*. E toda a cidade está assim cheia de precipícios e de valliados porque a Intendencia, que se oppaz ás montanhas russas para evitar a concorrência, entende que a planície é monotona e conserve os accidentes provocando outros, o meu inclusive.

Se os mongos quizessem fazer como os seus irmãos do velho tempo outro gallo nos cantaria, (não na testa) mas os mongos de agora não querem saber de calçamentos, metten-se nos claustros e quem quizer quebrar as ventas que as quebra á vontade. Decididamente com as ruas em tão triste abandono não é crível que o Progresso appareça, o Progresso caminha, quem caminha tem pés e, quem tem pés não pode aguentar as nossas calçadas e muito menos vortices tremendos das ruas.

Eu sempre queria ver o nosso honrado prefeito em uma bicyclette arborizando a cidade com as figueiras que plantasse. Talvez lucrássemos com isso, depois d'uma exposição de uvas, uma exposição de figos... Eu já plantei varias figueiras que estão ás ordens da Sociedade Nacional de Agricultura e, se todas que poe ahi tem sido plantadas pegassem o estrangeiros que entrasse no Rio de Janeiro, diria, como no *Cancioneiro*:

No figueiral Figueiredo

No figueiral entrei...

— A propósito; então o homem do barracão quer mais três annos de vida para a almanjarra?... o nomes! e não bayerá por ahi uma lata de kerozene?... Três annos mais para a Entrada da esquadra legal três outros depois para a *Sahida*... Nunca, senhor prefeito!

N.

FAGULHAS 18/03/1898

Extremamente debilitado, mal podendo a Penna que me pesa como uma vingança, venho trazer as minhas calorosas felicitações nos artistas do Apollo que, segundo affirmou Arthur Azevedo, vão inaugurar uma serie de espetáculos verdadeiramente artístico levando a scena comedias de Martins Penna, peças de auctores nacionnaes e estrangeiras.

Essa iniciativas dos artistas foras os creadores do favor publico e do bolejo official, porque [p.i.]o tempo dos governos que nos regem cuidam [p.i.] um pouco do espírito nacional, dando freguez á politicagem infesta que tanto nos tem [p.i.] o deprimido. O [p.i.]

em de uma nação mede-se pelo seu nível intelectual e só pela intelligencia [p.i.] os povos relações fortes e [p.i.], porque são os poetas os [p.i.] entre uma e outra raça.

A tentativa dos artistas do Apollo é das mais sympathicas, devo mesmo dizer; das mais patrioticas, mas, para que lhe não succeda ficarem em meio, á mingua do recursos, é necessario que o publico e todos quantos se interessam pela verdadeira Arte corram em auxilio dos que anciosamente vão por uma aventura de exilio duvidoso.

Posto que [p.i.] cultivar a litteratura dramatica onde já declaro, para evitar futuras [p.i.] , que não sou um concorrente uma se d'algum modo a minha penna de chronista puder prestar qualquer auxilio nos que se vão arriscar em passo tão [p.i.] aqui fico prompto a pugnar pelos [p.i.] com a mesma correção com que n'esta e em outra, folhas tenho attacado a invasão da litteratura dramatica que, não só deprava e gosta do publico como abastarda e [p.i.] os artistas que a interpretam.

Agora que apparece um grupo disposto a [p.i.] a experiencia cabe-nos sahir a campo pletteando por elle para que, com a proteção e com o acoreçoamento possa desenvolver-se o germen que carinhosamente vai ser lançado e em época, por todos os motivos [p.i.] a germinação.

D'esse reduzido agrupamento pode sair o nosso [p.i.] theatro — na Inglaterra e na França foi assim que elle nasceu, sem pompa, pobrementemente, modestamente para chegar, com o tempo ao [p.i.] de hoje.

Que venham procedidos pela Fortuna o publico não os de deixar esquecidos e, quem sabe lá! e até possível que o prefeito, que é homem inteligente e grande amator de boas letras vendo a boa vontade dos artistas julguem [p.i.] o momento para entrar com a sua valiosa produção em favor do theatro.

O grupo pretende começar realisando *matinéés* nos domingos Arthur Azevedo entende, e com razão, que muito perdem os espetaculos, a luz do sol, principalmente com os nossos theatros abertos, mas não exijamos muito no [p.i.] — o sacrificio já não é pequeno na época actual.

Que, ao menos, com essas fantativas vão os seus [p.i.] creando um grupo de artistas de drama e de comedia e preparando o publico para a obra definitiva da regeneração do theatro. Do [p.i.] onde ainda me mantem a enfermidade envio ao actor Nazareth e aos seus companheiros as minhas felicitações.

N.

O veneravel [p.i.] , sentir das águas selitradas, sahio, por instante da [p.i.] em que tem jazido e, sacudindo os braços verdes, recobertos de alga por em tal alvoroço as ondas que os navios que navegavam serenamente [p.i.] o rumo e deram por péos e por [p.i.] indo mesmo alguns para as fundas [p.i.] os pantar os glaucos tristões e as [p.i.] arenas.

Nas proximidades de [p.i.] Garela o vapor *Diamantino* foi de encontro ao [p.i.]. Entre os dois não consta que houvesse motivos de discórdia para que o brasileiro fosse com as rombas sobre o inglez, os mesmos commandantes ficaram pasmados quando viram [p.i.] paquetes em lucta corporal... [p.i.] pressuposos mas já o *Diamantino*, se havia investido fazia água e, com muita convicção e um rombo, mergulhava. Os as águas lhe sejam leves.

[p.i.], um vapor [p.i.], metteu a pique o *Coathan* levou para o seio das águas trigo, e lãs da sorte que a gente marinha não soffrerá fome nem frio enquanto houver carga no [p.i.] da [p.i.] do sinistro.

Aqui bem perto da cidade o *limpava* envolvendo pelo nevoeiro, encalhou. Dizem os entendidos em mytholdda que os nevoeiros são feitas com os bocejos de Poschiou. Não affirmo, sei porem, porque li, que houve um episodio que deixa em sombra o caso do mensageiro e, Eschyjo. O homem que trouxe a carta a noticia do desastre é um desses bravos que fazem da a admiração dos povos.

Não tendo outro meio de [p.i.] a costa lançou-se atrevidamente ao [p.i.], nadando como um Leandro, subiu a praia arquejando e, sem tomar fôlego partio com a noticia triste em demanda, socorro.

Ainda nas águas, não [p.i.], do Prata, o vapor *Ladaria* procedente Assumpção, foi sobre o Czar e taes [p.i.] Lhe fez que a victima, sentindo-se mal [p.i.] vida, correu até a margem do rio onde eu esperando socorro.

Tantos incidentes aos mesmos tempos fazem pensar em um *complut* [p.i.] e dos seus aubdidos, as divindas [p.i.]. que terá o esposo, se [p.i.] para que assim [p.i.] como os homens? [p.i.] prudentes que os [p.i.] Mandassem escaphandros entrevistaram deus do *Queecgo...* para que elle [p.i.] as razões do seu procedimento [p.i.]. ou os vavios enlouqueceram... Luiso não os quero comparar a não trágica de Sebastião Brandi) ou Poscidou irritou-se e resolveu vingar-se dos homens atirando-se contra os seus navios.

Seja por isso ou por aquelle, acho prudente que os governos [ps.is.] ao reino de corai para [p.i.] se enlondam com o humido sobermo. Os navios é que não podem ir por [p.i.] abaixo porque o commercio, perdendo os assim dos quatros e aos cinco por [p.i.], dentro em

pouco, a vel-os e os primadores perdem as estribeiras quando ficam a ver navios. Melhor é que os não vejam o que elles continuem serenamente a sua derrota levando de um porto a outro trigo e los gado de um porto a outro trigo e las gado pó ou acentado...

Eh! lá! Poscidon, um bom movimento, ou antes, nada de movimentos — calma! não [p.i.] por causa [p.i.] de vela, colosa com um pouco de [p.i.] e aguas encegadas...

N.

FAGULHAS 23/03/1898

Ah! um poeta, quizeste sonhar á sombra da manconilha e a Morte veio sorrateira e má como uma serpe que se insinua na herva o morde ó lavrador fatigado que dorme no seu campo.

A nossa Patria é muito rica e falta-se dos seus talentos com espanto mas ninguem os quer, os mesmos governos, quando vem surgir um homem extasiado, com uma Lyra, cantando as maravilhas do céo e da terra, longe de fazer como os athenienses, repellem-n'os com asco para que não interrompam a meditação dos pais da patria que lentamente vão enterrando a infeliz a pretexto de a salvarem.

Visto na Constituição um artigo que dizia mentirosamente que o governo daria protecção as Leiras e as Artes e, deixando o teu braço, vieste reduzido por essa perfidia das sereias da constituinte e, aqui chegando, que encontraste? e fome, o frio e o desprezo.

Andavas quase [p.i.], com a atroa cheia de hymues e, quando encontravas um sitio onde repousasses, logo travavas da Lyra e contavas glorificando a tua terra ingrata e disfarçando a tua fome e a tua melancolia. [p.i.] que nunca te acompanhasse porque as nossas relações nos se estreitaram sympathisava contigo porque eras um simples e um forte — vinhas a nós como o representante da Pousia de uma taça, eras o bardo negro e não fallavas com ódio lembrando o soffrimento dos teus nacendentes, fallavas contente, deslumbrando porque, como só houvesse indo do fundo agreste da Nobia, via em tudo uma belleza e uma graça e, por vozes, n'um [p.i.] de nostalgia, como se a alma que te foi legada evocasse scenas antigas fallavas nos teus versos sonoros onde as rimas [p.i.] como campainhas dos [p.i.] das mulheres de Suba, do reivas frondosas onde rugia e leão livre e forte e de [p.i.] sangrentas á beira de rios largo e misteriosos.

[p.i.] se vez [p.i.] contigo rapidamente sobre Arte não tiveste uma queixa, tão [p.i.] era a má [t.i.]

FAGULHAS 24/03/1898

Empresta-me o teu coração, disse-me [p.i.]. já [p.i.] , em vésperas de morrer.

Empresta-me o teu coração. Eu sei que vou partir e não quero levar commigo o que me não pertence. Guarda em teu coração o que te vou confiar e nunca o abras, vê bem! nem confias a outrem para que se não venha e conhecer o segredo de uma pobrezinha e, eu, lá mesmo na Altura, choraria de vergonha as viesse a saber que o havia descoberto. Empresta-me o teu coração, disse-me ella.

Como havia eu do nessa cousa tão simples a uma infeliz que [p.i.] Dizem que, aos que vão morrer nada se nega e eu, não querendo, que me ficasses um esterno remorso, cedo ao pedido da moribunda deixando com ella o meu coração para que n'este guardasse o mar, já com voz surda, affirmou que não lhe pertencia. Quando me devolveu não senti mudança alguma... Que teria moribunda pallida guardado em meu coração? Não sei.

No dia seguinte, com o frio do inverno, esfriou para sempre e, d'olhos fechados, as mãos brancas cruzadas no peito magro, fui encontral-a no seu leito virginal, cercada de flores. Pobresinha! tinha apenas dezoito annos...

E levamol-a ao cemiterio, os coveiros tomaram-n'a e o caixão baixou a sepultura cobrindo-se de cal e cobrindo-se de terra. Tornei a casa e a tarde, logo depois que ella desapareceu, desannuviou-se, cigarras cantaram e o azul reapareceu com estrellas.

Seria tão grande a tristeza da infeliz que desse para entristecer a natureza inteira? Não sei, mas tanto que os seus olhos azues fecharam-se voltou ao mundo a alegre e os passaros, que não cantavam entraram a cantar, fecundos, como na primavera.

E os dias correram, correram os dias eu comecei a sentir que o meu coração pesava no meu peito.

Durante os dias eu o sentia pesado e triste o sentia no cair das noites até que, impressionado e lembrando-me da morte resolvi recorrer aos homens da sciencia para que tentassem descobrir que havia no meu coração. [p.i.] os homens da sciencia [ps.is.]! nenhum soube dar a razão do meu soffrimento e foi um velho poeta quem me disse a triste verdade:

—Oh! meu amigo, tendes o vosso coração cheio de amor da morta, foi isso que ella vos deixou e, tão grande é, tão grande! que ella não o quiz levar para que lhe não pesasse quando houvesse de subir ao céo.

— E agora, tarde? que hei de fazer d'esse amor de uma finada? que hei de fazer para alliviar um coração que tanto soffre? O poeta escolheu os hombros com tristeza e disse:

— Não sei...

E ando eu com o coração cheio d'esse amor sombrio que me peza tanto e que não deixa entrar outro amor no meu coração porque o tomou por inteiro. Pobre de mim! Pobre de mim!

N.

FAGULHAS 25/03/1898

Diz um telegramma que, um numeroso bando de salteadores occupou uma das passagens que levam aos campos auriferos do golado Klondyko para despojar os que vem de Dawson City arrastando pelas neves o trenó carregado de ouro.

Não quizeram os sallendores, homens patricos, fazer a rudo travessia desde [p.i.] até o fundo do Canadá onde o inverno é aspero e resolveram ficar em meio caminho, talvez na garganta brumosa de Chilkoot, entre os pinheiros sempre verdes, e, um d'elles, homem de bom humor, pensou, talvez, em escrever n'uma lapide de novo, a divisa do bando: «O tocada não é para quem o faz...»

Effectivamente, enquanto os aventureiros ambiciosos afrontando e [p.i.] vão de soffrimento em soffrimento, com fome, tiritando, rasgando os pés no gume das neves, até nos lagos ciles, em torno do lume, com as armas promptas esperam que os ambiciosos tornam e quando, de longe, avistam algum, saem ao caminho, tomam-lhe a carga e despedem-n'o podendo o homem torrar ao Klondyke ou seguir para queixar-se ao bispo.

Há n'esse procedimento dos salteadores do Klondyke uma grande e proveitosa lição ou, digamos melhor um quadro perfeito da vida. Pois não é assim mesmo? não vemos, todos os dias, passarem levas e levas de homens que vão a conquista da Fortuna aventurando-se por todas as passagens angustas, soffrendo, mas cheios de esperança que, ao tornarem com umas raras pepitas difficilmente conquistadas logo vem saltar de penhas gananciosas salteadoras que lh'as tornam?

Não é só no Canadá [p.i.] que se dá esse facto aqui mesmo e vemos o eu [p.i.] de apontar as victimas e de mostrar a caverna para que me não venham em chos. Mas tambem, sejamos justos, não só aqui— em toda a parte é a mesma cousa. O pobre sacrifica-se, o proletario sua, [p.i.] -se, definha de trabalho e, quando vem de volta, onde lhe fica a fortuna?...

Ah! o [p.i.] ...Vê lá, [p.i.] que tens a cabeça precocemente [p.i.], se aquelle que alli está, não te leva a alma, que elle, ao menos, deixe essa miseria no teu corpo... aquelle só?... ah! infelizmente há outros e outras. La se vai o teu dinheiro, la se vai o teu trabalho e, quando chegas á velhice, a mão cariosa que tanto fez mal se pode abrir a Caridade.

O Klondyko! o Klondyko... vede se não há n'elle uma perfeita imagem da vida.

Um Sr. José de Vasconcellos Monteiro (*Estação da Piranga*)

Só pode responder conscienciosamente a sua consulta vendo a peça a que se refere.

N.

FAGULHAS 26/03/1898

A loteria que era, antigamente , semanal é agora diaria-a roda não tem descanso nem a roda nem as ocopam'as do povo e, como o Congresso resolvem não conceder mais loterias parece que o generoso conselho de intendencia quer mostra que não é só o poder legislativo que manda nesta terra e pensa em [p.i.] que escandalo de milhões para acabar de uma vez com a decencia.

A Theoria das compensações vai, sendo largamente praticada aos penosos dias que vão correndo, como o [p.i.] é [p.i.] e a [p.i.] é rara, como o aluguel de um predio absorve, metade ou mais da metade dos vencimentos do proletario os poderes, para que o desespero não venha abalar o povo concedem todas as licenças e, com prodigalidade, lavram-se as mais [p.i.] concessões.

O jogo opera como um estupefaciente e os poderes, não podendo minerar de outro modo a sorte infeliz do povo permite-lhe a banca branca. E' por isso, talvez que não capinam as ruas para que a cidade fique torrada por um tapete verde,

Jogo-se em palacio e em bibocas, joga-se em clubs a pretexto de apezar a raça dos homens e a dos cavallos, joga-se nas ruas, ao sol e as barbas da policia que ainda [p.i.] dos desgraçados que perdem e, como um sinistro côro, o hymno da jogatina é entuado pela farandulagem que annuncia números promettendo fortunas e cavando, mais fundo a miseria.

Esse processo de illudir a fome não é novo, já o mestre Heródoto o cita no seu livro [p.i.], que é o primeiro da sua historia:

«No reinado da Aiys, [p.i.] de Manes, toda a Lydia foi assolada por uma grande fome que os lydios supportaram algum tempo, com paciência. Vendo, porém, que não dessava o mal, buscaram remédios que o abrandassem e, cada qual, dando tratos á imaginação, procurou fazer a melhor descoberta. foi nessa ocasião que inventaram os dados e varias outras especies de jogos não incluindo as damas.

Ella como elles faziam uso dessa invenção para illudir a fome que os [p.i.] torturados [ps.is.] durante um dia inteiro, afim de [p.i.] a necessidade de comer e, no dia seguinte, em vez de jogarem, corriam.

Assim viveram durante 18 annos; o mal, porem, em vez de cessar parecia, pelo contrario, que da mais assobertando-os e o rei resolveu dividir os lydios em duas [p.i.] submettendo-as ao sorteio — ficando uma na patria sendo a outra obrigada a absodomo-a. A' que a sorte destinou que ficasse continuou sob o dominio do rei e seu filho [p.i.] poz-se á frente dos que emigraram.»

Estaremos nós na Lydia?

Que respondam os sabios da... [p.i.] .

N.

FAGULHAS 28/03/1898
O CORAÇÃO VENENOSO

— Caso extranho! dissE o coveiro a olhar outro corpo intacto que havia exhumado. Ao que parece a terra d'este cemitério está farta porque rejeita todos os cadáveres. D'antes, mal os recebia, logo, [p.i.] , os devorava e agora parece que nem por elles da porque ficam annos e annos sem que ella n'elles toque. É extranho! Seria bom que nos mudassemos para outro sitio. E o outro coveiro disse:

— Não é osso. Outr'ora não havia jardim mais viçoso do que este cemitério —as rosas mais coradas eram as que aqui nasciam e agora nem sequer as plantas [p.i.] ,os mesmos cyprestes e as casuarinas parece que se vão finando. A letra do cemiterio, de tanto lidar com a morte, pelo que vemos, morreu.

— Dizer a verdade, amigo: a mesma terra morreu.

— E isso começou ao dia em que trouxeram a [p.i.] uma moça cujo [p.i.] acompanhado por um homem pallido que chorava, explicou o segundo coveiro.

Ouvindo palavras taes eu, que, n'essa tarde andava pelo cemitério porque, como de costume, fora levar ao tumulo de Laura um ramo de flores frescas adiantei-me e, logo que deu commigo o segundo coveiro segredou ao que fizera a extranha observação:

—Olha, foi esse homem pallido que ahi vês que veio acompanhando o esquife da linda moça.

— Sim, fui eu, affirmei. Dizela então que a terra já no consome os cadaveres que lhe entregues.

—Sim, já não os consome e isso desde aquella tarde triste do inferno da linda moça por quem choráveis tanto.

— E attributa a sua influencia esse mysterio extranho...?

— Quem sabe! disse penzorosamente o primeiro coveiro e o outro penzorosamente repetiu: Quem sabe?

— Vamos, então ver o seu tumulo, propuz; fica alli na encosta da collina. Se voz não transtorna, vamos ver o seu tumulo.

— Podemos vel-os, disseram. E os dois homens, tomando as pás, acompanharam-me a encosta da collina, e começaram a cavar. Cigarras cantavam nas casuarinas murebas e elles cavavam cantando.

Foi-se escancarando a cova e appareceu o caixão todo branco em que estava encerrado o corpo d'aquella que, em vida, tanto me fizera soffrer.

— De vagar, meus amigos, mais de vagar, disse eu, com receio de que elles, com as suas pás, ferissem a morta mas lá o caixão apparecia todo e foi retirado e aberto á luz bruxoleante da tarde e tanto que cahio da terra logo, como por encanto, vai los arbustos abotoaram a, roseiras que pareciam mortas, reviveram instantaneas.

Aberto o caixão o corpo de minha amada appareceu formoso e, no seu rosto macilento havia o mesmo sorriso perdido com que tantas vezes me illudira; mas um liquido escorria lhe do peito, vendinhento e, como eu a levantasse nos braços vi que lhe sabia pelas costas por onde os vermes haviam penetrado achando a morte, e coração desfeito — e era elle se desfazia em sahir e era aquella [p.i.] que se infiltravam pela terra envenenado-a pouco e pouco tanto que, já enfraquecida nem consumia os cadaveres nem alimentava as raizes.

E como um dos coveiros perguntasse, venda o liquido verdinhento que escorria do coração da morta:

— Que é isso? Eu estive para dizer, desesperado, é a hypocrisia de minha amada, é a sua perfida, é a sua mentira, são todos os vicios do coração que eu tanto busquei e foi com

esse veneno que ella matou a minha alegria, em vida, como depois de morta, matou os vermes e a terra do cemiterio.

Estive para dizer mas, com os olhos arrasados d'agua, com a garganta tomada pelos soluços, alli mesmo, diante dos coveiros pasmados, atira-me ao caixão com [p.i.], tomei em ambas as mãos a cabeça loura da [p.i.] e puz-me a beijar-lhe a fronte fria e os olhos e a bocca como os beijava antigamente quando era trahido e, n'elles achava o sabor da terra ah! mas antes o sabor da terra do que o sabor dos outros beijos como eu, quando ella vivia, sempre encontrava em seus lábios.

Levaram-me para longe do tumulo e a terra do cemitério continua estéril e há de morrer como a minha alegria morreu por que elles, julgando-me louco, enterraram de novo o coração venenoso.

N.

FAGULHAS 29/03/1898

Dos novos combatentes um dos mais energéticos e persoverantes, um dos que mais vão desbravando a selva cerrada do [p.i.] publico merecendo, por isso, todos os applausos dos que, com sincero amor, cultivam a Arte n'este paiz da fertilidade e tão [p.i.] para as contas intellectuaes porque a sementeira morre mal o sementeiro a abandona entre as [p.i.] e os cardos, é o poeta Cunha Mendes, redactor da *Revista do Brasil*, que se publica em S.Paulo.

Pondo-se a frente d'essa publicação tratou, com desveio, de reunir nas bellas paginas da *Revista* todos os trabalhadores do Norte e do Sul, fazendo apparecer a sombra do nome forte do escriptor celebrado o nome modesto do jovem artista que começa, recebendo, indistinctamente, quantos procuravam, com auctia, uma porta que os levasse no publico e dando na sua *Revista*, sem exclusivismo, todos os trabalhos desde que n'elles encontrasse algo que fosse uma revelação.

As revistas tem essa vantagem «são como viveiros de plantas [p.i.]. Alli ellas rebentam tengas e, carinhosamente tratadas vão ganhando vigor e crescem até que fortalecidas e viçosas possam ser transplantadas apparecendo, então, em campo vasto, podendo viver solitárias por terem forças para resistir aos violentos embates dos lutões da inveja.

Não são os ardotes da critica que fazem mal esses operam beneficentemente como os raios do sol nem é tão pouco a poda que destrói a arvore porque [p.i.] a dos [p.i.] cautela que, em uns são a vaidade em outros os excessos, da mais vigor a arvore preparando-a mais depressa para o florescimento, nem é [p.i.] o excesso de adubo que lhe da vida — o elogio constante longe de fortalecer que levanta é preciso que a planta seja tratada com intelligente carinho para que não pareça antes de desabotoar.

E o que vai fazendo Cunha Mendes com a *Revista do Brasil*.

E o que ella viva, porque é necessário que viva não basta que o [p.i.] a proteja com o seu favor urge que os interessados na campanha artística corram a auxiliar o combatente quem com tanto [p.i.] com tanta confiança vai vencendo obstáculos os mais difficeis.

Para que Ella viva, porque é necessário que viva não basta que o [p.i.] a pro seja com oi seu lavor urge que os interessados na campanha artística correto auxiliar o combatente que, com tanto [p.i.] com tanta confiança vai vencendo obstaculos os mais difficeis.

Eu que tenho acompanhado com enthusiasmo a vida da *Revista* vendo hoje cumprir um dever saudando o seu intrepido redactor que, é um dos que mais se esforçam pela Victoria intellectual n'esta terra de politicagem e de [p.i.] politicagem.

N.

FAGULHAS 30/03/1898

A imprensa, em humanidade, (honra lhe seja) tem combatido o jogo que, sob múltiplas formas, n'um [p.i.] espantoso, e sob varios pretextos, vai [p.i.] esta mal [p.i.] ridade onde a miseria, ao que parece, já estabeleceu residencia. Apesar dos pretextos [p.i.] as concessões succedem-se e, mesmo agora, há uma monstruosa que depende da consciencia dos senhores intendentos a das famosas loterias de um milhão de contos.

Há, porem, um caso comico que deve ser registrado na [p.i.] , caso que tem algum cousa d'aquillo que os franceses chamam um [ps.is.]. Logo que os honestos o dia lavram uma concessão, guardando nos cofres municipais e respectivo imposto, a policia põe-se em guarda formando o seu numeroso corpo de agentes e, quando o concessionario abre as portas da sua tavola legalisada um delegado irrompe e, declamando em nome da moral, manda evacuar a tavola, impondo o seu fechamento.

Foi assim que a policia matou o bicho, matou?! não, peço licença para dizer que o bicho anda por ahi metamorphoseado em Lotto, anda não, andou porque o Lotto teve tambem a sua hora mas há de renascer com outro plano e com outro nome dentro em pouco, confio nos senhores [p.i.]; foi assim que a policia [p.i.] com o boliche e assim acabará com os outros escândalos. Mas busquemos uma explicação para esse conflicto de poderes ou a [p.i.] procede com justiça permittindo a jogatina e n'esse caso, a policia, intervindo, de espada em punho, usa de condemnavel arbitrariedade, ou a intendencia vire e dar por páos e por pedras e a policia anda a corrigir-lhe os agros.

Um dos poderes procede mal, não há duvida, resta saber qual delles merece a reprimenda.

A campanha contra o jogo é uma necessidade moral, não entende assim a [p.i.] porque? não sei. Sei que ella recebe impostos e garante, com o seu [p.i.] , a raptoração do Povo; a Policia, porém, tanto que lhe chega aos ouvidos o tintilante de uma nova casa de *ponte* ou o *rangulo* de uma [p.i.] da fortuna põe-se em campo e, com energia, exasctora os [p.i.] considerando uma immoralidade e que elles haviam [p.i.] .

Da sorte que a nossa Policia instituição de segurança publica, está transformada em [p.i.] appensa aos actor dos patrioticos intendentes.

Andam livremente os gatunos e porque não lhes dão coça aquelles aos quaes a publica confiou a tarefa de zelarem pela vida e pelos haveres dos cidadãos? por que esses andam em azatama, não tem mãos a medir — tantos são os actos da intendencia que reclamam mão forte.

Ve a gente passar um [p.i.] em marche marche rua [p.i.], despertando o silencio nocturno com a trepidação das pessoas, para a conjectura — Aquelles soldados vão, com certeza, a alguma diligencia. Pois não vão... aquelles soldados seguem para corrigir mais um acto da patriotica intendencia que tantos benefícios tem trazido a esta cidade formosissima e immunda como uma d'aquellas mulheres que o viajante encontra na Syria, sentadas [p.i.] á sombra das figueiras, encantadoras e piohentas.

O caso do boliche é grave. O concessionario da loterancia tinha todas as garantias para fazer funcionar o seu jogo e porque foi a policia, com furia e armas dispersas o povo que perdia os olhos da cara? [p.i.]. Na minha opinião um dos poderes é demais e, apesar de todos os excessos apesar de todos os desmandos não creio que seja policia ella, pelo menos ao lado da moral. Agora um pedido aos senhores [p.i.] cruzem os braços, senhores, deixem a cidade as moscas, durmam em paz mas não estejam a distrahir a policia porque nós pagamos

para ter quem nos guarde a propriedade [p.i.] garanta a vida. E querem um corpo de revisores paguem mas não nos tirem a segurança pelo amor de Deus. e sem mais...

N.

FAGULHAS 31/03/1898

Não é o primeiro caso, já outros policiaes tem sido victimas dos gatunnos e que há nisso de extraordinario? o agente da ordem publica é um homem como os mais. Um delegado, mesmo na repartição central da policia, já pagou tributo aos meliantes.

Esse soldado da brigada policial que me foi despojado do sou sobre emquanto dormia na praça. Quinze de Novembro e que a patrulha encontrou ainda roncando da bem a idéa da vigilância policia e da franqueza humana.

Se elle estivesse acordado o gatuno, por certo, não se atreveria a tanto mas dormindo e roncando... Um homem que ronca está morto, diz a sabedoria popular, como a voz do povo é a voz de Deus o [p.i.] não foi um vigilante, foi um defunto.

O gatuno quis [p.i.] porque estava a tinir e vendo aquelle somno tranquilio do justo foi mansamente e tirou-lhe um peso da consciencia talvez porque quantos infelizes não terão experimentado nas costas aquelle sobre que andou de porta em porta offerecido e rejeitado até que, como o anel de Polyrates, voltou as mãos da policia?

E, agora soffrem ambos: o roubado e o roubador — um, porque dormiu sobre os casos, outro porque, na rua da Carioca, quando offerecia o sobre, não deu accordo da policia que lhe seguia os passos.

Este lucto vem provar á evidencia que os mautonedores de ordem não tem o direito de fechar o olho, pelo menos emquanto estiverem em serviço para que lhes não [p.i.] o mesmo que a Justina Cunha succedeu que, por se deixar abraçar por Morpheu cahiu, como um pato, nas mãos capazes do Cactauo.

Mas, acima da Lei dos homens está a Lei da natureza — ninguem pode resistir ao somno quando elle vem tocado por muitas noites de vigilla e quando a gente encontra um [p.i.] propicto e repousado, já não digo uma cama, fresca e [p.i.], mesmo um duro umbral do porta ou a pedra fria d'uma soleira foi o que aconteceu a esse [p.i.] policia que, por obedecer as leis da natureza, incorreu em grave falta perante a lei dos homens e, particularmente, da brigada policial.

Não sei se teve pesadelo enquanto dormiu, não devia ter tido porque foi aliviado pelo gatuno, mas bem penado lhe sair o somno porque, recolhido ao quartel foi condenado a 25 dias de faxina.

Que isto sirva de exemplo aos outros soldados da brigada: se, por acaso gatuno ousado, da [p.i.] de Caetano de Freitas, quizer repetir a [p.i.] mesmo que a victma esteja ferrada ao mais agradável dos somnos, sonhando com os galões do alferos, faça cara de quem está acordado, abra um olho, [p.i.] e readormeça.

Tudo esta em mão se deixar roubar dormindo porque, contra os gatuno está provado que a policia nada pode fazer mas contra o somno... ora pelo amor de Deus!

Isso de dormir, sonhar é próprio de [p.i.] mas não fica bem a soldados. Soldado não [p.i.], deixa-no roubar, deixa-se matar com dignidade, mas acordado. [p.i.] , pois, é gente! porque os ladrões, [p.i.] não dormem.

Já não é pouco que a policia durma sobre os furtos de que são victimas os particulares mas que ainda durma nos vãos das portas... e muito somno, francamente, é somno demais!

N.

FAGULHAS 01/04/1898

Pyretteraphia... Este é nome ardente do novo systema curativo cuja descoberta devo a humanidade soffredora a um modelo [p.i.] de [p.i.] da Bélgica.

A cidade, chamada antigamente a perola dos Las Flandres, celebre [t.i.] de piannos, hoje tão [p.i.] vivendo e [t.i.] do seu [p.i.] não raros os curiosos [p.i.] para a gloria, graças a mestre [p.i.] de profissão e rival do padre Kneipo, porque se um curava com água outro, descendente de [p.i.], cura com fogo.

Affirmam pessoas [p.i.] que a antiga [t.i.], transformada em hospital, posto que [ps.is.]

[f.i.]

[t.i.] o carvão que consome para manter sempre em temperatura o grão de torno que é a sua [p.i.]. Entra o enfermo, [t.i.] tendo antes deixado n'um [p.i.] deposito [p.i.] vinte opu trinta toneladas de carvão conforme a moléstia, a torra-se [p.i.].

Para dar [t.i.] mestre Fournaiur, affirma um jornal que actualmente se publica em [p.i.] sob o [t.i.] que com o carvão elle [p.i.] dos enfermos [p.i.] Fournaiur todas as estradas de ferro e todas as officinas, da Bélgica e na Bélgica na estradas de ferro e officinas como [p.i.] dignos! Mas, honra lhe seja não recebe dinheiro do contudo, só recebe carvão.

Como sei que entre nós há muitos soffredores quis trazer-lhes esta noticias que certamente será recebida com especial agrado. Já temos um hospital [p.i.] amanhã um instituto Fouranaiur entram em lucta os elementos e os pacientes que escolham afogando-se ou queimando-se á vontade.

O Instituto Fournaiur tera a sua [p.i.] em Botafogo e no lado haverá um com o de bombeiros. Prestando este serviço aos ilustres concidadãos pondo aqui ponto final o aspero alviçaram.

N.

FAGULHAS 02/04/1898

N'esta folha, li hontem umas audiciosas considerações acerca da representação do Brasil, em Portugal, durante o periodo que esse reino vai consagrar, com justiça, as festas commemorativas dos centenário lediano. As finanças da Republica não lhe permitem largas expansões mas, como mui bem ponderou a *Gazeta*, achando-se presentemente na Europa um dos mais bellos e poderosos vasos da nossa marinha de guerra facil seria ao governo destacal-o para as aguas portuguezas para que se não commentasse desfavoravelmente, levando a conta da nossa indiferença, a ausencia do pavilhão brasileiro no apendoamento universal.

Se as demais nações acodem ao apello do governo portuguez levando com as suas naves, a homenagem á memoria do [p.i.] que abriu a porta dos mares [p.i.] conjurando o segredo que o poeta expõe em estrophes sob a forma [p.i.] do [p.i.], o Brasil, por todos os motivos, deve comparecer á fexta que é, por assim dizer, uma commemoração patriarchal.

Não é por simples questão diplomática de solidariedade senão por um dever de parentesco que lá devemos figurar porque, com orgulho podemos dizer, a luz radiante d'essa apothoze sobre nós ainda se [p.i.] visto que descendemos [ps.is.] d'esses heroes cuja peregrinação vem coalada com simplicidade commovedora, no [p.i.] do Cama que nos legou Fernão Lopes de [p.i.] .

Não quero insistir em [p.i.] execusados, a empreza victoriosa do garrido marinheiro.

Muito se tem escripto sobre esse feito que foi, por assim dizer, o precursor do nosso surgamento.

Foi [p.i.] o caminho traçado pelo intrepido almirante que a maruja soberba das pratas [p.i.] veio desencantar Iracema. No seu bosque verde, rodenda d'aguas diamantinas [p.i.] a Patria selvagem quando se levantou nas galés da trota [p.i.], á [p.i.] de [p.i.] dos que, enamorados, contemplavam a sua formosura — os mares zelosos guardavam averamente essa [p.i.] e foi necessário que um homem os vencesse e domasse affrontando tormentas para que fossem desbravadas as pianuras glaucas e por ellas as [p.i.] passassem [ps.is.]

A festa do centenário indiam corresponde a nosso [p.i.] e, acudindo ao [ps.is.] dos nossos [p.i.] varios com [p.i.] e [p.i.] do Homem e a espera do natal da Patria.

Na grande noite de mar [p.i.] surgiu a estrella falgurante que iluminou a frontes pensadora do [p.i.] do [p.i.] e pouco depois, resplandeceu, [p.i.] o sol ardente do Brasil a viagem do Gama leva grandes excalas pelo mysterio e um dos portos onde surgiram as [p.i.] sua [p.i.] foi a nossa Patria, cheia de encantos [p.i.] que a mesma agulha magnifica, como que atirahida, vem trazer a [p.i.] de velas para as suas pratas.

Bem sabemos no que a situação que vamos atravessando é das mais precarias mas, não sendo tão grande o dispendio, [p.i.] e que não [p.i.] ficar [p.i.] e na nossa dignidade de nação deixando de comparecer a festa que os portuguezes celebram, as quaes, por dever histórico e de honra, devemos comparecer. Há sacrificios necessários: [p.i.] é um [p.i.].

N.

FAGULHAS 03/04/1898
(FANTASIA ARCHAICA)

Desfiladeiro calvo e obscuro serpenteado por um rio de águas lentas e negras. Aves funebres voam de um penhasco a outro com extrepito: um fogo rubro crepita e flamenja entre pedras. [t.i.] Uma voz rouca grulha de quando em quando [t.i.].

A peregrina, espreguiçando-se — Ainda ha amor no mundo. Surge et ambula! (*Sorrindo*) Bom dia,, natureza! Vinhos [p.i.] e namorados, bom dia a todos. Ora aqui me têm viva e forte e retemperada para novas luctas. Deram-me por mortas... muitas [p.i.] nadam esperas pelo [p.i.] do lamento o meu passamento. Faltam de mim em saudade, não sei como ainda a igreja não mandou cantar um [p.i.] pela infeliz que morreu. [p.i.]! Aqui me têm de novo o mais forte e mais viva, fiel de exustir emquanto houver no mundo corações o [p.i.] se

não elles que me dão vida, se d'elles e que [p.i.] a minha força. Queria matar primeiro o [p.i.] coração. Para [p.i.] me buscou o [p.i.] de uma noite [p.i.] formosa e pesas [p.i.] horríveis, com os seus [ps.is.] emprestaram me [p.i.] para o [p.i.] novo.

Umam vieram dos olhos azues das noivas adormecidas, outras dos olhos negros e contempativos das puplicas incendidas das que [t.i.] esperanças, são as palavras de amor pronunciadas a mula voz nos [p.i.] dos pronunciados a mula voz nos [t.i.] nocturno.

A [p.i.] formosa [p.i.] do sorriso não [t.i.] hei de mandar na aurora, que e o sorriso e d'agua perenne d'esse rio, o pranto, sempre e sempre, para as almas sensíveis novas da minha vida sonora.

Morla: se o mundo anda cheio de amor. Morta! se a Luz continua a aquecer os corações e se os corações continuam a fecundar o beijo Morla... E a sorrir sahiu [p.i.] estrophes eas flores que viam passar diziam baixinho, dobrando-se nas hastes: a Poesia! A Poesia. E' todo o mando, com o rudo suave dos seus cthurnos, encheu-se de uma nova [p.i.]

N

FAGULHAS 04/04/1898

As confissões do meu amigo Calixto tem, para mim, um alto merecimento — são originaes e não pretendem passar aos seculos futuros.

Calixto não é um espírito de eleição porque detesta a politica e acha uma famosa asneira a naufragio universal, Calixto é um espirito simples mas admiravelmente orientado não é um homem, é uma bussola.

Quem se approxima do meu illustre amigo enriquece o cabedal da prudencia com os seus aphorismos edificantes e pasma da sua facundia principalmente se o homem está para disenfir assumptos palpitantes. Ouvil-o é um prazer, não conhecel-o é uma felicidade principalmente para os que detestam o paradoxo.

Hontem encontrei-o sixudo e grave, pensoroso, caminhando tragicamente como se fosse digerindo um reinorso. Chamei-o: Calixto volltou.

Estas procurando alguma incognita?

—Sim: a moral, respondeu com um suspiro que passou com um a lutada. Estou procurando a moral e uma casa. Podes indicar-me alguma?

—Moral?

—Não, casa...

Sacudi a cabeça negativamente, e fomos caminhando, Calixto tomou a palavra.

—Em que paiz estamos, meu amigo? Não haverá um correctivo para esse delirio caprino contra o pudor? não haverá uma medida contra a exorbitancia dos preços dos secos e dos molhados, principalmente dos molhados? Que há de ser de honra futura? como havemos de sustentar a familia que a oração principal... e os complementos? Não ha escrupulos... uma restou de cebolas custa uma fortuna. Que é feito dos nossos costumes? Estarão todos em poder dos [p.i.].

O deboche é um tacto, a moralidade é um problema. Não achas que este fim de século vai ser por demais fecundo? Sabes, a Igreja separou-se do Estado com receio, talvez, de que as onze mil virgens, com a entrada dos filhos d'esta parte da America na região das eternas delicias ficassem em estado pouco interessante. É um horror. Não há segurança individual e porque não ha segurança publica. Os generos, com vês, estão pela hora da morte, o leminino tem feito o diabo compromettendo reputações e fortunas. As cousas, como vão, não podem ir muito longe. Aqui onde me vês sou o Protesto, [p.i.]. a indignação, chamo-me Revanche, Calixto Revanche. São ha respeito pelas cousas santas, as ruas n'um estado lastimável, o pudor postergado, o vicio imperando, imperando não é republicando... a Honra na rua da Amargura, esquina do Largo das Devassidões, o character empenhado. Um horror, meu filho! um escandalo. E murcho coma cabeça baixa entrou a [p.i.]. De repente perguntou:

— Conheces a Laurinda?

— Laurinda. Que Laurinda?

Uma morena, que tem um signal no [p.i.] superior, quase no canto da bocca. Tem a [p.i.] de Boliche.

— Boliche! porque Boliche?

— Ora? porque chamam a uma constelação brande [p.i.].

— Convenção.

— Pois é isso Boliche. a tambem uma convenção. Mas que mulher. E disse-me um segredo.

— E um.

— Que quere? em um paiz como este, so assim; faço o meu diasinho do roleta, vou ao dado para variar, e á noite, profundamente desgosto, com a alma cheia da lei, vou ouvir o violão da Laurinda.

— Boliche...

— Gostasse da [p.i.]? Pois é verdade, fora admiravelmente. Que diabo! alli pelo menos há a moral do meio...

— Pois não.

— Pois não mesmo. Não é como Ca fora n'esta [p.i.] do vícios. Entrou em uma venda para comprar uma caixa de phosphoros metheu os dedos no bolso e sacou uma ficha vermelha, indignou-se, encalhou a ficha e esbravejou; — E não acho um sordido [p.i.]:

Tens miúdos?

—Tenho. Paguei. A sahida, com o adeus sentenciou:

— Este paiz vai a garre, meu amigo. A propósito: 36 anda medonho, se quizeres tentar vai tudo no 19. e foi-se, enjoado e funrbre, carregando o seu tédio.

Extraordinario homem!

N.

FAGULHAS 07/04/1898

Eros, de quando em quando, desfere numa frecha hervada, cuja ferida como a de Philocieto, quando cicatriza, deixa, para o sempre, o estygma. Nem sempre, porém, a [p.i.] encontra um Machaon que a cure e leva a morte, pelo desespero, a sua victma.

Essa desventurada moça que se matou por amor veiu affirmar, com esse sacrificio, que a flor do sentimento ainda não murchou de todo os corações.

As Julietas são de todos os tempos. A infeliz, porem, que hontem baixou a terra, quando tomou resolutamente o veneno mortal não se preocupou com o despertar porque o philtro terrivel de que é lançara mão, não lhe fora fornecido por um piedoso monge como frei Lourenço mas por um homem frio como o boticario mantuano que, por quarenta [p.i.], entregou a Romeu a drachma de toxico.

Sentindo no sangue o ardor cerrosivo nem a consolava a certeza de que era amada porque, junto do seu corpo estava a curta forma que fora a sua sentença.

Levando á bocca o veneno nem se lembrou de dizer como a desventurada [p.i.]: « Bebo a tua saúde, [p.i.] »Ella bebeu a morte. E de que lhe servia a vida se ella [p.i.] no coração para aquelle amor? Para que ficar no mundo se o mundo, para a desiludida, era aquella esperança tão cruelmente desfeita.

Não nos temos nos occultistas cruéis— dizem elles que a alma do suicida, violentamente expulsa do corpo, são o abandona e fica pairando sobre o corpo come uma ave que leve o seu ninho destruído, e muito tempo, sua [p.i.] em torno d'elle procurando os implumes que deixara.

Pobre alma! se fallam a verdade os [p.i.] pelos que as penas internaes vai ser a tua pena no mundo quando vires aquelle que amaste até a morte entregue a outro amor, dando as caricias que ambicionavas e uma rival que, talvez, não o ame tanto, ah! não, por certo, como o amaste. Mas os occulistas são sonhadores! Não é possível que Deus, sendo de [p.i.] misericórdia deixe que soffra tanto uma alma sahida do seu peito. Não, apaixonado espírito, não ficaram na terra para maior tormento, não ficaria na terra [p.i.] anda com a ingratição do que amaste.

N.

FAGULHAS 08/04/1898

Ou o nosso publico, tão retractario as lettras, já se vai com ellas familiarizando, vendo com mais interesse, as produções de espírito nacional ou os Srs; Laem mert & C. resolveram, com abnegação digna de nota, sacrificar-se á litteratura indígena.

Posto que eu saiba que há nelles algum estimulo mais do que a avia ganancia não creio, todavia, que se sacrifiquem platonicamente para que nos séculos porvindos delles se diga, com alevantados termos, cheios de gratidão, que foram os [p.i.] martyres da nossa litteratura.

Com as dificuldades que nos trazem abarbados com a miseria, conforme dizem os pessimistas azedos, com a attenção recriamada pelos incidentes varios do momento o publico, ainda assim, compensa o esforço dos denodudos editores que vão iniciando um período litterario de grandes promessas, não só publicando as obras dos escriptores modernos como [p.i.] volumes que já fazem parte do thesouro intellectual da patria.

[p.i.] ao mercado as obras dos poetas e dos presadores que a morte nos levou tornam-se de difficil arquisição para os que tem e assim, mal chegando para os que podem organizar bibliotecas vastas e curiosas, não podem ser alcançadas pelos que desejam, e com [p.i.], conhecer as bellezas das primeiras paginas geradas pelo espírito brasileiro e nas quaes a Patria começou a apparecer como inspiradora.

Foi para conjurar essa dificuldade que os corajosos livreiros resolveram dar em ejeções populares nas de magnífica [p.i.] e excellente aspecto e legado dos nossos primeiros escriptores procurando, pela modéstia do preço, tornar os volumes [p.i.] a todos quantos se interessam pela litteratura nacional.

Há chamada «*Collecção de poetas brasileiros*» já foram publicadas as *Primaveras* de Casimiro de Abreu e as *Poesias* de Gonçalves Dias e acabam de apparecer, em dói nítidos volumes, as *Obras* [p.i.] de Castro Alves, predacindas pelo [p.i.] professor Anbi [p.i.].

Castro Alves é um dos poetas mais populares do Brasil. Não sendo um [p.i.] porque, por vezes, não [p.i.], o seu [p.i.] vem defeituoso, suppre o esmero ar [p.i.] com a inspiração, ora arrojada [p.i.] a expressão [p.i.] e provocando a [t.i.] ora, suavemente lyrica apaixonada ou bucolica, quando não [p.i.] em assomos valentes [p.i.] em nome da Liberdade nos seus poemas de [p.i.] nobre altenismo, de um generosa misericordia em favor aos [p.i.].

[t.i.] e querem acceitar no grêmio dos poetas brasileiros, devo mesmo dizer — dos grandes poetas mas o nome do auctor das [p.i.] *Fluctuantes* impõe-se e não é fácil arrancar-o do logar que elle conquistou com o seu gênio.

Com a «*Collecção de poetas brasileiros*» começaram os Srs. [p.i.] & C. a vulgarisação da nossa litteratura e, certamente, irão por diante trazendo a lume muitos [p.i.] que fazem em esquecimento se o publico continuar a prestar-lhes o seu valioso auxilio como tem feito até aqui porque, manda a justiça que se diga; o nosso publico já lê. Sendo de custa minimo e [p.i.] acabados os volumes é de crer que a edição desapareça em breve.

N.

FAGULHAS 10/04/1898

A ganância abre uma brecha larga na crença.

Antigamente, ah! o bom tempo d'antanho! quando a mãe de família, depois de um dia parco de jejum, e de rezas, é noite, com uma saia de creme e uma mantiba sahia em via-sacra com os filhos para que beijassem os pés chagados do Senhor morto, la commovida deixando nas lagos de todas as igrejas umas lagrimas sentidas e muitas orações e, em torno dos oitares, trouxamente alumidados, o murmurio em constante e, não rato, senhoras nervosas, impressionadas com o aspecto funebre dos templos cuja nave central fora transformada em capella ardente, rolavam por terra aos gritos, estrebuchando como se, em verdade, alli estivesse o próprio corpo de Jesus, ainda sangrando depois de retirado do cruzeiro infamante,

Quem ousaria sahir a rua, na sexta-feira maior, com as vistosas [p.i.] com que actualmente as senhoras vão de igreja a igreja, rindo e conversando sobre modas diante do [p.i.] do Redemptor? ninguém, por certo. Havia mais respeito n'esses tempos ingênuos e as almas por isso não desesperavam tanto “*Hoje*”.

Fui, ante hontem, cumprir o meu dever de christão e confesso que voltei compungido achando [p.i.] presença do avaroa, quando eu esperava encontrar [p.i.] arrependidos que alli fossem com intenção piedosa de pedir ao [p.i.] não só que lhes remittisse as penas como que lançasse a sua misericordia a patria e ao mundo para que não viessem sofrimentos sobre os homens nem calamidades sobre a terra.

O que eu vi em todas as igrejas foi mais ou menos o que os que acompanharam ao Calvário o nazareno viram na hora dolente em que o céu se cobriu de nuvens e [t.i.] os espaços accitando ó [p.i.] do Cordeiro — lá, no monte calvo de Jerusalém foi i jogo dos legionarios, aqui foi o assalto as moedas de vintém,

Pisando a pedra da soleira das igrejas os visitantes levavam entre os dedos a [ps.is.] o [p.i.] que deviam trocar por uma [t.i.].

N.

FAGULHAS 13/04/1898

De *Laus Veneris*, poema erotico, em prosa, de CALIDAN, prestes a sahir das officinas dos conhecidos liveiros editoras Laemmert & .C. dou hoje, como primicias os dous trechos que descrevem as faces e a bocca da formosa Lenôra.

IV

Quis Deus iluminar o próprio céu porque n'ella poz o accidente, e nos rostos lindos das mulheres tanto apparece a cor de rosa em uma faca com em outra, como só duas auroras nascessem em pontos diferentes, illuminando, ao mesmo tempo, os dous pelo extremos. Na fina tem [p.i.] do teu rosto não há um ponto do qual se possa dizer: —aqui é o oceano porque de todos elles o carmin resalta.

Isso, porem, de dous orientes n'um mesmo firmamento pode ser levado a conta da prodigalidade large do Senhor mas, o que me impressiona é ver que havendo covas em teu rosto, duas, uma em cada face, a fundas, n'ellas meus beijos ganham mais ardência quando o facto que os que descem as tumbas n'ellas ficam para a morte, immoveis o regelador.

Que Morgana propicia terá tão bem indado o teu destino, Lenora, para que venhas, tão linda negar todas as leis invariáveis da natureza sabia?

Branca, tanto que o amor te agila, logo se purpurinam as tuas faces e, se sorrir, com a alegria, mais fundas se tornam as covas do teu rosto quando, em verdade, não há cor nas neves e a mellancolia acompanha sempre o trabalho sinistro dos coveiros.

Extranho coveiro é o teu sorriso, Lenóra e, como vão contentes para os tumulos graciosas os beijos nascidos dos meus lábios.

Que mais queres que eu diga das tuas faces? Se mais queres aproxima-as da minha bocca, mais perto, ainda mais para que eu lhes mando o que tenho a dizer pelos meus beijos mensageiros, que diante das covas das tuas faces vão entoando, contentes, o *Ave, mariture...!*

V

É de jaspe e do coral o liminar e a recada, como um fino musgo que alli houvesse repontado, abstra o buço que os olhos mal distinguem posto que o [p.i.] os beijos e n'elle estimem rolar maciamente.

Quando descerras esse [p.i.], ou para que saiam palavras, ou simplesmente para que o suavissimo perfume do teu hallio se expanda olhos que esperam extasiados vêm as duas linhas do mergarilas dos teus dentes, que são como gradis preciosos detendendo a, entrada santa e, estirada, molle, a tua língua apparece como o colchão macio d'um jeito de amor, jeito onde os lábios deixam cahir os beijos que alli, trafegos, se encontram — os que sobem precipitados do teu sangue jovem e ardente, e os que, precipitados, partem do meu amor insaciavel.

E tudo é cor de rosa nessa alcova recondita onde as nossas almas se encontram, tudo é cor de rosa, brancas apenas as margaritas que vedam a entrada aos desejos que te corcam voando em torno de ti como as abelhas voam em torno d'um nectário.

«A palavra que lá dentro, vos quando encontramos é o meu nome que, a principio, claramente pronuncias e por fim vai morrendo e fica apenas como um dos quando as nossas almas mais aportadamente unidas estremecem.

A tua bocca, Lenôra, de tanto eu proval-a, tornou-se o sabor da, minha bocca e sinto, sempre, sempre como as houvessemos trocado o sentido ficando eu com o teu paladar e dando-te, em troca, o que me pertencia...

N.

FAGULHAS 14/04/1898

Em a noite de 11 de Janeiro do anno corrente, em presença dos membros do *Centro Artístico*, fiz a leitura do *Ariente*, episodio lyrico, em 1 acto, cuja musica esta sendo

terminada por Alberto Nepomuceno. É um poema symbolico, passa-se em uma floresta, nos arredores de Athenas. Hello, esculptor, enquanto a filhinha dorme, n'um grabato, ao fundo da miserável choupana que lhe serve de *atelier* contempla, extasiando, a figura maravilhosa de Ariemia, obra do seu cinzel, gaba-lhe a beleza lamentando não poder [p.i.] -a com o fluido vital e invoca apaixonadamente e alma.

Hestia, sua esposa, entrando, e vendo-o em attitude contemplava diante da estatua, tem uma revolta a lembra-lhe tudo quanto tem soffrido por causa d'aquelle mármore frio — os bens que possuíam perdidos, e, em troca, a fome, o frio e o desconforto. Hello atenção o soffrimento dizendo que ella, um dia, vorá aquella estatua em [p.i.] marmorca do acropollo.

Insistindo Hestia, o esculptor, revoltando, mostra-lhe a larga entrada dizendo-lhe que parte, com a filha, em busca dos prazeres, deixando-o só com a sua estatua. Hestia sae para a floresta, chorando. A pequenina filha sonha no grabato. Helio invoca novamente a alma e ouve, de repente, o seu nome, pronunciado por vozes mysteriosas que saem de todos os [p.i.] do arvoredado, que lhe dizem:

«Não te esforços em vão, busca junto e o ti
mesmo

O sacrário do lume expiendido que anima.

E faze da tua obra impassivel e muda

Um [p.i.] immortal de perfeição artistica

.....

Helio, maravilhada, repete as palavras mysteriosas:

Não te esfuerce em vão., etc.

Della sonha. De novo, as vozes irrompem

.....

Palpita um coração, junto a ti, no silencio

Dentro ??..?? a chamma que dá a vida

Esse jume immortal que ??? buscava

Não proclama subir aos céos para furtal-o

.....

O coração é o sol dos seres

E a vida é a sua claridade

Ouvindo palavras taes e vendo que dorme Hello, devaiando, interroga o mysterio — «se esse lume de que fallam as vozes está no coração da creança. » As vozes repetem mysteriosamente.

Palpita junto a ti um coração, no silencio.

Sem sol não pode haver claridade no mundo

Sem coração não pode haver vida no corpo

Deila sonha. O escultor lança-lhe um olhar sinistro, toma uma adaga e encaminha-se para o grabato, exclamando.

Tiro a luz d'um altar para outro altar mais bello.

Crava a adalga na creança justamente quando ?? aparece ao fundo com um feixo ramos, coberta de neve.

Helio avança para a estaina , estatua, ensanguentado, com o coração da filha, offerecendo-o. Hestia dá pelo crime e attira-se para o grabato allucinada, o escuptor, sobresaltado, abraça-se com a estatua mas tão desastadamente que ela vem abaixo e desfaz-se. Hestia chama pela filha, Helio ajoaelha-se e beija o fragmentos da estatua: Dolla! Artemis! As *vozes mysteriosas* gemem soturnamente:

«Variadas fantasia! ?? so sonho...

Utopia! Utopia: o vosso Oreste é o genio.

Hestia toma o cadaver da filha e lança-s desesperadamente, á floresta, soluçando. Helio escabuja beijando os destroços da estatua reunindo-os pra recompor a sua obra. As *vozes mysteriosas* brandam:

Volta a pedreira bruta e arranca um novo bloco.

Talha de novo a pedra e tira uma outra Artemix

Helio, que ouviu attentamente, o conselho mysterioso, levanta-se precipitando a, desvairadamente, tomando os instrumentos, sai, como um louco para a floresta [p.i.], parando, em meio, inspirado, exclama:

[p.i.] a farei mais bella!

e brada gloriosamente: Artemix! As vozes mysteriosas repetem:

Fartas da fantasia, etc. e, a esquerda, muito longe, dolorosamente, a voz de Hestia sobrama: Della! Este é o assumpto do meu episodio lyrico. Hontem, porém vi na secção Theatros da *Noticia*, o entrecho de uma peça *Pygnuntião e Daphne*, do [p.i.] Traeleux, represntada recentemente no theatro dos Encholtera (*) do Pariz. Diz noticia:

Pygnuntião e Daphne é uma obra symbolica. Daphne não é Catalea. A historia e outra e outra a conclusão. Dephné foi como a Catalea antiga, [p.i.] pela alma do artista; tomou vida e de [p.i.] transformou-se em mulher. Pygnuntião amou-a apaixonadamente; por causa

d'ella quer fugir-lhe mas é subjulgado pelo [p.i.] d'Omphale. Não pode acabar o Nobe que esta apenas com medo. Dephné tem [p.i.] d'esse pedaço de estatua e quer que elle a destrua

Pygnuntião cede! mas, apenas commeteu esse crime da[p.i.], cai n'um [p.i.] profundo, semelhante á morte. Daphne observa-o e ouve o sonhar:

— Niache. Niache, murmura dolorosamente o esculptor.

— Estou vencida, exclama Daphne, é na outra que elle pensa.

E, apoderando-se do cinzel, enterra-o no coração, Pygnuntião acorda vê-a estendida, morta, dá um grito, apanha o cinzele, cravando-o no Mamoré exclama:

— Acabarei a minha estatua!

Faço esta declaração com o tempo par amais tarde não boqueje que fui buscar inspiração nos verso de Trarleux dos quaes só agora tenho noticias. O *Belo* [p.i.] deixou-me [p.i.].

N.

FAGULHAS 14/04/1898

No Ceará a chuva é escassa, passam-se mezes e mezes sem que das nuvens [p.i.] uma gotta d'agua [p.i.] o terreno secco e mirram as hervas, cresiam-se nas folhas das arvores, os rebanhos sucumbem e o homem emigra com um palmo de língua de fóra, esgromirado, com os ossos espetando a pelle, pedindo agua com clamores mais altos do que os da nossa impresa mas... quando chove no Ceará, hum!

Dous inaugurou para os israelitas a chuva de maná e de codornizes — a Escriptura não diz se as aves cahiam do céu temperadas o assadas, como em [p.i.], diz apenas, concisamente — que cahiam.

Agora vêm os jornaes declarando que no Ceará, terra secca, chove feijão.

O caso da que pensar o que comer. Se, nos primeiros tempos vem o feijão crú é lícito esperar que venha amanhã a feijoada completa com orelheira de porco e mais pertences.

A Providencia não abandona os homens, se ella, por vezes, se torna avara de beneficios logo resgata essa usura com uma prodigalidade do abarrolar, assim, no Ceará — ou torra ou despeja viveres fazendo-se um armazem de seccos, de molhados é que não se faz porque a secca é calamidade endemica d'aquelle enxato Estado.

Que dirão os homens da sciencia se amanhã chover no Ceará um ensopado com batatas? dirão que o céu estabeleceu commercio de comedorias ou, menos por milagres e mais por uma razão natural dirão que uma tromba passou pelos hotéis da Europa, arrancando os pratos das mãos dos cosinheiros para servil-os, ainda quentes, aos comedores cearenses. E isso será bem pouco para as surpresas que Deus reserva aos conterraneos de Iracema.

Não vem longe o dia em que no céu há de apparecer um largo cardapio annunciando os pratos que a tromba abastecedora servirá aos felizes cearenses. Talvez mesmo um anjo desça, com um guardanapo ao hombro e, passeiando pelas areias apregões como nas casas de pastos:

— Temos carne com quiabos, vitella recheiada, picadinho á bahiana, mão de vacca e... e a tromba a roncar trazendo da Asia da Africa, da Europa, da Oceania uma variedade infinita de comidas desde a *Couillabaisse* até os ninhos de andorinhas e o Ceará a comer, a comer, a comer mais a estourar de sede porque a tromba dá tudo, menos agua e vinha.

E os cearences dirão, passando regaladamente as mãos pelos ventres regulados:

Homem, estava supinpa aquelle escabeche que choveu hontem as 4 horas, hein...? E, quando as nuvens se forem arrumando os praticos, com agua na bocca sahirão a consultar o tempo procurando descobrir a iguaria da altura:

— Aquillo está muito escuro... não te parece que é um ensopado comervas?

— Filho está me parecendo mais uma feijoada... Olha que está preto como o diabo.

E, no Ceará, em vez de guarda-chuva, a gente levará para a rua, quando o céu enlarruscar-se, terrinas e travessas. Bom será que as folhinhas annunciem:

« Dia tal... chuva de peixe ensopado », para que se prepare com antecedencia o molho.

N.

FAGULHAS 19/04/1898

CORAÇÃO MARCANTE

Enformara o piloto e, como a bordo outro não houvesse conhecedor d'aquelles mares arriscados grande foi o terror na lucta. Já o barco ningrava sem governo, na velas bandas e a maruja cercava o moço onde o moço enfermo jazia, com a vida quasi extincta. O [p.i.] alongava os olhos anciosos nos divisar um ponto no horisonte — o céu fechava o [p.i.] e nuvens acastellavam se annunciando procela.

Alguns, mais timoratos, sentindo a morte proxima, querendo acabar em graça, porque não reparavam [p.i.], andavam pelos cantos assendendo o medo o [p.i.] rezas e promessas, outros, ainda com animo, tem de instante a instante [p.i.] a distancia e tornavam suspirando.

O mar encapetava-se e turgido, espumoso, fazia andar a juste nos trancos sobre os nudas. Já os vagalumes estalavam as bundas quando o [p.i.], fazendo um grande esforço, chamem para junto de todos os companheiros.

Acudiram todos precipitados julgando que a vida lhe voltaram mas o [p.i.], ajustando todo o [p.i.], poude apenas dizer enfraquecidamente.

— Não desespere. Em verdade já vos não posso levar em rumo do palacio, [p.i.], deveis [p.i.], vós outra, meus companheiros, que, d'esta valla dependia a minha ventura porque alguem me [p.i.] em terra com o mais leal dos amores. Bem [p.i.] seu noivo.

A maruja, que ouvia, a [t.i.] sem atirar, pomos, com a razão d'aquellas palavras em [p.i.] tão perigoso, [t.i.].

— Bem sei que morre, sinto a morte nas velas, mas não [ps.is.] cuidado. [t.i.].

A Marajó, tomando por insana as palavras de ??? piloto., não quis profanar o seu [p.i.] e [t.i.] lutando quando [t.i.]

— Por que não [t.i.] sua vontade [tp.i.] conselho [t.i.].

E assim tal feita. E, tanto que o [t.i.] logo o coração [p.i.] para um porto e, n'essa [t.i.].

Foi grande o clamor de festa e o que julgavam perdidos ajoelharam-se agradecendo a Deus o salvamento e um homem foi grato subindo a proa para beijar o coração do morto que [p.i.] havia levando áquella [p.i.] foi o velho marinheiro.

Tanto, porém, que a [p.i.] entrou no porto o [p.i.], que levava [p.i.] o coração na mão, sentiu-o tremulo e, á medida que se aproximavam da terra, mais tremulo o sentia. Já ouviam, os repiques dos festins dos [p.i.] como a capella ficava n'um [p.i.] um dos [p.i.] que la a olhar [p.i.], disse com alegria:

— Olhem lá: á uma [p.i.] que sai da capellinha.

— Felizes noivos: disseram. E o coração, na mão do velho marinheiro, [ps.is.] sangue a um sangue perdeu-se n'agua. Houve [p.i.] a principio mas o marinheiro disse:

— E' [p.i.] que acaba porque cumpriu a sua missão. Agora pagamos ao Senhor pelo coração que nos trouxe. Só mais tarde souberam a razão [ps.is.] do cego estranha quando lhes disseram quem era a noiva que sahia da capelinha quando a justa por milagre, ancorava no porto.

N.

FAGULHAS 23/04/1898
(Visualização do jornal indisponível)

FAGULHAS 25/04/1898

O intendente Dr. Augusto de Carvalho é um homem pertinez e em seu louvor devo dizer que a [p.i.] de um vai [p.i.] provas e das que [p.i.] podem trazer proveitos porque anuncia um grande [t.i.].

Fora o governo d'esta [ps.is.] Republicana , além de positiva, nada mais extrai — o povo tem [t.i.]

[f.i.]

FAGULHAS 26/04/1898

Olívio de Barros é o pseudónimo de um nobre escriptor brasileiro, sertanista apaixonado, guardando no coração, apesar, de o haver trazido para o tumulto da cidade, o amor da natureza, simples e forte.

A sua estréia foi das mais auspiciosa posto que teus contos, de uma braveza selvagem, provocassem no mais difícil da nossa vida, enfocada de homens desagradados um verdadeiro assombro. Não se compraz em descrever o amor amaneirado e as discussões artificiosas, nem ficar dentro dos limites estreitos d'uma cidade atravancada — os seus amores são formidaveis, os seus dialogos atroam e a sua paisagem tem a sombra vasta de selvas e são atravessadas pelas aguas fundas dos rios largos.

Nenhum dos escriptores da actualidade conhece, como o auctor que se rebuça sob, o pseudónimo Olívio de Barros, vocabulario pittoresco do sertanejo e nenhum outro tem tão intensa e nostalgia das cerradas brenhas, das serras alcantiladas onde ainda freme o jaguar, dos caudaes que os galheiros atravessam, das cavernas sombrias e d'essa gente, mimosa no affecto e crudellissima no odie, que habita esses sertões da nossa terra formosa.

Olívio de Barros publicou no *Commercio de S. Paulo* um romance *sertanejo* ao qual deu o titulo, palpitante de *Os Jagunças*, e, para que se não perdessem paginas de tanta intensidade um editor reuniu as em dous volumes.

Funda-se a narrativa n'esse tremendo episodio de lucta que se travou no sertão inculto o secco de Bahia entre os fanaticos de Antonio Conselheiro e as tropas republicanas.

O auctor, para conduzir as suas personagens, veiu semeando flores redolentes pelos caminhos que deviam trilhar, e assim que o romance abre e fecha com idyllos, posto que ambos tenham um tragico remato.

Não quero esmiuçar os episodios para não lhes tirar a belleza, dando escassamento o que no romance abunda, limito-me a apanhar as principaes figuras, todas tratadas com segurança, o vigor é grande conhecimento da alma impetuosa e bravia ou enternecida o cranio dos homens da natureza.

Luiz Pachola, que é, a bem dizer, a conductor do romance, é um typo do cavalheirismo e de bondade, bravo e piedoso, apaixonado e altivo. Gabriel, o pabula contador de feitos, resume o amor terrivel do caboclo — é o ciume que mata; Conceição, com a sua candura, é uma nota lyrica que parece viver isolada n'aquelle meio semi- barbaro de vaqueiros atrevidos — é como, uma flor delicada nascida no lombo secco de um penedo.

O *Conselheiro*, está nitidamente desenhado — é bem o typo do mystico que se julga na terra um emissario de Deus e, toda a gente que cerca em Canudos nos [t.i.] os canticos acordavam o silencio d'aquelles sitios estereís ou no tempo do morticinto quando as

granadas levavam pelos ares as cabanas dos infelizes tem grande relevo e vive, agita-se, soffre, e bate-se energicamente n'aquellas paginas commovedoras.

O episodio entre os dous jagunços Cyprimo e Anninha, é de uma rara e sentida belleza. O amor reçuma d'aquelles trechos e, quando a jagunça ferida, abrasada em febre, deixa-o vencer pela dedicação o só rapazito fica-se hesitante entre a emoção piedosa e a emoção enthusiastica, porque, se o episodio punge do mesmo tempo agita o coração em estos.

Tia Joanna; a boa velha, a curandeira Sá Chica, a heroica viuva do Luiz Alves e toda aquella gente, que formiga em torno do sanctuario tem grande realce.

As descripções são admiravelmente feitos. Sente-se bem a natureza d'aquelles ermos, sente-se bem o sol abrasado queimando a terra apenas ensombrada pelos oasis raros das catingas.

Os jagunços são um romance de simples fantasia, porque está edificado sobre uma solida base de verdade e, tem como moldura a paizagem do sertão que, o auctor conhece porque n'elle nasceu e n'elle passou grande parte da sua mocidade.

N.

FAGULHAS 27/04/1898

Homem, se a vida te corre calma e facil, não queiras buscar tropeços, segue sempre em frente porque a maior delicia do viver é a paz. Escolhe os teus amigos entre os mais fieis e que elles não sejam interieses a ti mesmo para que, um dia, não se julguem humilhados e offendidos por que os [p.i.] — os amigos são necessarios, a mesma pedra benta e sociavel.

Wodan inspirou o bardo que enteu a eloquente estrophe ao canto de Reyamal «Um dia, foi na minha mocidade, viajando perdi-me n'um caminho solitario.

Ah! encontrei e desde logo considere-me rico porque o homem é a alegria do seu semelhante; a arvore tirada da floresta e transferida para a solidão de uma aldeia secca, perde toda a folhagem — o mesmo acontece ao homem que se vê privado dos seus amigos. Quando a agula para acima das vagas agita-se, pertuba-se, com os olhos fixos no mar sem pratas é a sorte do homem que, perdido na multidão, não encontra um amigo.»

Mas La Rochefoucauld diz nas suas maximas: Co que les hommes ont nomme amitié n'est qu'une société, qu'un menagement reciproque d'intérêts, et qu'un échange de bons offices; ce n'est en fia qu'un commerce on Pamour proprio se propose toujours quelque chose é gagnor. Têm ambos razão — o scald e o moralista — Indo está em saber escolher os amigos.

Tu, meu bravo Garcez, tinhas aqui, a vida calma e facil, corriam-te afortunadamente os dias até o momento em que, seduzido pela politica e porque se tratava do beneficiar a terra de teus pais que é tambem a tua terra deixaste o maior bem da tua vida que era a tranquillidade e, abandonando a tua casa confortavel seguiste a cumprir uma missão de amor julgando, talvez, que faz trilhar um caminho forado maofamente pela gratidão e nelraste um adorrrial espinhoso onde tens colhido ferimentos insanaveis.

E porque tens soffrido tanto desde o vitupario até a ameaça? porque encontraste inimigos? não, tens soffrido porque puzeste a tua bondade a discrição de amigos que tomaste quando andavas com o teu espirito magnifico allucinado pela politica melando.

Um que d'aqui levaste é o teu mais encarniçado adversario no Sergipe — era um soffredor e tanto que o levantaste logo entendeu que devia chegar com a lança ao teu coração e com a fama aos teus cabellos brancos, outro que recebeste no teu lar, esquecido da hospedagem, vendo que tratando com mais cuidado do beneficios do Estado do que preparo de eleitores para futuras paginas e futuros conchavos de eleições agachou-se e tomando do que havia no terreno que lhe servia de base começou a atirar sobre ti miserias e apodos vis.

Agora, tu que eras um confiante has de ver que foste um illudido porque facilmente recebeste o amigo de La Rocheioucauld e esquecendo os amigos de que falou o scaldo o has de ter arrependimento quando, nas horas em que te concederam os teus *amigos* um pouco de repouso, petisares no descanso que deixaste nos teus livros e n'aquelles que sempre souberam prezar o teu coração e o teu espirito.

Bem tarde começaste a conhecer os homens, bem tarde mas sempre é tempo para a gente corrigir-se. Pensa no scaldo e pensa na moralista, ambos têm razão meu velho.

N.

FAGULHAS 29/04/1898

Uma bella pagina, inconstetavelmente, é aquella em que Eça de Queiroz, n'um momento amavel de fantasia, descreveu os saldos chaldêos, no [p.i.] obscuro d'uma paisagem

triste, debruçada sobre tijollos, gravando delas a memorias com a pressa que [p.i.] exigia porque já batiam a terra [p.i.] as primeiras gottas grossas da chuva do diluvio.

Não garanto, com o estylista, que date d'esse opprimido momento a origem dos almanks, nem posso dizer em que tempo surgiu o primeiro, sei que elles hoje [p.i.] aparecendo nos primeiros dias de novembro com a ancia de herdeiros que se acercam de um parente que enformou.

Há almanaks para todos os gostos, só os meus amigos Laemmerl & C. atiraram, todos os annos, aos extremos da Republica uma tão grande variedade d'elles que se eu aqui tentasse enumeral-a encheria uma columna e talvez fosse obrigado a deixar em baixo o *continua*.

Aqui o almanak tem grande acolhimento, principalmente no interior. Fallaram-me de um homem extraordinario de uma cidade mineira, que guarda na memoria todo o texto dos almanaks desde 1861... é um erudito mas já mudou em camisola de força por haver adquirido a perigosa mania do prognostico.

Varios almanaks brasileiros me vieram ter as mãos, este ano, e um dos que mais me impressionaram foi o que tem por titulo *Almanark Popular Brasileiro*, publicado em Pelotas, sob a direcção do Sr. Alberto Rodrigues.

Na sua parte chronologica e de informações a completo, voltando-se nelle a influencia desse precioso vademecum que tem o titulo de *Alamark Rachette*. Não tem os famosos augurios do irreductivel *Alamark de Ltège*, de Matheus Lacusberg, em compensação nella encontra o leitor uma excellente e instructiva parte litteraria onde, se apparece a charada e se o legogrypho e o enigma têm um logar indisputavel, tambem a novella discorre e sôa a rima vibrante da poesia e impõe-se o episodio historico, porque um dos cuidados do organisador é divertir educando, principalmente no ponto de vista civico.

Passa a gente, sem sentir, da anecdota para um feito das armas brasileiras ou declira com paciencia um enigma complicado e vai repousar, pouco adiante, ouvindo os carmes de um [p.i.] sentimental ou mergulhando em plena paisagem levado por um novelista.

Eu não digo que como o extraordinario mineiro, tenha de contexto o almanak, mas que o li e que, de instante a instante o consulto posso afirmar mesmo jurar se quiserem o tenho o sempre a mão porque é elle que me annuncia os dias de sol e as noites de luar.

Que o organisador não se esqueça de que atras de um anno vem outro e que os almanaks, mais resistentes, todavia, do que a rosa do poeta têm, ainda assim, mas existencia ephemera posto que, de tempos a tempos, seja agradavel consultar a gente as notas que deixam nas paginas e que nos fallam do passado desventuroso ou feliz.

FAGULHAS 01/05/1898

O Sublime e visinho do Ridículo.

Quem descobriu essa aproximação disparatada não disse quaes são as relações que entretêm os conjunctos não podem ser boas, affirmo.

Ora a Gratidão, quando chegar a casa do Sublimo, por um passo a mais ou a menos, conforme o lado de onde parta, vai bater à porta do Ridiculo de onde sabe, como é de prever, fazendo uma triste figura, perseguido pelo val, ao Bom Senso.

O Ridiculo tem na sua residencia varias cousas que costuma offerecer aos que procuram; antigamente o que elle mais fornecia era o retrato a oleo isso, porem, cahia mas teve um digno substituto no *polis*.

Querendo a Gratidão Nacional dar um testemunho do apreço ao homens que, por isto ou por aquillo, fazem jus a um preito encaminham-se para a casa do Sublime mas, como já se habituaram a bater a porta do Ridiculo já vao ter levado o nome que deve ser galardoado.

Que faz o Ridiculo? pendura n'elle um *polis* é o nome que designava, com gloria o honra, um homem do merecimento, com esse guiso perde a gravidade e fica designando, apenas nos actos officiaes, uma cidade chrismada pela gratidão, que outro nome, em verdade, merece. E assim vai a republica ficando entulhada de *polis*.

Tinhamos dous legados do imperio. Petropolis e Thereseopolis. A aliança, n'esses dous casos, é enphonica veiu, mais tarde, Florianopolis, já dar pouco arrevezado e vem agora, Santo Deus! Predentopolis.

Eu sou dos que estimam e respeitam o venerado presidente da Republica por isso mesmo não posso aturar que façam esse gracejo com o seu nome. Prudentopolis... é uma calamidade.

Que será amanhã? vindo para o governo o novo presidente efeito algum congresso ha de querer honrar o seu nome dando-o a uma cidade a teremos Campos Saltopolis.

E outros virão e com elles Polycarpolis e Torquatopolis e Brasopolis e que sei eu! ficará a Republica tão cheia de *polis* que ninguem mais andarà, com segurança dentro d'ella.

Imaginou em viagem um homem que leva seu destino e que, ouvindo conductor bradar qualquer cousa e, *polis*, desembarca e acha-se em logar desconhecido; — Como é isto? Onde estou eu?

— O senhor está em Barnabepolis.

—Mas eu não tenho nada com Barnabepolis. Eu moro em Figueiredopolis...

—Ah! isso é muito para lá... Há ainda seis estações d'aqui a Figueiredopolis...

—Seis estações?!

—Sim, senhor: seis. Cá estão elles: Anastaciópolis, Namedopolis, Casimiropolis, Rosa Silvopolis o Augusto José Forta Milrandópolis depois é que é Figueiredopolis.

Francamente, senhores dos congressos, há outros meios de prestardes homenagem aos benemeritos da Republica esses, porém, não estão na casa do Ridículo, estão com o visinho. Um passo mais e lá encontrareis mas, pelo amor de Deus, basta de *polis*! Prudentopolis.. até parece desaforo.

N.

FAGULHAS 04/05/1898

O [t.i.] do domingo não parecia que cá aparecesse, como [p.i.] á hora em que os membros do [p.i.] reunidos em torno da estatua do José de Alencar, prestavam [p.i.] justa homenagem ao romancista [p.i.]; uma enfermidade [p.i.] que, certamente, será em [p.i.] pelo illustre Dr. Guedes de Mello que já começou a hostilisa-la, [p.i.] com a grande luz.

A [p.i.], porém, lá tal com a minha familia, visitar o monumento e confesso [p.i.] desvanecido vendo o enthusiamos do povo n'aquella praça resplandecia, graças ao doce luar e ao Dr. Rego [p.i.]. porque a prefeitura, apesar de [p.i.] estylo culturano, agradecido [p.i.] e garantido que o guardar [p.i.] o zelo, deixou-o ás escuras [p.i.], com sua indiferença, que uns [p.i.] fossem destruir varias [p.i.] relevos.

[t.i.] creador de *Iracema* alli estava, e uma dupla aureola de luzes o [p.i.] Apinhava-se na praça uma [p.i.] e as musicas ostru [p.i.] varias casa haviam illuminado as suas [p.i.] e d'um para outro lado [p.i.] os [p.i.] as [p.i.] trefegas das senhoritas que por alli andavam.

Essa comemoração que deve ser com [p.i.] Para exemplo dos futuros, tal toda [p.i.] particular porque o governo [p.i.] as manifestações da intelligencia que são as que fazem a gloria das [p.i.] o seu cuidado.

O [p.i.], por exemplo, no paiz [ps.is.] o Povo devia Finlândia até a [p.i.] alvoroçou-se para honrar o [ps.is.] aniversario de [p.i.], o grande [p.i.] sorte, aparecendo a cidade [p.i.] de flores e bandeiras, [p.i.] como na commemoração de [p.i.] para festejar a robusta velhice de um dos seus mais queridos [p.i.] com representações de gala, [p.i.] publicos entre nós os intellectuaes, não merecem a mínima consideração dos poderosos que nos regem [p.i.] absolutismo e quasi nenhum [t.i.].

Entretanto não são esses ephemeros que hão de representar a Patria amanhã — as [p.i.] passam mas os poemas ficam. O [t.i.] e não [p.i.] levar [p.i.] um só dos períodos de [t.i.] a rasoura passou pelo solo da [p.i.] e, todavia, ahi estão, atestando o [t.i.], os cantos [ps.is.] grande ancestral da Poesia e de todos os seus [p.i.]. Para desfazer a [p.i.] de um dos nossos gloriosos, senhores e havia uma rusga da campanario e nem o Tempo nem a colera, [p.i.] e sanguinaria do turco conseguiram ahuramar a gloria de Athenas.

Essas satisfações, como a de domingo, vão preparando o povo para o amor da Patria e a tradição faz-se nos poucos e são esses «immortaes» que vão creando. Um povo sem Poesia é como um homem sem essas nações, como os individuos, têm as [p.i.] grandes saudades e têm os seus [p.i.] arroubos: recordam-se e pesquisam e, quem transmite, de geração em geração as elegia, e as odes é poeta, que é o intermediário entre o Presente e o Futuro.

O culto que se presta á Arte é prestado não a abstração, as a propria Alma Popular que o poeta consultou traduzindo em canto as suas alegrias e os seus pezares.

Que o povo comece a amar os seus bardos e deixe lá o governo nos [p.i.] caculos. Junto d'aquelle altar há [p.i.] patriatismo do que em todos os collegios eleitoraes da Republica: o que alli esta glorificou a sua erra e os que n'ell nasceram e os das urnas... tornos ahi a grande glorificação: o [p.i.] a.

A iniciativa do Centro Cearense é digna de todos os louvores e que elle continue a educar o Povo, commemorando, como fez no domingo, com raro esplendor, a data [p.i.] d poeta dos verdes mares.

N.

Por que não medram as industrias no Brasil ? porque o brasileiro não as protege e não se protege ainda por outro — não — porque não acredita que nesta terra, tão rica em materia prima, se possa fazer alguma cousa digna.

As fabricas de chapões mandam as suas manufacturas aos foliotos e que fazem ellos? arranjam um rotulo estrangeiro que, não dando mais touçaula no artefacto, empresta-lhe duas razões, ambas detestaveis: uma é de deprimir o trabalho nacional, outra é de permitir ao negociante poder taxar onerosamente a fazenda, agarrando-se ao falso pretexto de imposto.

Temos excellente calçado nacional, temos magnificos tecidos, temos phosphoros, velas, que sei! vamos, pouco a pouco, tendo tudo em casa e o brasileiro a fazer momo porque prefere o que nos manda o estrangeiro.

Certo negociante tinha em deposito uma grande partida de chita paulista... quereis saber o que fazia? escolhia os padrões mais graciosos e naturalisava-os iraucesos deixando como nacionaes os que lhe pareciam menos vendaveis. E affirmava: — Se eu disser aos freguezes que esta fazenda é nacional fico com alta em casa... as baratinhas vão como da torra porque, enfim, são os pobres que as levam, ajuda assim, fazendo caretas.

Com as drogas, por exemplo, muitas das que são aqui preparadas e; com mais cuidado do que as que nos vêm de fora, são preferidas por estas.

Em industrial intelligente o *pharmaceutico* Villas Boas, resolveu distillar uma agua de Melissa á qual deu o titulo de *Agua de Melissa espirituosa brasileira*. Analysando o preparado foi julgado excellente e os que d'elle tem feito uso são unanimes em dizer, sem rebuço, que leva vantagem ao cordial identico que se annuncia com o rotulo francez de *Agua de Melissa das Carmelitas*, pois apezar dos attestados de medico insuspeitos e de muitas pessoas que têm feito uso do medicamento ainda os brasileiros fazem cara preferindo o importado que lhes custa o dobro produzindo menor vantagem do que o outro.

E assim com tudo — e os industriaes brasileiros vêm-se forçados a mentir para que lhes não fiquem em casa, apodrecendo, os seus preparados.

Há aqui uma fabrica de gravatas — n'ella trabalham diariamente mais de cincoenta operarios de ambos os sexos pois senhores, todas as gravatas que apparecem no mercado vêm de Pariz.

Eu mesmo não sei como hei de explicar a coragem dos que bebem as aguas das nossas fontes e aspiram o ar que por aqui circula. Em Caxambu encontrei um homem que só bebis agua Apollinaris e já me fallaram de um brasileiro que tendo ido a Pariz ficou tão maravilhado que de lá trouxe um caixão de terra e... o seu primeiro filho nasceu em terra de França, porque o gallomano leve cuidado de alastrar o leite com ella.

O brasileiro não comia na patria, essa é que é a triste verdade e, se n'ella não [p.i.] como há de amal-a?

Não sou dos que pensam como aquelle asturano que amava tanto a sua montanha que, sendo forçado a deixal-a esteve oito annos sem tomar banho para guardar no corpo um pouco da poeira patricia, mas tambem não quero a indiferença do brasileiro. Se podemos viver com o que temos para que havemos de andar pedindo ao visinho?

E há ainda quem se abafo quando um estrangeiro diz uma chalaça desprezivel ao Brasil, não há razão para zangar porque o exemplo vai daqui.

Valorisemos o nosso trabalho que o estrangeiro não nos há de deprimir com apodos. Os Estados Unidos ahi estão para exemplo. Há por acaso moveis mais bellos e mais solidos do que os que sabem da *Mercenaria Brasileira*? pois, senhores, apezar da altissima porcentagem aduaneira e, apezar dos blebinhos que, em pouco tempo, reduzem a pó, os mais bellos productos da marcenaria européa... ainda há quem os prefira, porque é *chic* dizer que os recebeu de Pariz ou de Londres. Emfim... o nosso patriotismo é incontestavel. Se querem ver como somos patriotas mandem tocar o hynmo... e todos ficarão com os chapéos na cabeça por causa do sol ou do sereno.

N.

FAGULHAS 07/05/1898

Não são demasiados os elogios que a imprensa, um unanime concerto, quasi diariamente tece aos Srs. Laemmert & C. livreiros editores, n'esta capital.

Com as difficuldades que assoberbam o nosso commercio mantendo-o retrahido e digno de hartos encommios o procedimento ousado d'esses negociantes que se atrevem, em phase tão precaria, a dor, todos os mezes, um volume de litteratura quando não levam mais longe e afoiteza dando dous e tres. Graças aos seus esforços a producção litteraria vai em

abundancia e melhorando dia a dia sai um romance dos prélos e já outro é distribuindo e outro ajustado.

Vem agora o quarto volume da *Collecção Laemmert*; esse é original de Afonso Arinos, o brilhante jornalista que actualmente dirige o *Commercio de S. Paulo*. Pelo sertão intitula-se o volume que abre com o canto *Assombramento* e fecha com *Pedro barqueiro*.

Affonso Arinos é o mais completo dos nossos *sertanistas* porque não somente conhece a paizagem forte do interior das terras mineiras, como ainda, por haver n'ellas vivido, poude estudar os homens que as povoam acompanhando lhe a vida, envindo-lhes as narrativas para affeiçoal-as, mais tarde, á linguagem culta e harmonica do seu estylo.

Arimos é um pantheista – o seu grande amor a natureza resalta de tudo quanto lhe sai da pena: elle ama a floresta e o rio, a montanha e o Valle, a campina e a charneca; os animaes fortes da brenha e as aves que povoam as [p.i.] têm n'elle um amigo e, esses homens errantes que andam de pouso em pouso conduzindo rebanhos ou tropas de [p.i.] e deixando pelos caminhos, como rastros da sua passagem, as crinas [p.i.] das fogueiras que afetaram, são as creaturas amadas do novelista nostalgico.

Em todos os contos d'esse volume bravio que e, a bem dizer, [p.i.] pel: Alma [p.i.], há a magestade dos grandes bosques, a melancolia das noites [p.i.], a ardente fulguração dos oceanos e a luminosa e excelsa apothense dos diluculos nos livres campos, mas os dramas, estupendos como as scenarios em que se desenrolam, tem alguma cousa de barbaro, de primitivo — os protagonistas apparecem como colossos.

No primeiro, « Assombramento » é o ousado euyabano que vai ver de perto o mysterio na casa que as almas tomaram e cabe victimado pela allucinação sendo piedosamente recolhido, na manhã seguinte, pelos camaradas que o vão encontrar desfallecido, ensanguentado, sobre um monte de ouro.

Na Esteiceira é o [p.i.] feroz da cafusa que mata para desfazer-se de uma rival despeitada. Em *Manuel Lucio* é o autor timido, calado do caboclo que toma para confidente do seu segredo o arvoredado e as estreitas e deixa, para evocar saudades n'alma da que foi o seu « pensamento » uma cantiga suave e queixosa. Na « Fuga » é a valentia de dous escravos reunos que acorrentados e illudindo a vigilancia dos drações d'El-Rey, fogem da rancharia atravez da tempestade e atiram-se ao Jequitinhonha vencendo a correnteza vio lenta do rio n'uma jangada fragil feita com spalhas de piteiras. Em *Joaquim Miranga*, é a lealdade, em *Pedro Barqueiro* é a [p.i.]. Além d'esses contos há evocações como *A endeirinha Barity Perdido Paisagem* [p.i.], *Desamparados*, *A celhinha* e um fragmento do *O contractador dos*

diu.nuntes, romance dos tempos coloniaes que, certamente, o auctor não deixará ficar em notas.

O estudo do livro de Affonso Arinos, de uma feição tão original, não cabe no espaço exiguo d'esta secção — os mestres da critica devem tomal-o, analysando com o cuidado que merece o auctor que, sendo um dos mais opulentos prosadores d'entre os que illustram o nosso tempo é um exigente em linguagem e um observador minucioso. O seu livro deleita e instrue — a sua descripção tem cores que realçam distinctamente todos os planos nos quaes vivem os homens em companhia das arvores e da fauna bravia e a sua linguagem, sobria e precisa, é a de um purista que não recorre ao barbarismo nem buscar lóuçainhas, excusadas para dar a impressão que pretende communicar ao leitor.

Pelo sertão é um dos bons livros editados pelos Srs; Laemmert & C. A edição é cuidadosa, elegante como competia a trabalho de tanto merecimento. Agora o publico que se deleite compensando, ao mesmo tempo, o esforço dos editores que tanto fazem pelas nossas letras.

N.

FAGULHAS 09/05/1898

Os da Cantareira permittem que um passageiro de 2º classe leve tudo, menos botas; o famoso gato de marquez de Carabas se quizesse dar um passeio a Netheroy teria de submitter-se ao alto preço da primeira classe se não quizesse arrancar das patas o seu calçado legendario.

A 2º classe foi creada para *pés no chão*. Entendem os da Companhia que só os que palmilham as ruas com as rodas que Deus lhe deu podem viajar por preço modico sem lembrar-se de que cada um sabe onde lhe aperta o sapato.

Muita gente que por ahi vamos gastando borzeguins anda, como vulgarmente se diz, descalça. A bola não faz o moage...

Quando appareceu essa innovação onerosa muitos dos que moram na outra banda perguntaram aos seus bota não faz o monge...

Quando appareceu essa innovação onerosa muitos dos que moram na outra banda perguntaram nos seus bolões como haviam de descalçar a bota e, tanto malutaram que resolveram deixar vasta a 1ª classe passando-se para o compartimento folgado dos descalços.

A pollicia, porém, sahiu em defesa dos interesses da companhia para deixar entrar na 2ª classe homem que levasse couro para a 1ª classe.

Houve protestos e, como sempre, a policia respondeu aos protestos com a energia dos seus agentes e um passageiro, porque tentou entrar na 2ª classe com as bolinhas nos pés, esteve sertamente [p.i.] de acabar as mãos da policia que em tudo que faz mette os pés pelas mãos.

Pelo que vejo isso de idorarchia é uma questão de calçado, começando na botas do polimento o acabando nas rudes, alpercatas. Um homem que pisa um salto de três pollegadas está altamente collocado e um pobre diabo que arrasta um [p.i.] chinellas da oureio não merece a minima consideração. Dizem-me o nome do teu sapateiro e eu dir-te-hei quem tu és.

Que a Companhia se opponha á entrada do calçado na 2ª classe vá lá, mas que a policia manda agentes espancarem os passageiros pelo grande crime de levarem botinas nos pés é muito. *Ne sutor ultra orepidam...*

[p.i.] além das [p.i.] bulcões — se os pés fizerem motim, muito bem, sejam punidos os pés, mas simplesmente porque vão calçados não é justo que os seus donos soffrem vexames. Emfim, como foi a Candareira que arranjou esse par de bolas ella que destrince a meada.

Posso hoje fechar a minha secção com chave de ouro dando umas versões do [p.i.] feitas pelos poeta mineiro *Guy d'Alvim*.

Ahi vão ellas.

TRÊS NUMEROS DE HELNE

(*Nova primavera*)

I

No bosque já sorri a casta
Anemoan que o sol espera.
Eil-o que vem, ramos afasta...
Bem vinda, a nova primavera!

O rouxinol, entre as devezas
Vem preludiar á tua volta,

E as suas queixas e tristezas
E' a propria voz do Amor que as solta.

II

Uma silvestre melodia
As notas de ouro em mim resóa:
Canção da primavera, guia
As azas para a longe, e véu!

Leva o teu vôo, até a fechada
Porta que a verde hera em moldura,
E se vires a minha amada.
Faze por mim gentil mesura.

III

Bem fóra da agua crytallina
Levanta o licio a frente nua;
Como através de urna cortina,
Faz-lhe signal de longe a lua.

A fronte a flor para agua ponde,
Casta, ao sentir que alguém a espia;
Mas a seus pés vê que se estendo
O reflexo da lua fria.

GUY D'ALVIM.

Hamburgo, 1830.

E... sem... mais... ponto final.

N.

Li hontem o manifesto que n'esta folha foi publicado pelos veneraveis sacerdotes Radanelil o Coquard, cheias das missões christãs em Porto Novo e em [p.i.] em Africa.

N'esse documento piedoso, fazem os dous evangelistas em appello á caridade dos brasileiros para que possam continuar n'aquellas terras malignas a obra de misericordia que emprehenderam e que tantas vidas tem custado, porquanto n'essa região barbara tudo é hostil — a terra, o sol, a agua dos rios, os baiseiros, e mesma flora, a féra e o homem.

Os sabios entram com as suas expedições explorando as florestas, buscando as nascentes dos rios e as riquezas das terras e das aguas — o missionario fica na aringa porque a sua conquista é toda espiritual. Os primeiros vão em nome dos seus governos, os segundos vão em nome de Doné uns levam o ideal do Progresso a do dominio, os outros pensam apenas na redempção.

O sabio [p.i.] todas as dificuldades com as armas na mão, o missionario leva apenas uma cruz: se usa cabida irrompe amofinada os primeiros [p.i.] uma trincheira e defendem-se, a trincheira do sacerdote é o altar.

A victoria dos primeiros é proclamada e a Fama paga-lhes generosamente os sacrificios, mas que ineram esses modestos dos pescadores de almas vadeando selvas atroantes de urros, soffrendo as mais duras privações? Lucram ficar abandonados, Uritando de febre agazalhados á sombra de um oasis ou à margem fédida de pantano,, farejados, na agonia, pelos chacaes.

Vêde, porém, a obra piedosa que fazem. A aldeia negra, defendida por forte caicara de troncos, hontem um retiro de bellcinos, onde os corpos humanos eram ultrajados em repastos nojentos, onde não havia a minima noção dos deveres humanos, começa a aulmar-se

Já não estrugem os cantos de guerra, as virgens camunham serenamente guardadas pela propria castidade, os velhos têm como defesa os proprios cabellos brancos e, em torno das mais, accendeu-se uma aureola que as tornou sagradas. Há officinas — trabalha se, e, nos dias de santo repouso, todas as cabanas asseiadadas escancaram as suas portas e o povo, feliz, segue as pé gadas do evangelista como um rebanho que acompanha o pastor.

E essa grande paz deriva d'aquelle cruzeiro que domina a aldeia arvore celeste plantada pelos semeadores de Deus.

Essa exploração das almas é, sem duvida, mais proveitosa do que a exploração do territorio o homem vai sujeitando o meio, a terra [p.i.] ao habitante Chrisimlanisado o continente negro facil será a victoria da civilisação.

O que pedem esses missionarios e bem [p.i.] que lhes dermas será cantada no céo.

Em [p.i.] do manifesto deu me umadoce e [p.i.]: transcrevo-o.

A peda o da santa Se Apostolica, partiram [p.i.] tres missionarios para Dahoney e morreu um na viagem, tambem de febre. Proseguiram, porém os outro e desembaravam em Ouiduh, onde a [p.i.] a uns pretos, antigos escravos que repressavam do Brasil, o que logo lhes deparou um pequeno centro de christandade.

Vendo esse [p.i.] O cemo que tive a visão de Ocedah, onde ve em seus velhos negros, anexos escravo, que emquanto aqui soffriam as torturas de cativeiro não esqueceram a [p.i.] e, tanto que conseguiram reunir o capital necessario ao resgate partiram mas, como haviam encontrado consolo no Deus misericordioso dos brancos lá o levaram e, contando aos patricios os [p.i.] da [p.i.] fallaram-lhes tambem do allivio que sempre haviam tirado da crença que, a principio lhes fôra imposta e que elles por um, adaptaram de boa mente.

Para auxiliar a obra caridosa dos reverendos missionarios estou certo de que o brasileiro não se fara rogar as graças de Deus não se conseguem apenas com orações mas tambem com actos de piedade porque não é so pedir é tambem necessario auxiliar.

Agora uma pergunta: porque não mandam os positivistas missionarios aos sertões africanos?

Não que aquilo por lá não é graça. Propaganda, propaganda mas com todas as garantias, isso é que é. Para as pestes, para o limbo e para a dentuça das fêras estão ahi os frades, o Apostolado não se deixa comer por uma perna, préga a sua religião mas em casa. Quem quizer converter-se que tome o bond e va a capella.

N.

FAGULHAS 11/05/1898

Demos outro motivo a fabulação indiana tomando-lhe a moralidade para com ella apresentar outras personagens. E fique pois, n'esta columna, sob outra fôrma, a essencia do apologo:

« Andava o Desespero em grande amofinação, arrepelando as guedelhas com os dedos, magros, arrancando murmurações do peito secco, de olhos baixos, soturno, a caminhar pela sombria selva do seu homício quando o Senhor, avisado por um dos seus anjos, mandou chamar o Tormento a sua presença. O livido frango apresentou-se e, tudo que o viram, tão hediondo era o seu aspecto bravio e angustiado, as virgens abalaram espavoridas.

— Que tens? perguntou Deus. Por que andas tão abalado e suspirosos?

— Senhor, anda-me por dentro um grande desejo de visitar a cidade do Rio de Janeiro.

— Pois não estás farto de atormentar os homens?

— Sim, Senhor Deus, tenho atormentado os homens mas não os do Rio que vivem felizes, comendo e jogando e folgando em sarãos, apesar do cambio ter baixado a 5.

— E que pretendes fazer?

— Penso que devo torturar algumas almas...

— Algumas?! quantas?

— Umas vinte... umas vinte, Senhor.

— Acho muito.

— Umas quinze.

— Não, permitto que tortures dez.

— Seja feita a vossa vontade, Senhor. E o Desespero atirou-se á cidade e logo os jornaes noticiaram, com muita lamuria, um suicídio lamentando que a victma houvesse tão cedo cortado o lalo da existencia.

Na tarde desse mesmo dia, outro suicidio dous no dia seguinte, quatro depois, trinta e cinco no primeiro mez, cincoenta no segundo... O Senhor, alarmado, mandou ordem ao Desespero para que se apresentasse immediatamente no céu, e, quando o Tormento, rugindo, entrou na mansão elysca o bom Deus interpellou-o, furioso:

— Então? que te disse eu?

— Dissestes que eu podia torturar dez almas...

— Dez almas...

— Dez almas, Senhor.

— E quantas torturaste?

— As dez que me déste, nem mais uma.

— Ousas mentir-me!?

— Como posso eu mentir se digo a verdade pura...

— E como explicas essa calamidade que anda agora grassando no Rio? mais de noventa suicidios em tres mezes.

— Senhor, eu torturei dez almas, tomo a responsabilidade de dez suicidios...

— E os oitenta e tantos mais...

— Os oitenta e tanto mais?

— Sim...

— Foram suggestionados pela imprensa, Senhor, que tece um romance sobre cada suicidio — sobre uma das minhas victimas cahiram nove noticiarios. O bom Deus ficou algum tempo meditando, por isso disse:

— Acho que fallazte a verdade. Vai-te.

— A verdade pura, Senhor. A imprensa faz mais do que eu.

E o bom Deus ficou algum tempo pensando nas palavras do Desespero que já andava resmungando, muito satisfeito se é possivel, com o valioso auxilio dos jornaes [p.i.].

N.

FAGULHAS 12/05/1898

Singular capricho o desse inglez que as vestiu de mulher uma visita as igrejas. Terá essa subdito da graciosa rainha um fundo dominiuo? não tem o seu fundo e perfeitamente masculino... se assim [p.i.] que foi elle tomar as vestes do outro será como d'Eon de [p.i.] por curiosidade... mas que tem a curiosidade com as calças? Aqui é me está o busila...

Seria a curiosidade do inglez a de um [p.i.] discreto que quizesse ver incógnito, as bellezas archillactonicas da [p.i.] seria a de um invertido? Queria elle conhecer a terra ou na delicias do outro sexo? mysterio.

Sabe-se me ninguem lhe dirigiu um [t.i.].

No tempo onde o feminino entrou pelo braço do companheiro, como se fossem receber a benção nupcial, posto que a noiva em vez do véo [p.i.], levasse uma formidável *louca*, [ps.is.] principalmete quando o da sala disse ao das calças, com uma voz de baixo profundo: O' [p.i.]...

O devotos viram logo que aquella [p.i.] Jura alternativa não podia sahir de um peito delicado de mulher e suspendendo ao Padres Nossos, cortando os Credos [t.i.] tiveram que deixar a igreja, porque a christandade não permite tal escandalo diante dos altares.

A' porta dous soldados tomaram o passo ao par suspeito levando-o é estação mais proxima onde o da sala teve de submeter-se a um exame minucioso que provasse a identidade do seu sexo.

A falta de raio X o delegado faz como nos theatros: levantou o pano e o espectáculo que seus olhos tiveram foi hem diferentes d'aquelle que abalou as cousalenetas dos integros aceopagitas quando [p.i.] perides despiu Pheynéa... um horror [p.i.].

O marujo ficou detido e, no que [p.i.] vai responder a processo... porque? perguntará o leitor, simplesmente por haver vestido saia? não, senhor, mas por esconder uma das gíbulas que ingiram [p.i.] Zoológico e que tanto alvoroçaram os povos de S. Cristovão.

N.

FAGULHAS 14/05/1898

Do *Lauz Venaria*, do Callbau, quero, ainda uma vez, offereceu primicias aos leittores. Callbau não levará a mal que eu traga para esta columna as suas miniaturas eroticas, nem o publico receberá com [p.i.] e inedito do autor do *Album* — sem a ira de um e sem descontentamento de outro equivel o escripto. Corresponde, no corpo da adoravel Lenôra, as mãos a, fantaste que transcrevemos, sem mais comentarios.

XI

Certa noite, quando entrei na alcova, dormias, com o braço nú, muito alvo, ostendido sobre a colcha de seda azul e, a luz da lampada do [p.i.], pareceu-me ver no teu leito, um pequeno cometa estendido — o nucleo era a tua mão aberta, teus dedos eram os raios e a cauda era o teu braço branco.

Riste da minha imaginação quando seu [p.i.] que eu havia comparado uma parte do teu corpo a um pavoador do espaço... riste, pois foi o que me pareceu, Lenora, quando entrei na alvova e dei com os olhos no teu braço muito alvo estendido sobre a colcha de seda azul.

Se enfeixar os dedos para o derradeiro beijo que me mandas do teu balcão quando, saudoso, parto, peuso sempre que me vais atirar um licio e espere a flor... a flor:

como poderia rir se era a tua propria mão que eu via, muito branca, com os seus minosos dedos muito juntos como cinco petalas unidas.

Teus dedos com as suas unhas, pequeninas e camas cor de rosa, parecem rememorar o tempo pagão. Se Venus nasceu do mar devia trazer no corpo as louçainhas das hereidas e ta guardas ainda algumas como para attestar que vens diretamente de Aphrodite.

A palma... que sei eu que há de mais macio e de mais rosco que a palma de tua mão, Lenora? parece feita de espuma onde houvessem espalhado disoratamente [t.i.] soffro são ellas que vêm, como duas irmãs de caridade, abrandar o meu soffrimento.

Ah! meigas amellias, tão promplas na misericordia e tão sollicitas no amor. Sim, no amor, porque são ellas as precursoras, são ellas que vão abrindo a marcha para o cortejo erotico, são ellas que descarram a porta do templo, são ellas que me torturam quando, no instante delicioso, todo o sangue se alvoraça no delirio do amor.

Mãos alvas e delicadas, mãos que mal podem com uma violeta, que força tendes quando, no supremo instante, ficais allucinadas como duas menades. Ah! quem vos vir, mãos frageis, não imaginara por certo que sois duas bacchantes disfarçadas pudicamente em tanta blaudicia e calma.

E para terminar, um Inedicto do Luiz Pistarini, o poeta infeliz cujo coração sangra apuado pela saudade da esposa, morta aos vinte annos. Fez parte do livro *De luto* que o auctor consagra a memoria de que se tinou tão cedo, ficando, todavia, uma parte de sua alma no mundo porque há uma orphasinha que é d'ella depositaria.

Não deixarei de agradecer a gentilleza da [p.i.].

Uma reliquia

A COELHO NETTO

Acho-te, emfim, mimosa luva, agora
Rola, senil; tão feliz e tão judiada!
Quanta voz, no entretanto, em ti calçada,
Não apertei aquella mão outr'ora!

Essa, por quem, talvez há um anno, usada
Foste, e que foi minha gentil Senhora,
Velha to achando, é natural, que fóra.
Te houvesse posto, um dia, oh desgraçada

Luva! Entretanto eu quero-te commigo:
— Doce reliquia, no mais casto abrigado
Que houver em casa hei de guardar-te, visto

Que hoje me trazes a lembrança amena
D'aquella mão tão branca e tão pequena
Que Ella deu-me, no Altar, junto de Christo!

N.

FAGULHAS 25/05/1898

Tivemos um nobre exemplo de pratriotismo dado pela colonia portugueza n'esta capital com a commemoração do 1º centenario do leito maritimo do Gama.

Não ficou simplesmente na *élite* da contenta, a glorioza data abalou os corações dos mais rudes e, acompanhando os estandartes em ovantes cortejos, vieram as ruas os operarios, os homens simples esses « esquecidos » lembrados por Souza Monteiro no seu auto.

Não sei como foi encarado pelos chauvinistas esse movimento, sem duvida acharam-n'ó ridiculo porque, para muita gente, patriotismo é synonymo de arruaça. Em havendo motim e correria há nobreza de sentimento: ama-se a patria com duas pedras na mão.

Vem perto a dacía memoravel do nosso apparecimento. Que teremos nós a 3 de maio de 1900, por occasião do 1º centenario da chegada da frota de Cabral ás nossas plagas?

Um fazendeiro, querendo celebrar pomposamente as suas bodas de ouro, reuniu a familia em conselho para que fossem discutidas as propostas que apparecessem. Apareceram varias sendo todas rejeitadas por não serem julgadas dignas do acto que relembavam e foi o fazendeiro quem salvou a situação, dizendo:

— Façamos uma semana santa! Todos approvaram:

— Sim, façamos uma semana santa. E a proposta passou por unanimidade não podendo, porém, ser levada a effeito porque o vigario entre [p.i.] que não lhe ficava bem matar Jesus Christo justamente no mez de dezembro, que é o do seu nascimento.

Não digo que festejamos o 1º aniversário do descobrimento do Brasil com uma semana santa mas com um eleição bem puxada acho que não ficará mal. É necessario fazermos alguma coisa e, como eu sei que, para o nosso povo, não há nada como uma eleiçãozinha faço, desde já, a minha proposta.

Essas festas preparam o espirito do povo e vão constituindo a tradição assim pois, no dia 3 de maio de 1900 as urnas sacudidas lembrarão o acontecimento ao qual devemos a nossa vida da nação e varios deputados sahirão a luz despertando, com os seus discursos o sentimento patrio e [p.i.] baixar o caminho.

Portugal emittiu sellos commemorativos, nós emittiremos deputados. Portugal celebrou festas durante 5 dias, nós celebraremos durante toda uma legislatura que nos ha de custar os olhos da cara e mais alguma coisa.

Emfim, seja como fôr necessario é que façamos alguma coisa para que se não diga que somos indiferentes. Assim, pois, como tenho interesse em que o Brasil appareça com esplendor no dia em que [p.i.] a [p.i.] primavera no jardim da sua existencia, lembro desde já aos meus concidadãos que é conveniente irem preparando as suas circulares e alistando defuntos para o grande pleito comemorativo do 4º centenario do descobrimento do Brasil.

4º centenario... francamente... até parece que foi hontem.

N.

FAGULHAS 06/06/1898

Foi com verdadeiro jubilo, direi mesmo com orgulho, que li hontem, aos jornaes, o trecho da carta do professor Branner. de Stanlford, relativo á nossa romancista D. Julia Lopes de Almeida.

Aquellas curtas palavras do credito valem mais do que, a principio, parece visto que, fazendo referencias tão justamente lisonjeiras á escriptora que, com tanto lustre, tem enriquecido o nosso espollo litterario demonstra que os productos da nossa inteligencia vão, alem, impondo-o á attenção dos outros povos.

Queixam-se muitos escriptores da ingratição da nossa lingua dizendo, com lastima, que semeam as suas idéas n'um terreno maldicto porque o nosso vernaculo é menos conhecido do que, digamos, o [p.i.] do Oriente, os carmés dos nossos poetas, se vão alem dos mares, são apenas entendidos dos portuguezes e param em Portugal. Essa convicção,

disseram-me, faz com que muitos homem, de verdadeiro talento, deixem de escrever... não creio, quem trouxe um destino há de um cumpril-o fatalmente.

Quem importa á arvore florestal que não lhe colham os fructos? os primavera elle desabotôa em flores e fructifica ao outono porque é esse o seu destino. Tenha merecimento á obra literaria que, um dia, terá a consagração universal.

Para atrahir a afluencia a um ponto labospito da terra basta que um homem n'elle descubra uma pepita de ouro. Ahi está o caso de Elondyke.

Quem faz caso das tempestades de neve? quem se preocupa com a esterilidade d'aquellas terras? ninguem porque alli há ouro. O mesmo succede no mundo espiritual.

Champollion, Meriette, Maspero e Ebers não foram desenterrar as narrativas do tempo de Menephta? Não temos hoje, inaguificamente illustrada, a novella *Os dous irmãos* que era contada, em toda região do Nilo, quando ainda Israel gemia no captiveiro do Egypto?

Não possuímos tantos e tão formosos fragmentos da mythologia assyria, graças as interpretações de Jules Oppert? porque havemos de nos deixar vencer por um desanimo descaroavel? não sejamos nós ingratos porque a lingua é formosa e rica — venham os primores e certo estou de que elles passarão, em vôo largo, ao mundo.

Faltam-nos apenas exploradores e esse professor de Stan'ford, que teve a felicidade de ler a nossa romancista, anunciará a alguns o veleiro da nossa patria.

Há, pelo menos, um americano que conhece a nossa litteratura e que a julga digna de espacial cuidado, outros virão pos elle e talvez se de, com o nosso veio intellectual, e que se deu com o outro do Canada que, visto por um e anunciado attraheu rapidamente a attenção do mundo.

Aqui deixo os meus sinceros parabens á escriptora e a litteratura nacional qual só não existe para os homens cegos que nos governam.

— Lembrai-vos do 4º centenario centenario do descobrimento do Brasil... E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e tres mezes.

N.

FAGULHAS 08/06/1898

Para corresponder aos insistentes pedidos dos leitores obtive de *Calibun* mais um dos numeros do *Laus Venuria*, o ardentissimo poemeto era pressa que o auctor do *Album* está

a concluir. Sabe o publico que mostra *Caliban* descreve nos quinze contos do seu poemeto. Indo o formoso corpo de uma Lenora, real ou imaginaria.

Aqui n'esta secção já foram [p.i.] as tranças do azeviche, já resplandeceram os olhos negros, da divina creatura, e, se me não falha a memoria, tambem a sua bocca, pequenina e sanguinea, sorriu.

Vem hoje outros encantos e, é com pena que não exponho aos olhos curiosos do leitor todo o corpo de Lenora, mas, as conveniencias não permitem — o decote é um *chic*, a nudez é uma pouca vergonha.

Fiquemos pois, nos limites do *chic*. Aqui fica o canto e os leitores que se contentem a não me peçam mais.

IX

Assim avultam se longo das dilatadas pratas alvacentas as dunas alvadias.

Ellas, porém, quedam-se, só o vento as agita removendo-as; o mar que as beija carinhosamente, chamando-as de novo ao selo das aguas, verdes como á esperanza e, como ella, traiçoeiras, não consegue animal-as e, as collinas de areia, inmoeis nas pratas, longas queixam-se ao grande sol, encharcam-se com os aguaceiros e, se n'ellas apparece alguma verdura é o sargaço da onda, nada mais.

Em teu corpo as duas estuam como vagas e, sobre ellas, o que nasce é o coral vermelho — dous blocos do caral sobre comores alvissimos. Os desejos andam pelo teu corpo branco com as ondas pelas brancas pratas e vão afflorar as dunas, estuas de anela, e eli-as sublevadas mas, á tormenta. Jongo do se desfazerem, mais se eurijam — não ha embalos que as [p.i.], arrebantam contra ellas os escarcéos lascivos e firmes, como balnartes, resistirão as dunas.

Dunas? ah! não, são pedreiras de marmore. Pedrotras sim e, de iguaes, sem duvida, foi que o artista antigo tomou o marmore com que fez a Venus immortal mas, e os pequeninos visos do coral? serão dous acropaltos? e que deuses haverá n'elles? que divindades viverão n'esses tempos, Lenora? sorrís ... Vivem o Sensualismo ardente e a languida Volupia que canalisaram meus labios que, de instante sabem devotamente para deixar as oblações dos beijos...

Mas, dize, Lenora porque trazes no corpo esses dous monolilhos? são os pedestres do Amor e de Venus? E, rir quando os acaricio... porque rir tanto Lenora?

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil... E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e tres mezes.

FAGULHAS 10/06/1898

O caso é interessante e requer um lento estudo — que o tomo algum investigador para analyse vindo illuminar o inquerito policial com uma soutelha de psychologia.

Um pequeno, aprendiz do gatuno, e gatuno de cousas sagradas, teve uma revolta digna e foi a uma pharmacia buscar um remedio para o moral — não pensem que pediu acido phenico, pediu simplesmente trabalho dizendo que não podia viver em companhia do pai, homem sem escrupulos, sem fé, que o forçava, todas as noites, ao hediondo sacrilegio de furtar aos santos.

O pharmaceutico, ouvindo esse grito da alma, em vez de acolher o pequeno entre os bocaes do seu laboratorio levou-o á delegacia e o infeliz, que ia disposto a fazer pilulas foi fazer um depoimento.

Aqui, neste ponto duvidoso e obscuro é que deve brilhar a scentelha psychologica. Foi a consolencia que levou o pequeno á pharmacia? foi o terror sagrado ou foi simplesmente o medo vulgar de ser, uma noite, agarrado com a bocca na bolija ou, melhor, com a mão na massa? Mystério que há de ser revelado pela sagacidade do juiz ou pela arguela do psychologo que tomar a serio o destrinçamento de tão seria questão apagado á moral.

A consciencia, prudente como é, teria, no primeiro momento, quando o pequeno chegou á portaria da igreja, sussurrando: « Que vais fazer, creança? não profanes os altares, deixa os santos em paz, vai dormir ». Entretanto o pequeno não deu attenção á consciencia porque entrou.

Entrou, viu os Santos e nem a serenidade de S. José, nem a bravura do S. Miguel, nem o extase de S. Francisco, nem a piedade de S. Benedito conseguiram demovel-o — elle foi direito aos altares, tomou as pratas e poz-se ao fresco sem receio de que um dos bemaventurados, com uma furia digam, lhe agarrasse a mão, bradando:

— Deixa isto ahi já, grandissimo pa die ou vais d'aqui, como um fuso, para o inferno!

Nada — os Santos ficaram sem os replentores e o pequeno sahiu tranquillamente para entregar ao pai os sagrados objectos.

Foi, então, o medo vulgar de ser, uma noite, agarrado com a mão na massa? Zambem não porque elles reincidiram — [p.i.] foram as igrejas que sofreram a de á

Christovão, a do Castello e a de Catumby e, um gatuno que reincide demonstra que não faz grande caso da policia...

Então porque foi o pequeno pedir trabalho e refugio ao pharmaceutico, confessando-lhe os furtos do pai e mostrando um sincero arrependimento... porque (o seu [p.i.] psychologica... illumina-mês porque elle tambem era furtado furtado, digo bem, visto como, sendo elle o ladrão não conseguem jamais ficar com uma patena sequer porque o pai, que era o leão guardava tudo e, assim furta para outrem não vale a pena e preferivel fazer pilulas e o pequeno [p.i.] resoluto para a pharmacia.

Se não foi [p.i.] e que digam os sabios da escriptura porque foi.

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e tres mezes.

N

FAGULHAS 13/06/1898

Em certo conto das *Mil e uma noites* há um cavallo que vôs galopando nos ares com a mesma bravura com que o Anhecapetum galopa nas rajadas. Dirão os incredulos. « E' impossivel: Como pode um cavallo vôar se não tem azas? » Não sei como pôde, que respondam os orientaes eu responderei por outro factio, mais extraordinario, que se deu em Petropolis, e que vem narrado nas gazetas: « Um burro foi visto em cima do telhado de uma casa.»

Teria o burro reado para aquellas alturas? teria sido levado em braços ou guindado...? as gazetas não dizem, ficam na noticia secca e assombrosa deixando aos leitores o arduo trabalho das conjecturas.

Não é caso raro ver-se um burro alcançar as mais clavadas posições e escoucear lá em cima e zurrar e pinotear, isso é commum e já não maravilha mas não é tão facil chegar á cumieira de uma casa.

Iniciatus, o cavallo do Caligua, relinchou no augusto senado romano e seria incapaz, estou certo, de equilibrar-se n'um telhado como fez o burro, em Petropolis. O burro é animal de bom senso e prodencia e, por isso mesmo, esquivo ás cavallarias altas e esse muar, se buscou a eminencia, muito pensou antes de resolver-se á ascensão mas... que motivos o levaram ao telhado? porque preferio o asno a cobertura da casa ao pasto opino? que haveria

no alto para que a tanto se aventurasse o orelhudo quadrupedo? mysterio — o burro trepou o trepado zurrou para a cidade chamando a atenção das gentes e, principalmente das crianças.

Que proveito tirou elle da sua posição agregia? foi aclamado? vio o povo submisso ás suas patas? teve manifestações do apreço e dadivas? não, porque está escripto que os burros, mesmo elevados á altura de um principio ou de um folhado, não deixam de ser burros.

De caso d'esse animal, que subio tanto, um Esopo tiraria uma fabula de substanciosa moralidade para exemplo dos homens. Cá em baixo, na chateza da planicie, pastando no sol, eu seguindo entre os varaes da carroça ninguem dava por elle e por isso ninguem o perseguia e, so o carroceiro lhe zurzia o lombo, tambem lhe enchia a mangodoura, mas quis o burro subir acima da sua condição e que lucrou com isso? pedradas, duras e formidaveis pedradas que o obrigaram a um salto perigoso que lhe poderia ter sido fatal se não houvesse uma providencia para o burro.

As crianças, revoltadas com a presumpção do orgulho, tão acertadamente e alvejaram que o desgraçado abandonou, com pressa, o posto que usurpara aos gatos, não sem deixar muitas telhas quebradas, caso que acontece sempre que um burro sobe a telhados. Que este exemplo aproveite: não vá o burro além da campina e o poeta, tambem a proposito de um burro que se nottou a trabalhão, escreveu:

Ne forçons polut notre talent;
Nous ne ferious rien avee gráce.

Ora, para que lhe havia de dar a telha...!

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e tres mezes.

N.

FAGULHAS 15/06/1898

Outros mais felizes do que nós, filhos de outras terras abençoadas onde amadurece a seara loura e os rouxinoes elegincos embatam as horas tristes das noites, onde há aldeias mottidas em profundas valles velhas como os tempos, por onde passaram raça

emigrantes e costumes e crenças e religiões, gozam tranquilamente o seu inverno acolhidos ao canto do fogo ouvindo o crepitar da lenha e o *ron-ron* moroso do bichano enroscado voluptuosamente nas folpas molles de um pollego enquanto o vento zumbo por longos campos salpicando de neve os tectos das casas d'onde sobe para o céu, denso e frio, o novello de fumo, symbolo patriarchal dos lares.

Outros mais felizes tem o direito de passar a noitada confortavelmente encolhidos, servendo grogs quentes e ouvindo chorar uma harpa, em *lêts á lete* familiar e honesto, longe dos murmurinhos, longe do todo rumor, n'um socego invejavel, deixando ao bom Deus o cuidado de refrescar a noite e de adubar a terra para os futuros outonos.

Outros, mais felizes, podem esperar com as polissas desenroladas, os logões aluhados de lenha, o armario sortido e a cama feita a morte do sol, o apparecimento da neve porque a Providencia, que tudo [p.i.], pensou em dar-lhes, para quebrar a monotonia das manhãs azues, nevoas rudes de invernos e, para substituir as estrellas que brilham eternamente a variedade dos [p.i.] os brancos que fazem tão bem ao somno quando o leito é fôfo e aquecido e não há trinchas no muro por onde possam entrar insidiosamente as pneumonias e os pieurizes no halito regelado das noites.

Deve ser consolador saber a gente que no mez proximo vai ter sol na sua janella que as aguas desbotaram, que o seu jardim se vai cobrir de flores e que as arvores, enfolhadas, se vão carregar de pomos e que vão chegar de longe os passaros.

Como deve ser bom ter frio, tiritar com o queixo nos joelhos, abraçado ás pernas!

Como deve ser bom passar uma noite a ouvir tamboritar a neve no telhado e ter a gente a certeza de que há gelo em todas as ruas, em todos os cantos... e dormir abafada, encolhida, e sonhar com um dia de primavera e entrar a sentir calor, muito calor...

Felizes os que podem bater o queixo! Felizes os que vivem tranzidos. Bemaventurados os que tiritam... Ao menos têm n'alma a esperanza dos dias de sol e do reverdecimento dos campos.

Nós aqui, pobres tropicaes, que temos senão esse constante flammejar de um sol que desmente os almanachs, que desmente os observatorios, que ri dos sabios e dos cobertores e que leva a sua ironia a ponto de não deixar, sequer, que S. João mantenha a sua tradição de pai do frio.

O Supremo Deus! é Intendencia, não haverá meios de arranjarmos para o Brasil uns tantos por cento do inverno europeu? Que diabo? para que temos nós essa palavra vâ — inverno — se andamos com o suor na frente.

Mandai-nos um pouco de inverno, Deus do céu, para que este povo tenha um dia a alegria que jámais lhe foi dada de pedir soalheiras e de sahir em precissões reclamando do céu elemento os seus 30° á sombra.

Lembraí-vos do 4° centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e tres mezes.

N.

FAGULHAS 24/06/1898

Meu caro Coelho Netto — Há algumas semanas que vem V. lembrando e relembando nas suas *Fagulhas* a necessidade e o dever de commemorarmos, todos nós, brasileiros, o quarto centenario do descobrimento do Brasil, que, já tão proximo está e concitando com ardor áquelles a quem mais de perto respeita a responsabilidade do cumprimento d'esse dever collectivo, afrem trabalhando desde já, dispondo materiaes, collegindo elementos, preparando forças.

Não me considero parte d'esse grupo e não me illudo acerca do valor da cooperação que eu poderia prestar-lhe. Todavia, como não há, em absoluto, ninguém totalmente inutil, ponho-me ao seu dispor e ao d'elles para a realisação d'esse empenho, que deve ser considerado de honra, lembrando a conveniencia de se formarem, desde já, commissões em todas as classes sociaes, para angariamento de meios, e de uma commissão central, em que essas classes estejam todas representadas, para o estudo e o preparo do programma das festas.

Quando, ha dous tres annos, se tratou na imprensa deste importante assumpto, lembrei que se fizesse figurar no programma das solemnidades commemorativas a realisação de um congresso da imprensa americana, no Rio de Janeiro. Essa idéa foi favoravelmente recebida e deu nascimento creio, á do congresso juridico, resolvido pelo Instituto dos Advogados, que acaba de nomear uma commissão de dezesseis dos mais illustres membros da classe para executal-a.

Acha V. boa, util, exequivel a do congresso da Imprensa? Pois, se o acha, prestigie-a com o poderoso valimento do seu nome, apadrinho-a, perfilhe-a. conhecendo melhor do que eu quanto é difficil conseguir uma acção collectiva da imprensa fluminense seja para o que fôr, não devo perder tempo. Lance a semente d'esde já e vá regando-a

quotidianamente com a maravilhosa lympha do seu talento para que ella produza, por fim o resultado da agua molle na pedra dura. Eis sómente o que por emquanto me occorre dizer-lhe acerca do assumpto. Conto com os meus applausos e o auxilio pouco prestante do seu collega e admirador, — *Valentim Magalhães*.

Um Congresso de imprensa... será isso possível, meu amigo? Dirá V. que só é impossível o absurdo pois ou incluo n'essa classificação a idéa do Congresso citado... d'ahi, quem sabe! De-me V. o seu auxilio porque, francamente, se fosse para deslocar o Pão de Assucal ainda eu, com muito ousadia e grande confiança em S. João aceitava a empreitada mas, para reunir a imprensa... nem Deus! Todavia não quero que se diga que desisti antes da tentativa — vamos os dous á empreza e que todos os santos e alguns demonios nos ajudem. Tome V. uma veja e eu tomarei outra e... a caminho para o impossível!

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e tres mezes.

N.

FAGULHAS 25/06/1898

Os botocudos, demominados hoje « indios Pancas » porque vivem no valle do rio desse nome, um dos afluentes do Rio Doce, constam, segundo as melhores informações de umas vinte tribus ou agrupamentos.

A tribu mais numerosa e a que é mais torpemente explorada pelo homem civilizado teve sua taba (kjemm) á margem do Rio Doce. Comparando a linguagem que faltam com os diversos dialectos botocudos enumerados por Martins na sua Ethmographia vê-se que é um mixto dos botocudos Cracmun, Nac- hanuk, Juporoça e Buturunas.

Esta tribu, proveniente das primeiras tentativas de catechese feitas pelo governo, conta grande numero de ladios baptisados que tornaram á vida selvagem, preferindo a barbaria das florestas ao conforto das villas porque nellas apenas encontraram á maldade e a perfídia.

Atrahidos pelas boas palavras, chegando-se a cruz com que lhes acenavam aproximaram-se e, longe de acharem misericordia só encontraram crueldade recuando então, desiludidos, para as suas mattas que defendem com bravura feroz.

Para que se julga da perversidade do homem branco com os infelizes selvicolas basta a narração do seguinte facto: « Annos atras alguém, querendo acabar com os homens dos bosques, enviou varios tubos de pús variolosos affirmando ser *lympha vaccinica*. Sujeitaram-se os miserandos á *prophylaxia* e a selva encheu-se de bexigentos que morriam cobertos de pustulas, deformados, gemendo, á sombra das suas arvores, á beira dos seus rios, trahidos pela falsa misericordia dos christões. »

Depois de tanta vileza o indio tomou horror ao branco e, não só o evita como o attaca vendo n'elle um inimigo mais cruel do que a onça, mais venenoso do que a serpente.

Para chamar a civilisação esses desertores o benemerito monsenhor Nery, bispo do Espirito Santo, anda empregando todos os esforços. Os recursos de que dispõe o caridoso preludo não lhe chegam para a santa missão que se impoz e anda elle com a esportula pedindo as almas o obolo necessario para que possa lavar a termo a sua piedosa empreza.

Estou certo de que lhe não há de ser facil conseguir o necessario para trazer toda a tribu a Verdade mas que o povo concorra ao menos para que o missionario possa salvar alguns dos infelizes demonstrando que nem todos os que alçam uma cruz e levam o nome de Deus nos labios são hypocritas traidores que sob a égide santa da Religião lovam punhaes e venenos.

Monsenhor Nery, por intermedio da imprensa, já se dirigiu ao povo fluminense pedindo um auxilio para a caridosa expedição da cruz e eu, como christão e como brasileiro, venho recordar esse pedido lembrando que são almas que vivem em trevas, que são patricios nossos que jazam em barbante o que devem ser favorecidos pela misericordia. Que depois da infecção mandada pelos miseraveis enviam os caridosos a misericordia.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e tres mezes.

N.

FAGULHAS 26/06/1898

S. Paulo era ainda um feudo academico quando ao para lá transporteí os meus dezoito annos trafegos, atravessando, com todos os meus sonhos o grande indifferença pelo *jus*, as velhas arcadas da academia. Não fui dos mais assiduos alisadores d'aquelles bancos que tantas gerações gloriosas envernizaram, em compensação ninguem no meu tempo,

conhecia aquellaa taipas veneráveis da cidade e aquelle romantico Tieté e aquelle esguio anhagabhau e aquelle sombrio *corvo* como eu. A garôa era o meu manto, e, com a garôa andava eu, noites e noites através da cidade, acompanhando serenatas ou... mas sejamos discretos... não fallemos de outras companhias comprometedoras. Foi nesse tempo que ouvi a dulcissima Clotilde. O poeta Dias da Rocha era um molomantaco e uma noite, noite, fria, estavam os dous no Café de Java, visinho ao Hotel Maragilauo, discutiamos Musset quando ouvimos uma doce voz que vinha da noite.

O poeta calou-se e, fitando-me justamente quando eu ia contestar uma opinião arrojada que elle emitira, impoz-me allencio e ficou embevecido a ouvir, n'um extase, a voz suave que vibrava. De repente travou-me do braço e disse imperativamente: Vamos ouvir, é a Clotilde! Salmos: a noite estava gelada e fomos para defronte, ao lado da igreja do Rosario, creio eu, ao frio. Havia uma sala illuminada no hotel Maragilano, era de lá que vinha a melodia que se espalhava pela noite triste e brumosa. Era um romance melancolico...

O poeta suspirou cruzando os braços e afundando o queixo na gola do casado prudentemente levantada.

— Que tens?

— Parece que estou ao libeno... ouvindo uma ballada antiga cantada por uma castellã.

— No Rheno?!

— E' verdade... E ficamos. A noite esfriava a mais e mais e a voz sempre suave a encher a noite e a gerar sonhos. No Rbeno... Por fim veio o silencio, fecharam-se as janellas, a rua adormeceu e o poeta abriu a bocca certamente para dizer alguma cousa... e nada. Eu quis perguntar que era aquillo... e nada! estavam aphasicos e começamos a espirrar e a espirrar caminhamos até ao Arouche. Quinze dias depois, á força de jaborandy, readquirimos a palavra e a minha primeira exclamação foi esta:

— Que voz! E o poeta, sempre entevado:

— Eu julguei-me no Rheno... e juntos dissemos, ainda assombrados:

— Mas que bronchile!

... E foi a primeira vez que eu ouvi a grande Clotilde..

*

* *

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e tres mezes.

A intendencia lançou um imposto sobre o cyclismo. Não a condemno por isso posto que acho exagerada e venha com que, d'ora avante, vai annualmente concorrer para os cofres municipaes tão voruzes na cobrança, tão avaros na [p.i.], todo aquelle que quizer sair na sua [p.i.], a passeio, com risco de ficar em migas em um dos abysmos incommensuraveis da cidade.

Que a intendencia cobre o imposto é natural, ao menos que não fujam a esse serviço os efeitos do municipio que, depois do grande festival, (com discursos) aos chilemos ainda, até hoje, não disseram a que vieram, mas tambem é natural que os cyclistas, que vão apagar, tenham uma compensação por que todo imposto representa um beneficio garantido pelos poderes.

Que dará a Intendencia aos cyclistas? buracos? precipicios? montanha? andurriaes ou ruas cuidadas e estradas para que as bicyclettas possam deslizar suavemente? Talvez mande cavar mais profundos abysmos para exercitar o fluminense em dificuldades.

A municipalidade de Paris mantém grandes turmas demonserva que não só [p.i.] das ruas contraes como tambem trazem constantemente iveladas e [p.i.] as estradas que levam da cidade ao campo, faz o mesmo a Municipalidade de Lisboa, fazem o mesmo todas as municipalidades europeas.

A nossa intendencia receberá o imposto e deixará as ruas como estão para exercicio da coragem dos que se atrevem a transitar por ellas dando um exemplo do afoitam so comparavel a dos jagunços.

Os cyclistas não se revoltam contra o imposto ousou mesmo affirmar que farão uma estrondosa manifestação aos intendentess se elles; com o dinheiro que vão [t.i.] pelo simples luxo de poder alcançar com um fiscal, o caminho ao sporiman... é muito pouco e já bastam os buracos e os predancos da cidade.

Dê-nos calçamento, dê-nos estradas e, não só os cyclistas cantarão louvores, a vossa magnanimidade, senhores intendentess como todo o povo que transita nas ruas de S. Sebastião, a esburacada. Eu, como contribuinte quero ver empregado o meu rico dinheiro, posso fallar posso bradar, defendo o meu suor e as minhas costellas.

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e tres mezes.

N.

FAGULHAS 28/06/1898

Uma procissão, fogo de artificio... faltou apenas o tellão de frendas para termos no domingo uma completa restauração do « bom vieux temos.»

Bem sei que, para a maioria, essas festas sediças não tem attracitivos, para mim são encantadoras e trazem-me saudade... Como que eu vejo passar na multidão compacta a minha balança alegre e traquinas, revejo-me menino e volto, em saudade, ao passado. Ah! os bons tempos!

É preciso que o feitor saiba que se eu não fui anjo empreguei grandes esforços para isso — ser anjo de procissão e diabinho do carnaval foram os meus ideaes e não quiz a sorte que eu sahisse alado nem rabado — fiquei sempre com agua na bocca. Ainda no dimingo quando vi a procissão, lembrei-me do meu angelico desejo—não que eu pensasse em sahir agora com um par de asas o um cirio marchando (onde ria eu parar,santo deus!)lembrai-me apenas e com os meus botões:

Deixem la! eu havia de ficar gentil se ainda andasse pelos oito anos e tivesse uma alma caridosa que vestisse como S. Miguel, dando-me uma balança e amendoas.

A procissao desfilava e eu;seguinto o meu sonho, fiquei [p.i.] e tudo e transportado ao tempo que fôra comecei a encontrar figuras conhecidas e a ouvir pregões que ninguem ouve mais.

Uma certa velhinha do manilha, desfiando devotamento as contas de um rosario, um certo credulo, com a carapinha atopetada, gingando muito, bahianas com os collos do [p.i.] carregados do ouro e *baragandans* tinindo abalonados e os cabellos penteados em torre...

E que bom cheiro de canella, como as ruas farfalhavam.. quantos pannos vistosos nas janellas e quanto rosto formoso!...

Uma voz tremula apregoava, ao longe, « amendoim torrado » e, no batente de uma porta, uma negra, com a sua trunfa, o busto coberto por um vistoso panno da Costa, ja virando sobre as brazas de um fogareiro as louras espigas de milho. E todo isso passava...

De repente uma campainha e alguém, arrancando-me pelo braço, atirou-me para a calçada:

— Olhe o bond electrico, moço...

Bond electro?! que diabo é isso? E, pouco a pouco fui reentrando na realidade e n'uma tarde do anno de 1898...

Escurecia; ossinos bimbalhavam festivamente e uma metade de lua brilhava no céu azul immaculado. Eu suspirei e fui tentamente caminhando para a casa... cansado da grande viagem que fizera a tão remoto passado...

Bem remoto, em verdade...

*

* *

Lembrai-vos do quarto centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e tres mezes.

N.

FAGULHAS 01/07/1898

Casamento o mortalha no céu se talha « diz assim o adagio mas, como o adagio não é axiomático, não foi no céu que se falhou... o terceiro casamento de Luzia Pino mas no meu proprio lombo o a pão... não sei se de laranjeira que é a arvore nupcial, sei apenas que foi o pão;

Luzia Pino é mulher forte. Já enterrou dous maridos é, ao que parece, estava disposta a enterrar o terceiro tanto que foi aos morro do Pinto pedir licença aos pais para tomar novo estada.

Os velhos pensaram e, como são pessoas de misericórdia, entenderam que não deviam permittir que corressem novos [p.i.] ou antes — nova certidão do obtido. Luiza esperava pacientemente o resultado, do conselho e foi grande o seu pasmo quando viu surgir a familia gravemente: pai, mãe e irmão, todos com ares [p.i.] e com um páo em punho. O primeiro que faltou foi o páo do pai:

— « Não maturás » e as costellas de Luiza sentiram o peso do cacete. Depois faltou o páo da mãe, o páo que faltou por ultimo foi o do irmão, mas fallou grosso e Luiza, depois de ouvir os tres páos, com os ossos n'um feixe, poz-se a berrar e com tanta a força que o morro do Pinto, pacato e honesto, alarmou-se e toda a familia teve de descer á planicie para explicar ao delegado da 10ª circumscripção o escandalo.

Luiza não pode dizer palavra, miserada ! mal a bocca lhe chagava para gemer mas fallou a familia. Primeiro o pai :

— Não queria o casamento porque a filha não era mulher, era uma epidemia. Homem que lhe cahía nas mãos sahia defunto. Era um crime consentir em taes nupcias que até pareciam noivado do sopulchro.

Fallou a velha em seguida:

— A pequena tinha feitiço. Casa com homens fortes e, mezes depois, bumba! estava de luto fechado e annunciando a missa. Era uma despeza em lutos que até parecia castigo... Não! Não estava para andar toda a vida carregada de crepe.

O irmão foi o ultimo a fallar:

— Opunha-se porque era homem e que queria que a irmã acabasse com o sexo masculino. Era um desaforo...

Depois de tão formidaveis depoimentos á depoimentos á desventurada, moida, mal se podendo ter nas pernas, adiantou-se e chorosa, [p.i.] a vinagre como uma salada, desse ao delegado:

— É verdade. Sr. doutor, os meus maridos têm morrido... mas, saiba V.S. que não tem sido por minha culpa porque eu, para dizer a verdade, sou uma creatura que não mexe com ninguem. Eu não tenho remorsos, Sr. doutor... V.S. sabe: quem corre por gosto não cança... Elles queriam morrer... Diga V.S.... o culpa é minha? não...

Effectivamente a culpa... foi dos defuntos... entretanto, foi Luiza quem se metteu em páo...

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e tres mezes.

N.

Diz a *Gazeta de Noticias* de hontem:

Sob esta epigrapho encontramos na *Gazeta de* [p.i.] a seguinte noticia:

Há dias appareceu no visinho municipio de [p.i.] um individuo que reside em Cabo Verde (Minas) e que é portador de um chifre na parte lateral do frontal esquerdo. Refere este individuo que ha este mezes mais ou menos submetteu-se a uma operação com o fim do extirpar um lipoma, pouco depois começou a apparecer no logar do lipoma uma ponta, que se foi desenvolvendo o que hoje tem a forma de uma curva de oito centimetros, assemelhando-se a um pequeno chifre de carneiro.

Consta-nos que brevemente virá a esta cidade, afim de ser operado por um facultativo aqui residente. »

Eis ahi um caso leratologico... bem duro de roer.

Esse homem de Caçonde (*cherches la femme*) será o specimen único de um novo typo de animal cornigero ou de outros exemplares na fauna? os sabios que respondam ou não me atrevo a emittir opinião porque receio tocar em assumpto tão delicado... e tão duro. Acho que o Pai Paulino deve ser ouvido.

Diz o individuo que o chifre nasceu depois de uma operação... e agora, com um pouco de paciencia, vamos destrincar o caso.

Durante o tempo da operação esse pobre homem conservou-se recolhido, veio depois o resguardo e veio depois a convalescença... tudo isso leva tempo e forças e o infeliz não se movia. Não se movendo, porque o medico não lhe permitia que levantasse um dedo, que havia elle de fazer? nada... e então, como a dieta imposta ao enfermo não se entende com os que gozam perfeita sendo, os mais , que não tinham extirpado lipomas, cuidaram da vida e cuidaram bem e vai... nasce um chifre na parte lateral do frontal esquerdo do homem Guconde.

Começou com uma pequenina ponta e, desenvolvendo-se, tem hoje a forma de uma curva, e de oito centimetros, assemelhando-se a um pequeno chifre do carneiro.

Ora, isso não é graça — que um homem tenha cabellos na cabeça ou que os não tenha vá... mas chifre! E como podera esse desgraçado andar de cabeça erguida entre os

outros homens correndo constantemente o risco... de uma péga do cara? não, não esta direito: homem é homem o homem não tem apophyses comprometedoras. Ou elle manda cerrar o rebento ou passa a assignar-se, para todos os efeitos, *Fulano de tal... Boi*.

Sim, porque, quem tem essas cousas escondo-as e não anda com ellas na parte lateral, do frontal esquerdo afrontando a sociedade.

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. É necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e dous mezes.

N.

FAGULHAS 04/07/1898

Não vamos sobre as pedras brutas, nem sobre a immundicie sordida, nem sobre a peste maligna — a culpa é do homem.

S.Paulo — não quero ir buscar exemplos em outra parte — há quinze annos atras, era uma cidade de taipa, as ruas irregulares, desde que se apertavam do centro, eram tremendas e quase todas tinham uma orla do matto bravio que, mesmo no tempo em que as flores espalham o seu perfume, trossaudava horrorosamente. Sahia-se de um buraco e entrava-se em um paúl, as rãs saltavam, coaxando, diante dos que seguiam o varas de porcos, com um grunhido selvagem, atravessavam as ruas ou refocilavam nos atascadeiros com grande — os urubus pousavam nos *pignons* das casas, varejavam as cozinhas e iam furtar o bife que o cozinheiro incauto deixara sobre a mesa enquanto fôra comprar um tempero indispensavel.

S.Paulo era uma cidade hedionda, cheia de casebres do taipa-o crusada por uns carros de lenha guinchadores que, desde as 4 horas da manhã até ás 7 da noite, alarmavam o silencio com um formidavel alarido de eixos.

Em um dos bairros declarou-se repentinamente a febre amarela — o panico foi grande e houve um verdadeiro exodo, a Peste, porém, acompanhava os fugitivos e toda a cidade ficou sitiado pela epidemia... houve então um movimento nobre de humanidade: os homens de São Paulo armaram-se contra a Peste e começou a campanha heróica — fez-se a drenagem do sub-solo, dando-se um derivativo a agua putrida, á humildade, pela infiltração, e a Peste fugiu... á falta de meio proprio. Depois d'esse primeiro cuidado vascular vieram os homens á flor da terra e, imposto o recúo, foram-se as ruas alargando — no sitio das antigas cabanas começaram a surgir palacios, onde outr'ora apodrecia a agua do balseiro azul um

jardim appareceu desabotoado em rosas — o que era viella fez-se avenida, onde havia o lado delineou-se o parque e os urubus, não sentindo mais no ar a exalação postilenta, abalaram deixando as ardosias: andam, sem duvida, com idéa de uma installação definitiva aqui na *urbs* e bem que ella precisa de urubus porque não passa de uma grande carniça.

S.Paulo transformou-se como por encanto: sahiu do adobe e da peste para o marmore e para a hygiene porque leve homens.

Dizem os chronistas que é uma vergonha termos essas ruas immundas e o barracão da cabeça do sentenciado e essas belesgas esgalgadas e a febre amarella e... que sei! toda a cidade, emfim, com as suas infecções inherentes... Não, chronístas, vergonha á termos uma intendencia sustentada com o nosso sangue que só nos dá immundicie, pestes e impostos, isso é que é vergonha e contra essa instituição, que é um attentado, é que devemos protestar com todas as nossas forças e mais alguma cousa, se for preciso.

A intendencia é que é uma vergonha, isso sim — porque tudo que nos deprime vem d'aquella inutil corporação de... os senhores entendem-me...

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. É necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e dous mezes.

N.

FAGULHAS 07/07/1898

Faz frio. A Providencia mandou-nos uma obuvasinba amavel que fez baixar o thermometro e arrefeceu o pavor que ia assomberbando o povo ameaçado de ser dizimado pela peste.

Com esta temperatura pode a gente, sem grande risco de lubraser, folhear as paginas lucendiarias de um erotico por isso ouso trazer mais um dos numeros do *Lauz Veneria*, de Calibau, para delicia dos leitores d'esta secção que, pouco a pouco, tem visto quasi todo o corpo da adoravel Lenôra.

Vão agora ver o pescoço que, como as outras partes descriptas, é uma perfeição.

Não sei onde foi Calibau descobrir essa adoravel mulher que é um conjucto de maravilhas e certamente teria o primeiro de belleza se quizesse disputal-o mas há quem diga

que... nem por isso; Calibau tem olhos de apaixonado e por isso vê todo admiravel. Seja como fôr — o que elle descreve é, realmente, de deixar agua na bocca. Senão vejam.

VII O TEU PESCOÇO LENÔRA.

Esbelto foste de columna entrelaçado de hera, eixo formoso de dous mundos: o mundo ideal que é a tua cabeçinha louca, cheia de fantasias, e o mundo Real que é o teu corpo ardente abundante em desejos.

Ponte de porphyro que liga o rosto estrellado pelos teus olhos á terra fecunda da tua carne onde teus seios avultam como dous montes e o teu ventre alonga-se como um planalto descendo para o desfiladeiro venusto onde se travam as rudes escaramuças sensuaes.

Foste da columna antiga, de que templo vieste? que maravilhoso cinzel poudo assim contornar-te esmerando-se a mais e mais para que começasses esplendidamente e divinamente terminasses?

Meus olhos, como dous stylicas penitentes, andam sempre a subir e a descer por essa deslumbrante e marmorea obra d'arte, meus beijos passeiam por ella e, quando a envolves na cabelleira, mais negra do que o teu ciume, Lenôra, lembro-me de uma urna funeraria envolta em denso crepe, pousada sobre uma siela branca, tambem luctuosa e funérca.

Funorea? não, meu amor — nada há em ti que lembre a morte, nada há em ti que entristeça senão o teu adeus quando, ao nasce da manhã apressada, cautelosamente e semi-nua, entreabres a porta da cheirosa camara para que eu passe vagaroso o canto, sem que me vejam os invejosos que são todos aquelles que uma vez tiveram a desdita de encontrar-te e a desventura de [p.i.] os teus olhos divinos.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil.

É necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e dous mezes.

N.

Vamenta temos esperando que o governo, cumprindo a promessa constitucional, faça alguma coisa pela arte — o governo conserva-se indiferente, e, aos apellidos que lhe são dirigidos, opõe um frio silencio inquebrantavel entendendo que o Povo pode, sem grande prejuizo, dispensar a cultura intellectual sendo de maior proveito a cultura do voto e das batatas. Por mais que se affirme a necessidade da educação esthetica do brasileiro os poderes insistem em educal-o exclusivamente pela cartilha do perfeito eleitor ou pelo [p.i.] espirita das votações posthumas. No Brasil, paiz macabro, os defuntos votam e os vivos... que diabo fazem aos vivos? apresentem-se candidatos ao suffragio e nada mais.

O Centro Artistico resolveu fazer alguma coisa que demonstrasse ao estrangeiro que isto não é positivamente a Parvonia e vai, de dia para dia, com redobrados esforços, realisando-os planos do seu programma que, quando foi apresentado, pareceu muitos irrealisavel.

Deve inaugurar-se proxicamente a exposição de *arte retrospectiva* que já mereceu reparos de um critico que achou extravagante e descabida a idéa d'uma exposição de velharias. Deus meu! mas essa exposição, além da sua vantagem artistica, vem despertar a emulação, vem acordar o sentimento esthetico adormecido na alma do Povo — elle será o inicio d'um movimento de expansão, educando o gosto oreará novos amadores estabelecendo, assim, uma alliança proveitosa entre o artista e o publico.

Quantas preciosidades há por ahi escondidas, ignoradas? quantos specimens preciosos, quantos documentos historicos de inestimavel valor fazer em olvido? os que forem a Escola Nacional de Bellas Artes terão ensejo de verificar a grande utilidade da exposição conferindo aos seus organisadores o justissimo preito pelo grande esforço que tiveram de despender para realisar tão alevantado concurso.

Para satisfação dos exigentes devo aqui declarar que o *Ceniro* não pretende ficar em contemplação vaidosa junto d'essa realidade, que é uma victoria. Encerrada a exposição começará o trabalho scenico porque nada menos de duas operas brasileiras serão contadas este anno; além d'ellas o genero dramatico surgirá gloriosamente trazido por Arthur Azevedo que está escrevendo uma comedia em 3 actos, em verso, e por outro escriptor que anda a ensaiar uma tentativa dramatica de grande audacia.

Bem vêm os mais incredulos que o *Centro Artistico* não tem ficado sobre palavras — ainda não imaginou que não executasse: não é uma associação de sonhadores, é uma aggremação de trabalhadores que, alcançarão uma victoria que se reflectirá brilhantemente em os nossos costumes, se não forem abandonados pelo publico... Não fallo do governo...

Lembraí-vos do 4º centenario descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e dous mezes.

FAGULHAS 10/07/1898

Não conheço instrumento mais suggestivo do que a barpa — não é simplesmente o som das suas cordas que me faz sonhar docemente levando o meu espirito ao remoto passado, é a sua propria forma triangular e esbelta que me lembra o [ps.is.], a sombra egypela esse instrumento elágiaco, companheiro dos poetas.

Vejo [p.i.] á frente do exodo, vejo David aos pés de Saul, vejo as lindas mulheres de Nemphis ou da Hoplauemlita, com as unhas douradas, ficando as cordas sonoras, vejo charmion aos pés do Cicopatra, como que ouço a musica divina tirada por Salammbô, ao luar no terraço do palacio certhaginez quando a sua alma mystica se voltava para Tanil.

A harpa é evocadora, a harpa é antiguidade como a eythara é a idade média.

É possivel que os modernos achem essa teia de aranha sonora um arebaismo eu acho a divina e compreendo bem que os mystícos tenham dado aos anjos esse instrumento para que d'elle tirem os hymnos paradisiacos. Hene, a druldira, tangia uma barpa o Wodan não a desdenhava.

Que os seculos aperfeiçoem o instrumental não modificarão os sons — a escala é uma, n'ella estão o balbucio da criança e o trear do rato, o rouxinol [p.i.] e o urro, a prece e o apinício, a gargalhada e o grito — a harpa tem toda a escala n'um tom brando, feito para a ternura, falla tremulamente como uma anciã — é a musica ancestral que vem dos grandes seculos extinctos.

Uma audição de harpa foi, para mim, uma festa; que regalo para meu espirito.

Accendendo ao amavel convite da signorina Maria Suino, que traz os mais lisonleiros attestados dos seus mestres, dirigimo, na quinta-feita, ao salão do *Club Commercial* e... fiquei extasiado. Extasiado é o termo.

Não sei como se pode fazer a critica da musica senão pela emoção; sou dos que defendem a melodia como defendem o sentimento — musica sem melodia é como um poema sem idéa: não basta ajustar palavras do eifeitos, é necessario que essa palavras exprimam alguma cousa — O adjectivo é um ornato, o substantivo é um ser: o excesso de adjectivos pode dar o « assombre ». Nunca, porém, dará a realidade — A technica harmonica sem sentimento produz o mesmo efeito.

Assim, com as minhas idéas, dispuz-me a ouvir a jovem artista e confesso que, durante a audição, fiz a mais dilatada viagem que pode fazer um homem, em espirito, em tempo curto — fui ao longo passado e de lá vim até a romantica idade média, ficando n'ella com a doce ballada de Hassolmanns.

A signorina Samo não é simplesmente uma executante que sabe vencer, com bravura, as mais arriscadas difficuldades, é uma artista de muito sentimento e que sabe comunicar a sua emoção com um raro poder esthetico.

Ouvil-a é sentil-a — a sua harpa é o oraculo onde falta, pondo-se em comunicação com o auditorio, a sua alma virgem: ella não toca, exprime.

A ovação com que foi saudada pela escolhida assembleia foi uma justa homenagem ao seu talento. Resta-me felicital-a estendendo essa felicitações as minhas jovens patricias que tem agora, no Rio de Janeiro, uma notavel e distincta professora d'esse instrumento que, por ser dos amos, deve ser igualmente das mulheres.

Lembrai-vos do 4° centenario do descobrimento do Brasil. É necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e dous mezes.

N.

FAGULHAS 13/07/1898

CANÇÃO

Manhans hilares, manhans
Cheia de alegrias vous.
[p.i.] de váos contentamentos,
Estou coberto de caus...

São os ultimos momentos.

Estou bem pobre, bem pobre!
Da alva ao poente cor de cobre
Por mares do além, viajo...
E este manto que me cobre
E' o meu derradeiro outrajo...

Doce alma, como te vaes
Gemendo de fragua em fragua...
Noites de inverno glaciaes,
Noites que não fundam mais,
Abriam a minha magua!

Eu só conheço o caminho
Que desce para a saudade.
Tedio atraz, meu bom visinho,
Tende do d'este velhinho,
Tão velho na flor da idade.

ALPHONSUS DE GUDIARAENS.

Tendo uma tão formosa abertura justo é que eu busque um digno remate para a minha secção e aqui vou eu para um assumpto que não estabelece hybridismo com a linda canção do poeta: fallemos um pouco de letras.

Apezar das palavras injustas do Sr. Ruben Tavares « que no Brasil nada se faz em materia litteraria ou, quando se faz, é porcaria » vamos conseguindo uma lenta victoria sobre a indiferença do publico. Um dos vivos attestados d'isso é o Sr. Domingos de Magalhães que, apezar do desfavor da sorte nos primeiros tempos, não recuou um passo da posição que assumiu com invejavel denodo e resignação de um crente.

Na historia da nossa litteratura há de figurar, com justiça, o nome d'esse intrepido perseverante porque, como observou o folhenista J. dos Santos d'*A Noticia*, foi elle quem deu o exemplo de coragem aos editores fluminenses tirando-os da apathia em que viviam e do

receio que tinham de comprometter capitaes em *encolhes*. Muitos dos novos que hoje figuram na ala da litteratura foram lançados pelo Sr. Domingos de Magalhães. Como o apostolo de uma propaganda teve as suas agonias mas ninguem lhe ha de tirar a gloria de haver sido o sementeiro.

Recuando para a modestia, quando alguns o julgavam desaparecido, elle trabalhava em silencio realisando um verdadeiro prodigio porque soube crear amigos,

No fundo da sua loja da rua do Lavradio conseguiu elle accumular varias caixas de typos, metteu uma machina de impressão e, com um amigo dedicado e os seus antigos caixeiros que se transformaram, á força de vontade e de dedicação, em compositores, inaugurou uma « *Collecção Moderna* » de romances e cantos de auctores nacionaes e estrangeiros, cujos volumes são vendidos pelo preço modico de mil réis.

Quer o editor habituar o povo á leitura — vencido esse passo difficil terão os litteraios e os editores destravado o caminho da fortuna. Será para o intrepido industrial? será para os poetas e para os romancistas de hoje essa obra? Não creio — mas o Sr. Domingos de Magalhães não se preocupa com isso, tem fé, nasceu com esse destino e vai por diante. Esse póde, com razão, adoptar como divisa o verso forte de Ovidio:

Quem moriar, mellum solvar at later opus preferiu, porém o de Camões:
... quem não sabe a arte não na estima.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e dous mezes.

N.

FAGULHAS 14/07/1898

SALVE, 14 DE JULHO!

« Colhe hoje mais uma brilhante primavera no jardim da sua preciosa existencia a... tomada da Bastilha. Por tão faustoso acontecimento cumprimentam-n'a

Alguns admiradores. »

E' natural que appareça hoje, em algum dos nossos conspicuos jornaes, uma noticia no gracioso teor da que fica no cimo d'esta columna. Só por clamorosa injustiça ou por falta de espaço deixarão os innumerados admiradores do grande tollo de fazer a publicação rememoradora.

A queda do formidavel monumento que Carlos V mandou construir para que o Povo de Pariz pudesse, destruindo-o, dar a Historia este dia glorioso, parece que não deixou vago o terreno sobre o qual a Humanidade pretendia construir, cimentado com o sangue dos martyres, o edificio da confraternisação universal.

Nem por vir abaixo a mole tremenda ficou a Tyrannia sem tecto — tomaram-lhe a casa e ella vive a hospedar-se em palacios de reis, asyia se nos edificios da justiça, esconde-se nas camaras dos presidentes, ousando mesmo penetrar nos templos. Com as velhas pedras do vetusto castello edifica, aqui e alli, os carceres modernos e faz a base das forças e o estelo da guilhotina, com as ferrugentas terragons refundidas faz não somente as placas dos couraçados, os canhões e as bayonetas com que os homens vivem apregoando estreitosamente e fraternidade e ainda mais: as algemas; com as velhas telhas encobre os escandalos dos tribunaes e põe uma sombra densa sobre os actos de certos religiosos que, profanando o nome de Christo, commettem heresias e crimes.

Está na casa a Tyrania mas vive parasitariamente em toda parte insuflando os homens á perversidade e accendendo a discordia. O povo, que cantou o hymno glorioso quando viu cahir a ultima pedra da construcção medieval, logo que a poeira se dissipou nos ares percebeu que nada havia conquistado porque no terreno vice-java a flora dos privilegios cultivada pela injustiça e pelo Preconceito e voltou a gemer e a murmurar, tiritando de frio, pallido de fome. Ah! o povo...

Allons efants de la patrie.

Le four de gloire est arrivé.

Sim, ell-o ahi o dia de gloria mas não ha pão nas arcas, não há equidade na justiça, não há soberania no voto, não há independencia nas idéas — cahiu a Bastilha mas o seu virus ficou.

O homem está satisfeito com o que fez e, enquanto bate os dentes roendo a miseria de uma codes de pão, sentado no degráo de uma igreja, vê passar a nobreza faria, contempla o argentario feliz e sorrindo, diz com os seus botões, se ainda os tem: « Toda essa felicidade da minha Patria foi conquistada com o meu heroismo. »

E o que elle chama Patria é a fome, é o frio, é o abandono em que jaz é, emfim, a esperança de um repouso na valla comum, de onde ainda a sua selva aproveitada dava vigor as raizes da seara e das rosas.

E viva o Povo Omnipotente!...

Lembrai-vos do 4º centenerio do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e dous mezes.

N.

FAGULHAS 17/07/1898

O cyclismo entre nós, que começou ameaçando avassallar todos os demais generos do *sport*, tem sofrido tão rudes ataques que eu, sinceramente, admiro a sua resistencia; não tivesse elle vida tão intensa e já teria succumbido. Nas pistas, com a falta de fiscalização rigorosa, tem havido irregularidades deploraveis — deve-se a uma d'ellas a retirada definitiva do corredor Kean que furou nunca mais inscrever-se para disputar corridas porque tem em conta mais alta a sua vida do que os louros que possa colher nos certemeus etheticos.

Na grande corrida [p.i.] *voute* procuravam, com selvageria, embarçal-o em caminho e um grupo, quando elle descia em grande vetonidade pela rua Senador Fuzetto sahiu-lhe á frente com ameaças, tentando desmontal-o para que não lograsse tirar o primeiro lugar; mais tarde, em um club velocipedico, foi tal o procedimento de certos partidarios que o *veloceman* resolveu retirar-se do raio com a sua [p.i.] para nunca mais tornar.

São esses os espinhos que apparecem no caminho dos que merecem justamente o nome do cyclistas mas para os que, por hygiene, fazem uso da bicycletta endurecende-os musculos no exercicio dos pedaes, e repousando o espirito porque aquelle que, á maneira da Fortuna, corre, sobre as rodas perfiidas, não pode ter outra preocupação que não seja a de guiar a sua manchina, trouxe a intendencia o imposto.

Já, n'esta mesma secção, desse o que penso sobre essa medida municipal — a intendencia quer taxar o uso da bioyclette, muito bem mas, para que haja justiça, insisto em dizer, é necessario que ella responda á muita que cobra com um beneficio correspondente e, qual é elle? as ruas que temos são andureias onde os mais fortes carroções ficam, de um

momento para outro, reduzidos a um monte de taboas desconjuntadas e de ferragens partidas, não temos estradas e em um só dos nossos parques permite a intendencia a entrada aos cyclistas mas, se todos foram para alli treinar-se não sei como se arranjarão.

Faça a intendencia a sua cobrança com usura mas trate, ao mesmo tempo de dar alguma cousa em troca da quantia, não pequena, que vai receber. Eu penso, porque conheço as ruas da cidade, que a intendencia em vez de lançar um imposto, devia crear um premio para todos os cyclistas que saem á rua affrontando, com temeraria coragem, grandes riscos mas não, além dos abysmos, além da immundicie e do atropello, um imposto. Francamente... Entre nós quando se faz um movimento util vem logo a intendencia avará com a sua profunda esportula cobrar o dizimo: se é uma exposição de arte, imposto, se é um exercicio hygienico, imposto... e que faz a intendencia pela arte? permite que funciona o escandaloso pavilhão da cabeça que é um vergonha e, um logar *d'ateance* da garotada: que faz em favor do desenvolvimento physico d'este povo descorado? Muita-o porque elle se exercita em *montanhas russas*.

A intendencia não quer Arte nem movimento, o ideal dos odís é a esfagnação do pantano para que se possa ouvir, como nas *Rãs* do Aristophanes, o caro ridiculo, dos patronos da cidade.

Francamente só é para isso que temos intendencia melhor seria que a não tivéssemos.

Sai de muitos cyclistas que vão recolher as suas machinas porque entendem, e com razão, que já não é pequeno o sacrificio que fazem andando n'essas ruas esburacadas mas, pagando ainda por cima... acham que é muito... Vinte e tantos mil réis e a perspectiva de um desastre... hein! é muita cousa!

E o cyclismo vai assim caminhando para a morte.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e dous mezes.

N.

FAGULHAS 19/07/1898

Herodoto, descrevendo a batalha de Pintéa que decediu da sorte da Grecia ou, digamos melhor com P. de Saint Victor « da sorte do mundo » faz menção de um guerreiro athenfense: Sophanés « que levava uma ancora de ferro presa a cinta da sua couraça por uma

forte corrente de cobre. Todas as vezes que se aproximava do inimigo deixava cair a ancora para que os poraes de Mardonio não arredassem do sitio do combate nem elle pudesse recuar, e, quando tinha de perseguil-os, tomava a ancora e, com ella presa a cinta seguia os fugitivos.»

Nós que combatemos no presente momento (e á indefferença do nosso governo pode ser comparada á furia barbara dos persas de Xarxes) devemos fazer como o soldado da Decélia para que possamos conquistar um palmo de terreno, cravemos a ancora da perseverança na idéa e fiquemos [p.i.] aos nossos [p.i.].

Que não nos faça recuar o apodo, que o salyra nos encontre firmes, que as hostes da rotina passem por nós como as ondas bravias pelos rochedos — da mais tencia depende a victoria.

Para que uma idéa succumba basta que um curto silencio a torne esquecida — as 24 horas de um dia valem por um longo seculo. Arthur Azevedo deve ter sentido esse facil esquecimento do povo, elle que se vem batendo pelo theatro desde que aqui chegou com o espirito abrasado pelo sol inspirador do nosso amado Maranhão — basta que se cale para que as suas idéas desçam ao fundo olvido de onde, de quando em quando, elle as vai arrancar, cobertas de teias de aranhas porque nem cuidam de as trazer limpas diante dos olhos e deixam-n'as em infecto porão.

Para que vença o paladino é necessario que proceda como o athentense de Platéa — 60 que luctam são bem poucos e, ai de nós se n'esse resumido grupo de godeonistas apparecerem deserções... se com todas a postos tão difficeís nos têm sido as pequenas conquistas que será da hoste quando apparecerem os primeiros claros.

Em artigo publicado n'esta folha sob o titulo — *Dê viseira erguida*, deu Luiz de Castro a entender que já se não sentia disposto a soffrer injurias e ataques anonymos quando lhe fizeram a justiça de o considerar um dos propagandistas do drama lyrico no Brasil. Bem dita seja a sincera dedicatoria que lhe deu novo atento. Escreveu-a a mesma penna que escreve esta secção e, já que veiu a publico o testemunho da minha justa gratidão pelo intemerato batalhador que tanto tem feito pelo desenvolvimento artistico entre nós, mesmo combatendo a musica italiana nos seus processos banaes, porque elle o que reprova é «factura» defeituosa, cheia de condoscendencias, não « a idéa », que me seja permittido dizer a verdade inteira — o pouco que se tem feito deve-se, em grande parte, ao seu temperamento irrequieto.

É esse constante mover-se que lhe tem valido a guerra com que surdamente, por traz do trincheiras frageis, lhe andam a mover... mas, esses atiradores da sorrelia, que Deus

tem feito? nada, absolutamente nada e nem farão porque lhes falta a condição indispensavel — energia. A Luiz de Castro deve-se o *Centro Artistico*, foi elle, com um limitado grupo de amigos, que levou por diante a idéa d’essa instituição e o que ella o verá, d’entre em breve, o publico, nos trabalhos que proxicamente lhe hão de ser representados e, depois d’elles terá Luiz de Castro a satisfação de rir... por ultimo dos seus impotentes adversários.

A ancora não é só o symbolo da esperança é tambem o symbolo da firmeza, que os batalhadores da grande campanha sigam o exemplo do atheniense.

Lembrai-vos do 4º centenario de descobrimento do Brasil. E’ necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e dous mezes.

N.

FAGULHAS 20/07/1898

Se o sinistro Salon da idade média, o grande Capro que, sentado sobre uma pedra tumbal, outro cirios negros, braudia vem fomur dirigido o sabbat trenotico erá, como affirmam alguns eruditos demonofogos, a ultima encarnação do Baccho, o locunda, o formoso conquistador da india que se bateu á força da prodigios emquanto as menadas e os salyros do seu exercito, sob uma falada pamninoso, no som de [p.i.] estridentes balleavam, não diaculo a epigrapho com que hontem a *Noticia* parrou os grandes feitos de um mancebo, mas se o demonio não é o mesmo Baccho decadente está errado o titulo *Endenoninhado* com que o noticiarista da folha vespertina rotulou um caso vulgarissimo da mona.

Para os que não acceitam a doutrina da decadencia do filho de Samaló tranformando-o, com o correr dos tempos, no feio Bóde dos mysterios nocturnos, Arthur Vieira Nunes não é um endemo [p.i.], é simplesmente uma *chuva* de máo vinho» mas, acceitando-a doutrina dos commentadores, vamos do encontro ao [p.i.].

Para uns, aquelle que se excede em v é um energumeno para outros será um santo, — sendo o vinho ao mesmo tempo o vehiculo do diabo e o sangue de Christo. A bebedeira bulheuta póde ser tanta uma furta; satanica, como umas poploria divina, é uma questão da interpretação.

Arthur bebeu, bebeu de mais e deu por máos e por pedras, obegando mesmos a querer incendiar um montenedor da ordem com um lampião de petroléo — furia demonfaca ou

mona? A *Noticia* pensa com os commentadores: Satan é uma encarnação de Baccho, logo o *chuva* é um possesso.

Se é um possesso porque o levam para o xadrez quando deviam levar para uma sacristia? porque o prendem quando deviam exorcismal-o? porque lhe dão animonia quando lhe dévam dar agua benta? e, se o vinho e o diabo não pode ser sangue de Christo — ou a *Noticia* está errando com os commentadores ou a Eucaristia não tem razão de ser.

Verdadeiro é que na idade média [p.i.] de Florença conservava pequeninos diabos em frasco, justo é que os modernos os conservem em garrafas e em pipas. Mas porque nós, christãos, havemos de commungar o espirito de vinho que é o capirito das trevas? porque, por um simples e enphemero prazer, havemos de sujeitar a nossa alma, o nosso corpo a pancada e ao xadrez e a penas ingerindo o proprio Satanaz?... tendencia para o mal, dirão os mysticos, e tendencia inevitavel, propria da fragilidade humana.

Se o bebedo é um endemoninhado recolha S. Ex o Sr. Dr chefe de policia os seus subordinados e ponha na rua uma polleta de frades que, certamente precederão com mais efficacio e com mais misericordia.

Um soldado, sempre que encontrar um endomoninhado como esse da rua da America, arranca de refle e, a duras pancadas, procura expulsar o demo, um frade, com um rosario e um credo conseguira o mesmo resultado, deixando infactar as costellas do energumeno,

Póde acontecer ao frade o mesmo que aconteceu ao soldado que apanhou com um lampeão de kerosene pelas ventas mas, o frade... que volte á outra face o que continua a rezar aparando o possesso para que não quebre a cabeça nas pedras das ruas.

Endemoninhado... não é máo. Fulano está com o diabo no corpo... pão é máo.. não é máo...

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e dous mezes.

N.

FAGULHAS 26/07/1898

Exercerá ainda a sua forte influencia sobre o destino humano a terrivel Nemesia? se partiu com os deuses para a triste sombra do exilio, alguma outra potencia ficou em seu

logar procedendo com a mesma firmeza com que procedia a deusa vingadora que tantas e tão sanguinosas tragedias gerou nos primitivos tempos.

Dous fructos approximados e ambos desastrosos em demonstrar que a successora de Nemesisia não dorme.

Ia pelas ruas acidentadas da Cidade Nova uma carroça carregadas de ferros os eixos rangiam, as rodas ameaçavam estalar e os miseraveis animaes offegantes eravavam as patas nas pedras, empregando esforços [p.i.] para levarem o grande peso.

Na boléa dous homens revesavam-se o chicote o tombo dos muares, suando e banhado: já se ta escoviando e cobrindo de vetos sanguineos quando appareceu um trecho de rua lisa e larga, podendo o vehiculo rodar com facilidade.

Os antigas rejubitaram mas, nem por isso, deram treguas ao chicote; os borros justigados partiram em disparada e, na volta de uma rua, um dos homens, perdendo o equilibrio, foi cuspidado da boléa e as rodas do pesadissimo carroção estouraram-lhe o [p.i.]. O caso triste foi comentado. Tambem soffreu differentes e diversos commentarios o caso da Copacabana: Tinha certo homem um cão que era excessseivamente amoroso e tanto o perseguia com festejos que o [p.i.], para livrar-se d'aquella caricia de quatro patas, resdivem arrojai-o ao mar.

Esperou a manhã e, preparando o animal para o suppicio, com uma pedra, convenientemente pesada, ao pescoço, as patas ligadas já se foi para a praia. O mar estava bravo, grandes ondas arrojavam-se aos penedos e o cão, sempre humilde, apesar das dôres que curtia porque os lames do arronho eram finos e mettiam-se-lhe pelas carnes, lançava enternecidos olhares ao senhor... Subitamente... opa! e lá se foi o cáo valleando no ar e desapareceu as onda. Nomesis, ou a sua successora. Irrompeu indignada para castigar o ingrato e o homem, de pé no rochedo, esperava com um sorriso máo que o corpo do animal apparecesse agonisante no [p.i.] de uma vaga, quando se sentia agarrado pelo mar e foi-se, aos rebolos, arrastado pela onda bravia, justamente como a sua victma.

D'estes dous casos que morreram no noticiario das folhas, tirariam os antigos substanciosas lições e talvez mesmo conseguissem com elles abrandar o coração do homem, tão cruel com os animaes.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e dous mezes.

N.

O' Poscidon! Terás tu, por acaso, transformado o teu glorioso tridente em chave de cubiculario impudico para que a imprensa, com uma indignação digna, venha accusar-te do proxenetismo? Quererás ficar degradado como ficou Hermés, o alipede, que, depois de haver sido uma das glorias do Olympo poz as azas de seus tornozellos e as azas do seu petaso em serviço proprio de atroveta ? Não, não creio que a Potesiade suprema que destituiu Oceanus exitando-o para as frias e mortas regiões do polo venha apresentar-se ao mundo como um Chico Bumba, patrocinando amores. O caso da praia é mais serio do que parece. Os jornaes foram modestamente reservados em noticial-os:

Emquanto a futura sogra, receiosa, com um leve tremor as carnes encarquilhadas, caminhava para a onda, deixando na praia a filha um rausor, que espreitava o momento propicio, foi caminhando para a donzella e... a futura sogra mergulhou. Quando sahia do salso argente, não como a Venus, longe d'isso, lançou os olhos anciosos á praia e... ó maravilha! a pequena já lá na estava. A sogra, goltejante, fez, com certeza, fez este raciocinio: «oh! sou eu que mergulho e quem desaparece é minha filha...?! Não póde ser... » E, sem perda de tempo, mal enxuta, deitou a correr pela prata bradando como Ceres quando Plutão arrebatou nos braços infernaes a molle Proserpina. Os gritos da senhora que estava lavada em lagrimas e em agua salgada foram ouvidos pela policia que sollicitamente acudiu a pedir a razão d'aquella angustia e sabendo que fôra raptada uma donzella poz-se no encalço do raptor conseguindo encontral-o antes... de subir o panno.

A sogra sempre molhada e salgada como um bacalháo, quis usar dos seus direitos arranhando o genro na via publica, a policia, porém, interveiu, declarando que se ella fôra illudida enquanto tomava tranquilamente o seu banho com banhos seria vingada e os dous apartaram-se ficando, porém, emprazados para muito breve... este foi o caso mas... porque accusam Poscidon? Elle não fez mais do que banhar a sogra e não foi um banho de fumaça o mar entrou n'esse rapto como Pilatos no Credo, tem tanta culpa como eu que, aquella hora, enquanto os pombinhos abalavam, estirava-me tranquillamente, suavemente em vai de lenções... Mas que a lição aproveite as sogras... sogra salgada... d'agua doce têm medo.

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e dous mezes.

FAGULHAS 31/07/1898

« Travaille, travaille, écris, écris tant que tu pourras, tant que la muse t'emportera. C'est là le molilleur couster, le meilleur carrossier pour se vourrir dans sa vie. La lassitude de l'existence ne nous pèse pas aux épaules quand nous composons. »

Estas palavras de Flaubert dirigidas a Alfredo Le Polltevin encerram uma grande e armaga verdade: o trabalho, sendo um formidável peso, é um bálsamo excelente. O escriptor, com sua penna, realiza os prodígios que Apollonio realisava com a sua vara magica e, com a imaginação, que é a fada serviçal e solícita, tudo consegue.

Concontrando-se, como o mahatma, elle viaja através o mundo, salta das adustas areias da Lybia inhospita para os frios icebergs polares, senta-se á sombra dos cedros do Libano ou repousa no perystilo de um templo grego, retrocede no tempo e confabula com as panathenéas ou adianta-se e vê o futuro, a vida porvinda, agitando-se espiritualmente em um meio estranho e maravilhoso. Ama com os troveiros, bate-se com os aruzados, modita com os solitarios, soffre com os martyres e, enquanto divaga, errando de sonho em sonho, não sente a magua da vida — esta n'uma analgesia absoluta.

Esse poder de abstracção é a força do productor. Que seria do artista se, no momento da febre, ficasse no mundo real cercado de preocupações, dando um cuidado á casa, uma attenção a isto, uma solícito aquillo? Balzar teria escripto a *Comedia Humana* se pensasse nos creadores?

Não há maior consolo para o artista do que o trabalho — Coelho ensinou: « Faze da tua dor um poema » com isso não quiz o poeta dizer ao artista senão que trata [p.i.], que se refugiasse no trabalho, esquecendo.

Um dos nossos mais notaveis escriptores dizia sempre que se levantava da mesa, depois de quatro ou cinco horas de composição: — Muito bem. E... lembra-te de que és mortal... E punha-se a pensar no que elle chamava as miserias da vida, para elle o trabalho era um [p.i.]... e mais alguma cousa. Outro, a quem pergunta caiu: Porque trabalhas tanto? respondeu com pessimismo: — Porque [p.i.] muito... O trabalho... Ah! se eu pudesse não trabalhar...

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e dous mezes.

FAGULHAS 03/08/1898

Alguns officiaes da armada nacional, presidios pelo Sr. almirante Gulleliel e animado pelo Sr. ministro da marinha em reunião que fizeram decidiram concorrer eficazmente para que seja celebrada a dacta historica do quarto centenario do descobrimento do Brasil. Querendo, porém, associar á commemoração, não se todas as classes sociaes do Brasil como a colonia portugueza á qual, com justiça, cabem as glorias do acontecimento, expediu convites para uma reunião definitiva que se deve realizar amanhã, a 1 hora da tarde, no club Naval.

Esse movimento dos dignos officiaes da nossa armada merece todo o acoroçoamento — elles que são os herdeiros dos navegadores, os depositarios gloriosos das tradições dos que, com energia nunca desmentida, affrontaram intrepidamente todos os mysterios dos desconhecidos mares, devem festejar com duplo enthusiasmo o notavel successo — não só porque representa uma victoria maritima como porque relembra o surgimento da patria.

A idéa vai, felizmente, impondo-se. Em o ultimo numero da *Unido Academica* Dailro dos Santos, consagrando um artigo no 3 de maio de 1960, defendendo a idéa, lembrada por Valentim Magalhães, da realização de um congresso da imprensa americana e termina o seu escripto com estas animadoras palavras: « E a *União Academica* aqui está, revigorada e sadia, prompta a hypolhecar á Patria todo o seu auxilio e todo o seu esforço em prol da festa de 1900. »

E' a mocidade que se apresenta para abrir o cortejo civico do grandre jubileu nacional.

A imprensa dos Estados, em unanimidade, empenha-se na lucta procurando despertar o luteresse em todos os espiritos. É preciso que o nosso patriotismo de ao mundo uma demonstração intellectual e pacifica da sua existencia. Não é só com as armas na mão, os pés em sangue, ennegrecido pelo fumo das batalhas que um povo deve apparecer no concerto universal, não bastam tambem os *substanciosas*, soporiferos a carissimos, discursos das representações polliticas, é necessario o movimento collectivo, o *sursum corda* da patria.

As nossas grandes datas passam despercebidas, e esse é, o meu ver, o motivo principal da falla de civisoro que se nota entre nós. Os habeis fundadores do catheticismo crearam os santos para que os homens tivessem n'elles um momento da eternidade. Deus tem um representante diario no mundo cothotico.

Os povos fortes reduzem as suas tradições a hymnos e cantam-n'os glorificando a Patria — nós, em patriotismo, não vamos além de voto e é pouco. Agora que a idéa vai tomando corpo unamo-nos e reunindo todos os nossos esforços, façamos alguma cousa digna da patria e de nós.

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 04/08/01898

A signoria Maria Saino, harpista Haliana, apresenta-se ao publico, no proximo domingo, realisando o seu primeiro concerto no salão do Instituto Nacional de Musica.

Já não é uma desconhecida — antes de annunciar-se quis ser ouvida pelos criticos musicaes e, em uma sessão intima, executou, com inexcedivel correcção e notavel bravura, varias peças classicas merecendo-os mais francos elogios de quantos tiveram a ventura de ser contemplados com um convite.

A harpa, que é um dos instrumentos mais delicados e um dos mais antigos, tem sido vilmente abastardada pelo mercantilismo do musico ambulante — passou das mãos finas do [p.i.] para as mãos grosseiras do andejo — sahiu dos ediculos para as taverdas. Ella, cujo voz rythimava o canto egregio dos rhapsodos ou as invocações sacerdotaes nos templos, fanhosa resóa agora nos botéquins e nas espetunças e as suas cordas tremem de vergonha repinicando fandangos e maxixes ellas que d'antes, nos dias pagãos, accordavam hymnos fortes, em torno das aras, entre coros de hicrophantas.

Paulo de Saful Victor revoltava-se quando via um elephante no circo, n'um logar subatterno de pelotiqueiro, equilibrando-se ou, submisso, curvando os joelhos para receber o cornaça no dorso. Esse ancestral da fama tem alguma cousa de mysterioso — é como um

remanescente dos formidaveis periodos primarios, do tempo um que a natureza expella dos flancos monstruosos colossos e prodigios.

A mesma revolta sinto eu quando ouço a voz de uma harpa gemendo no fundo de uma bodega — e comprehendo a impressão do Pericles de Shakespeare encontrando Marina nos alcouce.

A tradição é a nobreza das cousas, há ruinas heraldicas que valem por brazões. Para os que respeitam veneradamente o passado vem ahi o momento de verem a harpa reintegrada.

A signorina Maria Salno não é uma *virtuosa* apenas, é uma sacerdotisa no exercicio mystico de um culto — ella executa com o mesmo sentimento, com a mesma fé, com o mesmo respeito veneravel com que as recoletas de Vesta mantinham o lume nas tripodes — a harpa é, para ella, um santuario onde a sua alma officia.

Ide ouvil-a e vinde depois dizer-me se é harpa isso que anda ahi ás costas dos mercenarios. Não, a harpa é hicratica e não pode viver nas promiscuidades dos realejos e das sanfonas ide ao Instituto no proximo domingo.

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. É necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 07/08/1898

Em um bond das Larangeiras achei hontem um curioso, trecho de carta. Há n'elle um pouco de mysterio, direi mesmo, alguma cousa da nebulosidade [p.i.] oracular mas, os que leram com interesse com que eu li apertado entre uma veneranda senhora e um venerando senhor, ambos tornidos como a abundancia, versão que não lhe falta aquelle espirito subtil dos gregos, aquella graça attica que os seus poetas não esqueciam mesmo quando tratavam de assumptos poderosos como eram os das tragedias, lembrando-se do Heracildo que encontrára na guela do leão um fio de mel alambreado.

Eis a carta, ou antes, o trecho — o resto perdeu-se como tem acontecido a tanto primor do genio humano.

.....
....

« Vivo teve os creadores, morto teve Rodiu... mas vamos no caso. Diz elle, o colosso: « Le mariage est une Science ».

Toda sciencia subentende um methodo e o methodo é a monotonia geradora do tédio. O casamento é uma arte.

A felicidade no matrimonio vem justamente da divagação em torno do ideal: é preciso trazer a mulher um pouco afastada para que não se extinga e desejo: possui-a toda e perdel-a. E como se afasta a mulher? permittindo-lhe uma vida independente no lar, dando-lhe um homispherio á parte onde ella viva algum tempo isolada — não tanto que se esqueça nem tão pouco que aborreça a companhia.

Queres tu saber? a perfeição seria permittir que a mulher sonhasse para surgir de improviso diante d'ella com tal presença que ella, fazendo o confronto entre o imaginario e o real e preferindo o real, corresse a prostrar-se, arrependida e amorosa aos pés do marido.

Faze da tua vida uma harmonia pura como a da natureza mas faze á monotonia que é o pantano que exbala esse miasma — o tedío.

Toma a mulher como uma companheira e faze-te o seu cícero no mundo das emoções e no mundo dos sentimentos — que ella te respeite sem temor, amando-te com interesse espiritual — sobretudo se superior mas collocando-a acima de ti mesmo — levanta-a sobre os teus hombros de modo que ella, em triumpho, veja o céo o alcance a felicidade apoiada em ti e tendo consciencia d'isso. « La femme mariée est une esclavo qu'Il faut savoir mettro sur um thròno».

Para o artista o casamento é um renascimento. Se a solidão do celibato fosse uma verdade seria melhor o celibato mas, á preocupação do *coreur* é preferivel o cuidado do esposo e um filho... Um filho póde ser um atropello mas traz uma ineffabilidade incomparavel: só conheço uma emoção maior do que a de ver nascer um filho, é a de ver morrer... N'este ponto da carta havia um nome e depois mais nada... Não será verdadeira a doutrina mas é interessante...

O dono da carta póde vir buscal-a no escriptorio d'esta folha, a, gratificação eu já a tirei enchendo com os seus conceitos as linhas da minha secção.

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

FAGULHAS 11/08/1898

Davam-lhe uma grande força, a força de um Goryão [p.i.] que se aquillo se nottesse a apartar brigas tanta estriparia gregos como deveniraria troyanos. O chautalho que lhe pendia ao [p.i.] musculoso pesava não sei quantas [p.i.], e, tão afiado era o seu gume que, segundo dizem, chegava a cortar a palavra aos oradores demagogicos quando agarrados as carrancas dos chafarizes, despejavam, com muita emphase, sobre as massas, discursos subversivos.

Era um monstro potente e tal [p.i.] mas, como só o acontecer, sendo um colosso era, por dentro um rato em timidez.

Era elle o encarregado de velar pela tranquillidade da [p.i.] que, seja dito de passagem, não era das mais socegadas sempre, porém, que surgia alguma questão o monstro, levantando o seu desmedido vulto e arrancando do chanfalho furibundo, ficava a olhar rangendo os dentes, grandes e rijos como penhascos, espumando e rugindo sem, todavia, totervir na pendencia.

[p.i.] -se os contendores, feriam-se, injuriavam-se e quase sempre acontecia, como no caso de Filomeno Prato, que o vencedor saltava para o logar do vencido, deixando-o sem cama e sem fogo, as moscas, bradando com toda a força dos pulmões e um maço do documentos — que era o verdadeiro dono do logar e do resto.

O miliciano ouvia, olhava, coçava a cabeça e rangia os dentes e, sentando-se, descansava o temebundo chanfalho, nas pernas e alli ficava.

— O' homem, pois tu não vês que aquellas duas creaturas estão alli brigando há mais de duas horas?

— Sim, vejo... roncava,

— E que fazes?

— Eu? eu olho... Pois não estou olhando?...

— Mas não basta olhar, é preciso intervir, homem, é preciso intervir, tu és a policia...

— Eu? intervir... melter-me naquillo para depois cahirem-me em cima? Deus me livre!

— Mas... que diabo fazes então?

— Eu? eu sou o encarregado de valar pela tranquillidade da pidela.

— E achas que a aldéia está muito tranquilla...
— Eu? antes pelo contrario...
— E então?
— Então... então é isso mesmo. Elles que se esganem... eu estou aqui e d'aqui não saio, nem é mão de Dous Padre...
— Mas... estás ahí para que?...
— Para que? para que vejam...
— E com que fim?
— Com que fim?! sei lá... era essa... Lá intervir é que não intervenho. Que apitem... ou d'aqui não saio... Que se esganem! E sentado, com o espadagão sobre os joelhos, o mosntro continuou rangendo os dentes e espumando e rugindo, a espera do que alguém lhe dissesse: Vai alli e acaba com aquillo... mas ninguem se movia.. nem elle.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 12/08/1898

No resumo da conferencia sobre « A musica na America do Sul » realisada por Moreira de Sá no Instituto Portuense de Estados e Conferencias, há um trecho relativo ás letras brasileiras que merece ser aqui transcripto e levemente commentado.

«Nas minhas viagens á America do Sul observei um lucto que me parece significativo: nas nossas livrarias, de maravilha se encontra á venda alguma obra de auctor brasileira, ao passo que em todas as principaes livrarias do Brasil vi expostas as obras dos auctores portuguezes, mesmo dos mais recentes. E assim é que a nossa litteratura é la bem conhecida, emquanto as producções brasileiras são em Portugal só lidas de muito poucos, apesar dos trabalhos de vulgarisação de Theophilo Braga e Teixeira Bastos.»

Quando aqui estive como ministro portuguez, Antonio Enues, d'elle ouvi a mesma observação. Claudia de Campos, em uma carta, referindo-se á litteratura brasileira da qual tão poucas obras conhece, diz: « Deploravel ignorancia esta minha com respeito ao

Brasil. Ignorancia que é tambem de quasi todos os portuguezes e que espero poder um dia reparar. »

Joaquim Leitão, quando aqui estive, queixou-se-me do mesmo mal, lamentando esta falta de relações intellectuaes entre os dous povos irmãos.

Querem mas que a culpa seja dos auctores... Ah! os auctores. Pobres auctores!... Que Deus lhes de tempo e uma aguda e terebrante verruma para arrancarem do cerebro as idéas que para elles representam o pão escasso e o linho raro. A culpa, estou bem certo, não é d'elles.

Por que não fazem os editores, mesmo em beneficio proprio, essa propaganda [p.i.] Elles que respondam. A nossa litteratura [t.i.] infelizmente, a lingua portugueza tem um ambito estreitissimo, os do reino contam ainda com algumas centenas de leitores n'esta parte da America onde os seus maiores deixaram a lingua, tão bella como a Psyché, mas sem as azas; mas, os que trabalham n'esta patria... que se contentem com o limitado numero de leitores que não dão para escolar uma edição de 3.000 exemplares... em 10 annos.

Não sou tambem um utopista que imagine que Portugal nos faça a gentileza de absorver milhares de volumes enriquecendo-nos, não, lá tambem os seus artistas, menos felizes do que o grego Chremile ou mesmo do que qualquer dos escriptores da França remoneradora, andam atras de Piutus e, até hoje, não consta que o tenham encontrado, para satisfação nessa basteria que em todo o reino houvesse uma centena de homens que conhecesse a nossa vida intellectual para que, ao menos, uma certa lenda que há sobre o Brasil fosse, aos poucos, cedendo o logar á verdade porque se não somos um centro de alta intellectualidade como Pariz tambem não somos um mercado para o nosso patricio o Sr. Oscar Leal.

Que os nossos escriptores mostrem aos nossos irmãos de além-mar que aqui tambem se pensa e juntos, os dous povos, trabalharão para que viva gloriosa e maguinifica á [p.i.] doce e formosa com que o epico levantou um dos maiores montimentos do genero humano.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil.

E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

Decididamente a policia não quer deixar ao povo uma fresta, ao menos, para a Esperança. Por essa fresta, só existisse, não digo que passassem os homens desventurados mas passariam os olhares dos homens e isso sorria bastante — Tantalos, mesmo não conseguindo o racimo queria, queria tel-o entre os olhos.

O jogo... derivativo de maguas e de fortunas, já não existe — quem estenda um tapete verde estende-o para os pés dos delegados; as castas, essas são confiscadas, não pela repartição postal, mas pela repartição da policia porque as cartas do jogo, foram definidas por alguém n'um audaciosissimo calemburgo. « são cartas sem sel-o...»

A caça aos bichos é diaria, os delegados são verdadeiros Nemrods e atiram-se com furia igual ao elephante e a borboleta; se a loteria é permittida mas, por isso mesmo, não adisfaz.

Restava uma ficha de consolação — a feiticeria, pois até contra isso armou a policia as suas coheries e partiu.

Antonio Carneiro tinha uma casa de dar fortuna — os fieis procuravam-n'a levando, além da esperança, nos cobres magros o Caeneiro promettia mundos e fundos — a uns, a victoria no amor, a outros a sorte grande e emquanto os parvos esperavam a submissão da amada ou a lista da loteria Carneiro comia e bebia reguladamente engrolando umas rezas.

Era um explorador, dirão e, como tal incurso nos artigos da Lei... explorador? porque não contemporisador? O balsamo não cura, allivia-o moribundo pede ao seu medico uns instantes de vida e é criminoso o medico que sustenta o atento do infeliz? não... pois o feiticeiro e o batoteiro sustentam a esperança.

Há homens tão desgraçados que só tem um momento de calma quando mergulham no vicio: pois se a Humanidade mantém, as casas de Misericordia para os soffrimentos physicos porque não há de permitir a tavolagem e as espeluncas de quimbanderis, para os soffrimentos moraes?

Não tem os antigos ás cavernas dos crasculos porque não podem ir os coutemporaneos ás casas de dar fortuna?

Carneiro foi preso e os fieis pagaram a mesma multa que foi imposta aos jogadores... porque? elles não jogavam, feitiço não é jogo... Emfim... a policia entende que os homens devem viver sem consolo, entretanto há um jornal que diz que ao lado do Carneiro, fardado e constricto, estava um official superior da brigada policial... que faria elle? só se tomava fresco, como o outro.

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 14/08/1898

Os antigos consideravam a cegueira um mal angrado — o destino é Pantéa, eram cegos, [p.i.] trazia os olhos venustica como o Amor. Tyreslas o grande vidente era cego como o grande [p.i.]. Edipe começa a ser colossal depois da noqueira.

Todos os genios tem verdadeiros periodos de [p.i.] — a concentração, o extase são cegueiras transitorias.

Quando nos recolhemos ao interior fechamos os olhos para ver melhor. A alma tem essas duas janella que dão para o mundo, a alma do cego vive como as sybilas fechada no antro e, por isso mesmo, em comunicação constante com Deus. Que é a visto? a claridade, humana — os cegos são noites, são como homens- chãos e por isso mesmo sagrados.

A luz dos cegos é com a dos templos — interior. Falta-lhes um sentido mas certamente deu-lhes Deus uma compensação — não, vem mas quem, nos diz que não percebem aquillo que nos passa?

O cego faz lembrar o prisioneiro que, no carcere sombrio, encontrando um insecto, poz-se a educal-o conseguindo submettel-o á sua vontade, assim ele educa, para a percepção, os sentidos que lhe restam.

Edipo tinha duas pupilas; Antigone e ismenta nem todos, porem, podem alcançar tanto mas não há cego sem coração e o coração e uma bussela, a bussela é o olho que vê no mysterio.

A sensibilidade do cego é conhecida. Lembro-me de ter ouvido a uma mocinha cega esta meticulosa observação sobre o luar: é macio. [p.i.] ella na face a carielas da luz nocturna? não sei: é macio, disse com o sorriso proprio dos cegos, sorriso immarcessivel que é n'elles como a doce luz de um luar mysterioso no exterior da prisão tenebrosa.

Para elles a vida é um sonho, como que passam pelo mundo dormindo, a n'um somnambutismo, para só despertarem no Paraiso.

Hoje, no instituto Benjamin Constant, celebram os cegos a sua festa — que Deus não lhe negue a alegria, que elles, no menos, sintam a sympathia humana já que não lhes é dado ver a Humanidade.

A piedade é o perfume dos corações e os cegos tem o olfato delicado, senhoras e são [p.i.] flores que lhes dão aroma.

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil.

E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 17/08/1898

I.A.P são as iniciaes de um patriotico brasileiro que, em carta que me dirigiu propõe que as festas do 4º centenario do descobrimento do Brasil tenham começo na Bahia. « Ache que o governo deve [p.i.] quantos navios puder para a Bahia para que; sahindo na vespera do dia 3 de maio, urnautteçam n'aquelle dia diante do Porto Seguro. Em, terra deve estar tudo preparado para a principal funecção... «E descreve minuciosamente, o que devera feito no local do desembarque do descobridores.

Devo dizer ao meu desconhecido patricio que a commissão pensa em rememorem o grande feito maritimo e para isso [p.i.] um programma no qual apparece a idéa de ser levantado um padrão commemorativo no sitio provavel do desembarque de Cabral e seria imperdoavel ingratição deixar-se em esquecimento o solo que foi, a bem dizer, o limiar por onde a Civilisação penetrou a nossa Patria mas, moveram-se os navios até lá para, depois de umas salvas zarparem em demanda do Rio de Janeiro parece-me grande sacrificio para pequeno resultado.»

Um dos intuitos das festas nas capitaes e dar ao povo, pela manifestação [p.i.]; um conhecimento do facto habituando-o, igualmente, a prestar cullo a historia nacional que é o evangelho civico.

É necessario que elle [p.i.] a grande emoção e que directamente concorra para a magnificencia da commemoração cercando o altar em que se vai celebrar devidamente o

solenne officio patriotico — que a Capital da Republica, que é o seu coração, seja o centro do movimento.

Os Estados, estou certo, não deixarão passar despercebida a grande data e a Bahia saberá festejar as nupcias da Alma Barbara com o Espirito Magnifico do homem que se realisaram ao esplendor do seu céu, entre os verdes cervinces do seus bosques, no tapete virido da sua relva, dante d'um cruzeiro tirado da sua [p.i.] forte.

Mas que a grande manifestação parta do centro irradiando, que a voz que d'aqui se levantará entoando o hymno glorioso respondam em côro os Estados da Republicas. A Patria não foi nem podia ser esquecida na commemoração e ella é orgulhosa bastante para levantar-se concorrendo para a solemnidade nacional? e celebrando a sua festa intima com o brilho que merece.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil.

E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 19/08/1898

Vernhagen, o erudito autor da *Historia Geral do Brasil* que é, incontestavelmente, apesar de obscura em certos pontos, a mais completa que possuímos, as *Dedicatoria* da sua obra ao Imperador diz que ella é «o preambulo da HISTORIA DA INDEPENDENCIA, *que não tardarei a publicar.*»

Infelizmente a morte nol-o arrebatou antes que esse precioso subsidio viesse á estampa. De grande valor deve ser elle porquanto o historiador colheu informações dos contemporaneos do facto comparando a tradição oral com a tradição escripta antes de dar a versão definitiva reputada verdadeira.

Os originaes d'essa obra que, por um descuido imperdoável têm, até hoje, se conservado inedita, acham-se no Chile, em poder da viuva do illustre brasileiro. Agora que tratamos de reunir documentos para que, no 4º centenario do descobrimento do Brasil, possamos dar ao mundo um testemunho da nossa actividade não é descabida a idéa aventada por Capistrano de Abreu de conseguir-se, por via diplomatica senão directamente, da viscondessa de Porto Seguro o valioso manuscripto para a publicação, salvando-se assim um

repositorio magnifico de informações historicas que, por um accidente qualquer, pode desaparecer e levantando-se mais alto ainda o nome de um brasileiro que, com tão acendrado patriotismo, dedicou toda a sua robusta intelligencia a esclarecer o nosso Passado.

Cabe ao governo resolver sobre esse assumpto de interesse real e permanente para a Republica não lhe sendo difficil conseguir da viuva do historiador os originaes compictos e o consentimento para a publicação.

Ainda outra lembrança — e a estatistica geral da Republica? A Lei, creio eu, determina que ella deve ser feita de dez em dez annos, dentro da Lei, portanto, deixo eu a lembrança do mesmo professor Capistrano de Abreu que com tanto desvelo, ingratamente correspondido, cuida das cousas nacionaes.

As duas idéas apresentadas não devem ser esquecidas — uma refere-se a vida passada da Republica, é do seu archivo historico, outra diz com a vida presente — é a sua força: que o governo tome em consideração uma e outra porque nem tudo póde ser feito pela commissão.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil.

E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 22/08/1898

Entrava eu no estabelecimento de planos e musica dos Srs. Ferilu de Vasconcellos & Morand, quando me disseram que, por intermedio do editor Lemoine, de Paríz, haviam recebido uma nova colleção de valsas do nosso patricio Carlos de Mesquita.

O nome do reputado compositor é uma recommendação, por isso pedi a um dos professores presentes que me fizesse a fineza de executar ao piano alguma das composições do auctor da *Esmeralda*, que é apontado como um dos discipulos queridos de Massenel.

Sem mais rogos, tomando, ao acaso, uma das valsas «*Le plus belle*, op. 99» o professor abriu um dos Pruzosi, poz-a musica na estante e, lançando os olhos ás notas, entrou a resmungar com grande espanto, os dedos abertos no teclado. Outros musicos inclinaram-se a obs! e ubs! saltaram de todos os labios... de repente um riu e todos romperam a rir escancelladamente.

Eu que, diante de uma pauta musical, fico a ver navios, estava alli vendido, sem afinar com a razão d'aquelle acesso de riso, quando o professor dando pelo meu espanto, disse:

— Vê se te lembra d'isto... e poz-se a tocar uma valsa muito conhecida e alguém cantarolou:

Vivo feliz e contente...

— E' a valsa da *Mimi Bilonira*, do Luiz Morcira, disse eu.

— Pois estás enganado... é « La plus belle » de Carlos de Mesquita.

— Hein!? Como?!

— E' o que aqui está, nem mais, nem menos.

O discipulo querido de Massenet não fez mais do que copiar a valsa do Luiz Moreira impingindo-a a Lemoine que a editou. Para estar em guarda poz a um canto ao alto, mysteriosamente « *pour L M* » as duas iniciaes entrelaçadas.

Dir-se-ha que elle quiz dar o seu a seu dono; não creio, porém, que um homem que vive há tanto tempo em Pariz confunda vergonhosamente as duas preposições — *pour e par*. *Pour* subentende uma dedicatória e nunca uma origem.

Francamente, é desolador! Depois de haver conquistado o titulo glorioso de compositor cahir no delicto baixo de copiar uma valsa incluindo-a no rol (99) das suas composições: não indigna, faz pena. Não creio que a inspiração de Carlos de Mesquita se tenha tão cedo esgotado para que elle ande enchendo o seu cantaro nos tanques dos amigos, atribuo essa vergonhosa falta á preguiça e estou certo de que todos pensarão commigo porque um discipulo de Massenet não tem necessidade de lançar mão de alheios accordes para viver em Pariz...

«La plus bello...» Que cara faria o Liz Moreira se encontrasse a sua valsa com esse doce nome e firmada pelo do grande maestro?... enfim ... sie ilur adastra.

Lembraí-vos do 4° centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

Não há nas festas com que tem sido recebido o Dr. Campos Salles a menor, a mais leve significação politica, ellas são uma manifestação quase religiosa de todos que n'elle vêem o Messias annuciado pelos prophetas da Republica.

Na Europa foi elle festejando pelos que têm interesses no Brasil e isso que a muitos parecerá egoismo é uma demontração clara da confiança que S. Ex. soube inspirar aos interessados. Certamente os [p.i.] banqueiros da City não se teriam abalanchado a tanto se não houvessem reconhecido no homem o chefe do governo capaz de agitar o paiz desentopocendo-o para a vida, arrancando-o da, politicagem málgna para dar-lhe toda a liberdade de que carece, livre das pelas da alicautina infesta.

Desde que o transatlantico que o trouxe rasgou as primeiras vagas do mar patrio romperam de todos os pellos as aclamações festivas, voltaram-se todos os olhos anciosos para o horisante querendo ver surgir a nave portadora da esperanza. Não é um, movimento de impulso, partidario esse, é um movimento nacional, é a expressão da confiança do povo: a idéa d'essa recepção não foi discutida em assembléa politica nem em grupos, irrompeu violenta e espontanea de todos os corações.

Poucos homens do governo terão tido a rara fortuna de reunir assim os suffragios de uma nação n'uma eleição atheniense, pela acclamação festiva S. Ex vem animar com a sua presença a pátria prostrada em morbido abatimento.

Nossa multidão que se apinha anciosa formando um estreito desfiladeiro tem V. Ex. representadas todas as classes do paiz, não só as que se esforçam pelo seu desenvolvimento material com as que se batem pela sua victoria espiritual.

Viu V.Ex. na viagera que fez nesses paizes cultos, cuja civilisação serve de norma aos que começam como o nosso, as Artes têm uma alta consideração e não são desdenhadas com a indifferença cruel com que os nossos governos julgam dever traial-as. Para que possamos apparecer dignamente ao mundo é necessario, como bem viu V.Ex., que cuidemos mais um pouco do espirito porque o Brasil, depois de andar, na iconographia, sob a figura selvagem de um caboclo, passou a ser representado como um negro curvado ao peso de uma sacca de café.

Não somos um povo tão material como pensam os estrangeiros e se ainda não demos uma demontração forte de que valemos um pouco pelo espirito a culpa não tem sido dos artistas, valha a verdade.

Entre a multidão que vos aclama vêde que ha um grupo de artistas que muito e muito espera do vosso governo intelligente e...

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 25/08/1898

O espectáculo da vida contemporanea tão apoucada em ideaes, tão positiva nas suas leis, girando, por assim dizer, no ambito estreito de um programa invariavel, enfastia e cança a imaginação que não se contesta com os limites do real saltando afoitamente as muralhas para espairecer no campo santo do passado ou no largo terreno ainda virgem do futuro.

O amor é ainda o mesmo, os sentimentos não variam como tambem não se alterou o perfume das rosas — o que tem soffrido grandes modificações é a maneira de ser do mundo, eu, propriamente, a sua feição-externa.

Não há hoje quem se atreva a sair envolto em um pepium, uma lyra ao punho, os pés em colburnos, cabeça cingida por uma corôa para ir a villa de uma hetaira improvisar dithyrambos ou propor questões philosophicas molhando os labios n'um eyatho de vinho adoçado a mël ou bebendo aos grugulejos por um rython emquanto a dama hospitaleira, voluptuosamente reclinada sobre stragulos de purpura, tira, uma a uma, as peças do vestuario e depois, sorrindo, flacida e branda, estende mollemente os braços nús o... Isso faz-se como no tempo languido de Atcibiades se fazia mas... com restricções; há hetaives e o mais, o seculo, porém, é escrupuloso e não permitto certos requintes. Se um dos nossos poetas fosse ao arsenal da guerra esperar a vella do exercito que operou em Canudos e sahisse nu cantando diante das tropas, como o ephebe Sophoeles á frente dos vencedores de Salamina, seria agarrado pela policia é processado ou entregue ao director do Hospício — entretanto nós todos admiramos Sophoctes,

Porque [p.i.] os olhos com tanta ancia para o Passado? porque n'elle vamos uma doçura não gozada. Seria mais doce do que o mel das nossas abelhinhas e que distillavam as

suas ancestraes do Hymetto? não creio... os poetas, conjunto; não querem outro para temperar as suas lyricas:

Essa nostalgia há de durar enquanto existir a Humanidade e tanto maior será a sua resistencia quanto maior fôr «a abateza» da civilisação... A chateza...

Eu sempre queria ver um dos gregos, do seculo deitado optar pela sua quadriga vendo um bond electrico... os poetas não discutem: acham o bond banal, preferem a quadriga. Essa época, porém, continua a produzir: o tumulo é um jardim, sobre o cemiterio [p.i.] flora.

Uma das flores da antiguidade tenho-a eu actualmente sobre a minha mesa e chama-se *A aranha e a mosca*. E' um idyllio grego em versos alticos, escripto pelo herdeiro do nome e da lyra do nosso Luiz Guimarães Junior. Para os que sabem apreciar o fino detalhe artistico e a imagem delicada foi feito esse livro de amor, de anavidade, cheio de uma volupia antiga. Para os que não sabem do scenio esse livro pouco valor contém, elle é feito d'um sonho para os que sonham, é um layo de paganismo n'um canto do céu christão, é uma visão feliz d'antanho. Para os sonhadores é a porta de marfim e ara os amorosos é um confortativo.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 27/08/1898

Interessante estudo de psychologia geral é o que vem contido no folheto publicando pelo Dr. Sá Oliveira, da Bahia, sob o titulo: « *Evolução psychica dos bahianos*. »

N'essa monographia da o auctor as [p.i.] geraes, traça, a bem dizer, o perimetro do de estudo sem, todavia, aprofundar a indagação tanto quanto poderia fazer, com os recursos do que dispõe, se quizesse ampliar o seu trabalho.

Ha notas que revelam muita perspicacia e uma longa observação meditada mas, que me seja licito entrar, divagamdo, n'um ds capitulos d'esse estudo, o V, que tem por titulo «*mulatos e brancos* »

Diz o auctor «O segredo das variações está no desejo intimo que tem o mulato de tornar-se branco. Assim, elle escolhe, de preferencia, para esposa, uma mulher que lhe seja superior na côr ou que tenha os cabellos menos carapinhados e, por conseguinte, melhores

que os seus. Esta negra soffre excepção quando, na conquista amorosa, se introduz um elemento fascinante — o dinheiro, que nem sempre é o transmissor da felicidade conjugal.»

N'esse esforço de selecção em se empenha o mulato buscando, para aperfeiçoamento do typo, um individuo de casta superior influem, a meu ver, além do impulso natural para o requinte, a «curiosidade psysologica» e o desejo de fugir as estrellas linhas traçadas pelo preconceito.

Não é uma preocupação de esthesia é mais por um escrupulo individual que elle vai procurando adaptar-se ao meio superior — a mulher branca é, para elle, uma condição.

O casamento, em casos taes, não é o resultado do amor affectivo mas do amor egoistico — é uma acção derivativa e um resgate, apura a raça e a condição.

A mulher branca é um complemento necessario ao mulato, entre brancos.

Nem sempre é o individuo attrahido, é as mais das vezes, imprellido pelo meio — a selecção quem a faz é a propria sociedade.

Se o mulato busca o casamento com a branca é levado pelo mesmo interesse com que o branco busca o casamento rico — é o desejo de apparecer sem a preocupação do aperfeiçoamento. Não vou com Schoppenhauer até dizer que «o amor é uma paixão *especifica*.» Talvez penso mal mês pouso assim.

O esforço colectivo e forte da sociedade transmite-se de individuo a individuo em desejo. Não é só o casamento que demonstra essa tendencia para o «surgimento» nas castas inferiores... é a mania sumptuaria, é a preocupação do fastigio, é a idéa fixa de superioridade, de fama, como muito bem deixa ver o auctor.

A selecção faz-se pela necessidade do nivelamento — é a attracção. A gotta de orvalho não vai por sua vontade para o corrego nem a humidade se faz nuvem por querer... A sociedade tende á homogeneidade.

Lembraí-vos do 4° centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 28/08/1898

Escrever para um critico e dos que sabem ver é encargo forte de mais para mim que, em maioria do critica, sou um primitivo — a obra d'Arte agrada-me e, em caso tal, não refreio assomos, deixo-me arrebatado e, com a mais desabusada temeridade, affrontando phalangos de preceitos, arremetendo contra dogmas dou o meu julgamento encomiastico; ou enfastia-me e ainda que todos os *ciceroni* da esthetica imponham opiniões favoraveis afiro o livro para um canto e passo a outro.

A critica raramente é a expressão sincera de uma emoção, na maioria das vezes é o resultado de um julgamento no qual bem pouco infine a opinião de quem afaz, porque, tanto respigou em alheios campos que, no fim, não achou logar para a opinião propria.

Eu, meio barbaro ainda: digo francamente o que penso, mesmo com risco de incorrer no desagrado dos esthelas meticulosos que, para emittirem juizo sobre um soneto, deitam abaixo bibliothecas. O meu proceso critivo consiste simplesmente em dizer o que sinto e vou applical-o.

Acabo de ler o livro «*Um homem pratico* » de Medeiros e Albuquerque. E' um livro!

«No dia em que vi Medeiros e Albuquerque desviado da estrada lisa da litteratura para seguir a trilha siunosa da politica, lastimei essa aberração que nos levam um dos mais completos artistas contemporaneos. Felizmente a voragem não o absorveu, eli-o ahi de novo, e com um cabedal mais vasto de estudo e de observação, caminhando comnosco e como precursor.

O seu livro de contos «*Um homem pratico* » mereceu as justas homenagens de Araripe Junior e do Eduardo Salamoude — a sagração não podia ser feita mais dignamente e que venho eu, pobre diacono! fazer outra pontifices? venho apontar algumas bellezas e saudar o amigo da natureza.

Sim, Medeiros e Albuquerque tem um grande amor de pantheista pelas cousas serenas e magestosas da terra e do céu — ama a passagem e descreve-as, com o vigor de um apaixonado, descendo do rumor quase epico dos ramos que os ventos contorcem até a nota tremula, elegiaca da voz de um grillo perdido na herva; os seus luares tem a poesia do silencio, há pelas suas esbandas o vago encanto que se desprende dos caminhos rusticos e, na

grandeza, como observou notavelmente Araripe Junior, não ha excessos, a concisão é uma das qualidades do stylistas.

Nos typos a analyse é meliculosa — são, todos elles, dynamisações ou symbolos. No velho Felix, por exemplo, ha a alma rude e bravia do homem simples, do miseravel que se vê cercado de soffrimentos, preso a um poste, sentindo a vida feliz em torno sem poder gozala, tendo constantemente, como uma ironia, a presença do soldado o causador principal das suas angustias—.

Tem alguma cousa de antigo, de barbaro esse velho vingativo que põe o seu cadaver entre o Bernardo e o mundo. Em *um vencido* a nota pessimista resalta dolorosamente. No canto « *Ide ! fazei o bem !* a ironia é pungente mas, nem sempre o artista apparece sombrio — Jêde a *Photografia insianianca* e dizei-me se não ha alli dentro um pouco de *verve gauleza*. O que há em todo o livro é uma grande sinceridade. Medeiros e Albuquerque é um insubmisso, escreve como sente sem preocupação de escola; ora violento, era meigo, analysando paixões ou bordando fantasmas como essa da *Ugara* e do *Santelmo*. Não cabem na estrelleza d'esta secção todos os contos do volume, eu que o li de um folego porém, repito a phrase escripta: é um livro! Queira o bom Deus que as eleições não nos arrebatem outra vez o artista que tanto nos orgulha. A politica que lhe volte as costas e a Patria ganhara com isso.

Lembraivovs do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 30/08/1898

A morte... o assumpto é funebre mas ha sempre uma scentalha do alegria na tristeza: e lagrima brilha, o tumulo tem o fogo fatuo, no cemiterio há flores e cantam passarinhos. Adoro a vida posto que não pense como Mecenas que:

... a dit quelque part: Ou'em me rond impotent,
Cal de jatto, goutleux, manchet, pourvu qu'em sommo
Já vive, c'est assezi jo suia plus que content.

O meu sybaritismo não é assim ultrante. [p.i.], porém, a vida, fiquemos na mente.

Conversávamos, e como na lenda saxonia, com uma lufada violenta do frio vento que soprava, atravessou a sala, invisível e sinistra, não a ave transida e faminta, symbolo da vida, mas a idéa da morte... e alguém disse:

Eu não temo a morte— o que me dá uma impressão livida de pavor é a idéa de morrer, é a certeza em que estou do que hei de acabar, é a sensação angustiosa do momento que me aterra. Não penso na morte, penso na vida. querem vocês ver a cousa? está claramente exposta em um sonho que me persegue. Eu vejo-me no fundo de um poço tenebroso e frio, luctando, debatendo-me, sem ar até que encontro a ponta de um cabo — agarro-me sofregamente e começo a guindar-me mas, com o attricio das minhas mãos o cabo se vai esgarçando, esgarçando. Chegam-me aos ouvidos vozes, eu avisto a luz do sol fraca e longinqua, sinto o perfume das flores mas, já a borda do poço vejo que o cabo está por um fio tenuissimo — mais uma flexão e indo estaria perdido... e ouço e sinto a vida... Ah! o instante horrível deve ser essa : a espera, sentir o estalar das ultimas fibras do cabo, estar á beira da luz e dentro da treva. A quéda é uma vertigem mas antes da quéda, o momento da resistencia da fibra mais forte... E o homem nervoso accendeu um cigarro, cruzou as pernas e, para fugir ao medo perguntou: — Vocês ja foram cumprimentar o presidente eleito?

Era tarde, a idéa estava lançada e um poeta que pensa como Mecenas, abrindo muito os olhos que relampejavam, disse surdamente:

— Meus amigos... a morte é como a lenta extinção de uma fogueira: desaparecem as labaredas mas ficam as brasas, faiscas percorrem os troncos carbonizados, apagadas as faiscas fica a cinza quente, ainda é vida. A morte parcial... o aníquilamento das cellulas... háu!! Imaginem vocês um pobre corpo immovel a extinguir-se aqui um facto que se apaga no braseiro da memoria, alli um outro mas, crepitando ainda, uma saudade e terrível, como uma formiguinha presa num recipiente bermeticamente fechado, a correr afflictida d'um lado para outro... a ultima idéa no corpo morto, a idéa de viver, descendo pelos nervos do cerebro á sola do pé, subindo do coração, indo ao figado, aos pulmões, ao baço, aos rins, ao intestinos e achando em tudo o frio e o silencio, a ancia de fugir... Ah! meus amigos, meus amigos, dessa sobrevivente é que eu tenho medo até que ella acabe, até succumba-no grande frio mudo... [p.i.]...

— Pois é isso justamente o fio tenue do cabo, disse o do poço, é o « insfincto » que lucta até...

—... não poder mais! concluiu o poeta com um arrancado e desesperado suspiro. E pondo-se de pé esticou os braços e bradou: com todos os diabos, mudemos de assumpto. Fallemos da vida, das cousas da vida, do esplendor da vida.

— Pois fallemos... E todos respiramos. Ufa!

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 31/08/1898

A comissão especial da camara concluiu o seu parecer sobre o caso do Amaronas oplando pela intervenção.

A situação anomala em que se acha aquelle riquissimo e ambicionado Estado não pôde, por moralidade, continuar — o que alli se faz não é um governo, é alguma cousa que lembra o procedimento das Dostos barbaras quando conseguiam vencer a resistencia das cidadees — o Sr. Eduardo Ribeiro está como Alarico em Chalous — em torno da sua pessoa referve o exercito voras e se não há odres estoirados, amphoras feudidas, marmores partidos e uma grande leva lubrica de mulheres levantando taças, tecendo coróas, desnudando collos ha uma vergonha sem fausto, ha uma degradação mesquinha — thesouro exausto, o funccionalismo aperreado, a míseria do povo e, sobretudo, avassalando o Estado, o desrespeito pelas leis sagradas.

Contra o governador deposito por uma alicantina baixa apparecem allegações nunca demonstradas á luz da verdade — para responder ás accusações do esbanjador tinha o Sr. Fileto um deposito no thesouro, deposito de que se serviu Pensador para alliciar uma grey, e o povo amazonense, mesmo opprimido prefere o primeiro governo ao segundo e ousa, com risco de ser acutilado pelos janisaros tornar publica-essa preferencia.

Mas não se treta do caso do Amazonas, deve-se cuidar no momento, de desmoralisar o precedente para que a vida da Republica, não continua a soffrer os ataques dos bandos ambiciosos que, como os derviches do deserto, irrompem de quando em quando, não aos gritos de Allah! mas bradando hypocritamente em nome da Constituição, para a pilhagem.

O parecer da commissão é o da justiça, representa claramente o pensamento do legislador claramente o pensamento do legislador que creou *quos ego...* constitucional. Ou o governo impõe o respeito pelas leis cohibindo os abusos que dão em resultado essas anomallas administrativas ou, dentro em pouco, o rastilho do desrespeito lançado por

Pensador no terreno da politica levará pelos ares a paz chegando a todas as minas d'ambição que se escondem sob o falso rotulo de patriotismo. Os exemplos são germens.

Lembrai-vos do 4º centenario descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 01/09/1898

Abre-se hoje a exposição annual da Escola Nacional de Bellas Artes. Em outro centro esta notícia provocaria enthusiasmos e já hontem o director d'aquella casa de ensino artistico teria creado cabellos brancos com os pedidos de bilhetes para o *vernissage*; posso, porem, affirmar que o nosso Rodolpho Bernadelli não teve necessidade de usar de effugios para responder aos interessados porque a nossa curiosidade esthetica está ainda para nascer, como a canna verde no mar. A exposição, entretanto, é digna de ser vista e protegida pelo publico.

N'ella figuram 266 telas de varios artistas, avuliano entre ellas o grande quadro de assumpto nacional, tratado com o conhecimento que distingue o seu auctor, o distincto pintor paulista Almeida Junior. E' a *Partida da* [p.i.]. «Os antigos paulistas, explica uma nota do catalogo, assim denominavam a caravana que partia de Porto Feliz, descendo o Tieté para Cuyabá. As de que se trata eram organisadas simplesmente por destemidos e ousados sertanejos que, inspirados pelo amor do desconhecido, descoberta das minas e civilização dos bugres, em toscos batelões cobertos de palha e simples canôas, partiam conscientes de que iam arrear com sacrificios inauditos toda a sorte de aventuras, constituindo-se, por isso, uma tradição gloriosa para os paulistas.»

O quadro representa a partida d'esses heróes que depois da missa na igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, acompanhados do padre, capitão-mor e povo embarcavam-se no «Porto Geral» recebendo na occasião a solemne benção da partida.

Como vêem, o assumpto é dos mais poeticos e recorda os tempos heroicos da patria. Quem conhece Almeida Junior sabe que no seu novo e esplendido trabalho vai encontrar a natureza e o homem do Brasil. A paizagem, posto que abrumada, não deixa de ter magnificencia e as figuras são estudadas fielmente do natural — ha n'aquella multidão que se

move á beira d'agua ou sob a folhagem das arvores ribeirinhas todos os typos dos simples dos que vivem no interior das terras.

Além desse grande quadro, expõe igualmente o pintor paulista, uma primorosa cabeça de velha.

Não me sobra espaço para um referencia aos demais trabalhos de Bernardelli, de Visconte, de Aurelio, de Madruga, com mais vagar, porem, tratarei não só da grande feira que merece mais detido estudo como da exposição em geral. Por emquanto limito-me a felicitar o director da Escola e os expositores entendendo as minhas felicitações ao publico que tem ensejo de passar uma horas deliciosas n'aquella sala forrada de obras d'arte.

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte e um mezes.

N.

FAGULHAS 07/09/1898

Depois de haver exercido n'esta cidade em S. Paulo varias profissões Soromelho abalou para Pariz, com o producto de um leilão nefando, leilão ou venda... não sai bem, do tudo quanto havia pertencido a desventurada Dolla que foi a sua ultima victima n'esta cidade. correu o boato do que é vallente, perseguido, em Pariz, pelo faro dos agentes, deixará o boulevard seguindo para o iriu do Canadá, á caia do ouro.

Com um provido farnel e bem agasalhado, por dentro e por fôra, com muito whisky e muita bacia era assim que os imaginosos viam o cavalheiro pisando a neve de Ollawa, a caminho do Klandyko. Lá ta elle para os campos do ouro, lá ta elle para a fortuna, tiritando mas, quando o julgavamos quebrando o gelo, refrescando corregos, batelando areias eis que nos chega um telegrama do Mexico annunciando que Soromenho cosera a facadas um pobre velho porque o encontrara ajoelhado aos pés de... *sua esposa*. Esposa de Saromenho...! o telegrapho erra sempre nas informações.

Mas vamos adiante. O velho, cosido, foi levado para o hospital e a policia mexicana chamou a contas o aventureiro. Continuaram os imaginosos a conjecturar:

«A esta hora está o Soromenho n'um carcere, a pão e agua, tendo apenas um grabato para repousar a cabeça e zás! outro telegrama dizendo que Soromenhó tentou

assassinar, em plena rua, o consul brasileiro em Buenos Ayres. E' capaz de, amanha, tentar contra a vida do czar á hora em que o soberano de todas as Rustas estiver tomando café e á tarde estará na China estripando um mandarim se não apparecer nas Filipinas propondo a Aguinaldo montar um jornal.

Esse aventureiro, recebido e acatado por nós, foi, durante o tristissimo periodo da revolta, o *panico* da rua do Ouvidor; fardade, com um espadagão ao flanco e um Nagunt á cinta elle recrutava, elle ameaçava, elle varejava casas, elle batia carteiras, elle falsificava firmas é elle!!! era brindado como um defensor... da Patria. Deus dê muitos annos de vida e saude a quem, por causa d'esta mesma patria certa noite, num hotel, obrigou-o a experimentar com as costellas a dureza d'um palco.

Emfim... Soromenho aqui foi tudo !! tudo... Deus queira que elle não se lembre de voltar porque é homem para ser... sei lá! o que quizer. Ah! a nossa hospitalidade...

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte mezes.

N.

FAGULHAS 08/09/1898

Tive ainda a fortuna de folgar nas barraquinhas e de ouvir o «Já podeis da patria, filhos» ás 5 horas da manhã, n'um coreto do largo do Rocio, fronteiro á estatua do homem que gritou nas margens do Ypiranga, ao troar da artilharia postada no morro de Santo Antonio.

Lembro-me ainda de uma famosa vigilla que fiz, inflammado em zelo patriotico... não tanto patriotico como pagodeiro. Fallou-se em alvorada e eu fiz-me do bando.

Nesse tempo, oh doces tempos! Ainda a policia permittia as serenatas e ellas eram frequentes no meu bairro, abundante em trovadores. Vestido, com umas botinas novas que rangiam e em *veston*, o meu primeiro *veston*! Puz-me a andar pela casa ouvindo as bolinas que rangiam e bocejando, mas firme... As horas passavam lentas...

Quizeram convencer-me de que eu devia dormir um pouco, comprometteram-se a acordar-me ao primeiro canto do gallo mas, como eu conhecia o meu somno... fiquei alerta e passavam serenatas e passavam familias e eu a abrir a bocca como se quizesse devorar... o tempo e o espaço.

Por fim, já o céu começava a ganhar um colorido suave, o bando poz-se a caminho. Oh as minhas botinas... como rangiam as minhas botinas. Eu ia carregando um pesadíssimo somno, mas la...

Que borvorinho nas ruas, que alegria: zangarreios, cantos, vivas e, não raro, um péga! péga! e toda a gente a encolher-se porque, nesse tempo de acendrado patriotismo, as maltam ferviam.

O largo do Rocio... Feliciano, um petiz que era meu companheiro de forma porto que eu, por causa do *veston*, já o olhasse muito de cima por causa das calças curtas e d'uma tranca que elle levava sobre um largo collarinho muito engommado, quando viu a multidão exclamou: — Que mundo de gente!

As minhas botinas rangiam. No coreto cantavam, em torno do coreto o povo apinhava-se — fomos passando apertamente anciadamente e ganhámos uma das aleas d'onde podíamos admirar as luminarias e ouvir o hymno patriótico.

Havia um banco vasto, sentei-me. Feliciano sentou-se a meu lado e ficamos os dous, a olhar, a olhar até que... violentamente sacudido abri os olhos — era dia: Feliciano, livido, abraçava-se commigo.

— Que é? e um estampido atroou; levantamos os olhos para o morro de Santo Antonio e vimos o fumo que subia em novellos, muito branco como os cumulos do estio...

— Que bonito! disse Feliciano... E fechando os olhos e inclinando a cabeça sobre meu hombro adormecendo de novo e eu adormeci tambem.

E da alvorada de setembro lembro-me disse e de um famoso chocolate que se fazia n'um botequim do largo do Rocio, por signal que era vermelho e grosso... o chocolate; lembro-me tambem das minhas botinas... do hymno não tenho idéa... Como era o hymno?

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte mezes.

N.

Queixam-se amargamente os pessimistas da indiferença do nosso povo por tudo que diz respeito a vida nacional — o brasileiro é frio, brasileiro é refratário ás artes, o brasileiro só tem um ideal — a politica. São falsas todas essas allegações — *A Sociedade Commemorativa das Dactas Nacionaes*, em tão boa hora constituída graças ao esforço perseverante de um grupo de patriotas, veio demonstrar que o nosso povo é acessível ao entusiasmo e sabe honrar os seus grandes dias com a mesma fé com que os antigos, em determinadas épocas, coroavam os seus douses ou sacrificavam aos seus heróes.

As festas de 7 de setembro tiveram um desusado brilho. No jardim da praça da Republica era tal a agglomeração em a noite de 6 que, sinceramente, não sei como puderam ser disputados os pareos do programma da corrida de bicyclettes... no dia 7, a cidade tinha uma physionamia alegre, sentia-se bem o regosije popular, a grande data era festejada com entusiasmo e por que?... porque um grupo tomava a iniciativa de as celebrar.

As grandes massas operam por suggestão — para mover todo um complicado machinismo, basta tocar em uma alavanca, para levar um exercito á victoria; basta uma bandeira ou o flammejar da espada de um general querido: o povo não tem iniciativa, — o [p.i.] é inerte, basta um sopro do Aquilão para que elle levante, montanhas d'agua. Com a fuiciativa de um grupo agitou-se a cidade.

O mesmo se vai dando com respeito ás artes. O centro Artístico poz-se em campo e sereno, sem dar ouvidos ao apodo dos que vivem como os carunchos, roendo o que vão encontrando, prosegue. Ainda em começo vai fazendo trabalho que só mais tarde, quando fôr estudada a nossa época, será devidamente julgado; pois bem, o Centro Artístico não se queixa do povo, que acudiu ao seu appello indo á exposição de arte retrospectiva na Escola Nacional de Bellas Artes, exposição que mereceu reparos acrimoniosos, mas que, nem por isso, deixará de ser a «primeira organisada n'esta cidade» e agora disputa com ancia, na casa Fertin de Vasconcellos & Moraud, as assignaturas para as seis récitas yrico-dramaticas, que se devem realisar no proximo mez de outubro.

O povo é docil e tem enthusiasmos por tudo que é generoso e grande — versatil, porém, como o oceano, e, como elle, indifferente espera apenas os grandes ventos de favor que lhe dão a calma, de tormenta que lhe dão a furia. Não é o povo que é triste, não é o povo que é indifferente — são os que o guiam.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte mezes.

N.

FAGULHAS 10/09/1898

Max Nordau, na parte *O mysticismo* de sua obra *Deganerscencia*, a cousa o mystico da manta do vocabulo novo e das phrasca estupefacientos, revoltando-se contra a pesquisa dos poetas e dos prosadores que, sentindo a deficiencia de um termo para dar a impressão de uma idéa ou de um acto, reúnem palavras, algumas, por vezes extravagantes, mas que, na verdade, dão a sensação do imaginado.

A onemafopéa será uma preocupação mystica? Os grandes mestres, entanto, não desenhavam essa figura e creavam vocabulos, que ficavam nas linguas, se d'elles tinham necessidade para o effeito imaginado.

Não quero aprofundar a investigação, contente-me com um exemplo moderno Flaubert, na *Salavimbo*, querendo dar a impressão barbara do *tan-tan*, escreveu esta admiravel e curta descripção da musica de um barbaro... «pendant qu'un negro tapalt avee unis de boeul sur un boucler d'atrain». Ouve-se, que me perdôe Nordau; ouve-se a pancada secca, monotona do tan-tan, tem-se a impressão d'esse barbaro concerto.

Há um verso d'um poeta portuguez, dos novos, que me ficou na memoria e sempre que me ocorre como que tenho a visão suave d'um campo do leno em flor levemente agitado por uma aragem macia, n'um esmaecer de tarde. Vão as nevoas lentas, baixas, e o porta descreve o vôo em que passam n'este verso adoravel, leve como as brumas e, como ellas, fugitivo:

« Fogem fluidas flutado á fina flor dos fonos »

Sente-se bem a preocupação, a letra F apparece insistente, mas a impressão é exacta, e isso em arte é alguma cousa. Não creio que os mysticos (não fallo dos imitadores, refiro-me aos sinceros) procurem por extravagancia os taes vocabules e os coordenem por moro capricho — ha á necessidade de expressão.

Hugo conseguiu uma vitoria escrevendo «la nult nupliale», mesmo alguns desvarios de Verialme são tidos como magnificencias. Eu, em que pezo aos que se insurgem contra os mineiros dos vocabulos, adoro o *Effet de nuit* do poeta saturnino e venha confessar

que sou dos que entendem que, em não havendo uma palavra para designar uma certa e determinada impressão, o artista deve procurar creal-a. Assim, da necessidade, nasceram todos os vocabulos tendo como germen — o biato.

Max Nordau que me perdôe, mas os mysticos não são de todo inuteis; degemerados ou não, elles produzem, e se são loucos, devo lembrar ao mesmo philosopho que o proprio nateiro dos rios fecunda. Aceitemos essas allucinações, porque sobre ellas, desde seculos immemoriaes, tem vicajado a Poesia, que é a açucena das lagrimas.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte mezes...

N.

FAGULHAS 13/09/1898

Os amachistas, ao que parece, absorvam as mesmas loja que constituíam o código dos fraticetil que tanto alvoroçaram a Europa no agitado seculo XIV.

Para esses [p.i.], que celebravam as suas tremandas sessões nas clareiras, a luz dos pallidos luares ou ao livre fumarento dos archotes o trabalho em uma inutilidade. Para que semear os campos se a morte era inevitavel? para que semear os campos se a morte era inevitavel? para que amamentar o infante que devia, mais tarde, ser devorado pelo sepulchro? melhor era que ficassem em esterilidade as terras e que as mais enfocassem os filhos no nascedouro.

Não digo que os anarehistas procedam do mesmo modo praticando o honesto, o infanticidio, a rapina mas, detestando as grandezas, procuram nivelar a face do mundo alhauando as eminencias para que a sociedade fique na mesma chateza de misera. Elles não odeiam os individuos senão o que elles representam, não, commettam assassinatos, dizem elles, desbravam o caminho, passam a roucadoura para que a estrada que deve dar passagem ao grande exodo da miseria no futuro seculo seja desafrontada o lisa. E, o aminamóio social.

Vêde esse, Lucchent — nem conhecia a infeliz princeza, encontrou-a em caminho e não hesitou.

Não conseguiram commovel-o a tranquillidade da senhora que, naquelle solo sagrado da Suissa caminhava serenamente, confiadamente, despojada das suas regattas julgando-se feliz na communhão daquelle povo honesto como os deuses gosavam quando desciam a participar do banquete dos gregos, á sombra amavel de um vinhedo herio, nem os seus cabellos brancos, nem a sua belleza veneranda, viu-a e logo, com o seu estyete, prostrou-a morta.

Não era ella que elle procurava mas, para não perder o ensejo, derrubou-a faria o mesmo se encontrasse um principe n'um berço ou rei forte no throno.

O assassino marca a sua victima, alveja, premedita o golpe, trança um rumo — o anarchista mata como o lenhador derruba as arvores — é preciso que todas caiam e tanto lhes dá que seja uma como outra — é a primeira que encontram. Querem o terreno limpo para edificarem a cidade excellente da paz, não se lembram, porém, de que as raizes ficam no solo e que, mais tarde, como na *Wood's town* de Daudet a floresta irromperá violenta reconquistando os seus dominios.

As montanhas são necessarias á vida da terra como a nobreza é essencial a vida das nações — arrazada uma collina n'um sitio irá levantar-se em outro — uma vaga que se desfaz torna ao oceano e volta mais volummosa.

Podem os punhaes ferir — a sociedade ha de ter sempre os accidentes contra os quaes os anarebistas se arremessam com uma furia sanguinaria do fanaticos.

A tempestade do fim do seculo agita o oceano popular — há de vir a bonança, os ventos hão de amainar e nos dias futuros so ha de fallar do anarchismo como hoje fallamos dos cainitas e dos [p.i.]. [t.i.].

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte mezes.

N.

FAGULHAS 14/09/1898

[p.i.] propagando iniciada pelo *Centro Arístico* vai alastrando. Os mais fortes tropeços tem sido superados, a muito conhecida « indiferença publica » vai desaparecendo graças á perseverança inquebrantavel dos membros d'essa associação que, apesar dos seus

elevados intuitos e das demonstrações incontestáveis que tem dado de que vem agir, não tem espacado ás insinuações pequeninas e aos doestos miudos de certos doutrinadores.

Pouco, quasi nada se havia feito — em materia de Arte [p.i.] a um espectáculo curioso — abundando os criticos e sendo poucos os productores e qualquer manifestação artistica era logo cercada por um bando voraz e, por mais forte que fosse difficilmente resistia as dentadas famintas dos commentadores.

«Trep de critique mene souvent á peude critique» diz Nisard e essa mente da critica é muito nossa.

E esses criticos que têm elles feito? criticas e essas mesmas sabe Deus como. São os apuradores mas não nos revoltamos contra elles porque, emfim, fazem barulho, já é alguma cousa.

O *Centro Artistico* vai cumprindo estrictamente e seu programma pesadissimo. Deu a exposição de arte retrospectiva e vai agora realizar dous concertos e levar á scena tres peças dramaticas e duas operas de auctores naciones.

Não é nada, dirão os avantajados, «se é para isso que o *Centro* como uma vez por mez melhor é que se deixe morrer á mingua.»

E eu pergunto: para que diabo come a critica, não uma vez mas sessenta ou mais vezes por mez? ah! como para mostrar de quando em quando, em artigos, que digere o bolo e então abre a bocca e pontifica. Mal empregado bocado!

O *Centro* da provas de que trabalha por um ideal e à critica? mas deixemos a critica, há certas cousas em que a gente não deve bolir.

Voltemos ao assumpto — e, sem ir mais longe, fiquemos na indifferença do publico. E' uma verdade? não.

Aberta a assignatura para as seis recitas que devem ter logar no proximo mez de outubro logo no primeiro dia foram tomadas todas as frisas e alguns camarotes de primeira ordem e até hoje não tem fallado a protecção do publico que parece disposto a favorecer a campanha. Sempre quero ver o julgamento dos mestres, dos que se inculcam precursores do movimento artistico, depois de grande esforço da associação que veiu allivamente pugnar pela intelligencia mostrando que somos capazes de crear ao menos para que os que nasceram com o instincto dos roedores não fiquem na triste necessidade de roer os proprios pés, o que lhes havia de custar, não tanto pelos pés como pelos dous pares de calçados.

Que, pelo menos, nos agradeçam a obra de misericordia.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas vinte mezes.

N.

FAGULHAS 04/10/1898

Eu sabia que, em breve, o meu sangue, revigorado, havia de reanimar-se.

Quando caminhavam de leve, em pessoas subtis, surdamente, docemente, em torno do meu feito eu sorria apesar das terriveis dores que enchiam a bocca de gemidos.

A minha casa parecia forrada de medo — todos tremiam, mesmo meu filho não chorava como se, tão pequenino ainda, já percebesse a significação d'aquellas meias palavras sussurradas e d'aquelles prantos silenciosos e d'aquellas sombras em que faziam os meus aposentos vedados ao sol.

Todos temiam, eu não e, em vez de pedir mediclúa vital pedia flores, as primeiras flores, as primogenitas da primavera.

A Primavera! sim, a Primavera rompia reanimando a Natureza, era ella a minha enfermeira, era ella que me propinava a medicina essencial auxiliando o medico solícito que me livrou da tortura inenarravel.

Eu bem diria aos meus: «Não desesperem, tenham confiança, a Primavera ahi está e porque não há de ella fazer commigo o que faz com as arvores e com as delicadas plantas? Não desesperem — eu já me sinto melhor, é o eflúvio forte da estação que me penetra. Não receiam...»

E o meu medico affirmava: « Sim, no primeiro dia de sol deixam-n'ó sahir, é justamente d'isso que elle precisa: sol, muito sol, muito sol. »

E veiu o sol, as andorinhas triscaram no meu telhado, um amenissimo aroma de gardenias invadiu os meus aposentos e eu, abrindo de par em par as janellas, lançol os olhos anciosos pelo céu azul e dourado e logo me senti reconfortado e alegre, como um prisioneiro que houvesse conseguido a liberdade (como o porteiro do Parque, por exemplo) fiquei debruçando a olhar, a olhar e logo balhuciol:

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa e faltam apenas vinte mezes.

N.

FAGULHAS 05/10/1898

U pleure dons mon cour
Comme Il plout sur la ville
Qu'elle est cette bangueur
Qui pénetre mon cour?

O brult doux de la pluto
Par terra el sur los toltis!
Pour um creur qui s'ennulo
O le chaut de la piuto!...

.....
Não, meu bizarro *yongleur* de rimas, mestre Verlaine, assiduo pensionista dos hospitales de Pariz, que viveste entre o *back* e u tisana, tratando com igual intimidade, o *garron* da taverna e a irmã de caridade e que hoje repousas, sedentario para o sempre, na terra onde começam a cair tristemente, amarellecidas, as folhas outonues, não, mestre Veritaino « o murmurio da chuva é execravel.»

Para o poema do teu tédio bocejante é bem possivel que fosse magnifica a musica desolada dos ventos mas para um equatorial como eu; nascido e creado em pleno sol, debaixo do céu azul o tal *abruite* enfeza, acabrunha, adoce, que seu! parece que a Natureza inteira chora, plugam lagrimas das telhas, dos ramos das arvores, da tolda dos bonds, das cobertas dos carros, caminha-se sobre lagrimas n'uma tristeza negra e humida, o que ainda é peor.

Que há de um homem fazer n'um dia assim agreste d'agua e do lufadas? meditar sobre o hediondo e mysterioso crime que alvoróça os mandarins do imperio do Meio? não; metter-se na questão do lixo? tambem não: mergulhar no complicado caso dos 2.200 contos? não... ler, folhear vetustos in-feitos, saturar-se de antigo, volver ao passado procurando, de preferencia, um livro escripto ao sol, entre a alegria dos homens e das cousas, n'um paiz de calma e amenidade, como a Grecia, por exemplo, não a Grecia do Jorge! mas a [p.i.] pagã de Poricies, a Grecia dos deuses e dos poetas, a Grecia livre e, ia ou seguir o conselho do meu

bom anjo quando o correio me entregou uma carta. Rasguei, com pressa, o envelope e encontrei o lindo soneto que aqui transcrevo para regalo dos meus leitores.

SONETO

Le Diabro:

•Vous faitos biend'être pur;
Car nui homme ne peut, sans
mouriz, me voir tel que lo
suis, s'il est soutilé. » (Tradurcion).

CASARIUS n'HESTERBACH.

U'm suspiro máo possa rezando officios
Na minha Alma, que está toda cercada de oças.
E putriarchas senis vêm mostrar-me cilicias.
Fodam no Purgatorio, e vão fugindo ás pressas.

Feiticeiras que vendem virtudes e vicios.
Fadas que têm nas mãos as ignotas promessas
Dizem que hei de soffrer sobrehumanos suplicios:
Satanazes tambem dizem cousas como essas.

Espectros que têm voz, sombras que têm tristeza.
Perseguem-me: e acompanho os apagados traços
De [p.i.] que amei fóra da natureza.

Vós haveis de fugir ao som de [p.i.] ,
Fructos da carne infiel, seios, pernas e braços.
E vós, mumias do cal, dansa macabra de ossos!

ALPHONEUS DE GUIMARAENS.

Vila-Rico — 1802.

E' querem saber? passei o resto do dia a pensar no... « Rei dos angos déchus, tol qu'on appelle tour á tour Lucifer, n'est-á-dire: porto lumiére, Satan, prinedes Tenêbres el de la revolution, diable, e'est-á-dire: precipité du ciel dans les onfors ».. e não me dei mal, confesso — ao menos distrahi-me.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas dezenove mezes.

N.

FAGULHAS 06/10/1898

A proposito dos libretos *Ariemis e Hostia*, sobre os quaes correm vagos murmarios de nophelibatismo ou cousa equivalente, devo dizer, ainda uma vez — e ando farto de vazer esta declaração escandalosa — que sou symbolista, não de palavras porque não tenho na minha bibliotheca o abstruso e mysterioso *Traile* [p.i.] , de Stéphane Mollarmé, nem tão pouco me preocupo com o abromatismo do [p.i.] : não sei se, sempre é azul se [p.i.] é vermelho ou amarello: o meu symbolismo está na idéa e assim, penso eu, estou com todos os artistas, ou antes, com a verdadeira Arte que se bascia em symbolo.

O symbolo é a imagem da abstracção: a cruz é um symbolo como Antigono, como a Conceição, como a agulha hiria de uma enthedratya mesma palavra é um symbolo.

[ps.is.] arctitecture e, finalmente, na Poesia tudo é symbolico. Eu não venho trazer innovações, palmilho uma estrada batida porque por ella tem passado todos os grandes mestres: os mysticos como Buddha, Zoreastro, Orpheu, o Christo; os epicos como Homero e Camões: os tragicos como Eschylo, Sophocles, Shakespeare; os lyricos como Virgilio, Petrarcha, Hugo e *Juffi quanto*. São innumeraveis as pegadas — grandes e pequenos transitam pela mesma estrada. Na imagem do poeta há uma analogia, a analogia é symbolica.

Que faço eu nos meus trabalhos? desenvolvo allegorias. Encarno uma idéa, um sentimento em uma personagem e agito-a.

Acreditam os meus commentadores na existencia real de Prometheu, de Edipo, do Adamastor, de Electra, de Caliban, de Miranda, de Armida e d etantos outros typos que encarnam sentimentos humanos? Teria o legislador hebreu a portentosa e valida estatura e os raios corniformes que lhe emprestou o cinzel do Buonarolil? Sereias e tritões teriam povoado os antigos mares? seria a lua d'antanho uma deusa casta e nua? o estridor das selvas do Dodona seria levantado pelo ladrido da matilha de Diana? não, por certo: a Arte symbolisou aspectos e mysterios.

Eu, que prefiro errar com os mestres classicos a acertar com os commentadores da actualidade: fiz em *Artenis* e em *Hostia* symbolismo. Delio é o artista, as vezes mysteriosas são a imaginação, *Hostia* é a realidade, o amor terreno, a esposa, a mãe; *Artemis* é o sonho, o

ideal. Que importa que o artista o percu justamente quando o julgava conquistado? — a imaginação febril faz-se animo, a Esperança veste a armadura de Pallas e brada:

Talha um novo bloco e tira uma outra Artemis.

E a Arte cega, atordôa, o grande amor supplantá todos os outros amores como o sol faz empalidecer todas as estrellas — e o artista não hesita, não recua diante de sacrificio algum e tudo esquece pelo Ideal, perseguido pela imaginação como Penthêo pelas ménades. As vozes mysteriosas atroam sempre... Feliz d'aquelle que nunca as ouviu, feliz ou, digamos, infeliz porque é surdo.

Em *Hostia*, o opposto, é a victoria do amor, mais forte do que a morte. Que importa ao pastor a associação de sua aldeia? que lhe importa, a desgraça de todos se elle sente palpitar junto do seu o coração da Selma? Mortos os namorados ficam as suas vozes no espaço unidas, proclamando á immortalidade do sentimento, a victoria d'alma.

Eis o meu symbolismo, se há quem o não comprehenda... a culpa não é minha. E sobre os libretos... ponto

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas dezenove mezes.

N.

FAGULHAS 08/10/1898

Foi com indizível prazer que li hontem a *Palestra* do meu querido conterraneo Arthur Azevedo, esse que, ainda para orgulho do meu amado Maranhão, é, incontestavelmente, o mais perfeito poeta dramatico da geração contemporanea, a mais pujante do Brasil, ousou affirmar porque possuindo esses dous homens: Patrocinio e Ruy Barbosa que são como duas florestas mysteriosas onde a gente, ora encontra o denso e versudo arvoredo forte, agitando a frente alterosa com um épico fragor, ora o caudaloso rio que murmulha, ora o macio tapete de relva mais fina do que a do bosque de Viviana, aqui uma [p.i.] azul do céu, alli um contraforio de serra e, dentro d'esses bosques, agitando-se, movendo-se, todas as paixões humanas, tem ainda poetas como Bialac, Murat, Raymundo,

Arthur, prosadores como Machado de Assis, Araripe, Verissimo, Aluizo, Arinos, Eduardo Prado, Araujo, Medeiros e Albuquerque Quintino, historiadores como Capistrano, artistas como Miguez, os Bernardoll, Almeida Junior, Nepomuceno, Braga, D. do Carvalho, um novo de largo futuro e outros muitos cuja lista seria longa.

Arthur Azevedo que, no anno passado, foi severissimo connosco porque tomamos amadores para a primeira tentativa, que fizemos com o — *Pelo Amor!* disse hontem.

«Estranhei sempre, confesso ainda, que o *Centro Artístico* procurasse entre os *curtosós* os factores mais polivos da sua pobre a patriótica propaganda; hoje, porém, comprehendo o acceito o que se me afigurava uma anomalia, o lamento que o meu orgulho de profissional, pois não foi outra cousa, me impedisse até o presente de fazer justiça ao esforço verdadeiramente *criticos dos amadores*.»

Esta declaração consola-nos. Tu, meu caro Arthur, que quizeste vir, generosamente, com o esforço do teu talento, ajudar-nos a carregar a pesadissima cruz, vos agora que são os amadores que nos [p.i.] nem o caminho, é só com elles que contamos o com que boa vontade ao prostam, com que docilidade o attendem e... quanto talento revelam.

Muitos, sei eu, não se dedicam effectivamente á scena porque ainda os detem a muralha do preconceito que ellas, não ousam aluir mas, francamente, dize — onde acharíamos nós collaboradores tão decididos como esses? como poderíamos realizar o nosso ideal? se elles não viessem, de boa vontade, em nosso auxilio? Ainda hoje lembro-me, com saudade, dos ensaios e das duas récitas do *Pelo Amor!* Que assiduidade! Chovesse torrencialmente, á hora determinada começavam os ensaios sem que fallase um só dos que tomavam parto na representação do poema e vem aqui, a proposito uma referencia justa a uma das damas que mais brilho deram á execução da parte musical d'esse trabalho.

— Mme. Gudín. Ainda hoje, quando ouço aria do zagalejo e as estancias do Sumis lembro-me de quem as cantou primeiro e, ouvindo os versos documento embalados pela musica de Miguez, cantados por outrem tenho saudades da distinctissima amadora que, se tem tido rivaes, ainda não encontrou quem a ultrapassasse.

Quanto aos outros amadores, damas e cavalheiros, são ainda, por minha fortuna, meus colaboradores e eu sei quanto vale esse abnegado grupo ao qual caberá, por certo, grande quinhão de gloria, ao conseguirmos triumphar.

O nosso theatro já se vai resenfindo dos beneficios que derivam da propaganda e não vem longe o dia da redempção, agora serás um dos defensores dos que trabalham modestamente e eu estarei comtigo: se não fossem elles tu, por certo, não terias escripto essa fina comedia o *Badejo* e eu, pobre de mim! continuaria a chorar no ostracismo sem poder

exercitar-me n'esse genero litterario, ora fazendo-o sombrio, ora fazendo-o jocundo porque, os theatros... mas não voltemos ao velho prelio.

Sem os amadores, meu Arthur, já teriamos succumbido ao peso da cruz... e seria o diabo!

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas dezenove mezes.

N.

FAGULHAS 09/10/1898

Sobre o caso que foi assumpto de um dos escriptos d'esta secção de haver eu, com lastima, descoberto uma fraqueza de Carlos de Mesquita que, omitindo o nome do Luiz Moreira, publicara assignado e, com o titulo *La piuz belle op.* [p.i.] , a conhecida valsa da *Mimi Bilontra*, do Pariz escreveu-me o auctor da *Esmeralda* a carta que passo a trancrever integralmente:

« Pariz, 17 de setembro do 1898, — Meu ilustrado patricio — Tenho em mãos a *Gazeta de Noticias* de 22 de agosto na qual consagra-me o meu illustrado patricio a sua secção: *Fagulhas*.

Sinto que pela primeira vez que digna-se occupar da minha modesta individualidade seja para denunciar-me como vulgar plagiario... De uma selecção de alguns motivos populares brasileiros fiz uns — arranjos — que por cá acharam interessantes, o que me animara a publical-os. Como em cada um d'estes arranjos tenho geralmente motivos de dous, tres e até quatro auctores differentes, não era possivel mencional-os pessoalmente d'onde a menção *sur des motife brasillens*, etc.. etc.

Por infeliz coincidencia na « *La plus beilc* » e talvez em algum outro arranjo, houve omissão involuntaria da dita menção: *sur des motife brasillens*, mas a dedicatoria — *Pour L.M* (para Luiz Moreira) mostra a minha boa fé, pois longe do meu pensamento apropriar-me do que não é meu.

Musicos celebres Beethoven, Schummn, Liszi, Heller, Ambroise Thomas, Paladilhe, etc., etc, têm em suas obras motivos populares alheios (verdade é que não são

motivos brasileiros) sem por isso terem sido accusados de plagiarios. Já vê o meu illustrado patricio que não estou, em má companhia: Alguns profissionaes de má fé que por ahi vão e que, talvez, já não saibam mais de que lado ferir-me devem estar satisfeitos de terem alcançado que penna tão auctorisada quanto é a do meu illustre patricio tenha-lhos servido para desmerecer um collega que, na medida das suas forças e a costa de muitos sacrificios, tem procurando illustrar o seu paiz no estrangeiro.

Esse pygmeus eu desprezo-os, mas mortificado ficarei se o meu illustrado patricio, que me orgulho em destacal-o como uma das nossas glorias litterarias terá formado máo juizo, máo conceito sobre a minha probidade musical.

Creia-me seu — amigo é admirador, *Cartas de Mesquita*, 1 Placo Armand Carret — Pariz.»

*

* *

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas dezenove mezes.

N.

FAGULHAS 10/10/1898

Conta Luciano de Samosate que Pinto méo Pidiadcipho, querendo dar aos [p.i.] uma impressão nova, certo de que lhe ficariam para o sempre gratos, mandou vir da Bacirlona um camello negro e um homem que tinha o corpo periditamente dividido em duas zonas — uma preta que o fazia parente dos nubios, outra branca que o ligava do sarmala. Os egypcios ficaram horrorizados com o camello e riram a bandeiras despregadas do homem e, comprehendendo [p.i.] que nada lucrava com a exhibição de taes extravagancias, porque os egypcios preferiam a regularidade e a proporção das formas, deu o homem a um autelvide e deixou que o camello morresse mingua e, voltando ao normal tornou-se mais querido dos vassallos.

Muitos dos novos escriptores, apesar da tentativa desastrada do pharaó, continuam a imittal-o estentando nos livros que publicam verdadeiros extravagancias de forma que não conseguem o desejado fim, como aconteceu com os duas maravilhas da Bactriana.

Está n'este numero o Sr. Antonio Austregesilo que, tendo incontestavel [p.i.], vivo [p.i.] aos *Apataniz* que pretendem impressionar, não com a emoção, mas com o bizarro, com

os periodos ociosos, atrevidos, com as palavras ressoantes e, muitas vezes encravadas no periodo para o simples effeito da sonoridade.

No livro *Manchas* há, incontestavelmente, uma alma de poeta no corpo torcido colosso de um Samnio, o livro não é sincero, e não consegue, por isso mesmo, o seu fim artistico. Deixe o poeta essas phrases banaes, entre a compor com a simplicidade recommendada por Quintiliano o verá como o publico não lhe negará applausos porque bem os merece quem sente como o joven auctor que sacrificou o alento nas suas *Phantasias* á maneira bizarra dos chamados « instrumentistes ». Venha o Sr. Austregestto com sobriedade, e verá que a razão está com os que não entoaram lês ao seus estylo falso e rebuscado não lhe negando, e seria injustiça se o fizessem, um bello talento, antes lastimando que o tivesse aproveitado tão mal.

Mais simples é o Sr. Pedro Vaz, um impressionista que no seu volume *Crepusculos* apresenta uma serie de quadros e de scenas de vida. A imaginação ensaio-se, sente que se pode alçar á altura mas no recente livrinho o leitor acompanha-o ainda com os olhos baixos vendo a esvancar a flôr da terra, mas já mediante o espaço largo como os imiunes que tetan a primeira abalada.

Psalmodia, outro livro de [p.i.] pseudonymo de um distincto [p.i.] da minas; contém um bom numero de fantasia delicadas. O autor escreve a sua poesia e prosa e é dos que ainda se impressionar com as cousas puras cantando a flôr e o luar, a innocencia e a fé. Escrevo [p.i.] para muito breve, as reservo-me proximo volume porque sobre as *Psatrandias...* só posso dizer se autor: muito obrigado!.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas dezenove mezes.

N.

FAGULHAS 11/10/1898

Se a nossa industria, graças aos esforços de alguns brasileiros, que se não deixam vencer pelo desanimo, nos forneço um producto tão bom ou melhor do que o estrangeiro e por preço mais vantajoso porque havemos nós de preferir, por exemplo é «Vela Brasileira a Clichy ? Por uma questão de rotulo? E' pueril.

Se o Julio [p.i.] não fosse um industrial honesto, estaria a esta hora a ganhar rios de dinheiro, navegaria n'um mar de fortuna com ventos de monção, enfunando-lhe as velas e isso não lhe custaria mais do que um rotulo com dizeres em francez ou em outra qualquer lingua, menos a portugueza. Mas não, o industrial prosegue a sua patriotica propaganda demonstrando e, claramente, porque a vota brasileira da tanta luz como a mais reputada bugia da França, que nos podemos arranjar perfeitamente com a prata de casa em questão do illumination.

Esclareçamos o caso: quem combate a vela brasileira? um homem que tem interesse em que vivamos dependentes dos industriaes francezes.

Eu não sou palmatoria do mundo, nem de velas mas não posso admitir que se despreze um producto nacional simplesmente pura que o estrangeiro não fique amuando connosco. A vela brasileira sobre ser de tão esmerada composição como a [p.i.] é de preço muito mias commodo, já não é pequena vantagem: a grande vantagem, porém, que deriva para o povo com a substituição é a profecção á industria nascente que é um dos mofos de fazermos a nossa independencia definitiva.

Nós vivemos escravizados ás fabricas europeas e tanto isso é verdade que logo apparecem detractores que procuram, por todos os meios, matar-no nascedouro uma industria nacional desde que n'ella sintam condições de victoria.

E' o que está acontecendo com a vela brasileira. Mas é preciso vel-a, accendel-a, aprecial-a comparando-a com a de Glichy para julgal-a justamente. Eu, que sou como Sy Thomé, para convencer-me, accendi uma vela a Deus (a brasileira) e outra, ao diabo (a de Clichy) e deixei-me estar. Ardoram juntamente e, quando a de Clichy, nas vascas da morte, começou a crepitar a outra ainda ardío, clara e viva, illuminando as paginas de Vigny que era o poeta que eu ha nessa noite de experiencia.

Tive impetos de levantar um vivo altisonante mas aquella hora da noite tal manifestação de entusiasmo pela industria nacional podia ser mal comprehendida e, por isso, deixei que o dia nascesse e adormeci... pois senhores, a vela brasileira, que eu havia esquecido accesa, só expirou as 8 horas da manhã quando o sol glorioso illuminava os espaços.

Vela honesta! honestissima vela! Decididamente a vela franceza teve o seu Waterioo... Foi um dia, quero dizer: foi uma noite a Clichy!

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas dezenove mezes.

FAGULHAS 13/10/1898

A doce e amavel lingua portugueza, sonóra nos seus vocabulos submissos que tão docilmente obedecem á penna dos poetas como os elios obedeciam á vara de Oberon tem uma sorte lamentavel. Rica como Makeda e, como ella, cheia de sonhos, possuindo preciosiassimos thesouros porque são innumeros os artistas que, partindo em peregrinação pelas terras largas da historia e pelo ditado paiz do sonho têm tornado trazendo poemas e belladas, romances, contos, idyllos que se vão accumulando nas bibliothecas sem que o mundo os conheça, a pobre língua portugueza é apenas entendida no jardim da Europa e na selva da America.

As aves poéticas vôm das vinhas tagitanas para os palmeirae brasilicos e não vão além porque os seus carmes não seriam por outros entendidos e talvez, com elles, longe de merecerem a attenção que do atheniense merecia o rouxinol, provocassem a ira dos que as ouvissem.

Mais de uma vez tenho ouvido queixas de escriptores: « Que não vale a pena escrever em portuguez, idioma repudiado que tem uma certa circulação no mundo. »

Aluizo queixava-se constantemente e eu, n'esta mesma secção, já lamentei que não tivessesmos ainda lido a fortuna de ser visitados por um espirito curioso que, revolvendo o nosso thesouro, fosse mostrar a culla o avara Europa que não somos os barbaros que ella julga. Felizmente, como os russos, temos um de Vogué.

Como agora o nosso publico vai dando uma attenção carinhosa ás letras é natural que lhe não tenha passado despercebida uma publicação recente que, sob o titulo *Resue Franco Bresioenne*, apparece quinzenalmente sob a direcção do Mr. Duncan Wagner.

Esse nome é o de um poeta, um poeta da *dauce France* que vive comnosco, não em exilio, mas por vontade, amando, com estremecimento, a nossa patria viçosa. Dançam Wagner desfez a sua lyra encordoadá pela mesma musa que afinou a barba elegiaca de Musset e construiu um barinel dourado no qual viaja para o occidente a musa brasileira. Parece que acompanhamos o feerismo hellenico da partida de Dyonisos para a India as cordas da lyra

fizeram-se cabos, os seus braços curvaram-se em quilha é, com Apollo ao leme, la vai a nave sonora, mar em fóra, conduzindo a Poesia maravilhada da nossa terra.

O ideal do poeta Duncan Wagner é tornar conhecida em França a litteratura brasileira — o primeiro que elle passou no barinel foi Ruy Barbosa, o colosso, depois o voluptuoso poeta da Via Lactea, esse oriental que parece escrever como Firdusi, entre espiraes de fumo de resinas e bayaderas nuas, Bilac, depois Murat, o nervoso e undante, o clangoroso e neptunino artista, por fim Arthar Azevedo, cujos versos, faceis e amenos correm, derivam como as aguas nascidas de uma fonte farta.

Duncan não traduz, a bem dizer, transporta — dá apenas á poesia brasileira um passaporte para que entre no mundo. Não perde o poeta uma imagem, uma idéa, a sua composição sabe da officina do magico mais bella, talvez porque elle põe-lhe na frança negra uma flôr delicada apanha-lhe com mais graça e veste sem lhe tocar nas linhas do corpo, sem a obrigar a esgares affectados. E' um poeta que conduz poetas.

O exodo começou para a poesia brasileira que sonhava sempre coma divulgação.

Duncan, porém, nem só da Poesia cuida elle escreve sobre a terra e sobre a nossa historia e na sua *Revue Franco Bresilienne* a nossa patria é tratada com os carinhos que negam muitos dos seus ingratos filhos.

E' dever nosso acoroçoar esse revelador que tanto faz por nós com o interesse de um intellectual. A sua propaganda já nos tem trazidos beneficios e, para que ella continue, é necessaria. lo que os [p.i.] esta patria auxiliem o poeta afim de que elle possa realizar a sua obra, de [p.i.] . Eu como brasileiro, beijo-lhe as mãos generosas.

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas dezenove mezes.

N.

FAGULHAS 14/10/1898

« Entairts! creez du nouveau! du nouvesu, et encore du nouveau! » Este trecho de uma carta do Wagner a Liazi, transcripto na obra de Alfred Enst, é um programma vestissimo que adaptamos, nós os que pretendemos fazer alguma cousa em prol da Arte brasileira.

São poucos os que se batem esse, porém, tem a energia victoriosa dos companheiros de Gedeho e, nem mesmo alterados, curvam os joelhos diante da fonte.

Que importa a má vontade de uma parcela se temos, como confortativo, a Fé que nunca nos abandona? que importa a mascara frontea que certos «demolidores» ativellam ao rosto se [p.i.] que, por traz do disfarce a inveja contorce um rictus do raiva?

A noite de hoje é de gloria para nós outros e para os que amam sinceramente esta patria ainda subjugada pelo estrangeiro que d'ella faz uma grande feira e que a considera apenas um mercado collocan-do-se sob a sua bandeira livre como sob uma tenda.

Artemis o Hostiu representam um grande tentamen artistico e um alevantado movimento patriotico. Nós somos um povo sem tradição e sem estimulo, e, o que mais é, sem idioma.. A lingua portugueza, que é a nossa, vivo humilhada miseravelmente, servimo-nos d'ella com certo vexame, na lulimidade porque, nas grandes manifestações artisticas, só accetamos o italiano e o francez.

Lembro-me do espanto que provocou a noticia do que o *Centro Artistico* la fazer cantar operas em portuguez... acharam os nossos patricios mais estranho esse commettimento do que a representação em arabe realisada pelos syrios. Cantar em portuguez!!!

Esse desamor pelo vernaculo demonstra dolorosamente que não temos o mais ligeiro apêgo á nacionalidade — o mesmo hymno não há quem o cante. Pois o *Centro Artistico* vem demonstrar que a lingua que herdamos é tão musical como qual quer das outras e, ainda que não fosse, deveriamos procurar levantel-a não deprimil-a servindo-nos d'ella, com acanhamento, apenas nos actor communs da vida.

Comecemos a trabalhar pela nossa independencia, arrojemos louge de nós o jugo, tenhamos energia para repellir o estrangeiro que annualmente nos, explora impondo-nos o que tem de peor e rindo ainda da nossa boa fé. Para esses ambulantes nos não possamos de bugres que pagam é, effectivamente, elles têm razão porque o fluminense nada possui para oppor ao que elles trazem periodicamente para abarrotar a scena sacrificando o gosto, annullando o esforço nacional e enriquecendo-se.

O *Centro Artistico* começa fazendo Arte e levantando o idioma, é natural que muitos prefiram continuar com as artes estrangeiras, pouco importa — a campanha proseguirá e tão nobre e desinteressado é o intuito dos que n'ella se empenham que a victoria, tenho certeza, lhes há de sorrir em breve.

Quanto aos libretos das duas operas já aqui expliquei, em curtas palavras, o sentimento que os gerou. O artista, para confilliar-a Arte com a Natureza, deve fazer o Real com o imaginario, apresentando a Videm sonho. Todos os poemas são visões. Langland e

Chaucer deixaram toda a vida ingleza do seu tempo em paginas de fantasia e, nenhum poeta consegue animar as suas creaturas sem subir ao céo para furtar um pouco do sagrado lume.

O poeta olha através do ideal e assim descreve o mundo.

O libreto moderno deve ter emoção deve trazer uma idéa forte que seja o ponto de apoio do musico. Os moldes antigos da opera que dependia, quasi sempre, com raras exepções, de uma intriga do amor, sem mais nada, durante a qual entravam e saham coros cantando umas cousas que nada tinham com a acção propriamente dita, foram quebrados por Wagner o creador do drama lyrico que é sempre « um problema da vida » apresentado sob uma feição poetica. O « sentimento humano » devo existir encarnado em uma personagem, deve sempre haver uma alma que anime, um *ser* que se mova. Foi isto que procuramos fazer dando em *Artemis* n'uma intima allegoria, o Amor ideal e dando em *Hostia* o amor passional. O publico que nos julgue.

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas dezenove mezes.

N.

FAGULHAS 21/10/1898

Éque, o vocabulo empregado por S. Ironymo, estabelecendo a igualdade dos sexos perante a lei moral, foi adaptado por um joven paulista, [p.i.] pouco sahido, e com taurois, da nossa Faculdade de Medicina — o Dr. Claudio de Souza Junior, em um pamphicto, infitulado «Pela mulher ».

O grande philosopho christão, que procurou o silencio para meditar, escreveu em uma das suas famosas cartas. « Ás leis de Cesar não são as de Christo, S. Peulo préga uma doutrina e Papinismo outra. Tudo que o codigo christão impõe ás mulheres, attinge tambem os homens. O pagantismo estabelecia uma differença parecia acreditar que o crime viril differia do crime feminino, afrouxava as redeas as palzões do homem, ao qual permittia tudo, punindo a mulher pela menos falta esta distincção era injusta ».

Estas palavras, que foram as primeiras pronunciadas em favor da independencia social da mulher, vem do 4º seculo e sahiram afrondoramente do fundo do asceterio do grande penitente.

N'aquelle tempo obscuro em que as mulheres, depravadas pela decadencia romana, era durante avilitadas, a voz do solitario devia ter provocado espanto hoje, porém, os que batem por esse idem de equidade não assombram; emtanto soffem ainda rijas represallas aos que, limitando a acção feminina a estrelleza de ama passiva servidão entendem que á mulher nenhum direito assiste de desforço exigindo apenas garantias para a honra masculina.

Não há reciprocidade uma odiosa preferencia mantém ainda, apesar de todo o empenho dos liberaes, a mulher n'um posto humilde sem direito de pretesto, sem acção de desforço.

Os moços, porém, irrompem e, tomando por norma o procedimento de S. Jeronymo animam a campanha em favor da mulher exigindo da lei a reciproca natural.

O pamphieto do Dr. Claudio de Souza Junior, escripto vigorosamente, com a energia que sempre caracterizou o movel polenista, é um protesto sympathico contra a injustiça. feito com grande cabedal de estudos revela conhecimentos não vulgares e, apesar de haver sido lançado soffregamente á pauta vem em forma correcta e de leitura agradável tendo, aqui, alli, no curso dos periodos, uma florida imagem na avidez de um paragrapho doutrinario como uma flor viçosa n'um terreno secco e agreste.

O Dr. Claudio de Souza Junior tem a tempera resistente e ousada dos luctadores — na imprensa foi sempre um arrojado e, no momento glorioso de dar aos seus mestres a prova definitiva da sua applicação e do seu talento, escolheu para assumpto da sua these um caso que chegou a alarmar a congregação pela audacia: se não fez um volume como o de Laupt não foi porque lhe fallecesse competencia se não por escassez de tempo, mas os que o conheçam muito esperam ainda do seu [p.i.] vigoroso tão nem aproveitado nas poucas paginas, mas fortes d'esse generoso pamphieto.

Eu, agradecendo a gentileza do polemista, deixe aqui as minhas sinceras felicitações pela attitude digna que assumio.

Lembrai-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas desenove mezes.

N.

FAGULHAS 23/11/1898

Em terra d'ouro e flor, terra bemdicta,
Onde jamais o inverno demorava,
Terra que o sol da Primavera amava,
Terra da qual a nove era proscripta

Em tempos velhos que o saber não dita
Uma princeza esplendida reinava.
Era tão linda que, de a ver, entrava
A amal-a quem a via por desdita.

Quis um rei conquistal-o por brandura
E, como nada conseguisse, irado
Moveu-lhe guerra sanguinosa o dura.

E ella, vencida, disse-lhe: « Malvado,
Conseguiste a ventura e a desventura
Porque me vais amar sem ser amado. »

Este soneto faz parte de uma pequenina peça em verso escripta por um poeta novel.

Respondendo á consulta que me fez o auctor sobre a inclusão d'esse genero de poesia, o mais terso, o mais difficil, sem duvida, porque exige não somente uma fórma aprimorada como um alto poder de synthese, em uma obra escripta para o palco, respondo concisamente: todas as formas poeticas podem ser levadas á scena, a difficuldade está em serem bem ditas, sem emphatismo, sem o tem declamatorio e o soneto, não sei porque, exige uma tal emphase, uma certa maneira alltiloca, incompativel com a simplicidade da peça em questão.

Diz o auctor. « Procurei faze uma scena lyrica sem preocupação do entrecho: — algumas estrophes zumbindo em torno d'uma idéa poetica, nada mais. » Se assim é não sei se ficará bem o soneto — (e há outros) — os interpretes e o publico que respondam.

Depois de Rostand tudo é permittido no theatro, desde que seja bom, por isso, eu que não sou de velhos moldes e entendo que devemos procurar o « movo », acoroção a

audacia do poeta. Se vencer terá conseguido uma palma que ainda não foi dada por Apollo a outro — a de introduzir o soneto na acção dramatica, se for derrotado não terá razão para vergonha porque não se foi medir com inimigos [p.i.] — o palco é tremendo!

Deixe os sonetos e elles que venham offerecer batalha o que a sua Musa vá, como as damas medievaes, occupar um dos camarotes para atirar aos pés do vencedor a flor de liz ao seu collo ou para receber o vencido nos seus braços acariciadores.

A Fortuna é a precursora dos andazes. Deixe os sonetos... e que a fanfarra do arauto sôe a combate.

Não, Juvenal, meu amigo, jurei aos meus deuses ser o prégoeiro da idéa e cá estou:

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas dezenove mezes.

N.

FAGULHAS 26/10/1898

Telegramma de Lima, para o *Paiz*, diz que em uma das ilhas do archipelago das Tartarugas foi encontrado um naufrago que alli permaneceu sosinho durante 14 anos.

Esse filho do Robinson Crusoe, neto de Philocteto deve, a esta hora, estar furioso bradando contra os que o foram arrancar a vida pacifica e amavel na solidão da terra que a tormenta lhe deu por homisto.

Alli era elle o único senhor tendo, como vassallos, as arvores e os passaros, a agua das fontes e os mansos animaes — o sol levava lhe, todas as manhãs, a luz do dia o, á noite , a lua e as estrellas guardavam o seu somno calmo.

Como os trogiodytas viviam n'uma caverna tirando o lume da pramentha, alimentando-se sobriamente do que podia alcançar nesse paraiso cercado pelas grandes aguas do Pacifico. Alli, por certo, não lhe chegavam os rumores do mundo — as intrigas fomentadas pela politica, os odios alimentados pela ambição, apenas as arvores murmulhavam com os ventos e as aguas derivantes cantavam no silencio e o naufrago, sem outro cuidado, sem receio, vivia para a natureza, dando-lhe todo o amor do seu coração. Eli-o restituído ao

mundo. Vão agora despil-o a caverna hospitaleira, vão restituil-o á vida civilisada. Pobre homem!

Talvez nada mais encontres do que deixaste na terra: os velhos pais mortos, a choça da familia destruida é, no sitio em que a deixaste, um palacio sumptuoso e a noiva, se alguma tomaste em promessa, has de encontral-a casada e com um rancho do filhos, pospondendo metas. Todas as tuas esperanças por terra.

No teu degredo, ao menos, a vida parecia haver parado: vias todos os teus como os deixaste e a tua noiva, loura e linda e anciosa, como essa Mand do *Pecheur d' lelande* consnitando os horizontes fechados, á tua espera... essas visões alimentavam a tua vernacula é que a todo o instante conversavas com as arvores como se com os que perdeste conversasses. E agora? vais ver tudo destruído, vais achar o mundo conflagrado e tu, que te habituaste á solidão e no silencio, vais ver como a reportagem avança curiosa pedindo-te informações sobre a tua vida solitaria e casta. Emfim, homem, volta ao mundo, occupa-o logar que te compete mas toma cuidado lá porque passaste 14 annos solitario (mais dous que o famoso sujeito da Perichole) não te precipites, vai com calma voltando aos habitos se é que ainda és homem para recommear. Nada de precipitação — não queiras recuperar em um dia o prejuizo dos quatorze annos. Cautela, Robinson... cautela!

O seu a seu dono. Com o titulo *Aquarella* publicou o *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em o seu numero 231, de 12 do corrente, o soneto que aqui transcreveo!

A' casa é solitaria, pequenina,
tosca, feita de palha; porventura
ninho gentil, tombado da collina,
sobre o ridente seio da planura.

Perto da casa, perto da franzina,
moradia de paz e de frescura.
deslisa um fio de agua crystalina,
como um collar de immaculada alvura.

E, além, pende dos ramos do arvoredó
uma réde, que as brisas, em folguedo,
balançam, num ternissimo delirio,
emquanto, o sonhos meus, medrosa ainda,

uma gotta de orvalho — a tarde linda —
vem inundar o calice do lyrio...

COELHO NETTO.

Sem desfazer no trabalho devo dizer que não me pertence — será de algum homonymo, meu não é. Faço esta declaração para que me não accusem, mais tarde, de haver querido enfeitar-me com plumagem alheia. O dono do soneto que o reclame, eu faço aqui, e em tempo, a restituição.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas dezenove mezes.

N

FAGULHAS 27/10/1898

As [p.i.] passaram dous disse trancadas porque entenderam que deviam ajustar contas com o homem que as contractara na [p.i.] para virem ao Brasil... correr dos touros. O homem, que é destro, em vez de fechar o negocio proposto pelas figadoras, fechou-as em um quarto e abalou com a chave.

As pobres damas que nasceram para lidar com o boi, principalmente quando o animal é reduzido a bifés, sentindo a falta do bicão, começaram a protestar com furia alarmando o hotel transformado em Rastilha: azafama do proprietario, escandalo entre os hospedes — que é da chave? um horror! E a policia intervio para abrir, ao mesmo tempo, o quarto e o inquerito.

As *niñas*, pallidas de fome, communicaram á auctoridade que estavam alli a vêr navios, victimas d'uma péga de... meia cara, porquanto, havendo Romero, o contractante, prometido dar a casa uma dellas [p.i.] fortes, fortissimos! por casa corrida em que tomasse parte, depois de as ver cansadas, pondo os bofes pela bocca de tanto correr, deitou d'uma péga do meia cara porquanto havendo flomêro, o contractanto, promettido dar a casa uma dellas, por corrida em que tomasse parte, [p.i.] fortes, fortissimos! porque as niñas não admittem fraquezas, substancia é alli! depois de as vêr cansadas, esfaltadas, deitando os bofes pela

bocca de tanto correr, fechou-as no quarto e abriu o *chabre*, como diz, com muito pittoresco o povo.

A policia, porém, foi pelo rasto e conseguiu apanhar-o Roméro declarou que havia fechado as *niñas* em seu quarto do hotel a pedido do proprietario do estabelecimento porque as taes damas punham tudo em pantana, viravam a casa de pernas para o ar com a mesma facilidade com que fazem esse gracioso e indiscreto holéo na arena quando o garrote investe.

Disse mais Roméro: que effectivamente promettéra pagar os [p.i.] duros, duros não, fortes, por corrida mas que só cumpriria o contracto na Hespanha.

As *niñas* que não gostam de castellos em tal paiz fizeram alarido, resultado: duas voltas na lingueta da fechadura. Romero cahiu em diversas contradicções e, quando se quis levantar estava com a Lei em cima e no xadrez. A justiça procedeu como convinha. Roméro não andou bem — ia porque as *niñas* são *toreras* não é natural que róam um chitre.

Depois de tanta marrada (quem digam aquellas, fragilissimas costellas!) haviam as infelizes de ficar com uma mão atras outro adiante? não — ganharam honradamente os fortes que lhe paguem os fortes. Valentes, são ellas, valentes e com uma decidida queda para trambolhões. Pois depois de tanta queda há de Roméro trancar-as o [p.i.] ? não!

N' Insultez jamais une lemme qui lombe.

Felizmente a Policia deu a mão as *niñas* e val obrigar a Roméro a cair por sua vez, com os taes duros, duros não, fortes. Dinheiro bem ganho com o suor do rosto e do diabo! [p.i.] ! que suavam a valer as taes *niñas*.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas dezenove mezes.

N.

FAGULHAS 29/10/1898

A ingenua Lucia, guardadora de cabras, sahira muito cedo, ainda com um resio do luar, para o seu cuidado e já havia dado liberdade aos animaes que saltavam contentes quando viu, no céu liso, os primeiros coloridos da madrugada. Chamando a mais nova das cabras agachou-se e, poeticamente, como n'um periodo bucolico de Longus, poz-se a ordenhar a tela

pojada bebondo o leite quente o saboroso que rescondia, pudera! se no pasto quasi todas aservas eram de aroma e na veriente podregosa que os animaes preferiam era tantas as flores que mal os olhos podiam ver os seixos denegridos.

Falta passou a manga do casaco pelos labios vermelhos e, tirando uma linda canção da memoria, foi-se com o seu rebando vagorosamente,

Lucia era noiva posto que não amusse... O seu amor ia alli, n'aquelle bando trafego de cabras, era tambem uma certa aroeira velha que se mirava nas aguas do correjo e... indo sei se repito uma calumnia, que me perdôe o Senhor se pecço!) um certo pastorinho, d'olhos muito negros, moreno, que costumava juntar o seu rebanho ao da pastora e, enquanto os animaes brincavam, juntos os guardadores, é sombrada aroeira, jogavam as *tres Marias*, sorrindo.

Já casar e já as velhas faziam complicados crivos e rendas de desenhos caprichosos para o seu enxoval e o pai esperava a chegada do butarluheiro para fazer as comoras necessarias, porque Lucia fazia questão de um collar de contas azues e de uns brincos de coral. seria em dezembro o casamento... mas... Seguia a ingenua Lucia quando, ao passar junto á fonte, ouviu vozes. Curiosa, ah! não fosse ella do sexo! escondeu-se por trás de uma pedra e ouviu. Duas mulheres conversavam desfazendo as trouxas:

— Então é verdade que a pequena Lucia vai casar?

— E' verdade... e que pena; Tão linda menina! O coração no [p.i.] , do contente, esteso quasi a com[p.i.] A dona com seus saltos.

— Que pena! porque dizes assim?

— Pois não sabes... ela vai casar com o Firmo?

— Com o Firmo!? Ai! Senhor Jesus, um homem que viveu sempre ás costas da primeira mulher...

Lucia não ouviu mais e esquecendo as cabras, lavada em lagrimas, deitou a correr caminho da casa. Quando os país a viram ficaram alarmados tão demudada estava a pobresínha...

— Que isto, rapariga? Visto alguma onça no campo?

— Não, meu pai, mas por Deus, desfaça o meu casamento com o Firmo enquanto é tempo. Lembre-se do que disse o doutor quando esteve doente: que eu não devia carregar pesos... Pelo amor de Deus!

— Mas... que tem o peso com o casamento, filha? Quem vai carregar o peso é o Firmo...

— Não, meu pai — elle viveu sempre as costas da primeira mulher, e foi por isso que a pobresinha se finou.

Eu não posso com um feize de ramalho quanto mais com um bruto d'aquelles... Não, pai! pelo amor de Deus... pelo amor de Deus...

. Tiremos a moralidade da novella do risonho Bonaventura dos Periers, o jacundo Jean Bonaventura, inspirador d'este conteto alegre.

Tomara a pobre Lucia o figurado pelo real e como a donzella que rejeitara o marido « pouco qu'll avell mangé de doz de se premiere lemme » confundindo, por má pronuncia, *dat com doz*, Lucia entendeu que viver ás costas era ler o marido agarrado ás suas espaldas como a preguiça á embanha quando, em verdade, era tel-o a comer-lhe as poucas rendas que levava, não nas estas mas n'um pé de meia... « mais elle n'avoit point du fout tort de n'em ventoir point... sí est-çe cu'ilz ne valient gueres ny, l'um ny l'auire pour elles... » Sim, nem encarapitado as costas, nem a gostar-lhe o cobre em malandrice.

Ah! as minhas pobres *Fagulhas* de hontem emfim... mal de muitos consolo é.

Lembraí-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas dezenove mezes.

N.

FAGULHAS 01/11/1898

A Poesia é cega, como [p.i.] , o [p.i.] drogyno e, como elle, é evidente. E' o esplendor — não vê, faz ver. Toa de seu seio a claridade para iluminar o tempo que os outros devem trilhar.

O [p.i.] era cego emtanto ninguem via, come elle, as desgraças do [p.i.] , Milton, sendo cego, viu o inalcançavel — parece que o ideal só se apresenta [p.i.] aos que são virgens no Real — para ser summo sacerdote do Bello, supreme é necessario que a vista tenha a castidade da cegueira: os olhos que contemplan Deus não podem contemplar os homens.

Mas o poeta, para não tropeçar nas agruras da vida, faz se acompanhar e quem o leva? quem o conduz? quem lhe dá o pythmo dos passos? a musica. Homero levava um hoptacordio no punho — era a sua lambada.

Assim a Musica é a companheira immemorial da Poesia — o metro poético nasceu do rytimo como o compasso, o accorda é um verso, o verso é um accordo. Como Tírestas a Poesia particular dos dous sexos! ella é masculina no Pensamento e feminina é languida na musica: — é o estro e a melodia. São seres unidos indivisivelmente.

A musica isolada suggere um episodio poetico, a poesia, com a sua motrica, faz pensar na musica.

Taes considerações vem a proposito do livro de cantos *Ensaizando o voo* que Julio Reis, um distincto compositor musical, acaba de publicar.

Nesse volume de larga fantasia ha a traducção, em palavras, das notas musicaes escriptas, pelo *virtuove*. Muitos dos cantos nelle induldos são desdoirramentos, se não forem germens de idéas musicaes.

Eu já tive a fortuna rara de ouvir se o plano a *Serenata arabe*, a [p.i.] *botu* se confesso que, agora tendo os escriptos sentil mais perfeita a doce impressão que me haviam deixado as melodia? Feliz artista que póde assim dar toda intensidade ao seu sonho.

O livro com « ensaio » fez jus aos mais calorosos louvores e já que Julio Reis dispõe da palavra e da melodia porque não aproveita o seu engenho não vulgar dando-nos uma obra completa em que appareçam alladás as duas artes? *O Centro Artistico* ah está para animar os trabalhadores — ligue os dous preciosos dotes ao seu espirito e surja com um trabalho completo digno do seu talento para gloria do seu nome, e da sua patria.

Não é justo que [p.i.] em [p.i.] e flor da terra quem tem envergadura para arrojos d'ingua. Que o auctor do *Ensafando o voo* abra as azas largas e, de olhos no, sol, vingue as alturas claras.

Essa historia de centenario vai dando que falar emfim eu cá estou no meu canto — e daqui não saio nem a mão de Deus Padre: Lembrai-vos do 4º centenario que façamos alguma cousa digna e faltam apenas dezoito mezes.

N.

Se eu não cotasse com o julgamento de outros espiritos mais esclarecidos do que o do Sr. Oscar Guanabácino nunca buscaria apurar a minha linguagem e escreveria em termos os mais faceis, com circumloquios, sempre que houvesse necessidade do emprego de um vocabulo de uso menos comesinho. Longe de mim a idéa do defender o libreto que escrevi — banal e futil na opinião do critico, venho apenas mostrar a sem razão de seus commentarios acerca do adjectivo « abemotada » e do substantivo « [p.i.] »

Estranha o Sr. Oscar Guanabarino que eu escrevesse:

Sôa a harpa de prata *abemolada*...

Os mestres da lingua empregam abemolado, do verbo abemolar: — abrandar, adoçar suavemente a voz no canto ou na pronunciação (vid. Vieira), no sentido de: brando.. suavizado, effeminado, langue.

«E, senão, digam-o os meus *abomotados* suspiros, que, fazendo mudança em mim, cantando-os por natureza, me ficam já naturaes ». Soropita, *Prosas*. E Jorge Ferreira diz, na *Enphroina*:

«Estais mais abemolado que uma doçaina.»

Bem vê o Sr. Oscar Guanalarino que o adjectivo é lidimo e vernaculo. Eu disse: «harpa de prata abemolada» como poderia dizer: «harpa de patra languida, apaixonada, suavissima, etc. » Vamos ao entre ponto. Diz o Sr. Oscar Guanabarino:

«Terminada essa leitura, fomos ver o *Diccionario infernal*, de J. Colliu de Planey, e ficámos aterrados pelo facto de não encontrarmos a palavra *Nixes*; o em outros livros consultados o resultado ainda foi o mesmo.

Calculem a curiosidade de quem, como nós, tem o dever de conhecer essa cousas, para a confecção de suas chronicas.

N'esse mesmo dia lemos n'*O Pariz* a noticia da entrada de um vaso de guerra da marinha allemã, chamado *Nixe*, e ao perguntarmos ao reporter o que cousa era *Nixe*, respondeu-nos elle que era uma gragula.

Não era possivel que o auctor do libreto quizesse um côro de fragatas no dominio da mythologia, e por isso passamos um telegramma a um dos nossos collegas de redacção pedindo : — e Consulta Larousse e manda dizer significado de *Nixes*. Resposta paga. »

Pois a resposta foi esta: « *Nixe*, divindado que preside aos partos. »

Por onde fiquei pensando que de muita providencia symbolica é dotado o illustre auctor da Hostia, pois tendo um casamento a realisar, a primeira cousa que apresenta ao publico educando é o grupo de Mnes. Durocher.»

Ora vejamos:

« Les nixes ou les ondines des traditions germaniques sont presque toujours femmes de la tete aux pieds », diz Paul de Saint-Victor no seu *Aquarium ferique*.

Henri Heitor, na *Elegia romantica* (tradução franceza). Diz :

« Quand [p.i.] assis na berd du ruisseau, Pessaim des *nixes*, ces bacchantes aquell[p.i.] 's, sortall des llots em santillant, avec heurs longs volles argentées el teur verie el flollante chevelure.

Elles pinçaient la mandoline, elles jonaient du violon: c'était j'air de la fameuse rondo des nixes.

Quellos postures fantasques et incroyables! Quelles melodies voluptueuses! C'était une bondissante irénésie. »

Que o Sr. Oscar Guanabarino desconheça taes auctores nao admira, mas que venha a publico empannar o merito do seu consultor chega a ser ingratição.

Diz o Sr. Oscar que no Larousse apenas encontrou, como significação da palavra *nixe*, o seguinte: divindade que preside aos partos!

Errou o Sr. Oscar Guanabarino porque, procurando um ser apanhou um attributo, querendo um substantivo recolheu um adjectivo. O tal vocabulo *nixe* tomando, as pressas, pelo Sr. Oscar, é um adjectivo derivado do verbo: « nictor, eris, nisus ou nixus sum, all », que, segundo Plinto, significa: dar a luz.

Os romanos tinham os seus *Nixi dii*, deuses que protegiam o parto.

Nixe, pois, refere-se á condição de ser da divindade. Logo abaixo, porém, na mesma pagina do Larousse, viu, certeza, o Sr. Oscar Guanabarino:

Nixe, Mythol. Genio ou nympho des caux chez les germains. E, mais adiante, desenvolvido commentario historico.

Quiz, porém, o Sr. Oscar Guanabarino fazer pilheira a custa da sua ignorancia, tanto melhor para a sua reputação de critico.

Diz mais o Sr. Oscar Guanabarino que o « côro das sacerdotisas é composto de alumnas do Instituto » não é verdadeiro o Sr. Oscar nessa affirmação » não há naquelle conjuncto uma só alumna do Instituto.

E agora o publico que nos responda se é digno de attenção um critico de tanta ignorancia e má fé.

Lembraiv-so do 4º centenario do descobrimento do Brasil. E' necessario que façamos alguma cousa digna.

N.

FAGULHAS 29/11/1898

Como o cormoran do cancloneiro oldnez detive-me algum tempo, em contemplação, á margem do rio da vida vendo correr a agua sempre nova carreando destroços e nymphéna, ninhos desfeitos, folhas muchas, galhos talados, petumbos.

Quando me encolhi, fatigado á beira da correnteza, era outro genio das aguas murmuras, outros eram os ondinos e dizia-se que o rio era turvo e lento, mais um balscivo que uma caudal entretanto as aguas que passam, não differem dos que hontem defiulam — d'ellas emergem, como d'antes, açucenas e limo, n'ellas se desalieram garças e serpentes, o mesmo murmurio fazem, as mesmas sombras escurecem n'os.

Que fez o novo genio? e os novos ondinos que fazem? As primessas são grandes e eu mesmo li no papyeus aquatico e programma da nova peloslade mas... as aguas correm como antanho: nem mais cheiras, neim mais límpidas. Um dos ondinos ameaça as piranhas do jogo e a piracema insciva que, em cardumes, fervilhantes, infesta as aguas; outro pensa em afugentar as aranhas douradas que tecem vellarios fino sobre as aguas e tambem em ensolar os sabiás que cantam nos ramos inclinados.

O ideal do senhor do rio é um único — a economia.

As grandes seccas do passado fizeram com que o oceano bradasse contra a falta de contribuição o oceano é fote, póde levantar-se em colera e subir assolando as margens e biorvendo o rio — urga [p.i.] car-lhe a alvidez maior que a do Nievanna.

Que importa ao senhor das aguas que o arvoredo ribeirinho fique estarecido? que importa que um silencio melancolico cerque o rio tristonho? — toda a agua é pouca para a varagem e quando ella estiver satisfeita, se as feras que cercam o rio não lhe tomarem o melhor das aguas, outro ondino que replante a floresta e chamo-os sabiás banidos.

Os tempos que vão correr serão [p.i.] — o rio tributario não transbordará formando o natciro fertil, nem regará as raizes das arvores o rio está canalizado para o oceano

exigente, o senhor das aguas só lem um ideal que os ondinos procuram realizar — levar agua ao oceano. E as pobres nymphas, como outras danaldes, lá vão enchendo o grande e insaciavel abysmo emquanto as Aries desprezadas e as Leiras banidas cantam, como os vales capllvos:

.....

Os doces instrumentos
Que o Senhor das batalhas lá louvarão
Em tempos mais [p.i.]
E que nossa victorias celebração.
Quando presos ficamos.
Aos salgueiros extranhos benduramos.

.....

Emfim... se o senhor das aguas conseguir saciar o oceano muito terá feito mas... ha tantas feras sedentas ao longo do rio escasso que... permitia, o bom Deus que os ondinos não tenham de pedir ao oceano a sua agua, salgada, bem salgada em verdade, para que o rio não deixe de correr... mais sobrecarregado [p.i.] . Emfim... é o caso de dizermos: — Nem tanto ao mar...

Esquecei-vos do 4º centenario do descobrimento do Brasil.

Deviamos, por brio, fazer alguma cousa digna mas o melhor é não bulirmos n'isso.

N.

FAGULHAS 30/11/1898

Ha, entre nós, um grupo de artistas cuja, vida liga-se, pelos arcanos, á dos mestres alchimistas sempre, vivem em [p.i.] Mysterio torturando a phrase em [p.i.] busca de uma forma perfeita, utopia tão grande como a dos [p.i.] . um [p.i.] que lhes sai das mãos representa um intrigante e torturado [p.i.] de muitas noites, num período consomem elles dias longos da meditação porque não entendem, como Pacheu, que as palavras « seni d'étranges&Iquettes des choses » e, como para amenisar uma expressão é necessario achar a alma propria dão-se a partinaz pesquisa, ao rebuscamento aturado.

Lima Campos é um d'esses hermettos. O seu nome pouco apparece mas, quando surge, raro em raro, vem acompanhando um rei de periodos sonoros e de muita cor, periodos que ficam como os d'esse conto, d'um valor amargo como o das lagrimas, que tem por titulo. « *Pharoteiro* ».

Luiz Gonzaga Duque Estrada é tambem um mysterioso. A sua obra é pequena mas tem a perfeição minuciosa das joias de [p.i.] ou dos hostiarios de Quediemburgo.

Da um requintado gosto esthetico exige tanto da sua penna que a [p.i.] d'ouro e o fino pó de diamante que elle, na tortura do polimento, tira aos trabalhos que executa, dariam materia prima bastante para fazer a gloria de outro escriptor menos exigente.

Depois do Estudo sobre a Arte Brasileira publicou Gonzaga Duque Estrada escriptos avulsos, todos de uma fôrma irreprehensivel e, ultimamente, querendo servir a Patria com a sua penna arvore, [p.i.] á historia respigando no campo farto do Passado os feitos dos nossos maiores: os levantantes e as revoltas, os motíns e as luctas que concorreram para a integração da Patria.

O livro « *Revoluções Brasileiras* » titulo que foi judiciosamente commentado por um escriptor que, n'*O Paiz*, d'elle se occupou, tem para alumno a dupla vantagem de ser profundamente nosso e intensamente artistico. A substancia historica tem um vehiculo delicioso para a intelligencia. Luciano, no seu opusculo intitulado: « *Como convem [p.i.] a historia* » entre outras muitas regras, anteriormente pregadas por Polybio, diz: Assim, como já dissemos, que as qualidades do historiador são a franqueza e a veracidade tambem, o fim único do seu estylo deve ser expor claramente os factos, apresental-os á lux clara d'um juizo seguro, sem reticencias, sem anachronismos, sem expressões mal cahidas e d'uso suspeito, mas em termos que, sendo de facil comprehensão para o vulgo, sejam louvados pelo escól.

E isso conseguiu Gonzaga Duque Estrada dando-nos a verdade historica dentro d'uma fina moldura de [p.i.] artistica.

N.

FAGULHAS 09/12/1898

Quando um meliante, que tem percorrido lucrativamente varias casas d'esta cidade, inculcando-se copeiro, levou do meu contador todas as joias que eu alli guardava, corri á policia com a minha queixa e lá, depois de me ouvirem, offereceram-me varias

photographias para que eu as examinasse a var se, entre tantas caras, eu descobria a de Alfredo, o [p.i.] não descobri, havia uma um tanto parecida com a do heroe mas estava provida de barbas fartas e Alfredo é glabro.

— Isso não quer dizer nada, exclamou uma agente: esses homens têm barba e não têm. O senhor vê um homem com a cara lisa, na plata-forma de um bond, pouco depois dá pela ausencia do relógio volta-se, procura o homem da cara lisa, grita, clama, deita a correr e o homem da cara lisa continua tranquilamente a viagem com o seu relógio e com um par de viçosas soissas. E' assim...

— Ah! é assim?!

— Sim, senhor... Fiquei pasmado e entreguei as photographias ao agente. O delegado, então, por um excesso do gentileza, offereceu-me dous homens do sua inteira confiança para que eu, com elles, percorresse certos logares suspeitos á cala de Alfredo. Sahimos e andamos, andamos, andamos.

Os homens obrigavam-me a entrar em casas do *chopps*, em bodégas, em hospedarias e nada de Alfredo — muita cara de patife mas nenhuma que se parecesse com a do meu infiel copeiro. Por fim, já exausto, pedi aos homens um instante para descansar e, enquanto descansava, tomando um café, um d'elles, em segredo, disse-me mostrando-me certo sujeitinho louro que se regalava com um grog:

— O senhor está vendo aquelle pelintra?

— Sim, estou vendo...

— E' um gatuno...

— Como!

— E dos finos! Não viu aquelle bexigoso que faltou commigo na rua do Ouvidor?

— Sim, vi...

— Outro... E' aquelle que estava á porta do *Café Pariz* conversando com uma mulher..?

— Outro..?

— Não, aquelle é cheio de uma quadrilha.

— E... por que andam soltos?

— Porque... porque não foram presos em flagrante. « Agora nós quando queremos descobrir um ladrão prendemos todos; porque, mesmo entre ladrões, há ciumes e despezos. Por exemplo o arrombador de portos não liga importancia ao batedor de carteiras, o assassino olha os mais por cima dos hombros — essa discordia faz com que uns accusem os outros.

Ah! meu caro senhor, se não fossem os ladrões como haveríamos nós de descobrir os que roubam. Olhe, está alli um batedor de carteiras, vou agarral-o, elle há de dizer-me onde está o tal Alfredo. E o agente, ou antes, os agentes (porque eram dous) sahiram, agarraram o indiciado e foram-se com elle... Foi isso e começo do anno passado e até hoje... anda de Alfredo.

Póde ser que agora, com a pesca maravilhosa, appareçam as minhas joias... como appareceu o anel do Policrates.

Esperemos.

N.

FAGULHAS 11/12/1898

Foi na igreja dos Remedios, em S.Paulo, n'uma tarde de festa, que me apresentaram a Antonio Bento: Punha elle em ordem a sua charanga composta, na maioria, do rapazolas que sopravam, com furia, os seus instrumentos clangorados attrahindo as janellas as formosas moças que, aqui registro em louvor de todas, muito concorreram para que triumphasse em S. Paulo a generosa propaganda.

Antonio Bento, erocio, com um casacão felpudo que lhe descia abaixo dos joelhos, affagava o cavaigac basto, entre negros que sorriam. Recebeu-me com uma palavra amavel e dizendo-lhe o meu apresentante que eu pretendia ser do grupo dos «roubadores». Antonio Bento lançou-me um olhar forte e, apezar das fontes escuras do seu *pince-nez* eu vi o fogo vivissimo das suas pupillas que ardiam:

— Menino, olhe que isto não é brinquedo. Não pense você que nós somos tratados aqui com bons modos: — elles não nos poupam — é a pão e a bala que nos recebem. Se você quer metter-se n'isto disponha-se como um soldado que vai para a guerra. Isto é serio como o diabo! Em cada esquina há um capitão do matto...

— Bem sei...

— E então?!

— Disponha de mim. Dias depois encontramos-nos em uma sessão, no *Club do Braz* e ahi fizemos amizade.

Antonio Bento era um homem de acção: poucas palavras e rijas, na tribuna e na imprensa, quando redigia o *Jornal do Commercio*, com Figueiredo Golmbra. Elle avultava, porém, nos actos de energia.

De uma coragem temoraria sentia um certo prazer em affrontar perigos indo ao encontro do adversario quase sempre só ou com um negro da sua confiança.

Certa noite, vinhamos, em bando, do uma cela na Luz, oito ou nove dos mais destemidos da Academia, quando ao chegarmos á rua da Constituição vimos um vulto hirto, cosido com a parede, immovel. Um do grupo, por troça, quis descobrir o mysterio e, approximando-se do homem embuçado, disse-lhe qualquer cousa. Uma voz cheia e muito conhecida respondeu com uma pilheria.

— O Dr. Antonio Bento! Exclamou o curioso recuando.

— Eu mesmo, estou aqui á espera de um pobre negro alli d'aquella casa. E' um desgraçado, soffre como um cão mas nunca vi creatura tão covarde! Salta o muro e fica na rua a tremer, com medo de fugir, até que, com a manhã, pula de novo para fugir até que, com a manhã, pula de novo para o quintal do senhor onde apanha a ração diaria de chicote. Mandou-me dizer á casa que só fugiria se eu viesse aqui buscal-o... Vocês já viram... E eu aqui estou, ao frio, como um namorado á espera da namorada...

— Se o doutor quer ficamos todos...

— Não, se o negro dá com vocês, aqui é capaz de desmatar. Obrigado. Até amanhã... Seguimos e lá ficou, cosido com a parede, ao frio, da noite garoenta o extraordinario homem.

Depois da abolição encontrei-o uma voz. Achei-o forte mas triste, os seus olhos já não tinham as duas seintillas fulgurantes elle, contente coma victoria, feliz com ver a felicidade da gente negra, suspirou alagando o cavalgnac cheio de fios brancos.

— Ah! menino; ando aborrecido, todos me querem bem já não tenho inimigos. Hoje chamam-me o benemerito e não sei que mais...

— E então, doutor? é a justiça...

— Qual justiça, qual historia! Eu não sou homem para essas cousas. Eu ainda tomo um criado, com um bom ordenado, só para dizer-me desaforos de vez em quando...

— Para que, doutor?

— Para que? ora! para eu agitar-me, para eu não viver n'esta molleza só a ouvir: « o benemerito Dr. Antonio Bento, o generoso, o paladino... » Qual paladino! o que eu sou é um homem para lutar... Isso sim...

E foi justamente isso o grande morto de hontem: um luctador intrepido e modesto.

N.

Um artista que irrompe victoriosamente — Cellatino Barroso — anda a cuidar, com sollicitude iraternal, da tiomenagem que todos nós devemos a memoria immaenlada do grande artista que succumplo: Raul Pompeia.

O nosso meio, infenso á arte, pasma maravilhado quando um homem, como Arthur Azevedo, vem cuidar da restauração justiceira de uma gloria nacional qual é, sem contestação, Martins Penna e, por certo, receberá com o mesmo assombro o autor dos *Anathemas*, quando elle surgir com um ramo de cypreste arrancado a um tumulo fallando do morto de hontem, cujo nome ficou perpetuado nas paginas fortes do *Atheneu*...

Esse sahio da vida entediando antes de findar o banquete amargo, especie de festim de Thleste em que, muitas vezes, os pais devoram os proprios filhos, era um dos mais intrasigentes artistas que o Brasil tem possuido. Não o conheci superficialmente, em palestra rapida, vivi longos mezes com elle, em trato intimo, no sul e no norte e sei com que fanatismo elle se devotava á Arte cruel que lhe foi, aos poucos desfazendo a crença.

Raul não sabia querer: nem desestimar; era dos extremos — ou amava ou odiava.

Quando se fez escriptor deu-se inteiro á escripta que era, para elle, uma tortura, não porque lhe fosse escassa a imaginação mas porque nunca se satisfaria com a expressão, verbal. Para elle, compor era sofrer — a pesquisa do termo tomava-lhe horas longas, dias mas, em compensação, com que prazer elle tomava á mesa de trabalho quando, ao cabo de um demovado estudo, fazia o periodo a seu gosto com a cor e com a harmonia desejadas.

A sua esthetica, tão proficientemente estudada por Arapipe Junior, era a de um mystico, não dos que se desfazem em deliquescencias mas dos que indagala, dos que procuram ver na realidade o [p.i.] mysterioso, a razão de ser, a « alma vital » emfim.

Atheneu, o seu livro mestre, é um pedestral, as « *Canções sem metro* » são os baixo relevos.

A memoria de tão grande artista não parece mas é justo que os que ficaram cuidem, com devello, do marcar dignamente o trecho de terra que consome o corpo do escriptor. E' para essa fim que o Cotiatino Barroso reúne um grupo de homens de letras para que no dia anniversario da morte de Pompeia, — dia memcraavel por ser o do Natal — seja celebrada uma festa de character artistico cujo producto de para a aquisição de um monumentos azelo mas significativo que como a lapida das Thermopylas mostre ao passageiro o sitio em que faz heroe.

O publico que se não excuse á honra devida á memoria d'aquelle que tanto fez pela sua patria glorificando a no livro. Os homens de letras... esses sabem o que lhes cabe fazer...

N.

FAGULHAS 14/12/1898

Então agora em moda os buracos: tapa-se um aqui, abre-se outro adiante — está cidade come aquelle lamoso frade do conto que não podia abrir os olhos sem fechar... a bocca e vice-versa. Eu não sou, em absoluto, contra os buracos, alguns há indispensa veis como os das fechaduras, por exemplo; se nos, porém, devem ser tapados por decencia outros... muito pelo contrario, tanto que se um homem bem intencionado os tapa abrem tal escandalo que... está n'este caso o buraco da rua de Gonçalves Dias onde metteram um tronco de palmeira.

Há razão para que se não feche aquelle abysmo que, para não desmentir o adagio latino, chamou outro buraco, o da casa Luiz de Rezende, por onde escoou parte do thesouro, em gemmas, que alli havia.

Não creio que o buraco da rua de Gonçalves Dias tenha concorrido directamente para a abertura do outro mas, como no suicidio suggere outro assim aquelle barulho lembrou aos meliantes a idéa que só caberia no cerebro de uma toupeira... Toupeira. Hein?!

A cidade esburaca-se, porque, além dos buracos há por ahi tambem um jogo chamado buraca, se não abre covas nas ruas cava a miseria nos lares, são parentes buraco e buraca e contra essa grey andam unidos n'um esforço digno, o prefeito e o chefe, mas, pouco tem conseguido porque a cidade se vai tornando de mais em mais esburacada. Em buracos vivem ladrões e bichos, uns e outros roubadores e dos buracos sobem miasmas e petizes — deixam os miasmas febres, deixam os petizes pegados mimosas mas tão discretas que a policia, tendo na mão esse pé delgado ainda não conseguiu sequer alcançar a perna do patife.

Que hão de fazer os poderes para que a cidade possa ter calma? topar os buracos, mas como se não há com que.

Ninguem tapa um buraco com boa vontade há, se assim fosse não haveria atropellos na vida, e tanto os buracos publicos com os particulares continuam escancarados escandalosamente porque não há com que fechal-os... e cada um homem em fechal-os com qualquer cousa... saiam-lhe em cima esbirros e, por haver sido zeloso em demasta lá vai o infeliz purgar mezes de pena em grabaio de carcere com o pão negro e a bilha escassa.

Não, nos approximemos dos buracos evitemos a vertigem do abysmo porque tanto um homem olha para baixo que cabe mesmo e depois... ai! depois... é pegar-lhe com um trapo quente... com um trapo quente, não isso tambem, nem trapo, nem quente. O melhor é a gente passar de lardo e d'olhos fechados para não ver... Buracos... hum!

N.

FAGULHAS 15/12/1898

Moyses no monte Nebo avistando Chamam, formosa e fertil, dá bem o typo do sonhador que succumbe nas vesperas do alcançar o ideal tão ardentemente desejado. Ante os olhos: dilatados e verdes campos, aguas limpidas, pomares lenciosos, densas searas. Racimos d'uvas, kommores de farinha, favos de mel alambreado, vasos de leite grosso chegam com os enussarios que, mal descarregam as primicias, entram a fallar da feracidade e da magnificencia da terra florida e semeada de ninhos e o precursor, que destravou, o caminho da viagem acoroçoando os timidos e vencendo os rivaes, com olhos tristes contempla o que era um sonho, já então realizado, não longe, visivel mas não ainda alcançado e, contemplando, expira.

Foi essa a sorte de Macéo, o guerrilheiro destemido, foi essa a sorte de Calixto Garcia, o chefe intrepido dos cubanos, o homem ubique que, á frente dos seus companheiros, ao alvorecer protegia, no littoral o desembarque dos elementos de guerra transportados audaciosamente nos navios flibusteiros e, á tarde, irrompendo na cordilheira, ia desalojar os contingentes inimigos pondo um soldado em cada palmeira, fazendo com que das guetas saxeeas das cavernas mudas rompessem descargas que mais assombravam pelo mysterio do que mesmo pela mortandade que faziam.

Foi Calixto Garela o conductor da victoria, o efeito de Beltona, as scintilas da sua espada formidavel atearam a grande chamma que se communicou a todas as almas cubanas no momento decisivo da grande batalha.

Estava prestes a hora gloriosa. Já a estrella solitaria começava a subir no céu da grande Antiba livre quando o luctador esforçado sentio a dor aguda da primeira punhalada da pneumonia — como fugir á morte mysteriosa, como combatel-a? o caudilho, que jamais recuára nos campos da guerra, o solado invulneravel que passara incolume, como um Achilles através o fogo, vencendo perfidias e emboscadas, sentiu-se inerte e fraco, succumbindo

justamente quando, em repouso, com as armas ensarilhadas, os seus commandados da vespera, d'olhos no céo, cantando, esperavam que resplandesse a estrella que há de alumiar os destinos da nova republica.

Morreu como um bravo fazendo lembrar esse final épico da comedia heroica de Rostand quando Cyrano, encostado á arvore, espada em punho, desafia os seus inimigos imaginarios,. A mentira, os compromissos, os preconceitos, as covardias, a estupidez...

Elle commandava as suas legiões contra a tyrannia e cahio como em plena batalha vendo-se, no seu delirio, cercado de adversarios, entre ferro e fogo.

A Morte deu uma bella illusão final ao heróe e Cuba, por certo, lhe há de conceder o premio imperecivel gravando-lhe o nome glorioso na lapide maior do seu pantheon. Como Moysés, Calixto Garcia espirou no monte Nebo, avistando o ideal.

N.

FAGULHAS 16/12/1898

O povo de Granada, attribuindo a Christovão Colombo as desgraças que tem afligido a Hespanha, apedrejos a estatua do descobridor da America. Tal desforço [p.i.] lembra [p.i.] o perecimento de um homem que, havendo sido infeliz em varias operações da bolsa, entrou a descoa, faz de um retrato do avó que tinha em casa e, um dia, desesperado, mandou lançal-o a praia depois de haver, com furia, reduzido a migas a moldura.

Um pescador, homem simples, deu com a tela escalavrada e porque o avo, irruáo bemfeitor de uma Ordem Terceira, *pasaro* de habito e com um círio por bengala, foi tomado por um santo e, com veneração, o pescador levou para a sua choupana pauperrima a tela abandonada.

Com ella a sorte entrou na choupana — no mesmo dia o pescador foi contemplado com um premio da loteria e a mulher, que gemia n'um catre, entrevada, levantou-se milagrosamente.

Espalhou-se a noticia e para a choupana do pescador encaminhou-se uma romaria do penitentes, com promessas.

O avô, em moldura nova, resplandecia entre luzes, sorrindo, com um arzinho seraphico e os milagres reproduziam-se.

Chegou ao infeliz financeiro a noticia dos prodigios realizados em casa do pescador pelo santo que havia apparecido no mar e, a instancias da mulher, o homem resolveu fazer uma promessa compromettendo-se a leval-a se tirasse resultado de um negocio em que se ia aventurar o tirou...

Proclamando o milagre foi o homem ás compras da oblação promettida e, em traje de cerimonia, seguiu constricto para a casa do pescador. Não lhe foi facil chegar ao *canto*, tão grande era o ajuntamento de fiéis no recinto, mas tanto que lançou os olhos ao quadro transformando em relabuto ficou roxo e as vellas rolaram-lhe das mãos:

— O avó! Vendo-o de olhos esbugalhados, a tremer, os circumstantes cercaram-n'o e o homem, a mais e mais maravilhado, murmurava estarecido: O avó! O avó!

Tido por louco foi retirado com todas as cautelas e, quando o deixaram livre, o desgraçado, possuido de remordo, deitou a correr para levar a espantosa noticia á mulher.

— Oh! Catharina, sabes quem é o santo que tantos milagres realisa?

— E' Santo Antonio...

— Qual Santo Antonio, qual carapuça! é o finado commendador Clarimundo Bouças, meu avo materno...

— Que tu lançaste no mar?

— Que eu lancei ao mar...

— E agora?

— Agora... Agora não sei. estou convencido de que não era elle que me abrazava a vida como, tambem estou certo de que não é a elle que o pescador deve a sua boa fortuna. Pobre avô! Eu devo todos os meus males á ambição e á minha má cabeça. Coitado do meu avô! E eu que, todas as manhãs, ficava diante d'elle, de punhos fechados, e descompol-o.

— Eu bem te dizia, o avô não tem culpa, Mendouça, o avô não tem culpa, o culpado és tu que não tens juizo...

— E dizias a verdade: o culpado era eu... pobre avô...

Assim tambem, mente da Hespanha, o culpado não é Colombo, pobre Colombo! nem elle nem o avô, se há culpado esse é... como dizia o outro, á má cabeça...

Que diabo tem a estatua de Colombo com as... calças pardas em que te metiste, ó povo!

N.

Quantos cavallos há por ahi da tempera azeda e ávida desse fogaoso *matungo* que o cabo Guedes governa — muitos ha e tremendos.

O cavallo é nobre, dizem os seus apologistas, alguns mesmo têm a genealogia escripta, como os que correm nas pistas, outros vivem folgadamente, repousadamente nos *baras* fidalgo, como sultões, esperando a visita das odalíscas, esses são os perpetuadores da raça, mas não venho referir me a taes quadrupedes d'escolha que esses não podem ser comparados ao misero paria que conduz, a galope, a patrulha pelas ruas.

Fiquemos nos cavallos de baixa origem que não tem arvore genealogica porque, a bem dizer, são filhos da hervinha modesta, como se diz na chorosa cantiga.

Esses cavallos de condição interior, segundo a doutrina pythagorica, são reencarnações de espiritos imperfeitos, os bons espiritos acolhem-se a corpos nobres — retornam á vida mettendo-se na pelle dos coes altivos ou dos tigres orgulhosos, dos cavallos finos, dos gatos de Angora, dos rouxinoes, das aguias, dos condores. No corpo d'esse cavallo, que traz os peões em atropello, abrigou-se, sem duvida, o espirito de um ébrio. O cavallo de Guedes, em vendo garrafas, toma o freio nos dentes e vai procedendo como já tivesse na cabeça o conteudo das mesmas garrafas: elle salta, corcoveia, relincha; elle atira coucos, empina-se, morde, excava e investe, elle vareja botequins, invade casas do chopps, peneira em hotéis, o, se vê uma carvoça conduzindo pipas parte em disparada, com as ventas abertas e não há contel-o porque o animal arranca como o potro bravio de Mareppa: vicio.

Os inglezes, que estudam, com paciencia, os animaes, já descobriram que há cavalos borrachos e fornecem-lhes bebidas, não em copos, em baldes: barris de chopps, litro de *cock-laite*, almudes de cogoac e os animaes regalam-se e, saciados, voltam ao serviço, as vezes tropegos, más, emfim, lá vão.

Li, não há muito a historia de um burro ladrão e ladrão de bebidas e a gambá é cachaceira relapsa, o Perú não morre em juizo, mesmo aos gansos costumam os cozinheiros dar, como viatico, calices de paraty, sem gomma... era, não é muito que o cavallo do Guedes appetiteça um *chopp* n'estes dias abrazados, tambem não é só galopar por essas ruas esbaracadas, atraz do carro do senhor Dr. chefe de policia que não tem parado ultilmamente, é preciso que o animal tenha um goso compensador: elle não pede muito, contenta-se com uma garrafinha de *Teutonia* porque essa teimosa em negar-lh'as?

O cavallo quer matar o bicho, faz muito bem, o bicho é prejudicial, que o mate. Ora ahí está a contradicção da lei — preso por ter cão, preso por não ter: se o cavallo da policia deixasse o bicho impune, ai! d'elle... vai para mata-lo, páo nelle...

Quem está com a razão é o quadrupede e não a cavalleiro. Esta mesma *Gazeta* pedio hontem para o miserando, os varaes de uma carroça... mas porque os varaes de uma carroça e não umas garrafas de vinho ou de cerveja?

Dêm de beber ao bloco que elle andarás, direito, ou cambaleando, mas andarás... Dêm de beber que isso tambem é misericordia.

N.

FAGULHAS 19/12/1898

Se não fosse o receio que tenho da explosão de uma epidemia — e ellas não se fazem rogadas — eu não viria pedir aos que andam revolvendo o lixo que deixassem em paz as pás. Parece que vivemos em um lumeiro como Us ou em um esterquilinlo como Capharnaum.

Os jornaes apparecem cheios de lixo; a mesma hora em que o carrogeiro sae com o cesto para a carroça da limpeza o entregador dos diarios despeja-nos em casa o seu monte de columnas que trezandam — isto é um perigo tão serio que as auctoridades sanitarias já deviam ter tomado uma medida energica para que não nos succeda alguma.

Bem, sei que n'essa questão de lixo há interesses, só um gallo, com o de fabula, deixaria de parte a perola que faz entre os detricos — mas que tantos gallos briguem em disputada rinha, arrancando-se, ás bicadas, as pennas do corpo por uma única margarita, acho muito. E que nos importa a nós, particulares que seja este ou aquelle gallo que a engula se elle, levando-a no buxo, levar tambem para longe o lixo que a conteve?

Por emquanto, porem, o que vemos, é um bando de brigões ciscando no montura, nada mais e isso com prejuizo para a cidade. melhor é que se deixem de disputas, não vale a pena tanta discussão por uma cousa despresivel que todos repettem, inclusive o mar que, constantemente, a devolve á terra tornando immundas as pratas. Se a empreza tem direitos para funcionar que funcione, se não tem que voltem as antigas carroças mas o que não convém é que continue a tresandar. Ponhamos na ilha da Sapucata a bandeira da paz e vamos cuidar de outro officio. Há uma idea: se com todo esse lixo tão mal empregado tapassemos os buracos da cidade...? dou de graça esta idéa aos que a quizerem aproveitar e passo adiante...

Nascem açucenas nos limosos balseiros, rosas lindas desabrocham em alascaes, o nateiro é propicio ás flores, se assim não fosse ou, por certo, não daria hoje, tão perto da immundicie, tão linda e mimosa flor. Venha o poeta solitario perfumar a minha secção, purificando o ambiente com o aroma dos seus versos para que os leitores não me fiquem querendo mal. Valha-me Alphonsus de Guimaraens com o seu:

SONETO

A saudade vindoura espero a, pois, agora
Que acho o presente em rosas brancas desfolhado
Mais uns annos, dous, tres, e hoje será outr'ora.
E todo este fulgor, é a sombra do passado.

Chorarei. E não mais encontrarei a aurora
Que se ergueu ante de mim como um sonho dourado.
Foi este o dia, em tal minuto, era em tal hora...
E surprehendo-me só, sem ninguem ao meu lado.

Depois, de novo alguma illusão erradia.
Vem buscar-me no grande ermo em que estou floresce
De novo o lirio azul na floresta sombria.

Um cysne, alçando o collo suave, o doce porte
Virginal exaltado ao Céu, canta uma prece...
Pobre alma! o sonho foi-se, e afinal surge a morte.
Novembro de 1898.

E tenho dito.

N.

O famoso ladrão das joias que deixem, como cartão de visita, uma pégada infantil na casa Rezende, ainda não foi avistado pela policia, é mesmo natural que ella não consiga por os olhos n'elle, nem os olhos nem a mão. Ladrão de tanta pericia não é dos que se deixam apanhar em redes de arrastão.

Alguem, justamente indignado e desesperado, declarou que se conseguisse prender tão rematado palife tiraria tal vingança que, durante muito tempo, a cidade seria como um paraíso... não creio; as vinganças despertam coleras entre os parciaes da causa combatida: sempre que a guilhotina decapita um sicario outros e, as dezenas, surgem como se o sangue do criminoso fecundasse.

Audaria bem a policia, se, por acaso, conseguisse o seu desejo, mas nobre, pedindo ao famoso ladrão que a auxillasse na vigilancia mesmo que elle, a imitação dos bandidos italianos, impuzes uma taxa a onde um dos habitantes da cidade.

Que elle é um ladrão soberbo não há duvida, deve ter grande ascendencia sobre a arraia miuda como Glopín [p.i.], deve conhecer todos os planos de que se costumam servir, não so os que andam, como homens, a flôr da terra como tambem dos que, a maneira das ratazanas, caminham pelos esgotos.

A zona veste que do Latium se estende até a Toscana era, até 1898, protegida por Domenichino Tiburzi, famoso bandido cuja carabina era o terror dos saltadores avulsos. Tiburzi, mediante algumas liras proporcionaes á fortuna de cada lavrador, garantia-lhe a vida e a propriedade ali d'aquelle, porém, que lhe negava a contribuição — via os seus trigaes em chammas, encontrava cinzas somente no sitio do seu antigo olivedo e perdia, para o sempre, o gado que abalava espavorido. Estando, porém, em boas relações financeiras com Tiburzi podia dormir descansado, como n'um seio de Abrahsão.

O procurador do rei, em Vitorbo, disse a um criminalista distincto que não se incommodava com aquelle estado de cousas. Para que havia elle de perseguir o bandido se o numero dos crimes diminuira consideravelmente só com a presença do senhor da *macehia* que afugentava os outros malfeitores?

Ora, se assim foi em Viterbo porque não há de ser no Rio de Janeiro? Temos um ladrão de primeira ordem, inteligente, activo e audacioso porque não havemos de entrar n'um accordo com elle? nada de orgulho fatuo, o homem é habil, chamomol-o e façamos, com bons modos, sem arrogancia nem ameaças de photographia, uma proposta em termos começando

pelo *habras-corporis*, tão barateado entre nós, e que elle fique encarregado de guardar a cidade, por [p.i.] e por baixo e poderemos dispensar os nossos carabineiros que chegam sempre no dia seguinte e os agentes que são excellentes votos mas... só isso.

Se a questão é da taxa estou certo de que ninguem se recusará a pagal-a sob promessa de garantias da vida e da propriedade: eu estou prompto, o meu visinho tambem está prompto. Vamos a isso para que possamos viver como os de viterbo em paz e roubados mas, sem violencia.

N

FAGULHAS 23/12/1898

Nem por ser velho como um incunbulo, nem por ter passado a vida entre livros, que são mananciais de sabedoria, Abranches, o alfarrabista, é um sabio. Cercado de solidos volumes, entre muralhas do philosophia, o solitario, como o raio ermitão, mal punha a veneranda cabeça de fôra para saher se era dia ou noite — na sua lôca de brochuras, encurralando na trincheiras — bibiotheca Abranches era o aroeta de Byblos: com as traças, suas companheiras, comia lombos de livros imaginando comer lombos de porco, bebia sciencia e dormia sobre os casos.

O porvo de Catumby lastimava-o: Pobre velho! Que vida arrasta o desgraçado e Abranches, defendido pelo boato de miseria — não ha melhor garantia contra os ladrões — não se preocupava com o rumor do mundo nem com os buracos da cidade.

Ante-hontem, porém, passando por cima das grammaticas e das historias, pisando os dictionarios e as philosophias e tresandando a napatalina Abranches irrompeu na delegancia da 11° circumscripção como o rei Lear em casa do Goneriil.

Que havia acontecido ao pobre velho para que os seus olhos chispassem como duas brasas vivissimas? Teria um Omar levado o incendio destruidor ao seu lugucio? não porque os bombeiros não haviam avistado, como a sentinella dos atrides, a chamma annunciadora, Catumby continuava em paz e ás moscas, com as suas vallas da agrião e as suas planturosas couves. Abranches estava furioso e bramia porque lhe haviam furtado 22:250g... em letras, com certeza, é natural que um vendedor de livros tenha a dinheiro em letras a em titulos.

Em letras ou em moeda o dinheiro existia e desapareceu... Quem o levou? mysterio. Abranches esta convencido de que foi o filho, que é o cocheiro de bond. Ora, como

sempre os cocheiros de bond, depois do crime, poem-se a andar não creio que a policia consiga apanhar o suspeito epigono que, cançado de esperar a herança, tomou-a adiantada.

Abranches vocifera e chora, pede o seu rico dinheiro, diz que é um pobre diabo que não tem onde cair morto e pede a protecção da lei. Ah! velho Abranches, se houvesse folheado os livros que te cercam não andarias agora alarmando Catumby com as tuas queixas.

La Rocheloucauld diz que «A avareza é mais opposta á economia do que a prodigalidade ». se, de quando em quando a titulo de bestas, desses a teu filho um presente elle não ficaria tão ancioso pelo dinheiro a ponto de o levar por ponto deixando-te sem vintem. Foste avaro, apertaste demais os rordões á bolsa, resultando — porque o cocheiro não podia moller os dedos n'ella tirando moeda a moeda levoa-a toda e, se bem anda, já, a esta hora, enquanto veciferas, deve estar bem longe das mas pragas e da policia, gastando a rodo.

Quizeste o muito e não tiveste o muito nem o pouco. Volta a vender livros, Abranches e arrumula de novo para que teu filho não fique sem herança. Volta a vender livros.

N.

FAGULHAS 25/12/1898

— Eh! que barulho fazes, pequena. Não vês que o avô esta soffrendo? Deixa-te de contos. Tens aqui um livro com figuras, vai lá para dentro mas fica quietam vem quietinha. Logo a noite, se o avô melhorar, poderia brindar.

De olhos baixos a pequenina ouviu a reprehensão materna e, obediente, foi sahiado nas pontas dos pés e desapareceu com um velho volume, cheio de antiquissimas estampas e tão roido das traças um lá deixando pela casa pedacinhos miudos de papel e uma poeirada branca.

Os sinos repicavam alegremente, crianças, mais felizes, ballavam na visinhança em torno de presepos e a pequentia, a um canto da sala, com o livro ao collo, virava as velhas paginas sem mesmo demorar a vista nas estampas.

Um passarinho tomerario, pousando no poial da janella, cantou e os seus chilreiros vibraram na casa silenciosa. A mãe tornou á sala enfurecida e, da porta, com um dedo nos labios, impoz sillencio.

— Não sou eu, mamãe. Foi um passarinho que cantou alli. Eu estava aqui quietinha. Quer mamãe que eu enxote os passarinhos?

— Sim, o avô está soffrendo. Foi-se e ficou a pequenina solitaria attenta, d'olhos na janella aberta e o passarinho reapare eu cantando:

— Chô, passarinho! não cantes, não faças bulha que o avôsinho está soffrendo: mas o passarinho insistiu e a pequenina, deixando o grande livro, chegou á janella — o passarinho saltou para um [p.i.], cantando estridulamente.

— Chô, passarinho, não cantes, não faças bulha, que o avô está soffrendo, e o passarinho sempre a cantar e a fugir de ramo em ramo e a pequenina a perseguil-o sempre.

E andou, e andou ai, que o passarinho, batendo as azas, entrou por uma linda porta de ouro e a pequenina ficou admirando maravilhada.

— Que linda porta! exclamou. E o passarinho cantou e tão vibrante que a pequenina, tirada do espanto e lembrando-se da recommendação materna, correu a enxotal-o:

— Chô, passarinho... mas atravessando a porta de ouro viu-se em meio de anjos que cantavam, lindos anjos de azas brancas, com os cabellos mais louros do que a luz do sol. Lembrando-se, então, a pequenina do enfermo adiantam-se nas pontas dos pés, com um dedinho diante da bocca:

— Não cantem, não façam bulha que o avôsinho dos anjos, sorrindo disse:

— Não cuides que os nossos cantos possam incommodar o velho, onde pensas que estas?

— Perto de minha casa, disse a pequenina

— Pero de tua casa estas n'ella, por que o [p.i.] e a casa das erranças. Teve o Senhor pena de ti e mandou a terra um dos seus anhos que, sob a mesma d'um passarinho, attrahiu-te até nos, cantando alegre...

— E porque teve o Senhor pena de mim.

— Por ver-te triste [ps.is.] riam.

— E agora? Posso cantar sem que o avôsinho soffra?

— Sim, podes cantar que elle não ouve.

E a pequenina, contente, poz-se a cantar no céo e se a sua vovozinha não chegava ao enfermo tambem não lhe chegava a voz da pobre nem affeta que a chamava sem poder imaginar que Deus a mandara buscar por um anjo para que no dia de Natal não houvesse no mundo uma criança triste.

N.

«— Ora (dizeis) ouvir estrella! Certo.

Perdeste o senso...»

Em verdade não as ouvi mas vi o que fizeram em quanto durou o eclipse. Ah! trefegas estrelinhas porque a lua ficou mergulhada em sombra, pobre lua! (parecia uma viuva desolada com um vóo denso pelo rosto)! fizeste do céu um pateo de recreio, a mesma costellação do cruzeiro, tão grave do ordinario, portou-se inconvenientemente, nem eu me atrevo a contra aos leitores as estroinices da constellação, os astrônomos que se encarreguem d'isso... mas as pequeninas estrellas! Uma, e tão brilhante como certos olhos que eu comece, e, foie taos saltos na altura que perdeu o equilibrio e cahiu no mar extinguindo-se logo — com esse desastre ficaram as companheiras receiosas e comportaram-se durante alguns segundos mas, quando recomeçou a folia foi com maior loucura como se todos os astros houvessem perdido o senso. Deixem lá! a lua faz falta porque essas estrelinhas, tão tranquilladas na apparencia, são terrivelmente estroínas. Quando o grande astro as governa portam-se com seriedade como os petizes que veem perto do preceptores sizudos mas, em havendo um eclipse, adeus! predencia, fazem o diabo lá em cima: vaiando velhos e considerados planctas como o avaro Saturno, entornando a amphora do *Aquário*, amarrando latas ao rabo do *Cão*, obrigando a *Ursa* a dansar, chamando a *Virgem* de solteirona, cousa com que a pudica constellação da o solenno cavaco. Sei que os sabios que procuraram ver, o eclipse por um oculo perderam muitas bellezas do phenomeno porque as estrelinhas inquietas esvoaçando empanavam o canto de visão como uma nuvem de mosquitos... E até as 11 e meia da noite houve pandega na altura tanto, porém, que a lua reapareceu — clara e formosa fez-se um silencio sereno — estrellas cadentes esvoaçavam ton as procurando os seus logares e muitas que haviam sahido da Via Lactea entravam desconfiadas, cautelosamente, com receio de que S. Thiago lhe cahisse em cima, com um velho rabo de cometa: Outras, maliciosas, segredavam, com risinhos, ás companheiras que a luz, etc., etc... e a lua, um pouco murcha diante do riso dos grandes astros, caminhava amuada, dizendo.

— E' por isso que eu não gosto d'essas brincadeiras de eclipses... as crianças perdem o respeito e é isto...

E as estrelinhas sussurravam: — Olhem como ella está pallida! Tambem das 51/2 ás 11.1/21... Para eclipse olhem que lá é.

N

O projecto n. 262 que o concedo a um cidadão, ou á empresa que organiza, o direito de construir um theatro que será o municipal é, realmente, magnifico para o conceassionario — bem pouco pede elle em troca da denção que faz no municipio — direito de explorar diariamente diversões e jogos licitos permittidos pelas leis em vigor, pelo praxo de dez annos, isenção de todos os impostos municipaes pelo mesmo prazer. »

Decididamente o malsinado theatro municipal, cujo nascimento tem sido tantas vezes annunciado, como o de Messias, ainda d'esta vez, não virá trazer atento aos escriptores: o projecto que o annuncia não tem a candura do Espirito Santo. O concessionario, que tão desinteressadamente se apresenta como um Salomão capaz de edificar o templo, não pede materiais, não pede artifices: com um plano a área que julgar convencento no sitio que lhe appronyér e jogos dará elle, em tres annos, o edificio desejado.

Bom vêm que não pode haver maio abnegação; agora vejamos rapidamente os elementos com que conta o bemfeitor para poder lançar a pedra fundamental do theatro: diversões e jogos licitos.

Nós estamos fartos de ver as taes diversões e os taes jogos que, sendo licitos, em pouco tempo acabam as mãos da policia. O Pantheon Ceroplastico era um jogo lícito o mesmo patriotico porque mediante uma cedula magra, trazia ao povo ensinamento a miseria á medida que o cidadão perdia em dinheiro ganhava em experiencia e em civismo.

O bicho foi tambem, a principio, um jogo lleito e é hoje considerado uma praga — todos os jogos são licitos o diabo é o resto. Demais o concessionario, ao que parece, vai ainda montar a sua pequenina ou grande letra para poder lançar mãos á obra — o que vale dizer: espera pelo barato para começar o trabalho. O barato sobe caro, diz a sabedoria popular e por tal preço, bem que muita faila nos faça o theatro municipal, melhor é que o não tenhamos para que não nos succeda rir com uma comedia montada á custa das lagrimas da miseria.

E' necessario o theatro mas, o mesmo Arthur Azevedo que tanto o pede, não o acceitará sabendo que elle vem de origem tão nefanda.

Jogos licitos... mas haverá jogo algum, licito, que de resultados tão fartos como esses com que conta o benemerito consessionario? Não creio. D'ahi, quem sabe?! o Conselho da Intendencia é mais atilado do que eu. Affirmo, porém, que um theatro no qual se vai trabalhar pela arte e pela reforma dos costumes não vem vem sabiado da tavalagem — por mais que faça não se livrará jamais do estygma original, nem que se baptise duzentas vezes.

Em uma carta [p.i.], portadora de «muitas e sinceras [p.i.]», pergunta-me um entusiasta, — em que ficou a minha questão com os actores. Aproveito o ensejo para dizer [p.i.]nunca os considereí maus inimigos [p.i.], no momento ardoroso da questão [p.i.] por um artigueteque ficaria conhecido se alguém o não trouxesse a [p.i.] rebuscando-o em uma transcrição, que, vim explicar aos que se julgaram [p.i.] que eu não chegara, sequer, como [p.i.], aos honestos, e mesmo, no tocante os nomeados, fizera apenas referencias de critica, foi porque receei, com escrupulo que as acrimonosas referencias ainda ajantassem o vexatorio titulo de covarde.

Agora, com os animos serenados, podemos conversar, [p.i.] a paz tão traiçoeiramente [p.i.] por alguém... e não se diga que [p.i.] com interesse, tenho razões para assim dizer, não com orgulho nas satisfação.

Para oppor aos defeitos ao meu artigueto quantas palavras antigas tinha ou autos espalhado em chronicas e em folhetins, mesmo depois do acidente, sem rancor, sem resentimento, como me tenho batido na trincheira ao lado dos que pelem pelo theatro acoroçoan [p.i.] e procurando attrahir a attenção do publico para a abnegação dos que, rapidam,ente, queimam os últimos cartuxos.

Se assim procederem os inimigos que Deus m'os de sempre desse jaez porque com elles me tirar de difficuldades. Varios autores, couperando com calma, tem volvido a [p.i.] amisade, de alguns tenho recebido [p.i.] inesquecíveis sendo um delles [p.i.] da minha *Ironia* e mesmo agora, com outros, ando em ajuste de trabalho e na maior cordialidade.

Há porem algumas que ainda se julgam melindrados... Deus meu! se é preciso dizer-lhes, como entre os seylhas, o *Ziriz!* Do armistício eu [p.i.] digo, pedindo-lhes apenas que calmamente, ponham o tal folhetim malsimado na concha de uma balança e arrumem na outra as boas palavras e, se essas não fizerem desaparecer nas nuvens o motivo da rusga, então...

Mas eu sei pesar o que escreve e se o folhetim der uma [p.i.]... o resto dará umas vinte toneladas. Dito isto creio que posso responder ao missivista: que estamos de pazes feitas.

E aqui estou com as pontas da toga entre os dedos pedindo aos actores as minhas festas...

N.

Foi isto na minha terra, em tempos que longe vão!

Haviam retirado de um dos altares da igreja uma velha imagem de Santo Antonio substituindo a por outra que representava o archanjo S. Miguel subjulgando o demonio.

O povo marmurou a principio contra a substituição mas o archanjo era formoso e a sua attitude heroica fez com que os mais azedos, receiando talvez, castigo igual ao que soffria o rebelde, volveram resignados no silencio conformando-se com a resolução do bispo, se me não falha a memoria. Correram [p.i.] e já ninguem se lembrava do Santo Antonio banido quando, uma noite, o sacristão que morava nos fundos da igreja, lá para as festas ouviu rumores extranhos. Sentou-se na cama, prestou o ouvido attentado ao borborinho e, sem mais demora, [ps.is.] a mão a [p.i.], em [p.i.], com um colo de vela acceso [ps.is.] para a igreja.

A principio, abordado, não [t.i.].

—Quem é você?

—Eu?

—Sim [ps.is.] é senão eu faço fogo.

—Hein? não, não faça fogo por amor de Deus! não faça fogo... Eu sou Santo Antonio que vocês mandaram d'aqui para fora... eu sou Santo Antonio... O sacristão, maravilhado, cahiu de joelhos e gago, com os olhos, arrazados de lagrimas commovidas poz-se a dizer: Oh! meu beato Santo Antonio, foram bem injustos os homens, bem injustos... eu protestei com todas as minhas forças mas, quem sou eu?: um pobre sacristão. Que queres de mim, [p.i.] meu beato Santo Antonio, fallai...

— Eu quero levar d'aqui algumas cousas de estimação, certos objetos que eu prezo... quanto ao altar Miguel pode ficar a vontade, não faço questão.

—Ah! meu beato podeis levar rudo quanto quiz, [p.i.]. Excusado é dizer que Santo Antonio encheu o sacco e o sacristão ainda o acompanhou á porta com muitas animaies e [p.i.]. No dia seguinte não havia um calico para a comunhão, nem uma palena... e o sacristão contava a todos o maravilhado que Santo Antonio levara tudo, n'um sacco, para vingar-se da ingratidão dos homens e, todos annos, em agosto, depois de novo sortimento de calices e de patenas, fazia-se uma festa commemorativa d'esse caso com o titulo de «*A visitação de Santo Antonio banido...*» Ah! eu queria que vissem as lagrimas do sacristão que fora testemunha do facto... Como ele chorava, e como descrevia o santo: um homenzarrão barbado, com um paletol remendado e uma cinta de couro com fivelas de metal... quantas promessas! quantos

votos e as moças tinham Santo Antonio banido em especial devoção porque, diziam ellas, era um santo casamenteiro...

Mas como me occorreu esse facto a memória, tão esmorecido pelo tempo velho? simplesmente lendo a noticia do roubo praticado na igreja de Sant'Anna, não por Santo Antonio mas conta Silvano Cruz que não é casamenteiro, nem nada.

N.

FAGULHAS 05/01/1899

O Hestodo! tu que contaste os deuses immortaes, tu que lhes consagraste os mais suaves perfumes que jamais embalsanaram os ares puros, rejubla — Eros é ainda o mesmo deus grande, forte, amável e encatador, senhor das chaves do Ether, de Urinos, da terra e dos mares, Rejubilo, Hestodo!

Mentira covardemento os que annunciaram a morte dos deuses, nem poderiam morrer porque tu fizeste para elles uma immortalidade na [ps.is.]-os com os teus *Perfumes*. Eros ahi está, o mesmo Eros antigo, temido dos homens dos immortaes.

Nem todos os corações estão blindados pelo interesse avaçó, há ainda corações que se deixam ferir pelas flechas [p.i.] do filho de Afhrodite. Veja esse formoso mancebo que se foi esconder na espessura o seu amor e um revolver e lá depois de haver lido e relido uns versos tristes, sem saudades do mundo [p.i.] no coração amargurado o tiro com que rematou a curta existencia.

Dirão os pessimistas que era um retrogrado, um deslocado porque os Homens do seculo podem matar-se por tudo menos por essa futilidade — o amor. Que fiquem os pessimistas com o seu scepticismo — o facto ahi está affirmativo e peremptório. Eros ainda governa.

Bem sei que os medicos que autopsiaram o cadaver não lhe encontraram no coração pontas de flechas mas uma bala [p.i.]. Isso que importa? Eros já não usa [p.i.] nem [ps.is.] — Eros tem agora a sua disposição, laminas brilhantes e pólvora sem fumaça, [p.i.] e cordas de linho — não se serve das armas antigas mas é o mesmo [t.i.]. E elle que deixou naquelle cadaver seu [p.i.] é porque pretende dar a entender aos homens que está na terra — aquella victima foi o seu cartão de visita.

Eros está entre nós e furioso... mas furioso porque? porque querem ferir os direitos das suas sacerdotisas, [p.i.] sem nome, contra a qual tambem protesta Mercurio.

Em Babylonia havia regulamentação? havia classes? havia tabellas ? não. Eros triumphava, o amor livre — se havia regulamentação era entre os pares; se havia classes era entre as bellas, se havia tabellas era intimidade do ajuste — a lei não descia a discutir taes cousas.

Eros ahi vem, furioso e armado, protestar contra a intervenção do Esculapio nas suas cousas — elle de pé no monte que tem o nome venusto da [p.i.] da onda, elli de pé e com uma maça em punho para receber os narizes scientificos que forem farejar o genero para a classification.

Então aquillo é cousa que se cheire? não metta a policia o nariz onde não é chamada, nem aquillo é [p.i.] do rapé, tenha paciência, legiste mas passe de largo: a Eros o que é de Eros e esse suicídio que, a primeira vista nada parece ter com o caso, é um aviso — o Amor está na terra é [p.i.] tambem, puganando pelos seus direitos, porque não quer perder os clientes. E dito isto acrescento — a policia que não se metta com amores, melhor é que vá tratando de matar o bicho e deixe lá viver quem vive!

N.

FAGULHAS 07/01/1899

Se uma estrella messianica fosse agora luzir no céu forte da Uthopia o senhor de Axum e de Gonder de Auria os seus Estados para seguir a luz do astro peregrimo que o havia de levar, mais a sua provida caravana, ao berço de um Deus? pode ser que sahisse mas penso mais para o contrario — da janella da sua [p.i.] fazia uma oração no astro annunciador, é bem possível mesmo que o saudasse com [p.i.] e fanfarra ordenando os seus [p.i.] esquadrões para uma [ps.is.], para não incorrer a cólera [ps.is.], talvez mandasse um dos seus [p.i.] acompanhar a estrella levando presentes e um discurso.

Sabá não dispensa o seu monarcha, não porque em Sabá não haja religião, há mas, talvez, do que havia no tempo de [p.i.], a deslumbrante, mas porque Sabá tem agora sérios cuidados e não pode permitir, como nos tempos patriarchaes que os seus reis saiam em excursões piedosas.

Três reis foram a Belém hoje iam os embaixadores com recados e dadivas aos monarchas.

Vede Guilherme d'Allemanha, simplesmente porque se lembrou de ir a patria Palestina viu-se atropellando pelas conveniências tendo de fugir aos portos da Hespanha infeccionadas pela politica [p.i.].

Ah! os reis não podem mais fazer visitas. Que clamoroso escândalo fariam os jornaes se uma rainha como a de Sabá sahisse atrás de um Salomão?

Ah! meigo Jesus, fizeste bem em nascer no doce [p.i.] — tiveste os reis na tua creche, hoje terias, se tivesses representantes de Suas Magestades e dos presidentes das Republicas,e, em vez dos Evangelhos não terias mais do que simples noticias laonicas nos jornaes tomados pelos lapis ligeiro do *repórter*.

«Representantes de Suas Magestades» taes e dos Exmos. Srs. Presidentes das Republicas taes e taes foram a Belém apresentar felicitações aos pais do infante Jesus de Nazareth. Deus annunciado pelas prophecias. O renascido é lindo e forte muito fará pelo bem da Humanidade que tudo espera da sua Misericordia.

A creche tem sido muito visitada e os Paes do divino Jesus têm recebido grande numero de telegrammas e de cartas.»

Nasceste, porém, em tempo mais obscuro e mais calmo — reis foram ao teu berço a estrellas andaram fazendo officio de guias na altura. Sahisse agora uma estrella em peregrinação pelo espaço e havíamos de ver Mr. Flammarton, esguedelhado e furioso, atirando invectivas, com os punhos fechados e muita espuma na bocca.

Fizeste bem, Jesus em nascer no velho tempo, fizeste bem — hoje os reis não se movem dos seus Estados porque a política... é o diabo!

N.

FAGULHAS 08/01/1899

O buraco do Rezende está servindo de sepultura a muita cousa — mais hoje, mais amanhã a policia põe-lhe uma pedra em cima com um epilaphio. Alli jaz a famosa moça com que devia ser morto o bicho nefando, ahi jaz tambem a regulamentação higienica das classificadas e, dentro em pouco, o buraco, transformado em valla commum, terá todos os projectos moralisadores no seu bojo, sob uma espessa camada de cal.

Os gatunos, que esgotaram o famoso empório de jóias, roubam todo o tempo a policia e ella não pode estar debruçada a beira do abysmo e caçando o bicho e organizando tabellas — as cousas feitas, com precipitação não podem ser bem feitas — depois de ella haver

agarrado os gatunos, com ou sem jóias, é natural que ella volte a attenção para outras necessidades, por emquanto não é possível.

Tambem sejamos cordatos, o que a policia tem feito já é bastante para tornal-a credora dos nossos applausos, pedir mais é querer muito.

Há meliantes cá fora assaltando transcutos em pleno dia, nas ruas mais concorridas da cidade mas quantos tem ella sob a mão ferria? Dizem que o registro da Detenção está transformando em *carnet* porque está cheio de quadrilhas.

Hão de convir commigo os mais exigentes em que d'isso resulta um beneficio real (real não, republicano) para todos nós, se com tanta gente presa ainda há assaltos a mão armada e furtos o que seria se essa população andasse livre e solta? não teríamos uma camisa para vestir e os canos de esgotos estariam entupidos com risco para a cidade se, por acaso desabasse um aguaceiro.

Que a policia tem trabalhado é incontestável, tem trabalhado e muito mas, que há de ella fazer se os gatunos não se resolvem a apparecer... há de ella adivinhar? Isso não, nem tanto podem os homens, mesmo os mais atilados e de boa vontade.

Se os ladrões não se forem apresentar ella, por certo, entre tantos que tem retratados na sua galeria não poderá dizer: foi este ou foi aquelle.

Ella tem feito muito não é possível e com gente tão teimosa que, nem a mão de Deus Padre é capaz de confessar o crime. Mas demos tempo ao tempo é possível que , na hora da morte, algum dos ladrões confesse ao padre o roubo narrando miudamente todas as peripecias da travessia subterranea ... a policia que proceda então e se já encontrar morto o patife que o embalsame e embalsamado o conserve por alguns annos em carcere para exemplo dos vivos.

Pois Ignez não foi rainha depois de morta? por que não há de um bandido purgare seu crime... mesmo depois de finado? É só juntar ao certificado de óbito a nota de culpa e o mundo pasmará da justiça da nossa terra e da sagacidade dos nossos homens.

N.

FAGULHAS 09/01/1899

Menelik, depois arrojare sobre a Itália a avalanche formidável dos seus cavalleiros, emquanto um Adúa, sob as tendas, os feridos gemiam guardados pelos guerreiros negros, d'olhar forte e peito largo, exercitados nas serras agrestes em caçadas ao leão e ao leopardos,

entre alas de janizaros, precedido por donzellas, n'um ginete que caracolava pisando flores, entrou na cidade santa para receber a corôa dos reis de Axum e do Himiar com que hoje, no throno de Sabá apparece aos *ras* irrequietos dominando-os como o leão , agachado na rocha, domina a chusma de chacaes famintos.

Invincível, acastellado no seu palácio que tem por muralhas as montanhas selvagens e por fossos defensivos “os vales frescos” como os decanta o Amonasro, da *Aida*, *Menelik* recebia embaixadores e enviava presentes aos monarchas «seus primos» mantendo em respeitosa distancia a ambição européa.

Os canhões não conseguiram demolir os baluartes da cidade histórica. os gabiães resistiram ás bayonetas agudas e forte, vencedor, *o negus* apenas dobrava a cerviz altiviava ao collo de Taitu, a rainha, não tão bella nem tem tão alva como a que em tempos deivando Sabá, seguiu em direção a Jerusalém levando em odres balsamos aromáticos e ouro e gemmas e pannos e telizes e mais ainda o coração virgem para offerecer ao príncipe magnífico que edificara o templo.

Menelik e Taitú viviam em doce harmonia mas a Europa... ali! a Europa! não perdia as esperanças de poder entrar nos Estados do senhor abyssinio. Com armas? não — os caminhos são ásperos para a artilharia, os armões desfazem-se nas ravinas e os soldados cahem feridos pelo sol da altura desnudada ou pelo aspide traiçoeiro que rasteja... como vencer? como chegar á cova do leão ethiope

Ah! a França... Bem sabe ella que para vencer a fúria do homem não ha como os olhos de uma mulher e o príncipe de Orleans, como o sarcedote philisteo, levou uma Dalila a Ethiopia. Lede o telegrama d'*O Paiz*.

“Roma, 7 — Noticias da Abyssinia dizem que Menelik apaixonou-se pela cançonetista franceza Blanche Deslys.

A elegante rapariga que acompanhou o príncipe da Orleans a Abyssinia correspondeu ao amor do negus, seseguindo-o na expedição contra os razes revoltados.

A imperatriz Taitu, esposa de Menelik, louca de ciume, prepara uma vingança estrondosa.”

A França está senhora na Abyssinia... esperamos pelo telegrama decisivo Blanche de Lys cortou a escovinha aos cabellos negus... Os francezes entrarão amanhã na capital do Império ethiope» E ficará mais uma vez demonstrado que... Ce que veut une femme est écrit dans te ciel.

N.

Os nossos poetas, que tanto martyrisam a forma, trabalhando um idea com o paciente capricho com que os curivos bysantinos dos séculos IX e X, sobre os claros marfins ou em barras de ouro fino a ponta aguda de buril, tem abrindo desenhos maravilhosos e claros de malhas e rondilhadas, dão preferênciã actualmente ao soneto fazendo-os com esmerados lavores como relicarios de idéas.

O genero é dos mais difficeis e disse bem mestre Boticaou que
Un sonnet sans défaut yaut soul un tong podme.

Em frança, os discipulos do sereno Leconte tocam e retocam um sonneto levando só exagero e conselho de Horacio e, quando os publicam, ainda insatisfeitas, tiram-nos das columnas dos jornaes, como de uma vitrine de exposição e voltam a [p.i.] os longamente até que os entreguem, como preciosas ourivesarias, aos editores avidor.

Quanto tempo teria gasto o auctor di Cunacena a compor *Le [p.i.] da Leilah e Heredia a brunir Le viril orfavre e Recif de corail?*

Entre nós o mesmo ideal de perfeição abocca os artistas; os nossos parnasianos ficam a dever aos de França e, dentro em, breve, graças aos intrepidos edictores Laemmert & C. teremos occasião de admirar os preciosos versos do Olavo Billac, um dos anciosos que, com mais exigência, rimam a doce lingua portugueza. esse é um byzantino e bem o demonstra na estrophe.

« Invejo o ourives quando escrevo:

Imito o amor

Com que elle, em oura, o allo relevo

Faz de uma flor.»

D'entre os que surgem há um: Felix Pacheco, que se impõe — não é um desconhecido, já o seu nome tem láureo, mas agora que se recolheu a vida tranquillã, que é a que mais convem ao artista, raro em raro apparece trazendo-nos, porem versos de irreprehensivel composição os quaes, apezar da nervosa tortura a que foram submettidos, nada perderam da essencia delicada, sendo [p.i.] como as folhas do [p.i.] que tanto mais [p.i.] quanto mais as macara quem as colhe.

O soneto *Argonautas* exige para o seu autor um logar distincto em theoria dos nossos parnasianos, assim penso eu a certo estou do que pousarão commigo quantos lerem, com attenção, os lindos versos que ficam no pé d'esta meia columna como um viçoso myrtho em flor na base de um velho cippo:

ARGONAUTAS

Rudes vagas do mar! Ondas da verdes nuanças.
Castellos em ruidosa e eterna decorada!
Deixai seguir ufana á Colchida ignorada
A Aurea Tricono Real das Nossas Esperanças

Nunca do Boreas e Eolo afflinjam-a vinganças
Conduxa ignota mão por sobre a equoran estrada,
A's paragens do Vale, essa Trireme ousada.
Altas ondas do mar! Sede docéis e mansas

Triumphante, alegre e Posto Euxino essa Trirema.
Que, aos cuidados do Céu, sem bussola e sem leme.
Dous Argonautas leva à região que mais [p.i.].
Em busca do Tossão de Ouro Oh' andas, sede mansas!
Conduzi com amor a Suprema Conquista
A Aurea Trireme Real das Nossas Esperanças!
Rio [ps.is.].

Felix Pacuxco.

N.

FAGULHAS 13/01/1899

Pindaro, o poeta symmico, não [p.i.] afirmar o seu hipiacordio forte com o qual [p.i.] as victorias das quadrigas na arena, para glorificar os athetas bascos que relembram os temíveis baleares, formidáveis quando brandiam as fundas com que mandavam longe a morta abolando couraças e desmontando ginetarios.

David, no Valle do Terebintho, foi o atheta da palota e que frontão melhor podia o Senhor offerecer ao unguido de Samuel do que Gollia, o gigante phillisteu cujo peito era largo e forte como um [p.i.]?

Os homens da antiga Suslana não sahiam a carapo sem a funda o as pedras e, quando, nos tempo amenos do paz, não tinham inimigos com que se medissem, derreando a cabeça firmando-se nas pernas, brandiam-as fundas e as pedras partiam zunindo chocando as agulas soberbas, que, de azas fechada, as garras, encolhidas, molles vinham rolando da altura e cabiam entre as ovelhas espantadas, mortas.

Eis, pois, um *sport* do tempo dos patriarchas — os braços que fizeram as grandes conquistas esmuscularam-se com elle.

E esse forte exercício o mais combatido entre nós e justamente agora que elle se vai tornando favorito dos maços que sentem a necessidade de condensar as forças. A intendência, a pretexto de combater o jogo, exige dos proprietários dos frontões o onerosíssimo imposto do 80 contos annuaes e mais 60 rs, por *ponte* vendida sobre as quintellas permittindo apenas, por uma concessão generosa, que essas emprezas funcionem aos domingos e nos dias santificados. Inimigo do jogo eu diria como Shylock ao legislador!

A Daniel como lo judgement yoo, a Daniel, se não aporcebesse na decisão uma preferencia injusta.

Pagam os [p.i.] 80 contos annuaes, dão mais a porcentagem virginal sobre as *pontes* e ainda tem acção limitada quando o *Boliche*, disfarce ridiculo de um [p.i.] *sport*, vem disputar diariamente ao pobre o pão e o conforto [p.i.], porque o imposto com que foi [p.i.] esse vilipendio chega a ser ridiculo.

E o *Boliche*, francamente favorecido, já começa a estabelecer arralaes: os seus exploradores, certos dos lucros que vão auferir, offerecem aos proprietários dos theatros vantagens que as emprezas de companhia dramatica jamais poderão offerecer, transformando os palcos em bancas do jogo... e é assim que a [p.i.] quer proteger o teatro.

Se a intenção do legislador foi evitar a jogatina sempre ousou dizer que foi [p.i.] mais... essa pedra que ha de calçar o inferno. O jogo da pelota é, *quand meme*, um *sport* e que diabo é o *Boliche*? Que o illustre prefeito vá as duas casas e que julguem depois de haver comparado o esforço do pelotario com a [p.i.] do... bolicheiro. O primeiro é um athleta, o segundo... é um [p.i.]!

N.

Os homens antigamente cuidavam com mais interesse da gloria as Patria entendendo, e com razão, que d'ella derivava gloria de onda um pouquinho de mancha n'um povillo dilata-se tornando-se a nodoa de um paiz e por extensão, a tacha de todo individuo.

Honrar a bandeira e velar por ella vale mais de que zelar pela limpeza dos proprios vestidos porque esse panno glorioso é que, por assim dizer, veste a Nação como uma tunica.

Entretanto assim os do passado, entendem diversamente os do presente.

O voto, por exemplo, tão menos prezado nos dias que correm era no entanto considerado como um bem de honra — o eleitor só com esse titulo, considerava-se elevado, era como um premio que a não conferia a sua honestidade, ao seu critério ao seu esforço.

A privação do direito de naufragio era uma pena , conforme explica Antocello nas *Noites Attiene*. « Aquelle que deixava inculto seu campo, não cuidando as arvores era, pelos censores de Roma, privado do direito de suffragio. Parecera ridicula aos homens de hoje essa pena conesinha, é que os tempos saudaram : o egoísmo e caso [p.i.] que em vernaculo, chamaremos relaxamento, a qual também d'antes era punida fazem com que o individuo cuide exclusivamente, que assim concorre para seu bem.

Como poderá haver [p.i.] razão n'um Estado sem homens dignos no seu governo? a se, por [p.i.] dos eleitores, vão incapazes e perversos para o poder, desbaratando as leis e defraudando os thesouros com que direito vem, mais tarde, os mesmos eleitores lamentar o que por culpa d'elles exclusivamente se dá? Ninguem se devo queixar do mal que provocou que aquelle que deixa a porta escancarada não está tão defendido dos [p.i.] como o que a aterrolha e mais ainda garante os seus haveres o que antes de adormecer vindo os angulos da casa, com luzes, porque o ladrão sabe [p.i.] -se e cabe escolhido em espaço menos que bastante a uma criança.

Vem as eleições, deixam-se os eleitores [p.i.] folga e depois, porque as urnas vomitam calamidades, levantam ella e ameaçam vir a rua com armas em tropelia? porque não foram indicar os honestos para que não sahissem os deshonestos?

Não, preferiram o repouso melhor e, como as urnas, como os campos, tem de produzir, não apparecendo semeadores deram do meio cardos e espinhaes que, espetando e ferindo as [p.i.], fizeram com que alarmassem o Estado com clamores.

Se houvesseis perdido uma hora no comprimento do vosso dever levando a semente escolhida o vosso campo não serio um sarçal, teria flores e fructos viriam depois mas

não achastes melhor o [p.i.] folgado e a [p.i.] entre laranjeiras e, cresceu o matto bravo que vos [t.i.] a vida. A culpa é de [ps.is.] não, a culpa é vossa que não aproveitaste o terreno que elle tomou.

Que o exemplo vos sirva na próxima occasião.

N.

FAGULHAS 16/01/1899

Em 1873 escrevia [p.i.] Charles em um opusculo intitulado! «O equilibrio europeu» estas palavras [p.i.] que vão aqui transcriptas no original: «Ei volet deus enormes [p.i.] El une [p.i.] agregattou souveralne, tendant a la toutepulssanse sons forme libre, l’Amerique Du Nord, penchant elle meme [p.i.]’hul vers la reglamentation [p.i.] unitaire; les volta, trois enlosses qui se sont elevés sur les restos épares de [p.i.] antique, equilibrio mert, redult en mille merceanx elaboll. C’est ta monarchin [p.i.] de la Prosse, la monarchie aslarique de la [p.i.], El celle ensemble heterogene el extraordinario de forces que [p.i.] el Washington ont haptisé Republique el qui s’appelle les Etais-Unis americalus. Jê vols sés trois geants prêts a se parteger le fortune, la fralheur ET qualquas-uns d’entre eux, Du molns, peu de scrupules.»

O grande espírito do mestre apercebia, através o tempo, o futuro que é hoje uma realidade ameaçadora. Ahi estão de pé as três Forças annunciadas pela phophecia do Genio; — o urso das neves, e bufalo da savana e o lobo da Floresta Negra, descendente de Fenrir, o devorador de homens.

O urso, como o da fabula pretende guardar o somno do amigo mas, a primeira mosca, elle sahirá com um rochedo nas garras esmagando o importuno e o importunado, o lobo, depois que deixou o seu lojo indo mesmo farejar e [p.i.] de Bysanelo, como o seu ancestral mythico, prepara-se para realisar e augúrio calamitoso dos Asos, esperando que chegue a hora sinistra de romper a cadeia que hoje é feita com os aneis frageis da diplomacia, para devorar o sol e a lua e o bufalo, que era um pacato animal de canga, jungido ao carro do trabalho, como no tempo de Washington, o lavrador, fez-se com Mac Kinley besta de guerra e agora, allucianado pelo cheiro de sangue e pelo fétido dos cadáveres, com os olhos deslumbrados pelo incêndio das cidades, lança da savana, firmado sobre os [p.i.], com a cabeça alla e o pello arrepiado, o berro formidavel de desafio no mundo. A paz conseguirá amansar os três monstros com o seu sorriso e o ramo de Oliveira que é a sua vergasta? não

creio. Já o bufalo, sahindo da sangueira de Cuba, com as patas encardidas, atravessou os mares, como Jo, picado pelo mascardo da ambição para ir conquistar as Phillippinas e, simplesmente porque encontrou tropeças no caminho já se julga com direito de insultar o lobo matreiro — o urso esse bamboleando passeia pela aleppe com o rochedo nas patas... ai! de quem dormir confiado em tal amigo, o lobo, agachado, espera no seu antro entre stappes de aço, sobre areias de pollvora, e as Três Forças ahi estão symbolisadas em tres monstros. Qual d'elles vencerá — o urso, o lobo ou o búfalo? que digam os sabios da Escripura ou os jogadores de bichos.

N.

FAGULHAS 18/01/1899

Será [ps.is.] negociante de molhados, que pos jogo á casa para liquidar o negocio? não se sabe ainda, garante, porém, a policia a garante porque espiou, que o homem trancado as portas do predio, fez uma fogueira e, de braços cruzados, como Napoleão, deixou-se estar de pé, impassível, é contemplando as chammas.

Sem maiores pesquisas, simplesmente porque o homem estava perto do fogo, deram-lhe o titulo injurioso de incendiário. Mas, sejamos juntos — se é incendiario e faz luz á pena um negociante que põe fogo e casa por que razão permite a policia que outros anunciem, em gordas letras; «*Grandes queimas?*» Não sei que differença há entre *queima e incêndio* emtanto para as *queimas* correm freguezes e para os incendios correm bombeiros.

Quem sabe se esse homem, injustamente accusado de um crime nefando, não era como os outros, um simples queimador? Entendeu, talvez, mal o verbo e, em vez de fazer redução fez braseiro. O caso, a meu ver, não é para pena mas para explicação. Que os juizes façam um interrogatório em regra aclarando o caso da fogueira domestica e quero crer que onde, com asco, vêeam um pequenino Nero vão achar um ingênuo *Trinta botões*.

No fim do anno as queimas são tantas que parte do commercio da cidade fica a arder, da Conceição a S. Sylvetre, esse desventurado lia nos jornaes e ouviu dos freguezes que as casas do fulano e de beltrano estavam *queimando* e que os mesmos fulano e beltrano estavam ganhando rios de dinheiro, elle não ganhava ribeiros quanto mais rios, ribeiros? que digo eu! barris, canecas e não quis mais saber de historias — resolveu *queimar* tambem e, como Mucio Scevola ou mais: como um stoico, porque Scevola offereceu ao fogo a mão

apenas e o negociante, com um heroísmo de salamandra, poz-se inteiro diante das labaredas e a portas fechadas. Foi denunciado pelo fumo e gente, chegando-se as trincas da porta, espiou indiscretamente e deu com elle de pé, muito tranquillo, esperando que as chammas levassem a casa pelos ares deixando na terra as cinzas para que elle pudesse ir a companhia de seguros retirar uma tantos contos de reis ganhou com o suor do rosto... deixem lá! diante de uma fogueira, em uma casa fechada, um homem deve suar por todos os poros que tiver. Foi preso e vai ser processado, não acho justo.

Para que há companhia de seguros? para pagar sinistros — ora, se não houver sinistros ficarão como cousas inúteis as taes companhias e, para que haja sinistros é necessário que haja causa, a causa principal é o fogo e como o fogo não se dirige mas lavra onde o deixam esses homens úteis porque tiram da inercia os capitaes empatados nos cofres das companhias dando-lhes gyro nos excriptorios dos empreiteiros que reconstroem os prédios ou nos bancos porque muitos seguem para a Europa indo viver regaladamente das cinzas.

Esse negociante do incêndio a [ps.is.], como o processo Dreylus, é um inocente e eu, desde já, peço a revisão do processo antes que o mandem para o exílio, com o estigma infamante. Incendiário não, queimador.

N.

FAGULHAS 20/01/1899

Nós estamos atravessando um período precário da verdadeira crise moral profundamente caracterizada pelo rigimem de intolerância que nos avassalla, cuja responsabilidade deve ser, com justiça atribuida aos que nos governam.

A nossa sociedade, que foi revolvida pelo golpe do Estado, lembra um terreno viçoso que, depois de arado, houvesse sido abandonado pelo lavrador — todas as sementes da primitiva [p.i.] Barbara que jaziam adormecidas, como o grão de trigo no sarcophago da mumia, reportaram: vieram a [p.i.] os vicios dos homens e, onde podia florescer um pomar, medes o [p.i.] agreste que serve de ninho á serpe. Não basta mandar o alfofe é necessário dar-lhe trato constante porque tão bem acceita a letra a semente productora como cardo espinhoso. Entendem os do governo, e com isso apregoam de patrícias, que por haverem alhanado a selva linda fizeram o no terreno da selva insurge-se, agora a mandragora, onde havia o tronco brota o espanheiro alvar, é um falso entendimento porque, em verdade, mais vale conservar que

fazer. O que vemos nas ruas é a ociosidade garrida despejando vilipendios da bocca obscena que nem se julga segura e defendido a mesma senhora que sabe pelo braço do seu marido; é o pregão do vicio enchendo a cidade transformada em feira franca, é a surdina da calumnia é o boquejo da inveja, são as atoardas da maledicencias, é a vergonhosa do que tudo perdeu, é a gannancia do que se vão enterando.

Que faz o governo? conjectura. Agora mesmo clamam os da imprensa contra o que andam a fazer os proprietários dos theatros que expulsam as companhias em proveito da jogatina: o emprezario é preterido pelo tavolageiro. Bello espetaculo [p.i.] nós ao estrangeiro que procurar proximamente, com interesse curioso, um dos nossos theatros: em vez de encontrar o drama encontrará a desfaçada banca, em vez do actor vará o *cronpiar* e sabirá fazendo uma triste idéa do nosso progresso contando aos seus, de volta á patria, o mesmo que Herodoto conta dos medos.

«No nascimento das sociedades são os [p.i.] das republicas que fazem a instituição, mais tarde é a instituição que forma os cheios das republicas, diz Montesquieu. Entre nos os chefes fazem muito quando se deixam ficar de braços cruzados. Entendem elles que para prosperidade da republica basta o imposto e exigem-n'ò taxando o mesmo ambiente e o povo vai pagando mas como sente a bolsa leve e onde as pancadas ferozes do cobrador fiscal que não lhe deixa a porta sabe com o desespero, a buscar haveres onde quer que os encontre, adquirindo-os com honra ou vexame, trabalhando até a extenuação ou jogando até a miséria. Agora, porem, exige mais o poder — exige o brio e ainda repito aqui palavras do auctor do *Espírito das Leis*: — Um povo permite que d'elle exijam novos tributos, julgando sempre que tirará algum proveito do dinheiro que lhe arrancam, mas, quando se lhe faz uma affronia elle sendo apenas e seu opprobrio, sente mais porque á vergonha ajunta então a idéa de todos os males possíveis.» E o que permitem os poderes licenciando o jogo é affrontoso para o povo. Que os theatros fiquem em silencio e apagados por falta de publico mas que não sirva o pretexto da deserção para que se permitta a infamia. Nem por ser baldio e inculto um terreno, encravando n-uma cidade, permitirá a policia que n'elle se reúnam de vasos em magotes para saturnaes nocturnas.

Assim julgo eu, talvez mal, não sei.

N.

A.A refere na sua [p.i.] de hontem, um caso repugnante da simonia praticado por um sacerdote, a porta da mátria de S. João Baptista da Lagoa. Infelizmente, para desfruto da doutrina de Christo, tão sabia a tão meiga nem todos os pastores e praticam de acordo com os ensinamentos do Mestre mossianico mas, para fortuna dos crentes e glória dos princípios puros, ainda há ministros fieis que não desmentem a palavra dos Evangelhos.

E já que foi accusado um sacerdote façamos o equilíbrio contrapondo ao imperfeito e perfeito e certo, aos olhos de Deus, pesam mais as boas acções do que as perversas.

Se há um padre que faz questão de moeda para officiar outro há que estendendo a [p.i.] as almas compassivas, reúno, todos os annos, um pecullio com que, a [p.i.] do premio, acode as necessidades das crianças da sua parochia que procuram o templo da sua parochia, que procuram o templo para a oração — é o cônego Molina... Tive occasião de assistir e, commovido, é cerimonia da distribuição dos prêmios aos alumnos de catechismo de virtuoso vigário da Gloria. A cerimonia realisou-se ao jardim di presbyterio, n'uma tarde amável de dezembro, em presença de D. Joaquim Arcoverde, e preclaro arcebispo d'esta archidiocese.

Ah! meu caro Arthur, tu tens filhos, havias de Dear com os olhos marejados vendo aquelle, padre, no meio de umas duzentas creanças, entre pilhas de fazendas, distribuindo. A menina um corte de vestido, ao menino um corte para calças, e mesmo assim para camisa uma caixa de lenços, um livro, um brinquedo, e o arrulho de todas aquellas crianças irrequietas que volviam aos seus faces satisfeitas, com o espírito saturado de fé e o coração transbordante de jubilo.

Aquelle padre cumpria o mandato do Senhor — depois de haver purificado as almas vestia os corpos.

Para nos que temos filhos e que vemos a dissolução dos costumes a religião é um porto seguro — Bem sei que tu, justamente porque és poeta, és um homem de fé e [p.i.] o teu espírito ao ideal Supremo. Fazes bem em apontar os máos pastores porque elles são perniciosos e, nos dias presentes, agora que o mundo está tão [p.i.] de perigos, deve a igreja, para que triunphe a sua doutrina, escolher os seus ministros. Nem todas as varas dos zagaes dão flores e se um conduz o rebanho com paciência levando-o para a sombra da virtude, abeberando-o n'agua límpida da fonte divina, outros descuidados, deixam-no em abandono ou

fazem peor, levam-n' o a [p.i.] estragando-o, desamparado, ao vicio que é a letra que persegue as ovelhas de Deus.

Na casa do Senhor não pode haver ajuste de dinheiro mas, por amor da justiça, façamos sempre o contraste para que se não diga da religião que já não tem sacerdotes — assim, oppondo a esse padre mercenário aqui deixo a virtude de outro.

Um é o sacerdote ungido o outro... Deus que o classifique.

N.

FAGULHAS 25/01/1899

O memória infida que me não serven quando de ti careço! Memória avara que escondes, como um agiola! Memória avara que escondes, como um agiola, o que vale acompanhando, empresta-me aquillo do que preciso e terás, em novas leituras, maior fortuna. É do [p.i.] ah! não fosse a memória feminina!

Sei que li em velho livro a titulo de lenda ou de narração verídica, e caso de uma mulher que, havendo sido ultrajada com o nome infame de adúltera, arrancou o [p.i.] do peito e, deitando-o n'uma cesta frágil, de vime, confiou-o a corrente perdida de um rio tomando-o como juiz da sua innocencia — porque era crença que o rio devorava os filhos adúlterinos a casa mal, tanta certeza tinha da sua virtude que não belisou um instante em por a prova a sua alma, que era ella que se debatia innocente no barco improvisado, ja acima da onda, já nos vãos da contra-vaga.

Todos na praia acompanhavam, com assombro, a marcha da embarcação, a mulher, porem, calma e confiante, esperava que ella chegasse as mãos, como [p.i.].

Lançou-se então, chorar de emoção tomou o filhinho aos braços e ia-se com ella quando o esposo, arrependido, sahiu da unha dos assistentes, tomando-lhe o pais. A mulher, forte na sua honra, mirou-o o orgulhosa e, dando-lhe as costas, [p.i.] com estas palavras: — não, melhor é que aos apartemos : nem eu sou digna de ti porque me julgaste capaz de infamia, nem tu és digno de mim porque me fizeste sofrer duas vezes — como mulher e como mãe.

E, sem mais dizer, rompendo a multidão, partiu soluçando com o filho nos braços.

Lembrei-me, d'essa leitura lendo, nos telegrammas, a narração do triste caso que se deu a bordo da *Oriana*, em viagem de Maraolha para Genova.

« Concetta Ferramini, que regressava do Brasil, injustamente accusada de adultério, atirou-se ao mar com suas duas filhas, Juliam de 5 annos, e Hernenegilde, de 2.

O marido, que pela accusação infundada fora o causador da desgraça, atirou-se tambem ao mar, procurando salvar as três creaturas, e com ellas morreu, sendo baldados todos os esforços do commandante do navio, que arriou [p.i.] para o salvamento da ladtosa familia»

Não quiz a desventurada mulher ficar no mundo com a macula nefando, nem quis que as filhinhas andassem pela vida com estygama ignominioso o abraçando as arrolou-se ao mar com ellas.

O' marido, que fôra o accusador, que andara com o olhar a com a palavra a perseguir a companheira, não se conteve e lançou-se ao mar tambem procurando salvas as creaturas que se debatiam, mas desceu com ellas ao fundo, foram-se, talvez, reunia em algum [p.i.] de coral e de perolas de onda as almas, abandonando os corpos, reconcilladas e amigas, subiram juntas para o céo, sahindo da vida, pais e filhas, como, nos tempos calmos, quando aqui viviam trabalhando felizes, nos dias de descanso, sahiam por entre os verdes caminhos para a igreja campestre.

O drama é lugubre bem por isso, entre tanto, deixa de ter a sua belleza sinistra, e lembra á lenda ou narrativa que a minha memória... Ora! deixemos a memória em paz.

N.

FAGULHAS 28/01/1899

Venho prestar culto a dois mortos Cancio de Albuquerque e o actor Portugal. Varreu-se, por certo, da memória do publico o nome de primeiro mas não será [p.i.] buscal-o em volume que ella os deixou, sendo da propria lavra, vertido de originaes francezes para o vernaculo que elle cultivava com o amor se um philologo.

Cancio [p.i.] se na legião dos intellectuaes deixando-se, porém, ficar sempre em plano inferior escolhido pela sua modestia posto que devesse occupar os primeiro postos porque estava aparelhado para o commando.

Prosador e poeta não ousava dar a publico o que compunha a para saciar o seu desejo sóbrio de publicidade trazida pondo o maior esmero no trabalho que lhe sahia das mãos caprichosas.

Leal e sincero, amigo até a abnegação, foi o braço direito de Domingos de Magalhães — suimava-o com o seu enthusiasmo, suxillava-o com o seu esforço. Era o

traductor, era o revisor da *Livraria Moderna* e, muitas vezes, ficava ao balcão para acudir aos freguezes, como um simples caixeiro.

Trabalhou em varios jornaes e em todos deixou amigos sinceros que afirmam a sua morte prematura.

Outro, o actor Portugal... Os [p.i.] tempos que, correram foram acerbos para o honesto artista — foi-se lhe a esposa, levando-lhe parte da alma, ficaram os filhinhos com a outra parte.

Elle vivia exclusivamente para as crianças e uma nota simples da reportagem commoveu-me mais do que todas as lastimas que se levantaram em torno do [p.i.].

Entre as cousas que a policia recolheu do [p.i.] do casaco que o infeliz trazia, foi encontrado um cartuxo de confeitos — era para os filhinhos que, de lucto, ainda vestindo [p.i.] serzidas pela mamãi que o bom Deus levou, esperavam reunidos no casebre pobre, a volta do desventurado que a morte apanhou de surpresa na rua.

Move-se agora a Misericordia em lavar das crianças órfãs que tiveram como herança aquelles doces confeitos e o nome immaculado do que se foi talvez contente por saber que se reunir a companheira. Talvez com anciã por deixar os filhos.

Sejamos nós por essas crianças desamparadas que nem mais a benção tem no mundo, sejamos por ellas todos [p.i.].

Agora, para [p.i.] a tristeza aqui dotte nos bellos versos:

DE [p.i.]

[ps.is.]

Nos bosques ermos onde a noite [p.i.]

Os justes argentinos dos [p.i.]

Os brancos Ellos tocam trompas, e uma

Mouda fazem a soar guizos ligeiros

Os seus [p.i.] que o espaço abraça

Com cabeças de corvo e cor alhente

Como um bando de cysnes que divaga

Os ares atravessam bruscamente

A rainha d'elles olha o meu semblante

E [p.i.] me com o olhar, [p.i.] o posto

Que me annuncia augurta semelhante.

[p.i.] novo [ps.is.], talvez, talvez a morte

[ps.is.]

E [ps.is.] de Guimaraes o mimo, faço ponto final.

N.

FAGULHAS 01/02/1899

O caso não é novo mas merece por contado. Em uma das secções eleitoraes no domingo, corria calmamente o pleito quando, a chamada, responderam do fundo da sala, n'um tom cavernoso morreu. Tratava-se de um Feliciano e o secretario ia continuar quando um atentado [p.i.] rompeu a massa dos eleitores agitando uma cédula, a dizer: — Feliciano ta qui? Feliciano ta qui! Houve um movimento de surpresa e o presidente, muito grave, atento o creoulo, perguntou:

— O cidadão é mesmo Feliciano de tal? O creoulo, mostrando duas filhas de dentes admiráveis, deixou escapar um Uai! que provocou uma gargalhada estrondosa e, emquanto o riso punha em boa disposição os eleitores elle atirou a cédula á urnà e ta retirando-se quando o mesmo homem da voz sóteroa que havia dito: morreu! adiantou-se pretestando contra o voto do creoulo:

— Senhor presidente, o cidadão Feliciano de tal morreu, aqui tem V. Ex. ao meu corpo uma prova da verdade. (O homem estava de luto) Feliciano de tal era meu irmão. O creoulo, assombrado, exclamou de novo, Uai!

— Então cidadão? toruou o presidente. Aqui o senhor, irmão de Feliciano de tal, affirma que elle morreu.

— Feliciano!?

— Sim senhor... não é este seu nome?

— Meu nome? Meu nome é Benjamin, um criado de V.S. Nova gargalhada explodiu na sala da secção e o presidente, sempre grave, carregando o sobreceño, exclamou:

— Benjamin?

— Benjamin, sim senhor.

— Se você é Benjamim como é que vem aqui votar em nome do fallecido Feliciano?

— Uai! O pobre creolo estava devéras atarantado e olhava para a direita, para a esquerda como a pedir auxilio áquella gente que ria a bandeira desprezadas.

— Responda! Intimou o presidente com energia e o creoulo já um pouco pallido (com perdão da palavra) o tremulo adiantou-se para a mesa explicando:

— Olhe, nhonhó, eu sou Benjamim, meu nome é Benjamim, e creado de V. S. mas meu patrão disse qui ou trouzesse aquella carta para o senhor Feliciano e que ficasse esperando até que o director chamasse elle. Eu quiz sellar a carta mas meu patrão disse que não era preciso. Eu vim, fiquei alli encostado ouvindo vosmecê chamar [ps.is.] não é o agente do corrieio?

— Que agente?

—Uai! então meu patrão se enganou vosmecê faz favor de me dar a carta...

O presidente coçou a cabeça, fez uma careta, cravou o cotovello no secretario e a chamada continuou. O creoulo quis ainda reclamar a carta mas alguém que o conhecia disse-lhe baixinho:

— Vai-te embora, idiota! a carta está entregue;

— Então p'ra que esse barulho todo? Eu se soubesse tinha voltado na caixa da esquina. E sahia furioso, resmungando por entre o riso dos assistentes.

N.

FAGULHAS 03/02/1899

Crudelíssimo [p.i.] !

Eis o caso macabro!... « No Pillar, o [p.i.] do nome [p.i.] Gomes, tendo noticia da morte de um freguez que lhe devia conto o tantos mil réis, esperou a noite e [p.i.] entrou no cemiterio, desenterou o cadáver e desançou-o o pão.»

O defunto não reagiu, apanhou calado e, com a cabeça quebrada, voltou para a tumba fria. Esse caso faz lembrar o que vem transcripto ao livro [ps.is.] extrahido pelo [p.i.] Jacob da obra *Magia* [p.i.], de [p.i.] !

Esse pastor da [p.i.] de Mow, na [p.i.] depois de morto e enterrado resolveu tornar ao mundo e, a noite, sahia do sepuichro e punha-se a vociferar presagamente repetindo nomes de pessoas e os dias em que deviam morrer.

Realisavam-se as prophcias do defunto e foi tamanho o assombro dos campônios que resolveram desenterrar o pregoeiro castigando-o para que se deixasse de pilharias de máo gosto.

Effectivamente, feita a exhumação, foi o cadáver empalado; pois não se deu por offendido; como se não sonhase a tortura ria-se dos que lh'a infligiam dizendo que, com aquelle páo com que lhe haviam varado o corpo defender-se-hia, á noite, dos cães que o perseguiam.

A' noite, apesar de empalado, poz-se o defunto a berrar annunciando a morte de fulano e do sicrano. Os componios, desesperados, mandaram chamar um carrasco que amarrou o defunto em uma carreta apesar dos berros e dos salanões, porque o morto era dos diabos.

Como os componios, enfurecidos, o espetassem com feridas um sangue forte e vermelho. O carrasco, então accendeu fogueira e atirou n'ella o defunto que morreu de uma vez.

O caso, como vêem, não é novo — mais do que o morto Pilar soffreu o defunto de Blow que foi empalado, surrado, espetado e reduzido a cinza.

Que há defuntos inconvenientes ninguem contesta — dão alguns para fazer pilheiras alarmando famílias, como o que mandava um pobre homem tirar o chapéo, dão outros para scenas trágicas, e gemem e arrastam correntes a [p.i.], com estrondo.

Que taes lêmures apanhem é justo, mas que saia da cova para ser surrado o cadáver de um devedor, é iníquo.

O alfaiate, surrando o defunto, deu provas de ser homem rancoroso — que se dirigiasse aos berdeiros da morte, á viúva mas que não fosse desencovar o corpo para tão negra profenação Tremendo [p.i.], esse [p.i.] tremendo *cadaver!*

Dizia mais a noticia — que Januario, em presença da auctoridade, [p.i.] e [p.i.] ferido, longe de mostrar arrependimentos, berrava! «Que se sentia não ter tido tempo para *encangalhar* o [p.i.] ! ...

Encangalhar.. irra! Olho vivo, defuntos, olho vivo! Que ninguem morra no Pilar sem sahir as suas contas — pão não é graça. Esse é [p.i.] que o Seixas Irra;

N.

Em Pariz uma miseranda mulher, [p.i.] pelo álcool e, talvez, com fome chegou-se ao berço do filho, e como Demotor no festim de Tantalos, devorando gulosamente uma [p.i.] do [p.i.], poz-se a comer, aos [p.i.], um dos braços de criança. Essa mãe [p.i.], mais cruel que as empusas que so se repastam nos túmulos, ouvia os gritos do filho, sem commover-se — aquelle manjar vivo aguçava-lhe o apetite, sabia-lhe deliciosamente aquella carne que ella trincava ainda palpitante.

Os *fralices* não comiam os filhos bebiam-nos. Depois de mortos reduziam-nos a cinzas e com ellas temperavam o vinho das suas orgias tremendas, essa mulher de Pariz, odiando a quaresma, preferia a carne á cinza e porque não devorou o infante ficando apenas no braço? porque um irmão da victima, cauteloso, para que lhe não acontecesse o mesmo mais tarde, sahiu a correr dizendo pela vizinhança: que a mãe estava comendo o irmão.

Os vizinhos subiram ao quarto da desventurada e encontraram-n'a, effectivamente, com a bocca ensangüentada como [p.i.], a [p.i.], os olhos immensamente abertos, chuchurando o sangue quente do petiz que se debatia no berço desesperadamente.

A criança não teve, como o jovem [p.i.] resuscitado, um braço de marfim porque, por desventura nossa já não andam deuses na terra — foi levada a um posto medico e la [p.i.] a mulher autropophago? pobre mulher! é possível que, depois de curada vendo o filho como a [p.i.] Lavoura, pergunte, com espanto:

—Menino, que é do teu braço? E a criança, por sua vez surpreendida, respondera, mas em francês eu vou logo traduzindo a resposta [p.i.].

— [f.i.]

Mas não riamos, o caso não é para graças, é mais serio do que parece. Quem sabe se com a nossa lavoura não aconteceu o mesmo.

— Vênus de milão, que é dos teus braços?

— [p.i.]! pois a politica não *comeu elles*?

— E' verdade, Lavoura, é verdade... e ainda acaba com [p.i.] por uma pera. Põe-lo em guarda: olha o menino de Pariz.

N.

Quando *Adão*, abrindo os olhos no Paraíso, viu que se achava só, bocejou entendido, estendeu os braços, coçou o ventre nu e livre e disse com os seus botões posto que ainda os não tivesse: Que diabo hei de eu fazer n'estas terras immensas? vou plantar batatas, e poz-se a plantar tuberculos ([p.i.] d'esse tempo os bifos com batatas é a tuberculose.)

O trabalho não conseguiu distrahir-o e o primeiro homem continuou a bocejar como um empregado publico até que o Senhor, com pena, resolveu dar-lhe uma companhia creando a firma social: *Adão & C.* *Adão*, entrou com o capital: uma costela que, bem aproveitada pelo Senhor, deu um resultado magnífico *Eva*.

Unidos os dous sócios — um capitalista, outro da industria, logo na primeira transacção quebraram e quebraram porque o diabo metteu-se no meio. E *sarrasin* explica o caso em um soneto em que [p.i.] a belleza de *Adão* e a vorobilidade da *Eva* que, apesar de ter um formoso companheiro.

... alma mieux, pour s'em intro conter, Preter Porollie aux-fleurettos do Diablies.
Que d'etre lemno El no paz coquetter.

O resultado d'essa brincadeira foi uma vergonha, e tão grande que *Eva*, como no cancionero, entrou no figueiral figueirado e cobriu-se de folhas, fazendo um vestido para esconder a sua undez ... o resto é conhecido, velu [p.i.], veiu *Abel*, o vieram umas raparigas e depois *Henach*; houve o assassinato, o inquérito ficou aberto até hoje, na Bíblia, etc.

Adão começou então a arrepender-se de haver pedido companhia: *Vivia* tão bem, nada lhe faltava, os animaes respeitavam e tanto que surgiu a mulher até os cães começaram a regar a porta de sua casa com um synismo revoltante.

O pobre homem torcia a orelha e de sangue... nem um [p.i.] até que a mulher foi um dia enconral-o apoiado a enxada maldizendo-se: Que aquillo não era vida! Que já não podia mais... Que ia pedir divorcio e cousas. *Eva*, então, melindrado, perguntou:

— De que te queixas? que te falta?

— Ora! que me falta eu *vivia* muito bem, no meu quieto... Mas veio uma espiga...

— Espiga? quem foi espiga...?

— Tu...

— Hein?! eu! auto lá... espiga és tu, sabes? espiga és tu... e justamente por causa da espiga é que andamos aqui n'esta miséria comendo o pão que o diabo amassou. Não me

fales em espiga que eu perco a cabeça, entendes? Espiga é elle! Mas... que diabo vem a ser isto? perguntará o leitor?... os sabios da Escriptura que digam... Eu só posso dizer que isto é o fragmento d'uma novela da Escola [p.i.], nada mais, e é tudo.

N.

FAGULHAS 07/02/1899

A Associação do 4º centenário do descobrimento do Brasil vai vencendo todas as difficuldades e, contando com o auxilio dos brasileiros em cujo coração não esmorece o amor da patria, espera poder celebrar dignamente a grande data commemorativa que; sem duvida, passaria despercebida se não fosse o desvelo patriotico dos que, com inquebrantavel energia resolveram realizar o pensamento nacional.

Alem dos festejos annunciados, que serão esplendidos, será publicado o *Livro do Centenário*, obra em 4 volumes, [p.i.] 1ª de 100 paginas casa um [p.i.] a dar a conhecer as riquezas naturaes do Brasil e o seu progresso em todos os ramos da actividade humana, e que será procedida de noticia histórica dos trabalhos da commemoração.»

A edição d'essa obra preciosa cuja composição foi confiada aos mais competentes nos assumptos de casa uma das especialidades, será exchisivamente destinada aos subscriptores não sendo exposto á venda volume algum.

Quis assim a *commissão* distinguir os seus auxiliares aos quaes pede contribuição modica de [p.i.], dividida em duas partes — a jóia de [p.i.] e quantia igual como annuidade, paga de uma só vez. Além da compensação dos volumes e essa será pequena comparada com a satisfação do haver concorrido para a gloria da patria, terá ainda o subscriptor uma medalha commemorativa na qual vera o próprio nome gravado.

Ao apello da *commissão* tem concorrido generosamente dezenas de patriotas e hontem foi com desvenecimento que li que a casa Sucena se havia inscripto com [p.i.] merecendo assim, de acordo com a letra dos estatutos, o titulo de benemerencia.

Com o commercio, principalmente, conta a *commissão* do Centenario e justo é que elle a proteja porquanto, concorrendo para o brilhantismo das festas de maio trabalhara *pra dama sua*. O Brasil tem direito a exigir dos seus filhos e dos seus hospedes amigos caso prova de amor. Que não passe em silencio triste a grande data que ahi vem perto. Trabalha-se [p.i.]: o que compete aos artistas já vai sendo e executado e desde já podemos garantir que o maestro [p.i.] fará cantar a sua «acção legendaria» *Saldune*, em 3 episodios e para Alberto

[p.i.] um dos nossos escriptores escreve, mas sejamos discretos. E embora [p.i.] que os brasileiros deixem, por um momento, a indiferença e saiam em auxilio dos que [ps.is.]o nome do Brasil, tão esquecido ou, digamos melhor, tão desconhecido.

N.

FAGULHAS 08/02/1899

Tinha razão [p.i.] decididamente há juízos [ps.is.]

Foi preso o ex-official [p.i.] sobrinho do presidente da dieta [p.i.], por ter casa de tavolagem.

— O príncipe Henrique Rense foi intimado a abandonar a Allemanha, por causa de escandalos commettidos no jogo.»

Lá os príncipes são presos, aqui o primeiro sujeito que se faz [p.i.] impõem-se, exigindo que o tratem com muita consideração porque a quem da a bola, é quem talha o baralho, é quem empunha o [p.i.]. Já não me quero referir aos importantes capitalistas que tem as suas casas do jogo escravadas entre o commercio honesto, competindo com negociante que faz o seu mercado, esses tem fora de nobreza e, certamente, hão de querer registrar na França de Commecreto as suas bancas, fiquemos nos que são simples banqueiros, de [p.i.] ou de dado, de [p.i.] ou de bicho. Esses enriquecem facilmente o fogo que se viam rocheiados, enthesoutando [p.i.] as lagrimas ao pobre, tomam ares garbosos e, não só olham do alto os que passam como anda se revoltam contra os que ousam commentar, mesmo com brandura, o genero do negocio que exploram, chegando alguns, mais audazes. A ameaça, porque contam com o prestigio do cofre.

Na Allemanha os juizes impõem a lei aos magnatos, aqui... mas não insistamos no assumpto.

As promessas feitas nos primeiros dias deram-nos uma consoladora esperança infelizmente, porém, os bichos proliferaram como depois da sahida da aves para a terra molhada, e as auctoridades, passam [p.i.] dando-nos o direito de pensar que a policia foi, por humanidade, transformada em sociedade protectora dos animaes.

Antigamente (ao menos havia respeito) as duas horas segredave-se de esquina a esquina, com mysterio: Ganhou o jacaré. Bojo brada-se, as escanearas, sem rebuço, nas ruas e nas praças: Ganhou o burro! e não nos devemos expandar se ouvirmos amanhã de pregoeiros assalariados: «Que ganhou o pavão!» Verdade é que a policia não tem mãos a medir porque,

antes de cuidar da limpeza da cidade, trata de ir sacudindo o lixo que lá há por dentro e que é muito e, enquanto sobe a poeira sordida, pondo uma nuvem de escandalo na [p.i.] capital, encobertos por ella vão os senhores do bicho devorando o povo.

A taraca do [p.i.] teve uma santa Martha para vencel-a, quem vencerá a besta bravia que, [p.i.] que a da lenda meridional, não se contenta com um tributo rasoavel mas vai iragando toda a população... por uma perna?

Esta pobre cidade que, em tempos, gosou da fama de ser um jardim paradisíaco é hoje um jardim Zoologico: por falta da policia tem os bichos, por falta de hygiene tem a *bicho* que bucha lhe estará ainda reservada? Esperemos porque Deus é grande!

N.

FAGULHAS 09/02/1899

Não se pode vender flores... que diabo se há de vender? lixo ou bicho? um homem póde impunemente vender toda a fauna mas que se não metta a fazer transacções com a flora: as gardenias infestam, os cravos viciam o ambiente, as orchidéas depravam, as rosas conspiram (é verdade que já houve uma guerra das Duas Rosas) as violetas propalam boatos, o myosolis embriaga-se, a magnolia não tem pudor, o lyrio bolina as senhoras e o heliantho vulgarmente chamado gyra-sol, tem termo assignado na policia... e o retrato.

Para moralidade não há como o bicho.

Porque razão esses homens que, á tarde, enfeitam e perfumam as esquinas com os seus ramalhetes não deixam de parte as flores preterindo-as pelo animal?

O elephante, que é monstruoso como o gyra-sol, pode ser vendido impunemente; o tigre mosqueado como o amor-perfeito, não leva ninguem á cadeia — os homens teimam em vender flores? peor pra elles.

Os agentes da municipalidade oppoem-se ao mercado das flores e há razão para isso o habito é uma segunda natureza, os homens habituam-se ao fartum da cidade e não podem supportar o aroma. Despejem na choça gelada de um esquimó um frasco de Cherry Blosson e hão de ver o desgraçado saltar e bradar contra a infecção espalhando pelos cantos, profunsamente, azeite de phoca para purificar o ar - da-se o mesmo com os agentes da municipalidade.

Sebastianopolis tem o seu cheiro característico, Sebastianopolis tresanda, que a deixam tresandar como uma carniça, não queiram perfumal-a porque, com a graça de Deus,

ainda não chegou o tempo da mumificação - que os vendedores de rosas vendem lixo e os agentes municipais desvanecidos e farejando, não os arredarão das esquinas com intimações.

Ha, porém que de razão aos agentes dizendo que elles procedem criteriosamente.

«Que diabo! não há nada mais ridículo do que um homem sordido, com a gola do casaco ilustrosa de cebo, os punhos com uma orela de lodo, as botinhas rotas, o cabelo a derramar-se pelos hombros como o de um nabi, ostentando vaidosamente, á botoeira, uma flor mimosa e olente..»

Sebastianópolis está nas condições do tal homem. Para que flores? melhor é que a enfeitem com jacas de lixo, que o lixo ande a rodo pelas ruas, lixo e bicho, lixo para atavio, bicho para diversão.

Nada de flores! Os homens que optem entre a imundície e a fauna. A fauna é garantida pela policia, o lixo é garantido pela municipalidade... que melhor? Bem com a lei e com o povo, eis o ideal. O diabo é que o povo prefere a flor mas a municipalidade responde ao povo: que se lixe! e manda quem póde.

Senhores lacios da Primavera fazei-vos da companhia industrial – carregai lixo ou fazei-vos: *book-makers*: vendei bicho. Lixo ou biho... flores... nunca!

N.

FAGULHAS 11/02/1899

«Afirmam os jornaes que Afonso Coelho foi preso — o caso não é novo, preso tem elle sido varias vezes mas solia-se [p.i.] tando, com encantamneto, e no das peles. Tem elle tanta confiança nos seus sortilégios que, com a lealdade que o caracteriza, disser.

Pevino ao Dr. chefe da policia que tome as suas cautelas porque lhe garante que não chegarei preso a S. Paulo.»

Garante e, se garante é porque tem certeza.

Que oração poderosa terá esse homem para que assim roubo da policia nas barbas austeras da mesma policia? Contará elle com o [p.i.] *-capuz*, que é o [p.i.] dos patifes? não sei, elle garante que não chega preso a S.Paulo.

[p.i.] podia fazes casas cousas, por que, emfim, era ‘deus’. Os piratas tomaram [p.i.] a força, metteram-no a [p.i.], elle foi transformando os cabos do navio em [p.i.] que logo se enfoliaram de parras, os [p.i.] fizeram-se raízes, fizeram-se racimos os [p.i.], o mar salgado virou-se em vinho e os [p.i.] focam-se, aos poucos, cobrindo de escamas e como tritões

rojavam-se nas vagas enquanto o deus formoso cantava, rindo da pilheira. Isso fez Baccho mas eu não creio que Affonso Coelho possa competir com o deus de Niza.

D'ahi, quem sabe, elle tem feito tantas que bem pode fazer mais ama. Se o amararem estará os liamos como Sansão rebentou as cordas com que os philisteus ataram; se lhe puzerem grillhetas é capaz de transformar-as em azas fugindo do bordo como um novo [p.i.] , a pés juntos; se o deixarem no portão é capaz de apuar o navio descendo para o grande mar.

Vede que só para o conduzirem de um a outro ponto da cidade foi necessário um piquete levando as praças armas embatadas — é que Afonso é homem de recursos. Já hontem a noite consiava que elle, apezar do piquete e de outras vigilancias, ingira do carro deixando em seu logar uma senhora gorda de [p.i.], que disse [p.i.] -se Barroca. Foi isso um boato e terá fundamento? não sei.

Affonso Coelho é para mim um mysterio e a chave de muitos outros como por exemplo o do buraco do [p.i.], porque [p.i.], deixem lá, há dente de Affonso Coelho ou de algum da sua força, [p.i.] de Aristóteles e de S. Cypriano. Mas muito hei de rir amanhã quando vir os agentes azalamados perguntando: Que e [p.i.] a chave, porque Affonso Coelho esta alli, está outra vez no matto. Elle garante que não chega a S. Paulo e um homem d'aquelles quando garante, cumpre. Vão ver.

N.

FAGULHAS 16/02/1899

Jose Antonio Pereira, digamos mais simplesmente — Zé Pereira, jogava *confetti*, na rua do Visconde do Rio Branco quando a Morte, que andava disfarçada, em dansarina, talvez, aproveitando o terceiro dia de carnaval, passou por elle e, com um empurrão atirou-o na outra vida.

Zé Pereira, doluncio, levado para o Necroterio, com o saccu de *confetti* a tiracollo, os bolsos cheios de *confetti*, com *confetti* nas orelhas, nos cabellos, em todo corpo emfim (nem parecia um defuncto, parecia uma confeitaria), foi examinado pelos médicos da policia e, com uma syncopo cardíaca no attestado, seguiu, em carro, para o cemitério levando nos labios o sorriso que o Morto não conseguiu desfazer.

Pergunto eu? com que cara entrará Zé Pereira na vida eterna? S. Pedro, certamente, não permitirá que o homem invada o céu com aquelles papelinhos profanos que

fazem o prazer dos homens e das senhoras nos dias jocundos do carnaval... e Zé Pereira? que há de fazer Zé Pereira confeitiro? quererá discutir com o parteiro celestial convencendo-o da [p.i.] dos taes papelinhos? não porque com S. Pedro ninguem discute... Zé Pereira subira para o espaço e tranquilamente despregará o sacco e esvaciará os bolsos e raspará o corpo, se, como quer [p.i.] para a outra margem, a limpo tornará a S. Pedro [p.i.] e tremulo.

— [p.i.] estou, excellentissimo senhor meu S. Pedro sem papelitos nem nada.

—Tirou todos.

—Todos, excellentissimo.

—Então entre. E Zé Pereira entrará para o reino da Gloria fazendo zumbaias á direita e a esquerda e, vendo as onze mil virgens com certeza levará a mão ao [p.i.] á procura do [p.i.] mas os *confetti*... oh! os *confetti* de Zé Pereira... talvez algum poeta já os esteja decantando e algum sábio [p.i.]: novas estrellas, novas estrellas!

Pois [p.i.], novas estrellas, sonhadoras, novas estrellas, os *confetti* do defuncio, os *confetti* do pobre Zé Pereira despejados no espaço por ordem de S. Pedro.

N.

FAGULHAS 19/02/1899

Com o calor desenvolveu-os uma epidemia que se não dá trabalho aos médicos e aos coveiros em compensação não dá freguês aos pretores. Estamos como os romonos no tempo de Romulo; com a mania do rapto — rapta-se a qualquer hora do dia ou da noite. Com a carestia da vida ninguem tem coragem de fazer despezas nupciaes e então... rapta a noiva porque assim o casamento é feito a capucha na pretoria e os parentes e amigos do noivo não se queixam de não haverem recebido convites. Contaram-me mesmo o caso seguinte:

F. noivo de uma formosa morena, possuidora de uns olhos negros matadores, andou jogando no bicho (acompanhando o touro, creio eu) durante um mez para ver se arranjava uns cobres, chegou mesmo a fazer uma vacca com o futuro sogro — não dando o touro os homens de vacca deram com os burros n'agua e desesperados iam adiar o casamento para o fim do anno quando o noivo teve a feliz lembrança do rapto!

— Olha, meu sogro, ha um meio de arranjarmos as cousas. Nós não podemos fazer festa porque estamos quebrados.

— E por sua culpa, eu bem lhe disse que o touro não dava e o senhor a teimar. Se tivéssemos jogado na cobra ou no galo teríamos hoje uma fortuna e o senhor poderia passar a lua de mel em Petrópolis mas a teima...

— Foi palpite, meu sogro.

— Qual palpite! Mas vamos lá ver a sua idéa. Então qual é? explique-se.

— É simples: eu rapto a menina e faz-se o casamento na pretoria, a secco, os nossos amigos não ficarão indispostos conosco.

É uma idéa! Exclamou o sogro. É uma Idea. O diabo é o escandalo...

— Que escandalo...

— Ora! que escandalo! Pois então não é um escândalo, homem?

— Sim, é um escândalo mas desde que eu case...

— Sim... mas eu sempre ouvi dizer que os filhos dos raptos são camondongos...

— Camondongos? como camondongos meu sogro, e eu não quero camondongos na família...

— Mas olhe que rapto tem um p no meio, meu sogro...

— Um p... de que serve o p? com p ou sem p é sempre uma pouca vergonha. A Idea é boa no ponto de vista econômico mas sob o ponto de vista moral é o diabo. Não, eu arranjo as cousas, não quero raptazanas em casa, não, nada de raptazanas: casamentos com todos os sacramentos e um almoçosinho.

Deixemo-nos de novidades. E assim foi feito. Não houve o rapto mas houve premeditação. Creio que a causa dos raptos é a carestia da vida, se não é parece.

N.

FAGULHAS 20/02/1899

Consta que vários amigos e admiradores do illustre estellionatario senhor Affonso Coelho, grande ledor de Aristóteles e de outros philosophos de marca, pretendem fazer-lhe uma significativa manifestação indo em lanchas ao encontro do *Nitz*, paquete em que deve vir (eu ainda duvido) o notavel Illusionista.

No buraco do Rezende, vistosamente ornamentado, será servido um almoço de vários talheres tomando S. Ex. em seguida o carro da Detenção, graciosamente cedido pelo senhor Dr. Chefe de polícia.

Os aposentos de S. Ex. foram escolhidos pelo mesmo Sr. Dr. Chefe de polícia que, com muita solicitude, mandou reforçar as grades pondo ás ordens do illustre hospede uma sentinella de carabina embalada.

Como se falla, com insistência, em *habeas-corporis* a policia vai tomando providencias enérgicas para que não succeda soffrer o illustre falsário o vexame de ser posto na rua por um advogado quando elle tem meios infalliveis para sahir das cadeias memso com sentinella á vista.

Ao surgir na barra o paquete (é do programma) uma banda de musica executara uma quadrilha e a brigada policial ficará de promptidão e todos os navios da esquadra permanecerão de fogos accesos sendo o littoral guarda-lo por uma brigada estendida em linha.

Todos os canos serão soltados e bem assim os raios e, no momento do desembarque de tão illustre viajante, para que se não repita a pilheria do Cavallo branco, serão recolhidos as cocheiras todas os quadrúpedes, sellados ou não.

Taes cuidados demoustram que a policia da Capital Federal está, d'esta vez, resolvida a tratar com a consideração que merece tão egrégio cavalheiro que, como o Bendegô, aos vem da Bahia, entre agentes apimentados.

Mas, um sylpho pandego anda a rir por aqui. Ri com malicia, o diabrete e salla com as pequeninas mãos na barriga e dobra-se todo a rir e a sua gargalhada vibra como o zumbido impertinente de um mosquito.

— Porque ris assim?

— Ora, porque rio... rio porque és um ingênuo...

— Um ingênuo... Eu?

— Tu, sim. Então pensas que Affonso Coelho vem no *Nilz*, homenzinho?

— Então?

— Qual vem! Affonso Coelho fugiu, está nas Philippinas, com o seu Aristóteles debaixo do braço.

— Nas Philippinas sim...

— Maas por onde fugiu elle?

— Pó onde! Pelo cabo marino...

— Homem! é verdade! E a policia que não pensou no cabo...

— Como não pensou nos canos... Ora a policia! E rompeu a rir como um perdido, o diabrete do sylpho.

N.

Referindo-se á vida exercitada dos romanos escreveu Montesquieu:

« Dos homens [p.i.] par les exercices [p.i.] ordinairement saina. On ne remarque pus, [p.i.] anteurs, que fes [p.i.] romanos, que falsajent la guerre en tant de climais. [p.i.] beaucoup partes maladies, [p.i.] Meu qu'll arrive [p.i.] continuellament [p.i.] boi que des [p.i.], são aveir combatim, se fondent [p.i.] dire dous une campagnos.

O exercício physico predis põe o corpo para todas as luctas — além da belleza plástica traz a da immuniidade.

Ser fraco, para os antigos era [p.i.] e os consules guerreiros, quando queriam humilhar um legionário, sagravam n' o — era a degradação vexatória. E Antes das mobilisação dos exercito comanos, diz Julio Capitoligo, os generaes, para explorar-lhes a coragem, offereciam-lhes, como espetaculos, um combate de gladiadores. Um hospital grego, sobrecarregado d'armas» ou um velho romano, tão fogueiro que acompanhava um cavallo num da na corrida, fariam pasmar os [p.i.] fracos que se enervam na vida motta das cidades entendendo que mudo fazem tomando, o [p.i.] a porta de casa e descendo no [p.i.] da repartição ou no limiar da loja.

A [p.i.] traz a magnanimidade — os povos fortes são nobres. Entre nos os gosto pelos exercícios physicos ainda não se acentuou e devo mesmo dizer que há moços que tem vexame de dizer que fazem a sua hora gymnica.

Felizmente temos comnosco um homem o professor Paulo Lauret, que, como o [p.i.] romano, se não tem a pretenção de fazer alhietas, ao menos substituir as fibras magras dos nossos rapazes por musculos rijos. O seu gymnasio não é simplesmente uma escola de força e de agilidade é tambem um retiro onde a mocidade se reune reforçando-se e fugindo ao vicio onde tantos rapazes se vão perder.

A idea dos concursos de gymnastica e de esgrima em que anda empenhando actualmente o distincto profissional deve ser protegida por todos quantos se interessam por esses exercícios tão preconizados pelos antigos e tão injustamente esquecido pelos contemporâneos.

Os pais entendem que, sabendo o petiz dizer, com attitude, um affectado [p.i.] tem a educação completa e logo e [p.i.] como um sabio capaz de confundir um [p.i.] mas incapaz de levantar um gato pelo rabo.

Não, meus caros patricios, a casa é indo — n'uma casa em ruínas todas as brisas são vendavaes, todos os chuviscos aguaceiros n'uma casa de muros sólidos os habitantes não sentem as rijas bufadas dos grandes ventos e ouvem, com indiferença, as bâtegas das tormentas.

Tratai de dar aos vossos filhos bons musculos que são a argamassa do corpo e, se os mandantes á gymnastica e a esgrima elles, por certo, não procurarão as devezas sordidas onde as forças se desfazem e o character embota-se.

N.

FAGULHAS 25/02/1899

Só hontem me veio ás mãos, uma carta assignadas por quatro rapazes que me perguntaram, com interesse, em que hora começa o desejado século XX. Não leram, sem duvida, o folhetim, de Camillo Flammarion quie a *Gazeta* publicou no domingo, n'elle vem perfeitamente elucidada essa questão chronologica e, com a opinião do sábio astronomico ficam perfeitamente informados aos meus patricios que, com tanta cortezia, me escolheram para arbitro de um litígio. Dou a palavra ao autor da Urânia que entende, e com fundadas razões, que o seculo XX começa é ultima badalada da meia noite do anno de 1900. E passo a outro caso.

Acompanhado o retrato de D. Urbano I enviaram-me, de Goyaz, a carta que transcreve como uma curiosidade.

«Govaz, 22 de outubro 1896 — A. S. M. o Sr. Urbano I, imperador do Brasil, por aclamação divina.

Acabo de receber um telegramma do general Vasques intimando-me a não mais communicar-me com Vossa Magestade sob pena de ser arcabusedo summariamente. O Sr. coronel Abrantes já recebeu ordens terminantes para fazer com que seja eu passado pelas armas á primeira vez que formos suprendidos em conversa.

Em vinte do exposto peço a Vossa Magestade não mais me procure por amor a minha vida e para evitar derramamento de sangue.

O Santerre recebeu telegramma do presidente do *Clube da Morte* para promover o meu assassinato caso não cumpra as ordens dos Vasques.

N'esta conformidade, muito a meu pezar, vejo-me forçado a não poder cumprir o meu dever de súbdito obediente.

Deus guarde a V. M. Imperial. - *Arnaldo Albuquerque.*”

E excuzado dizer que tanto S. M. Urbano I, por aclamação divina, como seu cauteloso súbdito Arnaldo são pessoas com as quaes nunca trefive relações porque te tenho pena! eu nunca vi Goyaz e creio que, soberano e vassallo, jamais tranpuzeram a fronteira d’este glorioso Estado.a

Em todo o caso como é natural que o publico tenha curiosidade de conhecer esse imperador do Divino fica o seu retrato em exposição na vitrina do escriptorio d’esta folhaa acompanhando o precioso documento de Arnaldo que, se não é um spirita abalado, é um pandego que quis fazer espirito remettendo-me, lá de onde o martinho perdeu as botas, um libello contra o general Vasques e a photographia de um Antonio Conselheiro, de sobrecasaca e cartola.

N.

FAGULHAS 27/02/1899

O gosto pelo excelismo, graça aos patrio taes esforços dos intendentes, de gloriosa memória, decahiu rapidamente entre nos apesar do entusiasmo que, a principio, mostravam os amadores, entusiasmo que ta despertando protestos dos cocheiros de [p.i.] e das companhias de [p.i.] porque, francamente se não fosse o arrefecimento provocado pelos honestos edis dentro em pouco não haveria um [p.i.] em serviço e os bonde correriam vastos em todas as linhas.

O commerciante, o funcionario, o [p.i.] o acadêmico desceriam dos [p.i.] arrabaldes nos e os cavallos de aço, os caixeiros percorreriam a freguezia em commodos [p.i.], famílias viriam de Botafogo ou da Tijuca em quadrupetes, os casaes viajariam aconchegadamente em [p.i.], seria mais barato e nenhuma dama, por certo, chegaria á casa, indignada, queixando se de um [p.i.] ousado, e a vida correcta serena e fácil como [p.i.] da [p.i.].

Não quizeram, porem os intendentes que assim fosse e crearam um imposto que, longe de beneficiar os cofres magros da intendencia se conseguiu aniquiliar um *sport* elegante e hygienico.

Antes do imposto tinha o cyclista o moleque que o perseguia á pedrada ou quando era mais humano, aos gritos do «O [p.i.] e outros mais gigantes, tinha o cão, inimigo encarniçado das machinas e tinha os buracos, tem agora outra calamidade — o fiscal.

Vai um homem levando cuidadosamente a sua *Clement* ou a sua *Wolff*, fugindo aos abysmos e a garotada quando ouve o brado do fiscal:

— Che, é arara! você tem licença?

Se o cyclista é dos bons o fiscal fica a ver navios mas, se é da força de um sujeitinho que eu conheço, atrapalha-se, começa a descrever zig-zags e salta por bem ou por mal ficando á discrição do representante da Lei.

E então: é arara, para cá, *ladrão de galinha* para la até a bença é exhibida podendo, então, o amator, continuar a sua marcha. Continuar? não, vai parando de esquina em esquina porque a porta de todas as vendas, ha um fiscal, de sorte que a bicycleta que era um celebre vehiculo, com os taes representantes do fisco, ficou abaixo das tartarugas é do nosso telegrapho.

Dizem uns uns amadores que não estão dispostos a fazer estação em todas as vendas, dizem [p.i.] que não pagam o Imposto porque não são fotos. É verdade — que vantagem offerece a intendencia aos ciclystas para que assim os sobrecarregue da-lhes buracos.

Francamente para quebrar a cabeça não vale apenas pagar vinte e tantos reis annuaes. De-a intendencia ruas e estou certo de que os ciclystas não fugirão ao imposto, ruas e um meio mais decente de fiscalisação porque... *Arara* é elle!

N.

FAGULHAS 28/02/1899

Enlouqueceu... porque? Sarmanho vivia feliz com a esposa, não tinha sogra, o negocio, se não lhe dava milhões, dava-lhe o necessário para viver com regalo e ainda diziam, todos os mezes, entre os dias 2, 3, lá elle, vergando a mesma [p.i.] sara com que levou ao templo a sua [p.i.] metade, deixar na Caixa Economica umas centenas de mil réis... e enlouqueceu. Na sua família não havia casos de loucura — verdade que seu tio Ledesma, por uma questão de *lama caprina* depois de haver raspado, a navalha, os cobelos da mulher atirou-a n'um poço d'onde a desgraçada foi retirada quase morta e com um defluxo tremendo, mas Ladesma arrependeu-se, mesmo comprou um [p.i.] para a esposa.

Correm varias versões sobre o triste incidente, entre ellas há uma que da como causa do desastre que levou ao Hospício o modelo dos pais de família e a cama uma esposa exemplarissima certa paixão mal correspondida. Há na vizinhança do armarinho de Sarmanho

uma tal Amélia, papo de rola, que é um desespero. tem dezoito annos e olhos pretos. É tão perigosa que até já fez descarrilar um pesado Bond bagageiro, não que o bond se houvesse impressionado por ella, isso não, mas o cocheiro ficou tão enlevado n'aquelles olhos feiticeiros que não viu um chifre que estava sobre os trilhos. Talvez posto pela mão da Providencia e, como chifre é duro de roer o bond saltou, foi sobre uma carroça ficando uma pobre dama passageira com a rotula fracturada. Olhos negros fataes, os de Amélia Sarmanho costumava sentar-se a porta do armarinho e alli ficava horas-esquecidas com os jornaes da tarde... tendo ou namorando o *papo de rola?* mysterio. Sabe-se apenas que lançando mão do metro media as costellas da esposa berrando — que era bombeiro! Bombeiro...

Quando o metteram no carro Sarmanho, d'olhos arregalados, agitando os braços, brandia uma companhia imaginaria, ou fazia: pui! pui! Iniciando muito as bochechas, e urrava: Despressa? Vamos depressa! Toca! Podemos ainda salvar alguns contos de réis... por fim, cahindo em Abatido desanimo, estendia as mãos dizendo com tristeza: vejam isto... cinzas! só cinza! Estranha loucura... Estranha... Agora parece natural até a cofissão da esposa: «Ah meus senhores, dizem que foi paixão... Qual paixão! Sarmanbo já não era homem para essas cousas, pobre de mim!

O que foi sei eu... Sarmanbo [p.i.] n'um jornal que iam deitar ao fogo não sei quantos mil contos de réis e fogo lhe ficou o juízo a arder. Puz-se a pensar, a resmungar, agarrou no metro, veio sobre mim, apitando, tocando campainha e fazendo pui! pui! como um desesperado para apagar o fogo... Tambem, meus senhores, isso é mesmo para por doida uma pobre creatura, pois se não temos vintem como é que se lança ao fogo uma fortuna? Os senhores hão de ver a porção de gente que vai entra no Hospício... E a mulher, mesmo com as costellas em talas, abrindo muito os olhos, poz-se a berrar: Um balde! tragam um balde d'agua! Chamem os bombeiros... Ai! o rico dinheiro... Pui! Pui! Pui! Depressa! Depressa... E alli mesmo substituíram a sua camisa do morim por uma de força e lá e a levaram para o Hospício. Pobre casal! ... Pui! Pui!

N.

FAGULHAS 01/03/1899

Felizmente não desanimam os gideonitas das letras— e há motivos e fartos para desaltero e o trabalho se não vem com a mesma regularidade altomoal com que [p.i.] a espiga

ou cora o racimo [p.i.], aponta d'aqui, d'alli, no sálaro terreno que (apenas logradouro da Politica apparecendo, por isso, vestido d'urzes tristes e estrepado de cardos. Sobre a minha mesa conservo três publicações que me foram gentilmente remetidas: *Alma* de Valentim Magalhães, *Moléstias e bichos*, de Gareja Redondo e uma revista litteraria, [p.i.] e *Actes*, publicada em Porto Alegre, sob a direcção habilíssima de Marcello Gama e Romnaldo Prata.

Alma é um livro-relicario. Quem o, lê, se tem filhos, tem a impressão doce que vem d'uma recapitulação de venturas sereno e límpido manancial de affecto, onde os pais vem reflectidas, no alheio tem a propria alegria.

Escripto em linguagem correntia — e fácil nem outra devia ser a de tal livro, tranquillo e amavel, tem d'essa maneira um dos seus maiores encantos e se as mais quizerem ter um espelho dos seus gozos mais delicados que o comprem que o leiam e hão de ver, por entre o sorriso a lagrima comente porque nem sempre é tristeza — as vezes [p.i.] um sol forte e passa pelo céu uma nuvem, como uma saudade, e chove.

Há lagrimas que corrigam na maior intensidade do prazer *Alma* é um livro mais do coração que do cérebro. *Molestins e bichos*, comedia em um [p.i.] Redondo escreveu-a para amadores e sei que os encarregados dos papeis deram-lhes desempenho irreprehensivel fazendo rir porque a comedia tem graça e actualidade, o que muito concorre para o seu exilo.

O auctor das *Caricias* não é um estreante na litteratura dramatica, a sua comedia *O verso-branco*., mas [p.i.]! não sejamos indiscretos.

Letiras e artes é uma revista quinzenal, illustrada. O numero que tenho presente, além do texto primoroso, traz deus retratos admiráveis: *Amália* [p.i.] e *Typo de mulher rio-grandense*. Que os directores da excellente revista não descoloçuem e já que entraram na *Via dolorosa* que façam por levar a cruz ao Calvário.

N.

FAGULHAS 03/03/1899

<<Quanto ao ensino da litteratura ministrado no collegio, não o considero suficientemente organizado. Não basta o estudo da litteratura Brasileira; necessaria se me afigura a criação de um aula de acções geraes de historia litteraria, tendo principalmente por objectos as litteraturas estrangeiras que mais influiram na formação e desenvolvimemnto da nossa. Com essa lustruosa dotação litteraria seria dado a juventude militar fruir aquelle prazer admirativo chamado goso esthetic. >>

Estas palavras, de um discurso de admirável feitio e rico em conceitos, foram proferidas no collegio Militar pelo erudito professor Fausto Barreto no acto da distribuição de medalhas e da collação do grão de agrimensor aos alumnos que concluíram o curso no mesmo collegio, em 1898.

A palavra auctorizada de um mestre não pesará, tenho certeza, no animo dos que andam a desbaratar a instrucção a pretexto de a reformarem.

Os estudos litterarios são tão indispensáveis a formação do espírito como o abastecimento scientifico – a flor é a alma do fructo. Familiarisar os jovens com os poetas fortes e com os tersos prosadores é preparal-os dignamente para os combates para os quaes o Futuro os reclama anciosamente. Nada, na própria natureza bruta, dispensa o recamo das louçainhas – as próprias pedras estéreis levam os ventos a terra necessária á vida das plantas que as exornam. Não iam os guerreiros á peleja com armas apenas forjadas e temperadas sabiamente para que não abolassem ao primeiro choque, os alíagemes eram também artistas e debuxavam nas peças da armadura scenas épicas ou uma simples flor, as espadas tinham nas bainhas as suas legendas entre tauxias primorosas, os elmos, com riquíssimos encaustos, eram burilados como ostiarios e, mesmo nos tempos formidáveis em que a força bastava para a gloria de um procere, Achylles mostrava na sua tenda o formoso escudo que era uma maravilha de arte. Não basta ter sciencia, é preciso ter expressão, para completar o athleta é necessário dar-lhe agilidade e essa agilidade dos homens intellectuaes é a maleabilidade da phrase e, ora a fraca frágil de um período cantante, ora a punjança rija de um paragrapho formidável e, ganha-se essa flexibilidade no exercício litterario, convivendo com os estylists que torcem, voltam, affeiçoam as phrases ao que lhes convém como um athleta curva no bíceps retesado e duro uma grossa barra de ferro.

O conhecimento das litteraturas estabelece, até certo ponto, essa almejada solidariedade humana quem não ama a Grécia de Homero, a Roma de Virgilio, a Índia de Calidasa, o Egypto de Pentaour, o Portugal de Camões, a Hespanha de Cervantes, a Inglaterra de Shakspeare, a Allemanha de Goethe, a Rússia de Dostoiewsky, a Dinamarca de Ibsen e a França de Hugo?

Em as nossas escolas o ensino das litteraturas é deploravelmente descurado porque os nossos governos não dão apreço a esse “goso esthetico” a que se refere, com tão justo encômio, o distincto professor e porque?... porque só os que provavam as uvas de Corintho defendiam as videiras dos insectos. O que aqui se exige é o grosso abarrotamento, a carga forte que impazina, quanto a bellezas bastam a da terra e a do CEO do nosso prodigioso

paiz. De letras temos as de cambio, essas mesmo, coitadas! Na triste miséria em que as vemos.

N.

FAGULHAS 21/03/1899

Como os cyclistas nas ultimas voltas de percurso imprimem mais energia aos pedaes em abalçoos violentos assim o seculo, na aproximação do ser termo, vai de arrojo em arrojo, de impulsão em impulsão precipitando acontecimentos com ânsia sofrega de vencer o *Record* da actualidade.

Um dia d'este seculo, vertiginoso despende o esforço necessário a vida da Humanidade durante um mez no seculo 15 que foi dos mais trabalhosos e complicados.

A intensa labuta, vai do mais a mais, já o Homem não se contenta com o que faz ao sol ainda accendem lanternas e encandesce lâmpadas para continuar, a noite o affazer que não ficou completo e, como trabalham os braços robustos, servos obedientes ao espírito incansável, trabalham as machinas movidas pelos elementos, uma com as suas caldeiras fervendo, outras com as suas rodas gyrando sob quedas d'agua, ainda outras impulsionadas pela electricidade o mesmo ar, como os genios invisíveis das lendas orientaes, presos e passivo, vai fazendo o seu serviço e esse accumulo de operários faz com que o trabalho avulte.

Mas o Bem tem a sua sombra: o Mal o quanto mais progride a Humanidade quanto mais augmentam os seus tormentos eis porque a angustia cresce e a Dor punge com mais violencia.

A celebridade da vida é tal que se um homem, por qualquer motivo, perde um dia para alcançar as horas que correm tem de cortar a pista do tempo avançando sem preocupar-se com o que perdeu cuidando apenas em continuar a viver.

Eu, que estive parado tanto tempo porque o Dr. Barbosa Romeu impoz-me o repouso, hei de retroceder para respingar os lactos que as horas ligeiras foram deixando atrás? não, melhor é que eu corte a pista e avance a tomar um logar entre os corredores que pensam avançar quando não fazem mais do que gyrar no mesmo terreno, cavando a sepultura, como esses convulsionarios da Hespanha medieval que dansavam em toda enterrando-se pela terra no sulco que os próprios pés iam fazendo.

Vamos por diante, apanhemos a vida no ponto em que está; nada de retroceder: para diante vertiginosamente, com as horas vertiginosas.

N.

FAGULHAS 03/04/1899

Accentua-se a crise de miséria que, de uns tempos a esta parte, persegue implacavelmente o theatro com grande Gaudio dos concessionários das tavolas e dos proprietários d'essas baincas de vicio que são as casas de chopps. Múltiplas são as causas da crise mas os que a tem estudado assentam, quase unanimemente que uma das principaes, senão a principal é o jogo.

Os que, por virtude, vivem alheios a esse vicio talvez achem demasia nas acusações que lhe fazem os que o combatem tomem, porém, um dia a obrigação e percorram essas casas nefandas que são o valhacauto da farandulagem, e verão que ainda são comedidas as palavras dos que, com pertinácia, reclamam contra ellas pedindo o auxilio da policia contra a immoralidade.

Repona a manhã entram as machinas das fabricas a silvar chamando os operários ao trabalho – a porta vai o apontador tomando os nomes dos que chegam as folhas excedem ás presenças. E onde ficam os que faltam? nos leitos, enfermos, com a cabeceira d'um filho ou d'um parente? não, seguem com o magro dinheiro que ajuntaram, parte recebida por elles na fabrica, parte trazida pela mulher da loja e La vão ao *guichet* de jogo, tentar a fortuna.

Sabe a criança para o collegio mas, em caminho encontra um condiscípulo, já habituado ao vicio: travam conversa – o mais velho explica ao ingênuo os meios fáceis de ganhar. Vai a criança enthusiasmando-se, sorri, as pupillas flammejam e, como as probabilidades de lucro são seductoras, lá vai Ella arrastada pelo espriente e, como perdeu a hora da aula, deixa-se fleaar na promoscuidade dos tavollageiros, infiltrando-se de vicio, não raro, conspurgando na infâmia para poder fazer face ao azar.

A criadagem abandona o serviço e lá vai perder o ganho e o que faria nas espeluncas o das 10 horas da manhã á meia noite, ao claangor das charangas, diariamente o jogo perverte os costumes e cansam a actividade dos homens, e a policia facilita ao tavollageiro a exploração da volsa do pobre concorrendo ostensivamente para a dissolução.

Debalde esforçam-se as empresas dos theatros – as peças, mesmo as de maior fausto, quando dão uma casa, assombram; os theatros succumbem e as companhias que se organisam procuram, em vão, attraahir concurrencia aos seus theatros, já montando dispendiosos dramas emocionaes, já tentando estimular o patriotismo indígena com peças de autores nacionaes – os boliches tem as suas redes em todas as ruas e já se não contentam com os chamarizes das chirinolas mandam espoletas assaltar os transeuntes com promossas de ganho, o vicio dilata os seus tentáculos.

A miséria dos theatros recabe, como vergonha, sobre o nosso character de povo civilisado. Que idea fará de nós o estrangeiro que, depois de haver percorrido essas pucilgas de jogalina, entrar n'uma platéa fúnebre para ouvir um drama ou uma comedia? Assim como há hygiene para as pestes, deve haver uma medida de moralidade para a dissolução dos costumes. Compete á intendência pô-la em pratica, quanto antes, para que não fiquemos a mercê dos banqueirosa com a cidade transformada em uma immensa tavolagem.

N.

FAGULHAS 06/04/1899

Apezar da má vontade que parece haver contra o cyclismo não desanimam os amadores d'esse gênero de *sport* que se teria implantado entre nós, com vantagem se, logo ao nascer, não fosse tratado á virga gerrea pelos patrióticos intendentes. Não há negar que, com a lei municipal, o desanimo fez com que se retirassem do curso muitos amadores, uns porque entenderam ser injusta a medida que exigia um ônus sem corresponder com um beneficio outros porque foram victimas de certos funcionários zelosos que, não se contentando com a cobrança, ainda os perseguiram com assuadas e impropérios chegando mesmo á ameaça. Apezar de tudo ficaram algumas em campo e são esses poucos perseverantes que pretendem, com trabalho insano, rehabilitar o cyclismo. E com esse intiuto que realisam, no próximo domingo, uma nova corrida de bicyclettes *aur ronte*. Deve estar ainda na memória de todos o êxito da primeira que, como tentativa, foi das mais brilhantes. Eu confesso que considero o *Kean* o primeiro cyclista do mundo. Fallam em Bourrillon, em Morin, em Nossam, em Riviere, tragam-me esses valentes para as ruas do Rio de Janeiro e sempre quero ver a figura que fazem: ficam na primeira esquina esfalfados ou no primeiro buraco de pernas quebradas se, logo ao partirem, não rotarem das machinas com a galanteria de uma pedra despedida pelo primeiro garoto. A propósito de pedradas devo lembrar aqui certos episódios que se deram na primeira corrida pedindo a attenção da policia para que se não repitam.

Vários corredores foram assaltados por pseudo partidários e soffreram affrontas sendo o campeão Kean ameaçado de morte por uma farandula que se ajuntou em uma das ruas da Cidade Nova. Os cocheiros de tilburys, como se quizessem concorrer ao premio, vendo os corredores, punham os cavallos em disparada com risco grave da vida dos que se exercitavam corajosamente e a policia, pacata e alegre, ria pelas esquinas, surda aos protestos vehementes dos juízes. Francamente, não chego atimar com a razão d'esse ódio que há contra o cyclismo. Faço d'aqui um appello ao publico para que receba, os que, no próximo domingo, sahen a disputar a difficilima carreira, não com valas e tropeços mas com palmas e flores.

Que se não reproduzam as scenas vergonhosas de que foram victimas os corredores na primeira corrida sur route e nos pareos organizados pela Sociedade Commemorativa das Datas Nacionaes, na praça da Republica, por occasião das festas de setembro.

N.

FAGULHAS 01/04/1899

Fallemos da marmita mas, não julgue o leitor que venho tratar da Aulularia no fundo da qual mestre Molière encontrou o seu Avaro – a marmita em questão, posto que seja revolucionaria, não é das que derrocam edificios e thronos – nem é umamarmita cômica nem é uma marmita trágica: é uma marmita ridicula.

Na Casa de Detenção há, actualmente, 600 presos. Entre os hospedes d'essa admirável Pensão mantida pela imperterrita Justiça o appetite é grande - come-se ali a valer e, se o *menu* não é dos mais variados é, pelo menos, abundante. Havendo 600 boccas devia a administração para ser justiceira, ter 600 marmitas as economias, porém, forçaram a uma redução de sorte que a baixella não vai além de 80 peças, isto é: a razão de 1 para 7 ¼ de pessoas. Ora como panella que muitos mexem o caldo fica estragado houve um desaguizado na Detenção que dando em polvorosa.

Os detentos, á falta de marmitas, comiam por turmas de sorte que, começando o almoço ás 9 horas quando os da ultima turma almoçavam já os da primeira estava jantando.

Nos primeiros dias as barrias deram horas sem protesto porque o administrador promettera augmentar o numero das marmitas, vendo, porém, que a cousa continuava no regimen da tamina as barrigas pazeram-se em attitude de defesa e foi um

desespero. Os detentos, com fome, entraram a bradar, a ameaçar, pedindo marmitas e os soldados foram forçados a usar de um expediente de que nos servimos para consumir os cadáveres e que agora a justiça poz em pratica para suffaocar levantes: a cal. *Similia similibus* – com cal se fazem paredes, com cal se as destroem.

Os presos famintos já não pedem habeas-corpus, já não reclamam clemência. Exigem marmitas. Há detentos raposas e ha detentos cegonhas, de sorte que sendo uma marmita para dous, digamos, endo larga come á farta a raposa, sedo estreita, engole sozinha a cegonha. Não – que tenha cada qual a sua marmita para que nãa chegem ás mãos os hospedes de Themis. Se não ha marmitas que se inaugure o systema do cocho, ao menos comerão todos ao mesmo tempo, como cevados. O que não deve continuar é esse supplicio d’água na bocca, isso não.

N.

FAGULHAS 16/04/1899

A patativa e o sabiá, em módulos accordes, desferiam as suas Arias e volatas, qual mais sentido e apaixonado, este saudoso ao seu bosque ameno, saudos aquella ao seu campo amável.

Avezinhas ás quaes Deus dera como dote não só frondes verdes do arvoredo como a amplidão serena dos espaços para que voassem livremente e livremente dissessem os seus amores. Presas, porém, no laço pérfido passaram da vastidão ao estreito espaço de uma gaiola e, espiando o CEO por entre as grades cantavam oum para sermos verdadeiros, digamos: soluçavam desde que o sol nascia até que D. Maria Rosa, carcereira, as recolhia á sala de jantar.

Certo jardineiro, Manuel de nome, compadecido da sorte das aves infelizes pensou emdar-lhes liberdade. Como lhe doia aquelle cantar dos pássaros captivos!

Estava elle a desramar arbustos ou a passar o alfange pela gramma ae as aves soluçando e até pareciam dizer nos seus soluços: “Seu Manuel, seja por nós. Abra-nos estas gaiolas malditas.” E o jardineiro a pensar: não dormia, não comia, lívido e magro andava pelo jardim resmungando como um homem crivado de remorsos até que ante-hontem não se conteve: foi ás gaiolas, abriu, e com que prazer vui fugir a patativa e ia também o sabiá quando D. Maria Rosa irrompeu furente; bradando:

— Ai! o meu passarinho! Seu Manuel! O meu passarinho.

— Deixe o infeliz, senhora... Para que diabo quer a senhora tanto passarinho preso? pois não lhe chega um? Deixe o bicho voar que foi pra isso que o Senhor lhe deu azas. Olhe, lá está elle a cantar: ouça, senhora.

Mas D. Maria Rosa, vendo a gaiola vasia, perdeu a cabeça e atirou-se ao jardineiro como uma fúria.

— Seu Manuel, eu quero aqui a minha patativa. Solte o senhor o seu passarinho e não se importe com o passarinho dos outros. Vamos, eu quero já para aqui a minha patativa.

— A sua patativa está nos bambus, senhora.

— Pos vá buscal-a se não quer soffrer um vexame. Manuel encrespou-se e D. Maria Rosa teve de curvar-se ao peso da mão do homem generoso. Hoje, porém, canta a patativa no arvoredado frondente, canta um gallo na testa de D. Maria e Manuel, o generoso jardineiro, or entre as grades do xadrez soluça como outr'ora soluçava a captiva mas, pobre d'elle, quem ousara livral-o d'aquelle encerro restituindo-o aos seus rosaes olentes e a relva dos seus canteiros? Oh! se as patativas soubessem redigir aspetições de habeas-corpus mas as patativas cantam e depressa esquecem o bom que lhos é feito. Anda longe a patativa e Manuel brada por um advogado que seja para elle o que elle foi para o pássaro canoro.

FAGULHAS 22/04/1899

“Partindo para o Norte, despeço-me do público n'esta secção, que foi o meu ocutorio. A todos meu saudoso adeus! E que ninguém se queixe de ingratidão, porque, com o atropello da viagem urgente, nem tempo me sobrou para levar pessoalmente as minhas despedidas aos que me distinguem com a sua amizade. Aqui ficam as saudades do Coelho Netto.”